

"YOU'LL LOVE THIS."

Charlaine Harris, bestselling author of *Club Dead*

**KIM
HARRISON**

*In the Hollows,
the vampires
come out to play . . .
and it's always
witching hour*

**DEAD
WITCH
WALKING**

Dead Witch Walking



Kim Harrison

Todas as criaturas da noite se reúnem nos Hollows de Cincinnati, para se esconder, para predação, para festejar... e para se alimentar. Vampiros dominam a escuridão no mundo predador-come-presa cheio de perigos além da imaginação - e é o trabalho de Rachel Morgan manter esse mundo civilizado. Uma bruxa assassina de aluguel com uma aparência extremamente sexy e uma atitude, ela vai trazer-los de volta vivos, mortos...ou mortos-vivos.



Capítulo

01

Eu estava nas sombras de uma loja abandonada de frente para o Bar Sangue e Cerveja, tentando não parecer óbvia enquanto puxava minha calça de couro preta para cima, de volta para o lugar onde deveria estar. Isto é patético, eu pensei, olhando a rua vazia por causa da chuva. Eu era boa demais para isso.

Apreender bruxos negros ou sem licença era a minha linha de trabalho habitual, já que é preciso um bruxo para pegar um bruxo, mas as ruas estavam mais silenciosas que o normal esta semana. Todos que conseguiram estavam na Costa Oeste para nossa convenção anual, me deixando com esta jóia de operação. Um simples capturar e prender. Era a sorte da Virada que tinha me colocado aqui, no escuro e na chuva.

— A quem estou enganando? — sussurrei, puxando a alça da minha bolsa mais para cima no meu ombro. Eu não tinha sido enviada para apreender um bruxo em um mês: não licenciado, branco, negro, ou qualquer coisa. Prender o filho do prefeito por se transformar fora da lua cheia provavelmente não havia sido a melhor idéia.

Um carro elegante virou a esquina, parecendo preto na luz de mercúrio da rua. Esta era sua terceira volta ao redor do quarteirão. Uma careta esticou meu rosto quando ele se aproximou, diminuindo a velocidade.

— Droga — sussurrei. — Eu preciso de uma porta da frente mais escura.

— Ele pensa que você é uma prostituta, Rachel — meu backup falou em meu ouvido. — Eu te disse que o colete vermelho era vulgar.

— Alguém já te falou que você fede como um morcego bêbado, Jenks? — eu resmunguei meus lábios mal se movendo. O backup hoje estava

incomodamente perto, tendo se empoleirado no meu brinco. Grande coisa balançando — o brinco, não o pixy. Eu havia descoberto que Jenks era um pretensioso com uma péssima atitude e um gênio que combinava. Mas ele sabia de que lado do jardim vinha seu néctar. E aparentemente pixies eram o melhor que eles me deixariam levar desde o incidente do sapo. Eu podia jurar que fadas eram grandes demais para caber na boca de um sapo.

Eu me aproximei do meio-fio, enquanto o carro derrapava para uma parada no asfalto molhado. Houve o ruído de uma janela automática enquanto o vidro escurecido descia. Eu me debrucei, dando meu melhor sorriso enquanto mostrava meu cartão de trabalho. O olhar interessado do Sr. “Monocelha” desapareceu e seu rosto ficou pálido. O carro entrou em movimento com um cantar de pneus. “Turista diurno”, eu disse, com desdém. Não, eu pensei, em um flash de repreensão. Ele era um normal, um humano. Mesmo que fossem exatos, os termos: turista diurno, doméstico, mijão, da cremalheira, e meu favorito: lanchinho, eram politicamente incorretos. Mas se ele estava pegando desconhecidos nas calçadas dos Hollows, podia ser chamado de morto.

O carro nunca diminuiu a velocidade enquanto passava por um farol vermelho, e eu me virei ao ouvir as vaias das prostitutas que eu havia afastado por volta do por do sol. Elas não estavam felizes, paradas descaradamente na esquina diante de mim. Eu acenei para elas, e a mais alta me dispensou antes de se virar para me mostrar seu traseiro pequeno e reforçado por magia. A prostituta e seu “amigo” de aparência rude conversavam alto enquanto tentavam esconder o cigarro que estavam dividindo. Não cheirava como tabaco. Não é problema meu esta noite, eu pensei, me movendo de volta para minha sombra.

Eu encostei-me à parede de pedra fria do prédio, meu olhar se demorando nas luzes de freio do carro, enquanto ele freava. De testa franzida, olhei para mim mesma. Eu era alta para uma mulher — em torno de 1,78 — mas nem de perto com pernas tão longas quanto as da prostituta debaixo do próximo poste. Eu também não estava usando tanta maquiagem quanto ela. Quadris estreitos e peitos quase planos não me faziam exatamente material de prostituta.

Antes que eu encontrasse as lojas de leprechauns, eu costumava comprar na ala do “primeiro sutiã”. É difícil encontrar algo sem corações e unicórnios lá.

Meus ancestrais haviam imigrado para os bons e velhos EUA por volta de 1800. De alguma forma através das gerações, as mulheres todas conseguiam manter os distintos cabelos vermelhos e olhos verdes de nossa origem irlandesa. Minhas sardas, porém, estão escondidas sob um feitiço que meu pai comprou para mim no meu aniversário de treze anos. Ele fez com que o amuleto fosse colocado em um anel, e eu nunca saio de casa sem ele.

Um suspiro escapou de mim enquanto eu puxava minha bolsa de volta para meu ombro. A calça de couro, botas vermelhas, e o colete de tiras spaghetti não eram muito diferentes do que eu usava normalmente numa sexta feira informal para irritar meu chefe, mas os coloque em uma esquina à noite...

— Merda — eu murmurei para Jenks. — Eu pareço uma prostituta.

Sua única resposta foi bufar. Eu me forcei a não reagir enquanto me virava de volta para o bar. Estava chuvoso demais para os clientes de mais cedo e, com exceção do meu backup e das “damas” abaixo, a rua estava vazia. Eu estivera esperando ali por quase uma hora, sem sinal do meu alvo. Eu podia muito bem entrar e esperar. Além disso, se eu estivesse dentro, eu poderia parecer mais com uma cliente e não uma servidora. Respirando fundo, eu puxei alguns fios da minha franja, gastando um momento para organizá-los artisticamente para cair sobre meu rosto, e finalmente cuspir meu chiclete.

O barulho das minhas botas fez um contraponto de estalidos ao barulho estridente das algemas presas ao meu quadril enquanto eu atravessava a rua molhada e entrava no bar. Os anéis de metal pareciam um acessório de mau gosto, mas elas eram de verdade, e muito bem usadas. Estremeci. Não era surpresa que o Sr. “Monocelha” tivesse parado. Usadas para trabalho, obrigada, e não do tipo que está pensando.

Ainda assim, eu tinha sido enviada para os Hollows, na chuva, para prender um leprechaun por evasão fiscal. Quanto mais — eu me perguntava — eu poderia afundar? Deve ter sido por ter prendido aquele “cachorro

com visão” semana passada. Como eu podia saber que não era um lobisomem? Ele combinava com a descrição que eu havia recebido.

Enquanto eu estava no saguão estreito sacudindo a umidade, corri meu olhar sobre o lixo típico de bar irlandês: cachimbos compridos presos à parede, propaganda de cerveja verde, cadeiras de vinil preto, e um pequeno palco onde um candidato a estrela estava armando seus xilofones e gaitas de fole entre uma torre de amplificadores. Havia um cheiro de Brimstone contrabandeado. Meus instintos predadores se agitaram. O cheiro parecia ter três dias, não forte o suficiente para seguir. Se eu conseguisse pegar o fornecedor, estaria fora da lista negra do meu chefe. Ele poderia até mesmo me dar algo à altura dos meus talentos.

— Ei — resmungou uma voz grave. — Você é a substituta de Bobby?

Brimstone dispensado, eu pisquei e me virei, me vendo encarar um peito com uma camisa verde brilhante. Meus olhos viajaram para cima até um enorme homem “urso”. Material de segurança. O nome na camisa dizia CLIFF. Combinava.

— Quem? — eu ronronei, secando a chuva que generosamente chamo de seios com a barra de sua camisa. Ele estava completamente não afetado; era deprimente.

— Bobby, a prostituta designada pelo Estado? Ela vai aparecer algum dia de novo?

Do meu brinco veio uma vozinha monótona. — Eu te disse.

Meu sorriso se tornou forçado. — Não sei, — falei, entre os dentes. — Não sou uma prostituta.

Ele resmungou de novo, olhando minhas roupas. Eu procurei na minha bolsa e lhe passei meu cartão de trabalho. Qualquer um olhando iria imaginar que ele estava conferindo minha identidade. Com feitiços de disfarce de idade facilmente disponíveis, isto era mandatário — assim como o amuleto para conferir feitiços que ele tinha no pescoço. Ele brilhou um vermelho fraco em resposta ao meu anel. Ele não me revistaria por isso, o que era o motivo para todos os feitiços na minha bolsa não estarem invocados. Não que eu fosse precisar deles hoje.

— Segurança Inderland¹, — eu falei, enquanto ele pegava o cartão. — Estou a trabalho para encontrar alguém, não para assediar sua clientela regular. Esse é o motivo do, uh, disfarce.

— Rachel Morgan, — ele leu em voz alta, seus dedos grossos quase envolvendo o cartão laminado. — Caçadora da Segurança Inderland. Você é uma caçadora da I.S? — Ele olhou do meu cartão para mim e de volta, seus lábios gordos se abrindo em um sorriso. — O que aconteceu com seu cabelo? Passou um maçarico?

Eu apertei meus lábios. A foto era de três anos atrás. Não havia sido um maçarico, e sim um trote, uma iniciação informal no meu status de caçadora integral. Muito divertido. O pixy se arremessou do meu brinco, fazendo com que ele balançasse com seu impulso.

— Eu tomaria cuidado com sua língua, — ele falou, inclinando a cabeça enquanto olhava meu cartão. — O último idiota que riu da foto dela passou a noite na sala de emergência com uma sombrinha de drinque enfiada no nariz.

Eu me animei. — Você sabe disso? — eu falei, pegando meu cartão e o guardando.

— Todos no escritório sabem disso. — O pixy riu alegremente. — E de tentar prender aquele lobisomem com um feitiço de coceira e perdê-lo no banheiro.

— Você tenta prender um lobisomem tão perto da lua cheia sem ser mordido, — eu falei, na defensiva. — Não é tão fácil quanto parece. Eu tive que usar uma poção. Aquelas coisas são caras.

— E estão rapando o cabelo de um ônibus inteiro? — Suas asas de libélula ficaram vermelhas enquanto ele gargalhava e sua circulação aumentava. Vestido em seda negra com uma bandana vermelha, ele parecia uma miniatura de Peter Pan posando como um membro de gangue. Dez centímetros de aborrecimento loiro e um gênio daqueles.

— Aquilo não foi minha culpa, — eu falei. — O motorista passou em um buraco. — Eu fiz uma careta. Alguém também havia trocado meus feitiços. Eu tinha tentado embolar seus pés, e acabei removendo o cabelo do motorista e de todos nas três primeiras filas. Pelo menos eu tinha pegado

¹ Inderland Security, no original = I.S

meu alvo, apesar de ter desperdiçado um mês de pagamento em táxis nas três semanas seguintes, até que o ônibus voltasse a me pegar.

— E o sapo? — Jenks voou para longe e de volta quando o segurança levantou um dedo para ele. — Eu sou o único que teve coragem de vir com você hoje. Estou recebendo bônus por risco. — O pixy se ergueu diversos centímetros, no que só podia ser orgulho.

Cliff não pareceu impressionado. Eu estava horrorizada.

— Olha, — eu falei. — Só quero sentar ali no canto e tomar uma bebida, calma e quieta. — Eu acenei para o palco onde o pós-adolescente estava desemaranhando os fios dos amplificadores. — Quando aquilo começa?

O segurança deu de ombros. — Ele é novo. Parece que em uma hora. — Houve um estrondo seguido por aplausos quando um amplificador caiu do palco. — Talvez duas.

— Obrigada. — Ignorando o riso de Jenks, eu costurei entre as mesas vazias até um banco de cabines mais escuras. Eu escolhi uma debaixo de uma cabeça de alce, afundando cinco centímetros a mais do que deveria nas almofadas flácidas. Assim que eu encontrasse o pequeno criminoso, estaria fora dali. Isso era insultante.

Eu tinha estado com a I.S por três anos — sete se você contasse meus quatro anos de estágio — e aqui estava eu, fazendo trabalho de estagiário.

Eram os estagiários que faziam o trabalho tedioso do policiamento diário de Cincinnati e seu maior subúrbio do outro lado do rio, carinhosamente chamado de Hollows. Nós pegávamos as questões sobrenaturais que o F.I.B² humano — abreviação para Escritório Inderland Federal — não conseguia resolver. Problemas menores com feitiços e resgate de familiares em cima de árvores estavam no reino de um estagiário da I.S Mas eu era uma caçadora, droga. Eu era melhor que isso. Eu tinha feito melhor que isso.

Tinha sido eu quem, sozinha, tinha rastreado e prendido um círculo de bruxos negros que estavam contornando os feitiços de segurança do Zoológico de Cincinnati para roubar macacos, os vendendo para um

² Federal Inderland Bureau = F.I.B = Escritório Federal Inderland.

biolaboratório subterrâneo. Mas ganhei algum reconhecimento por isso? Não.

Tinha sido eu quem tinha percebido que aquela estúpida escavação sobre um cemitério de uma igreja estava ligada à onda de mortes na ala de transplantes de órgãos em um dos hospitais humanos. Todos pensavam que ele estava recolhendo materiais para fazer feitiços ilegais, não encantando os órgãos em saúde temporária para, em seguida, vendê-los no mercado negro.

E os roubos de ATM que assolaram a cidade no Natal passado? Ele tinha me levado seis encantos simultâneos para parecer como um homem, mas eu peguei a bruxa. Ela estava usando um encanto de amor/com encanto de esquecimento, em combinação para roubar pessoas ingênuas. Que tinha sido um especialmente classificado como satisfatória. Eu a persegui por três ruas, e não houve tempo para arremessar magia quando ela se virou para me bater com o que poderia ter sido um encanto letal, então eu estava completamente justificada em bater-lhe friamente com um roundhouse kick (chute de kickboxing).

Mesmo melhor, o F.I.B esteve atrás dela durante três meses, e pegá-la levou-me dois dias. Os fiz parecerem tolos, mas eu não consegui um “bom trabalho, Rachel”. Eu consegui pelo menos uma carona de volta para a torre da I.S com o meu pé inchado? Também não.

E ultimamente eu estava recebendo ainda menos: crianças de fraternidade usando feitiços para roubar sinal de TV, roubos de familiares, feitiços de brincadeira e, eu não podia esquecer meu favorito — perseguir trolls por aí, debaixo de pontes e bueiros antes de comerem toda a argamassa. Eu suspirei enquanto olhava para o bar. Patético.

Jenks se desviou das minhas tentativas apáticas de esmagá-lo quando ele voltou para meu brinco. Não pegava bem que tivessem lhe pago o triplo para ele sair comigo.

Uma garçonete vestida de verde se aproximou assustadoramente alegre para tão cedo. — Oi! — ela falou, mostrando dentes e covinhas. — Meu nome é Dottie. Eu vou ser sua garçonete esta noite. — Toda sorrisos,

ela colocou três drinques diante de mim: um Bloody Mary³, um Old-Fashioned⁴ e um Shirley Temple⁵. Que doce.

— Obrigada, querida, — eu falei, com um suspiro cansado. — De quem?

Ela rolou os olhos na direção do bar, tentando retratar uma sofisticação entediada, mas parecendo uma estudante no dia do baile. Espiando ao redor de sua cintura fina e de avental, eu dei uma olhada nos três homens, luxúria em seus olhos, cavalos em seus bolsos. Era uma velha tradição. Aceitar o drink queria dizer que eu aceitava o convite por trás dele, mais uma coisa para a Srta. Rachel cuidar. Eles pareciam normais, mas nunca se podia ter certeza.

Sentindo que não havia mais conversa a caminho, Dottie foi para longe para fazer coisas de garçoneiro.

— Cheque eles, Jenks, — eu sussurrei, e o pixy voou para longe, suas asas rosa pálido agitadas. Ninguém o viu ir. Vigilância pixy no seu melhor.

O bar estava quieto, mas como havia dois atendentes atrás do balcão – um homem velho e uma mulher jovem — imaginei que logo ficaria movimentado. O Sangue e Cerveja era um ponto quente conhecido, aonde normais iam para se misturar com Inderlanders antes de dirigir de volta através do rio com suas portas travadas e janelas fechadas, excitados e pensando que eram "os melhores". E, apesar de um humano sozinho saltar à vista entre Inderlanders como uma espinha no rosto de uma rainha de baile, um Inderlander pode facilmente se misturar com a humanidade. É um traço de sobrevivência afiado desde antes de Pasteur. Esse era o motivo do pixy. Fadas e pixies podem, literalmente, farejar um Inderlander mais rápido do que posso dizer “cuspa”.

Eu desatentamente olhei ao redor do bar quase vazio, meu humor azedo evaporando em um sorriso quando encontrei um rosto familiar do escritório. Ivy.

Ivy era uma vampira, a estrela entre os caçadores da I.S Havíamos nos conhecido muitos anos atrás, durante meu último ano de estágio, colocadas juntas para um ano de operações semi-independentes. Ela tinha

³ Drink feito com vodca e suco de tomate.

⁴ Drink feito com uísque e água.

⁵ Bebida não alcoólica feita com sprite e calda de grenadine.

acabado de ser contratada como caçadora, tendo estudado na universidade por seis anos ao invés de optar pela faculdade por dois anos e quatro anos de estágio como eu. Imagino que nos colocar juntas tenha sido a ideia de uma piada para alguém.

Trabalhar com uma vampira — viva ou não — tinha me deixado morta de medo, até que descobri que ela não era uma vampira praticante e tinha desistido de sangue. Éramos tão diferentes quanto duas pessoas podem ser, mas os pontos fortes dela eram minhas fraquezas.

Eu bem que gostaria de poder dizer que suas fraquezas eram meus pontos fortes, mas Ivy não tinha nenhuma fraqueza — a não ser planejar tanto e tirar a diversão de tudo.

Não havíamos trabalhado juntas por anos e, apesar da minha promoção dada a contragosto, Ivy ainda era minha superior. Ela sabia todas as coisas certas a dizer para todas as pessoas certas em todos os momentos certos. Ajudava o fato de ela ser da família Tamwood, um nome tão antigo quanto à própria Cincinnati. Ela era o último membro vivo, que possuía uma alma e era tão viva quanto eu, tendo sido infectada com o vírus vampiro através da sua então viva mãe. O vírus havia moldado Ivy mesmo enquanto ela crescia no útero de sua mãe, dando a ela um pouco de ambos os mundos, o vivo e o morto.

Ao meu aceno, ela se aproximou. Os homens no balcão arrastaram os cotovelos, os três se virando para olhá-la com apreciação. Ela lhes lançou um olhar de repúdio, e eu juro que ouvi um deles suspirar.

— Como vai, Ivy? — eu falei quando ela se sentou no banco à minha frente.

O assento de vinil fazendo barulho, ela se reclinou na cabine, com suas costas para a parede, os saltos de suas botas altas no banco longo e seus joelhos à mostra na lateral da mesa. Ela era meia cabeça mais alta que eu, mas onde eu apenas parecia alta, ela tirava uma elegância esbelta. Suas feições ligeiramente orientais lhe davam um olhar enigmático, confirmando minha crença de que a maioria das modelos tinha que ser vampira. Ela se vestia como uma modelo, também: saia modesta de couro e uma blusa de seda, do melhor, tudo produzido por vampiros; preto, é claro. Seu cabelo era liso e negro, acentuando sua pele pálida e rosto oval. Não importava o que ela fizesse com seu cabelo, ele fazia com que ela parecesse exótica. Eu

podia passar horas com o meu e ele ainda seria vermelho e cheio de frizz. O Sr. Monocelha não teria parado para ela, Ivy era muito elegante.

— Oi, Rachel — ela falou. — O que está fazendo em Hollows? — sua voz era melodiosa e grave, fluindo com toda a sutileza de seda cinza. — Pensei que estaria pegando algum tipo de câncer de pele na costa essa semana — ela acrescentou. — Denon ainda está com raiva sobre o cachorro?

Eu dei de ombros timidamente. — Nah. — Na verdade, o chefe havia quase estourado uma veia. Eu tinha estado a um passo de ser promovida a carregadora de vassoura do escritório.

— Foi um erro honesto. — Ivy deixou sua cabeça cair para trás em um gesto lânguido para mostrar o pescoço. Não havia nenhuma cicatriz nele. — Qualquer um poderia ter feito isto.

Qualquer um menos você, pensei, azeda. — É? — falei em voz alta, empurrando o Bloody Mary na direção dela. — Bom, me avise se vir meu alvo. — Eu balancei os amuletos nas minhas algemas, tocando o trevo esculpido em madeira de oliveira.

Seus dedos finos se curvaram ao redor do copo como se o estivessem acariciando. Aqueles mesmos dedos podiam quebrar meu pulso se ela colocasse um pouco de esforço. Ela teria que esperar até estar morta para ter força o suficiente para quebrá-lo sem nem pensar, mas ela ainda era mais forte que eu. Metade da bebida vermelha desapareceu em sua boca.

— Desde quando a I.S está interessada em leprechauns? — ela perguntou, olhando o restante dos amuletos.

— Desde o último dia ruim do chefe.

Ivy encolheu os ombros, puxando seu crucifixo debaixo de sua camisa para passar o laço de metal por seus dentes provocantemente. Seus caninos eram afiados, como os de um gato, mas não maiores que os meus. Ela ganharia as versões afiadas depois que morresse. Eu forcei meus olhos para longe deles, olhando a cruz de metal. Era tão grande quanto minha mão e feita de prata belamente trabalhada. Ivy havia começado a usá-la recentemente para irritar sua mãe. Elas não se davam muito bem.

Eu passei o dedo pelo pequeno trevo nas minhas algemas, pensando que devia ser difícil ter uma mãe morta-viva.

Eu só havia conhecido uns poucos vampiros mortos. Os realmente antigos ficavam na deles, e os novos tendiam a ser mortos a menos que aprendessem a ficar na deles.

Vampiros mortos era completamente sem consciência, instinto cruel encarnado. A única razão para seguirem as regras da sociedade era porque era um jogo para eles. E vampiros mortos entendiam de regras. Sua existência contínua dependia de regras que, se desafiadas, significavam morte ou dor, a principal regra sendo nenhum sol. Eles precisavam de sangue diariamente para se manter sãos. O sangue de qualquer um resolvia, e tomá-lo dos vivos era a única alegria que tinham. E eles eram poderosos, tendo força e resistência incríveis, e a habilidade de se curar com uma rapidez sobrenatural. Era difícil destruí-los, a não ser pelos métodos tradicionais de decapitação ou estaca no coração.

Em troca de suas almas, eles tinham a chance da imortalidade. Ela vinha com a perda da consciência. Os vampiros mais antigos diziam que isto era o melhor: a habilidade de satisfazer qualquer desejo carnal sem culpa quando alguém morria para lhe dar prazer ou te manter sã por mais um dia.

Ivy tinha tanto o vírus vampiro quanto sua alma, presa no meio do caminho até que morresse e se tornasse uma não-morta. Apesar de não ser tão poderosa ou perigosa quanto uma vampira morta, a capacidade de andar sob o sol e de cultivar sem dor fazia com que ela fosse invejada por seus irmãos mortos.

Os anéis de metal do colar de Ivy faziam barulho ritmicamente contra seus dedos, e eu ignorei sua sensualidade com um controle praticado. Eu gostava mais dela quando o sol estava alto e ela tinha mais controle sobre sua face de predadora sexual.

Meu pixy voltou e pousou nas flores falsas em seu vaso cheio de pontas de cigarro. — Bom Deus, — Ivy falou, soltando a cruz. — Um pixy? Denon deve estar furioso.

As asas de Jenks congelaram por um momento, antes de voltarem a ser um borrão de movimento. — Vai se ferrar, Tamwood! — ele falou, de forma estridente. — Você acha que só fadas têm nariz?

Eu estremeci quando Jenks pousou no meu brinco. — Nada além do melhor para a Srta. Rachel, — eu falei seca. Ivy riu, e os cabelos da minha nuca se arrepiaram. Eu sentia falta do prestígio de trabalhar com Ivy, mas ela me deixava no limite. — Eu posso voltar se você pensa que vou atrapalhar seu alvo, — acrescentei.

— Não, — ela falou. — Você fica. Tenho um par de agulhas encurraladas no banheiro. Os peguei solicitando jogo fora da temporada. Bebida na mão, ela escorregou para a ponta do banco e se ergueu com um movimento sensual, um gemido quase inaudível escapando dela. — Eles parecem baratos demais para terem um feitiço de transformação, — ela falou, quando terminou. — Mas tenho minha coruja grande lá fora, por via das dúvidas. Se tentarem morcegar seu caminho para fora através de alguma janela quebrada, são ração de pássaros. Eu só estou esperando por eles. — Ela tomou um gole, seus olhos castanhos me vigiando por sobre a borda do copo. — Se fizer sua captura cedo o suficiente, talvez possamos dividir um táxi para a cidade?

A suave dica de perigo em sua voz me fez assentir sem compromisso enquanto ela saía. Com meus dedos brincando nervosamente com um cacho do meu cabelo vermelho, decidi que veria como ela estava antes de entrar em um táxi com ela a essa hora da noite. Ivy podia não precisar de sangue para sobreviver, mas era óbvio que ela ainda ansiava por ele, se colocasse seu voto público de abstinência de lado.

Condolências foram dadas no balcão, uma vez que apenas dois drinques ainda estavam diante de mim. Jenks ainda estava tendo um ataque em alta-frequência.

— Relaxe, Jenks, — eu falei, tentando impedi-lo de arrancar meu brinco. — Eu gosto de ter backup de pixy. Fadas não fazem nada a menos que o sindicato dê permissão antes.

— Você notou? — ele praticamente rosnou, fazendo cócegas em minha orelha com o vento de suas asas ainda em movimento. — Só por causa de um poema carunchoso, de antes da Virada, escrito por um bêbado bunda gorda eles pensam que são melhores que nós. Publicidade, Rachel. Isso é tudo. As boas e velhas palmas gordurosas. Sabia que fadas recebem mais que pixies pelo mesmo trabalho?

— Jenks? — eu interrompi, afofando meu cabelo na altura do ombro. — O que está acontecendo no bar?

— É aquela foto! — ele continuou meu brinco tremendo. — Você viu? Aquela do fedelho humano aparecendo na festa de fraternidade? Aquelas fadas estavam tão bêbadas, que nem mesmo sabiam que estavam dançando com um humano. E elas ainda estão recebendo os royalties.

— Se contenha Jenks — eu falei firme. — O que tem no balcão?

Houve um pequeno ruído, e meu brinco virou.

— Competidor número um é um personal trainer — ele resmungou. — Competidor número dois conserta ar condicionado, e o competidor número três é um repórter de jornal. Turistas diurnos. Todos.

— E o cara no palco? — eu sussurrei, me certificando de que não olhava naquela direção. — A I.S só me deu um esboço de descrição, uma vez que nosso alvo provavelmente está usando um feitiço de disfarce.

— Nosso alvo? — Jenks falou. O vento de suas asas parou, e sua voz perdeu a raiva.

Eu me preendi naquilo. Talvez tudo o que ele precisasse era ser incluído. — Porque não checá-lo? — eu perguntei, ao invés de ordenar. — Ele não parece saber de que lado sua gaita de foles deve soprar.

Jenks deu uma risada rápida e saiu zumbindo em um humor melhor. Fraternização entre caçador e backup era desencorajada, mas, diabos. Jenks se sentia melhor, e talvez minha orelha ainda esteja inteira quando o sol nascer.

Os cavalheiros do balcão trocaram cotoveladas enquanto eu corria o indicador ao redor da borda do copo do old-fashioned, fazendo-o cantar enquanto eu esperava. Estava entediada, e um pequeno flerte era bom para a alma.

Um grupo entrou e sua conversa alta me dizia que a chuva havia parado. Eles pararam na ponta mais distante do balcão, seus braços se estenderam para suas bebidas enquanto pediam atenção. Eu os olhei, um aperto fraco nas minhas entranhas me dizendo que pelo menos um no grupo era um vampiro morto. Mas era difícil dizer quem debaixo de toda a parafernália gótica.

Meu chute era o jovem homem quito atrás do grupo. Ele era o que se parecia mais normal no grupo cheio de piercings e tatuagens, vestindo jeans e uma camisa ao invés de couro marcado pela chuva. Ele provavelmente estava bem, para ter um bando de humanos como aqueles com ele, seus pescoços com cicatrizes e seus corpos magros e anêmicos. Mas eles pareciam felizes o suficiente, contentes em seu grupo fechado, quase uma família. Estavam sendo especialmente gentis com uma loira bonita, a apoiando e trabalhando juntos para convencê-la a comer alguns amendoins. Ela parecia cansada enquanto sorria. Devia ter sido o café da manhã do vampiro.

Como se atraído por meus pensamentos, o homem atraente se virou. Ele puxou seus óculos escuros para baixo, e meu rosto ficou frouxo quando ele me encarou. Eu respirei fundo, vendo, através da sala, as gotas de chuva em seus cílios. Uma súbita necessidade de tirá-las dali me preencheu. Eu podia quase sentir a umidade da chuva em meus dedos, como iria parecer suave. Seus lábios se moveram quando ele sussurrou, e parecia que eu podia ouvir, mas não entender, suas palavras rodopiando atrás de mim para me empurrar para frente.

Com o coração batendo forte, eu lhe dei um olhar astuto e balancei a cabeça. Um sorriso fraco e tímido puxava os cantos de sua boca, e ele desviou o olhar.

A respiração que eu havia segurado escapou, e eu forcei meus olhos a se desviarem. Sim. Ele era um vampiro morto. Um vampiro vivo não poderia ter me enfeitado nem mesmo aquele pouco. Se ele estivesse realmente tentando, eu não teria tido chance. Mas era para isso que as leis existiam, certo? Vampiros mortos só deveriam tomar doadores de livre e espontânea vontade, e apenas depois que documentos de permissão fossem assinados, mas quem era capaz de dizer se os papéis haviam sido assinados antes ou depois? Bruxos, Lobisomens, e outros Inderlanders eram imunes ao vírus vampiro. Pequeno conforto se o vampiro perdesse o controle e você morresse com a garganta arrancada. Claro, havia leis contra isto também.

Ainda inquieta, eu olhei para cima para descobrir que o músico estava vindo em minha direção, seus olhos brilhantes, com uma coceira febril. Pixy estúpido. Havia sido pego.

— Veio me ouvir tocar, linda? — o garoto falou, parando do lado da minha mesa, claramente lutando para manter a voz grave.

— Meu nome é Sue não Linda, — eu menti, olhando além dele na direção de Ivy. Ela estava rindo de mim. Ótimo. Isso iria parecer apenas fantástico no jornal do escritório.

— Você mandou seu amigo fada para me checar, — ele falou, meio cantando as palavras.

— Ele é um pixy, não uma fada, — falei.

Ou o cara era um normal estúpido ou um Inderlander esperto fingindo ser um normal estúpido. Eu estava apostando na primeira opção.

Ele abriu seu punho e Jenks voou vacilante para o meu brinco. Uma de suas asas estava dobrada, e pó de pixy caía dele para fazer rápidos raios de sol na mesa e no meu ombro. Meus olhos se fecharam em uma piscada para ganhar força. Eu seria considerada culpada por isso. Eu sabia.

Os rosnados irados de Jenks encheram meu ouvido, e eu fiz uma careta, pensativa. Não acho que nenhuma de suas sugestões fosse anatomicamente possível, mas ao menos eu sabia que o garoto era humano.

— Vem ver minha gaita grande na van — o garoto falou. — Aposto que você consegue fazê-la cantar.

Eu olhei para ele, a proposta do vampiro morto me deixando nervosa. — Vai embora.

— Vou fazer ser grande, Suzy-Q, — ele se vangloriou, tomando o meu olhar hostil como um convite para se sentar. — Eu vou para a costa assim que tiver dinheiro. Tenho um amigo no ramo. Ele conhece esse cara que conhece esse cara que limpa a piscina da Janice Joplin.

— Vá embora — eu repeti, mas ele se inclinou para trás e colocou o rosto para cima, cantando “Sue-sue-sussudio” em um falsete agudo, batucando na mesa em um ritmo incerto.

Isto era constrangedor. Certamente eu seria perdoada por enfeitiçá-lo? Mas não, eu era uma boa pequena soldada na luta contra crimes contra humanos, ainda que ninguém além de mim pensasse assim. Sorrindo, eu me inclinei para frente até que meu decote tivesse destaque. Isto sempre chamava a atenção dos caras, mesmo que não houvesse muito peito ali.

Esticando meu braço sobre a mesa, puxei os cabelos curtos de seu peito e torci. Isto também chama a atenção, e é muito mais gratificante.

O uivo que interrompeu seu canto era gelado, isso era tão doce.

— Sai — sussurrei. Eu empurrei o copo de old-fashioned em suas mãos e fechei seus dedos ao redor dele. — E se livre disso por mim.

Ele arregalou os olhos quando eu dei mais um pequeno puxão. Meus dedos relutantemente relaxaram, e ele bateu em retirada, derramando metade do drinque pelo caminho. Houveram palmas vindas do balcão. O velho garçom estava sorrindo. Ele tocou o lado do seu nariz, e eu inclinei a cabeça.

— Garoto idiota — murmurei. Ele não tinha o que fazer no Hollows. Alguém devia atirar seu traseiro de volta para o outro lado do rio antes que ele se machucasse.

Ainda havia um copo na mesa, e provavelmente estavam apostando se eu ia beber ou não. — Você está bem, Jenks? — eu perguntei, já imaginando a resposta.

— O idiota castrado quase me transforma em sopa, e você pergunta se eu estou bem? — ele rosnou. Sua voz pequena era hilária, e eu ergui as sobrancelhas. — Quase quebrou minhas costelas. Gosma fedida em mim. Grande Deus todo poderoso, eu estou fedendo! E olha o que ele fez com minhas roupas. Você tem ideia do tanto que é difícil tirar fedor da seda! Minha mulher vai me fazer dormir nas caixas de flores se eu chegar em casa fedendo assim. Você pode enfiar o pagamento triplo, Rache que não vale à pena!

Jenks nem percebeu quando parei de ouvir. Ele não havia dito uma palavra sobre sua asa, então eu sabia que ele ficaria bem. Eu caí para a parte de trás da cadeira e esperei morta na água com Jenks soltando pó como estava. Eu estava regamente ferrada. Se eu voltasse de mãos vazias, não ganharia nada além de problemas da lua cheia e reclamações de feitiços ruins até a próxima primavera. Não era minha culpa.

Com Jenks incapaz de voar sem ser notado, eu sabia que fazia o melhor indo para casa. Se eu lhe comprasse alguns cogumelos japoneses, ele talvez não contasse como sua asa foi dobrada. Que diabos, pensei. Por que não transformar isto numa festa? Como o último voo antes do chefe

fincar minha vassoura em uma árvore, por assim dizer. Eu podia parar no shopping para um banho de espuma e um novo disco de jazz lento. Minha carreira estava indo por água abaixo, mas não havia nenhum motivo para eu não aproveitar.

Com um brilho perverso de antecipação, eu peguei minha bolsa e o Shirley Temple, me levantando e indo em direção ao balcão. Não era meu estilo deixar assuntos pendentes. O competidor número três se ergueu com um sorriso e um ajeitar de perna para se posicionar. Deus me ajude. Homens conseguem ser tão repugnantes. Eu estava cansada e com raiva. Sabendo que ele iria tomar qualquer coisa que eu dissesse como se estivesse me fazendo de difícil e me seguiria, eu derramei a bebida em sua camisa e continuei andando.

Eu sorri ao ouvir seu grito de revolta, e então fiz uma careta quando senti sua mão pesada em meu ombro. Virando-me, ao mesmo tempo em que me agachava, eu lancei minha perna em uma meia rotação firme. Ele caiu nas tábuas de madeira com um baque alto. O bar ficou em silêncio depois de um suspiro momentâneo. Eu estava sentada sobre ele, em seu peito, antes que ele percebesse que havia caído.

Meu esmalte vermelho sangue se destacou nitidamente quando agarrei seu pescoço, sacudindo os pêlos sob seu queixo. Seus olhos estavam arregalados. Cliff estava parado na porta, satisfeito em assistir.

— Putz, Rachel — Jenks falou, se balançando descontroladamente no meu brinco. — Quem te ensinou isso?

— Meu pai — eu respondi então me abaixei até estar sobre o rosto do homem. — Desculpa — eu falei, com um sotaque carregado dos Hollows. — Quer brincar, biscoitinho?

Seus olhos ficaram amedrontados quando ele percebeu que eu era uma Inderlander e não um pouco de carne procurando por uma falsa noite selvagem. Ele era um biscoito, certo. Um pequeno trato a ser aproveitado e esquecido. Eu não iria machucá-lo, mas ele não sabia disso.

— Doce mãe da Sininho! — Jenks exclamou, afastando minha atenção do humano lamuriento. — Sente esse cheiro? Trevo.

Meus dedos relaxaram, e o homem se arrastou para longe de mim. Ele, todo desajeitado, se colocou de pé, arrastando seus dois colegas para as sombras, com um sussurro repleto de insultos.

— Um dos atendentes? — perguntei, me erguendo.

— É a mulher — ele falou, lançando uma onda de animação em mim.

Meus olhos se ergueram, reparando nela. Ela preenchia admiravelmente seu uniforme justo, preto e verde, dando a impressão de competência entediada enquanto se movia confiantemente por trás do balcão.

— Está ficando doido, Jenks? — eu murmurei, enquanto tentava discretamente puxar minha calça de volta para seu lugar. — Não pode ser ela.

— Certo! — ele cortou. — Como se você soubesse dizer. Ignore o pixy. Eu poderia estar em casa agora de frente para minha TV. Mas nããããão, estou preso aqui, desperdiçando a noite com um varapau de intuição feminina revertida que pensa que pode fazer meu trabalho melhor que eu. Estou com frio, com fome, e minhas asas praticamente dobradas ao meio. Se a veia principal se romper, vou ter que fazer crescer uma nova asa. Tem ideia de quanto tempo isso demora?

Eu tornei a olhar para o balcão, aliviada por perceber que todos tinham voltado para suas conversas. Ivy não estava ali, e provavelmente havia perdido toda a cena. Tanto faz.

— Cala a boca, Jenks, — murmurei. — Finja que é parte da decoração.

Eu me esgueirei para onde o homem estava. Ele sorriu um sorriso sem dentes, enquanto eu me debruçava. Rugas cruzaram seu rosto em apreciação, e seus olhos passearam por tudo, menos meu rosto.

— Me dê alguma coisa, — pedi. — Algo doce. Algo que vai me fazer me sentir bem. Algo rico e cremoso e oh-tão-ruim para mim.

— Vou precisar ver sua identidade, menina, — o velho falou, com um forte sotaque irlandês. — Você não parece velha o suficiente para estar fora da sombra de sua mãe. Seu sotaque era falso, mas meu sorriso de resposta ao elogio não era.

— Ora, claro, bem. — Eu revirei minha bolsa pela carteira de motorista, sem me importar de brincar também, já que nós dois estávamos gostando. — Oops! — eu dei uma risadinha quando a carteira escapou e caiu atrás do balcão. — Que boba!

Com a ajuda de um banco do bar, eu me debrucei parcialmente sobre o balcão para dar uma boa olhada atrás dele. Ter minha traseira no ar não apenas distraia os homens admiravelmente bem, como também me dava um visual excelente. Sim, era degradante se você pensasse nisso por muito tempo, mas funcionava. Eu olhei para cima, só para ver o velho sorrindo, pensando que eu estava dando uma olhada nele, mas era na mulher que eu estava interessada agora. Ela estava em cima de uma caixa.

Ela tinha quase a altura certa, no lugar certo, e Jenks a tinha marcado. Ela parecia mais nova do que eu esperaria, mas se você tem cento e cinquenta anos, você certamente aprende alguns segredos de beleza. Jenks bufou em meu ouvido, soando como um mosquito presunçoso. — Eu falei.

Eu me acomodei de volta no banco, e o homem me passou minha carteira, junto com uma balsa de homem morto e uma colher: um monte de sorvete em um copo pequeno de Bailey's. Guardando a carteira, lhe dei uma piscadela. Eu deixei o copo onde estava, me virando, como se para olhar os clientes que havia acabado de entrar. Minha pulsação acelerou e as pontas dos meus dedos formigavam. Hora do trabalho.

Uma olhada rápida ao redor para garantir que ninguém estava olhando, e eu derrubei o copo. Eu ofeguei quando ele derramou, e minha tristeza não foi totalmente fingida quando me lancei para pegá-lo, tentando salvar, pelo menos, o sorvete.

O ímpeto da adrenalina me sacudiu quando a atendente encontrou meu sorriso de desculpas com seu olhar condescendente. O choque valeu mais que o cheque que encontrava enfiado na minha mesa toda semana, mas eu sabia que a sensação iria passar tão rápido quanto havia chegado. Meus talentos estavam sendo desperdiçados. Eu nem mesmo precisava de feitiços para pegar esta.

Se isto era tudo que a I.S ia me dar, pensei, talvez eu deva desistir do pagamento fixo e trabalhar por conta própria. Não são muitos que saem da I.S, mas havia precedentes. Leon Bairn era uma lenda viva antes de se

tornar independente — e então foi rapidamente desperdiçado por causa de um feitiço desalinhado. Corriam boatos de que a I.S tinha colocado um preço em sua cabeça por quebrar seu contrato de trinta anos. Mas isso tinha sido uma década atrás. Caçadores desapareciam o tempo todo, derrubados por presas mais espertas ou sortudas que eles. Por a culpa no corpo de assassinos pessoais da I.S dava pena. Ninguém deixava a I.S porque recebia bem e as horas eram fáceis, isto era tudo.

Sim, pensei, ignorando o sussurro de aviso que isto me trouxe. A morte de Leon Bairn era exagerada. Nada nunca foi provado. E a única razão para eu ainda ter um trabalho era porque não podiam, legalmente, me demitir. Talvez eu devesse sair por conta própria. Não podia ser pior do que eu estava fazendo agora. Eles ficariam felizes por me ver sair. Claro, pensei, sorrindo. Rachel Morgan, caçadora privada de aluguel. Todos os direitos fervorosamente acolhidos. Todos os erros sinceramente vingados.

Eu sabia que meu sorriso era nebuloso enquanto a mulher gentilmente passou sua toalha entre meus cotovelos para secar a bagunça. Minha respiração saindo em um ruído rápido. Abaixando a mão esquerda, peguei o pano, prendendo-a nele. Minha mão direita balançou para trás, e então para frente com as algemas, fechando-as ao redor do seu pulso. Em um instante, estava feito. Ela piscou, chocada. Cara, eu sou boa. Os olhos da mulher se arregalaram quando ela percebeu o que havia acontecido.

— Raios e condenação! — ela gritou, parecendo elegante com seu sotaque irlandês. O dela não era falso. — Que diabos você pensa que está fazendo?

A animação desapareceu, e um suspiro escapou de mim, enquanto olhava para a bola solitária de sorvete que havia sobrado do meu drinque.

— Segurança Inderland — falei, mostrando minha identificação. — Você é acusada de fabricar arco-íris com o intuito de desvirtuar a renda gerada pelo referido arco-íris, falha de preencher os formulários de requerimento para o referido arco-íris, falha de notificar a autoridade de arco-íris do fim do referido arco-íris.

— É mentira! — a mulher gritou, se contorcendo nas algemas. Seus olhos passaram descontroladamente pelo bar, toda a atenção dos presentes nela. — É tudo mentira! Eu achei aquele pote legalmente.

— Você tem o direito de permanecer calada, — eu recitei, pegando uma colher cheia de sorvete. Estava frio na minha boca, e o toque de álcool era um substituto pobre para o calor da adrenalina que desaparecia. — Se renunciar ao seu direito de manter a boca fechada, vou fechá-la para você.

O velho bateu as palmas da mão no balcão. — Cliff! — ele chamou seu sotaque irlandês desaparecendo. — Ponha o sinal de Ajuda na janela. E então venha aqui e me ajude.

— Sim, chefe, — veio à resposta distante de Cliff, em um tom de quem não podia se importar menos.

Colocando minha colher de lado, eu puxei a leprechaun sobre o balcão e para o chão antes que ela ficasse muito menor. Ela estava encolhendo enquanto os feitiços das minhas algemas lentamente dominavam seu feitiço de tamanho, mais fraco.

— Você tem direito a um advogado — falei, guardando meu cartão. — Se não puder pagar um, está ferrada.

— Você não vai conseguir me pegar! — a leprechaun ameaçou, lutando, enquanto os gritos da audiência ficavam entusiasmados. — Argolas de aço sozinhas não podem me segurar. Já escapei de reis, sultões, e crianças nojentas com redes!

Eu tentei enrolar meu cabelo molhado em um dedo, enquanto ela lutava e se debatia, lentamente percebendo que havia sido pega. As algemas encolheram com ela, mantendo-a presa.

— Vou estar fora disso em... Só um instante, — ela disse ofegante, parando por tempo suficiente para olhar para seus pulsos. — Aw, pelo amor de São Pedro. — Ela caiu, olhando a lua amarela, trevo verde, coração vermelho, e estrela laranja que decoravam minhas algemas. — Que o cachorro do próprio capeta quebre sua perna. Quem falou sobre os feitiços? — então ela olhou mais de perto. — Você me pegou com quatro? Quatro? Não pensei que os antigos ainda funcionassem.

— Me chame de antiquada — falei olhando para meu copo, — mas quando alguma coisa funciona, eu continuo com ela.

Ivy passou por nós, seus dois vampiros vestidos de negro à frente, elegantes em sua miséria trevosa. Um tinha um hematoma crescendo sob o olho, o outro estava mancando. Ela não era gentil com vampiros caçando

menores de idade. Lembrando-me do magnetismo do vampiro morto no fundo do bar, eu entendi o porquê. Um adolescente de dezesseis anos não conseguiria lutar contra aquilo. Não iria querer lutar contra aquilo.

— Ei, Rachel — Ivy falou brilhantemente, parecendo quase humana agora que não estava efetivamente trabalhando. — Estou indo para a cidade, quer dividir o táxi?

Meus pensamentos voltaram para a I.S enquanto eu pesava o risco de ser uma empreendedora faminta para uma vida caçando ladrões de lojas e vendedores ilegais de feitiços. Não era como se a I.S fosse colocar um preço na minha cabeça. Não, Denon ficaria emocionado por rasgar meu contrato. Eu não tinha como pagar um escritório em Cincinnati, mas talvez nos Hollows... Ivy passava muito tempo lá. Ela saberia onde eu conseguiria alguma coisa barata.

— Sim — falei, notando que seus olhos estavam de um castanho uniforme. — Quero de te perguntar uma coisa.

Ela assentiu e empurrou seus dois alvos para frente. A audiência se espremeu, o mar de roupas pretas parecendo sugar a luz. O vampiro morto no fundo me deu um aceno respeitoso, como se para dizer “bom trabalho” e, com um pulso de emoção dando uma falsa sensação de estar alta, eu assenti de volta.

— Assim que se faz Rachel — Jenks falou, e eu sorri. Havia se passado muito tempo desde a última vez que ouvira aquilo.

— Obrigada — eu falei, dando uma olhada nele, em meu brinco, pelo espelho do bar. Empurrando meu copo para o lado, eu peguei minha bolsa, meu sorriso aumentando quando o atendente gesticulou dizendo que era por conta da casa. Sentindo-me aquecida por algo mais que álcool, eu descii do meu banco e puxei a leprechaun tropeçando em seus pés. Pensamentos de uma porta com meu nome pintado em letras de ouro passaram por mim. Era a liberdade.

— Não! Espere! — a leprechaun gritou quando eu peguei minha bolsa e a arrastei para a porta. — Desejos! Três desejos. Certo? Você me deixa ir, e ganha três desejos.

Eu a empurrei para a chuva quente à minha frente. Ivy já tinha um táxi, seus alvos jogados no porta-malas de forma que houvesse mais espaço

para o resto de nós. Aceitar desejos de um criminoso era uma forma garantida de se ver do lado errado de uma vassoura, mas só se fosse pego.

— Desejos? — eu perguntei, empurrando a leprechaun para o banco traseiro. — Vamos conversar.

Capítulo 02

— O que você disse? — eu perguntei me virando no assento da frente par ver Ivy. Ela gesticulou impotente, do fundo. O ritmo de limpadores de vidro ruins e boa música lutavam para se sobrepôr, em uma mistura bizarra de guitarras gemendo e o soluço de plástico contra vidro. “Rebel Yell” gritava dos autos falantes. Eu não podia competir. A imitação de Jenks de Billy Idol, girando com a dançarina presa no porta-luvas, não ajudava.

— Posso abaixar o volume? — perguntei ao taxista.

— Não tocar! Não tocar! — ele reclamou, com um sotaque estranho. Das florestas da Europa, talvez? Seu fraco cheiro almiscarado me dizia que ele era um lobisomem. Eu avancei para o controle de volume, mas ele tirou sua mão cabeluda do volante e deu uma tapa na minha mão.

O táxi saltou para a pista seguinte. Seus feitiços, todos ruins, considerando sua aparência, escorregaram do porta-luvas para se despejarem no meu colo e no chão. A corrente de alho balançando no retrovisor me acertou no olho. A náusea me atingiu enquanto o fedor do alho lutava com o cheiro do papelão em formato de árvore, também balançando do retrovisor.

— Menina ruim, — ele acusou, voltando para sua pista e me jogando em cima dele.

— Se eu for uma boa menina, — eu rosnei, enquanto deslizava de volta para meu assento, — você me deixa abaixar a música?

O motorista sorriu. Faltava um dente. E ele perderia mais um se eu pudesse fazer as coisas do meu jeito. — Sim, — ele falou.

— Eles conversando agora. — A música diminuiu para nada, substituída por um anunciante de fala rápida gritando mais alto do que a música havia estado.

— Bom Deus, — eu murmurei, abaixando o volume. Meus lábios se enrolaram diante da mancha de gordura no botão. Eu encarei meus dedos, antes de limpá-los nos amuletos que ainda estavam no meu colo. Eles não prestavam para mais nada. O sal que havia ficado neles de tanto o motorista pegá-los os havia estragado. Lançando-lhe um olhar aflito, eu despejei os feitiços no porta copos lascado.

Então me virei para Ivy, esparramada no banco traseiro. Uma de suas mãos estava para cima, para impedir sua coruja de cair da janela traseira enquanto seguíamos, a outra mão estava atrás de seu pescoço. Carros de passagem e a ocasional lâmpada na rua que ainda funcionava mal iluminavam sua silhueta negra. Escuros e sem piscar, seus olhos se encontraram com os meus, e então voltaram para a janela e a noite. Minha pele formigou diante do ar de tragédia antiga sobre ela. Ela não estava colocando uma aura — era apenas Ivy — mas me dava arrepios. Será que a mulher nunca sorria?

Minha presa tinha se espremido no outro canto, tão longe de Ivy quanto havia conseguido. As botas verdes da leprechaun mal chegavam ao fim do banco, e ela parecia uma daquelas bonecas que vendem na TV. Três pagamentos facilitados de \$49.95 por esta rendição detalhada de Becky a Garçonete. Bonecas parecidas haviam triplicado, ou até mesmo quadruplicado de preço! Esta boneca, porém, tinha um brilho furtivo no olhar. Eu assenti em sua direção, e o olhar de Ivy se moveu, suspeitamente, para o meu.

A coruja deu um pio aflito quando o carro caiu em um buraco sórdido, abrindo suas asas para manter o equilíbrio. Mas foi o último. Havíamos atravessado o rio e estávamos de volta a Ohio. A estrada agora era lisa como vidro, e o taxista diminuiu a velocidade, parecendo se lembrar de para que os sinais de trânsito servem. Ivy tirou a mão de sua coruja e passou os dedos por seu cabelo longo.

— Você nunca aceitou quando te chamei para dividir o táxi antes. O que está acontecendo? — ela perguntou.

— Ah, é. — Eu passei um braço sobre o assento. — Sabe onde eu posso alugar um flat barato? No Hollows, talvez?

Ivy me encarou cuidadosamente, o oval perfeito de sua face parecendo pálido nas luzes da rua. Agora havia luzes em cada esquina,

fazendo a noite parecer quase tão clara quanto o dia. Normais paranóicos. Não que eu os culpasse.

— Está se mudando para o Hollows? — ela perguntou, com uma expressão de dúvida.

Eu não pude deixar de sorrir diante disto. — Não. Estou saindo da I.S

Isto chamou sua atenção, eu percebi, pelo jeito que ela piscava. Jenks parou de tentar dançar com a pequena figura no porta-luvas e me encarou.

— Você não pode quebrar seu contrato com a I.S — Ivy falou. Então ela lançou um olhar para a leprechaun, que sorriu. — Você não está pensando em...

— Eu? Desrespeitar a lei? — falei alegremente. — Sou boa demais para precisar disso. Mas não posso fazer nada se ela é a leprechaun errada, porém, — acrescentei, sem nem uma pontada de culpa. A I.S havia deixado perfeitamente claro que não queria mais os meus serviços. O que eu devia fazer? Rolar deixando minha barriga para cima e lambar o, er, focinho de alguém?

— Papelada — interrompeu o taxista, seu sotaque abruptamente mais fraco e delicado enquanto ele mudava sua voz e modos para o que era preciso para conseguir e manter corridas deste lado do rio. — Perdi a papelada. Acontece o tempo todo. Acho que tenho a confissão de Rynn Cormel aqui em algum lugar, de quando meu pai levava advogados da quarentena para os tribunais durante a Virada.

— É. — Eu assenti e sorri. — Nome errado no papel errado. Q.E.D⁶. Ivy não piscava.

— Leon Bairn não explodiu espontaneamente, Rachel.

Minha respiração saiu rápida. Eu não acreditaria nas histórias. Elas eram apenas isto, histórias para evitar que a manada de caçadores da I.S quebrasse os contratos uma vez que aprendessem tudo o que a organização tinha para ensinar.

⁶ Do Latim quod erat demonstrandum, assim como foi demonstrado.

— Isso foi há mais de dez anos atrás, — eu falei. — E a I.S não teve nada a ver com o caso. Eles não vão me matar por quebrar o contrato, eles querem que eu saia. — Eu fiz uma careta. — Além disso, ser virada do avesso seria mais divertido do que fazer o que estou fazendo agora.

Ivy se inclinou para frente, e eu me recusei a recuar. — Dizem que precisaram de três dias para achar o suficiente dele para encher uma caixa de sapatos, — ela falou. — Raspavam o último do teto de sua varanda.

— O que devo fazer? — perguntei, puxando meu braço de volta. — Eu não tenho uma caçada decente há meses. Olha isto. — Eu gesticulei para meu alvo. — Uma leprechaun culpada de evasão fiscal. É um insulto.

A pequena mulher endureceu. — Bem, com liceeeeeeeeeença.

Jenks abandonou sua nova namorada para se sentar na aba de trás do chapéu do taxista. — É, — ele falou. — A Rachel vai puxar uma vassoura se eu tiver que sair de atestado. — Ele moveu sua asa danificada cuidadosamente, e eu lhe dei um sorriso aflito.

— Cogumelos? — ofereci.

— Cem gramas, — ele respondeu, e eu mentalmente aumentei para quinhentos. Ele era legal, para um pixy.

Ivy fez uma careta, passando os dedos por seu crucifixo. — Existe uma razão para ninguém quebrar seu contrato. A última pessoa que tentou foi sugada por uma turbina.

De mandíbula travada, eu me virei para olhar pela janela da frente. Eu me lembrava. Tinha sido quase um ano atrás. Teria matado o homem se ele já não estivesse morto. O vampiro deveria estar de volta ao trabalho qualquer dia desses.

— Não estou pedindo sua permissão, — falei. — Estou perguntando se sabe de alguém com algum lugar barato para alugar.

Ivy estava em silêncio, e eu me virei para vê-la.

— Eu tenho algum dinheiro guardado. Posso colocar uma telha, ajudar pessoas que precisem...

— Ah, pelo amor do sangue, — Ivy interrompeu. — Sair para abrir uma loja de feitiços, talvez. Mas sua própria agência? — Ela balançou a

cabeça, seu cabelo negro voando. — Não sou sua mãe, mas se fizer isto, esta morta. Jenks? Conte para ela que ela esta morta.

Jenks assentiu solenemente, e eu me virei para encarar algo fora da janela. Sentia-me estúpida por ter pedido ajuda. O taxista estava assentindo.

— Morta, — ele falou. — Morta, morta, morta.

Isto estava ficando cada vez melhor. Entre Jenks e o motorista, a cidade inteira saberia que eu havia saído antes mesmo de eu falar com o chefe.

— Não importa. Não quero falar mais sobre isso. — Murmurei.

Ivy passou um braço sobre o banco. — Já pensou que podem estar armando para você? Todos sabem que leprechauns tentam comprar sua liberdade. Se for pega, seu traseiro está frito.

— É, — eu falei. — Pensei nisto. — Mentira, mas eu não iria lhe contar isto. — Meu primeiro desejo vai ser não ser pega.

— Sempre é, — a leprechaun falou, espertamente. — Esse é seu primeiro desejo?

Em um flash de raiva, eu assenti, e ela sorriu covinhas à mostra. Estava a meio caminho de casa.

— Olha, — eu falei, para Ivy. — Não preciso da sua ajuda. Obrigada por nada. — Eu revirei minha bolsa em busca da minha carteira. — Me deixe aqui, — falei para o taxista. — Quero um café. Jenks? Ivy vai te levar de volta para a I.S Pode fazer isto por mim, Ivy? Pelos velhos tempos?

— Rachel — ela protestou, — você não está me ouvindo.

O taxista deu seta cuidadosamente, e então parou. — Tome cuidado, Coisa Quente.

Eu saí, abri a porta de trás e peguei a leprechaun por seu uniforme. Minhas algemas haviam mascarado completamente seu feitiço de tamanho. Ela era mais ou menos da altura de uma criança de dois anos.

— Aqui — eu falei, jogando uma nota de vinte no banco. — Isto deve cobrir minha parte.

— Ainda está chovendo! — a leprechaun reclamou.

— Cala a boca. — Pingos caíram em mim, estragando meu coque e fazendo com que as mechas rebeldes do cabelo se pregassem no meu pescoço. Eu bati a porta quando Ivy se inclinou para falar alguma coisa. Eu não tinha mais nada a perder. Minha vida era uma pilha de porcarias mágicas, e eu não podia nem mesmo fazer um adubo disto.

— Mas estou me molhando, — a leprechaun tornou a reclamar.

— Quer voltar para o carro? — perguntei. Minha voz estava calma, mas por dentro eu estava tremendo. — Podemos esquecer isso tudo, se quiser. Tenho certeza que Ivy vai cuidar da sua papelada. Dois trabalhos em uma noite. Ela vai ganhar um bônus.

— Não, — veio sua voz dócil e pequena.

Preocupada, olhei através da rua para a loja Starbucks onde se reuniam esnobes da cidade alta que precisavam de sessenta formas diferentes de preparar um grão, para não estar feliz com nenhum deles. Sendo desse lado do rio, a cafeteria provavelmente estaria vazia este horário. Era o lugar perfeito para curtir o mau humor e me reagrupar. Eu meio que arrastei a leprechaun para a porta, tentando imaginar o preço de um copo de café pela quantidade de propaganda de antes da Virada na janela da frente.

— Rachel, espera. — Ivy tinha abaixado sua janela, e eu podia ouvir que a música do taxista estava de volta. A Thousand Years, do Sting. Eu quase podia voltar para o carro.

Eu abri a porta, zombando ao ouvir o barulho feliz dos sinos. — Café. Preto. E um assento reforçado, — eu gritei para o garoto atrás do balcão, enquanto ia em direção ao canto mais escuro, minha leprechaun a tiracolo. Que tudo se exploda. O garoto era uma visão de um bom caráter, em seu uniforme de listras vermelhas e brancas e cabelo perfeito. Provavelmente um universitário. Eu poderia ter ido para a universidade ao invés da faculdade da comunidade. Ao menos por um semestre ou dois, eu teria sido aceita e tudo mais.

A cabine, porém, estava bem acolchoada. Havia um forro de mesa de verdade. E meus pés não grudavam no chão, definitivamente um bônus. O garoto estava me encarando com um olhar superior, então tirei minhas botas e sentei de pernas cruzadas para assediá-lo. Eu ainda estava vestida

como uma prostituta. Imagino que ele estava tentando decidir se devia chamar a I.S ou sua contrapartida humana, o FBI. Isto seria hilário. Meu passe para fora da I.S ficou de pé no assento diante de mim.

— Posso tomar um latte? — ela choramingou.

— Não.

A porta fez barulho e olhei para ver Ivy entrar, com sua coruja no braço, suas garras se prendendo à braçadeira grossa que ela usava. Jenks estava empoleirado em seu ombro, tão distante da coruja quanto conseguia ficar. Eu enrijei, me virando para a imagem sobre a mesa — bebês vestidos como uma salada de frutas. Imagino que deveria ser fofo, mas apenas me deixou com fome.

— Rachel. Tenho que falar com você.

Isto aparentemente foi demais para Junior. — Com licença, madame, — ele falou, em sua voz perfeita. — Não são permitidos bichos de estimação. A coruja deve permanecer do lado de fora.

Madame? Eu pensei, tentando impedir minha risada histérica de escapar.

Ele empalideceu quando Ivy o encarou. Cambaleando, ele quase caiu enquanto recuava de costas. Ela estava colocando uma aura nele. Nada bom.

Ivy se virou para mim. Meu ar saiu de uma vez quando bati no fundo da cabine. Olhos negros e predadores me prenderam ao assento de vinil. Fome crua apertou meu estômago. Meus dedos convulsionaram.

Sua tensão presa era intoxicante. Eu não podia desviar os olhos. Não era nada como a questão gentil que o vampiro morto no Sangue e Cerveja havia me oferecido. Isto era raiva, dominação. Graças a Deus ela não estava com raiva de mim, mas do Junior atrás do balcão.

Com certeza, assim que ela viu o olhar na minha face, a raiva em seus olhos brilhou e desapareceu. Suas pupilas contraíram, deixando seus olhos no seu tom castanho normal.

Em um segundo a aura de poder havia desaparecido dela, indo de volta para as profundezas do inferno de onde vinha. Tinha que ser inferno. Tanta dominação crua não podia vir de um feitiço. Minha raiva fluiu de volta. Se eu estava com raiva, não podia estar com medo, certo?

Fazia anos desde que Ivy colocara uma aura em mim. Da última vez, estávamos discutindo sobre como capturar um vampiro de sangue inferior sob suspeita de seduzir garotas menores de idade com algum estúpido jogo de cartas. Eu o havia derrubado com um feitiço de sono, e então pintado a palavra «idiota» em suas unhas, com esmalte vermelho, antes de amarrá-lo em uma cadeira e acordá-lo. Ela havia sido a amiga modelo desde então, ainda que um pouco fria às vezes. Acho que ela apreciou o fato de eu não ter contado isto para ninguém.

Junior limpou sua garganta. — Você, ah... Não pode ficar a menos que peça alguma coisa madame. — ele ofereceu, fracamente.

Corajoso, pensei. Tem que ser um Inderlander.

— Suco de laranja — Ivy falou alto, parada diante de mim. — Sem polpa.

A surpresa me fez olhar para cima. — Suco de laranja? — Então eu fiz uma careta. — Olha, — falei, soltando minhas mãos e rudemente colocando minha bolsa de feitiços no meu colo. — Eu não me importo se Leon Bairn terminou como filme na calçada. Estou saindo. E nada que disser vai mudar minha opinião.

Ivy mudou o peso de pé. Foi sua inquietação que esfriou o que restava da minha raiva. Ivy estava preocupada? Eu nunca havia visto isso.

— Quero ir com você — ela finalmente falou.

Por um momento, pude apenas encará-la. — O quê? — Finalmente consegui falar.

Ela se sentou diante de mim com um falso ar de despreocupação, colocando sua coruja para vigiar a leprechaun. O som de rasgado quando ela desfez os prendedores de sua braçadeira pareceu alto, e ela a colocou na cadeira ao seu lado. Jenks meio que pulou para a mesa, seus olhos arregalados e em silêncio, para variar. Junior apareceu com a cadeira reforçada e nossas bebidas.

Esperamos silenciosamente enquanto ele colocava tudo no lugar com as mãos tremendo e ia se esconder na sala dos fundos.

Minha caneca estava lascada e só meio cheia. Eu brinquei com a ideia de voltar para pregar um feitiço debaixo da mesa, que azedaria

qualquer creme que chegasse a um metro de distância, mas decidi que tinha coisas mais importantes com o que me preocupar. Como, por exemplo, Ivy deixando sua carreira ilustre ir pelo proverbial ralo.

— Por quê? — perguntei confusa. — O chefe te ama. Você escolhe seus trabalhos. Você teve férias pagas ano passado.

Ivy estava estudando a figura, me ignorando. — E?

— Foram quatro semanas! Você foi ao Alasca ver o sol da meia noite!

Suas sobrancelhas finas se ergueram, e ela se esticou para arrumar as penas de sua coruja. — Metade do aluguel, metade dos utilitários, metade de tudo é minha responsabilidade, metade é sua. Eu trago e faço meus trabalhos, você traz e faz os seus. Se for preciso, trabalhamos juntas. Como antes.

Eu me encostei novamente, meu mau humor não tão óbvio quanto eu gostaria que fosse, uma vez que só havia o estofamento acolchoado para eu me recostar. — Por quê? — perguntei de novo.

Seus dedos caíram da coruja. — Sou muito boa no que faço, — ela falou, sem me responder. Um pingo de vulnerabilidade havia rastejado para sua voz. — Não vou te puxar para baixo, Rachel. Nenhum vampiro ousaria se mover contra mim. Eu posso estender isto para você. Vou manter os vampiros assassinos fora até você conseguir o dinheiro para pagar seu contrato. Com meus contatos e seus feitiços, podemos ficar vivas tempo o suficiente para fazer a I.S retirar o preço em nossas cabeças. Mas eu quero um desejo.

— Não há nenhum preço nas nossas cabeças, — eu falei depressa.

— Rachel... — ela persuadiu. Seus olhos castanhos eram suaves com preocupação, me alarmando. — Rachel, vai haver. — Ela se inclinou para frente até que eu tive que lutar para não recuar. Respirei fundo, para procurar o cheiro de sangue nela, mas havia apenas o cheiro penetrante do suco. Ela estava errada. A I.S não colocaria um preço na minha cabeça. Eles queriam que eu saísse. Era ela quem deveria estar preocupada.

— Eu também, — Jenks falou, de repente. Ele voou para a borda da minha caneca. Poeira incandescente caiu de sua asa dobrada para criar uma camada oleosa no meu café. — Eu quero entrar. Eu quero um desejo. Eu vou

largar a I.S e ser o backup de vocês. Vão precisar de um. Rachel, você pega às quatro horas antes da meia noite, Ivy as quatro depois, ou qualquer horário que queiram. Eu ganho quatro dias livres, sete feriados pagos, e um desejo. Você deixa eu e minha família morarmos no escritório, realmente quietos nas paredes. E me paga o que estou recebendo agora, por semana.

Ivy assentiu e tomou um gole de seu suco. — Parece bom para mim. O que você acha?

Meu queixo caiu. Não podia acreditar no que estava ouvindo. — Não posso dar meus desejos para vocês.

A leprechaun acenou com a cabeça. — Sim, você pode.

— Não, — eu falei impaciente. — Quero dizer, eu preciso deles. — Uma dor de preocupação tinha se acomodado no meu estômago ao pensar que Ivy talvez estivesse certa. — Eu já usei um para não ser pega deixando-a ir, — falei. — Eu tenho que desejar sair do meu contrato, para começar.

— Uh, — a leprechaun interrompeu. — Eu não posso fazer nada sobre o que já está escrito.

Jenks deu um bufado de desprezo. — Não tão boa né?

— Cala a boca, inseto! — ela disparou a cor indo para suas bochechas.

— Cale a sua, resto de musgo! — ele rosnou de volta.

Isto não pode estar acontecendo, pensei. Tudo o que eu queria era sair, não liderar uma revolta.

— Vocês não estão falando sério — falei. — Ivy, diga que isto é seu senso de humor estranho se mostrando finalmente.

Ela me encarou, firme. Eu nunca podia dizer o que havia por trás dos olhos de um vampiro.

— Pela primeira vez na minha carreira, — ela falou, —estou voltando de mãos vazias. Eu deixei meu alvo ir. — Ela balançou a mão no ar. — Abri o porta-malas e os deixei correr. Eu quebrei os regulamentos. — Um sorriso de lábios fechados passou por ela, e logo desapareceu. — Isto é sério o bastante para você?

— Vá encontrar seu próprio leprechaun, — eu falei, caindo em mim enquanto pegava meu copo. Jenks ainda estava sentado na alça.

Ela riu. Foi frio, e desta vez eu tremi. — Eu escolho meus trabalhos, — ela falou. — O que você acha que aconteceria se eu fosse atrás de um leprechaun, o perdesse e então tentasse sair da I.S?

Do meu lado, a leprechaun suspirou. — Nenhuma quantidade de desejos poderia fazer isto parecer bom. Vai ser difícil o bastante fazer isto parecer uma coincidência.

— E você, Jenks? — eu falei minha voz se quebrando.

Jenks deu de ombros. — Eu quero um desejo. Ela pode me dar uma coisa que a I.S não pode. Eu quero ser estéril para minha esposa não me deixar. — Ele voou em um caminho torto até a leprechaun. — Ou isto é difícil demais para você, verdinha? — ele debochou, de pé com seus pés separados e mãos nos quadris.

— Inseto — ela murmurou. Meus feitiços tilintando enquanto ela ameaçava esmagá-lo. As asas de Jenks ficaram vermelhas, e eu imaginei se a poeira caindo delas podia pegar fogo.

— Esterilidade? — eu perguntei, lutando para manter o tópico da conversa.

Ele ignorou a leprechaun e andou pela mesa até onde eu estava. — Sim. Sabe quantos pirralhos eu tenho?

Até mesmo Ivy pareceu surpresa. — Você arriscaria sua vida por isto? — ela perguntou.

Jenks deu uma gargalhada tilintante. — Quem disse que estou arriscando minha vida? A I.S não poderia se importar menos se eu sair. Pixies não assinam contratos. Eles passam por nós rápido demais. Sou um agente livre. Sempre fui. — Ele sorriu, parecendo astuto demais para alguém tão pequeno. — E sempre vou ser. Imagino que minha expectativa de vida vai ser marginalmente maior tendo apenas vocês duas desajeitadas para vigiar.

Eu me virei para Ivy. — Eu sei que você assinou um contrato. Eles te amam. Se alguém deveria estar preocupado com uma ameaça de morte,

esse alguém é você, não eu. Por que arriscaria isto para-para... — eu hesitei. — Por nada? Que desejo valeria isto?

O rosto de Ivy ficou estático. Um toque de sombra negra passou por ela. — Eu não tenho que te contar.

— Não sou estúpida, — eu falei, tentando esconder minha inquietação. — Como posso saber se você não vai voltar a praticar?

Claramente insultada, Ivy me encarou até que baixe o olhar, gelada até os ossos. Isto, eu pensei, é definitivamente uma má ideia.

— Não sou uma vampira praticante, — ela finalmente falou. — Não mais. Nunca mais.

Eu forcei minha mão para baixo, percebendo que estava brincando com meu cabelo molhado. Suas palavras eram apenas levemente reconfortantes. Seu copo estava meio vazio, e eu só me lembrava de ela ter tomado um gole.

— Parceiras? — Ivy falou, estendendo sua mão sobre a mesa.

Parceira de Ivy? De Jenks? Ivy era a melhor caçadora que a I.S tinha. Era mais do que lisonjeiro que ela quisesse trabalhar comigo permanentemente, se bem que também um pouco preocupante. Mas não era como se eu precisasse morar com ela. Lentamente, estendi minha mão para apertar a sua. Minhas unhas vermelhas de formato perfeito pareciam chamativas perto das suas unhas sem fazer. Todos os meus desejos se foram, mas eu provavelmente os teria desperdiçado, de qualquer jeito.

—Parceiras — falei, tremendo com a frieza da mão de Ivy enquanto a apertava.

— Tudo bem! — Jenks se juntou a nós, voando para pousar no nosso aperto de mãos. A poeira caindo dele pareceu aquecer o toque de Ivy. — Parceiros!

Capítulo 03

— Deus amado — eu gemi sob a minha respiração. — Não me deixe ficar enjoada. Não aqui. — Eu fechei meus olhos em uma piscada longa, esperando que a luz não machucasse tanto quando eu os abrisse. Eu estava em meu cubículo, no vigésimo quinto andar do I.S Tower. O sol da tarde se inclinava, mas ele nunca me alcançaria, minha mesa ficava no meio da confusão. Alguém tinha trazido donuts, e o cheiro do glacê incomodou meu estômago. Tudo que eu queria era voltar para casa e dormir.

Puxando minha gaveta de cima para abrir, eu tateei por um amuleto de dor, gemendo quando eu descobri que tinha usado todos. Minha testa bateu na beirada de uma mesa de metal, e eu olhei por trás do comprimento do meu cabelo crespo para o tornozelo das minhas botas começando a aparecer na bainha do meu jeans. Eu tinha vestido algo conservador em consideração a minha desistência: uma blusa de pregas de linho vermelho e calças. Sem couro apertado por enquanto.

A noite passada foi um erro. Depois de muitas bebidas eu fiquei estúpida o bastante para dar oficialmente os meus remanescentes desejos para Ivy e Jenks. Eu realmente tinha contado com os dois últimos. Qualquer um que saiba alguma coisa sobre desejos sabe que você não pode desejar por mais. O mesmo serve por desejar riqueza. Dinheiro simplesmente não aparece. Ele tem que vir de algum lugar, e ao menos que você deseje não ser pego, eles sempre pegam você por roubo.

Desejos são coisas enganosas, razão pela qual a maioria dos Inderlanders fazia lobby para conseguir o mínimo de três por vez. Em uma percepção tardia, eu não fiz tão mal. Ter desejado não ser pega por deixar o leprechaun partir iria ao menos me permitir deixar o I.S com uma ficha limpa. Se Ivy estava certa e eles fossem me bater por quebrar meu contrato, eles teriam que fazer parecer um acidente. Mas por que eles se incomodariam? Ameaças de mortes são caras, e eles queriam que eu

partisse. Ivy tinha um marcador para chamar seu último desejo. Parecia como um velho espiral com um buraco dentro, e ela tinha o amarrado em um cordão roxo e pendurado em seu pescoço. Jenks, contudo, gastou seu desejo no bar, escapando furtivamente para dar as notícias a sua esposa. Eu devia ter ido embora quando Jenks foi, mas Ivy não parecia querer partir. Fazia muito tempo que eu não tinha uma noitada de garotas, e eu pensei que podia encontrar coragem no fundo do copo para contar ao chefe que eu estava partindo. Eu não encontrei.

Cinco segundos em meu discurso ensaiado, Denon abriu um envelope de papel manilha, puxou meu contrato e o rasgou, me dizendo para estar fora do prédio em meia hora. Meu crachá e algemas da I.S estavam em sua mesa; os talismãs que os decoravam estavam em meu bolso.

Meus sete anos com a I.S deixaram uma confusão de coisas sem importância e memorandos obsoletos. Com os dedos tremendo, eu alcancei um vaso barato de paredes grossas que não via uma flor há meses. Isso foi para o lixo, como o cretino que o me deu. Minha tigela de dissolução foi para a caixa nos meus pés. A cerâmica de sal incrustado azul raspou bruscamente no papelão. Ela ficou seca na ultima semana e a camada de sal deixada pela evaporação era poeirenta.

Um pino de madeira vermelha fazia barulho perto dela. Era grosso demais para se fazer uma varinha, mas eu não era boa o bastante para fazer uma varinha de qualquer forma. Eu tinha comprado o pino para fazer um uma espécie de detector de mentiras de amuletos e nunca espalhá-los. Era mais fácil comprá-los. Esticando-me, agarrei minha lista de contatos antigos de telefone. Uma rápida olhada para me certificar que ninguém estava olhando, e a empurrei para fora de vista, próximo a minha tigela de dissolução, deslizando meu disc player e fones de ouvido para cobri-los.

Eu tinha poucos livros de referência para voltar a Joyce do outro lado do corredor, mas a vasilha de sal tinha sido do meu pai que os apoiou. Eu a coloquei na caixa me perguntando o que papai pensaria a respeito da minha partida.

— Ele ficaria tão satisfeito como se tivesse levado um soco, — eu sussurrei, rangendo meus dentes contra minhas sobras.

Eu olhei para cima, lançando meu olhar sobre as repartições amarelas feias. Meus olhos se estreitaram enquanto meus colegas de trabalho olhavam o outro lado. Eles estavam de pé em grupinhos enquanto fofocavam, fingindo estar ocupados. Os sussurros silenciosos deles chiavam em mim. Respirando lentamente, alcancei meu quadro preto e branco de Watson & Crick e então o quadro da mulher, Rosalind Franklin. Eles estavam em pé ante ao modelo deles de DNA, e o sorriso Rosalind tinha o mesmo humor escondido de Mona Lisa. Alguém podia dizer que sabia o que iria acontecer. Eu imaginava que ela tinha sido uma Inderlander. Muitas pessoas imaginavam. Eu guardava o quadro para me lembrar de como o mundo perde outros detalhes.

Fazia quase quarenta anos desde que um quarto da humanidade morreu de uma mutação de um vírus, o T4 Anjo. E apesar de frequentemente os evangelizadores na TV alegarem de outra maneira, isso não foi nossa culpa. Isso começou e terminou com a boa e velha paranoia humana.

De volta os anos cinquenta, Watson & Crick e Franklin juntaram suas cabeças e resolveram o enigma do DNA em seis meses. As coisas podem ter parado lá, mas os então os soviéticos seguraram a tecnologia. Estimulados pelo medo da guerra, o dinheiro fluiu para o desenvolvimento da ciência. No começo dos anos sessenta, nós tínhamos a insulina produzida por bactérias. Uma riqueza de medicamentos da bioengenharia se seguiu, inundando o mercado com ramificações da pesquisa negra dos EUA por armas biológicas. Nós nunca fizemos isso para a Lua, virando a ciência para dentro ao invés de para fora, matando a nós mesmos.

E então, no final da década, alguém cometeu um erro. O debate se foi os EUA ou os Soviéticos é discutível. Em algum lugar nos frios laboratórios do Ártico, uma cadeia letal de DNA escapou. Ela deixou uma modesta trilha de mortes para o Rio, que foram identificadas e tratadas. A maioria do público era desavisado e ignorante, mas até mesmo os cientistas escreveram suas conclusões em seus livros de laboratórios e arquivaram o vírus mutante.

Isso o ligou a um tomate geneticamente modificado através de um fraco ponto em seu DNA, o que pesquisadores pensaram ser minúsculo demais para se preocupar. O tomate era oficialmente conhecido como o T4

tomate Anjo – sua identificação de laboratório – e a partir daí veio o nome do vírus, Anjo.

Sem perceber que o vírus estava usando o tomate anjo como um hospedeiro intermediário, ele era transportado pelas linhas aéreas. Dezesesseis horas depois era tarde demais. Os países do terceiro mundo estavam dizimados em três semanas aterrorizantes, e os EUA se fecharam em quatro. Fronteiras foram militarizadas, e a política governamental do “sinto muito, não podemos ajudar você” foi instituída. Os EUA sofreram e pessoas morreram, mas se comparado ao necrotério que o resto do mundo virou, isso era uma ninharia.

Mas a maior razão da civilização ter permanecido intacta foi que a maioria das espécies Inderlander são resistente ao vírus Anjo. Bruxas, os mortos-vivos, e as menores espécies como duendes e fadas não foram afetados. Lobos, vampiros vivos e leprechauns tiveram gripe. Os elfos, entretanto, foram mortos completamente. Acreditou-se que suas práticas de hibridização com humanos para manter seus números produziram efeitos negativos, tornando-os suscetíveis ao vírus Anjo.

Quando a poeira abaixou e o vírus Anjo foi erradicado, os números combinados de várias espécies tinha se aproximado do da humanidade. Era a chance que nós rapidamente agarramos. A Virada, como veio a ser chamada, começou ao meio dia com um simples duende. E terminou a meia noite com a humanidade reunida em um grupo embaixo da mesa, tentando compreender o fato de que eles tinham vivido ao lado de bruxas, vampiros e lobos desde as pirâmides.

A primeira reação nas entranhas da humanidade para nos eliminar da face da terra fracassou no momento em que foi atirado, bem embaixo dos narizes deles, que nós tínhamos uma estrutura de civilização funcionando enquanto o mundo desabava. Se não fosse por nós, os índices de morte teriam sido bem maiores. Mesmo assim, os primeiros anos depois da Mudança pareceram um hospício.

Com medo de nos golpear, a humanidade declarou ilegal a pesquisa médica como o demônio por trás de suas desgraças. Laboratórios foram demolidos e os bioengenheiros que escaparam da epidemia foram processados e morreram de um assassinato um pouco mais legalizado. Havia uma segunda, mais sutil onda de mortes quando a origem dos novos

medicamentos foram inadvertidamente destruída junto com a biotecnologia.

Foi apenas uma questão de tempo até a humanidade insistir em uma instituição puramente humana para monitorar as atividades dos Inderlander. O Federal Inderland Bureau surgiu, dissolvendo e substituindo a lei local em execução em todos os EUA. A polícia Inderlander e os agentes federais fora de serviço formaram sua própria força, a I.S Rivalry, que é remanescentes até hoje, servindo para manter uma cobertura apertada nos Inderlanders mais agressivos.

Quatro andares do principal edifício do F.I.B de Cincinnati estão devotados a encontrar os biolaboratórios ilegais remanescentes, onde, por algum preço, alguém pode ainda conseguir limpar insulina e algo para evitar a leucemia. A caçada humana do FIB está tão obcecada em ver banida a tecnologia quanto a I.S está em eliminar das ruas o remédio alterador de mentes da Brimstone.

E isso tudo começou quando Rosalind Franklin percebeu que seu lápis tinha sido movido e alguém esteve aonde não deveria estar, eu pensei, esfregando as pontas dos dedos em minha cabeça que doía. Pequenas pistas. Pequenos palpites. É o que faz o mundo girar. É o que me faz uma boa caçadora. Sorrindo para Rosalind, eu limpei as marcas de dedos do quadro e o coloquei na minha caixa.

Havia uma explosão de risadas nervosas atrás de mim, e com um puxão eu abri a próxima gaveta, bagunçada com notas autocolantes sujas e cliques de papel. Minha escova estava bem onde eu sempre a deixava e um nó de preocupação se afrouxou quando eu a atirei dentro da caixa. Cabelo podia ser usado para fazer feitiços com alvo específico. Se Denon iria atirar uma ameaça de morte em mim, ele teria que pegá-la.

Meus dedos encontraram a pesada suavidade do relógio de bolso do meu pai. Nada mais era meu, e eu bati a gaveta, entorpecida de como minha cabeça estava a ponto de explodir. O ponteiro do relógio estava parado as sete para meia noite. Ele costumava me perturbar que o relógio tinha parado na noite que fui concebida. Relaxada em minha cadeira, eu o apertei dentro do meu bolso. Eu quase podia vê-lo em pé na porta da cozinha, olhando do seu relógio para o relógio sobre a pia, um sorriso curvando seu

rosto comprido enquanto ele ponderava onde os momentos perdidos se passaram.

Eu coloquei o Sr. Peixe — o Beta na tigela que eu ganhei na festa de Natal do escritório no ano passado — dentro da minha bacia de dissolução, confiando que evitaria de espirrar a água e o peixe. Eu lancei a latinha de flocos para peixe em seguida. Um baque abafado no final da sala chamou minha atenção para além das repartições e para a porta fechada de Denon.

— Você não sairá três pés para fora daquela porta, Tamwood — veio seu grito abafado, silenciando o burburinho de conversas. Aparentemente, Ivy acabou de pedir demissão.

— Eu tenho um contrato. Você trabalha para mim, não de outro jeito! Você me deixa e... — Havia um barulho atrás da porta fechada. — “Putá merda...” — ele continuou suavemente. — Quanto custa isso?

— O suficiente para pagar o meu contrato, — Ivy disse sua voz gelada. — O suficiente para você e os inflexíveis no porão. Estamos entendidos?

— Sim, — ele disse no que soou como uma gananciosa reverencia. — Sim. Você está demitida.

Minha cabeça parecia que estava abarrotada de lenços de papel, e eu descansei minha cabeça em minhas mãos. Ivy tinha dinheiro? Por que ela não disse nada noite passada?

— Mude a si mesmo, Denon — Ivy disse clara e absolutamente calma. — Eu parei. Você não me demitiu. Você pode ficar com meu dinheiro, mas você não pode comprar sangue bom. Você é de segunda classe, e nenhuma quantia em dinheiro pode mudar isso. Se eu tiver que viver nas calhas com os ratos, eu ainda serei melhor do que você, e está matando você que eu não terei que acatar mais suas ordens.

— Não pense que isso te deixa segura — o chefe rugiu. Eu quase podia ver a veia palpitando no pescoço dele. — Acidentes podem acontecer perto dela. Fique perto demais, e você pode acordar morta.

A porta de Denon se abriu e Ivy saiu enfurecida, batendo a porta tão forte que as luzes piscaram. Seu rosto estava apertado, e eu acho que ela nem mesmo me viu quando ela passou pelo meu cubículo. Em algum lugar entre ter me deixado e agora, ela usava um guarda pó de seda na altura das

panturrilhas. Eu estava segura o suficiente com minhas preferências para admitir que ela fazia isso parecer muito bom. A bainha aumentou quando ela atravessou o andar a passos largos e homicidas. Pontos de raiva apareciam em seu rosto pálido. Tensão fluía dela, quase visível de tão forte.

Ela não estava virando vampira, ela só estava enfurecida com a saída. Ainda assim, ela deixou um despertar frio atrás dela que a luz do sol circulando não podia alcançar. Uma bolsa de lona vazia estava pendurada em seu ombro e seu desejo ainda estava sobre seu pescoço. Garota esperta, pensei. Guarde isso para um dia chuvoso. Ivy tomou as escadas, e eu fechei meus olhos em angústia enquanto a porta de metal bateu na parede.

Jenks sibilou em meu cubículo, cochichando em minha cabeça como uma mariposa desarranjada e exibia o remendo feito em sua asa. — Oi, Rachel, — ele disse, detestavelmente animado. — O que está acontecendo?

— Não tão alto, — eu sussurrei. Eu daria qualquer coisa por uma xícara de café, mas não tinha certeza se valia a pena os vinte passos até a cafeteira. Jenks estava vestido com suas roupas de costume, as cores estrondosas e confortáveis. Roxo não caía bem com amarelo, nunca caiu, e nunca cairá. Deus me ajude, a fita de sua asa era roxa também.

— Você não fica de ressaca? Eu sussurrei.

Ele deu uma risadinha, arrumando meu porta lápis. — Não. Os metabolismos das fadas são alto demais. O álcool se transforma em açúcar bem rápido. Isso é ótimo!

— Incha. — Eu enrolei uma foto de minha mãe com cuidado em uma folha de seda e a coloquei próxima a de Rosalind. Eu me diverti brevemente com a ideia de contar a minha mãe que eu não tinha um trabalho, decidindo não contar por razões óbvias. Eu esperaria até encontrar um novo.

— Ivy está bem? — Eu perguntei.

— Yeah, ela ficará bem. — Jenks roçava a tampa do meu pote de louro. — Ela deu tudo o que tinha para comprar sua saída do contrato e cobrir seu traseiro.

Eu acenei, feliz que eles queriam que eu fosse embora. As coisas seriam muito mais fáceis se nenhum de nós tivesse um preço em mente.

— Você sabia que ela tinha dinheiro?

Jenks espanou uma folha e se sentou. Ele adotou um olhar superior, que é difícil de aguentar quando você está a dez centímetros de altura e vestido como uma borboleta raivosa.

— Bem, duh... Ela é o último membro de sangue ainda vivo da casa dela. Eu daria a ela algum espaço por uns dias. Está tão brava quanto uma vespa molhada. Perder sua casa no país, a terra, suprimentos, tudo. Tudo o que restou é a casa de campo da cidade perto do rio, e está com mãe dela.

Eu relaxei de volta em minha cadeira, desembrulhando meu último pedaço de chiclete de canela, e o coloquei na boca. Havia um ruído enquanto Jenks aterrissou em minha caixa de papelão e começou a remexer.

— Oh, yeah, — ele murmurou. — Ivy disse que já tem um ponto alugado. Eu tenho o endereço.

— Largue as minhas coisas. — Eu agitei um dedo para ele, e ele voltou ao louro, ficando em pé no galho mais alto para observar a fofoca de todos. Minha têmpora martelou quando eu me curvei para limpar a gaveta de baixo. Por que Ivy deu a Denon tudo que ela tinha? Por que não usou seu desejo?

— Cabeças para cima, — Jenks disse, deslizando a planta para se esconder nas folhas. — Aqui vai ele.

Eu me endireitei para encontrar Denon a meio caminho da minha mesa. Francis, o lambe botas puxa saco denunciador do escritório, saiu de um grupo de pessoas, o seguindo. Os olhos do meu ex-chefe se apertaram em mim sobre as paredes do meu cubículo. Engasgando, eu acidentalmente engoli meu chiclete.

Mas simplesmente, o chefe parecia um lutador profissional com doutorado em suave: homem grande, músculos firmes, pele de mogno perfeita. Eu acho que ele era um seixo em outra vida. Como Ivy, Denon era um vampiro vivo. Ao contrário de Ivy, ele nasceu humano e foi transformado. Isso o fez sangue inferior, uma segunda classe no mundo vampírico.

Ainda assim, Denon era uma força a ser considerada, por ter trabalhado duro para superar seu começo desprezível. Sua abundância de músculos eram mais do que simplesmente bonita; elas o mantinham vivo enquanto ele adotava parentescos com sua força. Ele possuía um visual

jovem de alguém que se alimentava regularmente como um verdadeiro morto-vivo. Somente os mortos-vivos podiam transformar humanos em vampiros, e por sua aparência saudável, Denon era claramente um favorito. Metade do andar queria ser seu brinquedo do sexo. A outra metade ele assustava pra valer. Eu estava orgulhosa de ser a última dos membros de carteirinha.

Minhas mãos sacudiram enquanto eu pegava minha xícara de café do dia anterior e fingia tomar um pequeno gole. Seus braços balançavam como pistões quando ele se movia, sua camisa pólo amarela contrastando com suas calças pretas. Elas estavam destramente dobradas, exibindo suas pernas musculosas e cintura em boa forma. As pessoas estavam saindo do seu caminho. Poucos sobraram no andar. Deus me ajude se eu falhei em meu único desejo e iria ser pega.

Fez um chiado de plástico quando ele se encostou ao topo das minhas paredes de 1,20 m. Eu não olhei, concentrada nos buracos que as tachinhas fizeram na textura de tecido grosso das repartições. A pele dos meus braços formigou como se Denon estivesse me tocando. Sua presença parecia fazer girar um turbilhão ao meu redor, uma correnteza contra as repartições do meu cubículo e se levantando até parecer que ele estava atrás de mim também. Minha pulsação se acelerou e me concentrei em Francis.

O ser desprezível se acomodou na mesa de Joyce e estava abrindo o botão da sua jaqueta azul de poliéster. Ele estava sorrindo ironicamente por mostrar sua perfeição, claramente tampando os dentes. Como eu observei, ele empurrou as mangas da sua jaqueta para cima para mostrar seus braços magros. Seu rosto triangular estava emoldurado por um cabelo na altura das orelhas, que era constantemente tirado dos olhos. Ele achava que o fazia parecer um charme de menino.

Eu achava que o fazia parecer como se estivesse acabado de acordar, embora fosse apenas três da tarde. Uma grossa barba por fazer escurecia seu rosto, o colarinho de sua camisa havaiana estava erguido intencionalmente em volta do pescoço. A piada que corria pelo escritório era que ele estava tentando parecer com Sonny Crockett, mas seus olhos eram estreitos e vinhos e seu nariz longo e fino demais para obter sucesso. Patético.

— Eu sei o que está acontecendo, Morgan — Denon disse, puxando minha atenção para ele. Ele tinha aquela voz baixa, gutural que só homens negros e vampiros tinham. É uma regra em algum lugar. Baixa e doce. Lisonjeadora. A promessa contida nela puxava minha pele apertada, e o medo corria por mim.

— Perdão? — Eu disse, contente que minha voz não se quebrou. Encorajada, eu encontrei seus olhos. Minha respiração ficou rápida, e fiquei tensa. Ele estava tentando puxar uma aura às três da tarde. Maldição.

Denon se inclinou sobre a repartição para descansar seus braços em cima. Seus bíceps se juntaram, fazendo as veias incharem. O cabelo atrás do meu pescoço se formigou, e eu lutei contra a vontade de olhar atrás de mim.

— Todos pensam que você esta indo embora por causa das atribuições inadequadas que tenho dado a você — ele disse, sua voz tranquila acariciando as palavras que saiam de seus lábios. — Eles estavam certos.

Ele se endireitou, e eu empurrei quando o plástico chiou. O castanho dos seus olhos tinha sumido inteiramente atrás de suas pupilas dilatadas. Dupla maldição.

— Eu tenho tentado me livrar de você pelos últimos dois anos, — ele disse. — Você não tem má sorte — Ele sorriu, me mostrando seus dentes humanos. — Você me compreende. Backup ruim, mensagens ilegíveis, vazamentos de suas partes, mas quando eu finalmente consegui que você saísse, você levou meu melhor caçador com você. — Seus olhos aumentaram intensamente. Eu forcei minhas mãos a se desapertar, e sua atenção se voltou a elas. — Nada bom, Morgan.

Não tinha sido eu, eu pensei, meu alarme hesitando na realização súbita. Não era eu. Todos aqueles erros não eram meus. Mas quando Denon se moveu para a lacuna nas paredes que era a minha porta houve um barulho deslizante de metal e plástico, eu me encontrei em pé e pressionada contra a minha mesa. Papéis esmagados e o mouse caiu da mesa balançando. Os olhos de Denon estavam negros. Minha pulsação martelava.

— Eu não gosto de você, Morgan — ele disse, sua respiração corria sobre mim com uma sensação pegajosa. — Eu nunca gostei. Seus métodos são vagos e descuidados, como os do seu pai. Incapaz de identificar que

aquele leprechaun não era de confiança. — Seu olhar estava distante, e eu descobri que estava segurando a respiração quando eles olharam e o entendimento parecia estar fora de alcance.

Por favor trabalhe, eu pensei desesperadamente. Meu desejo podia, por favor, funcionar? Denon se encostou perto, e eu cravei minhas unhas na minha palma para não fugir. Eu me forcei a respirar.

— Não era de confiança — ele disse de novo, como se tentasse imaginar isso. Mas então ele sacudiu a cabeça com um falso desanimo.

Minha respiração escapou assim que ele se retirou. Ele desviou o olhar, levando-o ao meu pescoço, onde eu sabia que minha pulsação martelava. Minha mão deslizou para cobri-lo, e ele sorriu como um amante a seu primeiro e único. Ele tinha somente uma cicatriz em seu lindo pescoço, eu me perguntei onde estava o resto.

— Quando você pisar na rua — ele sussurrou, — você é um jogo justo.

Choque se misturou ao meu alarme em uma mistura nauseante. Ele ia por minha cabeça a prêmio. — Você não pode... — eu gaguejei. — Você quer que eu vá embora.

Ele não se mexeu, mas apenas sua imobilidade fez meu medo aumentar. Meus olhos se arregalaram a sua puxada de ar lenta e seus lábios ficando cheios e vermelhos.

— Alguém vai morrer por isso, Rachel — ele sussurrou, o jeito que ele disse meu nome fez meu rosto congelar. — Eu não posso matar Tamwood. Então você vai ser quem vai sofrer por ela. Ele me olhou por baixo de sua sobrancelha. — Parabéns.

Minha mão caiu do meu pescoço assim que ele saiu vagarosamente do meu escritório. Ele não era tão tranquilo quanto Ivy. Essa era a diferença entre os de sangue superior e os de sangue inferior; aqueles nascidos vampiros e aqueles nascidos humanos e transformados. Uma vez no corredor, a ameaça pesada em seus olhos se dissipou. Denon puxou um envelope do seu bolso de trás e o atirou em minha mesa.

— Aproveite seu último pagamento, Morgan, — ele disse em voz alta, mais para os outros do que para mim. Ele se virou e foi embora.

— Mas se você quer que eu pare... — Eu sussurrei enquanto ele desaparecia no elevador. As portas se fecharam; a pequena seta vermelha apontando para baixo se acendeu. Ele tinha seu próprio chefe para contar. Denon tinha que estar brincando. Ele não iria colocar minha cabeça a prêmio por uma coisa tão estúpida como Ivy ir embora junto comigo. Ele iria?

— Que progresso, Rachel.

Joguei minha cabeça para cima ao som da voz anasalada. Eu tinha me esquecido de Francis. Ele deslizou da mesa de Joyce e se encostou à minha parede. Depois de ver Denon fazer a mesma coisa, o efeito era cômico. Devagar, eu me movi para minha cadeira giratória.

— Eu tenho esperado seis meses para você ganhar importância o suficiente para partir, — Francis disse. — Eu deveria saber que tudo que você precisava era ficar bêbada.

Uma onda de raiva levou embora o último dos meus medos, e eu voltei ao empacotamento. Meus dedos estavam frios, e eu tentei esfregá-los para aquecê-los de volta. Jenks apareceu e silenciosamente voou para o alto da minha planta.

Francis empurrou as mangas da sua jaqueta de volta aos cotovelos. Cutucando meu cheque com um único dedo, ele se sentou em minha mesa com um pé no chão.

— Levou mais tempo do que pensei, — ele zombou. — Ou você é realmente teimosa ou realmente estúpida. De qualquer forma, você está morta de verdade. — Ele fungou, fazendo um barulho áspero pelo seu nariz fino.

Eu bati uma gaveta, quase pegando seus dedos. — Onde você está tentando chegar, Francis?

— É Frank — ele disse, tentando parecer superior, mas parecendo que tinha um resfriado. — Não se incomode de esvaziar seus arquivos do computador. Eles são meus, como sua mesa.

Eu dei uma olhada no meu monitor com seu protetor de tela de um sapo de olho grande e esbugalhado. Tão frequente ele comeu uma mosca com o rosto de Francis nele.

— Desde quando os inflexíveis do andar de baixo deixam um feiticeiro levar um caso? — Eu perguntei, martelando na sua classificação. Francis não era bom o bastante para ser classificado como bruxo. Ele podia invocar um feitiço, mas não tinha o conhecimento para despertar um. Eu tinha, embora eu geralmente comprasse meus amuletos. Era mais fácil, e provavelmente mais seguro para mim e minha marca. Não era culpa minha se milhares de anos de estereotipagem colocavam mulheres como bruxas e homens como feiticeiros. Aparentemente, era o que ele queria me perguntar.

— Você não é a única que pode cozinhar, Rachel-sou-uma-moça. Eu consegui minha licença semana passada. — Encostando-se ele pegou uma caneta de minha caixa e a colocou de volta no porta lápis. — Eu seria um bruxo há muito tempo atrás. Eu só não queria sujar minhas mãos aprendendo como invocar um feitiço. Eu não devia ter esperado tanto tempo. É tão fácil.

Eu arranquei a caneta e enfiei no meu bolso de trás. — Bem, que bom para você. — Francis saltou para bruxo? Eu pensei. Eles devem ter baixado os padrões.

— Yup — Francis disse, limpando debaixo das unhas com uma das minhas adagas de prata. — Peguei sua mesa, todos os casos, e até mesmo seu carro da companhia.

Apanhando minha faca da sua mão, eu a atirei na caixa. — Eu não tenho um carro da companhia.

— Eu tenho. — Ele agitou a gola de sua camisa coberta de palmeiras como se estivesse muito contente com si mesmo. Eu fiz uma promessa de manter a minha boca fechada para que não lhe desse outra chance de vangloriar-se.

— Yeah, — ele disse com um suspiro exagerado. — Eu vou precisar dele. Denon me mandou entrevistar o vereador Trenton Kalamack na segunda. — Francis rinchou. — Enquanto você saiu errando em sua desvantagem miserável e se arrastando, eu guiei a caçada que chegou a dois quilos de Brimstone.

— Uma ação daquelas, — eu disse, pronta para estrangulá-lo.

— Não é a quantidade. — Ele agitou seus cabelos dos olhos. — Era quem estava levando.

Isso segurou meu interesse. O nome de Trent conectado a Brimstone?

— Quem? — eu disse.

Francis escorregou da minha mesa. Ele tropeçou e quase caiu em meus chinelos rosa felpudo que usava no escritório. Segurando-se, ele apontou seu dedo para baixo como se fosse uma pistola.

— Vigie suas costas, Morgan.

Esse foi meu limite. Virando o rosto, eu chutei meus sapatos, enfiando-os destramente sob os dele. Ele caiu com um uivo gratificante. Eu tinha meu joelho nas costas de seu horrível casaco de poliéster quando ele atingiu o chão. Minha mão bateu em meus quadris para pegar minhas algemas em falta.

Jenks animou-se, voando sobre as cabeças. O escritório ficou quieto depois do arfado do alarme. Ninguém iria interferir. Eles nem olharam para mim.

— Eu não tenho nada a perder, cozinheiro, — eu rosnei, me inclinando até que pudesse sentir seu suor. — Como você disse, eu já estou morta, então a única coisa que faz com que não arranque seus cílios agora mesmo é simples curiosidade. Eu vou lhe perguntar de novo. Quem você relacionou com Brimstone?

— Rachel, — ele choramingou, capaz de me bater no bumbum, mas com medo de tentar. — Você está em um profundo... Ow! Ow! — ele exclamou quando minhas unhas cravavam na parte de cima de seus cílios direito. — Yolin. Yolin Bates!

— A secretária de Trent Kalamack? — Jenks disse, pairando sob meu ombro.

— Yeah, — Francis disse, seu rosto arranhando a tapeçaria enquanto ele virava sua cabeça para me ver. — Ou melhor, seu último secretário. Droga, Rachel. Me solta!

— Ele está morto? — eu espanei meus jeans enquanto ficava em pé.

Francis estava carrancudo quando ficou em pé, mas ele estava tendo alguma alegria em me contar isso ou ele já teria saído. — É ela, não ele, — disse enquanto ajustava sua gola para ficar erguida. — Eles a encontraram dura como pedra em uma cela da I.S ontem. Literalmente. Ela era uma feiticeira.

Ele disse as últimas palavras com um tom condescendente e eu o dei um sorriso azedo. Que fácil é sentir desprezo por algo que você era somente há uma semana. Trent, eu pensei, sentindo meu olhar se distanciar. Se eu pudesse provar os negócios de Trent na Brimstone e dar ele para a I.S numa bandeja de prata, Denon seria obrigado a sair do meu pé. A I.S esteve atrás dele por anos enquanto a rede da Brimstone continuava a crescer. Ninguém nem ao menos sabia se ele era humano ou Inderlander.

— Meu Deus, Rachel, — Francis se queixou, tocando levemente sua face. — Você me deu um nariz sangrando.

Meus pensamentos clarearam, e eu o olhei zombando. — Você é uma bruxa. Vá despertar um feitiço. — Eu sabia que ele não podia fazer isso tão bem assim ainda. Ele teria que emprestar um do feiticeiro que ele costumava ser, e eu poderia jurar que isso o irritaria. Eu sorri quando ele abriu a boca para dizer alguma coisa. Pensando melhor, ele apertou seu nariz e saiu.

Houve um puxão quando Jenks pousava em meu brinco. Francis estava fazendo seu caminho de volta ao corredor com pressa, sua cabeça inclinada num ângulo estranho. A bainha de seu casaco esporte balançava com seu portão artificial, e não pude evitar minha risada contida quando Jenks cantarolava o tema de Miami Vice.

— Que musgo seco — o pixy disse enquanto voltava para minha mesa.

Minha carranca voltou enquanto eu forçava meu pote de louro para dentro da caixa com as minhas coisas. Minha cabeça doía, e eu queria ir pra casa e tirar uma soneca. Uma última olhada na minha mesa, tirei meus chinelos e os soltei na caixa. Os livros de Joyce continuavam em sua cadeira com uma nota dizendo que eu ligaria para ela mais tarde.

Pegar meu computador, eh? Eu pensei, parando para abrir um arquivo. Três cliques e fiz mais do que o impossível para mudar o protetor de tela sem arruinar o sistema inteiro.

— Eu estou indo para casa, Jenks, — eu sussurrei, dando uma olhada no relógio de parede. Era três e meia. Eu estava no trabalho há apenas meia hora. Parecia uma eternidade. Uma última olhada no andar que mostrava só cabeças baixas e costas. Era como se eu não existisse.

— Quem precisa deles, — eu murmurei, agarrando minha jaqueta das costas da minha cadeira e pegando meu cheque. — Hey! — eu gritei quando Jenks beliscou minha orelha. — Meu Deus, Jenks. Pare com isso!

— É o cheque, — ele disse. — Maldita seja mulher. Ele amaldiçoou o cheque!

Eu congelei. Soltando minha jaqueta na caixa, eu me inclinei sobre o envelope de aparência inocente. De olhos fechados, respirei fundo, procurando pelo cheiro de sequóia. Então eu senti o gosto no fundo da garganta procurando cheiro de enxofre que se estende sobre a magia negra. — Eu não sinto cheiro de nada.

Jenks deu um curto latido de risada. — Eu sinto. Tem que ser o cheque. É a única coisa que Denon lhe deu. Eu observei isso, Rachel. É negro.

Um enjoo flutuou por mim. Denon não podia estar falando serio. Ele não podia.

Eu dei uma olhada pela sala, sem encontrar ajuda. Preocupada, eu peguei meu vaso do lixo. Um pouco da água do Sr. Peixe caiu nela. Eu nivelei uma porção de sal no vaso, mergulhando meu dedo para provar, então acrescentei um pouco mais.

Satisfeita que a salinidade estava igual à do oceano, eu derrubei a mistura sobre o cheque. Se ele tivesse sido enfeitiçado, o sal quebraria.

Com uma efervescência repentina, o feitiço negro se dissolveu. Uma fumaça amarela e sulfúrica levantou para ser sugada pelos respiradouros. Choros de medo e nojo levantaram com ela. Houve uma pequena debandada quando todos corriam pelas portas. Mesmo preparada, o fedor de ovos podres pinicava nos meus olhos. O feitiço era horrível, feito para

mim já que Denon e Francis tinham tocado o envelope. Isso não ficaria assim.

Abalada, eu sai debaixo de minha mesa e olhei pelo andar deserto. — Está tudo bem agora? — eu perguntei em meio a uma tosse. Meu brinco se mexeu quando Jenks confirmou.

— Obrigada, Jenks.

Com o estômago agitado, eu lancei meu cheque gotejante na caixa e me espreitei pelos cubículos vazios. Parecia que Denon falou sério sobre a ameaça de morte. Completamente formidável.



Capítulo

04

— R a-a-a-achel-l-l-l, — cantarolou uma minúscula, irritante voz. Ela atravessou pela mudança de marchas e do engasgado gorgolejo do motor a diesel do ônibus. A voz de Jenks raspou em meu ouvido interior pior do que giz em um quadro negro e minha mão tremeu com o esforço para não agarrá-lo. Eu nunca tocara nele. O bestinha foi rápido demais.

— Eu não estou dormindo, — eu disse antes que ele pudesse fazer de novo. — Estou descansando meus olhos.

— Você vai descansar seus olhos e passar do seu ponto, Coisinha Gostosa. — Ele usou o apelido que o taxista da noite passada me deu, e eu abri uma pálpebra.

— Não me chame assim. — O ônibus virou uma esquina e eu segurei apertada a caixa que balançava no meu colo. — Eu tenho mais dois quarteirões, — eu disse rangendo os dentes. Eu expulsei a náusea, mas a dor de cabeça persistia. E eu sabia que eram dois quarteirões por causa do som dos treinos da Little League no parque abaixo do meu apartamento. Haveria outro depois do por do sol para os andarilhos noturnos.

Houve um arranhado de asas quando Jenks caiu do meu brinco e foi parar na caixa. — Querida mãe da Sininho! É para isso que eles pagam você? — ele exclamou. Meus olhos se abriram.

— Saia das minhas coisas! — eu agarrei meu cheque úmido e o enfiei no bolso da jaqueta. Jenks fez uma cara de gozação e eu esfreguei meu polegar com o outro dedo como se fizesse um barulho de alguma coisa. Ele entendeu a ideia tirou sua pantalone de seda roxa e amarela do meu alcance, acomodando-se no topo do assento na minha frente.

— Você não tem outro lugar para ir? — eu perguntei. — Como ajudar sua família a se mudar?

Jenks uivou de rir. — Ajudá-los a se mudar? De jeito nenhum. — Suas asas se agitaram. — Além disso, eu deveria farejar em volta de sua casa e ter certeza que tudo está bem antes de você explodir a si mesma quando tentar usar o John. — Ele riu histericamente, e várias pessoas olharam para mim. Eu dei de ombros.

— Pixy, obrigada, — eu disse amargamente. Uma fada guarda-costas. Denon riria até a morte. Eu estava em dívida com Jenks por ele ter encontrado o feitiço no cheque, mas a I.S não tinha tempo para fornecer nada mais. Eu imaginei que tinha poucos dias se ele estava realmente falando serio sobre isso. Mais isso provavelmente era do tipo «não deixe que o feitiço mate você no caminho».

Eu fiquei em pé quando o ônibus ia parar. Lutando com os degraus, eu cheguei ao final do sol da tarde. Jenks fez mais uns círculos irritantes em minha volta. Ele era pior do que um mosquito.

— Ótima casa, — ele disse sarcasticamente enquanto eu esperava o trânsito acabar para atravessar a rua para meu apartamento. Eu concordei silenciosamente. Eu vivia no subúrbio de Cincinnati, no que era uma boa vizinhança vinte anos atrás. O prédio de tijolos de quatro andares originalmente construído para homens universitários de classe alta. Ele teve suas festas finais, anos atrás e agora estava reduzido a isso.

As caixas de correio pretas, fixadas na varanda estavam amassadas e feias, algumas certamente quebradas. Eu pegava minha correspondência com a proprietária. Eu suspeitava que foi ela quem quebrou as caixas, assim ela podia separar as correspondências dos seus inquilinos no seu tempo livre. Havia uma fina faixa de gramado e dois arbustos esfarrapados de ambos os lados dos degraus largos. Ano passado, eu plantei sementes de mil-em-rama que tinha ganhado em uma promoção da Feitiço Semanal, mas o Sr. Dinky, o chihuahua do proprietário, as desenterrou – junto com a maioria do quintal. Pequenos torrões estavam por toda parte, parecendo um campo de batalha das histórias.

— E eu que pensava que minha casa era ruim, — Jenks sussurrou quando eu pulava o degrau com podre molhado.

Minhas chaves tiniram quando eu balancei a caixa e destravei a porta ao mesmo tempo. Uma pequena voz em minha cabeça vinha me dizendo a mesma coisa por anos. O cheiro de comida frita me atingiu

quando eu entrei na sala de estar, e meu nariz se franziu. O tapete verde de dentro e de fora tinha se amontoado nos degraus, surrado e desfiado. Sra. Baker tinha desapertado a lâmpada da escadaria de novo, mas o sol que transbordava pelo patamar da janela e caía no papel de parede de botões de rosa era suficiente para achar meu caminho.

— Hei, — Jenks disse enquanto eu ia para o andar de cima. — Aquela mancha no teto é da forma de uma pizza.

Eu olhei para cima. Ele estava certo. Engraçado, eu nunca percebi isso antes.

— E aquele amassado na parede? — ele disse quando chegamos a primeira porta. — É do tamanho da cabeça de alguém. Cara... Se essas paredes falassem...

Eu descobri que ainda podia sorrir. Espere até ele chegar ao meu apartamento. Havia uma depressão no chão da sala aonde alguém tinha feito uma lareira.

Meu sorriso sumiu quando eu rodeei o segundo patamar. Todas as minhas coisas estavam no corredor.

— Que diabos? — eu sussurrei. Chocada, eu coloquei minha caixa no chão e olhei do corredor para a porta da Sra. Talbu. — Eu paguei meu aluguel!

— Hei, Rachel? — Jenks disse do teto. — Onde está seu gato?

A raiva crescendo, eu encarei minha mobília. Parecia que ocupava um espaço maior quando estava amontoadas no corredor em seu carpete nojento. — Para onde ela escapou...

— Rachel! — Jenks gritou. — Onde está seu gato?

— Eu não tenho gato, — eu rosnava. Esse era um ponto delicado.

— Eu pensei que todas as bruxas tinham um gato.

Com os lábios franzidos, eu andei a passos largos pelo corredor. — Gatos fazem o Sr. Dinky espirrar.

Jenks voou junto a minha orelha. — Quem é Sr. Dinky?

— Ele. — Eu disse, apontando para a moldurada e enorme foto de um chihuahua branco pendurada do outro lado da porta da proprietária. O

cachorro de traseiro feio e olhos esbugalhados usava um laço daquele que os pais colocam nos bebês para você saber que é uma menina. Eu esmurrei a porta.

— Sra. Talbu? Sra. Talbu!

Haviam latidos abafados do Sr. Dinky e o som de unhas do lado de trás da porta, bruscamente seguido pelo guincho da proprietária para tentar fazer a coisa calar a boca. Sr. Dinky duplicou o barulho, arranhando o piso para cavar seu caminho até mim.

— Sra. Talbu! — eu gritei. — Por que minhas coisas estão no corredor?

— As palavras são suas, Coisinha Gostosa, — Jenks disse do teto. — Você está estragando os bens.

— Eu lhe disse para não me chamar assim! — eu gritei, batendo na porta dela com minha última palavra.

Eu ouvi uma batida de porta do lado de dentro, e os latidos do Sr. Dinky ficaram mais abafados e frenéticos.

— Vá embora, — disse uma voz fina e aguda. — Você não pode mais viver aqui.

As juntas da minha mão doeram e eu a massageei. — Você acha que eu não posso pagar meu aluguel? — eu disse, sem me importar que o andar inteiro pudesse me ouvir. — Eu tenho dinheiro, Sra. Talbu. Você não pode me colocar para fora. Eu tenho seis meses de aluguel aqui. — Eu puxei meu cheque encharcado e balancei para a porta.

— Eu troquei sua fechadura, — Sra. Talbu cantarolou. — Vá embora antes que você seja morta.

Eu encarei a porta sem acreditar. Ela descobriu sobre a ameaça da I.S? E o papel de velha senhora era fingido. Ela berrava claro o bastante através da minha parede quando ela achava que eu tocava a música alta demais.

— Você não pode me evitar! — Eu disse desesperadamente. — Eu tenho os meus direitos.

— Bruxas mortas não tem direitos, — Jenks disse da luminária.

— Dane-se, Sra. Talbu! — eu gritei para a porta. — Eu não estou morta ainda! E meu depósito caução? — Eu perguntei, e a porta permanecia silenciosa. Meu humor mudou para uma lenta e calma queimação, uma que poderia durar dias. — Sra. Talbu, — eu disse em voz baixa. — Se você não me der o saldo deste mês de aluguel e meu depósito caução, eu vou sentar bem aqui na frente da sua porta. — Eu parei para ouvir. — Eu vou sentar aqui até que eles me enfeiticem. Eu provavelmente irei explodir bem aqui. Vai fazer uma mancha sangrenta grande no seu carpete que não vai sair. E você terá que olhar para essa mancha sangrenta todos os dias. Está me ouvindo, Sra. Talbu? — Eu ameacei em voz baixa. — Pedacos de mim ficarão no teto do seu corredor.

Houve um arfado. — Oh meu, Dinky, — Sra. Talbu berrou. — Onde está meu talão de cheques?

Eu olhei para Jenks e sorri amargamente. Ele me fez sinal de positivo. Ouve um ruído, seguido de um momento de silêncio e um som distinto de papel se rasgando. Eu me perguntei o porquê ela se incomodaria com o papel de velha senhora. Todo mundo sabia que ela era mais dura do que estrume de dinossauro petrificado e iria sobreviver mais que todos nós. Nem a morte a queria.

— Eu estou falando para você espertinha, — Sra. Talbu gritou pela porta. — Você não encontrará lugar nenhum para alugar na cidade toda.

Jenks lançou-se para baixo quando um borrão branco foi empurrado por debaixo da porta. Depois de pairar sobre ele por um momento, ele acenou como se estivesse tudo bem. Eu o peguei e li a quantia.

— E meu depósito caução? — eu perguntei. — Você quer vir comigo até meu apartamento e vistoriá-lo? Ter certeza que não há buracos de unha nas paredes ou runas embaixo do tapete?

Houve uma maldição abafada, seguida por mais arranhadas e outro deslizamento branco apareceu. — Saia do meu prédio, — Sra. Talbu berrou, — antes que eu solte o Sr. Dinky em você!

— Eu também amo você, morcego velho. — Eu peguei minha chave do meu chaveiro e a soltei. Com raiva, porém satisfeita, eu agarrei meu segundo cheque.

— Eu sei de um cara que tem um armazém. — Jenks parecia surpreendentemente solidário, e eu olhei para cima enquanto apertava meus cotovelos. — Se eu pedir a ele, ele virá buscar e levar tudo embora para você. Você pode dissolver os feitiços depois. — Ele hesitou, olhando sobre meus discos de música cuidadosamente acomodados em minha tigela de feitiços de cobre.

Eu concordei, abaixando contra a parede e deslizando até que meu traseiro atingisse o chão. Minhas roupas, meus sapatos, minha música, meus livros... Minha vida!

— Oh não, — Jenks disse suavemente. — Eles enfeitiçaram seu disco do Melhor de Takata.

— É autografado, — eu suspirei e o zumbido de suas asas se afastou. O plástico sobreviveria a uma imersão em água salgada, mas a capa de papel ficaria arruinada. Eu imaginei se eu escrevesse para Takata se ele me enviaria outro. Ele poderia se lembrar de mim. Nós passamos uma noite louca perseguindo sombras nas ruínas dos antigos biolaboratórios de Cincinnati. Eu acho que ele fez uma canção sobre isso. “Ascensão da lua nova, vista oculta, sombras de fé que fazem uma vacina arriscada.” Ela alcançou o topo das vinte mais por dezesseis semanas diretas. Minha sobrelha se enrugou.

— Há alguma coisa que eles não enfeitiçaram? — eu perguntei.

Jenks pousou na agenda de telefone e deu de ombros. Tinha ficado aberta no médico legista.

— Cresça. — Com o estômago dando nó, eu me levantei. Meus pensamentos dançaram para o que Ivy tinha dito noite passada sobre Leon Bairn. Pequenos pedaços de bruxo tinham espirrado por toda sua varanda. Eu engoli seco. Eu não podia ir para casa. Como eu iria pagar Denon?

Minha cabeça começou a doer de novo. Jenks pousou em meu brinco, mantendo sua grande boca calada enquanto eu pegava minha caixa de papelão e descia para o andar de baixo. As primeiras coisas primeiro.

— Qual é o nome do cara que você conhece? — eu perguntei quando cheguei a sala de estar. — Aquele do armazém? Se eu der algo extra a ele, ele vai dissolver minhas coisas?

— Se você disser a ele como fazer. Ele não é um bruxo.

Eu pensei, lutando para reagrupar. Meu celular estava em minha bolsa, mas a bateria estava fraca. O carregador estava em algum lugar em minhas coisas enfeitiçadas.

— Eu posso ligar para ele do escritório, — eu disse.

— Ele não tem telefone. — Jenks deslizou do meu brinco, voando de costas ao nível dos olhos. A fita de sua asa tinha se esfiapado, e eu me perguntei se devia me oferecer para consertá-la. — Ele mora no Hollows, — Jenks adicionou. — Eu vou pedir a ele por você. Ele é tímido.

Eu alcancei a maçaneta, então hesitei. Colocando as costas na parede, eu empurrei para o lado a cortina amarela desbotada de sol para espiar pela janela. O quintal desleixado permanecia quieto na tarde de sol, vazio e parado. O ronco de um cortador de grama e o ruído dos carros passando estavam abafados pelo vidro. Com lábios apertados, eu decidi que eu esperaria até que eu ouvisse o ônibus chegando.

— Ele gosta de grana, — Jenks disse, descendo para ficar na soleira. — Eu vou trazê-lo ao escritório depois que ele guardar suas coisas.

— Você quer dizer, se tudo que não sumir por conta própria, — eu disse, mas sabia que tudo estava racionalmente seguro. Feitiços, especialmente os negros, deviam ser direcionados especificamente, mas nunca se sabe. Ninguém se arriscaria a extinção por minhas coisas baratas.

— Obrigada, Jenks. — Essa era a segunda vez agora que ele salvava o meu traseiro. Isso me deixou desconfortável. E um pouco culpada.

— Hei, isso é o que parceiros fazem, — ele disse, não ajudando muito.

Sorrindo superficialmente ao seu entusiasmo, baixei minha caixa para esperar.

Capítulo 05

O ônibus estava quieto, já que a maioria do tráfego estava saindo do Hollows neste horário. Jenks havia saído pela janela pouco depois que atravessamos o rio em Kentucky. Ele achava que a I.S não iria atrás de mim em um ônibus cheio de testemunhas. Eu não estava pronta para acreditar, mas não iria lhe pedir para ficar comigo, também.

Eu havia passado o endereço para o motorista, e ele concordou em me dizer quando estivéssemos lá. O humano era magrelo, seu uniforme azul desbotado largo, apesar dos waffles de baunilha que ele estava enfiando na boca como balinhas.

A maioria dos motoristas de transporte público de Cincinnati estava confortável com Inderlanders, mas não todos. A reação da humanidade diante de nós variava muito. Alguns tinham medo, outros não. Alguns queriam ser como nós, outros queriam nos matar. Alguns tiravam vantagem das taxas mais baixas e moravam no Hollows, mas a maioria não fazia isto.

Pouco depois da Virada, uma migração inesperada aconteceu, quando quase todos os humanos que podiam pagar mudaram-se bem para dentro das cidades. Os psicólogos da época chamaram de “síndrome de agrupamento” e, na prática, o fenômeno nacional era compreensível. Inderlanders estavam mais do que ansiosos para agarrar as propriedades nos arredores, atraídos pela perspectiva de um pouco mais de terra para chamar de sua, sem mencionar a queda drástica dos preços das casas.

As populações só agora estão se igualando, à medida que prósperos Inderlanders se mudam de volta para a cidade, e os humanos mais pobres, e mais informados, decidem que preferem viver em um bom bairro Inderlander do que em um bairro horrível de humanos. Geralmente, porém, com exceção da pequena região ao redor da universidade, humanos moravam em Cincinnati, e Inderlanders do outro lado do rio, no Hollows, mas existem diferenças perigosas, e qualquer Inderlander acima de

cinquenta anos passou sua juventude as disfarçando, uma tradição que continua ainda hoje.

As casas são modestas, pintadas de branco, amarelo, e ocasionalmente rosa. Não há casas assombradas, com exceção do Castelo da Terra do Amor, quando o transformam na casa mais assombrada de qualquer lado do rio em Outubro. Existem conjuntos de swing, piscinas desmontáveis, bicicletas nos gramados, e carros estacionados na calçada. É preciso um olho afiado para perceber que as flores são arranjadas em hexes contra magia negra, e as janelas dos porões normalmente são cimentadas. A realidade selvagem e perigosa só floresce nas profundezas da cidade, onde as pessoas se reúnem e as emoções correm desenfreadas: parques de diversão, boates, bares, igrejas. Nunca nossas casas.

E é quieto mesmo a noite, quando todos seus cidadãos estão de pé. Sempre foi a quietude que os humanos percebiam primeiro, os colocando no limite e jogando seus instintos a toda.

Eu notei minha tensão se dissipando enquanto olhava pela janela e contava as janelas negras, à prova de luz. A quietude do bairro parecia entrar no ônibus. Até as poucas pessoas ali haviam ficado quietas. Havia alguma coisa sobre o Hollows que dizia “lar”.

Meu cabelo voou para frente quando o ônibus parou. Na beirada, eu estremeci quando o cara atrás de mim esbarrou em meu ombro quando se levantou. Botas batendo, ele desceu os degraus para o sol. O motorista falou que minha parada era a próxima, e eu me ergui enquanto o homem gentil ia para uma faixa lateral para que eu pudesse descer na calçada. Desci para a sombra irregular, de pé com os braços ao redor da caixa, e tentando não respirar a fumaça enquanto o ônibus ia embora. Ele desapareceu ao redor de uma esquina, levando seu barulho e os últimos vestígios de humanidade com ele.

Lentamente, tudo ficou quieto. O som de pássaros surgiu. Em algum lugar por perto havia crianças chamado – não, crianças gritando, – e o latido de um cachorro. Runas multicoloridas desenhadas com giz decoravam a calçada trincada e uma boneca esquecida, com presas pintadas, sorria para mim. Havia uma pequena igreja de pedra do outro lado da rua, seu campanário se erguendo bem acima das árvores.

Eu me virei nos calcanhares, encarando o que Ivy havia alugado para nós: uma casa de um andar que podia ser facilmente convertida em um escritório. O telhado parecia novo, mas a argamassa da chaminé estava desmoronando. Havia grama na frente, parecendo ter sido aparada na semana anterior. Tinha até mesmo uma garagem, a porta aberta mostrando um cortador de grama.

Vai servir, – pensei enquanto abria o portão para a cerca de arame envolvendo o terreno. Um velho homem negro estava sentado no alpendre, curtindo à tarde. O senhorio? Imaginei, sorrindo. Eu me perguntei se ele seria um vampiro, uma vez que usava óculos escuros no sol de fim de tarde. Ele parecia desalinhado, mesmo com a barba feita, o cabelo crespo ficando grisalho nas têmporas. Havia lama em seus sapatos, e também um pouco nos joelhos de seu jeans azul. Ele parecia desgastado e cansado, largado de lado como um cavalo de arado desejoso de mais uma temporada. Ele colocou um copo alto na grade do alpendre quando vim pelo caminho.

— Não quero, — ele falou, enquanto tirava os óculos e os guardava em um bolso da camisa. Sua voz era ríspida.

Hesitante, eu o encarei do começo das escadas. — Me desculpe?

Ele tossiu, limpando a garganta. — O que quer que você esteja vendendo nessa caixa. Não quero. Já tenho velas de maldições, doces, e revistas o suficiente. E não tenho dinheiro para uma nova calçada, purificador de água, ou estufa.

— Não estou vendendo nada, — falei. — Sou sua nova inquilina.

Ele se sentou mais acertadamente, de alguma forma fazendo com que parecesse ainda mais desalinhado. — Inquilina? Ah, você quer dizer do outro lado da rua.

Confusa, eu mudei a caixa para o outro lado em quadril. — Aqui não é Cajado de Carvalho, 1597, é?

Ele riu. — É do outro lado da rua.

— Desculpe o incômodo. — eu falei, me virando para ir embora.

— Claro, — o homem falou, e eu parei, sem querer ser rude. — Os números são ao contrário nessa rua. Números ímpares estão do lado errado.

Ele sorriu, apertando as rugas ao redor de seus olhos. — Mas não me perguntaram quando colocaram os números. — ele estendeu a mão. — Sou Keasley, — ele falou, esperando que eu subisse os degraus para apertar sua mão.

Vizinhos, pensei, rolando os olhos. É melhor ser gentil. — Rachel Morgan — falei, balançando seu braço uma vez. Ele sorriu, batendo no meu ombro de forma paternal. A força do seu aperto era surpreendente, assim como o cheiro de pau-brasil vindo dele. Ele era um bruxo, ou no mínimo um feiticeiro. Desconfortável com seu show de familiaridade, eu recuei um passo quando ele me soltou. Era mais fresco na varanda, e eu me sentia alta sob o teto baixo.

— Você é amiga da vampira? — ele perguntou, indicando o outro lado da rua com o queixo.

— Ivy? Sim.

Ele assentiu lentamente, como se fosse importante. — Vocês saíram do trabalho juntas?

Eu pisquei. — As notícias voam.

Ele riu. — Sim, elas fazem isso.

— Não tem medo de que eu vá ser enfeitiçada na sua varanda e te levar comigo?

— Não. — Ele se inclinou para trás na sua cadeira de balanço e pegou seu copo. — Eu tirei este de você. — Ele levantou um pequeno amuleto autoadesivo entre os dedos indicador e polegar. Enquanto meus lábios se abriam, ele o jogou dentro do copo. O que eu pensei que fosse limonada ferveu quando o feitiço se dissolveu. Fumaça amarela subiu, e ele balançou a mão dramaticamente.

— Meu Deus, esse era sórdido.

Água salgada? Ele sorriu diante do meu choque óbvio.

— O cara no ônibus... — eu gaguejei, enquanto recuava da varanda. O enxofre amarelo veio pela escada, como se tentando me encontrar.

— Foi um prazer conhecê-la, Srta. Morgan, — o homem falou, enquanto eu tropeçava na calçada e sob o sol. — Uma vampira e um pixy podem te manter viva por alguns dias, mas não se não for mais cuidadosa.

Meus olhos se viraram para a rua, procurando o ônibus que já havia sumido. — O cara no ônibus...

Keasley assentiu. — Você está certa de que não vão tentar nada quando houver testemunhas, ou pelo menos, não a princípio, mas precisa estar atenta para amuletos que não vão ser ativados até que esteja sozinha.

Eu havia me esquecido sobre feitiços programados. E onde Denon estava conseguindo o dinheiro? Meu rosto se contorceu quando entendi, o dinheiro do suborno de Ivy estava pagando minha ameaça de morte. Maravilha.

— Estou em casa o dia todo, — Keasley estava dizendo. — Passe aqui se quiser conversar. Não saio muito atualmente. Artrite. — Ele deu uma tapa no seu joelho.

— Obrigada, — falei. — Por achar aquele feitiço.

— Foi um prazer — ele falou seu olhar no teto da varanda e no cata-vento que rodava lentamente.

Meu estômago estava embrulhando enquanto eu caminhava de volta para a rua. Será que a cidade inteira sabia que eu tinha saído? Talvez Ivy tivesse conversado com ele. Eu me senti vulnerável na rua vazia. Tensa, atravessei a rua procurando pelos números das casas.

— Mil quinhentos e noventa e três, — murmurei, com um olhar para a pequena casa amarela com duas bicicletas caídas na grama. — Mil seiscentos e um, — falei, olhando para a bem cuidada casa de tijolos do outro lado. Meus lábios se franziram. A única coisa entre eles era aquela igreja de pedra. Eu congelei. Uma igreja?

Um zumbido áspero passou por meus ouvidos, e eu me abaixei instintivamente.

— Ei Rachel! — Jenks parou abruptamente, logo fora do meu alcance.

— Que droga, Jenks! — eu gritei, corando quando ouvi o velho rindo. — Não faça isso!

— Já arrumei suas coisas, — Jenks falou. — Eu o fiz colocar tudo em blocos.

— É uma igreja, — eu falei.

— Que merda, Sherlock. Espere até ver o jardim.

Eu permaneci imóvel. — É uma igreja.

Jenks pairou, esperando por mim. — Há um quintal enorme nos fundos. Ótimo para festas.

— Jenks, — eu falei, através de dentes cerrados. — É uma igreja. O quintal é um cemitério.

— Não ele todo. — Ele começou a voar impacientemente. — E não é mais uma igreja. Foi uma creche pelos últimos dois anos. Ninguém foi enterrado lá desde a Virada.

Eu continuei parada o encarando. — Eles removeram os corpos?

Seus voos malucos pararam, e ele pairou imóvel. — Claro que removeram os corpos. Você acha que sou estúpido! Você acha que eu ia morar onde houvesse humanos mortos? Deus me ajude. Os insetos saindo deles, doenças, vírus, e lixo emporcalhando o solo e entrando em tudo!

Eu ajustei meus braços ao redor da caixa, atravessando a rua sombreada, e subindo os degraus largos da igreja. Jenks não fazia ideia se os corpos haviam sido removidos. Os degraus de pedra cinzenta estavam curvados no centro, resultado de décadas de uso, e eram escorregadios. Um deles tinha uma placa parafusada nele.

— Creche da Donna, — eu murmurei, lendo a inscrição. Eu puxei uma porta para abri-la, surpresa com a força que precisei usar. Não havia nem mesmo uma fechadura, apenas um ferrolho deslizando por dentro.

— Claro que removeram os corpos, — Jenks falou, e então voou rapidamente pela igreja. Eu apostaria cem que ele estava indo para o quintal investigar.

— Ivy? — gritei, tentando fechar a porta atrás de mim. — Ivy, está aí? — O eco da minha voz voltou do ainda não visto santuário, um som tranquilo, mas espesso como vitral. O mais perto que eu havia chegado de uma igreja, desde a morte do meu pai, havia sido para ler as frases acertadas de todos aqueles sinais iluminados por trás que todas elas põem na grama, diante da entrada. O saguão estava escuro, não tendo nenhuma janela e com painéis de madeira negra. Eu coloquei a caixa no chão de madeira e ouvi o som verde e âmbar deslizando diante do santuário.

— Já vou descer! — veio o grito distante de Ivy. Ela soava quase alegre, mas onde na terra ela estava? Sua voz vinha de todo e de nenhum lugar ao mesmo tempo.

Houve o clique suave de uma fechadura e Ivy saiu de detrás de um painel. Uma escada estreita em espiral subia atrás dela.

— Coloquei minhas corujas no campanário, — ela falou. Seus olhos castanhos estavam mais vivos do que jamais os havia visto. — É perfeito para armazenamento. Muitas estantes e prateleiras de secagem. Mas alguém deixou suas coisas lá. Quer dar uma olhada nelas comigo depois?

— É uma igreja, Ivy.

Ivy parou. Seus braços se cruzaram, e ela olhou para mim, sua face subitamente vazia.

— Tem pessoas mortas no quintal, — completei, e ela foi para dentro do santuário. — Dá pra ver os túmulos da rua, — continuei enquanto a seguia para dentro.

Os bancos haviam desaparecido, assim como o altar, deixando apenas um cômodo vazio e um palco ligeiramente elevado. A mesma madeira negra fez um lambril que corria abaixo das altas janelas com vitrais, que não se abriam. Uma sombra desbotada permanecia na parede, onde uma cruz enorme costumava estar dependurada. O teto tinha três andares de altura, e eu mandei meu olhar para a trave aberta, pensando que seria difícil manter esta sala quente no inverno. Não era nada mais que um espaço aberto, despojado... Mas o vazio gritante parecia acrescentar ao sentimento de paz.

— Quanto vai custar? — perguntei lembrando que deveria estar com raiva.

— Setecentos por mês, contas, ah... Incluídas, — Ivy falou quietamente.

— Setecentos? — eu hesitei surpresa. Isso daria trezentos e cinquenta para mim. Eu estava pagando quatrocentos e cinquenta na cidade alta, pelo meu castelo de um quarto. Isso não era ruim. Não era ruim mesmo. Especialmente se tinha um quintal. Não, eu pensei meu mau humor retornando. Era um cemitério.

— Onde está indo? — falei quando Ivy andou para longe. — Estou falando com você.

— Vou pegar um copo de café. Quer um? — Ela desapareceu por trás da porta no fundo do palco elevado.

— Ok, então o aluguel é barato, — eu falei. — Foi isso que eu disse que queria, mas é uma igreja! Você não pode ter uma empresa em uma igreja!

Fumegando, eu a segui através dos banheiros ele-e-ela opostos. Mais à frente estava uma porta à direita. Eu dei uma olhada depois dela para encontrar um quarto vazio de bom tamanho, o chão e paredes suaves me devolvendo um eco de minha respiração. Uma janela com vitral de santos estava sendo mantida aberta por uma vara, para arejar o local e eu podia ouvir os pardais discutindo do lado de fora. O cômodo parecia ter sido um escritório algum dia, modificada para acomodar berços de bebês. O chão estava empoeirado, mas a madeira estava sólida sob os arranhões leves.

Satisfeita, eu dei uma olhada pela porta do outro lado do saguão. Havia uma cama arrumada e caixas vazias. Antes que eu pudesse ver mais, Ivy alcançou à minha frente e fechou a porta.

— São suas coisas, — eu falei a encarando.

O rosto de Ivy estava vazio, me gelando mais do que se ela estivesse colocando uma aura. — Vou ter que ficar aqui até conseguir alugar um quarto em algum lugar. — Ela hesitou, colocando seu cabelo negro atrás de uma orelha. — Algum problema?

— Não, — falei suavemente, fechando meus olhos em uma piscada longa. Pelo amor de santa Filomena. Eu teria que morar no escritório até me acertar. Meus olhos se abriram, e eu fui surpreendida pela expressão estranha de Ivy, uma mistura de medo e... Antecipação?

— Vou ter que ficar aqui também, — falei, não gostando nem um pouco disso, mas não vendo nenhuma outra opção. — Meu senhorio me expulsou. A caixa na porta da frente é tudo que tenho até conseguir desfeitiçar minhas coisas. A I.S enfeitiçou tudo no meu apartamento com magia negra, quase conseguiram me atingir no ônibus. E, graças ao meu senhorio, ninguém nos limites da cidade vai alugar para mim. Denon

colocou um contrato em mim, exatamente como você falou. — Eu tentei manter a lamúria fora da minha voz, mas estava lá.

Aquela luz estranha ainda estava nos olhos de Ivy e eu me perguntei se ela havia me contado a verdade sobre ser uma vampira não praticante.

— Você pode ficar com a sala vazia, — ela falou sua voz cuidadosamente plana.

Eu assenti tensa. Ok, eu pensei, respirando fundo. Eu estava morando em uma igreja – com corpos no quintal –, uma ameaça de morte da I.S e uma vampira do outro lado do saguão. Eu me perguntei se ela iria perceber se eu colocasse uma tranca por dentro da minha porta. Eu me perguntei se ia fazer diferença.

— A cozinha é aqui atrás, — ela falou, e eu a segui e ao cheiro de café. Meu queixo caiu quando contornei o arco aberto, e esqueci-me de estar com raiva novamente.

A cozinha tinha metade do tamanho do santuário, tão completamente equipada e moderna quanto o santuário era vazio e medieval. Havia metal e cromo brilhantes, e luzes fluorescentes fortes. O refrigerador era enorme. Um fogão a gás e um forno estavam em um canto do cômodo; um fogão elétrico estava na outra ponta. Centrado no meio de tudo estava uma ilha de aço inoxidável com prateleiras vazias em baixo. A prateleira sobre ela estava cheio de utensílios de metal, panelas e tigelas. Era a cozinha dos sonhos de uma bruxa; eu não teria que fazer meus feitiços e o jantar no mesmo fogão.

Com exceção da mesa e cadeiras de madeira desgastada em um canto, a cozinha parecia uma que você veria em um programa de culinária. Uma ponta da mesa estava arrumada como uma mesa de computador, um monitor widescreen piscando furiosamente para si mesmo – como se estivesse em um ciclo pelas linhas abertas para encontrar e tomar a melhor conexão para a Internet. Era um programa caro, e minhas sobrancelhas se ergueram. Ivy limpou a garganta enquanto abria um armário ao lado da pia. Havia três canecas desencontradas na prateleira debaixo; além delas, o armário estava vazio.

— Eles montaram a nova cozinha cinco anos atrás para o departamento de saúde, — ela falou, puxando minha atenção de volta para

ela. — A congregação não era muito grande, então quando tudo já estava feito, eles não conseguiam pagar. É por isso que estão alugando. Para pagar o banco.

O som do café ficando pronto encheu a cozinha enquanto eu corri meu dedo sobre o metal sem defeitos no balcão da ilha central. Ele nunca havia visto uma única torta de maçã ou cookie de domingo.

— Eles querem sua igreja de volta, — Ivy falou, parecendo magra enquanto se apoiava no balcão com sua caneca em suas mãos pálidas. — Mas estão morrendo. A igreja, eu quero dizer, — acrescentou quando encontrei seus olhos. — Nenhum novo membro. É triste, realmente. A sala é aqui atrás.

Não sabia o que dizer então eu mantive minha boca fechada e a segui pelo corredor através de uma porta apertada no fim do saguão. A sala era confortável e mobiliada com tanto bom gosto que eu não tinha dúvidas de que aquelas coisas eram de Ivy. Era a primeira suavidade e calor que eu havia visto no lugar – mesmo que tudo estivesse em tons de cinza e as janelas eram de vidro simples. Paraíso. Eu senti minha tensão diminuir. Ivy pegou um controle remoto e jazz da meia noite tomou existência. Talvez isto não fosse ser tão ruim.

— Eles quase te acertaram? — Ivy jogou o controle na mesa de café e se sentou em uma das voluptuosas cadeiras de camurça cinza, ao lado da lareira vazia. — Você está bem?

— É, — admiti amargamente, parecendo afundar até minhas canelas no caro tapete. — Isso tudo é seu? Um cara esbarrou em mim e me colocou um feitiço que não ia ser invocado até que não houvesse testemunhas ou acasos. Não acredito que Denon está falando sério sobre isso. Você estava certa. — Eu trabalhei duro para manter minha voz casual, de forma que Ivy não percebesse o quanto eu estava abalada.

Inferno, eu não queria saber o quanto eu estava abalada. Eu ganharia o dinheiro para pagar meu contrato de alguma forma.

— Por sorte o velho do outro lado da rua o tirou de mim. — Eu peguei uma foto de Ivy e um labrador dourado. Ela estava sorrindo de forma a mostrar os dentes, eu contive um arrepio.

— Que velho? — Ivy perguntou rapidamente.

— Do outro lado da rua. Ele estava observando você. — Eu baixei a estrutura de metal e ajustei o descanso da cadeira oposta a ela e sentei. Móvel combinando, que agradável. Um velho relógio soou suave. Havia uma Tv widescreen com uma entrada para CD player em um dos cantos. O leitor de discos abaixo tinha todos os botões corretos. Ivy conhecia eletrônica.

— Eu trarei minhas coisas assim que elas estiverem diluídas, — eu disse, então estremei, pensando em quão baratas minhas coisas pareceriam perto das dela. — O que sobreviver ao mergulho, — acrescentei.

Sobreviver ao mergulho? Pensei de repente, fechando meus olhos e esfregando minha testa.

— Ah não, — eu disse baixinho. — Eu não posso dissolver meus encantos.

Ivy apoiou sua xícara em um joelho enquanto folheava uma revista. — Hã?

— Encantos, — eu meio que gemi. — A I.S jogou magia negra em meu estoque de encantos. Mergulhá-los em água salgada para quebrar o feitiço irá arruiná-los. E eu não posso comprar mais. — Fiz uma careta para o olhar branco dela. — Se a I.S pegou meu apartamento, tenho certeza de que eles estiveram na loja, também. Eu deveria ter comprado um monte ontem antes de eu sair, mas eu não pensei que iriam se importar com minha partida. — Eu distraidamente ajustei a sombra do abajur. Eles não se importaram até Ivy sair comigo. Deprimida, joguei minha cabeça, olhando para o teto.

— Eu pensei que você já soubesse como fazer feitiços, — Ivy disse cuidadosamente.

— Eu sei, mas é um “pé no saco”. E onde eu vou conseguir os materiais? — Fechei meus olhos miseravelmente. Eu terei que fazer todos os meus encantamentos.

Houve um farfalhar de papel e eu levantei minha cabeça para ver Ivy ler compenetradamente sua revista. Havia uma maçã e Branca de Neve na capa. Branca de Neve usava um espartilho de couro cortado para mostrar seu umbigo. Uma gota de sangue brilhava como uma jóia no canto da boca. Isso deforma toda a visão do conto de fadas. Sr. Disney ficaria horrorizado.

A menos, é claro, que ele tenha sido um Inderlander. Isso explicaria muita coisa.

— Você não pode apenas comprar o que precisa? — Ivy perguntou.

Eu endureci com o toque de sarcasmo na voz dela. — Sim, mas tudo terá de ser mergulhado em água salgada para se certificar de que não foi adulterado. Vai ser quase impossível de se livrar de todo o sal, e que fará o mix errado.

Jenks zumbiu para fora da lareira com uma nuvem de fuligem e um gemido irritante. Fiquei imaginando quanto tempo tinha estado ouvindo na lareira. Ele aterrissou em uma caixa de tecido limpo e um ponto fora de sua asa, parecendo um cruzamento entre uma libélula e um gato em miniatura.

— Meu Deus! Não estamos obcecados, — disse ele, respondendo à minha pergunta se ele tinha ficado bisbilhotando.

— Tenha a I.S tentando te pegar com magia negra e veja se você não vai se torna um pouco paranóico. — Ansiosa, eu golpeei a caixa que ele estava sentado ate que ele estivesse no ar.

Ele pairou entre mim e Ivy. — Ainda não viu o jardim, viu Sherlock?

Joguei o travesseiro nele, ele facilmente se desviou. Acertou a lâmpada ao lado de Ivy e ela casualmente estendeu a mão e o apanhou antes de cair no chão. Ela nunca olhou acima de sua revista, nunca derramou uma gota de seu café empoleirado em seu joelho. O cabelo no meu pescoço se arrepiou.

— Não me chame assim também, — Eu disse para cobrir o meu constrangimento. Ele olhou positivamente presunçoso enquanto ficava na minha frente. — O que? — Eu disse depreciativa. — O jardim tem mais do que ervas daninhas e mortos?

— Talvez.

— Mesmo? — Isso seria a primeira coisa boa a me acontecer hoje, e eu me levantei para olhar pela porta traseira. — Você vem? — Eu perguntei a Ivy estendendo minha mão em punho.

Sua cabeça estava inclinada sobre uma página de cortinas de couro. — Não, — ela disse claramente desinteressada.

Por isso, foi Jenks que me acompanhou pela porta dos fundos para o jardim. O sol se pondo era arrebatador e forte, fazendo com que os aromas claros como ele elevassem a umidade do solo. Havia uma Rowan em algum lugar – cheirei profundamente –, bétulas e carvalhos. Deveria ser as crianças de Jenks que os estavam arremessando ruidosamente, perseguindo uma borboleta amarela sobre os montes altos da vegetação. Bancos de plantas cobriam as paredes da igreja e ao redor da cerca de pedra. O muro alto passava completamente ao redor da propriedade para isolar diplomaticamente a igreja dos vizinhos.

Outro muro era baixo o suficiente para passar por cima do jardim separado do pequeno cemitério. Eu entortei os olhos, vendo algumas plantas entre a grama alta e as lápides, mas apenas aqueles que se tornaram mais potentes cresceram entre os mortos. Quanto mais eu olhava, mais ficava impressionada. O jardim estava completo. Mesmo as raridades estavam lá.

— É perfeito, — Eu suspirei, correndo os dedos por um ramo de erva-cidreira. — Tudo que eu poderia precisar. Como isso tudo foi parar aqui?

A voz de Ivy veio logo atrás de mim. — De acordo com a velha senhora...

— Ivy! — Eu disse, me virando para vê-la parada e quieta no caminho de um raio de Sol âmbar da tarde. — Não faça isso! — Vampira assustadora, eu pensei. Eu deveria colocar um sino nela.

Ela apertou seus olhos sob sua mão e a levantou contra a luz. — Ela disse que seu último ministro era um bruxo. Ele criou o jardim. Posso retirar cinquenta do aluguel se o deixarmos do jeito que esta.

Eu olhei para o tesouro. — Eu farei isso.

Jenks voou para cima de um ramo de violetas. Sua calça roxa tinha manchas de pólen sobre ela, o que também correspondia a sua camisa amarela.

— Trabalho manual? — ele questionou. — Com as unhas de vocês?

Olhei para o perfeito oval vermelho de minhas unhas feitas. — Isso não é trabalho, é terapia.

— Tanto faz. — Sua atenção se voltou para seus filhos, e ele cruzou o jardim para resgatar a borboleta que eles estavam perseguindo.

— Você acha que tudo que precisa esta aqui? — Ivy perguntou e se virou para entrar.

— Em parte. Não se pode enfeitiçar o sal, então meu estoque esta provavelmente ok, mas irei precisar de meu pote de magia boa e todos os meus livros.

Ivy fez uma pausa no caminho. — Eu pensei que você tinha que saber como mexer uma bebida de cor para obter a sua licença de bruxa.

Agora eu estava envergonhada e inclinei-me para dar um puxão em uma erva daninha livre ao lado de uma planta alecrim. Ninguém faz seus próprios encantos se pode se dar ao luxo de comprá-los.

— Sim, — eu disse, deixando cair a erva e sacudindo a sujeira debaixo das minhas unhas. — Mas eu estou sem prática. — Eu suspirei. Isso ia ser mais complicado do que parecia.

Ivy deu de ombros. — Você pode consegui-las na net? As receitas, eu quero dizer.

Olhei de soslaio para ela. — Confiar em algo da net? Oh, que boa ideia.

— Tem alguns livros no sótão.

— Claro, — eu disse sarcasticamente. — Cento e um feitiços para iniciantes. Toda igreja tem uma cópia disso.

Ivy endureceu. — Não fique mal humorada, — ela disse o marrom de seus olhos desaparecendo atrás de suas pupilas dilatadas. — Eu apenas pensei que se houve algum bruxo no clero, e as plantas certas estão aqui, talvez ele tivesse deixado seus livros. A velha senhora disse que ele fugiu com um dos fiéis mais jovens. Provavelmente manteve suas coisas no sótão no caso dele ter coragem de voltar.

A última coisa que eu queria era uma vampira irritada dormindo do outro lado do corredor. — Sinto muito, — me desculpei. — Eu vou olhar. Se tiver sorte, quando eu for ate o galpão para encontrar uma serra para cortar meus amuletos, haverá um saco de sal para quando os degraus da frente estiverem congelados.

Ivy cedeu um pouco, virando para olhar o armário. Eu passei por ela, parando no peitoril.

— Vindo? Eu disse determinada em não deixá-la avançar e mudar seu estilo vampiro me sacudindo. — Ou sua coruja não vai me deixar sozinha?

— Não, quero dizer, sim. — Ivy mordeu o lábio. Foi decididamente um gesto humano, e minhas sobrelongas se levantaram. — Vou deixá-la subir, só não vá fazer muito barulho. Eu estarei bem ali.

— Que seja... — eu murmurei, me virando para encontrar meu caminho até o campanário.

Como Ivy havia prometido, a coruja me deixou sozinha. Acabou que no sótão havia uma cópia de tudo que eu perdi no meu apartamento, e um pouco mais. Alguns dos livros eram tão velhos que estavam se despedaçando. A cozinha tinha um ninho de vasos de cobre, provavelmente usados, Ivy alegou, para cozinhar chilli. Eles eram perfeitos para lançar feitiços, uma vez que não haviam sido selados para reduzir manchas. Encontrar tudo que eu precisava era assustador, tanto que quando eu saí para procurar uma serra no barracão, fiquei aliviada por não encontrar nenhum sal. Não, isso estava no chão da despensa.

Tudo estava indo tão bem. Algo tinha que dar errado.



Capítulo

06

Com os tornozelos cruzados, eu sentei em cima da mesa antiga da cozinha de Ivy balançando meus pés em seus chinelos felpudos cor de rosa. Os vegetais fatiados estavam cozidos com perfeição, ainda frescos e crocantes, e eu os empurrei em volta da caixinha branca de papelão com meus palitinhos a procura de mais frango.

— Isso é fantástico, — eu murmurei de boca cheia. Um tempero vermelho de sabor forte queimou minha língua. Meus olhos lacrimejaram. Agarrando o copo de leite que estava à espera, eu engoli um terço dele. — Picante, — eu disse quando Ivy olhou pra cima da caixa que aninhava em suas longas mãos. — Nossa, está picante mesmo.

Ivy arqueou suas finas sobrelanceiras pretas. — Fico contente que você aprova. — Ela estava sentada na mesa no lugar que ela tinha desocupado antes para o computador. Olhando dentro da sua caixa, onde seus cabelos negros caíam como uma cortina sobre a sua face. Ela os colocou atrás de uma orelha, e eu observei a linha de seu queixo mover-se vagorosamente enquanto ela comia.

Eu tinha experiência suficiente com os palitos para não parecer uma idiota, mas Ivy movia os palitos gêmeos com uma lenta precisão, colocando pedaços de comida em sua boca com um compasso rítmico e de alguma forma erótico. Eu olhei para longe, de repente desconfortável.

— Como se chama isso? — eu perguntei, cutucando minha caixa de papel.

— Frango com curry vermelho.

— É só isso? — eu questionei, e ela afirmou. Eu fiz um barulho baixo. Eu podia ter me lembrado disso. Eu achei outro pedaço de carne. O curry explodiu em minha boca e eu a lavei com um gole de leite. — Onde você comprou?

— No Piscary's.

Meus olhos se arregalaram. Piscary's era uma combinação de recanto da pizza e ponto de encontro de vampiros. Comida muito boa em uma atmosfera única.

— Isso veio do Piscary's? — eu disse enquanto mastigava um broto de bambu. — Eu não sabia que eles entregavam outra coisa além de pizza.

— Eles não entregam, geralmente.

O seu tom de voz gutural chamou minha atenção, para descobrir que ela estava concentrada em sua comida. Ela levantou sua cabeça pela minha falta de movimento e piscou seus olhos em forma de amêndoas para mim. — Minha mãe deu a receita a ele, — ela disse. — Piscary faz isso especialmente para mim. Não é nada demais.

Ela voltou a comer. Um desconforto se espalhou sobre mim e eu ouvi os grilos sob as suaves raspadas dos nossos palitos. Sr. Peixe nadava em sua bacia no peitoril da janela. O som mudo e suave do Hollows a noite era quase inaudível sob os baques rítmicos de minhas roupas na secadora.

Eu não poderia suportar a ideia de usar as mesmas roupas amanhã, mas Jenks me disse que não resolveria até domingo, dia que seu amigo poderia desfeitiçar minhas roupas. O melhor que eu podia fazer era lavar o que eu tinha e esperar que eu não encontrasse ninguém que eu conhecia. Bem agora eu estava de camisola e um robe que Ivy tinha me emprestado. Eles eram pretos, obviamente, mas Ivy disse que a cor me caía bem. O leve cheiro de cinzas nelas não era desagradável, mas parecia que se agarrava em mim.

Meu olhar foi para o espaço vazio acima da pia onde um relógio deveria estar. — Que horas você acha que são?

— Um pouco depois das três, — Ivy disse, sem olhar para o seu relógio.

Eu estudei em volta, suspirando quando eu percebi que tinha comido todo o abacaxi. — Eu queria que minhas roupas estivessem prontas. Eu estou tão cansada.

Ivy cruzou as pernas e se curvou sobre seu jantar. — Vá em frente. Eu tiro elas para você. Eu vou ficar acordada até as cinco ou mais.

— Não, eu vou ficar acordada. — Eu bocejei, cobrindo minha boca com as costas da minha mão. — Não é como se eu tivesse que levantar e ir trabalhar amanhã, — eu terminei amargamente. Um pequeno barulho de concordância veio de Ivy, e meu estudo sobre o meu jantar se reduziu. — Ivy, você pode me dizer para recuar se não é da minha conta, mas por que você se juntou a I.S se você não queria trabalhar para eles?

Ela parecia surpresa quando olhou para cima. Em uma voz monótona que falou muito, ela disse. — Eu fiz isso para advertir minha mãe. — Uma centelha do que parecia dor lampejou sobre ela, desaparecendo antes que eu pudesse ter certeza que existiu. — Meu pai não está satisfeito que eu saia, — ela acrescentou. — Ele me disse que eu deveria me manter firme ou matar Denon.

Esquecendo o jantar, eu olhei sem saber se estava mais surpresa em saber que seu pai ainda estava vivo ou seu conselho bem criativo de como seguir adiante no escritório.

— Uh, Jenks disse que você era o ultimo membro vivo de sua casa, — eu disse finalmente.

A cabeça de Ivy se moveu em um lento e controlado aceno. Com os olhos castanhos me observando, ela moveu seus palitos entre a caixa e seus lábios em uma dança lenta. A exibição sutil de sensualidade me atingiu, e eu desconfortavelmente desempoleirei da mesa. Ela nunca tinha sido assim tão má quando trabalhamos juntas. É claro, nós geralmente parávamos de trabalhar antes da meia-noite.

— Meu pai se casou em família, — ela disse entre mergulhos na caixa e eu me perguntei se ela sabia o quão provocante ela parecia. — Eu sou o último membro de sangue vivo da minha casa. Por causa do acordo pré-nupcial, o dinheiro da minha mãe é todo meu, ou era. Ela está tão brava como o diabo porque eu saí do trabalho. Ela quer que eu seja uma amável e viva vampira de sangue superior que não morre. Ela vai me matar se eu morrer antes de ter uma criança.

Eu acenei com a cabeça como se tivesse entendido, mas não entendi. — Eu me juntei por causa do meu pai, — eu admiti. Envergonhada, eu coloquei minha atenção em meu jantar. — Ele trabalhava para a I.S na divisão secreta. Ele ia para casa toda manhã, com aquelas histórias loucas de pessoas que ele ajudou ou identificou. Ele fazia isso parecer tão

excitante. — Eu ri em silencio. — Ele nunca mencionou a papelada. Quando ele morreu, eu pensei que isso seria uma maneira de ficar perto dele, de lembrar-se dele. Estúpido, não é?

— Não.

Eu olhei para cima, triturando uma cenoura. — Eu tinha que fazer algo. Eu passei um ano assistindo minha mãe desamparada em sua cadeira de balanço. Ela não estava louca, mas é como se ela não quisesse acreditar que meu pai tinha partido. Você não pode conversar com ela sem ela dizer algo como, «eu fiz pudim de banana; era o favorito do seu pai.» Ela sabia que ele estava morto, mas ela não conseguia deixá-lo em paz.

Ivy estava olhando pela janela da cozinha preta e olhava para suas memórias. — Meu pai é assim. Ele passa todo seu tempo não deixando minha mãe partir. Eu odeio isso.

Minha mastigação ficou lenta. Poucos vampiros tinham condições de permanecer vivos depois da morte. As elaboradas precauções da luz do sol e seguro de responsabilidade por si só eram suficientes para colocar a maioria na rua. Sem mencionar o fornecimento contínuo de sangue fresco.

— Eu quase nunca o vejo, — ela acrescentou sua voz um sussurro. — Eu não entendo isso, Rachel. Ele tinha sua vida inteira pela frente, mas ele não permitirá que ela consiga o sangue que ela precisa de ninguém mais. Se ele não está com ela, ele está desmaiado no chão pela perda de sangue. Evitando que ela não morra completamente está matando ele. Uma pessoa sozinha não pode sustentar um vampiro morto. Eles dois sabem disso.

A conversa tinha tomado um rumo desconfortável, mas eu não podia apenas abandoná-la. — Talvez ele esteja fazendo isso porque ele a ama? — eu ofereci devagar.

Ivy franziu a testa. — Que tipo de amor é esse? — ela ficou em pé, suas pernas longas se fechando em um lento e gracioso movimento. Com a caixa de papelão na mão, ela sumiu pelo corredor.

O silencio súbito martelou nos meus ouvidos. Eu olhei para a cadeira dela vazia com surpresa. Ela saiu. Como ela podia sair? Nós estávamos conversando. A conversa estava interessante demais para acabar, então eu escorreguei da mesa e a segui para a sala de estar com meu jantar.

Ela tinha desmoronado em uma das cadeiras de camurça cinza, esparramada de um jeito totalmente despreocupado, com sua cabeça em um dos grossos braços e seu pé pendurado sobre o outro. Eu hesitei na porta, pega de surpresa pela imagem que ela criou. Como uma leoa em sua toca, saciada pela matança. Bem, eu pensei, ela é uma vampira. O que esperava que ela se parecesse?

Lembrando a mim mesma que ela não era uma vampira praticante e que eu não tinha nada com que me preocupar, eu cuidadosamente me acomodei na cadeira de frente para ela, a mesa de centro entre nós. Só uma luminária de mesa estava acesa e os cantos da sala estavam confusos e perdidos na escuridão. As luzes do seu equipamento eletrônico brilhavam.

— Então, se juntar a I.S foi ideia do seu pai? — eu incitei.

Ivy tinha acomodado sua caixa de papelão branca em cima da sua barriga. Sem encontrar meu olhar, ela se deitou e indolentemente comeu um broto de bambu, olhando para o teto enquanto mastigava.

— Foi ideia da minha mãe, originalmente. Ele queria que eu ficasse na administração. — Ivy deu outra mordida. — Era para eu ficar bem e segura. Ela achou que seria bom para eu trabalhar com as habilidades do meu pessoal. — Ela deu de ombros. — Eu queria ser uma caçadora.

Eu chutei meus chinelos e escondi meus pés embaixo de mim. Curvada em minha caixa para viagem, eu dei uma olhada para Ivy quando ela vagarosamente puxou os palitos dos seus lábios. A maioria da cúpula da administração da I.S estava morta-viva. Eu sempre achei que era porque o trabalho era mais fácil se você não tivesse uma alma.

— Não era como se ela pudesse me parar, — Ivy continuou, falando para o teto. — Então para me punir por fazer o que eu queria ao invés do que ela queria, ela teve certeza que Denon seria meu chefe. — Uma risada silenciosa escapou dela. — Ela achou que eu ficaria tão marcada que eu pularia para uma posição na administração assim que abrisse uma. Ela nunca considerou que eu trocaria minha herança para sair do meu contrato. Eu acho que mostrei a ela, — ela disse sarcasticamente.

Eu desviei de um pequeno grão de milho para pegar um naco de tomate. — Você jogou fora todo seu dinheiro porque você não gostava do seu chefe? Eu não gosto dele, tampouco, mas...

Ivy enrijeceu. A força do seu olhar me gelou. Minhas palavras congelaram em minha garganta com o ódio de sua expressão.

— Denon é um espírito do mal, — Ivy disse suas palavras se arrastando pelo calor da sala. — Se eu tivesse que aguentar sua publicidade por um dia mais, eu arrancaria sua garganta.

Eu hesitei. — Um espírito do mal? — eu disse confusa. — Eu achei que ele era um vampiro.

— Ele é. — Quando eu não disse nada, ela se levantou e colocou suas botas no chão. — Olha, — ela disse, parecendo incomodada. — Você deve ter notado que Denon não se parece com um vampiro. Seus dentes são humanos, certo? Ele não consegue manter uma aura ao meio dia? E ele se move tão alto que você pode ouvi-lo chegando há uma milha de distância?

— Eu não sou cega, Ivy.

Ela aninhou sua caixa de papelão branco e me encarou. O ar noturno entrando pela janela estava frio para o final da primavera e eu puxei o robe mais apertado sobre meus ombros.

— Denon foi mordido por um morto vivo, então ele tem o vírus de vampiro nele, — Ivy continuou. — Isso permite a ele fazer alguns truques e o torna realmente bonito, e eu imagino que ele é tão assustador como o diabo se você deixá-lo ameaçar você, mas ele é o laçao de alguém, Rachel. Ele é um brinquedo e sempre será.

Houve uma pequena raspada quando ela colocou sua caixa branca na mesa de centro entre nós e se moveu em direção a sua cadeira para alcançá-la.

— Mesmo que ele morra e alguém se dê ao trabalho de transformá-lo em um morto vivo, ele será de segunda classe, — ela disse. — Olhe nos olhos dele da próxima vez que você o vir. Ele tem medo. Cada vez que ele deixa um vampiro se alimentar dele, ele tem que confiar que eles vão trazê-lo de volta como um morto vivo sem perderem o controle e matá-lo acidentalmente. — Ela respirou devagar. — Ele devia estar com medo.

O curry vermelho ficou sem gosto. Com o coração me esmagando, eu procurei seu olhar, rezando para que fosse Ivy olhando de volta para mim. Os olhos dela ainda estavam castanhos, mas havia alguma coisa neles.

Alguma coisa antiga que eu não entendia. Meu estômago se apertou, e eu estava incerta de mim mesma de repente.

— Não tenha medo de espíritos do mal como Denon, — ela sussurrou. Eu achei que suas palavras eram tranquilizadoras, mas elas se apertaram a minha pele até formigar. — Há coisas muito mais perigosas para se temer.

Como você? Eu pensei, mas não disse. Seu repentino ar de predador reprimido disparou alarmes na minha cabeça. Eu achei que devia me levantar e ir embora. Levar meu traseiro magricelo de bruxa de volta para a cozinha onde ele pertencia. Mas ela tinha relaxado de volta em sua cadeira com seu jantar, e eu não queria que ela soubesse que estava me assustando pra valer. Não era como se eu não tivesse visto Ivy agir como vampira antes. Apenas não depois da meia noite. Em sua sala de estar. Sozinha.

— Coisas como a sua mãe? — eu disse, esperando não ter ido longe demais.

— Coisas como minha mãe, — ela disse em voz baixa. — É por isso que estou vivendo em uma igreja.

Meus pensamentos foram para minha pequena cruz em minha pulseira nova com o restante dos meus talismãs. Nunca falhou a impressão que eu tinha que algo tão pequeno podia parar uma força tão poderosa. Ela não reduziria a velocidade de um vampiro vivo de tudo – só os mortos vivos – mas eu levaria qualquer proteção que eu pudesse arranjar.

Ivy colocou o salto de suas botas na beirada da mesa de centro. — Minha mãe tem sido uma morta viva pelos últimos dez anos ou mais, — ela disse me sobressaltando dos meus pensamentos sombrios. — Eu odeio isso.

Surpresa, eu não podia evitar perguntar. — Por quê?

Ela empurrou seu jantar no que era obviamente um sinal de desconforto. Havia um vazio assustador em seu rosto e ela não encontrou meu olhar. — Eu tinha dezoito anos quando minha mãe morreu, — ela sussurrou. Sua voz estava distante, como se ela não estivesse ciente do que estava falando. — Ela perdeu alguma coisa, Rachel. Quando você não pode caminhar sob o sol, você perde algo tão nebuloso, você não pode nem mesmo dizer com certeza o que é, mas se foi. É como se ela estivesse determinada a seguir padrões de comportamento, mas não pode lembrar o

porquê. Ela ainda me ama, mas não lembra porque me ama. A única coisa que traz alguma vida a ela é tomar sangue, e ela é muito selvagem sobre isso. Quando ela está saciada, eu quase posso vê-la no que restou dela, mas isso não dura. Nunca é o bastante. — Ivy olhou para cima por baixo de sua sobrelha abaixada. — Você tem um crucifixo, não tem?

— Aqui, — eu disse com uma vivacidade forçada. Eu não a deixaria saber que ela estava me levando ao limite; eu não iria. Erguendo minha mão, eu dei uma pequena sacudida nele que a manga do robe caiu até meu cotovelo e deixou meu novo bracelete a mostra.

Ivy colocou suas botas no chão. Eu relaxei na posição menos provocativa até que ela se inclinou sobre a mesa de centro. Sua mão saiu com uma rapidez irreal, apertando meu pulso antes que eu soubesse que ela tinha se mexido. Eu congelei bem ciente do calor dos seus dedos. Ela estudou o amuleto de metal embutido na madeira atentamente enquanto eu lutava com a vontade de puxá-lo.

— Está abençoado? — ela perguntou.

Com o rosto gelado eu afirmei com a cabeça, e ela me soltou, se movendo devagar com uma estranha lentidão. Parecia que eu podia sentir o seu aperto em mim, prendendo com firmeza, mas que não apertaria a não ser que eu puxasse.

— O meu também, — ela disse, puxando a sua cruz de trás de sua blusa.

Impressionada mais uma vez com o crucifixo dela, eu coloquei de lado meu jantar e fui para frente. Eu não podia evitar pegá-lo. A prata balançante implorava para ser tocada, e ela se inclinou sobre a mesa para que eu pudesse trazer mais perto. Runas antigas foram gravadas nele, junto com mais bênçãos tradicionais. Era lindo e eu me perguntei o quão velho ele era. De repente, eu percebi que a respiração quente de Ivy estava em minha bochecha.

Eu sentei de volta, sua cruz ainda na minha mão. Seus olhos estavam negros e seu rosto pálido. Não havia nada lá. Assustada, eu desviei rapidamente meu olhar dela para a sua cruz. Eu não podia apenas soltá-la. Acertaria bem no seu peito. Mas eu não podia colocá-lo gentilmente contra

ela, tampouco. — Aqui, — eu disse terrivelmente desconfortável com seu olhar vazio. — Pegue-o.

Ivy o alcançou, seus dedos roçando os meus quando agarrou o metal velho. Engolindo seco, eu voltei depressa para minha cadeira e arrumei o robe de Ivy para cobrir minhas pernas.

Movendo-se com uma provocativa lentidão, Ivy tirou sua cruz. A corrente prateada capturando o brilho negro de seus cabelos. Ela soltou seu cabelo e ele caiu em como uma luz tremula em cascata. Ela colocou a cruz na mesa entre nós. O clique do metal de encontro com a madeira foi alto. Sem piscar os olhos, ela se enrolou em sua cadeira de frente para minha com seus pés escondidos debaixo dela e me olhando.

Putá merda, eu pensei em uma onda repentina de compreensão e pânico. Ela estava vindo até mim. É o que estava acontecendo. Como eu pude ser tão cega? Minha mandíbula se apertou enquanto minha mente disparava para tentar achar uma saída. Eu era heterossexual. Nunca tive um pensamento contrário. Eu gostava dos meus homens mais altos do que eu e não tão fortes que eu não pudesse amarrá-los no chão em uma onda de paixão se eu quisesse.

— Um Ivy... — eu comecei.

— Eu nasci vampira, — Ivy declarou suavemente.

Sua voz triste desceu minha espinha, trancando minha garganta. Segurando o fôlego, eu encontrei a escuridão dos seus olhos. Eu não disse nada, com medo que isso pudesse desencadear um movimento dela, e eu desesperadamente não queria que ela se mexesse. Algo mudou, e eu não tinha certeza do que estava acontecendo mais.

— Os meus pais eram vampiros, — ela disse, e embora ela não tivesse se mexido, eu sentia a tensão na sala crescer até que eu não podia mais ouvir os grilos. — Eu fui concebida e nasci antes que minha mãe se tornasse uma morta viva de verdade. Você sabe que isso significa Rachel? — suas palavras eram lentas e precisas, saindo de seus lábios com a suave permanência de salmos sussurrados.

— Não, — eu disse, respirando com dificuldade.

Ivy inclinou sua cabeça e seu cabelo fez uma onda obsidiana que brilhava na luz fraca. Ela me observava em volta dela. — O vírus não teve

que esperar até que eu estivesse morta para me ajustar. — Ela disse. — Ele me moldou enquanto eu crescia no ventre da minha mãe, me dando um pouco de ambos os mundos, o vivo e o morto.

Seus lábios se abriram, e eu estremeci ao ver seus dentes afiados. Eu não tinha a intenção. Suor corria pelas minhas costas, como se fosse uma resposta, Ivy respirou e segurou o ar. — É fácil para mim, empurrar uma aura, — ela disse enquanto exalava. — Na verdade, o truque é manter ela suprimida.

Ela se desenrolou de sua cadeira e minha respiração sibilou em meu nariz. Ivy deu um pulo com som. Lento e metodicamente, ela colocou suas botas no chão.

— E embora meus reflexos e minha força não sejam tão bons quanto os de um morto vivo de verdade, eles são melhores que os seus, — ela disse.

Eu sabia de tudo isso e o porquê ela estava me contando isso aumentou meu medo dez vezes mais. Lutando para não mostrar meu alarme, eu me recusei a me encolher para trás quando ela colocou suas palmas estendidas na mesa de ambos os lados de sua cruz e se inclinou para frente.

— E mais, eu estou destinada a me tornar uma morta viva, mesmo que eu morra sozinha num campo com cada gota de sangue dentro de mim. Não se preocupe Rachel. Eu já sou eterna. A morte só me tornará mais forte.

Meu coração martelou. Eu não podia desviar o olhar dos seus olhos. Maldição. Isso era mais do que eu queria saber.

— E você sabe a melhor parte? — ela perguntou.

Eu sacudi a cabeça, temendo que minha voz falhasse. Eu estava andando na ponta de uma faca, querendo saber em que tipo de mundo ela viveu, mas lutando para não entrar nele.

Seus olhos ficaram ardentes. Com o corpo imóvel, ela ergueu um dos joelhos em cima da mesa de centro, e então o outro. Deus me ajude. Ela estava indo até mim.

— Vampiros vivos podem enfeitiçar pessoas se quiserem, — ela sussurrou. A suavidade da sua voz roçou em minha pele até que formigou. Maldição duas vezes.

— O que tem de bom se só funciona naqueles que lhe permitem fazer isso? — eu perguntei minha voz áspera perto da essência fluida dela.

Os lábios de Ivy se abriram para mostrar as pontas dos seus dentes. Eu não podia olhar para longe. — Se faz isso para um sexo ótimo, Rachel.

— Oh. — A fraca expressão foi tudo que pude conseguir. Seus olhos estavam perdidos em desejo.

— E eu tenho o gosto por sangue da minha mãe, — ela disse, se ajoelhando na mesa entre nós. — É como algumas pessoas implorando por açúcar. Não é uma boa comparação, mas é a melhor que eu posso fazer, a não ser que você... Prove.

Ivy soltou o ar, mexendo seu corpo inteiro. Sua respiração enviou um choque que se espalhou por mim. Meus olhos se abriram em surpresa e espanto quando eu reconheci isso como desejo. Que diabos estava acontecendo? Eu era heterossexual. Por que de repente, eu queria saber o quão suave era seu cabelo?

Tudo que teria que fazer era alcançá-lo. Ela estava a centímetros de mim. Equilibrada. Esperando. No silêncio, eu podia ouvir meu coração martelando. O som dele ecoava em minhas orelhas. Eu observava com horror enquanto Ivy desviava seu olhar do meu, o correndo pela minha garganta onde eu sabia que minha pulsação palpitava.

— Não! — eu pedi, em pânico.

Eu fugi, arfando de medo quando eu descobri o seu peso sobre mim, me prendendo na cadeira.

— Ivy, não! — eu gritei, eu tinha que tirá-la. Eu lutei para me mexer. Eu enchi meus pulmões de ar, ouvindo-o explodir de mim em um grito de desamparo. Como eu pude ser tão estúpida! Ela era uma vampira!

— Rachel – pare!

Sua voz estava calma e suave. Uma mão dela apertava meu cabelo, segurando minha cabeça pra trás para expor meu pescoço. Doe, e eu me ouvi choramingar.

— Você está piorando as coisas, — ela disse, e eu me contorci, arfando quando seu aperto em meu pulso aumentou até que doeu.

— Me solta... — eu arquejei, sem fôlego, como se estivesse correndo. — Deus, me ajude Ivy. Me solta. Por favor. Eu não quero isso. — Eu estava implorando. Eu não podia evitar. Eu estava aterrorizada. Eu vi as fotos. Doía. Deus, isso iria doer.

— Pare, — ela disse de novo. Sua voz distorcida. — Rachel, estou tentando soltar você, mas você tem que parar. Você está piorando as coisas. Você tem que acreditar em mim.

Eu respirei com dificuldade e segurei o fôlego. Eu lancei meu olhar para o que eu podia ver dela. Sua boca estava a centímetros da minha orelha. Seus olhos negros, a fome neles num contraste aterrorizante com o som calmo de sua voz. Seu olhar estava fixo em meu pescoço. Uma gota de saliva caiu quente em minha pele.

— Deus, não. — Eu sussurrei, estremeendo.

Ivy estremeceu seu corpo vacilando onde tocava o meu. — Rachel, pare, — ela disse de novo, e terror me varreu com uma nova ponta de pânico. Eu respirei em uma arfada aos pedaços. Ela estava realmente tentando me soltar. E parecia que estava perdendo a batalha.

— O que eu faço? — eu sussurrei.

— Feche seus olhos, — ela disse. — Eu preciso da sua ajuda. Eu não sabia que seria tão difícil.

Minha boca secou ao som de garotinha perdida da sua voz. Precisei de toda a minha vontade para fechar os olhos.

— Não se mexa.

Sua voz era uma seda pálida. Tensão bateu em mim. Náusea apertou meu estômago. Eu podia sentir minha pulsação contra a minha pele. Pelo que pareceu um minuto inteiro eu fiquei deitada embaixo dela, todos os meus instintos gritando para fugir. Os grilos faziam barulho e eu senti lágrimas correndo por baixo dos meus cílios trêmulos quando sua respiração percorreu meu pescoço exposto.

Eu gritei quando o aperto em meu cabelo se afrouxou. Minha respiração saiu em um arquejo irregular quando seu peso se levantou de mim. Eu não podia mais sentir o seu cheiro. Eu congelei imóvel.

— Eu posso abrir meus olhos? — eu murmurei.

Não houve resposta.

Eu sentei e descobri que estava sozinha. Havia o mais leve som da porta do santuário se fechando e a rápida cadencia de suas botas na calçada, e então nada. Entorpecida e abalada, eu primeiro toquei meus olhos para secá-los depois meu pescoço, lambuzado com sua saliva em um local frio. Meus olhos vagaram pela sala, sem encontrar calor nenhum no cinza suave. Ela tinha partido.

Drenada, eu fiquei em pé, sem saber o que fazer. Eu apertei meus braços em volta de mim tão forte que doeu. Meus pensamentos voltaram ao terror, e antes disso, o lampejo de desejo que tinha me tomado, potente e violento. Ela disse que só podia enfeitiçar a vontade. Ela tinha mentido para mim ou eu realmente queria que ela me prendesse no chão e rasgasse a minha garganta?



Capítulo

07

O sol estava inclinado, ainda não na cozinha, mas estava quente. Não quente o suficiente para atingir o fundo da minha alma, mas agradável. Eu estava viva. Eu tinha todas as partes do meu corpo e fluídos intactos. Era uma boa tarde.

Eu estava sentada na parte clara da mesa de Ivy, estudando o livro mais castigado que eu havia encontrado no sótão. Parecia ter idade suficiente para ter sido impresso antes da Guerra Civil. Nunca tinha ouvido falar de algumas de suas magias e por isso sua leitura era tão fascinante. Devo admitir que a possibilidade de experimentar um ou dois deles encheu-me de uma perigosa excitação. Nenhum havia insinuado as Artes das Trevas, o que me agradou bastante. Prejudicar alguém com a magia era sujo e errado. O ocultismo era contra tudo o que eu acreditava e não valia a pena o risco.

Toda a magia exigia um preço, que se paga com a morte em diferentes níveis de gravidade. Eu sou estritamente uma bruxa da terra. Minha fonte de poder provinha da terra através de plantas e é acelerada pelo calor, pela sabedoria e pela herança de bruxa. Como eu trabalho apenas com magia branca, o custo era pago com a vida das plantas. Eu poderia viver com isso. Eu não iria me aprofundar na moralidade de matar ou não as plantas, caso contrário, eu ficaria louca cada vez que eu fosse cortar relva para minha mãe.

Isso não quer dizer que não existem bruxas más da terra, haviam, mas os que exerciam a magia negra pela terra usavam ingredientes desagradáveis como partes do corpo e sacrifícios. A simples atividade de reunir os materiais necessários para fabricar um feitiço negro foi o suficiente para manter as bruxas terrestres na magia branca.

As bruxas da linha Ley, no entanto, eram outra história. Elas obtinham seu poder direto da fonte, bruto e não filtrado por seres vivos. Elas também dependiam da morte, mas era uma morte mais sutil: a morte lenta da alma. E não necessariamente da delas. A morte da alma necessária por bruxas da linha branca Ley não era tão grave quanto o exigido por bruxas negras. Ao invés de cortarem a grama, degolavam carneiros em seu porão. Mas a criação de um poderoso feitiço destinado a prejudicar ou matar deixa um ferimento profundo sobre seu ser.

As bruxas negras da linha Ley evitavam isso passando o pagamento para outro ser. Geralmente seguia associado ao feitiço, mas se a pessoa fosse “pura de espírito”, ou mais poderosa, o custo – e não o feitiço – voltaria para seu criador. Eles dizem que se você tem um monte de magia negra na alma, torna fácil para os demônios arrastá-lo para sempre depois. Assim como meu pai, pensei, enquanto esfregava meu polegar contra a página seguinte. Eu sabia com toda a certeza que ele fora um bruxo branco até o final. Ele era capaz de encontrar o caminho para a realidade, embora não tenha vivido para ver o novo amanhecer.

Um pequeno som chamou minha atenção. Eu fiquei rígida ao encontrar Ivy em um manto de seda preto, encostada contra o batente da porta. A lembrança da noite passada me atravessou e formou um nó em meu estômago. Eu não conseguia parar de rastejar minha mão até meu pescoço, e eu mudei o movimento para ajustar o meu brinco, simulando estudar o livro a minha frente.

— Bom dia, — eu disse cautelosamente.

— Que horas são? — Ivy perguntou em um sussurro áspero.

Eu lancei um olhar de relance para ela. O cabelo dela, geralmente liso, estava bagunçado, deixando ver as ondas de seu travesseiro vincando. Seus olhos tinham olheiras sob eles, e seu rosto oval estava sem energia. O cansaço da noite anterior havia esmagado o seu ar de predador à espreita. Ela segurava um livro fino com capa de couro na mão e me perguntei se a noite dela tinha sido tão insone quanto a minha.

— São quase duas, — eu disse cautelosamente, empurrando com o pé a cadeira vazia do outro lado da mesa para que não se sentasse junto a mim. Parecia tudo certo, mas eu não sabia mais como tratá-la. Eu estava usando meu crucifixo — que não iria impedi-la — e minha faca de prata no

tornozelo — que não era muito melhor. Tinha um amuleto que iria fazê-la dormir, mas eles estavam na minha bolsa, fora do alcance fácil, em uma cadeira. Levariam uns bons cinco segundos para invocar um. Com toda a honestidade, no entanto, ela não parece muito capaz de ser uma ameaça agora.

— Eu fiz muffins, — eu disse. — Fiz com seus mantimentos. Espero que não se importe.

— Uh, — disse ela, cruzando o chão brilhante para a cafeteira com suas pantufas pretas. Serviu-se de uma xícara de café quente, recostando-se contra o balcão para bebê-la. Seu desejo se foi em torno do seu pescoço. Eu me perguntava o que ela tinha desejado. Eu me perguntava se tinha alguma coisa a ver com a noite passada.

— Você está vestida, — ela sussurrou enquanto ela caiu na cadeira que eu tinha chutado a frente de seu computador. — A que horas acordou?

— Meio dia. — Mentirosa, pensei. Eu tinha passado a noite inteira fingindo estar dormindo no sofá da Ivy. Eu decidi iniciar oficialmente o meu dia quando eu me vesti. Passei a página amarelada a ignorando. — Vejo que já usou o seu desejo, — murmurei com cautela. — O que desejou?

— Não é da sua conta, — respondeu. O aviso óbvio.

Suspirei lentamente e mantive meus olhos abaixados. Um silêncio desconfortável cresceu e eu deixei-o crescer, me recusando a quebrá-lo. A noite estive a ponto de partir, mas a morte certa que esperava por mim fora da proteção de Ivy pesava mais que a possível morte nas mãos de Ivy. Talvez. Talvez eu quisesse saber o que sentiria quando seus dentes se afundassem em meu pescoço.

Isso não era onde eu queria que meus pensamentos fossem. Ivy havia me proporcionado um susto de mil demônios, mas ao vê-la na luz brilhante do meio-dia, ela parecia humana. Inofensiva. Mal humorada?

— Eu tenho algo que quero que você leia, — ela disse, e eu olhei para cima para o livro fino que ela estava segurando e batendo na mesa entre nós. Não havia nada escrito sobre a capa, a gravação quase completamente desgastada.

— O que é? — Eu perguntei secamente, sem tocá-lo.

Com os olhos caindo, ela lambeu os lábios.

— Sinto muito por ontem à noite, — disse ela, e minhas vísceras se apertaram. — Você provavelmente não vai acreditar em mim, mas me assustou, também.

— Não tanto quanto a mim.

Trabalhar com ela durante um ano não tinha me preparado para ontem à noite. Eu só conhecia o seu lado profissional e não tinha considerado que era diferente fora do escritório. Subitamente olhei para ela e para longe. Parecia completamente humana. Bom truque esse.

— Eu não tenho praticado nenhum ato de vampiro por três anos, — disse ela suavemente. — Eu não estava preparada para... Eu não percebi — Ela olhou para cima, seus olhos castanhos suplicantes. — Você tem que acreditar em mim, Rachel. Eu não queria que isso acontecesse. É que justamente você estava me enviando todos os sinais errados. E então você ficou com medo e entrou em pânico, e, em seguida ficou pior.

— Pior? — Eu disse, decidindo que a raiva era melhor do que o medo. — Você quase arrancou a minha garganta!

— Eu sei, — ela implorou. — Eu sinto muito, mas eu não arranquei.

Eu lutei para não tremer enquanto eu me lembrava do calor de sua saliva em meu pescoço.

Ela cutucou o livro mais próximo.

— Eu sei que podemos evitar uma repetição da noite anterior. Quero que isto funcione e não há nenhuma razão para que não seja assim. Devo-lhe algo por haver tomado um de seus desejos. Se você partir, eu não posso protegê-la contra os vampiros assassinos. Não queira morrer em suas mãos.

Meu queixo se contraiu. Não. Eu não queria morrer nas mãos de um vampiro. Especialmente um que me pede perdão enquanto me assassina. Encontrei seu olhar do outro lado da mesa cheia. Sentou-se com seu manto negro e pantufas, tão perigosa quanto uma esponja. Sua necessidade para que eu aceitasse seu pedido de desculpas era tão crua e óbvia, que chegava a ser dolorosa. Eu não poderia fazê-lo. Ainda não. Cheguei um dedo fora para puxar o livro mais próximo.

— O que é isso?

— A... uh... Guia de namoro? — ela disse hesitante.

Eu tomei uma respiração rápida e coloquei a minha mão para trás como se tivesse sido picada.

— Ivy. Não.

— Espere, — disse ela. — Isso não é o que eu quero dizer. Você está me dando sinais contraditórios. Minha mente entende que não faz de propósito, mas meus instintos... — Sua testa franzida. — É embaraçoso, mas os vampiros, vivos ou mortos, são movidos por instintos desencadeados principalmente por... Cheiro? — ela terminou desculpando-se. — Apenas leia a seção de coisas que excitam, ok? E não as faça.

Eu me sentei para trás em minha cadeira. Lentamente, eu puxei o livro. Podia me dar conta de quão antigo era pela encadernação. Ela disse que eram os instintos, mas eu pensei que a fome era mais exata. Ela era apenas a realização do quão difícil que tinha sido para ela admitir que ela podia ser manipulada por algo tão estúpido como o cheiro, foi o que me impediu de lançar o livro de volta em seu rosto. Ivy orgulhava-se de seu autocontrole, e ao ter confessado tal fraqueza para mim, valeu mais que uma centena de pedidos de desculpas. Isso demonstrou que ela estava muito triste.

— Tudo bem, — eu disse sem rodeios, e ela me deu um sorriso, aliviado de lábios fechados.

Ela tomou um muffin e puxou a edição vespertina do Cincinnati Enquirer que eu havia encontrado na porta da frente para ela. O ar ainda estava tenso, mas era um começo. Eu não queria deixar a segurança da igreja, mas a proteção de Ivy era uma espada de dois gumes. Ela tinha engarrafado sua sede de sangue de três anos. Se ela quebrasse, eu poderia ser morta.

— Vereador Trenton Kalamack culpa a I.S de negligência pela morte da secretária, — ela leu, claramente tentando mudar de assunto.

— Sim, — eu disse cautelosamente. Eu coloquei seu livro na pilha de livros para ler meus encantos mais tarde. Meus dedos estavam sujos, e enxuguei no meu jeans. — Não é dinheiro grande? Há outra notícia sobre ele ser inocentado de todas as suspeitas de negociação de enxofre.

Ela não disse nada, virando as páginas entre mordidas de muffin até que encontrou o artigo. — Escute isso, — disse ela baixinho. — Ele diz: “Fiquei chocado ao saber sobre a segunda vida da Sra. Bates. Parecia a empregada modelo. Eu, claro, pagarei por toda a educação de seu filho.” — Ivy deu uma risada amarga. — Típico. — Ela se virou para os quadrinhos. — Então hoje você vai fazer se dedicar aos feitiços artesanais?

Eu neguei com a cabeça.

— Eu estou indo para o banco de registros antes de fechar pelo fim de semana. Isto... — apontei o dedo para o papel — é inútil. Eu quero saber o que realmente aconteceu.

Ivy acabou com o muffin dela, suas sobrancelhas finas altas em questionamento.

— Se eu puder provar que Trent está negociando enxofre e entregá-lo a I.S, — eu disse, — eles vão esquecer o meu contrato. Têm um mandado de pé para ele. — E, em seguida, eu posso dar o fora dessa igreja, acrescentei para mim mesma.

— Provar que Trent trafica enxofre? — Ivy zombou. — Eles não puderam sequer provar se ele é humano ou Inderlander. O dinheiro dele escorrega mais do que baba de sapo em um aguaceiro. O dinheiro não pode comprar a inocência, mas pode comprar o silêncio. — Mordeu o muffin. Vestida com seu roupão e com o cabelo desleixado, ela poderia ter sido qualquer um dos meus companheiros esporádicos ao longo dos últimos anos. Foi enervante. Tudo mudava quando o Sol saía.

— Estes são bons — disse Ivy enquanto ela segurava um muffin. — Vou lhe propor uma coisa: eu compro a comida se você cozinhar. Café da manhã e almoço eu posso resolver, mas eu não gosto de cozinhar.

Eu fiz uma cara de compreensão e de acordo, já que eu também não aprecio as artes mais finas de especialidades culinárias, mas depois pensei sobre isso. Tomaria o meu tempo, mas não ter que ir até a loja soou como uma grande oferta. Mesmo Ivy se oferecendo apenas para que eu não tivesse de colocar minha vida na linha de uma lata de ervilhas, parecia justo. Eu estaria no cozimento de qualquer forma, e cozinhar para dois é mais fácil do que cozinhar para um.

— Claro, — Eu disse lentamente. — Nós podemos tentar por um tempo.

Ela fez um barulho suave.

— Trato feito.

Olhei para meu relógio. Era uma e quarenta. Minha cadeira rangeu toda como linóleo quando me levantei para outro muffin.

— Bem, eu estou dando o fora daqui. Eu tenho que comprar um carro ou alguma coisa. Essa coisa de ônibus é terrível.

Ivy deixou os quadrinhos sobre a confusão em torno do computador dela. — A I.S não deixará você andar a solta lá dentro.

— Eles precisam. Público recorde. E ninguém vai me marcar com um monte de testemunhas para subornar. Corte em seus lucros, — eu terminei com amargura.

Ivy arqueou as sobrancelhas e entendi mais claramente do que com palavras que ela não estava convencida.

— Olha, — eu disse enquanto puxava minha bolsa de cima de uma cadeira e organizava minhas coisas. — Eu estava pensando em usar um disfarce de magia, tudo bem? E eu vou sair no primeiro sinal de problema. — O amuleto que acenei no ar parecia satisfazê-la, mas quando ela voltou para a sua história em quadrinhos, ela murmurou, — Levará Jenks com você. — Realmente não era uma pergunta, e eu fiz uma careta.

— Sim. Claro. — Eu sabia que ele era um babá, mas quando eu coloquei a minha cabeça para fora da porta de trás e gritei para ele, eu decidi que seria bom ter uma companhia, mesmo que fosse de uma fada.

Capítulo 08

Eu me amassei mais fundo no canto do banco do ônibus, tentando me certificar de que ninguém poderia olhar sobre meu ombro. O ônibus estava lotado, e não queria que ninguém soubesse o que eu estava lendo.

— Se o seu amante vampiro está saciado e não se mexer, — eu li, — tente usar algo dele ou dela. Não precisa ser muito, talvez algo pequeno como um lenço ou uma gravata. O cheiro de suor misturado é algo ainda mais restrito, o vampiro não pode resistir.

Okay. Não usar o robe ou camisola de Ivy mais.

— Muitas vezes a simples lavagem de suas roupas junto deixa um odor para deixar seu amante saber que você se importa.

Bom. Roupas separadas.

— Se o seu amante vampiro se mover para um local mais privado no meio de uma conversa, tenha certeza de que ele ou ela não está rejeitando você. É um convite. Vão para fora. Leve alguma comida ou bebida com você para obter que as mandíbulas fiquem soltas e a saliva em movimento. Não é um flerte. O vinho tinto é fora de moda. Experimente uma maçã ou algo igualmente crocante.

Droga.

— Nem todos os vampiros são iguais. Descubra se o seu namorado gosta de falar com travesseiro. Preliminares podem assumir muitas formas. Uma conversa sobre relações passadas e linha direta de descendência tenha a certeza de encontrar um acorde e mexer com o orgulho a menos que seu amante seja de uma casa secundária.

Droga dupla. Eu era uma prostituta. Eu era a droga de uma vampira atrevida.

De olhos fechados, eu deixei minha cabeça cair contra as costas do banco. Um hálito quente fez cócegas no meu pescoço. Eu dei um solavanco na vertical, girando. O salto na minha mão já estava em movimento. Ele bateu na palma da mão de um homem atraente. Ele riu do barulho retumbante, erguendo as mãos num gesto apaziguador. Mas era a gentil, especulativa diversão em seus olhos que me fez parar.

— Você já tentou página quarenta e nove? — ele perguntou, inclinando-se para descansar seus cruzados braços nas costas do meu assento. Olhei para ele sem expressão, e seu sorriso sedutor cresceu. Ele era quase demasiado bonito, feições suaves segurando uma ânsia infantil. Seu olhar deslizou para o livro na minha mão.

— Quarenta e nove, — ele repetiu as suas palavras caíram em campo. — Você nunca vai ser a mesma.

Na borda, eu olho para a página direita. Oh-meu-Deus. O livro de Ivy era ilustrado. Mas então eu hesitei, entornando os olhos fiquei confusa. Havia uma terceira pessoa ali? E o que diabos era isso parafusado à parede?

— Desta maneira — disse o homem, alcançando o assento e virando o livro de lado sobre meu aperto. Sua colônia era florestal e limpa. Era tão bom quanto sua voz tranquila e mão macia que intencionalmente roçou as minhas. Ele era o clássico lacaio do vampiro: belo monumento vestido de preto e uma necessidade terrível de ser adorado. Sem mencionar sua falta de compreensão do espaço pessoal. Eu rasguei meu olhar do seu, quando ele bateu no livro.

— Oh, — eu disse, porque de repente fez sentido. — Oh! — Exclamei, empolguei batendo o livro fechado. Havia duas pessoas. Três se você contar o que tem... o que for que seja aquilo.

Meus olhos se ergueram para ele.

— Você sobreviveu a isso? — Eu perguntei, não tendo certeza se eu deveria estar chocada, horrorizada, ou impressionada. Seu olhar passou quase venerado.

— Yeah. Eu não podia mexer as pernas durante duas semanas, mas valeu à pena.

Com o coração batendo forte, eu empurrei o livro em minha bolsa. Ele se levantou, com um sorriso encantador e caminhou na frente para sair.

Eu não pude deixar de notar que ele mancava, fiquei surpresa dele ainda poder andar. Ele me olhava enquanto descia as escadas, seus olhos profundos nunca me deixaram.

Engolindo em seco, e me forcei a desviar o olhar. A curiosidade levou a melhor sobre mim, e antes mesmo que a última pessoa tivesse descido do ônibus, eu tinha puxado o livro de Ivy para fora. Meus dedos estavam frios ao manuseá-lo aberto. Ignorei a imagem, lendo as letras pequenas impressas alegremente “como as instruções”. Meu rosto ficou frio e meu estômago deu um nó.

Era um aviso para não permitir que o seu amante vampiro coaja você até que tenha sido mordido no mínimo três vezes. Caso contrário, poderá não haver saliva de vampiro o suficiente no seu sistema para oprimir os receptores da dor. Enganar seu cérebro para acreditar que a dor é prazer. Havia ainda instruções sobre como continuar se você não tivesse o suficiente de saliva vampiro e se encontrasse na dor agonizante. Aparentemente, se a pressão arterial diminuir, assim o seu amante vampiro tem prazer. Nada sobre como parar ele ou ela, no entanto.

Fechei os olhos, deixei minha cabeça bater contra a janela. A conversa próxima dos passageiros arrastou meus olhos abertos e eu pisquei, meu olhar foi para a calçada. O homem estava ali, me olhando. Eu apertei os braços ao meu redor, acalmando. Ele estava sorrindo como se a sua virilha não tivesse sido delicadamente cortada, o seu sangue arrancado e consumido como se estivesse em comunhão. Ele tinha gostado, ou pelo menos achava que tinha. Ele levantou três dedos em saudação de escoteiro, tocou a ponta deles em seus lábios, e soprou-me um beijo. O ônibus sacudiu em movimento, ele se afastou e a poeira se agitou.

Olhando pela janela, senti náuseas. Ivy tinha sido sempre parte de algo como isso? Talvez ela tivesse matado alguém acidentalmente. Talvez por isso não praticasse mais. Talvez eu deva perguntar a ela... Talvez eu devesse manter minha boca fechada, assim eu poderia dormir à noite. Fechei o livro, e enquanto o empurrava para o fundo da minha bolsa, encontrei um pedaço de papel que deslizou entre as páginas com o número do telefone dele. Amassei-o e enfiei o livro na minha bolsa. Olhei para ver Jenks voando de volta de onde ele tinha estado falando com o motorista. Ele pousou na parte traseira do assento em minha frente. Além de um cinto

vermelho berrante, ele estava usando preto da cabeça aos pés: sua roupa de trabalho.

— Não há feitiços destinados a você sobre os novos cavaleiros, — disse ele alegremente. — O que esse cara queria?

— Nada. — Eu arranquei a memória da imagem em minha mente. Onde estava Jenks ontem à noite quando Ivy me derrotou? Isso é o que eu queria saber. Eu teria que perguntar para ele, mas tinha medo que dissesse que a noite passada tinha sido culpa minha.

— Não, sério — Jenks insistiu. — O que ele queria?

Olhei para ele. — Não, sério. Nada. Agora, deixa pra lá, — eu disse, já estava agradecida sob o meu disfarce mágico. Eu não queria que Mr. Página Quarenta e nove me reconhecesse na rua em algum momento futuro.

— Tudo bem, tudo bem, — ele disse, pousando no meu brinco cantarolando “Strangers in the Night”, eu suspirei, sabendo que a canção ficaria na minha cabeça o resto do dia. Eu retirei meu espelho de mão e fingia arrumar o cabelo, sendo cuidadosa para não bater no brinco em que Jenks estava sentado pelo menos duas vezes. Eu era morena, agora, com um nariz grande. A faixa de borracha estava presa no meu novo cabelo castanho que estava em um rabo de cavalo. Ele ainda era longo e encaracolado.

Algumas coisas de feitiços são mais difíceis que as outras. Minha jaqueta jeans foi virada ao avesso para mostrar um estampado florido delicado. Eu tinha um chapéu de couro Harley-Davidson, que devolveria a Ivy com muitas desculpas logo que a visse, e jamais usaria novamente. Com todos os não-não que eu arranquei ontem à noite, não era nenhuma maravilha o que Ivy tinha perdido.

O ônibus entrou na sombra dos edifícios altos. Minha parada era a próxima e eu peguei minhas coisas e me levantei.

— Eu tenho que conseguir algum transporte, — disse a Jenks quando minhas botas bateram na calçada e eu fiz a varredura da rua. — Talvez uma moto, — eu resmungava, no tempo certo que nem precisei tocar na porta de vidro para entrar no lobby do edifício da I.S de registros.

Do meu brinco veio um grunhido. — Eu não compraria, — ele aconselhou.

— É muito fácil adulterar uma moto. Quebre o galho com o transporte público.

— Eu podia estacionar lá dentro, — eu protestei, olhando nervosamente as poucas pessoas no pequeno saguão.

— Então você não poderia montá-la, Sherlock, — disse sarcasticamente. — A sua bota esta desamarrada. — Olhei para baixo. Não estava. — Muito engraçado, Jenks.

O duende resmungou algo que eu não pude ouvir. — Não, — ele disse impaciente. — Eu queria dizer, para fingir amarrar o seu cadarço, enquanto eu vejo se você está aceitavelmente segura.

— Oh. — Eu obedeci e sentei em uma cadeira no canto e amarrei minha bota. Eu mal conseguia seguir Jenks enquanto flutuava sobre os poucos corredores que estavam cheirando a feitiços destinados a mim. Meu tempo tinha sido preciso. Era um sábado. A cúpula foi aberta somente como um serviço de cortesia e apenas por algumas horas. Ainda assim, algumas pessoas estavam: baixando informação, atualizando arquivos, copiando coisas e tentando fazer uma boa impressão por trabalhar no fim de semana.

— Cheira bem, — Jenks disse assim que ele voltou. — Eu não acho que eles esperavam que você viesse aqui.

— Bom. — Sentindo-me mais confiante do que tinha direito, eu caminhava para a recepção. Eu estava com sorte. Megan estava trabalhando. Eu dei-lhe um sorriso e os olhos dela se arregalaram. Ela rapidamente conseguiu ajustar os óculos de armação de madeira que foi enfeitiçado para ver quase tudo. Tema padrão para recepcionistas I.S Houve um borrão de movimento atrás de mim que me empurrou e hesitou.

— Proteja-se mulher! — Jenks gritou, mas era tarde demais. Alguém me roçou. O Instinto me manteve em pé quando um pé deslizou entre os meus para me fazer cair. Em pânico, eu girei agachando. Meu rosto ficou frio e estava pronta para qualquer coisa.

Era Francis. Que diabos ele esta fazendo aqui? Eu pensei, levantando-me enquanto ele colocava uma mão na barriga e ria de mim. Eu devia ter abandonado minha bolsa. Mas eu não esperava ver alguém que me conhecesse no meu disfarce de encanto.

— Chapéu legal, Rachel, — Francis disse, mas se lamentou e apertou o colarinho da camisa para apoiar. Seu tom era um misto nojento de bravata e susto pálido por eu ter quase atacado ele. — Hey, eu comprei seis cupons do escritório ontem. Existe alguma maneira de você morrer amanhã, entre sete e meia-noite?

— Por que você não me etiqueta você mesmo? — Eu disse com um sorriso de escárnio. Ou o homem não tinha orgulho ou ele não percebeu o quão ridículo ele parecia, de pé com um dos seus sapatos de barco desamarrado e seu cabelo fibroso caindo de magia avançada. E como ele podia ter uma barba espessa no início do dia? Ele deve ter pintado com spray.

— Se eu mesmo marcasse você, eu perderia. — Francis adotou o seu ar mais usual de superioridade, um olhar completamente destruidor em mim. — Eu não tenho tempo para falar com uma bruxa morta, — ele disse. — Tenho um compromisso com o vereador Trenton Kalamack e preciso fazer alguma investigação. Você conhece uma investigação? Já fez algo assim? — Ele torceu seu fino nariz. — Não que eu tenha ouvido.

— Vai plantar batata, Francis, — eu disse suavemente.

Ele olhou para o corredor que levava a cúpula. — Usou — ele demorou. — Estou com medo. É melhor sair agora, se você quiser alguma chance de voltar viva à sua igreja. Se Meg não der o alarme que você está aqui, eu vou.

— Saia gritando o meu jazz, — eu disse. — Você está realmente começando a me encher.

— Te vejo depois, Rachel. Nos obituários. — Sua risada era muito berrante. Dei-lhe um olhar fulminante, e ele assinou o nome no livro antes de Megan alcançar. Ele se virou e balbuciou, — Corre, bruxa. Corre. — Retirando o seu telefone celular, ele apertou alguns botões e pavoneou-se passando pelos escuros escritórios VIP para a cúpula.

Megan estremeceu como se estivesse se desculpando e chamou-lhe através do portão. Fechei meus olhos em um piscar. Quando os abri, dei um aceno para Megan dizendo:

— Só um minuto, — e sentei-me em uma das cadeiras do lobby para mexer na minha bolsa, como se procurasse alguma coisa. Jenks pousou no meu brinco. — Vamos lá, — disse ele, parecendo preocupado.

— Voltaremos à noite.

— Sim, — eu concordei.

O que Denon escreveu em meu apartamento tinha sido simples perturbação. Enviar uma equipe de assassinos seria muito caro. Eu não valia à pena, mas por que arriscar?

— Jenks, — eu sussurrei. — Você pode entrar no cofre sem que as câmeras possam vê-lo?

— Claro que posso mulher. Infiltrar ao redor é o que os duendes fazem melhor. “Consegue passar a câmeras?” ela pergunta. Quem você acha que faz a manutenção delas? Eu vou te dizer. Pixies. E nós temos um pingão de crédito? Nã-ã-ã-ã-o. É o desajeitado de um reparador que se senta em sua banha de bunda de baixo da escada que conduz o caminhão, que abre a caixa de ferramentas, que come as rosquinhas, mas ele faz alguma coisa? Nã-ã-ã-ã-o.

— Isso é ótimo, Jenks. Cala a boca e escuta. — Olhei para Megan. — Vai ver os registros que Francis está olhando. Vou esperar por você enquanto puder, mas se houver qualquer sinal de ameaça, estou saindo. Você pode chegar em casa a partir daqui, não pode?

As asas de Jenks fizeram uma brisa, deslocando um fio de cabelo para agarrar meu pescoço. — Sim, eu posso fazer isso. Você quer que eu pix ele para você, enquanto eu estou lá?

Minhas sobrancelhas se levantaram. — Pix ele? Você pode fazer isso? Eu pensei que era um... uh... Conto fada.

Ele pairou diante de mim, suas pequenas feições presunçosas. — Vou dar-lhe um desejo. É a segunda melhor coisa que os pixies podem fazer. — Hesitou, sorrindo marotamente. — Não, é a terceira.

— Por que não? — Eu disse com um suspiro, e ele levantou-se silenciosamente nas asas de libélula para estudar as câmeras. Ele desligou por um momento para seu tempo de varredura. Ricocheteou em linha reta

até o teto e arqueou o longo corredor, passando os gabinetes e para a porta da cúpula. Se eu não tivesse assistido, eu nunca o veria ir.

Puxei uma caneta fora da minha bolsa, puxei o laço fechado e caminhei para Megan. A mesa de mogno maciço separando completamente o saguão dos resmungos invisíveis dos escritórios por trás dele. Era o último baluarte entre o público e a força de trabalho que manteve os registros em linha reta. O som de uma voz feminina cresceu em risos filtrados através da passagem aberta atrás de Megan. Ninguém faz muito trabalho no sábado.

— Oi, Meg, — eu disse enquanto se aproximava.

— Boa tarde, Srta. Morgan, — disse ela excessivamente alto quando ela ajustou os óculos.

Sua atenção estava fixa no meu ombro e eu lutei contra o desejo de virar. Srta. Morgan? Eu pensei. Desde quando eu era a Srta. Morgan?

— O que há Meg? — Eu disse, olhando para trás, para o átrio vazio.

Ela se conteve rigorosamente. — Graças a Deus que ainda está viva, — ela sussurrou por entre os dentes, os lábios ainda enrolados em um sorriso. — O que você está fazendo aqui? Você deveria estar escondida em um porão. — Antes que eu pudesse responder, ela levantou a cabeça dela como uma cocked⁷ loira, sorrindo como ela gostaria de ser. — O que posso fazer por você hoje Srta. Morgan?

Eu fiz uma cara zombeteira e Megan enviando olhares significativos sobre meu ombro. Um olhar tenso tomou conta dela.

— A câmera, idiota, — ela murmurou. — A câmera.

Minha respiração deslizou ao meu entendimento. Eu estava mais preocupada com Francis e sua chamada telefônica que com a câmera. Ninguém olhava para as fitas a menos que algo acontecesse. Então seria tarde demais.

— Estamos todos torcendo por você, — sussurrou Megan. — As probabilidades de você fugir estão em duzentos para um que você faça isso durante essa semana. Pessoalmente, eu lhe dou cem por um.

⁷ Cocked – raça de cães.

Eu me senti mal. Seu olhar foi para trás de mim e ela enrijeceu. — Alguém atrás de mim, não é? — Eu disse, e ela estremeceu. Suspirei, balançando minha bolsa para descansar contra as minhas costas e girando lentamente para fora do caminho.

Ele estava com um terno preto, camisa branca engomada e gravata preta fina. Seus braços estavam confiantes atado às suas costas. Ele não tirava os óculos escuros. Eu peguei o ligeiro aroma de almíscar e pela suave barba avermelhada, achei que ele era um werefox⁸.

Outro homem se juntou a ele, de pé entre mim e a porta da frente. Ele não tirava os óculos escuros, tampouco. Eu olhei para eles, e os medi. Teria um terceiro em algum lugar, provavelmente atrás de mim. Assassinos sempre trabalharam em três. Nem mais, nem menos. Sempre três, parecendo sombras, eu pensei secamente. Senti meu estômago apertar. Três contra um não era justo. Eu olhei para o corredor da cúpula.

— Vejo você em casa, Jenks, — Eu sussurrei, sabendo que ele não podia me ouvir.

Os dois em pé eretos. Um deles com seu casaco desabotoado mostrando um coldre. Ergui minha sobrancelha. Eles não atirariam em mim a sangue frio na frente de testemunhas. Denon poderia estar irritado, mas não era estúpido. Eles estavam me esperando correr. Eu parei com minhas mãos nos quadris e meus pés separados para equilibrar. Atitude é de tudo.

— Não se supõem que nós deveríamos falar sobre isso meninos? — Eu disse sarcasticamente, o meu coração martelando. O que estava atrás desabotoou o casaco e sorriu. Seus dentes eram pequenos e afiados. Um tapete vermelho de cabelo fino cobria o dorso da mão. Yup. Werefox. Grandes. Eu tinha a minha faca, mas o ponto era ficar longe o suficiente para eu não ter que usá-la.

Atrás de mim veio à mensagem irada de Megan, — Não em meu saguão. Façam lá fora. Dessa forma.

Megan observou atrás dela a passagem para os escritórios. Não houve tempo para agradecimentos. Eu corri pela porta, encontrando-me em uma área aberta do escritório. Atrás de mim pancadas abafadas e gritos de maldições. A sala de depósito era dividida com o tamanho favorito da

⁸ Werefox – Homem que toma forma de raposa.

empresa: paredes de quatro metros e um labirinto de proporções bíblicas. Eu sorri e acenei para os rostos assustados das poucas pessoas trabalhando, a minha bolsa batia nas divisórias enquanto corria.

Empurrei o garrafão de água ao longo da passagem, e gritei um hipócrita “Desculpe”, quando caiu. Não vim destruir, mas se caísse... O glugging pesado da água foi rapidamente dominado pelos gritos de desespero e apelo por um esfregão. Olhei para trás. Um deles estava envolvido com três trabalhadores de escritório lutando para ganhar o controle do garrafão pesado. Sua arma estava escondida. Tão longe, tão bom. Fui para porta de trás, acenando. Eu corri para a parede oposta, escancarando a porta de incêndio, desfrutando do ar frio. Alguém estava me esperando. Ela estava apontando uma arma de boca larga para mim.

— Merda! — Exclamei, recuando para bater com a porta fechada. Antes de se fechar, algo úmido atingiu atrás de mim, deixando uma mancha gelatinosa. A parte de trás do meu pescoço queimou. Eu subi, chorando quando eu encontrei uma bolha do tamanho de uma moeda de prata. Meus dedos tocando o queimado.

— Ótimo — sussurrei quando limpei na bainha do casaco. — Eu não tenho tempo para isso. — Chutando o bloqueio de emergência no local, eu voltei para o labirinto. Eles não estavam usando mais magias atrasadas. Estas foram preparadas e carregadas com bolas. Apenas uma droga grande. Meu palpite tinha sido feitiços espontâneos de combustão. Se eu tivesse ficado mais do que um respingo, eu estaria morta.

Legal, uma pequena pilha de cinzas no tapete de Berber. Não havia nenhuma maneira de Jenks sentir isso vindo, mesmo se estivesse comigo. Pessoalmente, eu prefiro ser morta por uma bala. Isso pelo menos era romântico, mas era mais difícil rastrear o fabricante de um feitiço letal do que era identificar o fabricante de uma arma convencional. Sem mencionar que um bom feitiço não deixaria provas. Ou, no caso de magias de combustão espontânea, muito pouco corpo. Nenhum corpo. Nenhum crime. Não há necessidade perder tempo.

— Ali! — alguém gritou. Eu me escondi debaixo de uma mesa. Dor chocou meu cotovelo quando eu aterrissei nele. Minha garganta parecia que estava pegando fogo. Eu tinha que passar um pouco de sal sobre ela, neutralizar o feitiço antes de se espalhar. Meu coração disparou quando eu

tirei fora minha jaqueta. Respingos da substância pegajosa a decorava. Se eu não estivesse a usando, provavelmente estaria morta. Enfiei-a na lixeira de alguém. As chamadas por um esfregão estavam mais altas quando eu peguei um frasco de água salgada da minha bolsa. Meus dedos queimavam e meu pescoço estava em agonia. Com as mãos trêmulas, eu mordi o tubo com tampa de plástico. Com a respiração presa, eu despejei o frasco entre os dedos e então curvei meu pescoço. Minha respiração sibilou para fora por causa dor repentina e do cheiro de enxofre que exalou quando a magia negra quebrou. Água salgada escorria para o chão. Passei um momento glorioso saboreando o cessar da dor.

Tremendo, esfreguei meu pescoço com a bainha da minha manga. A bolha aplicada nos meus dedos estava ferida, mas a vibração da água salgada foi acalmando em relação ao queimar. Eu fiquei onde estava, sentindo-me como uma idiota enquanto tentava descobrir como sairia de lá. Eu era uma boa bruxa. Todos os meus feitiços eram defensivos, não ofensivos. Esbofetear e mantê-los com os pés ocupados até dominá-los era o nome do jogo. Eu sempre tinha sido a caçadora, nunca a caça. Minha testa franzida quando percebi que não tinha nada disso.

A voz excessivamente barulhenta de Megan me disse exatamente onde todos estavam. Senti minha bolha novamente, não havia espalhado. Estava com sorte. Minha respiração ofegante no ritmo suave alguns cubículos. Desejei que não estivesse suando muito. Weres têm narizes excelentes, mas mentes limitadas. Era provavelmente só o cheiro de enxofre remanescente que os impediram de me encontrar agora. Eu não podia ficar aqui. Uma pequena batida atrás da porta me disse que era hora de ir.

Tensão pulsava em minha cabeça enquanto eu espreitava cautelosamente sobre as paredes para ver a sombra número um caminhando através dos cubículos deixando a sombra número três ir por dentro. Tomando uma suave respiração, mudei para o caminho inverso fugindo agachada. Eu estava apostando a minha vida que os assassinos tinham mantido um deles na porta da frente e que eu não iria encontrá-lo no meio do caminho.

Obrigada Megan por não parar o discurso sobre a água no chão, eu deixei isso na arcada do hall de entrada, mas o mistério permanece. Com o rosto gelado, olhei ao redor da moldura da porta para encontrar a recepção

deserta. Documentos espalhados pelo chão, canetas rolando debaixo dos meus pés e o teclado de Megan pendurado pelo fio, ainda balançando. Mal respirando, eu esquivei meu caminho para a abertura do balcão, onde faria a volta. Ainda no chão, passei uma olhada rápida na recepção. Meu coração deu um pulo. Havia uma sombra se mexendo na porta olhando ranzinza por ter sido deixado para trás, mas há maiores chances de passar por um do que por dois. A voz chorosa de Francis veio fraca da cúpula.

— Aqui? Denon os colocou atrás dela aqui? Ele deve estar chateado. Nah, eu volto. Eu tenho que ver isso. Deve valer à pena rir.

Sua voz estava se aproximando. Talvez Francis gostasse de ir dar um passeio comigo, pensei. É que ele era curioso e estúpido, uma combinação perigosa em nossa profissão. Esperei, adrenalina zumbindo através de mim, até que ele levantou o painel do balcão e veio atrás da mesa.

— Que confusão, — disse ele, mais interessado na desordem no chão do que eu subindo atrás dele. Ele nunca me viu chegar, muito ocupado se coçando. Como um relógio, eu deslizei um braço ao redor do seu pescoço, agarrando um de seus braços para trás, quase levantando ele fora de seus pés.

— Wow! Porra Rachel! — ele gritou, muito assustado para saber como seria fácil me dar uma cotovelada no estômago e fugir. — Deixe-me ir! Isso não é engraçado.

Engolindo, levei meus olhos assustados para a sombra à porta que puxou sua arma e apontou. — Não faça nada, docinho, — eu respirei na orelha de Francis, dolorosamente conscientes de como nós estávamos perto da morte. Francis não tinha a menor ideia e pensou que poderia fazer algo estúpido que me assustou mais do que a pistola. Meu coração disparou e eu senti meus joelhos soltos. — Espere, — eu disse a ele. — Se ele achar que pode dar um tiro em mim, ele pode atirar.

— Por que eu deveria me importar? — ele rosnou de volta.

— Você vê mais alguém aqui fora além de você, eu e uma arma? — Eu disse suavemente. — Não seria difícil se livrar de uma testemunha agora não é?

Francis ficou rígido. Eu ouvi um pequeno suspiro quando Megan apareceu na porta dos escritórios. Mais gente olhou por cima e em volta dela, sussurrando em voz alta. Lancei meu olhar sobre eles sentindo uma pitada de pânico. Havia muitas pessoas. Também muitas oportunidades para que algo corresse mal. Eu me senti melhor quando a sombra relaxou encolhendo-se e enfiou sua pistola longe. Ele colocou seus braços ao seu lado, palmas para fora, num gesto de condescendência hipócrita. Marcar-me diante de tantas testemunhas seria demasiado caro. Impasse.

Eu mantive Francis diante de mim como um escudo relutante. Houve um som de sussurro, as outras duas sombras fantasmas saíram da área de escritório. Eles mantiveram-se contra a parede traseira do gabinete de Megan. Um tinha uma arma na mão. Ele capturou a situação e o coldre.

— Ok, Francis, — eu disse. — É tempo para a sua tarde de caminhava saudável.

— Empurre Rachel, — ele disse, a voz trêmula e suor decorando sua testa.

Nós lentamente saímos de trás da mesa, me esforçando para manter Francis ereto quando ele deslizou sobre as canetas rolando. O espaço da porta gentilmente ficou livre. Sua atitude foi bastante clara. Eles não tinham pressa, tinham tempo. Debaixo de seus olhos atentos, Francis e eu recuamos para fora da porta e para o sol.

— Deixe-me ir, — disse Francis, começando a lutar. Os pedestres nos deram um largo olhar e os carros passando desaceleraram para assistir. Eu odeio curiosos, mas talvez trabalhem para mim. — Vá em frente, corra, — disse Francis. — Isso é o que você faz melhor, Rachel. Apertei o meu punho até que ele resmungou. — Você tem esse direito. Eu sou um agente melhor do que você jamais será.

As pessoas ao redor estavam começando a se dispersar, percebendo que isso era mais do que uma briga de amantes. — Você pode querer começar a correr, também, — eu disse esperando aumentar a confusão.

— Que diabos você está falando? — Seu suor fedia sobre sua colônia.

Eu arrastei Francis do outro lado da rua, os obstáculos entre os carros abrandaram. As três sombras tinham saído para assistir. Eles ficaram

tensos e em estado de alerta junto à porta, com seus óculos escuros e roupas pretas.

— Eu imagino que eles achem que você está me ajudando. Quero dizer realmente, estou insultada, — provoquei, — Um bruxo grande forte como você não é capaz de ficar longe de uma pequena, frágil menina como eu? — Eu ouvi a sua rápida respiração em compreensão. — Bom rapaz, — eu disse. — Agora corre.

Com o tráfego entre mim e as sombras, deixei Francis cair e correr e então me perdi no tráfego de pedestres. Francis pegou o outro lado. Eu sabia que tinha distância suficiente entre nós, eles não me seguiram para casa. Weres eram supersticiosos e não violariam o santuário da terra santa. Eu estaria segura, até Denon enviar outra coisa atrás de mim.



Capítulo 09

— Mais uma coisa, — eu meditava enquanto virava uma quebradiça página amarela que cheirava a gardêneas e éter. Um feitiço de invisibilidade seria ótimo, mas isso pedia semente de samambaia. Eu só não tinha tempo para reunir o suficiente, mas também não era a época certa. No Findlay Market⁹ teria isso, mas eu não tinha tempo. — Caia na real, Rachel, — eu sussurrei, fechando o livro e endireitando minhas costas dolorosamente. — Você não sabe incitar nada tão difícil assim.

Ivy estava descansando do outro lado da mesa da cozinha, preenchendo os formulários de mudança de endereço que ela pegou enquanto mastigava até o final o seu aipo. Esse foi o jantar que eu tive tempo de fazer. Ela parecia não se importar, talvez fosse sair mais tarde e arranjar um lanche. Amanhã, se eu vivesse para ver isso, faria um jantar de verdade, talvez pizza. A cozinha não estava contribuindo para a preparação de comida esta noite.

Eu estava fazendo feitiço; fiz uma bagunça. Plantas cortadas ao meio, lama, tigelas manchadas de verde com grades esticadas deixadas para esfriar e panelas de cobre sujas transbordando a pia. Parecia um encontro da cozinha do Yoda com a do programa Galloping Gourmet, mas eu tinha meus amuletos de detecção, indutores de sono, até mesmo alguns novos feitiços de disfarce para me fazer parecer mais velha ao invés de mais nova. Não podia evitar ficar muito satisfeita por eu mesma tê-los feito. Assim que descobrisse um feitiço forte o suficiente para invadir os registros no cofre da I.S, Jenks e eu sairíamos daqui.

Jenks tinha vindo nessa tarde com um lento e desgrehado lobo o seguindo; seu amigo que guardava minhas coisas. Eu comprei a cabana com cheiro bolorento que ele tinha, agradecendo-o por trazer as poucas peças

⁹ Findlay Market é o mercado público mais antigo e continuamente em funcionamento do estado de Ohio. O mercado foi construído em terreno doado à cidade de Cincinnati pelo General James Findlay (1770-1835) e Jane Irwin Findlay (1769-1851).

de roupa que não tinham sido enfeitiçadas: meu casaco de inverno e um par de moletons cor de rosa que estavam enfiados em uma caixa atrás do meu closet. Eu disse ao homem para não se incomodar com nada mais agora além das minhas roupas, música e coisas de cozinha. Ele escondeu um punhado apertado em suas garras, prometendo ao menos trazer minhas roupas amanhã.

Suspirando, eu olhei por cima do meu livro e por trás do Sr. Peixe — no peitoril da janela — para o jardim escuro. Minha mão se fechou na bolha em meu pescoço e empurrei o livro para dar espaço para o próximo. Denon devia estar muito irritado para colocar os lobos atrás de mim em plena luz do dia, justo quando eles estavam em severa desvantagem. Se fosse noite, eu estaria provavelmente morta — lua nova ou não. Ele estava gastando dinheiro e isso me dizia que ele tinha se desaparelhado quando deixou Ivy sair.

Depois de me esquivar dos lobos, fiz um alarde por um taxi para casa. Eu justifiquei isso dizendo que estava evitando a possível colisão do homem com o ônibus, mas a realidade era que eu não queria que ninguém me visse com os tremores. Eles começaram três quarteirões depois que entrei no taxi e não pararam até que eu estivesse tempo suficiente no chuveiro para drenar toda a água quente do aquecedor de água. Eu nunca tinha sido a caçada final do jogo. Eu não gostei disso, mas o que me assustava quase tanto quanto isso era o pensamento de que eu poderia ter que fazer e usar um feitiço negro para manter-me viva.

Muito do meu trabalho requeria especialistas em “feitiços cinza” — bruxas que pegavam um feitiço perfeitamente bom como um encanto de amor e transformá-lo para mau uso —, mas os usuários sérios de magia negra estavam fora de lá, e eu os trouxe também: aqueles especializados nas formas mais sombrias de cilada. As pessoas que podiam fazer você ficar perdido — e por alguns dólares a mais, enfeitiçar seus parentes para não se lembrarem que você existe —, o punhado de Inderlanders que conduziam as lutas por poder clandestinas de Cincinnati.

Às vezes, o melhor que eu tinha sido capaz de fazer foi encobrir a feia realidade, para que a humanidade nunca soubesse como era difícil controlar os Inderlanders que consideravam a nós humanos como um rebanho ao ar livre. Mas nunca tinha vindo ninguém assim até mim antes.

Eu não tinha certeza de como me manter segura e meu karma limpo ao mesmo tempo.

As últimas horas da luz do dia eu passei no jardim. Bagunçando na lama com crianças pixy ficando no caminho era um ótimo jeito de aterrar alguém, e eu descobri que devia a Jenks um obrigado bem grande — em mais jeitos do que um. Não foi até eu com meus materiais de especialista em feitiços e um nariz queimado de sol que descobri a razão de seus gritos animados e chamados. Eles não estavam brincando de esconde-esconde; eles estavam interceptando splat balls¹⁰.

A pequena pirâmide ordenadamente empilhada de bolas que estouravam na porta dos fundos tinha me aterrorizado. Cada uma carregava a minha morte. Eu não sabia. Não tinha a mínima ideia. Vendo-os lá me irritava, deixando-me com raiva ao invés de assustada. Da próxima vez que os caçadores me encontrassem, eu prometi, eu estaria preparada.

Depois do meu redemoinho de feitiço de especialista, minha bolsa estava cheia com os meus amuletos comuns. O pino de pau-brasil do trabalho tinha sido minha salvação. Qualquer madeira pode armazenar feitiços, mas no pau-brasil dura por mais tempo. Eles eram todos ótimos feitiços, mas eu necessitava de algo mais forte. Suspirando, eu abri o próximo livro.

— Transmutação? — Ivy disse, colocando os formulários de lado e puxando seu teclado para mais perto. — Você é tão boa assim?

Eu corri a unha do dedão por baixo da outra unha pra tirar a lama debaixo dela. — A necessidade é a mãe da coragem, — eu murmurei. Sem encontrar seus olhos, eu examinei o índice. Eu precisava de algo pequeno, de preferência que pudesse se defender sozinho.

Ivy voltou a navegar com uma alta mastigada no aipo. Eu a estava observando de perto desde que o sol baixou. Ela era uma colega de quarto modelo, fazendo claramente um esforço para manter minimizada suas reações vampíricas normais. Provavelmente ajudou que eu tivesse lavado minhas roupas de novo. O momento que ela começasse parecer sedutora, eu a pediria para ir embora.

¹⁰ Bolas que estouram.

— Aqui tem um, — eu disse suavemente. — Um gato. Eu preciso de cerca de trinta gramas de alecrim, meia xícara de hortelã, uma colher de chá de flor de cera colhida depois da primeira geada... Bem, está fora. Eu não tenho nenhum extrato, e eu não estou a fim de ir à loja agora.

Ivy parecia engolir uma risada e eu me virei para o índice. Não um morcego; eu não tinha um freixo no jardim e provavelmente preciso de um pouco da casca interior. Além disso, eu não iria passar o resto da noite aprendendo a voar por ecolocalização¹¹. Era o mesmo para os pássaros. A maioria dos que estavam na lista não voavam a noite. Um peixe seria idiota. Mas talvez...

— Um rato — eu disse, virando para a página apropriada e olhando a lista de ingredientes. Nada era exótico. Quase tudo que precisa já estava na cozinha. Havia uma nota manuscrita no rodapé, eu olhei de soslaio para ler a caligrafia desbotada e de aparência masculina. Pode ser adaptada com segurança para qualquer roedor. Eu olhei para o relógio. Este faria.

— Um rato? — Ivy disse. — Você vai enfeitiçar a si mesma para virar um rato?

Eu fiquei em pé, fui para o balcão de aço inoxidável no meio da cozinha e escorei o livro. — Certo. Eu tenho tudo menos o pêlo de rato. — Minhas sobrancelhas se ergueram. — Você acha que eu poderia ter uma das bolinhas da sua coruja? Eu preciso coar o leite através de algum pelo.

Ivy lançou suas ondas de cabelo preto sobre o ombro, suas finas sobrancelhas altas. — Certo. Eu vou conseguir uma pra você. — Sacudindo a cabeça, ela fechou o site que estava olhando e se levantou com uma alongada alta o bastante para mostrar seu diafragma. Eu pestanejei para a jóia vermelha atravessada no seu umbigo, então olhei pra longe. — Eu preciso levá-las para fora de qualquer forma, — ela disse quando caiu em si mesma.

— Obrigada. — Eu voltei para minha receita, revisando exatamente o que precisava e amontoando no balcão da cozinha. Na hora que Ivy desceu da torre da igreja, tudo estava medido e a espera. Tudo que restou estava mexido.

¹¹ Ecolocalização – Processo usado por um animal (morcego, por exemplo), para orientar-se e evitar obstáculos, especialmente na escuridão, por meio da emissão de sons de alta frequência, refletidos por superfícies do ambiente, e que indicam a distancia e a direção de tais superfícies.

— É todo seu, — ela disse, colocando uma bolinha no balcão e indo lavar as mãos.

— Obrigada, — eu sussurrei. Eu peguei um garfo e separei a massa, empurrando três pêlos dos minúsculos ossos. Eu fiz uma careta, lembrando a mim mesma que isso não tinha percorrido todo o caminho dentro da coruja, tinha sido regurgitado.

Apanhando um punhado de sal, eu virei pra ela. — Eu vou fazer um círculo de sal. Não tente atravessar, ok? — ela olhou fixamente e eu acrescentei, — É um feitiço potencialmente perigoso. Eu não quero que nada entre na panela por acidente. Você pode ficar na cozinha, só não atravesse o círculo.

Parecendo incerta, ela afirmou com a cabeça. — Ok.

Eu meio que gostava de vê-la surpresa e eu fiz o círculo maior que de costume, fechando todo o centro com toda minha parafernália. Ivy se ergueu para sentar-se no canto do balcão. Seus olhos estavam abertos de curiosidade. Se eu fosse fazer isso bastante, eu podia não cumprir com o depósito de segurança e cauterizar uma ranhura no linóleo. Para que serve um depósito de segurança se você for morta por um feitiço desalinhado?

Meu coração batia rápido. Tinha estado desde que fechei o círculo, e Ivy me observando me deixava nervosa. — Tudo bem, então... — eu murmurei, eu respirei lentamente, desejando que minha mente se esvaziasse e meus olhos se fechassem. Lentamente, minha segunda visão se focalizou.

Eu não fazia isso frequentemente, era tão confuso como toda saída. Um vento que não era desse lado da realidade ergueram os fios mais leves do meu cabelo. Meu nariz se enrugou ao cheiro de âmbar queimado. Imediatamente parecia que eu estava do lado de fora quando as paredes em volta viraram ilusões prateadas. Ivy, ainda mais transitória do que a igreja, sumiu. Somente a paisagem e as plantas permaneceram, seus esboços tremulando com o mesmo brilho avermelhado que pesava no ar. Era como se eu permanecesse no mesmo lugar antes que a humanidade descobrisse. Minha pele se arrepiou quando eu percebi que lápides existiam nos dois mundos, de aparência tão branca e sólida quanto a lua seria se estivesse no fim.

De olhos ainda fechados, eu alcancei minha segunda visão, procurando pela linha Ley mais próxima. — Puta merda, — eu murmurei surpresa, ao descobrir uma mancha avermelhada de poder correndo sobre a lápide. — Você sabia que há uma linha Ley que corre pelo cemitério?

— Sim, — Ivy disse suavemente, sua voz vindo de lugar nenhum.

Eu estiquei minha vontade e a toquei. Minhas narinas alargaram-se quando a energia ondulou dentro de mim, correndo pelas minhas teóricas extremidades até o poder se igualar. A universidade foi construída em uma linha Ley tão grande que poderia ser arrastada sobre quase qualquer lugar de Cincinnati. A maioria das cidades são construídas sobre ao menos uma. Manhattan tem três de tamanho considerável. A maior linha Ley na costa leste corre por uma fazenda fora de Woodstock. Coincidência? Eu acho que não.

A linha Ley no quintal era pequena, mas estava tão próxima e subutilizada que me deu mais força do que a da universidade tinha me dado. Embora nenhuma brisa de verdade me tocou, minha pele formigava desde que o vento começou soprar do além.

Tocar numa linha Ley era um avanço, embora um avanço perigoso. Eu não gostava disso. Seu poder corria por mim como água, parecendo deixar um resíduo crescente. Eu não conseguia manter meus olhos fechados por muito mais tempo, então eu os abri.

A visão vermelha surreal do além foi substituída pela minha cozinha enfadonha. Eu encarei Ivy empoleirada no balcão, vendo-a com a sabedoria terrena. As vezes, uma pessoa se parece totalmente diferente. Eu estava aliviada em ver Ivy parecer a mesma. Sua aura – sua aura real, não sua aura vampira – estava listrada com brilho. Que estranho. Ela procurava por algo.

— Por que você não me contou que havia uma linha Ley tão perto? — eu perguntei.

Os olhos de Ivy se viraram pra mim. Dando de ombros, ela cruzou as pernas e chutou seus sapatos para debaixo da mesa. — Teria feito alguma diferença?

Não. Não faria nenhuma diferença. Eu fechei meus olhos para fortalecer minha segunda visão desbotada enquanto eu fechava o círculo. O fluxo violento de poder latente me deixou desconfortável. Com minha

vontade, eu movi a faixa estreita de sal desta dimensão para o além. Ela foi substituída por um anel igual de realidade do além.

O círculo se fechou com um solavanco de formigar a pele e eu pulei. — Porcaria, — eu murmurei. — Talvez eu tenha usado sal demais. — A maioria da energia que eu empurrei do além agora fluía pelo meu círculo. O pouco que continuava me rodeando ainda fazia minha pele arrepiar. O resíduo continuaria a crescer até eu quebrar o círculo e desconectar da linha Ley.

Eu podia sentir a barreira da realidade do além me cercando como uma leve pressão. Nada podia cruzar as rapidamente deslocáveis faixas das realidades alternativas. Com minha segunda visão, eu podia ver a onda cintilante de vermelho manchado subindo do chão para arquear bem próxima da minha cabeça. A meia esfera veio da mesma distância abaixo de mim. Eu faria uma inspeção mais perto depois para ter certeza que eu não estava bifurcando nenhum tubo ou linhas elétricas, tornando o círculo suscetível a ruptura se qualquer coisa tentar ativamente passar pelo caminho.

Ivy estava me observando quando eu abri os olhos. Eu dei a ela um sorriso desconsolado e me virei. Lentamente minha segunda visão se reduziu a nada, oprimida pela minha visão atual. — Trancado apertado, — eu disse quando sua aura parecia sumir. — Não tente cruzá-la. Vai doer.

Ela acenou com a cabeça, seu sereno rosto solene. — Você está mais bruxa, — ela disse lentamente.

Eu sorri contente. Por que não deixar a vampira ver que a bruxa tinha dentes também? Pegando a menor tigela de cobre para misturar, quase do tamanho das minhas mãos em concha, eu a coloquei sobre a fogueira em uma lata acesa que Ivy tinha trazido pra mim mais cedo. Eu usava o fogareiro para praticar meus feitiços menores, mas de novo, uma linha de gás funcionando teria deixado uma abertura no círculo.

— Água... — eu murmurei, enchendo meu cilindro graduado com água de nascente e olhando de soslaio para ter certeza que li corretamente. A cuba chiou quando a acrescentei e ergui a tigela da chama. — Rato, rato, rato, — eu meditei, tentando não mostrar o quanto eu estava nervosa. Este era o feitiço mais difícil que eu tinha tentado fora da sala de aula.

Ivy escorregou do balcão e eu paralisei. O cabelo detrás do meu pescoço se ergueu quando ela veio ficar em pé atrás do meu ombro, mas ainda fora do círculo. Eu parei o que estava fazendo e olhei para ela. Ela sorriu envergonhada e moveu-se para a mesa.

— Eu não sabia que você tocava no além, — ela disse, se acomodando na frente do monitor.

Eu olhei por cima da receita. — Como uma bruxa terrena, eu não faço isso muito frequentemente, mas este feitiço vai me transformar fisicamente, não apenas dar a ilusão que sou um rato. Se alguma coisa entrar na panela por acidente, eu posso não conseguir quebrá-lo, ou terminar transformada pela metade... ou algo assim.

Ela fez um barulho evasivo e eu coloquei o pêlo de rato dentro de uma peneira para despejar o leite. Há um ramo inteiro da feitiçaria que usa linhas Ley ao invés de porções e eu passei dois semestres limpando um dos laboratórios do meu professor, então eu teria que aceitar mais do que o curso básico. Eu disse para todo mundo que era porque eu não tinha um familiar ainda – que era um requisito de segurança –, mas a verdade era que eu simplesmente não gostava deles. Eu perdi um bom amigo quando ele decidiu se especializar em linhas Ley e se juntou a um pessoal ruim. Sem mencionar que a morte do meu pai tinha sido ligada a eles. E não ajudava que as linhas Ley eram portais para o além.

Afirmava-se que o além costumava ser um paraíso onde os elfos habitaram, entrando na nossa realidade tempo suficiente para roubar crianças humanas, mas quando os demônios assumiram o controle e emporcalharam o lugar, os elfos foram forçados a residir aqui. É claro, isso foi antes mesmo de Grimm escrever seus contos de fada. Está tudo lá, nas mais antigas, mais selvagens histórias/histórias. Quase todas elas terminam com: «E eles viveram felizes no além.» Bem... É o jeito que devia ser. Grimm perdeu a parte do «no» em algum lugar.

Algumas bruxas usam as linhas Ley provavelmente considerando a duradoura interpretação errada de que bruxas alinhavam-se com demônios. Eu tremi pensando com quantas vidas esse erro acabou. Eu era estritamente uma bruxa terrena, lidando exclusivamente com amuletos, poções e encantos. Ações e encantamento estavam na esfera da mágica das linhas Ley. Bruxas especializadas nesse ramo tocavam diretamente as

linhas Ley por sua força. Era uma mágica mais rigorosa e eu achava menos bonita e estruturada, uma vez que faltava muito da disciplina que os encantamentos terrenos tinham. O único benefício que eu podia ver na mágica da linha Ley era que podia ser invocada instantaneamente com a palavra certa. A desvantagem era que tinha que carregar um pedaço do além em seu chi¹². Eu não me importava que houvesse meios de isolá-los de seus chakras. Eu estava convencida que a mancha demoníaca do além deixava algum tipo de sujeira acumulada em sua alma. Eu vi muitos amigos perderem sua habilidade de ver claramente de que lado da cerca sua mágica estava.

A mágica da linha Ley estava onde o maior potencial para magia negra se estendia. Se um encanto fosse difícil de rastrear de volta para o seu feitor, descobrir quem amaldiçoou seu carro com mágica da linha Ley era quase impossível. Não é dizer que todas as bruxas de linha Ley são más – suas habilidades eram altamente requisitadas no entretenimento, controle do tempo e indústrias de segurança –, mas com uma associação próxima com o além e o maior poder à disposição de alguém, era fácil perder a moral.

Minha falta de avanço com a I.S pode ser colocado aos pés da minha recusa em usar mágica da linha Ley para apreender os grandes e malvados feios, mas qual era a diferença se eu os pegava com um feitiço, em vez de um encantamento? Eu tinha ficado muito boa combatendo a mágica da linha Ley com a da terra, embora alguém não fosse capaz de dizer isso olhando a minha relação pegar/fugir.

A memória daquela pirâmide de bolas que estouravam do lado de fora da minha porta dos fundos me atormentava e eu derramei o leite sobre o pelo de rato e na panela. A mistura estava fervendo e eu levantei a tigela ainda mais alta sobre seu tripé, mexendo com uma colher de madeira. Usar madeira enquanto fazia feitiço não era uma boa ideia, mas todas as minhas colheres de cerâmica ainda estavam amaldiçoadas e utilizar outro metal, se não o cobre seria convidar o desastre.

¹² Chi, também grafado como Qi ou Ki, é um conceito fundamental da cultura tradicional chinesa. O termo Chi pode ser associado de um modo bem amplo ao conceito ocidental de energia: diferentes ideogramas com este mesmo som representam em chinês a energia dos alimentos, do ar e a energia pré-natal. É a energia vital presente em todos os seres vivos.

Colheres de madeira tendem a agir como amuletos, absorvendo o feitiço e levando a erros embaraçosos, mas se eu a encharcasse na minha tina de água salgada quando terminado, eu ficaria bem.

Com as mãos nos quadris, eu li o feitiço de novo e acertei o cronômetro. A mistura fervente estava começando cheirar almiscarado. Eu esperava que estivesse tudo certo.

— Então, — disse Ivy enquanto ela clicava e estalava em seu teclado. — Você vai se esgueirar no cofre dos registros como um rato. Você não será capaz de abrir o gabinete de arquivo.

— Jenks diz que já tem uma cópia de tudo. Só temos que ir olhar.

A cadeira de Ivy rangeu quando ela se inclinou para trás e cruzou as pernas; sua dúvida de que nós, dois anões, seríamos capazes de lidar com um teclado, era evidente na forma como ela tinha a cabeça inclinada. — Por que você não se transforma de volta em bruxa, uma vez que você estiver lá?

Eu balancei minha cabeça enquanto eu verificava novamente a receita.

— Transformações invocadas por uma poção duram até fazer uma imersão sólida em água salgada. Se eu quisesse, eu poderia me transformar usando um amuleto, assaltar o cofre, tirá-lo, encontrar o que eu preciso como um ser humano, e em seguida, colocar o amuleto de volta para sair. Mas eu não vou.

— Por que não?

Ele estava cheia de perguntas, e eu olhei por cima ao adicionar uma felpa de lenha.

— Você nunca usou um feitiço de transformação? — Eu questionei. — Eu pensei que vampiros os usasse o tempo todo para se transformar em morcegos e outras coisas.

Ivy baixou os olhos. — Alguns usam, — disse ela baixinho.

Obviamente Ivy nunca tinha se transformado. Eu me perguntava o porquê. Ela certamente tinha dinheiro para isso.

— Não é uma boa ideia usar um amuleto para transformação, — eu disse. — Eu teria que amarrar o amuleto em mim, ou usá-lo no meu pescoço, e todos os meus amuletos são maiores que um rato. Meio

inadequado. E se eu estivesse em uma parede e deixasse cair? Bruxas morreram ao se enfeitiçar de volta ao normal e sem querer se solidificando com partes extras, como uma parede ou gaiola. — Estremeci, dando uma rápida agitada na infusão no sentido horário. — Além disso, — acrescentei baixinho, — eu não vou estar com nenhuma roupa, quando eu voltar.

— Rá! — Ivy latiu, e eu dei um pulo. — Agora ouvimos a verdadeira razão. Rachel, você é tímida!

O que eu poderia dizer sobre isso? Ligeiramente envergonhada, eu fechei meu livro de feitiço e o guardei embaixo do balcão com o resto da minha nova biblioteca. O cronômetro soou e eu soprei a chama. Não restou muito líquido. Não levaria muito tempo para chegar a temperatura ambiente.

Limando as mãos no meu jeans, eu alcancei através da desordem um furador de dedo.

Muito antes da Virada, uma bruxa tinha fingido um leve caso de diabetes a fim de obter estas preciosidades de graça. Eu os odiava, mas era melhor do que usar uma faca para abrir uma veia, como elas faziam em tempos menos esclarecidos. Pronta para me espetar, de repente, eu hesitei. Ivy não poderia cruzar o círculo, mas a noite passada ainda era muito real na minha cabeça. Eu ia dormir em um círculo de sal se eu pudesse, mas a conexão contínua com o além me deixaria louca se eu não tivesse um familiar para absorver as toxinas mentais que as linhas expeliam.

— Eu... uh... Preciso de três gotas do meu sangue para acelerar isso, — disse.

— Sério? — Seu olhar não possuía inteiramente aquela expressão decidida que geralmente procedia a aura de caçador de um vampiro. Ainda assim, eu não confiava nela.

Eu confirmei. — Talvez você devesse sair.

Ivy riu. — Três gotas extraídas de um furador de dedo não irão fazer nada.

Ainda eu hesitei. Meu estômago se apertou. Como eu podia ter certeza que ela conhecia seus limites? Seus olhos se estreitaram e pontos vermelhos apareceram nas suas bochechas pálidas. Se eu insistisse que ela saísse, ela se ofenderia, eu podia dizer. Eu não queria mostrar que estava

com medo dela. Eu estava absolutamente segura dentro do meu círculo. Ele podia parar um demônio; parar um vampiro não era nada.

Eu respirei e piquei meu dedo. Houve um lampejo de preto nos olhos dela e um calafrio em mim, então nada. Meus ombros se relaxaram. Entusiasmada, eu massageei as três gotas na infusão. O líquido leitoso marrom parecia o mesmo, mas meu nariz podia sentir a diferença. Fechei os olhos, trazendo o cheiro da grama e grãos para dentro dos meus pulmões. Eu precisaria de mais três gotas do meu sangue para preparar cada dose antes do uso.

— Cheira diferente.

— O quê? — Eu pulei, amaldiçoando a minha reação. Eu tinha esquecido que ela estava ali.

— Seu sangue cheira diferente, — disse Ivy. — Tem cheiro amadeirado. Condimentado. Como lama, mas lama que está viva. Sangue humano não cheira assim, ou vampiro.

— Hum — eu murmurei, bem certa de que eu não gostei que ela podia sentir o cheiro das três gotas do meu sangue do outro lado da sala através de uma barreira do além, mas foi reconfortante saber que ela nunca havia sangrado uma bruxa.

— Meu sangue funcionaria? — ela perguntou atentamente.

Eu sacudi minha cabeça enquanto eu dava uma agitada nervosa na infusão. — Não. Tem que ser de uma bruxa ou feiticeiro. Não é o sangue, mas as enzimas que tem nele. Elas agem como um catalisador.

Ela acenou, colocando seu computador no modo dormir e sentando de volta para me observar.

Esfreguei a ponta do meu dedo para lambuzar a mancha de sangue para nada. Como a maioria, esta receita fez sete feitiços. Aqueles que eu não usasse esta noite, eu armazenaria como poções. Se eu me importasse em colocá-los em amuletos, eles durariam um ano. Mas eu não iria me transformar com um amuleto por nada.

Os olhos de Ivy estavam pesados em mim enquanto eu cuidadosamente dividi a infusão em frascos do tamanho de um polegar e os tampei firmemente. Feito. Tudo o que restou foi para quebrar o círculo e

minha conexão com a linha Ley. A primeira era fácil, a segunda era um pouco mais difícil.

Dando um sorriso rápido a Ivy, eu alcancei com a minha pantufa de pelúcia rosa e empurrei uma lacuna no sal. O tamborilar de fundo do poder do além aumentou. Minha respiração assobiou pelo meu nariz, quando todas as forças que fluíam pelo círculo agora fluíam por mim.

— Qual é o problema? — Ivy perguntou de sua cadeira, soando alerta e preocupada.

Eu fiz um esforço consciente para respirar, pensando que eu poderia hiperventilar. Eu me sentia como um balão inflado demais. Com os olhos no chão, eu acenei com a mão pra ela. — O círculo está quebrado. Fique para trás. Não está terminado ainda, — eu disse, me sentindo tonta e irreal.

Tomando um fôlego, eu comecei a me separar da linha. Era uma batalha entre o desejo mais básico por poder e por conhecimento; isso poderia me levar finalmente à loucura. Eu tive que forçá-lo de mim, empurrando-o da minha cabeça até os dedos dos pés... Então o poder retornou a terra.

Meus ombros caíram quando ele me deixou, eu cambaleei estendendo a mão para o balcão.

— Você está bem? — Ivy perguntou, próxima e atenta.

Ofegante, eu olhei para cima. Ela estava segurando meu cotovelo para me manter em pé. Eu não tinha visto seu movimento. Meu rosto ficou frio. Seus dedos estavam quentes através da minha camisa. — Eu usei sal demais. A conexão foi muito forte. Eu... Eu estou bem, solte-me.

A preocupação em seu rosto desapareceu. Claramente afrontada, ela me deixou ir. O som do sal esmagado sob seus pés era alto quando ela voltou para seu canto e sentou-se em sua cadeira, parecendo magoada. Eu não iria me desculpar. Eu não tinha feito nada de errado.

Pesado e incômodo, o silêncio pesava sobre mim enquanto eu guardava todos os frascos, exceto um, no armário com os meus amuletos extras.

Enquanto eu olhava para eles, não conseguia evitar sentir uma pontada de orgulho. Eu os tinha feito, e mesmo que eu precisasse vendê-los, era mais do que eu faria em um ano na I.S. Eu poderia usá-los.

— Você quer ajuda esta noite? — Ivy perguntou. — Eu não me importo de cobrir suas costas.

— Não, — eu falei sem pensar. Foi um pouco rápido demais e suas feições se fecharam em uma carranca. Eu balancei a cabeça, sorrindo para suavizar a minha recusa, desejando que eu pudesse me fazer dizer: sim, por favor... Mas eu ainda não conseguia confiar muito nela. Eu não gostava de me colocar em uma situação em que eu tinha que confiar em alguém. Meu pai tinha morrido porque ele confiou em alguém para cuidar das suas costas.

— Trabalhe sozinha, Rachel, — ele me disse enquanto eu me sentava ao lado da sua cama de hospital e segurava sua mão tremula enquanto seu sangue perdia sua capacidade de transportar oxigênio. — Sempre trabalhe sozinha.

Minha garganta se apertou quando eu encontrei os olhos de Ivy. — Se eu não posso me perder em algumas sombras, eu mereço ser marcada, — disse, evitando o problema real. Coloquei minha tigela dobrável e uma garrafa de água salgada na minha bolsa, acrescentando meus amuletos de disfarce que ninguém da I.S. tinha visto.

— Você não vai experimentar um primeiro? — Ivy perguntou quando se tornou óbvio que eu estava saindo.

Eu nervosamente escovei um cacho de cabelo para trás. — Está ficando tarde. Tenho certeza de que está bem.

Ivy não parecia muito feliz. — Se você não estiver de volta pela manhã, eu vou atrás de você.

— É justo. — Se eu não estivesse de volta pela manhã, eu estaria morta. Eu arranquei meu longo casaco de inverno da cadeira e o vesti. Eu dei um sorriso rápido e ansioso a Ivy antes que eu deslizasse pela porta dos fundos. Eu iria pelo cemitério e pegaria o ônibus na próxima rua.

O ar da noite de primavera estava frio e eu tremi enquanto abria a porta de tela fechada. A pilha de bolas que estouravam e que estavam aos meus pés era um lembrete que eu não apreciava. Sentindo-me vulnerável,

eu deslizei para a sombra do carvalho para esperar que meus olhos se ajustassem a uma noite sem lua. Tinha apenas passado a nova e não estaria no alto até quase o amanhecer. Obrigado, Deus, por pequenos favores.

— Ei, Sra. Rachel! — veio um pequeno zumbido e eu me virei, pensando por um instante, que era Jenks. Mas era Jax, filho mais velho de Jenks. O pixy pré adolescente tinha me feito companhia durante toda a tarde, quase ficando em pedacinhos mais vezes do que eu me importaria de lembrar que a sua curiosidade e atenção ao «dever» trouxe-lhe perigosamente perto da minha tesoura enquanto seu pai dormia.

— Oi, Jax. Seu pai está acordado? — perguntei oferecendo-lhe uma mão para pousar em cima.

— Sra. Rachel? — disse ele, sua respiração rápida quando ele pousou. — Eles estão esperando por você.

Meu coração deu um baque. — Quantos? Onde?

— Três. — Ele estava brilhando verde-claro de empolgação. — Lá na frente. Grandalhães. Do seu tamanho. Fedem como raposas. Eu os vi quando o velho Keasley os perseguiu para fora de sua calçada. Eu teria lhe dito mais cedo, — disse ele com urgência, — mas eles não atravessaram a rua e nós já roubamos o resto de suas splat balls. Papai disse para não incomodá-lo, a menos que alguém viesse por cima do muro.

— Está tudo bem. Você fez bem. — Jax levantou voo quando eu facilitei o movimento. — Eu ia atravessar o quintal e pegar o ônibus do outro lado do quarteirão de qualquer maneira.

Eu olhei de soslaio na luz fraca, dando uma tapa de leve no toco de Jenks. — Jenks, — eu disse baixinho, sorrindo para o rugido quase subliminar de irritação que fluiu do velho toco. — Vamos ao trabalho.

Capítulo 10

A bela mulher sentada diante de mim no ônibus se ergueu para descer. Ela pausou parando perto demais para meu desconforto e eu olhei por cima do livro de Ivy. — Tabela 6.1, — ela falou quando encontrei seu olhar. — É tudo que precisa saber. — Seus olhos se fecharam, e ela tremeu, como que de prazer.

Embaraçada, me encolhi no assento. — Grilo Falante, — eu murmurei. Era uma tabela de acessórios e sugestões de uso. Meu rosto esquentou. Eu não era pudica, mas algumas daquelas coisas... E com um vampiro? Talvez com um bruxo... Se ele fosse lindo de morrer. Sem o sangue. Talvez.

Eu pulei quando ela se agachou no corredor. Inclinando-se perto demais, deixou cair um cartão de negócios preto no livro aberto.

— No caso de você querer uma segunda, — ela sussurrou, sorrindo com uma familiaridade rápida que não entendi. — Novatos brilham como estrelas, trazendo o melhor deles. Eu não me incomodo de ser a segunda em sua primeira noite. Eu posso te ajudar... Depois. Às vezes eles esquecem. — Um flash de medo passou por ela, rápido, mas real.

De boca aberta, eu não consegui falar nada enquanto ela se ergueu e saiu do ônibus. Jenks voou para perto, e eu fechei o livro. — Rachel, — ele falou, enquanto pousava em meu brinco. — O que está lendo? Você está com o nariz enfiado nisso desde que entramos no ônibus.

— Nada, — eu falei, sentindo meu pulso disparar. — Aquela mulher. Ela era humana, certo?

— A que estava conversando com você? É. Pelo cheiro, parece ser brinquedo de vampiros. Por quê?

— À toa, — falei, enquanto enfiava o livro no fundo da minha bolsa. Eu nunca mais leria aquela coisa em público. Por sorte, meu ponto era o

próximo. Ignorando as perguntas sem fim de Jenks, eu entrei na praça de alimentação do shopping. Minha capa longa voava ao redor dos meus tornozelos enquanto eu mergulhava no meio da confusão das compras antes do amanhecer. Eu invoquei meu disfarce de velha senhora no banheiro, esperando atrapalhar qualquer um que pudesse me reconhecer. Ainda assim, eu pensei que era prudente me perder no meio de uma multidão antes de ir para a I.S. Eu iria matar tempo, reunir minha coragem, comprar um chapéu – para substituir um dos da Ivy que eu tinha perdido hoje – e comprar sabão para cobrir qualquer vestígio do cheiro dela que ainda estivesse em mim.

Eu passei por uma vitrine de amuletos sem meu hesitar normal. Eu podia fazer o que quisesse e, se alguém estivesse procurando por mim, seria ali que vigiariam. Mas ninguém iria esperar que eu comprasse botas, pensei, meus passos ficando lentos quando passei uma janela. As cortinas de couro e pouca luz, diziam mais claramente do que o nome da loja que sua clientela era de vampiros.

E daí? Eu pensei. Eu moro com uma vampira. O vendedor não podia ser pior que Ivy. Eu era experiente o bastante para comprar alguma coisa sem deixar nenhum sangue para trás. Então, ignorando as reclamações de Jenks, eu entrei. Meus pensamentos passaram da Tabela 6.1 para o vendedor bonito e paquerador, que havia afastado os outros vendedores depois de dar uma olhada em mim através de um par de óculos de armação de madeira. Seu crachá dizia VALENTINE, e eu comi sua atenção com uma colher enquanto ele me ajudava a escolher um bom par de botas, fazendo “ooooh” para minhas meias de seda e acariciando meus pés com seus dedos fortes e frios. Jenks esperou na entrada, em um vaso de planta, carrancudo e mal humorado.

Deus me ajude, mas Valentine era bonito. Tinha que estar na descrição do trabalho de vampiro, assim como vestir preto e paquerar sem disparar nenhum dos meus alarmes de proximidade. Olhar não dói certo? Eu podia olhar e ainda assim não entrar no clube? Sim!

Mas enquanto eu saía em minhas novas e caras botas, eu pensei sobre minha súbita curiosidade. Ivy tinha praticamente admitido para mim que era atraída pelo cheiro. Talvez todos eles usassem feromônio para acalmar e atrair subliminarmente os desavisados. Isso deixaria muito mais

fácil seduzir suas presas. Eu tinha realmente me divertido com Valentine, tão relaxada como se ele fosse um velho amigo, deixando que ele tomasse liberdades provocadoras com suas mãos e palavras, que normalmente eu não permitia. Sacudindo o pensamento desconfortável para longe, eu continuei minhas compras.

Eu tive que parar na Grande Cereja para comprar molho de pizza. Humanos boicotavam qualquer loja que vendesse tomates – apesar da variedade Anjo T-4 já estar extinta há tempos –, então o único lugar onde você podia consegui-los era em lojas especializadas onde não importava se metade do mundo se recusasse a cruzar sua entrada.

Foram os nervos que me fizeram parar na loja de doces. Todos sabem que chocolate acalma as inquietações; acho que fizeram um estudo sobre isso. E, por cinco gloriosos minutos, Jenks parou de falar enquanto comia o caramelo que lhe comprei.

Parar na Corpo e Banho era uma necessidade – eu não tornaria a usar o sabão e o xampu de Ivy de novo – e isto me levou a uma loja de cheiros. Com a ajuda invejosa de Jenks, eu escolhi um novo perfume que ajudava a esconder os vestígios do cheiro de Ivy. Lavanda foi a única coisa que chegou perto. Jenks disse que eu fedia como uma explosão em uma fábrica de flores. Eu não gostava realmente dele também, mas se iria me impedir de ativar os instintos de Ivy, eu até o beberia, mas era mais fácil tomar um banho dele.

Duas horas depois do nascer do sol, eu estava de volta a rua e indo em direção ao prédio de registros. Minhas novas botas eram deliciosamente silenciosas, parecendo me fazer flutuar sobre o pavimento. Valentine estava certo. Eu virei na rua deserta sem hesitação. Meu feitiço de velha senhora ainda funcionava — o que poderia ter sido a razão dos olhares estranhos na loja de couros, mas se ninguém me visse, melhor.

A I.S. escolhia seus prédios com cuidado. Quase todos os escritórios nessa rua seguiam um relógio humano e estavam fechados desde sexta feira à noite. O tráfego fazia barulho duas ruas à frente, mas aqui estava quieto. Eu olhei atrás de mim enquanto escorregava para dentro de um beco entre o prédio de registros e a torre adjacente, de seguros. Meu coração bateu forte enquanto passei pela porta de incêndios onde quase fui pega. Eu não me incomodaria em tentar entrar daquele jeito.

— Está vendo algum cano de escoamento? — perguntei.

— Vou olhar ao redor, — ele falou, voando à frente para fazer o reconhecimento.

Eu segui em um passo mais lento, em direção ao leve bater em metal que eu ouvia agora. Aproveitando totalmente a carga de adrenalina, eu escorreguei entre uma lata de lixo do tamanho de um caminhão e uma pilha de papelão. Um sorriso chegou até mim quando vi Jenks sentado na curva de um cano, batendo nele com os saltos de suas botas.

— Obrigada, Jenks, — eu falei, tirando minha bolsa e a colocando no cimento úmido de orvalho.

— Não foi nada. — Ele voou para se sentar na lateral de uma lata de lixo. — Pelo amor da Sininho, — ele gemeu, segurando seu nariz. — Você sabe o que está aqui? — Eu dei um olhar pra ele. Encorajado, ele falou, — Lasanha de três dias, cinco variedades de copos de iogurte, pipoca queimada... — ele hesitou, seus olhos se fechando enquanto ele farejava. — ... No estilo do sul, um milhão de papéis de bala, e alguém tem uma necessidade quase herética por super nacos de burritos.

— Jenks. Cala a boca. — O ruído suave de rodas no pavimento me avisou para ficar imóvel, mas até mesmo a melhor visão noturna teria dificuldade para me ver ali. O beco fedia tanto que eu não tinha que me preocupar com Weres. Ainda assim, eu esperei até que a rua estivesse quieta antes de eu revirar minha bolsa atrás de um feitiço de detecção e uma agulha de dedo. A picada aguda dele me fez pular. Eu espremi as três gotas de sangue necessárias no amuleto. Elas foram absorvidas imediatamente e o disco de madeira brilhou um verde apagado. Eu soltei a respiração que não sabia que estivera prendendo. Nenhuma criatura consciente, além de Jenks, estava a 100 metros de mim e eu tinha minhas dúvidas sobre Jenks. Era seguro o bastante para me transformar em um rato.

— Aqui, vigie isto e me avise se ficar vermelho, — eu falei para Jenks, enquanto equilibrava o disco ao lado dele na beirada da lixeira.

— Por quê?

— Só faça! — eu sussurrei. Sentando em uma pilha de papelão, desamarrei minhas novas botas, tirei minhas meias e coloquei um pé

descalço no cimento. Estava frio e úmido da chuva do dia anterior e um som de desgosto escapou de mim. Lancei um rápido olhar para a entrada do beco e então escondi minhas botas atrás de um monte de papel rasgado, junto com meu casaco de inverno, os tirando de vista. Sentindo-me como uma viciada em Brimstone, eu me agachei ao lado da calha e tirei meu vidro de poção.

— É o jeito Rachel, — falei, lembrando-me que ainda não havia arrumado minha tigela de dissolução ainda.

Eu estava confiante de que Ivy saberia o que fazer se eu aparecesse como um rato, mas ela nunca me deixaria esquecer. A água salgada caiu barulhentosamente na tigela e eu enfiei o jarro em algum canto. A tampa do vidro caiu tilintando dentro da lixeira e eu estremeci enquanto massageava outras três gotas de sangue para fora do meu dedo pulsante, mas meu desconforto diminuiu quando meu sangue caiu no líquido e a fragrância quente de prado subiu.

Meu estômago se revirou quando misturei o vidro batendo de leve em seu lado. Nervosa, limpei uma mão em meus jeans e olhei para Jenks. Fazer um feitiço é fácil, confiar que você fez certo é que é difícil. No fim das contas, coragem era a única coisa separando uma bruxa de uma maga. Eu sou uma bruxa, disse a mim mesma, meus pés ficando gelados. Eu fiz isto certo. Eu serei um rato e serei capaz de voltar ao normal com um mergulho em água salgada.

— Me promete que não vai contar para a Ivy se isto não funcionar? — perguntei a Jenks e ele sorriu, puxando seu capuz mais baixo sobre seus olhos, de forma marota.

— O que vai me dar?

— Não vou jogar veneno de formigas no seu ninho.

Ele suspirou. — Apenas faça, — ele encorajou. — Eu gostaria de chegar em casa antes do sol nascer. Pixies dormem à noite, você sabe.

Eu lambi meus lábios, ansiosa para responder. Eu nunca havia me transformado antes. Eu havia feito as aulas, mas a mensalidade não cobria o custo de comprar um feitiço de transformação de nível profissional e o seguro de responsabilidade civil não deixava que testássemos. Seguro de responsabilidade civil. Você tem que amá-lo.

Meus dedos se fecharam ainda mais ao redor do vidro e meu pulso disparou. Isso realmente iria doer.

Com uma pressa súbita, fechei os olhos e bebi tudo. Era amargo e eu engoli em um único gole, tentando não pensar nos três pelos de rato. Eca.

Meu estômago convulsionou e eu me dobrei. Eu arfei quando perdi o equilíbrio. O cimento estava correndo em minha direção, e eu coloquei uma mão para parar minha queda. Ela estava negra e peluda. Está funcionando! Eu pensei, satisfeita e com medo. Isso não era tão ruim. Então uma dor aguda cortou minha espinha. Como fogo azul, ela correu do meu crânio para minha coluna. Eu chorei, entrando em pânico quando um grito gutural machucou meus ouvidos. Gelo quente corria por minhas veias. Eu convulsionei, a agonia tirando minha respiração. O terror me assaltou quando minha visão escureceu. Cega, eu tentei fazer alguma coisa, ouvindo um arranhar assustador.

— Não! — eu gritei. A dor aumentou, tirando tudo de mim, me engolindo.

Capítulo

11

— Rachel? Rachel, acorda. Você está bem? — Uma quente, baixa e estranha voz era uma linha me puxando de volta à consciência. Estiquei-me, sentindo os músculos trabalharem diferentes. Meus olhos se abriram para ver em tons de cinza. Jenks estava diante de mim com as mãos nos quadris e seus pés amplamente plantados no chão. Ele parecia ter quase 1,90 de altura.

— Merda! — Eu praguejei e ouvi isso sair como um áspero guincho. Eu era um rato. Eu era um maldito rato!

Pânico correu através de mim quando eu lembrava da dor da transformação. Eu ia ter que passar por tudo de novo para voltar. Não é de admirar que transformações fossem uma arte mortal. Doíam como o inferno.

Meu medo diminuiu e me mexi debaixo da minha roupa. Meu coração estava batendo terrivelmente rápido. Esse terrível perfume de lavanda estava forte na minha roupa, me sufocando. Enruguei o meu nariz e tentei não engasgar quando percebi que podia sentir o cheiro do álcool utilizado para transportar o cheiro de flores. Através disso, estava o cheiro de cinzas de incenso que eu identifiquei como Ivy e me perguntei se o nariz de um vampiro era tão sensível como o de um rato.

Bamboleando em quatro pernas, agachei-me e olhei para o mundo através dos meus novos olhos. O beco era do tamanho de um armazém, o céu negro acima de nós ameaçador. Tudo estava em tons de cinza e branco, eu estava daltônica. O som do tráfego distante estava alto e o fedor do beco era uma violação. Jenks estava certo. Alguém realmente gostava de burritos.

Agora que eu estava encarando o chão, a noite parecia mais fria. Virando-me para a minha pilha de roupas, eu tentei esconder minhas jóias. Da próxima vez eu deixaria tudo em casa, menos a minha faca no tornozelo.

Voltei-me para Jenks surpresa. Whoa, baby! Jenks era quente como o inferno com asas. Ele possuía fortes e bem definidos ombros para apoiar a sua capacidade de voar. E tinha uma cintura fina e um físico musculoso. Seus cabelos louros espetados caíam artisticamente sobre a testa para dar a ele uma atitude negligente. Uma teia de brilhos atava suas asas. Ao vê-lo por essa perspectiva de tamanho, eu poderia ver porque Jenks tinha mais filhos do que três pares de coelhos. E a sua roupa... Mesmo em preto e branco, suas vestes eram impressionantes! A bainha e gola de sua camisa foram bordadas com a semelhança de dedaleiras e samambaias. Sua bandana preta, que havia uma vez sido vermelha, foi incrustada com minúsculos brilhantes com um padrão muito chamativo.

— Ei Coisa quente, — ele disse alegremente, sua voz surpreendentemente baixa e rica para os meus ouvidos roedores. — Funcionou. Onde você encontrou um feitiço para um visom¹³?

— Um visom? — Eu questionei, ouvindo apenas um chiado. Tirando o meu olhar dele, eu olhei para minhas mãos. Meus polegares eram pequenos, mas meus dedos estavam tão habilidoso que isso não parecia importar. Pequenas e selvagens unhas apontavam delas. Eu cheguei até a sentir um curto focinho triangular, e eu me virei para ver minha longa e luxuriante cauda fluindo. Meu corpo inteiro era uma linha elegante. Eu nunca estive tão magra. Eu levantei o pé, para descobrir que meus pés eram brancos, com pequenas almofadas brancas. Era difícil julgar os tamanhos, mas eu era muito maior que um rato, mais parecido com um esquilo grande.

Um visom? Eu pensei, sentando e correndo minha pata da frente sobre a minha pele escura. Quão legal é isso? Eu abri minha boca para sentir os meus dentes. Sórdidos dentes afiados. Eu não teria que me preocupar com os gatos — eu era quase tão grande como um. As corujas de Ivy eram melhores caçadoras do que eu pensava. Meus dentes se fecharam e eu olhei para o céu aberto.

Corujas. Eu ainda tinha que me preocupar com as corujas. E os cães. E outra coisa maior do que eu.

O que um visom estaria fazendo na cidade?

— Você parece bem, Rachel — disse Jenks.

¹³ Vison é a designação comum a várias espécies de mamíferos mustelídeos do gênero *Mustela*, especialmente a *Mustela vision*, que se assemelham as doninhas da América do Norte.

Meus olhos se voltaram para ele. Você também, homenzinho. Eu me perguntava se havia um feitiço para transformar as pessoas para o tamanho de Pixies. Se Jenks fosse qualquer indicação, poderia ser bom tirar umas férias como uma fada e desfrutar do melhor do jardim de Cincinnati. Chamaria-me Thumbelina e seria uma garota feliz.

— Vou te ver lá em cima, no telhado, ok? — ele acrescentou, sorrindo ao perceber como o devorava com os olhos.

Novamente assenti, assistindo-o voar para cima. Talvez pudesse encontrar um feitiço para fazer pixies maiores? Meu suspiro melancólico saiu como um grito bastante estranho, e pulei para a calha.

Havia uma poça de água da chuva da noite passada na parte inferior e meu bigode escovou os lados, enquanto eu facilmente rastreava para cima. Minhas unhas, tive o prazer de observar, eram afiadas e consegui encontrar uma vantagens nelas se parecerem com um liso metal. Elas eram tão bom potencial de arma quanto os meus dentes. Eu estava ofegante no momento que cheguei à cobertura plana. Praticamente fluí para fora do cano, graciosamente saltitando para a sombra escura do ar condicionado do prédio e para uma alta saudação de Jenks. Minha audição era melhor, caso contrário, eu nunca teria o ouvido falar.

Estes eram apenas os registros ativos, uma fração desprezível da sujeira do I.S tinham do Inderland e da população humana, vivos e mortos. A maioria era armazenado eletronicamente, mas se um arquivo fosse arrancado, uma cópia em papel estaria nos gabinetes por dez anos, cinquenta no caso de vampiros.

— Pronto, Jenks? — Eu disse, esquecendo que iria sair como um chiado. Eu podia sentir o cheiro de café queimado e açúcar da mesa perto da porta, e meu estômago roncou. Deitada, estiquei o braço pelas frestas de ventilação, raspando meu cotovelo ao chegar desajeitada a alavanca de abertura. Ele deu lugar a uma forma inesperada, balançando com um guincho alto para pendurar pelas dobradiças. Agachada nas sombras, esperei até meu pulso diminuir, antes de colocar o meu nariz para fora. Jenks me parou quando fui empurrar uma bobina de corda para fora do canal.

— Espere, — sussurrou. — Deixe-me enganar as câmeras. — Ele hesitou, suas asas ficaram escuras.

— Você, ah, não vai contar a ninguém sobre isso, certo? É o tipo de... uh... Coisa de pixies. Ele nos ajuda a ficar despercebidos. — Ele me deu um olhar envergonhado, e eu balancei minha cabeça.

— Obrigado, — disse e caiu para o espaço. Esperei um momento sem fôlego, antes que ele as fechasse de volta e acomodar-se na borda da abertura e balançasse os seus pés. — Tudo pronto, — ele disse. — Eles vão gravar um loop de quinze minutos. Venha. Vou lhe mostrar o que Francis procurava.

Empurrei para fora da corda da rede de dutos e comecei a andar. Minhas unhas tornaram mais fácil.

— Ele fez uma cópia extra de tudo o que queria, — Jenks estava dizendo, esperando na lixeira da copiadora. Ele sorriu quando derrubei a lata de lixo e comecei vasculhando os papéis. — Eu continuei enganando a copiadora por dentro. Ele não conseguia descobrir por que ela estava lhe dando duas de tudo. O estagiário achou que ele fosse um idiota. — Olhei para cima, quase morrendo de vontade de dizer: Francis é um idiota.

— De acordo com isso, — Jenks disse, situando-se na primeira página com as mãos nos quadris, — Trent é o último de sua família. Seus pais morreram em circunstâncias que cheiravam a magia. Quase todo o pessoal da casa estava sob suspeita. Levou três anos antes do F.I.B e da I.S desistirem e decidirem oficialmente olhar para outro lado.

Folhee a declaração do investigador da I.S Meu bigode contraiu-se quando reconheci seu nome: Leon Bairn, o mesmo que acabou por ser uma mancha na calçada. Interessante.

— Seus pais negaram o parentesco com humanos ou Inderland — Jenks disse —, assim como Trent. E não foi deixado o suficiente deles para fazer uma autópsia. Assim como seus pais, Trent emprega tanto Inderlanders quanto humanos. Todos, exceto duendes e fadas.

Não era surpreendente. Por que arriscar um processo de discriminação?

— Sei o que você está pensando, — disse Jenks. — Mas não parece inclinar-se para qualquer um dos lados. Seus secretários pessoais eram sempre magos. Sua babá era uma humana de alguma reputação e andava pelas salas de Princeton com uma matilha de lobos. — Jenks coçou a cabeça

ante ao pensamento. — Não se juntou à fraternidade, no entanto. Você não vai encontrá-lo nos registros, mas a palavra é que ele não era um lobo, ou um vampiro, ou qualquer coisa. — Vendo meu assentimento, ele continuou. — Trent não cheira bem. Eu conversei com uma duende que teve um cheiro dele enquanto voltava correndo para fora dos estábulos de Trent. Ela diz que não é que Trent não tem cheiro humano, mas que algo sutil sobre ele grita Inderlander.

Pensei na magia que tinha usado para disfarçar a minha aparência hoje. Abrindo a boca para perguntar sobre isso a Jenks, fechei-o com um estalo. Eu não podia fazer nada além de chiar. Jenks sorriu, e puxou um lápis quebrado em um bolso.

— Você vai ter que explicar isso, — ele disse, escrevendo o alfabeto na parte inferior de uma das páginas. Expus todos os meus dentes, o que só o fez rir. Mas eu não tinha muita escolha. Movendo rapidamente através da página como se fosse uma tábua Ouija¹⁴, eu indiquei, “Encanto”?

Jenks encolheu os ombros. — Talvez. Mas um duende podia sentir o cheiro através dele, assim como eu posso sentir a bruxa sob o fedor do visom, mas se é um disfarce, isso explicaria o secretário bruxo. Quanto mais você usa magia, mais forte o cheiro. — Olhei para ele interrogativamente, e acrescentou: — Todas as bruxas cheiram parecidas, mas aquelas que trabalham mais a magia tem um cheiro forte, mas não-natural. Você, por exemplo, sinto o fedor do seu recente feitiço. Você foi e voltou do além está noite, não é?

Não era uma pergunta. Sentei no meu lombo, surpresa. Ele poderia dizer isso através do meu cheiro?

— Trent poderia ter outra bruxa invocando seus feitiços para ele, — Jenks disse. — Dessa forma, ele poderia ser capaz de cobrir seu cheiro, com um encanto. O mesmo vale para um lobo ou vampiro.

Atingida por uma ideia repentina, anunciei — O cheiro de Ivy?

Jenks passou sem dificuldade através do ar antes mesmo que eu tivesse acabado. — Uh, sim, — ele gaguejou. — Fede Ivy. Ou ela era uma amadora que parou de beber sangue na semana passada ou uma intensa

¹⁴ Tábuas Ouija são aqueles tabuleiros que se usam para invocar espíritos e conversar com eles, como esse aqui: www-reporterdecristo.com/wp-content/uploads/2010/10/English_ouija_board-jpg

praticante que parou no ano passado. Eu não posso dizer, mas é por aí! Provavelmente!

Fiz uma careta, tanto quanto um visom podia franzir a testa. Ela disse que tinha sido três anos. Ela deve ter sido muito, muito intensa. Olhei para o relógio do cofre. Nós estávamos correndo contra o tempo. Impaciente, virei-me para o sumário do arquivo de Trent. De acordo com o I.S, ele viveu e trabalhou em uma enorme propriedade fora da cidade. Ele criou cavalos de corrida, mas a maioria dos seus rendimentos veio da agricultura: laranja e nozes no sul, morangos na costa e trigo no centro-oeste. Ele tinha até uma ilha na costa leste, que plantava chá. Eu já sabia disso, estava estampado nos jornais.

Trent cresceu como filho único, perdendo sua mãe quando tinha dez anos e seu pai quando ele era calouro na faculdade. Seus pais tiveram outras duas crianças que não sobreviveram à infância. O médico não daria os registros sem ser intimado, e logo após o pedido, o Instituto tinha queimado até o chão.

Tragicamente, o médico estava trabalhando até tarde e não tinha conseguido sair. O Kalamack, eu pensei secamente, jogava para ganhar. Sentei-me nos registros e apertei meus dentes. Não havia nada aqui que eu poderia usar. Tive um feeling nos registros do F.I.B, se eu pudesse por algum milagre, vê-los, seria ainda menos útil. Alguém tinha feito um monte de problemas para garantir que muito pouco se soubesse sobre Kalamack.

— Desculpe, — disse Jenks. — Eu sei que você estava realmente contando com os registros.

Dei de ombros, empurrando e puxando os papéis de volta para o lixo. Eu não seria capaz de colocar o cesto na posição vertical, mas pelo menos seria algo como se tivesse caído e não sido vasculhada.

— Você quer ir até Francis na entrevista sobre a morte da sua secretária? — Jenks perguntou. — É nesta próxima segunda-feira ao meio-dia.

Meio-dia, pensei. Que hora segura. Não era ridiculamente no início do dia para a maioria dos Inderlanders, mas era um tempo perfeitamente razoável para os seres humanos. Talvez eu pudesse ir com Francis e ajudá-lo. Senti meus lábios roedores se puxarem através dos meus dentes num

sorriso. Francis não se importaria. Pode ser minha única chance de desenterrar algo em Trent. Provando que ele era um distribuidor de Brimstone seria suficiente para pagar o meu contrato.

Jenks voou até ficar na borda da cesta, suas asas se deslocavam irregularmente para manter o equilíbrio. — Posso ir com você para dar uma boa cheirada em Trent? Eu aposto que poderia dizer o que ele é.

Meu bigode escovou o ar quando eu pensei sobre isso. Seria bom ter um segundo par de olhos. Eu poderia pegar uma carona com Francis. Não como um visom, no entanto. Ele provavelmente iria gritar como uma mocinha e jogar coisas, se me encontrasse escondida no banco traseiro.

— Fale depois, — Eu enunciei. — Casa.

O sorriso de Jenks cresceu manhoso. — Antes de ir, quer ver o seu registro? — Eu balancei minha cabeça. Eu já tinha visto o meu registro varias vezes. — Não, — eu escrevi. — Quero rasgá-lo.

Capítulo 12

— Eu tenho que conseguir um carro, — eu sussurrei quando eu saía da parada de ônibus. Peguei meu casaco antes das portas se fecharem e preendi a respiração quando o motor a diesel rugiu para a vida e o ônibus pesadamente saiu. — Logo, — eu acrescentei, puxando minha bolsa mais para perto.

Eu não tinha dormido bem em dias. O sal tinha secado em cima de mim e coçava em toda parte. Parecia que eu não poderia ficar cinco minutos sem apertar acidentalmente a bolha em meu pescoço. Saindo do açúcar altamente caramelizado, Jenks estava irritado. Em suma, nós estávamos em muito boa companhia. Um falso amanhecer tinha iluminado o céu do leste, dando a fina translucidez de um belo azul. As aves estavam barulhentas e as ruas foram se acalmando. O frio no ar me fez estar feliz com meu casaco. Eu acho que falta apenas uma hora para o sol nascer. Quatro da manhã em junho era uma hora de ouro, quando todos os vampiros estão se enfiando na cama e humanos sábios ainda não tinham cutucado o nariz para fora para encontrar a edição matinal do jornal.

— Eu estou tão pronta para ir para cama, — eu sussurrei.

— Boa noite, Srta. Morgan, — veio de uma voz grave e eu girei, caindo agachada.

Jenks fez um riso sarcástico do meu brinco. — É o vizinho, — disse secamente. — Jesus, Rachel. Dê-me algum crédito.

Coração batendo, eu estava devagar, sentindo-me tão velha como deveria estar sob o meu encantamento de idade. Por que ele não estava na cama?

— Bom dia, sim, — disse eu, pisando em passos perto do portão de Keasley. Ele estava imóvel em sua cadeira de balanço, com o rosto sombreado e invisível.

— Foi fazer compras? — Ele mexeu os pés para me dizer que percebeu que minhas botas eram novas.

Cansada, inclinei-me sobre a parte superior do alambrado. — Quer um chocolate? — Eu perguntei, e ele fez sinal para eu entrar.

Jenks cantarolava sem se preocupar. — Uma série de esferas indicadoras é maior que o meu sentido de olfato, Rachel.

— Ele é um velho solitário, — eu sussurrei quando destranquei o portão. — Ele quer um chocolate. Além disso, eu pareço uma velha bruxa. Vendo, qualquer um vai pensar que sou seu encontro. — Eu relaxei e a fechadura bateu silenciosamente, eu pensei ter visto Keasley esconder um sorriso atrás de um bocejo.

Um pequeno, suspiro dramático saiu de Jenks. Eu arrumei minha bolsa na varanda e sentei-me no degrau mais alto. Girei, puxei um saco de papel do bolso do meu casaco e estendi-o.

— Ah... — ele disse, o seu olhar sobre a marca do cavalo e cavaleiro. — Algumas coisas valem a pena arriscar sua vida para ter.

Como eu esperava, ele escolheu um pedaço escuro. Um cachorro latiu ao longe. Mandíbula em movimento, ele olhou por mim na rua silenciosa.

— Você foi ao shopping.

Dei de ombros. — Entre outros lugares.

As asas de Jenks ventilaram no meu pescoço. — Rachel...

— Esfria seus jatos, Jenks, — eu disse irritada.

Keasley levantou-se com uma lentidão dolorosa. — Não. Ele está certo. É tarde.

Entre os obtusos comentários de Keasley e os instintos de Jenks, tornei-me decididamente cautelosa. O cachorro latiu outra vez, e dei uma guinada nos meus pés. Meus pensamentos se voltaram para aquele monte de esferas indicadoras fora da minha porta. Talvez eu devesse ter caminhado através do cemitério, disfarçada ou não.

Keasley moveu-se com uma lentidão dolorosa até sua porta. — Cuidado com o degrau, Sra. Morgan. Uma vez que sabe que pode passar

despercebida, eles vão mudar de tática. — Ele abriu a porta e entrou. A tela de fechar sem um som. — Obrigado pelo chocolate.

— Você é bem-vindo, — eu sussurrei quando me virei, sabendo que ele podia me ouvir.

— Velho Apavorante, — disse Jenks, fazendo meu brinco balançar enquanto atravessava a rua e dirigia-me para a moto estacionada na frente da igreja. O alvorecer falso brilhava no seu cromo e eu me perguntava se Ivy tinha obtido sua moto da loja.

— Talvez ela me deixe usá-la, — Eu pensei alto, olhando para ela muito apreciativa. Tudo era brilhante e preto, com acabamento de couro de ouro e de seda, uma asa noturna. Deliciosa. Corri a mão de inveja em todo o lugar, deixando uma mancha onde limpei o orvalho para fora.

— Rachel! — Jenks gritava. — Abaixa!

Eu abaixei. Coração batendo forte, bati as palmas das mãos na calçada. Houve o silvo de alguma coisa onde eu estava. A adrenalina subiu, fazendo minha cabeça doer. Impulsionei-me em rolar, colocando a moto entre mim e a rua oposta.

Eu segurei minha respiração. Nada se movia entre os arbustos e moitas de vegetação. Eu empurrei minha bolsa na frente do meu rosto, minhas mãos procurando dentro.

— Fique aí, — Jenks assobiou. Sua voz era apertada e um brilho roxo em suas asas.

A picada no dedo da vara sacudiu-me a meus pés. Meu encanto do sono foi invocado em 4,5 segundos, ainda o meu melhor tempo. Não que isso me faria muito bem se quem estava atirando ficou na moita. Talvez eu pudesse jogar em cima dele. Se o I.S ia fazer disso um hábito, eu poderia querer investir em uma arma. Eu era mais de confrontar-diretamente-e-derrubar-inconsciente... Esse tipo de garota. Se esconder no mato como um franco-atirador é cafona, mas quando em Roma... Faça como os romanos!

Segurei o encanto pelo cordão para que ele não fosse me afetar e esperei.

— Salvos, — disse Jenks relaxando. Fomos abruptamente cercados por uma multidão de rápidas crianças pixy. Eles rodaram por cima de nós, falando tão rápido e alto que eu não conseguia acompanhar.

— Eles se foram, — acrescentou Jenks. — Desculpe por isso. Eu sabia que eles estavam lá, mas...

— Você sabia que eles estavam lá? — Exclamei, meu pescoço doendo quando eu olhava para ele.

Um cão latia, e eu abaixei a minha voz. — Que diabos você estava fazendo?

Ele sorriu. — Eu tive que expulsá-los.

Irritada, eu tinha uma base. — Ótimo. Obrigado. Deixe-me saber da próxima vez que serei a isca. — Eu balancei meu longo casaco, fazendo careta quanto percebi que espremi meus chocolates.

— Agora, Rache, — ele persuadiu, pairando pela minha orelha. — Se eu tivesse dito a você, sua reação teria sido fechada e as fadas teriam apenas esperado até que eu não estivesse prestando atenção.

Meu rosto ficou frouxo. — As fadas? — Eu disse, esfriando. Denon deve estar maluco. Elas eram muito cara-a-a-a-s. Talvez elas deram-lhe um desconto por causa do incidente do sapo.

— Não está longe, — Jenks disse, — mas eu não ficaria aqui por muito tempo. A palavra é: Weres querem outra rachadura em você. — Ele tirou o lenço vermelho e entregou a seu filho. — Jax, você e suas irmãs podem ter a sua catapulta.

— Obrigado, papai! — O pequeno pixy subiu dois metros de excitação. Envolveu o lenço vermelho na cintura, ele e outras seis fadinhas romperam o grupo fechado do outro lado da rua.

— Cuidado! — Jenks gritou depois deles. — Pode ser uma armadilha!

Fadas, pensei, enquanto segurava meus braços ao meu redor e olhava para a rua quieta. Merda.

O restante das crianças de Jenks foram agrupando em torno dele, todos falando ao mesmo tempo em que tentavam arrastá-lo para perto novamente.

— Ivy esta com alguém, — Jenks disse quando ele começou flutuar para cima, — mas ele esta verificando, tudo bem. Você se importa se eu chamá-la á noite?

— Vá em frente, — disse eu, olhando para a moto. Não era de Ivy afinal. — E, uh, obrigado.

Levantaram-se como um enxame de vaga-lumes. Logo atrás deles foram Jax e suas irmãs, trabalhando em conjunto para realizar uma catapulta tão pequena como eles eram. Com um barulho seco de asas e gritos, eles voaram para cima e para além da igreja morta, deixando um silêncio duro na rua de manhã.

Virei às costas e me arrastei até as escadas de pedra. Olhando através da estrada, vi uma cortina contra a única janela iluminada. O show acabou. Vá dormir, Keasley, eu pensei, puxando a pesada porta e deslizando para dentro. Liberando, ela fechou, passei o parafuso oleado dos mortos no local atrás de mim, me sentindo melhor, apesar de saber que a maioria dos assassinos da I.S não usaria uma porta. Fadas? Denon deve estar majestosamente irritado.

Soprando cansada, eu encostei a pesada madeira, para fechar a manhã chegando. Tudo o que eu queria era tomar um banho e ir para a cama. Quando atravessei lentamente o santuário vazio, o som do jazz e a voz de Ivy levantou com raiva filtrada para fora da sala.

— Porra, Kist, — eu ouvi assim que entrei na cozinha escura. — Se você não tirar a sua bunda dessa cadeira agora, eu vou suspendê-lo a meio caminho para o sol.

— Ah, pega leve, Tamwood. Eu não vou fazer nada, — veio uma nova voz. Era masculina, profunda, mas com uma pitada de um gemido, como se de quem veio entregar-se em quase tudo. Eu parei para despejar meus amuletos usados no pote de água salgada ao lado do refrigerador. Eles ainda estavam bons, mas eu sabia que não devia deixar amuletos ativos traíçoeiros em torno.

A música estalou com uma rapidez rangendo.

— Fora, — Ivy disse suavemente. — Agora.

— Ivy? — Chamei em voz alta, a curiosidade levando a melhor sobre mim. Jenks disse que quem quer que fosse estava tudo bem. Deixando

minha bolsa no balcão da cozinha, eu fui para a sala. Meu cansaço derramado em um tom de raiva. Nós nunca tínhamos discutido isso, mas eu supus que até a minha cabeça não ter mais preço, nós iríamos tentar manter um perfil baixo.

— Ooooh, — o invisível Kist zomba. — Ela está de volta.

— Comporte-se, — Ivy ameaçou quando entrei na sala. — Ou eu vou ter sua pele.

— Promete?

Kist não poderia ser um vampiro morto – ele estava em terra santa, e era quase nascer do sol –, mas queimaria minhas roupas, se ele não chegasse perto. Seus pés tocaram o chão com uma lentidão exagerada. O olhar indolente que ele me deu foi direto para o meu núcleo, estabelecendo-se em cima de mim como um cobertor molhado para apertar minha barriga. E sim, ele era bonito. Tão perigosamente. Meu pensamento recuou a Tabela 6.1, e eu engoli.

Seu rosto estava levemente mal barbeado, dando-lhe uma aparência robusta. Endireitando-se, ele jogou seu cabelo loiro e seus olhos em um movimento de graça artístico que deve ter levado anos para aperfeiçoar. Sua jaqueta de couro estava aberta para mostrar uma camisa de algodão preta bem apertada ao longo de um atraente e musculoso peito. Brincos duplos brilhavam numa orelha. Na outra, havia um brinco de uma única longa lágrima. Ele não tinha uma cicatriz visível em qualquer lugar. Eu me perguntava se eu seria capaz de senti-las, se eu corresse o dedo pelo seu pescoço. Meu coração disparou e eu deixei cair o meu olhar, prometendo a mim mesma que não iria olhar outra vez. Ivy não me assusta tanto como ele o fez. Ele moveu-se por instinto selvagem, regido pelo impulso.

— Ah, — disse Kist, levantando-se da cadeira. — Ela é uma gracinha. Você deveria ter me dito que ela era uma querid-i-i-inha. — Senti que ele tomava uma respiração profunda, como se provasse a noite. — Ela cheira a você, oh Ivy, amor. — Sua voz caiu alto. — Isso não é doce?

Frio, eu segurava a gola do casaco fechado e apoiado até que eu estava no limite.

— Rachel, — Ivy disse secamente. — Este é Kisten. Ele está saindo. Você não está, Kist.

Não era uma pergunta e perdi meu fôlego enquanto ele se levantou com um movimento fluido, uma graça animal. Kist esticou-se, com as mãos para alcançar o teto. Seu corpo magro se movia como um cabo para mostrar cada curva linda dos músculos dele. Eu não conseguia desviar o olhar. Seus braços caíram e nossos olhos se encontraram. Eles eram pardos. Seus lábios entreabertos em um sorriso suave quando ele sabia que eu estava olhando para ele. Seus dentes eram afiados como de Ivy. Ele não era um vampiro morto. Ele era um vampiro vivo. Eu desviei o olhar, embora vampiros vivos não pudessem enfeitiçar, fiquei alerta.

— Você tem um gosto por vampiros, pequena bruxa? — ele sussurrou.

Sua voz era como o vento sobre a água e os meus joelhos ficaram fracos na compulsão que colocou nele. — Você não pode me tocar, — disse eu, incapaz de resistir a olhar para ele enquanto ele tentava me enfeitiçar. Minha voz soou como vindo de dentro da minha cabeça. — Eu não assinei os documentos.

— Não? — ele sussurrou. Suas sobranceiras levantaram-se na confiança sufocante. Ele atenuou a distância, seus passos silenciosos. Coração batendo forte, eu olhei para o chão. Senti atrás de mim, perto de tocar no batente da porta. Ele era mais forte do que eu e mais rápido, mas uma joelhada na virilha seria deixá-lo como qualquer outro homem.

— Os tribunais não se importam, — ele respirou e deu uma parada. — Você já está morta.

Meus olhos se arregalaram quando ele chegou a mim. Seu cheiro tomou conta de mim, o cheiro de mofo de terra preta. Meu pulso martelou e eu dei um passo à frente. Sua mão em concha no meu queixo, quente. Um choque passou por mim, dobrando os joelhos. Ele agarrou meu cotovelo, me apoiando contra seu peito. Antecipação de uma promessa desconhecida feita a minha raça de sangue. Inclinei-me para ele, esperando. Seus lábios se separaram. Um sussurro de palavras que eu não conseguia entender veio dele, bonito e escuro.

— Kist! — Ivy gritou, assustando nós dois. Um lampejo de ira filmou seus olhos, em seguida, desapareceu.

Minha vontade corria de volta com uma rapidez dolorosa. Tentei empurrá-lo longe, encontrando-me realizada. Eu poderia cheirar sangue.

— Vá embora, — eu disse, quase em pânico quando ele não o fez. — Vai!

Sua mão caiu. Ele se virou para Ivy, me descartando totalmente. Eu senti de novo a porta, tremendo, mas incapaz de sair dali voluntariamente até que eu soubesse que ele tinha ido embora.

Kist estava diante de Ivy calmo e sereno, um estudo em opostos à agitação de Ivy. — Ivy, amor — ele persuadiu. — Por que você se atormenta? Seu cheiro a cobre, mas ela ainda tem cheiro de sangue puro. Como você pode resistir? Ela está pedindo por isso. Ela está gritando por isso. Essa vadia vai gemer e reclamar no primeiro tempo, mas ela vai agradecer por isso no final.

Expressando timidez, ele gentilmente mordeu o lábio. O sangue correu, enxugando lentamente, vagarosamente, zombando com a língua. Minha respiração parecia dura até mesmo para mim, e eu a segurava.

Ivy ficou furiosa, os olhos viraram poços negros. A tensão não me deixava respirar. Os grilos cantavam mais rápido. Com uma lentidão exagerada, Kist cautelosamente inclinou-se para Ivy.

— Se você não quer quebrá-la — ele disse, sua voz baixa, com antecipação, — Dá ela para mim. Vou devolvê-la para você. — Seus lábios se abriram para mostrar aos seus caninos reluzentes. — Palavra de escoteiro.

O fôlego de Ivy veio em uma dificuldade rápida. Seu rosto era uma mistura irreal de luxúria e de ódio. Eu podia ver a sua luta para superar a fome e eu assisti em um fascínio horrível como ele desapareceu lentamente até que só restou o ódio.

— Sai — ela disse, com voz rouca e hesitante.

Kist respirou lentamente. A tensão fluiu fora dele quando ele exalou. Descobri que podia respirar de novo. Peguei rápido, respirações rasas como meus olhos dispararam entre eles. Ele tinha acabado. Ivy tinha ganhado. Eu estava... Segura?

— É estúpido, Tamwood, — disse Kist enquanto ajustava o casaco de couro preto em uma apresentação cuidadosa da facilidade. — Um desperdício de uma boa equipe da escuridão para algo que não existe.

Com rapidez e passos abruptos, Ivy foi até a porta dos fundos. O suor escorria pelas minhas costas quando a brisa de sua passagem me tocou. O ar frio da manhã derramado, deslocou o negrume que parecia ter enchido a sala.

— Ela é minha, — disse Ivy como se eu não estivesse lá. — Ela está sob minha proteção. O que devo fazer ou não fazer com ela é o meu negócio. Diga á Piscary se eu vir uma de suas sombras na minha igreja de novo, eu vou assumir que ele está fazendo uma oferta de disputa para que eu apoie. Pergunte se ele quer uma guerra comigo, Kist. Pergunte isso a ele.

Kist passou entre Ivy e eu, hesitando na soleira. — Você não pode esconder sua fome dela para sempre, — disse Kist, e os lábios de Ivy pressionados juntos. — Uma vez que ela vir, ela vai correr, e ela vai ser uma presa justa. — Em um tic-tac ele baixou o olhar de bad boy amolecendo suas feições. — Volte, — ele persuadiu com uma inocência sensual. — Estou dizendo que você pode ter o seu antigo lugar novamente com apenas uma pequena concessão. Ela é apenas uma bruxa. Você não sabe ao menos se ela...

— Fora, — Ivy disse, apontando para o amanhecer.

Kist entrou pela porta. — Uma oferta que evitaria fazer inimigos terríveis.

— Uma oferta realmente que não envergonha quem o faz.

Dando de ombros, ele puxou o boné de couro do bolso e colocou. Ele olhou para mim, um olhar passando fome. — Adeus, amor, — ele sussurrou, e eu tremi como se tivesse corrido uma mão lenta na minha bochecha. Eu não poderia dizer se era de repulsa ou desejo. E ele se foi.

Ivy bateu a porta atrás dele. Movendo-se com a mesma graça misteriosa, ela atravessou a sala e caiu em uma cadeira. Seu rosto estava escuro, com raiva, e eu olhava para ela. Merda santa. Eu estava vivendo com um vampiro. Não praticante ou não, ela era um vampiro. O que Kist tinha dito? Que Ivy estava perdendo seu tempo? Que eu ia correr, quando eu visse a sua fome? Que eu era dela? Merda.

Movendo-se lentamente, eu avancei para trás, fora da sala. Ivy olhou para cima, e eu congelei. A raiva drenada de seu rosto, substituída com o que parecia alarme quando ela viu meu medo.

Lentamente, eu pisquei. Minha garganta fechou e eu virei às costas para ela, indo para o corredor.

— Rachel, espere, — ela me chamou, ela bajulando voz. — Sinto muito sobre Kist. Eu não o convidei. Ele só apareceu.

Eu entrei na sala, tensa a ponto de explodir se ela colocasse a mão em mim. Era por isso que Ivy tinha parado junto comigo? Ela não podia legalmente me caçar, mas como tinha dito Kist, os tribunais não se importam.

— Rachel...

Ela estava bem atrás de mim e eu girei. Meu estômago apertou. Ivy deu três passos para trás. Eles eram tão rápido que era difícil dizer que ela tinha se movido. Suas mãos foram levantadas em apaziguamento. Sua sobrancelha estava franzida de preocupação. Meu pulso martelou, me dando uma dor de cabeça.

— O que você quer? — Eu perguntei, na esperança de que ela iria mentir e dizer-me que era um erro. De fora vinha o barulho da moto de Kist. Olhei para ela quando o som de sua partida desbotou.

— Nada, — ela disse, com olhos castanhos sinceramente fixos aos meus. — Não dê ouvidos a Kist. Ele só está sacaneando. Ele flerta com o que não pode ter.

— Isso é certo! — Eu gritei que eu não iria começar a tremer. — Eu sou sua. Isso é o que você disse, que eu sou sua! Eu não sou de ninguém, Ivy! Fique bem longe de mim!

Seus lábios se separaram em surpresa. — Você ouviu isso?

— Claro que eu ouvi isso! — Eu gritei. A raiva dominou meu medo e eu dei um passo à frente. — É disso que você realmente gosta? — Gritei, apontando para a sala de estar invisível. — Como esse... Animal? É? Você está me caçando, Ivy? Isso é tudo sobre o preenchimento de seu intestino com o meu sangue? Será que o gosto é melhor quando você trai a eles? Não é?

— Não! — exclamou em perigo. — Rachel, eu...

— Você mentiu para mim! — Eu gritei. — Ele me enfeitiçou. Você disse que um vampiro vivo não poderia fazer isso se eu não quisesse que ele fizesse. E eu com certeza não queria!

Ela não disse nada a altura de sua sombra emoldurada pelo corredor. Eu podia ouvir sua respiração e o cheiro agriado de cinzas molhadas e pau-brasil: os nossos cheiros se misturando perigosamente. Sua postura era tensa, silenciosamente enviando um choque por mim. Com a boca seca, eu suportei quando percebi que estava gritando com um vampiro. A adrenalina gasta em si. Senti-me enjoada e fria.

— Você mentiu para mim, — eu sussurrei, recuando até a cozinha. Ela mentiu para mim. Papai estava certo. Não confie em ninguém. Estava pegando as minhas coisas e indo embora.

Os passos de Ivy eram excessivamente altos atrás de mim. Era óbvio que ela estava fazendo um esforço para bater no chão com força suficiente para fazer um som. Eu estava muito irritada com o cuidado.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou quando abri um armário e tirei um punhado de encantos fora de um gancho, para colocá-los na minha bolsa.

— Indo embora.

— Você não pode. Você ouviu Kist. Eles estão esperando por você!

— É melhor morrer sabendo dos meus inimigos, do que em seguida, morrer dormindo inocentemente ao lado deles, — retruquei, pensando que era a coisa mais estúpida que eu já disse. Nem sequer faz sentido. Empurrou-me para um impasse, pois ela escorregou na minha frente e fechou o armário. — Saia do meu caminho, — eu ameacei, minha voz baixa, para que ela não a ouvisse tremer.

Consternação incomodou seus olhos e franzi a testa. Ela olhou profundamente humana e me assustou. Quando eu penso que a entendi, ela faz algo parecido com isso.

Com os meus encantos e varinhas fora de alcance, eu estava desamparada. Ela poderia me jogar do outro lado da sala, quebrar a minha cabeça e colocá-la no forno. Ela poderia quebrar as minhas pernas, então eu

não poderia correr. Ela podia me amarrar a uma cadeira e me sangrar, mas o que ela fez diante de mim foi ficar com um olhar triste e frustrado em seu pálido rosto oval perfeito.

— Eu posso explicar, — ela disse, com voz baixa.

Eu lutei com a balança, quando eu encontrei seu olhar. — O que você quer comigo? — Sussurrei.

— Eu não menti para você, — disse ela, sem responder a minha pergunta. — Kist é herdeiro escolhido de Piscary. A maioria do tempo Kist é apenas Kist, mas Piscary pode... — ela hesitou. Olhei para ela, cada músculo do meu corpo gritando para se mover. Mas se eu me movesse, ela se moveria. — Piscary é mais velho do que a sujeira, — disse ela secamente. — Ele é poderoso o suficiente para usar Kist em lugares que ele não pode ir mais.

— Ele é um servo, — eu cuspi. — Ele é um laçao drogado para um vampiro morto. O seu shopping de verão traz os seres humanos para ele, servindo no Papa Piscary, fazendo um lanche.

Ivy estremeceu. A tensão era de alívio e ela tomou uma postura mais relaxada, ainda entre mim e meus encantos. — É uma grande honra ser convidado para ser um descendente de um vampiro como Piscary. E não é tudo unilateral. Por causa disso, Kist tem mais poder que um vampiro vivo deve ter. Foi assim que ele foi capaz de enfeitiçar você. Mas Rachel... — ela se apressou quando eu fiz um barulho indefeso. — Eu não o teria deixado.

E eu deveria estar feliz por isso? Que você não queira compartilhar? Meu pulso tinha abrandado e afundei-me numa cadeira. Eu acho que meus joelhos não me suportaram. Gostaria de saber o quanto da minha fraqueza foi gasta na adrenalina e quanto Ivy bombeou no ar cheio de feromônios calmantes. Droga, droga, droga! Eu estava fora da minha cabeça. Especialmente se Piscary estiver envolvido.

Piscary era dito ser um dos mais antigos vampiros em Cincinnati. Ele não causa problemas e mantinha as poucas pessoas na linha. Ele trabalhou o sistema para todos que valesse a pena, fazendo toda a papelada e certificando-se que cada exame que seu povo fazia era legal. Ele era muito mais do que o dono do restaurante simples que ele fingia ter. O I.S tinha uma política de «Não pergunte, não diga» sobre o vampiro mestre. Ele foi

uma das pessoas previamente mencionadas que mudou o poder das lutas invisíveis de Cincinnati, mas enquanto ele pagasse seus impostos e mantivesse sua licença do licor atual, não havia nada que alguém pudesse – ou quisesse – fazer, mas se um vampiro parecia inofensivo, só queria dizer que era mais esperto que a maioria.

Meus olhos se acenderam para Ivy, de pé com os braços cruzadas sobre si mesma, como se ela estivesse chateada. Oh, Deus. O que eu estava fazendo aqui?

— O que Piscary é para você? — Eu perguntei, ouvindo minha voz tremer.

— Nada, — disse ela e eu fiz um barulho de escárnio. — Realmente — ela insistiu. — Ele é um amigo da família.

— Tio Piscary, né? — Eu disse amargamente.

— Na verdade, — ela disse lentamente, — é mais preciso do que se poderia pensar. Piscary começou a linhagem da minha mãe em 1700.

— E vem sangrando você lentamente desde então, — eu disse amargamente.

— Não é assim, — disse ela soando mal. — Piscary nunca me tocou. Ele é como um segundo pai.

— Talvez ele esteja deixando o sangue envelhecer na garrafa.

Ivy passou a mão em seus cabelos em uma rara demonstração de preocupação. — Não é assim. Realmente.

— Excelente. — Eu caí colocando os cotovelos sobre a mesa. Agora eu tinha que preocupar-me sobre o descendente escolhido invadindo minha igreja com a força de um mestre? Por que ela não disse isso antes? Eu não queria jogar o maldito jogo, se as regras continuassem mudando.

— O que você quer comigo? — Perguntei novamente com medo de que ela pudesse contar e eu tivesse que ir embora.

— Nada.

— Mentirosa, — eu disse, mas quando olhei para cima da mesa, ela tinha ido embora.

Minha respiração vinha em um som rápido. Coração batendo forte, fiquei de pé, agarrei meus braços sobre mim enquanto eu olhava para o balcão vazio e as paredes silenciosas. Eu odiava quando ela fazia isso. Sr. Peixe no peitoril da janela mexeu e se contorcia, não gostando disso também.

Lenta e relutante, eu coloquei meus encantos longe. Meus pensamentos giravam de volta ao ataque de fadas na frente dos meus degraus, as Weres bolas indicadoras empilhadas na minha varanda lá atrás e em seguida às palavras de Kist, de que os vampiros estavam apenas me esperando sair da proteção de Ivy. Eu estava presa e Ivy sabia.



Capítulo 13

Eu bati levemente do lado de fora da janela do passageiro do carro de Francis para conseguir a atenção de Jenks. — Que horas são? — perguntei levemente, já que mesmo sussurros ecoavam no estacionamento coberto. Câmeras estavam me gravando, mas ninguém assistia aos filmes a não ser que alguém reclamasse de arrombamento.

Jenks caiu da viseira de sol e afundou o botão para abaixar a janela. — Onze e quinze, — disse enquanto o vidro baixava. — Você acha que eles remarcarão a entrevista de Kalamack?

Eu sacudi a cabeça e dei uma olhada por cima dos carros às portas do elevador. — Não, mas se ele fizer que com me atrase, serei marcada.

Eu puxei com força a bainha da saia. Para o meu alívio, o amigo de Jenks viera ontem com minhas roupas e jóias. Todas as minhas roupas estavam penduradas em fileiras arrumadas ou descansando em pilhas organizadas em meu closet. Era bom vê-las lá. O lobisomem fez um ótimo trabalho lavando, secando e dobrando tudo e eu me perguntei quanto ele cobraria para lavar minhas roupas toda semana.

Encontrar algo para vestir que fosse conservado e provocativo fora mais difícil do que pensei. Eu finalmente me decidi por uma saia vermelha curta, meias calças lisas e uma blusa branca cujos botões podiam ser abertos ou fechados de acordo com a necessidade. Meus brincos de argola eram pequenos demais para Jenks empoleirar-se. Isso foi motivo para o pixy passar a primeira meia hora reclamando. Eu parecia uma aluna de colegial ousada. O feitiço de disfarce ajudou; eu era uma morena nariguda de novo, coberta por aquele perfume de lavanda. Francis saberia quem eu era, mas eu queria que ele soubesse.

Nervosamente impliquei com a sujeira embaixo das unhas, fazendo uma nota mental de repintá-las. O esmalte vermelho sumira quando me

transformei em um visom. — Eu estou bem? — perguntei ao Jenks enquanto me inquietava com a minha gola.

— Sim, ótima.

— Você nem se quer olhou, — eu reclamei quando o elevador tocou. — Pode ser ele, — disse. — Você está com a poção em mãos?

— Eu só tenho que cutucar a parte de cima e ela estará toda em cima dele. — Jenks subiu a janela e se apressou para esconder-se.

Eu tinha um frasco pequeno da poção de “hora-do-sono” balançando entre o teto do carro e a viseira de sol. Francis, contudo, seria levado a acreditar que era algo mais sinistro. Era um incentivo para que ele concordasse em me deixar ocupar seu lugar na entrevista de Kalamack. Sequestrar um homem crescido, fracote ou não, era astucioso. Não era como se eu pudesse nocauteá-lo e arrastá-lo para dentro de um baú. Deixá-lo inconsciente onde qualquer um pudesse encontrá-lo teria me entregado.

Jenks e eu ficamos no estacionamento coberto por uma hora, fazendo pequenas, porém notáveis modificações no carro esportivo de Francis. Levava apenas alguns momentos para que Jenks colocasse o alarme em curto circuito e burlar a porta do motorista e as travas da janela. Enquanto eu tinha que esperar Francis do lado de fora do carro, minha bolsa estava quase enfiada embaixo do banco do passageiro.

Francis presenteara a si mesmo com uma verdadeira jóia de carro: um conversível vermelho com bancos de couro. Havia controle duplo de temperatura. As janelas podiam ficar opacas — eu sabia, porque eu as tinha testado. Havia ainda um celular embutido cujas baterias estavam agora na minha bolsa. A placa personalizada, quebrada. A coisa odiosa tinha tantas engenhocas, tudo que precisava era uma liberação para decolar. E ainda cheirava a novo. Uma propina — eu imaginei com uma pontada de inveja — ou suborno?

A luz dos elevadores apareceu. Eu esquivei-me atrás da coluna, esperando que fosse Francis. A última coisa que queria era estar atrasada. Minha pulsação estabeleceu-se em uma rápida e familiar passada e um sorriso me acalmou quando reconheci os passos rápidos de Francis. Ele estava sozinho. Houve um barulho de chaves e um surpreso “huh” quando o

carro não fez o esperado pio acolhedor quando ele desligava o alarme. As pontas dos meus dedos pinicavam de antecipação. Isso seria divertido.

A porta do carro deu um rangido ao abrir, e eu saltei em volta da coluna. Como um, Francis e eu entramos por ambos os lados do veículo, nossas portas batendo simultaneamente.

— Que diabos? — Francis exclamou, só agora percebendo que tinha companhia. Seus olhos estreitos semicerraram-se e ele agitou seu cabelo para tirá-lo dos olhos. — Rachel! — disse, quase aparentando confiança demais. — Você está tão morta.

Ele foi para a porta. Eu o alcancei e agarrei seu pulso, apontando para Jenks. O pixy sorriu largamente. Suas asas eram um borrão de antecipação enquanto ele batia de leve no frasco da infusão. Francis ficou branco.

— Etiqueta, — eu sussurrei, soltando-o e trancando as portas do meu lado. — Você é isso.

— O-o que você pensa que está fazendo? — Francis gaguejou, pálido sob sua indecente barba curta.

Eu sorri. — Estou aceitando sua corrida para entrevistar Kalamack. Você apenas voluntariou-se para dirigir.

Ele enrijeceu-se, uma sugestão da coluna a mostra. — Você pode transformar-se, — disse, seus olhos em Jenks e na poção. — Como se imergisse em magia negra e fizesse algo fatal. Estou relatando você agora mesmo.

Jenks fez um som de nojo e inclinou o frasco. — Ainda não, Jenks! — eu gritei, precipitando-me pelo assento. Quase no colo de Francis, eu serpentei meu braço direito em volta da traquéia magricela do homem, agarrando o descanso de cabeça para prendê-lo ao banco em uma chave de braço.

Seus dedos agarraram meu braço, mas ele não podia fazer nada nos limites próximos. Seu suor repentino misturou-se ao poliéster de sua jaqueta esfregando em meu braço, e o achei mais vil que meu perfume. — Idiota! — sibilei na orelha de Francis, olhando para Jenks. — Você sabe o que é aquilo que balança em cima de sua forquilha? Você quer arriscar que possa ser irreversível?

Com o rosto avermelhado, ele sacudiu a cabeça, e aproximei-me apesar do cambio espetar meu quadril. — Você não faria nada fatal, — disse, sua voz mais alta que de costume.

Da viseira, Jenks reclamou. — Ei, Rachel. Deixe-me enfeitiçá-lo, posso lhe ensinar como guiar uma vareta.

Os dedos cavando em meu braço estremeceram. Eu fiquei tensa, usando a dor como ímpeto para prendê-lo mais apertado ao assento. — Inseto! — Francis exclamou. — Você é um... – suas palavras engasgaram-se com um ruído estridente quando puxei meu braço.

— Inseto? — Jenks gritou enfurecido. — Seu saco de suor fedorento. Eu solto gases e cheiram mais doce que você. Acha que é melhor do que eu? Casquinha de sorvete paspalhão, você? Chamar-me de inseto? Rachel, deixe-me terminar com ele agora!

— Não, — disse suavemente, minha antipatia por Francis inclinava-se para aversão real. — Tenho certeza que Francis e eu podemos chegar a um entendimento. Tudo que quero é uma carona da propriedade de Trent para a entrevista. Francis não criará problemas. Ele é uma vítima, certo? — sorri cruelmente para Jenks, imaginando se eu poderia mantê-lo medicando Francis depois de tal insulto. — E você não vai bater nele depois. Ouviu-me, Jenks? Você não mata o burro depois que ele ara o campo. Você pode precisar dele na próxima primavera. — Eu inclinei-me para Francis, sussurrando em sua orelha. — Certo, biscoitinho?

Ele assentiu tanto quanto pode, e vagarosamente o soltei. Seus olhos estavam em Jenks.

— Você pressiona meu sócio, — digo, — e aquele frasco derramará em você. Você dirige rápido demais, o frasco derramará. Se você atrair atenção...

— Eu vou despejar isso tudo em você, — Jenks interrompeu, a leve diversão em sua voz substituída por pura raiva. — Se me irritar de novo, eu irei enfeitiçá-lo direitinho. — Ele sorriu, soando como carrilhões de vento do mal. — Entendeu, Francine?

Os olhos de Francis se semicerraram. Ele se restabeleceu em seu assento, tocando a gola de sua camisa branca antes de empurrar as mangas da jaqueta até os cotovelos e pegar o volante. Eu agradei a Deus que

Francis deixara suas camisas havaianas em casa em consideração à sua entrevista com Trent Kalamack.

Com o rosto tenso, ele esmagou as chaves na ignição e deu partida no carro. Música retiniu e eu pulei. A maneira carrancuda que Francis segurava o volante e trocava as marchas do carro deixou obvio que ele não desistira: ele estava jogando junto até que pudesse encontrar uma saída. Eu não me importava. Tudo que precisava era tirá-lo da cidade. Uma vez limpo, seria leve para Francis.

— Você não vai fugir com isso, — ele disse, soando como um filme ruim. Ele agitou o cartão do estacionamento no portão automático e nós saímos na luz brilhante e no trânsito de final da manhã com a «Boys of Summer» de Don Henley explodindo. Se não tivesse enrolada tão apertada, eu podia ter aproveitado.

— Você acha que pode por um pouco mais daquele perfume, Rachel? — Francis disse, sarcasmo retorcendo seu rosto estreito. — Ou você esta usando isso para cobrir o fedor do seu inseto de estimação?

— Cale-o! — Jenks gritou. — Ou eu irei.

Meus ombros se retesaram. Isso era tão estúpido. — Apague-o se quiser, Jenks, — disse enquanto baixava o volume da música. — Só não deixe nada da infusão atingí-lo.

Jenks sorriu e derrubou Francis. Pó de pixy se agitou sobre ele, não visto por Francis, mas claramente visível do meu ângulo, já que ele refletia o sol. Francis ergueu o braço para coçar atrás da orelha.

— Quanto tempo isso leva? — perguntei a Jenks.

— Cerca de vinte minutos.

Jenks estava certo. Da hora que nós saímos debaixo da sombra dos edifícios, passamos pelo subúrbio e entramos na área rural, Francis juntou dois mais dois. Ele não poderia sentar quieto. Seus comentários ficariam mais e mais desagradáveis e sua coceira mais e mais intensa, até que eu puxaria o rolo de fita da bolsa e ameaçaria tapar sua boca. Vergões vermelhos apareceram onde encontravam sua pele. Elas soltavam um liquido claro, parecendo um caso ruim de veneno de hera.

Quando nós alcançamos o vasto interior, ele estava coçando tanto que parecia uma luta manter o carro na estrada. Eu o estivera observando atentamente. Guiar uma vareta que não parecia tão ruim.

— Seu inseto, — ele disse com um rosnado. — Você fez isso comigo sábado, não fez?

— Eu vou enfeitiçá-lo! — Jenks disse, o tom alto de sua voz fazendo meus olhos doerem.

Cansada disso tudo, eu me virei para Francis. — Tudo bem, biscoitinho. Encoste.

Francis piscou. — O que?

Idiota, pensei. — Quanto tempo você acha que posso evitar que Jenks pegue você se continuar a insultá-lo? Encoste. — Francis olhou nervosamente entre eu e a estrada. Não tínhamos visto um carro nas ultimas cinco milhas. — Eu disse, encoste! — gritei, e ele desviou para o encostamento empoeirado com um ruído dos seixos. Desliguei o carro e arranquei as chaves da ignição. Nós balançamos com a parada, minha cabeça esmagada no espelho retrovisor. — Fora, — disse, destravando as portas.

— O que? Aqui? — Francis era um garoto da cidade. Ele achou que eu o faria caminhar de volta. A ideia era tentadora, mas eu não podia correr o risco de ele ser pego ou encontrar um telefone. Ele saiu com uma ansiedade surpresa. Percebi o porquê quando ele começou se coçar.

Abri o porta malas e o rosto magro de Francis ficou branco. — Sem chance, — disse, seus braços magricelos levantados. — Eu não vou entrar aí.

Senti um novo impacto na minha testa, esperando. — Entre na mala ou eu irei ensinar a você como faço o feitiço de marta e faço um par de tampões de orelha com você. — Eu o observei pensar naquilo, imaginando se ele escaparia por causa disso. Eu quase desejei que ele escapasse. Seria bom agarrá-lo de novo. Já faziam quase dois dias inteiros. Eu o colocaria dentro da mala de qualquer jeito.

— Corra, — Jenks disse, circulando acima de sua cabeça com o franco. — Continue. Ouse, bolsa fedorenta.

Francis parecia diminuir-se. — Oh, você gostaria disso, eh, inseto? — ele disse com uma chacota. Mas ele se firmou no pequeno espaço. Ele nem mesmo me deu trabalho algum quando amarrei suas mãos com fita na sua frente. Nós dois sabíamos que poderia livrar-se das amarras com tempo suficiente. Mas seu olhar superior vacilou quando ergui minha mão e Jenks pousou nela o frasco.

— Você disse que não iria. — Gaguejou. — Disse que me transformaria em uma marta!

— Eu menti. Em ambas as vezes.

O olhar que Francis me deu foi homicida. — Não vou me esquecer disso, — disse, cerrando seu queixo para fazê-lo parecer ainda mais ridículo do que seus mocassins e suas calças de pregas largas. — Eu mesmo vou atrás de você.

— Espero que vá. — Sorri, esvaziando o frasco sobre sua cabeça. — Boa noite.

Ele abriu sua boca para dizer mais, mas sua expressão se abrandou assim que o líquido aromático o atingiu. Observei, fascinada, enquanto ele caia no sono entre os cheiros de folha de louro e lilás. Satisfeita, bati o porta malas.

Acomodando-me desconfortavelmente atrás do volante, ajustei o banco e os espelhos. Nunca tinha guiado um cambio manual antes, mas se Francis podia fazer isso, tinha certeza como o inferno que eu podia.

— Coloque na primeira, — Jenks disse, sentando no espelho retrovisor e fazendo mímicas do que eu devia fazer. — Em seguida dê mais gasolina a ele do que você acha que precisa enquanto levanta a embreagem.

Animadamente eu empurrei o cambio de volta e iniciei o carro.

— Bem? — Jenks disse do espelho. — Estamos esperando...

Eu empurrei o pedal do acelerador e levantei a embreagem. O carro balançou para trás, batendo em uma árvore. Em pânico, eu tirei meus pés dos pedais, e o carro parou. Eu encarei Jenks de olhos arregalados enquanto ele ria.

— Está na ré, bruxa, — ele disse, lançando-se janela afora.

Pelo espelho retrovisor, eu observei-o zunir para a traseira e avaliar os danos. — Quão ruim está? — perguntei enquanto ele voltava.

— Está bem, — disse, e senti um banho de alívio. — Dê alguns meses e você não conseguirá ver onde ela foi atingida, — acrescentou. — O carro está quebrado, contudo. Você quebrou o farol traseiro.

— Oh, — disse, percebendo que ele estava falando da árvore, não do carro. Meus nervos estavam agitados quando apertei o cambio para frente, verificando-o duas vezes, e ligando o carro novamente. Outro fôlego profundo, e nós fomos em frente para o nosso destino.

Capítulo 14

Jenks revelou-se um instrutor aceitável, gritando os seus conselhos entusiasmados através da janela, enquanto eu praticava o arranque do ponto morto, até apanhar o jeito. A minha confiança recém-encontrada evaporou-se quando virei para o acesso à casa de Kalamack, abrاندando junto à guarita. Ela era baixa, de aspecto formidável, do tamanho de uma pequena prisão. Plantas escolhidas com gosto e paredes baixas escondiam o sistema de segurança para impedir que alguém o contornasse.

— Como é que planeja passar por isto? — perguntou Jenks, enquanto esvoaçava para se esconder por cima do retrovisor.

— Sem problemas — eu disse, a mente em turbilhão. Fui assaltada por imagens de Francis no porta-malas e, oferecendo ao guarda o meu mais belo sorriso, parei o carro em frente à barra branca que atravessava a estrada. O amuleto ao lado do relógio do guarda permaneceu num agradável tom verde. Tratava-se de um verificador de feitiços, muito mais barato do que os óculos com armações de madeira, que permitiam ver através dos feitiços. Tinha tido o cuidado de manter a quantidade de magia usada no meu disfarce abaixo do nível da maior parte dos feitiços de beleza. Desde que o amuleto permanecesse verde, ele partiria do princípio que eu me encontrava sob um feitiço de maquiagem, não um disfarce.

— Sou a Francine — disse, num impulso. Ergui a voz, sorrindo tola-mente, como se tivesse passado a noite a plantar enxofre. — Tenho uma reunião com o Sr. Kalamack. — Tentando parecer uma tontinha, brinquei com uma mecha do cabelo. Hoje era morena mas, ainda assim, devia funcionar. — Estou atrasada? — perguntei, puxando o dedo do nó que, acidentalmente, dera à mecha. — Não pensei que fosse demorar tanto tempo. Ele vive muito longe!

O guarda permaneceu inalterado. Talvez eu estivesse perdendo o jeito.

Talvez devesse ter desabotoado mais um botão da blusa. Talvez gostasse de homens. Olhou para a prancheta, depois para mim.

— Venho da I.S — eu disse, com um tom de voz algo entre a petulância e a irritação mimada. — Quer ver a minha identificação? — vasculhei a bolsa, em busca do cartão inexistente.

— O seu nome não se encontra na lista, senhora — disse o guarda com o rosto de pedra.

Recostei-me com um suspiro.

— O cara da central voltou a dizer que eu me chamo Francis? Maldito seja! — exclamei, batendo no volante com um punho ineficaz. — Está constantemente fazendo isto, desde que me recusei a sair com ele. Quer dizer, sério. Ele nem sequer tinha carro! Queria levar-me ao cinema de ônibus! Por-fa-vor! — gemi. — Está imaginando, a mim, num ônibus?

— Só um momento, senhora. — Ele pegou no telefone e começou a falar. Esperei, tentando manter o sorriso pateta, ao mesmo tempo em que rezava. A cabeça do guarda agitou-se numa expressão de concordância inconsciente. Ainda assim, o rosto tinha uma expressão séria e vazia, quando se voltou para mim.

— Suba o acesso — disse, e eu lutei por manter a respiração estável.

— É o terceiro edifício à direita. Pode estacionar no parque para visitantes junto aos degraus da porta principal.

— Obrigada — falei, alegremente, colocando o carro em movimento, com um impulso, quando a barra branca se ergueu. Pelo espelho retrovisor vi o guarda regressar ao interior. — Mais fácil é difícil — murmurei.

— Sair pode ser mais complicado — disse Jenks, secamente.

Subir o acesso que implicava a conduzir através de um bosque soturno durante quase cinco quilômetros. A minha confiança foi se esvaindo à medida que a estrada serpenteava entre as sentinelas, silenciosas e próximas. Apesar da esmagadora sensação de ancestralidade, comecei a ter a sensação de que tudo tinha sido planeado, até às menores surpresas, como a queda de água que descobri numa curva da estrada. Algo decepcionava, prossegui o caminho à medida que os bosques artificiais se tornavam mais finos e davam lugar a pastos verdejantes. Uma segunda

estrada juntava-se àquela por onde eu seguia, bastante usada e movimentada. Aparentemente, entrara pelos fundos. Segui o trânsito, tomando uma estrada com a indicação ESTACIONAMENTO PARA VISITANTES. Depois de mais uma curva, vi a casa de Kalamack.

O edifício, que parecia uma enorme fortaleza, era uma curiosa mistura de instituição moderna e elegância tradicional, com portas de vidro e anjos esculpidos nos beirais. A pedra cinzenta era suavizada pelas árvores antigas e pelos canteiros de flores coloridas. Havia vários edifícios mais baixos ligados a este, mas o principal erguia-se por três pisos. Estacionei o carro num dos lugares para visitantes. O espantoso carro ao lado do meu fazia com que o carro de Francis parecesse um brinquedo descoberto no fundo de uma caixa de cereais.

Atirando o molho de chaves de Francis para dentro da bolsa, olhei para o jardineiro que cuidava dos arbustos que rodeavam a propriedade.

— Ainda quer que nos separemos? — sussurrei, enquanto me retocava no espelho retrovisor, ajustando, cuidadosamente, o nó em que prendera o cabelo. — Não gosto do que se passou no portão principal.

Jenks esvoaçou, pousando na marcha, onde ficou de pé, as mãos na cintura, numa pose de Peter Pan.

— A tua entrevista vai demorar os costumeiros quarenta minutos? — disse ele. — Estarei livre em vinte. Se não estiver aqui, depois de terminada, espera por mim a cerca de quilômetros e meio da casa do guarda. Eu te alcanço.

— Está bem — eu disse, enquanto juntava as alças da bolsa.

O jardineiro usava sapatos, não botas, e estavam limpos. Que jardineiro tem sapatos limpos?

— Mas tome cuidado — eu disse, acenando na direção do pequeno homem. — Há algo que não cheira bem.

Jenks fungou.

— O dia em que não consiga passar por um jardineiro, é o dia em que me torno padeiro.

— Bem, deseja-me sorte. — Abri a janela para Jenks e saí. Os meus saltos ressoaram sobre o chão, quando fui espreitar a traseira do carro de

Francis. Tal como Jenks dissera, uma das luzes traseiras estava partida. Além disso, também tinha um grande amassado. Voltei-me com um toque de culpa. Inspirando para me acalmar, subi os degraus baixos que davam acesso às portas duplas.

Enquanto me aproximava, um homem emergiu de um recesso e eu estaquei, assustada. Era suficientemente alto para que fosse preciso olhar duas vezes para o ver todo. E magro. Fazia pensar num refugiado europeu esfomeado de pós-Viragem: afetado, educado e convencido. O homem até tinha um nariz de falcão e um franzir de sobrancelha permanentemente gravado no rosto ligeiramente enrugado. As têmporas estavam acinzentadas, manchando o cabelo de outra forma negro como carvão. As calças comuns cinzentas e a camisa branca assentavam-lhe na perfeição e eu endireitei o colarinho.

— Senhorita Francine Percy? — disse ele, o sorriso vazio e a voz ligeiramente sarcástica.

— Sim, olá — eu disse, dando ao homem um aperto de mão propositadamente mole. Quase o conseguia ver a ficar imóvel de aversão. — Tenho uma reunião com o Sr. Kalamack ao meio dia.

— Sou o conselheiro de marketing do Sr. Kalamack, Jonathan — disse o homem. Excluindo o fato de ter um grande cuidado na dicção, não tinha sotaque. — Se não se importa de me acompanhar? O Sr. Kalamack vai recebê-la no gabinete da parte de trás. — Piscou os olhos lacrimejantes. Imaginei que se devesse ao meu perfume. Talvez tivesse exagerado, mas não ia arriscar a provocar os instintos de Ivy.

Jonathan abriu a porta, fazendo-me sinal para que passasse primeiro. Entrei, surpresa por descobrir que o edifício era mais claro por dentro do que por fora. Estava à espera de uma residência privada e não era esse o caso. O saguão parecia o do quartel-general de uma das empresas do top 20 da Fortune, com o familiar tema de vidro e mármore. Pilares brancos sustentavam o teto alto. Um impressionante balcão de mogno estendia-se em frente às escadarias duplas que se erguiam para o segundo e terceiro piso. A luz jorrava. Ou era trazida diretamente do telhado ou Trent estava a gastar uma fortuna em lâmpadas de luz natural. Um carpete verde, suave e com desenhos de botões de plantas, abafava qualquer eco. Podia ouvir-se

um burburinho de conversas murmuradas e um fluxo constante mas silencioso de pessoas que se dedicavam aos seus afazeres.

— Por aqui, Senhorita Percy — disse suavemente o meu guia. Arranquei os olhos aos potes com limoeiros do tamanho de homens e segui os passos calculados de Jonathan para lá da recepção e ao longo de uma série de corredores. Quanto mais avançávamos, mais baixos os tetos, mais escuras as luzes e mais reconfortantes as cores e texturas. Quase imperceptível, pairava o calmante som da água em movimento. Nós não cruzamos com ninguém desde que deixáramos o saguão e começava a sentir-me inquieta.

Era óbvio que tínhamos deixado para trás as zonas públicas e que penetrávamos nas mais privadas. O que estaria passando, perguntei-me. A adrenalina começava a deixar-me agitada, quando Jonathan parou e levou a ponta do dedo ao ouvido.

— Desculpe-me — murmurou afastando-se alguns passos. Reparei quando levou a mão ao ouvido que tinha um microfone no pulso, preso à pulseira do relógio. Alarmada, esforcei-me para perceber as suas palavras, enquanto ele se voltava para impedir que lhe lesse os lábios.

— Sim, Sa'han — murmurou, num tom respeitoso. Esperei, sustendo a respiração para o poder ouvir.

— Comigo — disse ele. — Fui informado do seu interesse pelo que tomei a liberdade de escoltá-la ao alpendre da parte de trás. — Jonathan moveu-se desconfortavelmente. Olhou para mim de esguelha, demoradamente, incrédulo. — Ela?

Não sabia ao certo se devia tomar aquilo como um cumprimento ou um insulto e fingi estar ocupada a endireitar a parte de trás das meias e a puxar mais uma mecha de cabelo, deixando-a pendurada junto ao brinco. Perguntei-me se alguém teria investigado o porta-malas. A pulsação tornou-se mais rápida quando percebi o quão depressa tudo aquilo podia desabar em cima de mim.

Os olhos dele abriram-se mais.

— Sa'han — disse, num tom de urgência, — aceite as minhas desculpas. O guarda do portão disse... — As palavras foram cortadas e pude ver que ele ficava rígido graças ao que devia ser uma censura. — Sim, Sa'han —

disse ele, inclinando a cabeça numa demonstração inconsciente de respeito.
— O gabinete principal.

O homem alto pareceu recompor-se enquanto se voltava para mim.

Dirigi-lhe um sorriso deslumbrante. Os olhos azuis dele não revelavam qualquer expressão, enquanto me fitava como se eu fosse um “presente” deixado por um cachorrinho num tapete novo.

— Não se importa de regressar por aqui? — disse, monotonamente, apontando.

Sentindo-me mais como uma prisioneira do que como uma convidada, aceitei as súbitas indicações de Jonathan e regressei por onde tinha vindo, até à porta principal. Eu seguia na frente. Ele mantinha-se atrás de mim. Não estava gostando nada daquilo. O fato de me sentir baixa ao lado dele e de os meus passos serem os únicos que conseguia ouvir também não ajudava. Lentamente, as colunas suaves e as texturas foram dando lugar às paredes empresariais e à eficiência movimentada.

Mantendo-se sempre três passos atrás de mim, Jonathan guiou-me até um pequeno corredor que saía do lobby. Havia portas de vidro fosco de ambos os lados. A maioria estava aberta e para lá delas encontravam-se pessoas trabalhando, mas Jonathan indicou-me o gabinete ao fundo do corredor. A sua porta era de madeira e ele quase pareceu hesitar, antes de estender um braço à minha frente e a abrir.

— Se não se importar de esperar aqui — disse, com uma insinuação de ameaça na voz precisa. — O Sr. Kalamack virá ter consigo dentro de instantes. Eu estarei na mesa da secretária dele caso precise de alguma coisa.

Apontou para uma mesa de secretária notoriamente vazia, enfiada num recesso. Pensei na menina Yolin Bates, morta e petrificada numa cela da I.S três dias antes. O meu sorriso tornou-se forçado.

— Obrigada, Jon — disse alegremente. — Tem sido um querido.

— É Jonathan. — Fechou a porta atrás de mim. Não se ouviu o clicar de uma tranca.

Voltei-me, olhando para o gabinete de Kalamack. Parecia suficiente-mente normal, de uma forma enjoativamente rica e executiva. Embutido na

parede junto à secretária encontrava-se um painel de controle eletrônico com tantos botões e interruptores que deixaria envergonhado um estúdio de gravação. Do lado oposto abria-se uma janela enorme, o sol jorrava para o interior fazendo brilhar o carpete macio. Sabia que estava demasiado embrenhada no edifício para que a janela e o sol fossem verdadeiros, mas era suficientemente bom para merecer uma boa olhadela.

Pousei a bolsa ao lado da cadeira junto à mesa de secretária e dirigi-me à “janela”. Com as mãos na cintura, olhei para a imagem de potros a disputar umas maçãs caídas. Ergui as sobrancelhas. Os engenheiros tinham-se enganado. Era meio-dia e o sol não estava suficientemente baixo para lançar raios tão compridos.

Sentindo-me satisfeita com o seu erro, voltei a minha atenção para o aquário com suporte, encostado à parede do fundo, atrás da secretária. Estrelas do mar, donzelas-azuis, cirurgiões-amarelos e até cavalos-marinheiros coexistiam em paz, aparentemente inconscientes de que o oceano ficava oitocentos quilômetros para leste. Os meus pensamentos voltaram-se para o meu Sr. Peixe, nadando satisfeito no seu pequeno aquário esférico. Franzi a sobrancelha, não com ciúmes, mas irritada com a inconstância da sorte no mundo.

Sobre a mesa de Trent encontravam-se as coisas de costume, juntamente com uma pequena fonte de pedras negras, sobre a qual a água borbulhava. A proteção de tela era uma linha recorrente de três números: vinte, cinco, um. Uma mensagem realmente enigmática. Presa num canto, no local onde as paredes se encontravam com o teto, encontrava-se uma câmara muito visível, a sua luz vermelha a piscar para mim. Estava sendo vigiada.

Os meus pensamentos regressaram à conversa de Jonathan com o misterioso Sa'han. Era óbvio que a minha história de Francine tinha sido descoberta, mas se eles me quisessem prender já o teriam feito. Eu parecia ter algo que o Sr. Kalamack queria. O meu silêncio? Devia tentar descobrir.

Sorrindo, acenei para a câmara e sentei-me atrás da mesa de Trent. Imaginei a agitação que estava a causar quando comecei a vasculhar.

Primeiro foi a vez da agenda, deixada aberta e convidativa, sobre o tampo da mesa. A entrevista com Francis estava riscada e tinha, ao lado, um ponto de interrogação a lápis. Encolhendo-me, recuei até ao dia em que a

secretária de Trent fora apanhada com Enxofre. Não havia nada de extraordinário. A frase “Huntingtons para Ulrich” chamou-me a atenção. Estaria a traficar pessoas para fora do país? Grande viva.

A primeira gaveta não tinha nada de estranho: lápis, canetas, blocos de post-its e uma pedra de toque cinzenta. Perguntei-me a que se dedicaria Trent para precisar daquilo. As gavetas laterais tinham pastas codificadas por cores, dedicadas aos seus interesses fora da propriedade. Enquanto esperava que alguém me parasse, percorri-os, ficando a saber que as suas plantações de pecã tinham sofrido com a geada tardia daquele ano, mas que as de morangos, na costa, tinham compensado a perda. Fechei a gaveta com ruído, surpreendida por ainda não ter aparecido ninguém. Talvez eles estivessem curiosos em relação ao que eu estaria à procura? Eu sei que eu estava.

Trent tinha uma queda por doces de bordo e uísque pré-Viragem, a acreditar no significado do que encontrei numa das últimas gavetas. Senti-me tentada a abrir a garrafa de uísque com quase quarenta anos e a prová-lo, mas achei que isso deveria fazer aparecer os meus observadores mais depressa do que qualquer outra coisa.

A gaveta seguinte estava repleta de CDs cuidadosamente organizados.

Bingo! Pensei, abrindo-a um pouco mais.

— Alzheimer — sussurrei, passando com um dedo sobre um dos rótulos escritos à mão. — Fibrose cística, câncer, câncer... — Ao todo havia oito rotulados câncer. Depressão, diabetes... Continuei até ter encontrado Huntington. O meu olhar regressou à agenda e fechei a gaveta. Ahh...

Recostando-me na confortável cadeira de Trent, puxei a agenda para o meu colo. Comecei em janeiro, voltando lentamente as páginas. A cada cinco dias, mais ou menos, saía um carregamento. A minha respiração apressou-se quando me percebi a existência de um padrão. Huntington saía sempre no mesmo dia todos os meses. Andei com as páginas para trás e para frente. Todos eles saíam no mesmo dia do mês, com poucos dias de diferença uns dos outros. Inspirando lentamente, olhei de lado para a gaveta dos CDs. De certo tinha descoberto qualquer coisa. Meti um CD no computador e abanei o mouse. Maldição. Estava protegido por uma palavra-chave.

Ouviu-se o suave clique de um trinco. Levantando-me de um pulo, apertei o botão ejetar.

— Boa tarde, Senhorita Morgan.

Era Trent Kalamack e tentei não corar enquanto guardava o pequeno CD no bolso.

— Desculpe? — disse, usando ao máximo o charme de tontinha. Eles sabiam quem eu era. Grande surpresa.

Trent ajustou o botão debaixo do seu casaco de linho cinzento, enquanto fechava a porta atrás de si. Um sorriso encantador curvou-lhe as feições bem barbeadas, dando-lhe a aparência de ter mais ou menos a minha idade.

O cabelo tinha uma pureza transparente semelhante a de algumas crianças e ele estava confortavelmente bronzeado, dando a sensação de não ser preciso muito para apanhá-lo à beira de uma piscina. Parecia demasiado simpático para ser tão rico como se dizia que era. Não era justo que tivesse dinheiro e bom aspeto.

— Prefere ser Francine Percy? — disse Trent, olhando-me sobre os óculos de armação fina.

Prendi um mecha de cabelo em fuga atrás de uma orelha, esforçando-me por apresentar um ar despreocupado.

— Na verdade, não — admiti. Ainda devia ter algumas cartas para jogar, caso contrário não estaria a perder tempo comigo.

Trent deslocou-se para trás da mesa, com um ar preocupado, obrigando-me a retirar para o outro lado. Segurou a gravata azul-escuro contra o corpo, enquanto se sentava. Erguendo os olhos, pareceu encantadoramente surpreendido ao reparar que eu ainda me encontrava de pé.

— Por favor, sente-se — disse, exibindo os dentes pequenos e alinhados. Apontou um controle para a câmara. A luz vermelha apagou-se e ele guardou o controle.

Fiquei imóvel. Não confiava na sua aceitação casual. Podia ouvir os sinos de alarme dentro da minha cabeça que me deixavam o estômago apertado. A revista Fortune tinha o colocado na capa como o solteirão mais desejável do ano anterior. Tratava-se de uma imagem que o apanhava dos

joelhos à cabeça, descontraidamente encostado a uma porta com o nome da empresa em letras gordas. O sorriso era uma atraente mistura de confiança e secretismo. Algumas mulheres são atraídas por aquele tipo de sorriso. Eu, fico desconfiada. Naquele momento, sentado à sua cadeira, dirigia-me aquele mesmo sorriso, a mão sob o queixo, o cotovelo apoiado no tampo da mesa.

Observei o cabelo curto a esvoaçar junto às orelhas, e pensei que o cabelo, cuidadosamente cortado, tinha de ser muitíssimo suave para que a simples passagem do ar o fizesse agitar-se daquela forma.

Trent apertou os lábios quando viu que a minha atenção se fixara no seu cabelo, depois regressou ao sorriso.

— Deixe que me desculpe pela confusão no portão e depois com o Jon — disse. — Não estava à sua espera senão daqui a uma semana.

Sentei-me ao sentir que os joelhos fraquejavam. Ele estava à minha espera?

— De certo não compreendo — disse eu, arrojada, aliviada por minha voz não falhar.

O homem levou a mão a um lápis, com um gesto casual e calmo, mas os olhos saltaram para os meus quando mexi os pés. Se o conhecesse melhor, diria que estava ainda mais tenso do que eu. Apagou de forma metódica o ponto de interrogação junto ao nome de Francis e acrescentou o meu. Pousando o lápis, passou a mão pelo cabelo para que este ficasse liso.

— Sou um homem atarefado, Senhorita Morgan — disse ele, a voz subindo e descendo agradavelmente. — Descobri que, em termos de custos, é mais proveitoso atrair empregados chave de outras empresas em vez de criá-los do zero. E, embora tenha alguma relutância em sugerir que esteja a fazer concorrência à I.S, descobri que os seus métodos de treino e o conjunto de capacidades que ajudam a desenvolver se adéquam às minhas necessidades. Para ser sincero, teria preferido ver se tinha o talento para sobreviver à ameaça de morte da I.S antes de trazê-la a bordo. Talvez o fato de quase ter conseguido chegar ao íntimo de minha casa seja suficiente.

Cruzei as pernas e levantei as sobrancelhas.

— Está a oferecer-me um emprego, Sr. Kalamack? Quer que seja a sua nova secretária? Que lhe bata as cartas a computador? Que lhe vá buscar café?

— Céus, não — disse ele, ignorando o meu sarcasmo. — Cheira demasiado a magia para uma posição de secretária, apesar da sua tentativa de cobri-lo com esse... uh... Perfume?

Corei, determinada a não ceder sob o seu olhar inquisitivo.

— Não — continuou Trent, com determinação. — É demasiado interessante para ser secretária, mesmo uma das minhas. Não só se demitiu da I.S como os tem andado a provocar. Foi às compras. Forçou a entrada no cofre dos registros para destruir a sua pasta. Fechar um agente inconsciente dentro do seu próprio carro? — disse com uma gargalhada cuidadosamente cultivada. — Gosto disso, mas ainda melhor é o seu esforço para se melhorar. Aplaudi o seu impulso para expandir horizontes, aprender novas capacidades. A predisposição para explorar opções que a maioria desdenha é uma forma de estar que eu me esforço por insinuar em todos os meus empregados. Embora ler aquele livro no ônibus revele certa falta de... Bom senso. — Uma centelha de humor negro brilhou no fundo dos seus olhos. — A menos que o seu interesse em vampiros tenha uma origem mais terrena, Senhorita Morgan?

Senti o estômago apertado e perguntei-me se teria trazido amuletos suficientes para abrir caminho dali para fora. Como é que Trent tinha descoberto tudo aquilo quando a I.S nem sequer conseguia me manter sob vigilância? Obriguei-me a permanecer calma, ao compreender que estava enterrada até às orelhas em pó de pixy. No que é que eu estava pensando, quando fui ali? A secretária do tipo estava morta. Ele traficava enxofre, por muito generoso que fosse durante as arrecadações de fundos para obras de caridade ou por muitas partidas de golfe que disputasse com o marido da presidente da Câmara. Era demasiado esperto para ficar satisfeito com o domínio de um terço da produção manufatureira de Cincinnati. Os seus interesses escondidos espalhavam-se pelo mundo e eu tinha a certeza de que os queria manter como tal.

Trent inclinou-se para frente com uma expressão intensa e percebi que a conversa de circunstância tinha chegado ao fim.

— A minha pergunta, Senhorita Morgan — disse ele, suavemente —, é o que é que a Senhorita quer comigo?

Eu não disse nada. A minha confiança escapava-me. Ele fez um gesto na direção da mesa.

— O que estava à procura?

— De um chiclete? — disse eu e ele suspirou.

— Para que possamos eliminar uma enorme quantidade de tempo e esforço sugiro que sejamos honestos um com o outro. Dentro do necessário. Diga-me porque se arriscou a visitar-me. Tem a minha palavra de que o registro das suas ações hoje será... Acidentalmente perdido? Só quero saber em que pé me encontro. O que fiz para merecer a sua atenção?

— Saio em liberdade? — perguntei, e ele recostou-se na cadeira, acenando. Os olhos eram de um tom verde que eu nunca vira antes. Não havia neles azul. Nem um toque.

— Todo mundo quer alguma coisa, Senhorita Morgan — disse ele, cada palavra precisa fluindo junto com a seguinte, como água. — O que é que você quer?

O meu coração batia veloz perante a promessa de liberdade. Desci os olhos para as minhas mãos e a terra sob as unhas.

— Quero você! — disse, dobrando as pontas dos dedos sob as mãos para escondê-las. — Quero encontrar provas de que matou a sua secretária. Que anda a traficar enxofre.

— Oh... — disse ele, com um suspiro sentido. — Quer a sua liberdade. Devia ter calculado. É mais complexa do que eu estava à espera, Senhorita Morgan. — Acenou. A roupa costurada de seda emitia um suave suspiro quando ele se movia. — Entregando-me à I.S compraria de certo a sua independência, mas, como deve compreender, não o permitirei. — Endireitou-se, assumindo de novo uma pose de homem de negócios. — Estou em posição de lhe oferecer algo tão bom como a liberdade. Talvez melhor. Posso mandar pagar o seu contrato com a I.S Fazer-lhe um empréstimo, se quiser. Pode trabalhar para pagá-lo ao longo da sua carreira comigo. Posso montar-lhe uma casa decente, talvez com uma pequena equipe.

Senti o rosto gelar, depois arder. Ele queria comprar-me. Sem reparar na raiva que crescia lentamente dentro de mim, abriu uma pasta da caixa de entrada. Retirando um par de óculos com aros de madeira do bolso de dentro do casaco, equilibrou-os sobre o nariz pequeno. Sorri quando ele olhou para mim, vendo, claramente, para lá do meu disfarce. Emitiu um som suave antes de inclinar a cabeça para ler o seu conteúdo.

— Gosta de praia? — questionou, como se nada fosse, e perguntei-me se ele estava a fingir que precisava dos óculos para ler. — Tenho uma plantação de macadame que pretendo expandir. Fica nos Mares do Sul. Até pode escolher as cores da casa principal.

— Vá se fuder, Trent — disse, e ele olhou para mim, por cima dos óculos, parecendo surpreendido. Fazia com que parecesse encantador e eu afastei de mim esse pensamento. — Se eu quisesse alguém a puxar-me pela coleira, teria ficado com a I.S O que cresce nessas ilhas é enxofre. E mais valia ser humana, assim tão perto do mar. Não conseguia fazer sequer um encantamento de amor.

— O sol — disse ele, num tom persuasivo, enquanto empurrava os óculos para o lugar. — A areia quente. Definir o seu próprio horário. Fechou a pasta e pousou uma mão sobre ele. — Pode levar com você a sua nova amiga. Ivy, não é? Uma vampira Tamwood. Uma bela presa. — Um sorriso triste pairou sobre ele.

O meu mau temperamento estava prestes a explodir. Ele achava que podia me comprar. O problema era que eu me sentia tentada e isso me deixava furiosa comigo mesma. Abri os olhos, as mãos rígidas sobre o colo. — Seja sincera — disse Trent, os dedos longos faziam girar um lápis com uma destreza espantosa. — Tem os seus recursos, talvez até capacidades, mas ninguém consegue fugir para sempre da I.S sem alguma ajuda.

— Eu tenho uma maneira melhor — disse, enquanto lutava por permanecer sentada. Não podia ir a lado nenhum enquanto ele não o permitisse. — Vou atá-lo a um poste no meio da cidade. Vou provar que estive envolvido na morte da sua secretária e que trafica Enxofre. Demiti-me do meu emprego, Sr. Kalamack, não da minha moral.

A ira tremeluziu no fundo dos seus olhos verdes, mas o rosto permaneceu calmo, enquanto ele voltava a colocar o lápis na caneca com um movimento rápido.

— Pode confiar que mantereí a minha palavra. Mantenho sempre a minha palavra, faça promessas ou ameaças. — A voz parecia fazer uma poça no chão e eu lutei contra o impulso idiota de levantar os pés do tapete. — Como tem que ser no caso de um homem de negócios — entooou — ou não permanecerá durante muito tempo no mundo dos negócios.

Engoli em seco, perguntando-me o que raio era ele. Tinha a graça, a voz, a rapidez e o poder confiante de um vampiro. E, por muito que o homem me desagradasse, a atração crua estava lá, aumentada pela sua força pessoal, mais do que por modos provocantes ou insinuações de fundo sexual. Mas não era um vampiro vivo. Embora caloroso e alegre à superfície, tinha uma noção de espaço pessoal que faltava à maior parte dos vampiros. Mantinha as pessoas à distância de um braço, demasiado perto para que pudesse seduzir com um toque. Não, não era um vampiro mas talvez... Um delfim humano?

Ergui as sobrancelhas. Trent piscou os olhos, vendo que me ocorria uma ideia, mas desconhecendo do que se tratava.

— Sim, Senhorita Morgan? — murmurou, parecendo desconfortável pela primeira vez.

O meu coração acelerou.

— O seu cabelo está a flutuar de novo — disse, tentando provocá-lo.

Os lábios abriram-se e pareceu não ser capaz de encontrar as palavras certas.

Saltei quando a porta se abriu e Jonathan entrou. Estava rígido e furioso, com a atitude de um protetor preso precisamente por aquele que deveria proteger. Nas mãos tinha uma bola de vidro do tamanho de uma cabeça. Jenks encontrava-se no seu interior. Assustada, fiquei de pé, segurando a bolsa contra o corpo.

— Jon — disse Trent, passando a mão pelo cabelo, enquanto se levantava. — Obrigado. Se não te importa, acompanhe a Senhorita Morgan e o seu sócio até à saída.

Jenks estava tão furioso que as asas não passavam de uma mancha negra. Podia ver os seus lábios a mexer mas não conseguia ouvi-lo. Os seus gestos, por outro lado, eram inconfundíveis.

— O meu CD, Senhorita Morgan?

Girei, abrindo a boca ao compreender que Trent tinha dado a volta à mesa e se encontrava mesmo atrás de mim. Não o ouvira mover-se. — O seu quê? — gaguejei.

Tinha a mão direita estendida. Era macia e nunca vira trabalho, mas tinha uma força tensa. Num dos dedos tinha uma aliança de ouro. Não pude deixar de reparar que era pouco mais alto do que eu.

— O meu CD? — repetiu e eu engoli em seco.

Forçada a reagir, enfiei dois dedos no bolso e devolvi. Algo aconteceu. Tão sutil como um tom de azul, tão indistinguível como um floco de neve no meio de milhares, mas estava lá. Foi nesse instante que percebi que não era o Enxofre que Trent temia. Era algo naquele CD.

Os meus pensamentos regressaram aos CDs cuidadosamente organizados e foi com uma força de vontade incrível que mantive os olhos nele em vez de seguir as minhas suspeitas até à gaveta da mesa. Deus me proteja. O homem traficava biomedicamentos para além de Enxofre. O homem era um barão dos biomedicamentos. O meu coração bateu veloz e fiquei com a boca seca. Poderia ser preso por tráfico de Enxofre, mas pelo tráfico de biomedicamentos seria condenado à estaca, à fogueira ou ao esartejamento. E ele queria que eu trabalhasse para ele.

— Revelou uma inesperada capacidade de planeamento, Senhorita Morgan — disse Trent, interrompendo os meus pensamentos desenfreados. — Os assassinos vampiros não a atacam enquanto estiver sob a proteção da Tamwood. E ter obtido a proteção de um clã de pixies contra as fadas, para além de viver numa igreja por forma a manter os Weres à distância, são planos belíssimos na sua simplicidade. Avise-me quando mudar de ideia em relação a trabalhar para mim. Encontraria aqui satisfação e reconhecimento. Algo que a I.S não tem mostrado.

Mantive a expressão férrea, concentrando-me em impedir a voz de tremer. Eu não planejava nada. Fora Ivy e eu não estava certa dos seus motivos.

— Com o devido respeito, Sr. Kalamack, vá se fuder.

Jonathan ficou rígido, mas Trent limitou-se a acenar e a regressar para trás da mesa.

Uma mão pesada caiu sobre o meu ombro. Agarrei-a instintivamente, agachando-me para pregar uma rasteira a quem quer que me tivesse agarrado, atirando-o ao chão. Jonathan caiu com um grunhido de surpresa. Estava ajoelhada no seu pescoço antes de perceber que me tinha movido. Assustada com o que acabara de fazer, levantei-me e recuei. Trent ergueu os olhos, despreocupado, depois de ter guardado o CD na gaveta.

Outras três pessoas tinham entrado no gabinete ao ouvir o som de Jonathan a cair. Duas olhavam para mim, outra se encontrava ao lado de Trent.

— Deixem-na ir — disse Trent. — O erro foi de Jon. — Suspirou, ligeiramente desapontado. — Jon — acrescentou cansado, — ela não é a tolinha que finge ser.

O homem alto tinha se erguido destramente. Endireitou a camisa com um puxão e passou a mão pelo cabelo, para alisá-lo. Fitou-me com ódio. Eu não só levava a melhor sobre ele em frente ao patrão, como fora censurado à minha frente. Irado, pegou Jenks de forma rude e apontou para a porta.

Eu avançava livre, de novo ao sol, com mais medo do que acabara de recusar do que de ter me demitido da I.S

Capítulo 15

Eu arranquei a massa de pizza, tomando minha frustração relativa à minha fabulosa tarde fora sobre os indefesos fermento e farinha. Um estalo de um papel rígido veio da mesa de madeira de Ivy. Minha atenção lançou-se para ela. De cabeça baixa e testa franzida, ela manteve sua atenção em seu mapa. Eu seria uma idiota para não reconhecer que suas reações tinham acelerado com o sol. Ela se moveu com aquela graça inquietante de novo, mas ela parecia irada, não amorosa. Ainda assim, eu estava ciente de cada movimento seu.

Ivy teve uma corrida real, eu pensei acidamente enquanto eu ficava no centro da ilha e fazia pizza. Ivy tinha uma vida. Ivy não estava tentando provar a cidade mais proeminente. O cidadão amado era o senhor do tráfico e brincava de cozinheiro ao mesmo tempo.

Três dias sozinhas e Ivy já tinha uma corrida para encontrar um humano desaparecido. Achei estranho um humano ter vindo a um vampiro pedir ajuda, mas Ivy tinha seus próprios encantos, ou uma assustadora habilidade, se preferir. Seu nariz tinha estado enterrado em seu mapa da cidade toda a noite, marcando os locais habituais do homem com marcadores coloridos e extraíndo os caminhos que ele iria provavelmente pegar enquanto dirigia de casa para o trabalho e tal.

— Não sou uma perita, — Ivy disse para a mesa, — mas é dessa forma que isso deve ser feito?

— Você quer fazer o jantar? — Eu estalei, em seguida olhei pra o que eu estava fazendo. O círculo estava mais de um oval desigual, tão fino em lugares que quase quebrou. Constrangida, empurrei a massa para encher a fina mancha e rebocá-la para caber a pedra quente corretamente, enquanto eu mexia com as bordas, eu olhava disfarçadamente para ela. Em seu primeiro olhar opressivo ou excessivamente rápido, eu estava indo para

fora da porta para me esconder atrás do toco de Jenks. O frasco de molho abriu com um forte estouro. Meus olhos moveram rapidamente para Ivy. Não vendo nenhuma mudança, despejei a maior parte dele na pizza e recapitulei os potes.

O que mais deve ir com ele? Eu me perguntava. Seria um milagre se Ivy deixasse-me cobrir com tudo que eu costumava. Decidindo até mesmo tentar as castanhas de caju, eu retirei as coberturas comuns.

— Pimentas — eu murmurei. — Cogumelos. — Olhei para Ivy. Ela parecia como um tipo gentil de moça. — Bacon deixei para o café da manhã.

O marcador guinchou quando Ivy desenhou uma linha roxa do campus para Hollows tirando os mais perigosos das casas noturnas e bares a beira-rio. — Então, — ela falou pausadamente. — Você vai me dizer o que está incomodando você ou eu vou ter que encomendar uma pizza depois que você queimar essa?

Coloquei a pimenta na pia e encostei-me contra o balcão. — Trent manipula biodrogas, — eu disse ouvindo a feiura outra vez enquanto eu dizia isso. — Se ele soubesse que eu estava indo experimentar e etiquetar ele com isso, ele me mataria mais rápido do que I.S

— Mas ele não sabe. — Ivy desenhou outra linha. — Tudo que ele sabe é que você pensa que ele correu em Brimstone e tinha assassinado sua secretária. Se ele estivesse preocupado ele não teria te oferecido este trabalho.

— Trabalho? — eu disse virando as costas para ela enquanto eu lavava a pimenta. — É nos mares do Sul, correndo suas plantações Brimstone, sem dúvida. Ele me quer fora do caminho, isso é tudo.

— Que tal isso, — ela disse enquanto ela tampava sua caneta batendo sobre a mesa. Assustada, eu girei, lançando gotas de água por toda parte. — Ele acha que você é uma ameaça, — ela terminou fazendo um show de limpar fora a água que eu tinha acidentalmente atingido ela.

Dei-lhe um sorriso tímido, esperando que ela não pudesse dizer que ela me tinha na borda. — Não tinha pensando sobre isso dessa forma, — eu disse.

Ivy voltou ao seu mapa, franzindo a testa enquanto ela limpava as manchas de água que eu tinha feito em suas nítidas linhas. — Dê-me algum

tempo para checar ao redor, — ela disse em uma voz preocupada. — Se nós pudermos pegar uma posse de seus registros financeiros e alguns de seus compradores, nós podemos encontrar uma pista de papel, mas eu ainda digo que é apenas Brimstone.

Eu empurrei na geladeira aberta o parmesão e a mussarela. Se Trent não manipulasse biodrogas, então eu seria uma princesa pixy. Houve um barulho assim que Ivy atirou um dos seus marcadores no copo ao lado do seu monitor. Minhas costas estavam para ela, e o barulho me assustou.

— Só porque ele tem uma gaveta cheia de discos etiquetados com doenças antigas auxiliadas por biodrogas, não significa que ele é um traficante de drogas, — Ivy disse, lançando outro. — Talvez eles são listas de clientes. O homem é grande em filantropia. Mantém meia dúzia de hospitais do país funcionando sozinho com suas doações.

— Talvez, — eu disse insatisfeita. Eu sabia sobre as generosas contribuições de Trent. Outono passado ele tinha leiloado em caridade, para Crianças em Cincinnati, mais dinheiro do que eu costumava fazer em um ano. Pessoalmente, eu pensava que seus esforços eram uma fachada de publicidade. O homem era sujeira.

— Além disso, — Ivy disse enquanto se encostava em sua cadeira e lançava outro de seus marcadores no copo em um show irreal de coordenação mão-olho. — Por que ele estaria manipulando biodrogas? O homem é independentemente rico. Ele não precisa de mais dinheiro. As pessoas são motivadas por três coisas Rachel. Amor... — um marcador vermelho tiniu com o resto. — Vingança... — um preto pousou próximo dele. — E poder, — ela terminou lançando um verde. — Trent tem dinheiro suficiente para comprar os três.

— Você esqueceu um, — eu disse, perguntando se eu devia apenas manter minha boca fechada. — Família.

Ivy agarrou as canetas fora do copo. Encostando-se a sua cadeira para se balançar sobre as duas pernas, ela começou a lançá-las novamente. — A família não vem com o amor? — ela perguntou.

Eu a observei com o canto da minha visão. Não se eles estão mortos, pensei, minhas memórias voltando para meu pai. Nesse caso, poderia vir sob a vingança.

A cozinha ficou em silêncio enquanto eu polvilhei um fino pó de parmesão sobre molho. Somente os cliques das canetas de Ivy quebrou o silêncio. Cada singela unidade foi dentro, os esporádicos chocalhos me dando nos nervos. As canetas pararam e eu congelei em alarme. Seu rosto estava sombreado. Eu não podia ver se seus olhos estavam ficando pretos. Meu batimento acelerou, eu não me mexi, esperando.

— Por que você apenas não me estaca, Rachel? — ela disse em irritação enquanto ela sacudia os cabelos de lado para me mostrar irados olhos castanhos. — Eu não vou pular em você. Direi a Friday que foi um acidente.

Relaxando os ombros, remexi ruidosamente na gaveta por um abridor de latas para os cogumelos. — Um louco acidente assustador, — eu murmurei sob minha respiração enquanto eu os drenava.

— Eu ouvi isso, — ela hesitou. Uma caneta pousou no copo com um barulho. — Você, ah, leu o livro, certo? — ela perguntou

— A maior parte dele, — eu admiti, em seguida fiquei alarmada. — Por quê? Estou fazendo algo errado?

— Você está me vigiando, isto é o que está fazendo errado, — ela disse, sua voz elevada. — Pare de me observar. Eu não sou um animal. Posso ser uma vampira, mas ainda tenho uma alma.

Mordi minha língua assim eu não teria nem mesmo boca para uma resposta a isso. Houve um barulho quando ela baixou os marcadores restantes no copo do lápis. O silêncio ficou pesado enquanto ela puxava seus mapas. Virei minhas costas pra ela para provar que eu confiava nela. Eu não sabia, no entanto. Colocando a pimenta na tabua de corte, eu abri uma gaveta e bati ruidosamente até que encontrei uma grande faca. Era grande demais para cortar pimentas, mas eu estava me sentindo vulnerável e aquela era a faca que eu ia usar.

— Uh... — Ivy hesitou. — Você não está colocando pimenta naquilo, está?

Minha respiração deslizou e joguei a faca desanimada. Nós provavelmente não teríamos nada em nossa pizza apenas queijo. Silenciosamente eu coloquei a pimenta de volta na geladeira.

— O que é uma pizza sem pimenta? — sussurrei baixinho.

— Comestível, — foi sua resposta pronta, e eu fiz uma careta. Meus olhos percorreram o balcão e minhas guloseimas montadas.

— Cogumelos, ok?

— Não pode ter pizza sem eles.

Eu cortei fatias de um viscoso marrom sobre o parmesão. Ivy sacudiu seu mapa, e eu joguei um olhar inocente para ela.

— Você nunca me contou o que fez com Francis, — ela disse.

— Deixei-o em seu porta malas. Alguém irá apagá-lo em água salgada. Acho que quebrei seu carro. Ele não acelera mais, não importa qual equipamento eu coloque nele e quão barulhento eu corra nele.

Ivy sorriu e minha pele arrepiou. Como se me desafiando a contestar, ela levantou, chegando a encostar-se ao balcão. Minha tensão fluiu novamente. Ela dobrou quando ela relaxou-se à frente com uma lentidão controlada para se sentar no balcão ao meu lado.

— Então, — ela disse abrindo a bolsa de pepperoni e provocativamente colocando uma fatia na boca. — O que você acha que ele é?

Ela estava comendo. Ótimo.

— Francis? — eu perguntei, surpresa que ela tinha perguntado. — Ele é um idiota.

— Não, Trent.

Eu mantive minha mão fora para o pepperoni e ela colocou o saco na palma da minha mão. — Eu não sei, mas ele não é um vampiro. Ele pensava que meu perfume era para encobrir meu cheiro de bruxa, não... uh... O seu. — Senti-me incomodada com ela tão perto e coloquei a calabresa como cartas sobre a pizza. — E seus dentes não são afiados o suficiente. — Terminado, eu coloquei o saco na geladeira, fora do alcance de Ivy.

— Eles podem ser tampados. — Ivy olhou para a geladeira e o pepperoni invisível. — Seria mais difícil ser um vampiro praticante, mas pode ser feito.

Meus pensamentos voltaram a tabela 6.1, com seus muito úteis diagramas, e eu estremeci, disfarçando-o para o tomate ao meu alcance. Ivy

balançou sua cabeça em acordo quando minha mão pairou sobre ele em questão.

— Não, — eu disse confiante, — ele não tem essa falta de compreensão do espaço pessoal de cada vampiro vivo que eu conheça além de você.

Assim que eu disse isso, eu gostaria de levá-la de volta. Ivy enrijeceu e eu me perguntava se a distância anormal que ela colocou entre ela mesma e todos tinha tudo a ver com ela ser uma vampira não praticante. Deve ser frustrante, tentando adivinhar cada movimento seu, perguntando se sua cabeça induzia ou sua fome. Não é de admirar que Ivy tinha uma tendência de perder as estribeiras. Ela estava lutando contra um instinto de mil anos sem ninguém para ajudá-la a encontrar seu caminho. Eu hesitei, em seguida perguntei. — Existe uma maneira de dizer se Trent é um enxerto humano?

— Enxerto humano? — ela disse parecendo surpresa. — Há uma cogitação.

Enviei a faca através do tomate para fazer pequenos quadrados vermelhos. — É um pouco adequado. Ele tem a força interior, graça, e poder pessoal de um vampiro, mas sem o delicado sentimental. E eu aposto minha vida que ele não é bruxo ou feiticeiro. Falta muito nele, mesmo uma simples sugestão de um cheiro de pau-brasil, mas a maneira que ele se movimenta, a luz em seus olhos... — Fiquei imóvel enquanto eu recordava seus ilegíveis olhos verdes.

Ivy escorregou do balcão, furtando um pepperoni fora da pizza. Casualmente me mudei para o outro lado da pia e longe dela. Ela seguiu, pegando outro. Houve um zumbido suave enquanto Jenks voava através da janela. Ele tinha um cogumelo em seus braços quase tão grande como ele, trazendo o cheiro de poeira para cozinha. Eu olhei para Ivy e ela deu de ombros.

— Hey Jenks, — Ivy disse enquanto ela voltava para sua cadeira no canto da cozinha. Aparentemente tínhamos passado o “Eu posso estar próxima a você e não te morder” teste. — O que você acha? Trent é um Were?

Jenks largou o cogumelo, seu pequeno rosto deslocando com raiva. Suas asas ofuscando para o nada. — Como vou saber se Trent é um Were?

— Ele estalou. — Eu não cheguei perto o suficiente. Eu teria pegado. Ok? Jenks foi pego. Feliz agora? — Ele voou para a janela. Em pé ao lado do Sr. Peixe com suas mãos em seus quadris, ele olhou para o escuro.

Ivy balançou a cabeça com um olhar de nojo. — Então você foi pego. Grande acordo assustador. Eles sabiam quem Rachel era, e você não a vê lamentar sobre ele.

Na verdade, eu tinha descartado meu acesso de mau-humor no caminho de casa, que poderia ter esclarecido para o estranho barulho que o carro de Francis estava fazendo quando eu deixei no estacionamento do shopping à sombra de uma árvore.

Jenks lançou-se para passar três centímetros do nariz de Ivy. Suas asas estavam vermelhas de raiva. — Você tem um jardineiro preso a você em uma esfera de vidro e veja se ele não lhe dá uma nova perspectiva de vida, Pequena Senhorita Raio de Sol Feliz.

Meu mau humor sumiu enquanto eu assistia um duende de quatro polegadas enfrentar uma vampira. — Pare com isso Jenks, — eu disse levemente. — Eu não acho que ele era um jardineiro real.

— Sério? — ele disse sarcasticamente, voando para mim. — Você acha?

Atrás dele, Ivy fingiu esmagá-lo entre seu indicador e o polegar. Revirando os olhos, ela voltou para seus mapas. O silêncio cresceu, não confortável, mas não estranho também. Jenks voou desanimado para seus cogumelos e trouxe para mim, poeira e tudo mais. Ele estava vestido com uma roupa, frouxa muito casual. A seda fluindo era de cor de musgo úmido e o corte o fazia parecer como um xeique do deserto. Seu loiro cabelo estava penteado para trás e pensei que cheirava a sabão. Eu nunca tinha visto um duende relaxando em casa. Era uma espécie gentil.

— Aqui, — ele disse desajeitado, rolando o cogumelo para parar junto a mim. — Encontrei-o no jardim. Eu achei que você poderia querer. Para sua pizza hoje a noite.

— Obrigada Jenks, — eu disse, limpando a sujeira.

— Olhe, — ele disse enquanto recuava três passos. Suas asas eram um brilho confuso de movimento e tranquilidade. — Sinto muito, Rachel. Eu deveria apoiar-te, não ser pego.

Que vergonha, eu pensei. Ter alguém do tamanho de uma libélula pedindo desculpas por não me proteger. — Sim, bem, nós dois ferrados. — Eu disse acidamente, desejando que Ivy não estivesse testemunhando isso. Ignorando o sopro de barulho dela, eu enxaguei seus cogumelos e fatiei-os. Jenks parecia satisfeito e foi fazer círculos irritantes ao redor da cabeça de Ivy até que ela golpeou-o.

Abandonando ela, ele voltou para mim. — Eu vou descobrir a quê Kalamack cheira — Jenks disse enquanto eu colocava sua contribuição na pizza. — Isso é pessoal agora.

Bem, eu pensei, por que não? Tomei uma respiração profunda — Vou voltar amanhã a noite, — eu disse, pensando na minha ameaça de morte. Eventualmente eu ia cometer um erro. E ao contrário de Ivy, eu não poderia voltar da morte. — Quer ir comigo Jenks? Não como um apoio, mas como um parceiro?

Jenks levantou-se, suas asas mudando para roxo. — Você pode apostar as calcinhas de sua mãe que eu vou.

— Rachel! — Ivy exclamou. — O que você pensa que está fazendo?

Eu rasguei o saco de mussarela e despejei-o sobre a pizza. — Estou fazendo de Jenks um parceiro pleno. Tem um problema com isso? Ele está fazendo muitas horas extras para algo menor.

— Não, — ela disse, olhando para mim através da cozinha. — Eu quero dizer voltar para Kalamack.

Jenks pairou próximo a mim para fazer uma frente unida. — Cala sua boca, Tamwood! Ela precisa de um disco para provar que Kalamack é um traficante de biodrogas.

— Eu não tenho escolha. — Eu disse, empurrando o queijo tão forte que derramou sobre a borda.

Ivy encostou-se em sua cadeira com uma lentidão exagerada. — Eu sei que você o quer, mas pense sobre, Rachel. Trent pode acusá-la de tudo. Se você for pega, está frita.

— Se eu acuso Trent sem provas sólidas, ele vai deslizar através dos tribunais. — Eu não pude olhar para ela. — Tem que ser uma prova rápida e idiota. Algo que a mídia possa pegar com os dentes e correr com ela. —

Meus movimentos eram rápidos enquanto eu pegava o queijo que eu tinha derramado e colocava-o de volta na pizza. — Tenho que pegar um daqueles discos, e amanhã eu vou.

Um pequeno ruído de descrença veio de Ivy. — Eu não posso acreditar que você está correndo de volta, sem planos, sem preparações. Nada. Você já tentou aproximar-se sem pensar e foi pega.

Meu rosto queimou. — Só porque eu não planejei minhas viagens ao banheiro, isso não significa que não sou uma boa caçadora. — Eu disse fortemente.

Sua mandíbula apertou. — Eu nunca disse que você não era uma boa caçadora. Eu só queria dizer que um pouco de planejamento pode lhe salvar de erros embaraçosos, como aconteceu hoje.

— Erros, — eu exclamei. — Olhe aqui Ivy, eu sou uma maldita excelente caçadora.

Ela arqueou suas finas sobrancelhas. — Você não tinha uma marca limpa nos últimos seis meses.

— Isso não era eu, era Denon! Ele admitiu. E se você está tão sensível com minhas habilidades, por que você implorou que eu levasse você comigo?

— Eu não implorei, — Ivy disse. Seus olhos se estreitaram e os pontos de raiva apareceram em suas bochechas.

Não querendo argumentar com ela, voltei para colocar a pizza no forno. O seco "woosh" de ar fez minhas bochechas apertarem e enviou fios de meu cabelo flutuando em meus olhos. — Sim, você implorou, — eu murmurei, sabendo que ela podia me ouvir, em seguida disse alto. — Eu sei exatamente o que vou fazer.

— Sério? — ela disse logo atrás de mim. Eu abafei um suspiro e me movi rapidamente em volta. Jenks estava em pé no parapeito na janela próximo ao Sr. Peixe, o rosto em branco. — Então me diga, — ela disse, sua voz gotejando com sarcasmo. — Qual o seu plano perfeito.

Não querendo que ela soubesse que tinha me assustado, eu rocei nela, deliberadamente dando-lhe minhas costas enquanto eu raspava a farinha de fora do balcão com a grande faca. O cabelo de trás do meu

pescoço subiu, e virei-me para encontrá-la exatamente onde eu a tinha deixado, seus braços estavam cruzados e uma sombra estava voando atrás de seus olhos. Meu pulso acelerou. Eu sabia que não deveria ter discutido com ela.

Jenks lançou-se entre mim e Ivy. — Como vamos pegá-lo, Rachel? — ele perguntou, aterrissando ao meu lado no balcão.

Eu me senti segura com ele observando ela, e propositadamente virei minhas costas para Ivy. — Eu vou como um visom. — Ivy fez um ruído de descrença e eu endureci. Escovando a farinha solta em minha mão, despejei-a no lixo. — Mesmo se eu estiver manchada, eles não saberão que sou eu. Será um simples arrebatador e correr. — As palavras de Trent sobre minhas atividades passavam por mim, e eu me perguntava.

— Roubar o escritório de um vereador não é um simples arrebatador e correr. — Ivy disse, a tensão aparecendo no limo dela. — É um grande roubo.

— Com Jenks eu estarei dentro e fora do escritório em dois minutos. Fora do edifício em dez.

— E enterrada no subsolo da torre da I.S em uma hora, — Ivy disse. — Você esta louca. Ambos são loucos sangrentos. É uma fortaleza no meio de uma esquisita mata. E isso não é um plano, é uma ideia. Planos estão no papel. — Sua voz tornou-se zombadora, puxando meus ombros tensos.

— Se eu usasse planos, estaria morta por três vezes, — eu disse. — Eu não preciso de um plano. Você aprende tudo que puder, depois apenas faz isso. Planos não podem levar em conta surpresas!.

— Se você usasse um plano, não teria nenhuma surpresa.

Ivy olhou fixo para mim, e eu engoli. Mais do que uma dica do preto girando em seus olhos e meu estômago apertou.

— Eu tenho um caminho mais agradável se você está procurando suicídio, — ela respirou.

Jenks pousou no meu brinco sacudindo, meus olhos em Ivy. — É a primeira coisa inteligente que ela fez durante toda a semana, — ele disse. — Então desista, Tamwood.

Os olhos de Ivy se estreitaram e eu dei um rápido passo para trás enquanto ela estava distraída. — Você é tão ruim quanto ela, Pixy, — ela disse mostrando os dentes. Dentes de vampiros eram como armas. Você não os mostra a menos que você estava indo usá-los.

— Ah... Deixe-a fazer o seu trabalho. — Jenks gritou de volta

Um vento frio bateu no meu pescoço enquanto Jenks deslocava suas asas como se fosse voar.

— Basta! — eu gritei antes que ele pudesse me deixar. Eu o queria junto onde ele estava. — Ivy, se você tem uma ideia melhor, me diga. Se não, cala a boca!

Juntos eu e Jenks olhamos para Ivy, estupidamente pensando que éramos mais fortes juntos que sozinhos. Seus olhos brilharam para preto, minha boca ficou seca. Eles estavam sem piscar, vivo com a promessa por enquanto apenas insinuada. As cócegas na minha barriga rodaram para cima até fechar minha garganta. Eu não poderia dizer se era medo ou antecipação. Ela fixou sobre meus olhos, não respirando. Não olhe para meu pescoço, eu pensei em pânico. Oh Deus. Não olhe para meu pescoço.

— Podridão e Inferno, — Jenks sussurrou.

Mas ela estremeceu, afastando-se para inclinar-se sobre a pia. Eu estava tremendo e podia jurar que ouvi um suspiro de alívio de Jenks. Isso, eu percebi, podia ter sido muito, muito ruim.

A voz de Ivy soou morta quando ela falou em seguida. — Tudo bem, — ela falou para a pia. — Vá se matar. Vocês dois. — Ela empurrou-se em movimento e eu pulei. Encolhida e aflita, ela saiu da cozinha. Cedo demais para ser verdade, veio o som da porta da frente da igreja batendo, então nada.

Alguém, eu pensei, ia se machucar essa noite.

Jenks deixou meu brinco, pousando no peitoril da janela. — O que há com ela? — ele perguntou agressivamente para o súbito silêncio. — Você quase poderia pensar que ela se importa.

Capítulo 16

Acordei de um sono profundo, sacudida pelo som distante de vidro quebrando. Eu podia cheirar incenso de madeira. Meus olhos brilharam abertos. Ivy estava curvada sobre mim, seu rosto a centímetros do meu.

— Não, — eu gritei, esmurrando fora em um pânico cego. Meu punho pegou em seu intestino. Ivy dobrou-se no meio e caiu no chão, lutando para respirar. Eu me mexi para me agachar em minha cama. Meus olhos dispararam da janela cinza para a porta. Meu coração batia forte e eu fui gélida em uma dolorosa corrida de adrenalina. Ela estava entre mim e minha única saída.

— Espere, — ela ofegou, a manga da sua túnica caindo para seu cotovelo enquanto ela alcançava para me pegar.

— Você é uma traidora, vampira sanguessuga, — eu assobieei.

Minha respiração ficou presa em surpresa enquanto Jenks, não, era Jax, girou do parapeito para pairar diante de mim. — Sra. Rachel, — ele disse distraído e tenso. — Estamos sob ataque. Fadas. — Ele quase cuspiu a última palavra.

Fadas, eu pensei, era um banho de medo frio enquanto eu olhava para minha bolsa. Eu não poderia combater fadas com meus encantos. Elas eram muito rápidas. O melhor que eu poderia fazer seria tentar esmagar uma. Oh Deus. Eu nunca matei ninguém em minha vida inteira. Nem mesmo por acidente. Eu era uma corredora, droga. A ideia era trazê-los vivos, não mortos. Mas fadas...

Meu olhar atirou para Ivy e ruborizei enquanto eu percebia o que ela estava fazendo em meu quarto. Com tanta humildade que pude encontrar, desci da minha cama. — Desculpe. — Eu sussurrei, oferecendo a ela uma mão.

Sua cabeça inclinou para que ela pudesse me ver através da cortina de seus cabelos. Dor mal escondeu sua raiva. Uma mão branca lançou-se para fora e me empurrou para baixo. Eu bati no chão com um grito, em pânico novamente enquanto ela cobria minha boca com uma mão firme.

— Cale a boca, — ela ofegou, sua respiração em meu rosto. — Você quer nos matar? Elas já estão lá dentro.

Os olhos arregalados, eu sussurrei entre seus dedos. — Eles não vão entrar. É uma igreja.

— As fadas não reconhecem terra santa, — ela disse. — Elas não se importariam com menos.

Elas já estavam lá dentro. Vendo meu alarme, Ivy levou sua mão para minha boca. Meus olhos foram para a passagem de ventilação. Alcançando com uma mão lenta, eu fechei-a, estremecendo com o rangido.

Jax iluminou em cima do meu joelho coberto pelo pijama. — Eles invadiram nosso jardim, — ele disse, o aspecto assassino em seu rosto infantil parecendo terrivelmente mau. — Eles vão pagar. E aqui estou eu, preso cuidando de duas crianças caipiras. — Ele voou para a janela em desgosto.

Houve uma colisão vinda da cozinha e Ivy me puxou para baixo enquanto eu tentava me levantar. — Fique aí, — ela disse baixinho. — Jenks vai cuidar deles.

— Mas... — mordi de volta meu protesto quando Ivy virou para mim, seus olhos negros na penumbra da manhã. O que Jenks poderia fazer contra as fadas assassinas? Ele foi treinado como substituto, não em guerra de guerrilha. — Olhe, eu sinto muito, — eu sussurrei. — Por bater em você, eu quero dizer.

Ivy não se moveu. Uma mistura efervescente de emoções tinham se reunido atrás de seus olhos, e eu senti minha respiração presa. — Se eu quisesse, bruxinha... — ela disse, — você não poderia me parar.

Gelada, eu engoli em seco. Soava como uma promessa.

— Alguma coisa mudou, — ela disse, sua atenção sobre minha porta fechada. — Eu não esperava por isso nos próximos três dias.

Um enjoo tomou conta de mim. A I.S tinha mudado suas táticas. Eu tinha trazido isso para mim mesma. — Francis, — eu disse. — É minha culpa. A I.S sabia que eu podia passar pelos meus observadores agora.

Eu pressionei meus dedos em minhas têmporas. Keasley, o velho homem do outro lado da rua, tinha me avisado.

Houve uma terceira colisão, desta vez mais alta. Ivy e eu encarávamos a porta. Eu podia ouvir meus batimentos cardíacos. Eu me perguntei se Ivy poderia, também. Após um longo momento, houve uma pequena batida na porta. Tensão bateu em mim e eu ouvi Ivy tomar uma lenta respiração, reunindo ela mesma.

— Papai? — Jax disse suavemente. Houve um lamento de barulho do salão, e Jax disparou para a porta. — Papa? — ele gritou.

Eu balancei meus pés, ombros caindo. Acendi a luz, apertando os olhos no clarão repentino para o relógio que Ivy tinha me emprestado. Cinco e meia. Eu só tinha dormido uma hora.

Ivy subiu com uma rapidez surpreendente, abrindo a porta e saindo fora com a bainha do seu manto dobrando. Estremeci quando ela saiu. Eu não tinha a intenção de machucá-la. Não, isso não era verdade. Eu tinha, mas eu pensei que ela estaria me transformando em um lanche de início de manhã.

Jenks adentrou, quase batendo na janela enquanto ele tentava aterrissar.

— Jenks? — eu disse, decidindo que meu pedido de desculpas para Ivy poderia esperar. — Você está bem?

— Beeeem — ele falou pausadamente, soando como se estivesse bêbado. — Não teremos que nos preocupar com fadas por um tempo. — Meus olhos se arregalaram com a extensão do aço em sua mão. Tinha um cabo de madeira e era do tamanho de um daqueles paus que eles colocavam azeitonas sobre. Cambaleando, ele sentou-se rígido, dobrando seu pequeno conjunto de asas com ele.

Jax puxou seu pai para seus pés. — Papa? — ele disse preocupado. Jenks estava uma bagunça. Uma de suas asas superiores estava um trapo. Ele estava sangrando por vários arranhões, um sob seu olho direito. O outro

estava inchado. Ele apoiou-se pesadamente sob Jax, quem estava lutando para manter seu pai em pé.

— Aqui, — eu disse, prendendo minha mão por baixo e por trás de Jenks, forçando-o a sentar na palma da minha mão. — Vamos levá-lo para a cozinha. A luz é melhor lá. Talvez possamos colar sua asa.

— Não há luz lá, — Jenks falou. — Quebrou. — Ele piscou, lutando para se concentrar. — Desculpe.

Preocupada, coloquei minha mão em concha sobre ele, ignorando seus protestos abafados. — Jax, — eu disse, — chame sua mãe. — Ele agarrou a faca do seu pai e correu para fora logo abaixo do teto. — Ivy? — eu chamei enquanto abria meu caminho através do corredor escuro. — O que você sabe sobre fadas?

— Aparentemente nada o suficiente, — ela disse bem atrás de mim, e eu pulei.

Dei uma cotovelada no interruptor da luz enquanto entrava na cozinha. Nada. As luzes estavam quebradas.

— Espere, — Ivy disse. — Há vidro por todo o chão.

— Como você sabe? — eu disse em descrença, mas hesitei, não disposta a arriscar meus pés descalços no escuro. Ivy roçou-me em um sussurro sombrio, e eu tremi enquanto a brisa de sua passagem me gelava. Ela estava vampiresca. Houve o quebrar de vidros e a lâmpada fluorescente sobre o forno reluzia para a vida, iluminando a cozinha em um brilho desconfortável.

Finas ampolas de vidro fluorescentes bagunçavam o chão. Havia uma neblina picante no ar. Minhas sobancelhas levantaram quando eu percebi que eram uma nuvem de pó de fada. Prendeu em minha garganta, e coloquei Jenks sobre o balcão antes que eu espirrasse e acidentalmente o derrubasse.

O fôlego se deteve e eu escolhi meu caminho para a janela para abri-la mais. O Sr. Peixe estava indefeso sobre a pia, sua bacia quebrada. Eu cuidadosamente puxei-o por entre os espessos cacos, enchendo um copo de plástico e dei-lhe para tomar. O Sr. Peixe contorceu-se, estremeceu e afundou. Lentamente suas brânquias se moveram para frente e para trás. Ele estava bem.

— Jenks? —, eu disse, virando-me para encontrá-lo de pé onde eu o tinha deixado. — O que aconteceu?

— Nós as pegamos, — ele disse, apenas audível, anunciando para o lado.

Ivy pegou a vassoura da despensa e começou varrer o vidro em uma pilha.

— Elas pensaram que eu não sabia que estavam lá, — Jenks continuou enquanto eu começava a revistar, até que encontrei uma asa de fada decepada. Parecia como uma asa de mariposa Luna¹⁵, ao invés de uma libélula. As escamas friccionavam em meus dedos, manchando-os de verde e roxo. Eu cuidadosamente coloquei a asa para o lado. Havia várias magias muito complicadas que exigiam pó de fada. Caramba, eu pensei, me afastando. Eu estava ficando doente. Alguém tinha morrido, e eu estava considerando usar parte dele para magia.

— O pequeno Jacey avisou-os primeiro, — Jenks disse, sua voz caindo em uma cadência estranha. — Do outro lado das sepulturas humanas, asas rosas na lua escura enquanto a terra deslizava em volta de sua luz prata. Eles chegaram a nossa parede. Nossas linhas foram amarradas. Nós protegemos nossa terra. O que está dito, está feito.

Perplexa, olhei para Ivy em pé e em silêncio com sua vassoura imóvel. Seus olhos estavam arregalados. Isso foi estranho. Jenks não estava xingando, ele soou poético. E ele comumente não o não fazia.

— O primeiro caiu debaixo do carvalho, picado pelo gosto de aço em seu sangue. O segundo caiu em solo sagrado, manchado com os gritos de sua loucura. O terceiro falhou no pó e sal, enviado de volta ao seu mestre, um aviso dado em silêncio. — Jenks olhou para cima, claramente não me vendo. — Esta terra é nossa. Com a asa quebrada, sangue envenenado e nossos mortos não sepultados...

Ivy e eu nos olhamos através da luz disforme. — Mas que diabos? — Ivy sussurrou, e os olhos de Jenks clarearam. Ele se virou para nós, tocou sua cabeça em continência, e lentamente entrou em colapso.

¹⁵ Espécie de mariposa.

— Jenks! — Ivy e eu gritamos, sacudidas em movimento. Ivy foi primeiro. Ela cobriu Jenks em suas mãos e virou para mim com um olhar apavorado. — O que eu faço? — ela gritou.

— Como eu deveria saber? — eu gritei de volta. — Ele está respirando?

Houve um som estridente de sino dos ventos e a esposa de Jenks correu para o quarto, arrastando uma vigília de pelo menos uma dúzia de crianças pixy. — Sua sala está limpa, — ela disse bruscamente, seu manto de seda da cor da neblina ondeando para parar ao seu redor. — Sem feitiços. Leve-o lá. Jhem, vá acender a luz em frente a Sra. Ivy, então ajude Jinni a ir buscar meu equipamento aqui. Jax, leve o resto desta parte através da igreja. Comece no campanário. Não esqueça uma fenda. As paredes, as tubulações, os cabos e linhas telefônicas. Veja as corujas, e lembre-se de verificar aquele buraco do padre. Se você ainda achar que cheira um feitiço ou uma daquelas fadas, você grita. Está claro? Agora vá.

As crianças pixy se espalharam. Ivy, também, obediente seguiu a ordem da pequena mulher e correu para a sala de estar. Eu teria achado isso divertido exceto por Jenks imóvel na palma da mão dela. Mancando, eu os segui.

— Não, amor, — a pequena mulher se dirigiu para Ivy enquanto colocava Jenks sobre uma almofada. — No fim da mesa, por favor. Preciso de uma superfície dura para cortar contra.

Cortar contra? Eu pensei, movendo as revistas de Ivy para fora da mesa e para o chão para abrir caminho. Sentei-me na cadeira mais próxima e inclinei a sombra da lâmpada. Minha adrenalina estava desaparecendo, deixando minha cabeça leve e fria no meu pijama de flanela. E se Jenks estava realmente machucado? Estava chocada, ele realmente tinha matado duas fadas. Ele as tinha matado. Eu tinha colocado as pessoas no hospital antes, com certeza, mas matar alguém? Lembrei-me do meu medo enquanto eu me reunia no escuro ao lado de uma vampira tensa e perguntei se eu poderia fazer o mesmo.

Ivy colocou Jenks para baixo como se ele fosse feito de papel de seda, em seguida recuou até a porta. Sua postura alta curvou-se, fazendo-a parecer nervosa e fora do lugar. — Vou verificar lá fora, — ela disse.

Sra. Jenks sorriu, mostrando um calor eterno em sua tranquila e característica juventude. — Não, amor, — ela disse. — Está seguro agora. Temos pelo menos um dia inteiro antes da I.S poder encontrar outro clã de fadas dispostos a violar nossas linhas. E não há dinheiro suficiente para conseguir pixy para invadir outros jardins pixy. Isso só prova que as fadas são grosseiras, mas você pode ir procurar se você quer. A mais jovem criança poderia dançar por entre as flores esta manhã.

Ivy abriu a boca como se para protestar, em seguida percebendo que a pixy estava totalmente séria, ela baixou os olhos e deslizou para fora pela porta dos fundos.

— Jenks disse alguma coisa antes de desmaiar? — Sra. Jenks perguntou enquanto ela arrumava suas asas que foram desordenadamente alargadas. Ele parecia um inseto fixado em exposição e eu me senti mal.

— Não, — eu disse, pensando em sua atitude calma. Eu estava quase frenética. — Ele começou como se estivesse recitando um soneto ou algo assim. — Puxei meu pijama para cima apertando em minha garganta e debrucei em mim mesma. — Ele vai ficar bem?.

Ela baixou seus joelhos ao lado dele, seu alívio óbvio enquanto ela corria seu cuidadoso dedo sob os olhos inchados do seu marido. — Ele está bem. Se ele estava xingando ou citando poesia, ele está bem. Se você me contasse que ele estava cantando, eu ficaria preocupada. — Suas mãos reduziram seu movimento sobre ele e seus olhos ficaram distantes. — A única vez que ele chegou em casa cantando, nós quase o perdemos. — Seus olhos clarearam. Apertando seus lábios em um melancólico sorriso, ela abriu a bolsa que suas crianças tinham trazido.

Senti uma onda de culpa. — Eu realmente sinto muito sobre isso, Sra. Jenks, — eu disse. — Se não tivesse sido por mim, isso nunca teria acontecido. Se Jenks quisesse romper seu contrato, eu vou entender.

— Romper seu contrato! — A Sra. Jenks fixou seus olhos em mim com uma intensidade assustadora. — Céus, menina. Nem mais um pouco disso.

— Mas Jenks não deveria ter lutado com eles, — eu protestei. — Eles poderiam tê-lo matado.

— Havia apenas três, — ela disse, estendendo um pano branco próximo a Jenks como um kit cirúrgico, colocando curativos, bálsamo, até mesmo o que parecia como uma membrana da asa artificial nele. — E eles sabiam melhor. Eles viram os avisos. Suas mortes foram válidas. — Ela sorriu, e eu pude ver o porquê Jenks tinha usado o seu desejo para mantê-la. Ela parecia como um anjo, mesmo com a faca que ela segurava.

— Mas eles não estava atrás de você, — eu insisti. — Estavam atrás de mim.

Sua cabeça balançou para enviar as pontas de seus ralos cabelos acenando. — Não importa, — ela disse em sua voz lírica. — Eles teriam chegado ao jardim independentemente, mas acho que eles fizeram isso por dinheiro. — Ela quase cuspiu a palavra. — Tomou muito dinheiro da I.S para convencê-los a experimentar minha força Jenks. — Ela suspirou, cortando partes das finas membranas para unir os furos nas asas de Jenks com a frieza de alguém remendando uma meia.

— Não se preocupe, — ela disse. — Eles pensaram que porque tínhamos acabado de tomar posse, eles poderiam nos pegar fora de equilíbrio, — ela virou um olhar presunçoso para mim. — Eles acharam errado, não é?

Eu não sabia o que dizer. A animosidade da fada/pixy foi mais profunda do que eu tinha pensado. Sendo da mentalidade de que ninguém poderia possuir a terra, duendes e fadas evitavam a ideia de títulos de propriedades, confiando no simples adágio de fazer a coisa certa. E porque eles não estavam em concorrência com ninguém, apenas uns com os outros, os tribunais fecharam os olhos para seus negócios, permitindo-lhes resolver suas próprias discordâncias, até inclusive matando uns aos outros, aparentemente. Fiquei imaginando o que teria acontecido com quem teve o jardim antes de Ivy alugar a igreja.

— Jenks gosta de você, — a pequena mulher disse, enrolando a membrana da asa e embalando longe. — Chame-o de amigo. Dar-lhe-ei o mesmo título de respeito por ele.

— Obrigada, — eu gaguejei.

— Eu não confio em você, entretanto, — ela disse, e eu pisquei. Ela foi tão direta quanto seu marido, e quase tão diplomática. — É verdade que você fez dele um parceiro? De verdade e não apenas uma brincadeira cruel?

Eu acenei, mais séria do que tinha sido durante toda semana. — Sim, senhora. Ele merece isso.

Sra. Jenks tomou um pequeno par de tesouras em sua mão. Elas pareciam mais como relíquias do que uma parte do equipamento funcional, seus cabos de madeira esculpidos em forma de um pássaro. O bico era de metal e meus olhos se arregalaram quando ela pegou o ferro frio e ajoelhou-se diante de Jenks. — Por favor fique adormecido, amor. — Eu ouvi seu sussurro, e observei em espanto, enquanto ela delicadamente aparou as bordas desgastadas das asas de Jenks. O cheiro de sangue cauterizado subiu grosso no quarto fechado.

Ivy apareceu no quarto como se tivesse sido convocada. — Você está sangrando, — ela afirmou.

Eu balancei minha cabeça. — É a asa de Jenks.

— Não. Você está sangrando. Seus pés.

Eu endireitei, reprimindo um lampejo de angustia. Quebrando o contato do olho, eu balancei meu pé para cima para olhar na parte inferior. Uma mancha vermelha cobria meu calcanhar. Eu tinha estado muito ocupada para notar.

— Vou limpar tudo, — disse Ivy, e eu derrubei meu pé, me encolhendo. — O chão, — Ivy disse em desgosto. — Você deixou pegadas de sangue por todo ele. — Meu olhar foi pra onde ela apontou no corredor, minhas pegadas óbvias na luz crescente de um novo dia. — Eu não iria tocar em seu pé. — Ivy murmurou enquanto pisou fora.

Eu ruborizei. Bem... Eu tinha acordado com sua respiração em meu pescoço.

Houve um bater de portas de armários e um correr de água na cozinha. Ela estava com raiva de mim. Talvez eu devesse pedir desculpas, mas para quê? Já pedi desculpas por bater nela.

— Você tem certeza que Jenks ficará bem? — eu perguntei, evitando o problema.

A mulher pixy suspirou. — Se eu conseguir fazer os reparos no lugar antes de ele acordar, — ela sentou-se sobre os calcanhares, fechou os olhos e fez uma pequena oração. Enxugando as mãos em sua saia, pegou uma lâmina cega com um punho de madeira. Ela colocou um curativo no lugar e correu o liso da lâmina ao longo das bordas, derretendo a asa de Jenks. Ele estremeceu, mas não acordou. Suas mãos tremiam quando ela terminou e pó pixy peneirou dela fazendo-a brilhar. Realmente um anjo.

— Crianças? — ela chamou e eles apareceram de todos os lugares. — Tragam seu pai junto. Josie, se você quiser ir e certificar que a porta está liberada?

Eu observei enquanto elas inclinavam sobre ele, levantando-o e levando-o através da tubulação. Sra. Jenks, cansada, levantou-se conforme sua filha mais velha empacotava tudo longe da bolsa. — Meu Jenks, — ela disse, — às vezes, alcança mais do que um pixy deveria sonhar. Não queira meu marido morto em sua própria loucura, Sra. Morgan.

— Vou tentar, — eu sussurrei enquanto ela e sua filha desapareciam pela chaminé. Senti-me culpada, como se estivesse intencionalmente manipulando Jenks para me proteger. Houve um barulho de vidro deslizando para a lata de lixo, me levantei, olhando pela janela.

O sol estava alto, brilhando sobre as ervas no jardim. Passou minha hora de dormir, mas não acho que poderia voltar a fazê-lo. Sentindo-me cansada e fora de controle, me arrastei para a cozinha. Ivy estava com suas mãos e joelhos em seu manto preto, esfregando minhas pegadas.

— Desculpe, — eu disse, ficando em pé no meio da cozinha com meus braços apertados ao meu redor.

Ivy olhou para cima com os olhos apertados, fazendo o papel de mártir muito bem. — Pelo que? — ela disse, claramente querendo me arrastar através de todo o processo de pedido de desculpas.

— Por, er, bater em você. Eu não estava acordada ainda, — eu menti. — Não sabia que era você.

— Você já se desculpou por isso, — ela disse, voltando para o chão.

— Por você limpar minhas pegadas? — Eu tentei de novo.

— Eu ofereci.

Eu balancei minha cabeça. Ela tinha. Eu não estava procurando os possíveis motivos por trás disso, mas apenas aceitar sua oferta enquanto ela estava sendo legal. Mas ela estava brava com alguma coisa. Eu não tinha ideia com o quê.

— Hum, me ajude aqui Ivy, — eu finalmente disse.

Ela se levantou e foi até a pia, metodicamente enxaguando o pano. O pano amarelo estava cuidadosamente sobre a torneira para secar. Ela se virou, encostando contra o balcão. — Que tal um pouco de confiança? Eu disse que não ia mordê-la, e não vou.

Minha boca caiu aberta. Confiança? Ivy estava chateada pela falta de confiança? — Você quer confiança? — eu exclamei, concluindo que precisava ser brava para falar com Ivy sobre isso. — Então, que tal maior controle de você. Eu não posso nem contradizê-la sem você vampirar em mim.

— Eu não faço isso, — ela disse, seus olhos arregalando-se.

— Você faz isso, muito. — Eu disse, gesticulando. — É como aquela primeira semana em que trabalhamos juntas e discutimos sobre a melhor maneira de trazer um ladrão de lojas ao shopping. Apenas porque não concordo com você, não significa que estou errada. Pelo menos me ouça antes de decidir o que eu sou.

Ela respirou fundo, então lentamente soltou. — Sim. Você está certa.

Eu cai para trás com aquelas palavras. Ela pensou que eu estava certa? — E outra coisa, — eu adicionei, ligeiramente amolecida. — Pare de fugir durante uma discussão. Você saiu daqui esta noite como se fosse rasgar a cabeça de alguém, então eu acordo com você dobrada sobre mim? Sinto muito por socar você, mas você tem que admitir, você meio que mereceu isso.

Um leve sorriso cruzou seu rosto, em seguida desapareceu. — Sim. Eu suponho. — Ela reorganizou o pano sobre a torneira. Virando, ela apertou os braços ao seu redor, segurando os cotovelos. — Tudo bem, não vou sair no meio de uma discussão, mas você terá que parar de ficar tão animada durante uma. Você está me empurrando por aí até que não sei em que chão pisar.

Eu pisquei. Ela quis dizer animada como medo ou raiva? Ambos? — Perdão?

— E talvez consiga um perfume mais forte? — ela acrescentou, desculpando-se.

— Eu, eu apenas comprei alguns, — disse em surpresa. — Jenks afirmou que cobria tudo.

Uma angústia repentina beliscou o rosto de Ivy enquanto ela encontrou meu olhar. — Rachel... Eu ainda posso me cheirar em você. Você é como um grande biscoito de chocolate sentada sozinha em uma mesa vazia. E quando tem todos os nervos agitados, é como se você acabasse de sair do forno, todos quentes e pegajosos. Eu não tive um biscoito em três anos. Você poderia apenas se acalmar, para não cheirar tão bem?

— Oh. — De repente, fria, me afundei na cadeira. Não gosto de ser comparada a comidas. E nunca seria capaz de comer biscoitos de chocolate novamente. — Eu lavei minha roupas novamente, — disse em voz baixa. — Não estou mais usando seus lençóis e sabão.

Os olhos de Ivy estava no chão quando me virei. — Eu sei, — ela disse. — Aprecio isso. A ajuda. Não é culpa sua. O cheiro do vampiro persiste em alguém com quem vive. É um traço de sobrevivência que tende a prolongar a vida de um companheiro vampiro dizendo aos outros para ficar longe. Não achei que iria acontecer, visto que compartilhamos espaço e não sangue.

Um arrepio me percorreu enquanto me lembrava da minha aula de base latina que a palavra companheiro resultava na palavra alimento. — Eu não pertenço a você, — eu disse.

— Eu sei, — ela tomou uma cuidadosa respiração, não olhando para mim. — A lavanda está ajudando. Talvez se você pendurasse sacolas com isso em seu armário não ajudasse? E tentar não ficar tão emocional, especialmente quando estamos discutindo ações alternativas.

— Tudo bem, — eu disse baixinho, percebendo o quão complexo esse arranjo seria.

— Você ainda está indo para Kalamack amanhã? — Ivy perguntou

Eu acenei, aliviada pela mudança de assunto. — Não quero ir sem Jenks, mas não acho que posso esperar por ele para ter um voo digno.

Ivy ficou em silêncio por um momento. — Vou levá-la. Tão perto quanto você quer arriscar.

Minha boca ficou aberta uma segunda vez. — Por quê? Eu quero dizer, sério? — eu rapidamente corriji, e ela deu de ombros.

— Você está certa. Se não conseguir fazer isso rapidamente, você não durará uma semana.

Capítulo 17

— Você não vai, querido, — Sra. Jenks disse apertadamente, eu despejei minha ultima engolida de café na pia, olhando desconfortavelmente para o jardim, brilhante com o sol do começo da tarde. Eu preferia estar em qualquer outro lugar agora.

— O diabo que não vou, — Jenks murmurou.

— Eu disse que você não vai, — ela disse, um cordão de ferro atado a sua voz.

— Preocupe-se com sua casa, mulher, — ele disse. Uma sugestão de defesa arruinou sua postura de cara durão.

— Eu estou. — Seu tom era severo. — Você ainda está quebrado. O que eu digo é o que permanece. É a nossa lei.

Jenks gesticulou melancolicamente. — Estou bem. Eu consigo voar. Eu consigo lutar. Eu vou.

— Você não vai. Você não consegue. Você não vai. E até que eu diga, você é um jardineiro, não um caçador.

— Eu consigo voar! — exclamou, as asas borrando com o movimento. Ele ergueu um mero dedo de altura do balcão e desceu. — Você só não quer que eu vá.

Ela se enrijeceu. — Eu não terei de dizer que você foi morto por causa das minhas falhas. Manter você vivo é minha responsabilidade e eu digo que você está quebrado!

Alimentei o Sr. Peixe com um floco achatado. Isto era embaraçoso. Se tivesse sido comigo, eu deixaria Jenks ir, incapaz de voar ou não. Ele estava se recuperando mais rápido que eu teria acreditado possível. Ainda, fazia menos de dez horas desde que ele estava jorrando poesia. Eu olhei

para a Sra. Jenks com uma arqueada de sobrancelhas questionadora. A linda mulher pixy sacudiu a cabeça. Era isso, então.

— Jenks, — digo. — Sinto muito, mas até que você tenha o verde, você está confinado ao jardim.

Ele deu três passos, parando na beira do balcão. Seus punhos cerrados.

Desconfortável, eu me juntei a Ivy à mesa. — Então, — digo estranhamente. — Você disse que tem uma ideia de como eu posso entrar?

Ivy pegou a ponta da caneta entre os dentes. — Eu fiz alguma pesquisa esta manhã na internet...

— Você quer dizer depois que eu voltei para cama? — interrompi.

Ela olhou para mim com seus olhos castanhos ilegíveis. — Sim. — Virando-se, ela procurou em seus mapas, puxando um folheto colorido. — Aqui, eu imprimi isso.

Eu sentei quando o peguei. Ela não tinha somente o impresso, mas tinha dobrado-o em dobras de folhetos habituais. O panfleto colorido era um anuncio para excursões guiadas aos jardins botânicos Kalamack.

— Venha passear entre os espetaculares jardins particulares do vereador Trenton Kalamack, — li em voz alta. — Ligue adiante para os preços de ingressos e disponibilidade. Fechado na lua cheia para manutenção. — Havia mais, mas eu tinha meu objetivo.

— Eu consegui outro para o estábulo, — Ivy disse. — Eles fazem excursões o ano todo, exceto na primavera, quando nascem os potros.

— Que consideração. — Percorri um dedo sobre o desenho de lápis de cera brilhante ao fundo. Eu não tinha ideia que Trent era tão interessado em jardinagem. Talvez ele fosse um bruxo. Havia um alto, muito óbvio choramingo quando Jenks voou a curta distância para a mesa. Ele conseguia voar, mas mal.

— Isso é fantástico, — disse, ignorando o pixy agressivo quando ele caminhou pelo papel para entrar em minha linha de visão. — Eu estava planejando que você me jogasse em algum lugar na floresta para que eu pudesse caminhar para entrar, mas isso é ótimo. Obrigada.

Ivy me deu um sorriso honesto de lábios fechados. — Um pouco de pesquisa pode poupar muito tempo.

Eu reprimi um suspiro. Se Ivy tinha seu jeito, nós teríamos um plano de seis passos determinados no banheiro para o que fazer se ele suportasse. — Eu poderia me ajustar em uma bolsa grande, — disse, esquentando a ideia.

Jenks fungou. — Uma bolsa realmente gigante.

— Eu tenho alguém que me deve um favor, — Ivy disse. — Se ela comprou o ingresso, meu nome não ficaria na lista. E eu poderia usar um disfarce. — Ivy riu para mostrar um leve recuo de dente. Eu o retribui fracamente. Ela parecia humana na luz brilhante da tarde.

— Hey, — Jenks disse, lançando o olhar para sua esposa. — Eu poderia me ajustar em uma bolsa também.

Ivy bateu a caneta nos dentes. — Eu conduzo a excursão e coloco minha bolsa em algum lugar e a esqueço.

Jenks permaneceu no folheto, as asas movendo-se em adaptações bruscas de movimento. — Eu vou.

Eu puxei o panfleto debaixo dele, e ele cambaleou para trás. — Eu encontrarei você amanhã depois do portão da frente na floresta. Você pode me pegar fora de vista.

— Eu vou, — Jenks disse mais alto, ignorado.

Ivy inclinou-se de volta em sua cadeira com um ar satisfeito. — Agora isso parece um plano.

Isto era realmente estranho. Na noite passada Ivy tinha quase arrancado minha cabeça fora quando sugeri quase a mesma coisa. Tudo que ela precisou foi ter alguma estimulação. Satisfeita por ter descoberto esta pequena parte de Ivy, eu levantei e abri meu armário de feitiços.

— Trent sabe sobre você, — disse enquanto examinava minhas magias. — Só os céus sabem como. Você definitivamente precisa de um disfarce. Vamos ver... Eu poderia fazer você parecer velha.

— Ninguém está me ouvindo? — Jenks gritou, suas asas num vermelho furioso. — Eu vou, Rachel, diga a minha esposa que estou apto o suficiente para ir.

— Uh, aguenta aí, — disse Ivy. — Eu não quero ser enfeitiçada. Eu tenho meu próprio disfarce.

Eu me virei, surpresa. — Você não quer um dos meus? Não dói. É somente uma ilusão. Não é nada como um feitiço de transformação.

Ela não encontrou meu olhar. — Eu já tenho algo em mente.

— Eu digo, — Jenks grita, — eu vou!

Ivy esfrega a mão sobre os olhos.

— Jenks... — comecei.

— Diga a ela, — ele disse, apontando uma olhada para sua esposa. — Se você disser que tudo bem, ela me deixará ir. Eu conseguirei voar na hora que precisar.

— Olhe, — disse. — Haverá outras vezes...

— Para arrombar a propriedade do Kalamack? — ele exclamou. — Acho que não mesmo. Ou eu vou agora ou nunca. É minha única chance de descobrir a quê o Kalamack cheira. Nenhum pixy ou fada fora capaz de dizer o que ele é. E nem você, nem ninguém mais, vai tirar essa chance de mim. — Um punhado de desespero tinha rastejado para sua voz. — Nenhuma de vocês são grandes o bastante.

Eu olhei dele para a Sra. Jenks, meus olhos suplicantes. Ele estava certo. Não haveria outra vez. Seria muito perigoso arriscar até mesmo minha vida se já não estivesse no liquidificador e esperando alguém apertar o botão. Parecendo pesarosa, ela assentiu.

— Tudo bem, — disse, minha atenção de volta a Jenks. — Você pode ir.

— O que? — Ivy berrou, e eu dei de ombros impotente.

— Ela disse que está tudo bem, — disse, acenando para Sra. Jenks. — Mas só se ele prometer sair rapidamente no segundo que eu disser. Eu não irei arriscá-lo mais do que ele pode voar.

As asas de Jenks borraram em um púrpura animado. — Eu sairei quando eu decidir.

— Absolutamente não. — Estiquei os braços pela mesa, colocando os punhos nos dois lados dele olhando-o furiosamente. — Nós vamos sob

meu critério, e nós sairemos no mesmo período. Isto é uma bruxocracia, não uma democracia. Ficou claro?

Jenks se tencionou, a boca aberta para protestar, mas então seus olhos deslizaram dos meus para os de sua esposa. O pé minúsculo dela estava batendo.

— Tá certo, — disse brandamente. — Mas só dessa vez.

Eu assenti e puxei os braços de volta para mim. — Isso se encaixará em seu plano, Ivy?

— Que seja. — A cadeira arranhando, ela se levantou. — Eu vou ligar para o ingresso. Nós temos que partir na hora para chegar à casa do meu amigo e para a estação de ônibus principal às quatro. As excursões prosseguem de lá. — Seu passo estava beirando o modo vamp quando ela se foi da cozinha.

— Jenks, querido? — a pequena mulher pixy disse suavemente. — Estarei no jardim se você... — suas últimas palavras engasgaram, e ela saiu voando pela janela.

Jenks girou, uma batida de coração tarde demais. — Matalina, espere, — ele exclamou, as asas borrando para nada. Ele estava cravado na mesa, incapaz de acompanhá-la. — A transformação conduz isso! É minha única chance, — ele gritou atrás dela.

Eu ouvi a voz abafada de Ivy na sala de estar quando ela discutia com alguém pelo telefone. — Eu não me importo se é duas da tarde. Você me deve. — Houve um curto silêncio. — Eu poderia descer lá e te tirar de seu esconderijo, Carmem. Não tenho nada para fazer esta noite. — Jenks e eu pulamos ao baque de alguma coisa atingindo a parede. Eu acho que foi o telefone. Parecia que todos estavam tendo uma tarde fabulosa.

— Tudo resolvido! — ela gritou com o que obviamente era uma animação forçada. — Podemos pegar o ingresso em meia hora. Isso nos dá tempo o suficiente para mudar.

— Ótimo, — disse com um suspiro, levantando para colher uma poção de pele de marta¹⁶ do armário. Eu não conseguia imaginar que meras roupas fariam um disfarce bom o bastante para uma vampira.

¹⁶ <http://www.animalwebguide.com/Mink.htm>

— Hey, Jenks? — disse suavemente quando eu remexia a gaveta de prataria por um furador de dedo. — Como Ivy cheira?

— O que? — ele quase rosnando, ainda claramente chateado sobre a sua esposa.

Meus olhos dispararam para o corredor vazio. — Ivy, — digo, ainda mais suavemente para que ela possivelmente não pudesse ouvir. — Antes do ataque de magia, ela saiu daqui como se fosse arrancar o coração de alguém. Eu não vou me colocar na bolsa dela até que eu saiba se... — hesitei, então suspirei, — Ela começou a praticar de novo?

Jenks ficou sério. — Não. — Ele se enrijeceu e fez um voo curto até mim. — Eu enviei Jax para observá-la. Apenas para ter certeza que ninguém meteu um feitiço nela visando você. — Jenks inflou-se com orgulho paternal. — Ele se saiu bem em sua primeira excursão. Ninguém o viu. Assim como seu velho.

Eu me inclinei mais perto. — Então, aonde ela foi?

— Em algum bar de vampiros no rio. Ela sentou ao canto, rosnando para qualquer um que chegasse perto, e bebeu suco de laranja a noite toda. — Jenks sacudiu a cabeça. — É realmente estranho, se você me perguntar.

Houve um pequeno som na porta e Jenks e eu nos endireitamos com uma rapidez culpada. Eu olhei para cima, piscando em surpresa. — Ivy? — gaguejei.

Ela sorriu fracamente, com um embaraço divertido. — O que você acha?

— Uh, excelente! — eu manobrei. — Você está excelente. Nunca teria reconhecido você. — E poderia não ter o feito.

Ivy estava envolta em um vestido de alças amarelo colante. As finas alças que o seguravam destacavam-se agudamente contra sua pele chocantemente branca. O cabelo preto era uma onda de marfim. O batom vermelho vivo era a única cor em seu rosto, fazendo-a parecer mais exótica que de costume. Ela usava óculos de sol e um chapéu amarelo bem cheio que combinava com seus sapatos de salto alto. Sobre os ombros estava uma bolsa grande o bastante para carregar um pônei.

Ela girou em um pequeno círculo, parecendo uma modelo estoica na passarela. Seus sapatos fizeram um agudo click-clack, e eu não pude evitar observá-la. Eu fiz uma nota mental: sem mais chocolate para mim. Parando, ela tirou os óculos de sol. — Acha que isso vai funcionar?

Eu balancei a cabeça em descrença. — Uh, sim. Você usa isso de verdade?

— Eu costumava usar. E isso não demonstrará em nenhum examinador de amuletos de feitiços também.

Jenks fez uma cara quando ele se nivelou para cima no peitoril. — Eu aprecio muito este horrível derramamento de estrogênio, eu vou ir dizer adeus para minha esposa. Avise-me quando estiverem prontas. Eu estarei no jardim, provavelmente próximo às ervas daninhas — ele oscilou em um voo e saiu pela janela. Eu me virei de volta para Ivy, ainda maravilhada.

— Estou surpresa que isso ainda sirva, — Ivy disse enquanto ela olhava para si mesma. — Costumava ser da minha mãe. Eu o ganhei quando ela morreu. — Ela me olhou com uma carranca severa. — E se ela aparecer em nossa porta, não revele que eu o tenho.

— Certo, — ofereci fracamente.

Ivy atirou a bolsa na mesa e sentou-se com as pernas cruzadas nos joelhos. — Ela acha que minha tia avó o roubou. Se ela souber que eu o tenho, ela me faria devolvê-lo. — Ivy pigarreou. — Como se ela ainda pudesse usá-lo. Um vestido de alça depois do escurecer é tão pegajoso.

Ela se virou, um sorriso brilhante no rosto. Eu reprimi um tremor. Ela parecia humana. Uma humana rica e desejável. Isto, eu percebi, era um vestido de caça.

Ivy ficou parada ao meu quase horrorizado olhar. Seus olhos dilataram, fazendo minha pulsação martelar. Aquele estranho negro flutuou sobre ela quando seus instintos estavam empurrando-a para a ação. A cozinha desapareceu da minha consciência. Embora ela estivesse do outro lado do cômodo, Ivy parecia estar bem diante de mim. Eu me senti esquentar, então esfriar. Ela estava puxando uma aura no meio da tarde esquisita.

— Rachel... — ela sussurrou, a voz triste atraindo um tremor de mim. — Pare de ficar com medo.

Minha respiração saiu rápida e superficial. Aterrorizada, eu me forcei a virar para que minhas costas estivessem quase para ela. Droga, droga, droga! Isto não era minha culpa. Pelo canto da minha visão eu observei Ivy se manter parada, lutando por controle. Se ela se movesse, eu sairia pela janela.

Mas ela não se moveu. Lentamente minha respiração saiu mais fácil. Minha pulsação se reduziu, e sua tensão diminuiu. Eu tomei um fôlego profundo, e o negro em seus olhos diminuiu. Eu sacudi o cabelo fora do rosto e fingi lavar as mãos, e ela afundou-se na cadeira perto da mesa. O medo era um afrodisíaco para sua fome, e eu estivera involuntariamente alimentando isso para ela.

— Eu não devia vestir isso de novo, — disse, a voz baixa e cansada. — Eu vou esperar no jardim enquanto você invoca seu feitiço. — Eu assenti, e ela flutuou para a porta, claramente fazendo um esforço consciente para se mover a uma velocidade normal. Eu não notara que ela se levantou, mas lá estava ela, movendo-se para a porta. — E Rachel, — disse, suavemente, ficando em pé na soleira. — Se eu começar praticar novamente, você será a primeira a saber.

Capítulo 18

— Acho que o fedor daquele saco nunca me vai sair do nariz. — Jenks inspirou, num gesto melodramático, o ar da noite.

— Mala. — disse eu, ouvindo a palavra na forma de um guincho fraco.

Era tudo o que conseguia. Eu tinha reconhecido de imediato o cheiro da mala da mãe de Ivy e, pensar que tinha passado grande parte do dia dentro dela, dava-me arrepios.

— Alguma vez sentiu um cheiro assim? — Jenks continuava a tagarelar alegremente.

— Jenks, cala a boca.

Adivinhar o que uma vampira levava consigo quando saía para a caça não era uma das minhas prioridades. Tentei não pensar na Tabela 6.1.

— Nã-ã-ã-ão — disse ele, num tom arrastado. — Era assim mais almiscarado e metálico, como um... Oh!

O ar da noite era suficientemente agradável. Eram quase dez horas e o jardim público de Trent tinha o cheiro luxuriante da umidade que aumentava. A lua era uma fina linha prateada que se perdia atrás das árvores. Jenks e eu estávamos escondidos nos arbustos atrás de um banco de pedra. Ivy há muito havia partido.

Tinha enfiado a mala debaixo do assento durante a tarde, fingindo estar fraca. Depois de ter atribuído a culpa do seu cansaço à falta de açúcar no sangue, metade dos homens na visita tinha se oferecido para correr ao pavilhão para lhe arranjar um bolinho. Eu quase revelara a nossa presença, rindo da paródia interminável e demasiado dramática de Jenks em relação ao que estava passando no exterior da mala. Ivy partira no centro de um

redemoinho de preocupação masculina. Eu não sabia se devia sentir-me preocupada ou divertida com a facilidade com que ela os arrastara atrás de si.

— Há algo que parece tão errado como o Tio Vampiro numa festa de debutantes — disse Jenks enquanto emergia das sombras e avançava para o caminho. — Não ouvi um único pássaro durante toda a tarde. E também não sinto fadas ou pixies. — Espreitou para o negrume das copas das árvores, por baixo do seu chapéu.

— Vamos embora — guinchei, enquanto olhava para baixo, para o caminho abandonado. Estava tudo num tom cinzento, ainda não conseguira me habituar.

— Acho que não há fadas nem pixies — continuou Jenks. — Um jardim deste tamanho poderia suportar quatro clãs sem problemas. Quem é que toma conta das plantas?

— Talvez por aqui — disse eu, precisando falar, embora ele não conseguisse me compreender.

— Tens toda a razão — disse, continuando o seu monólogo. — Gigantões idiotas e trapalhões de dedos grossos que arrancam as plantas doentes em vez de lhes darem uma dose de potássio. Uh... Excluindo a presente companhia, claro — acrescentou ele.

— Jenks — murmurei —, você é um saco.

— Não tem de quê.

Não confiava na crença de Jenks de que não havia fadas nem pixies e estava à espera que elas descessem sobre nós a qualquer momento. Tendo assistido ao calor de um combate entre fadas e pixies, não tinha qualquer vontade de correr para outra, em especial enquanto estava do tamanho de um esquilo.

Jenks esticou o pescoço e estudou os ramos superiores enquanto ajustava o chapéu. Dissera-me, mais cedo, que era de um vermelho berrante e que a cor vistosa era a única defesa de um pixy ao entrar no jardim de outro clã. Consistia numa promessa de boas intenções e rápida partida o fato de não parar de mexer nele desde que havíamos deixado a mala de Ivy,

quase me deixando doida. Estar presa atrás de um banco durante toda a tarde, também não tinha sido fácil para os nervos. Jenks tinha passado a maior parte do dia dormindo, e acordou lentamente quando o sol se aproximou do horizonte invisível.

Um lampejo de excitação atravessou-me e desapareceu. Afastando o sentimento, murmurei para chamar a atenção de Jenks e comecei a avançar na direção do cheiro de carpete. O tempo que passamos na mala de Ivy e, depois, debaixo do banco, tinha feito muito bem a Jenks. Contudo, ainda assim, ele estava ficando para trás. Preocupada com a possibilidade do leve ruído de seu voo difícil chamar atenção de alguém, parei, fazendo sinal para que subisse em minhas costas.

— O que se passa, Rache? — disse ele, enterrando ainda mais o chapéu. — Você está com um comichão?

Rangi os dentes. Sentei-me nas patas traseiras, apontei para ele. Depois para os meus ombros.

— Nem pense nisso. — Ele olhou de relance para as árvores. — Não serei transportado como um bebê.

Não tenho tempo para isto, pensei. Apontei outra vez, desta vez para cima. Era o sinal que tínhamos combinado para mandá-lo para casa. Jenks semicerrou os olhos e eu mostrei-lhe os dentes. Surpreso, recuou.

— Está bem, está bem — resmungou. — Mas se contares à Ivy, pixote todas as noites durante uma semana. Entendeu? — O seu pouco peso aterrou sobre os meus ombros e ele agarrou-se ao meu pêlo. Era uma estranha sensação e não gostei dela. — Não vá muito depressa — murmurou entre dentes, também ele claramente desconfortável.

Não fora pela forma furiosa com que se agarrava ao meu pêlo — quase não percebia sua presença — que avançava tão depressa quanto me atrevia. Simplesmente não gostava da ideia de que pudessem existir olhos inimigos segurando lâminas de fada nos olhando, então saí imediatamente do caminho. Quanto mais depressa estivéssemos no interior do edifício, melhor. Os meus ouvidos e o meu focinho trabalhavam sem parar. Podia cheirar tudo e não era tão legal quanto se possa pensar.

As folhas tremiam a cada rajada de vento, fazendo-me estancar ou correr para o meio da folhagem mais espessa. Jenks cantarolava uma música entediante, num sussurro. Algo sobre sangue e margaridas.

Avancei, de forma hesitante, através de uma barreira de pedras soltas e rosas, depois abrandei. Havia algo diferente.

— As plantas mudaram — disse Jenks e eu abanei a cabeça.

As árvores entre as quais avançava, enquanto descia o monte, eram marcadamente mais maduras. Sentia o cheiro delas. A terra antiga e em bom estado sustentava plantas firmemente estabelecidas. O perfume, não a beleza visual, parecia ser o mais importante. O caminho estreito que eu descobrira era de terra compactada em vez de tijolo, os arbustos iam o enchendo até apenas uma pessoa ser capaz de passar. Em algum lugar corria água. Mais desconfiados, continuamos até um cheiro familiar me fazer parar, assustada. Chá aromatizado... Era chá Earl Grey.

Sob as sombras de um lírio do campo, fiquei imóvel e procurei o cheiro da pessoa. Se não fosse pelos insetos noturnos, o silêncio era total.

— Por ali — sussurrou Jenks. — Uma xícara sobre o banco. — Ele deslizou de cima de mim e fundiu-se de novo com as sombras.

Eu avancei, os bigodes a estremecer e as orelhas espetadas. O espaço estava vazio. Com um movimento suave, subi para o banco. Havia ainda um gole de chá na xícara, o seu rebordo decorado com orvalho. A sua presença silenciosa era tão reveladora como a mudança na vida de uma planta. Tínhamos deixado para trás os jardins públicos. Estávamos nos fundos da casa de Trent.

Jenks empoleirou-se na asa da xícara, as mãos nos quadris, franzindo a sobancelha. — Nada — queixou-se. — Não consigo cheirar nada a partir de uma caneca de chá. Tenho de entrar.

Saltei do banco, aterrissando com suavidade. O fedor da habitação era mais forte à esquerda e continuamos pelo caminho de terra através dos arbustos. Depressa o cheiro a mobília, carpetes e eletrônicos se tornou pungente e foi sem surpresa que descobri o deck a céu aberto. Ergui os olhos, vendo a silhueta da cobertura de madeira cruzada, e sobre ela uma

trepadeira que floria durante a noite, a sua fragrância lutando para ser sentida sobre o fedor a pessoas.

— Rachel, espera! — exclamou Jenks, puxando-me por uma orelha, quando me estiquei para subir nas tábuas de madeira cobertas de musgo. Algo me tocou nos bigodes e afastei-me, esfregando-os com as patas. Era pegajoso. Ficou preso nas minhas patas e eu coleí as orelhas aos olhos, por acidente. Em pânico, sentei-me sobre as patas traseiras. Estava presa!

— Não esfregue, Rache — disse Jenks, em tom de urgência. — Fica quieta.

Mas eu não conseguia ver. Tinha a pulsação acelerada. Tentei gritar, mas tinha a boca colada. O cheiro de éter ficou preso na minha garganta. Histérica, comecei a agitar-me ouvindo um zumbido furioso. Quase não conseguia respirar! Que raios era aquilo?

— Que loucura, Morgan — disse Jenks, quase num silvo. — Pára de lutar comigo e eu tiro isso de você

Refreei os meus instintos e afundei-me, agachando-me, a respiração rápida e entrecortada. Uma das minhas patas estava colada aos meus bigodes e doía. Tive de usar toda a minha força de vontade para não me rebolar pelo chão.

— Muito bem. — Senti uma brisa provocada pelas asas de Jenks. — Vou tocar em seu olho.

As minhas patas tremeram quando ele puxou a substância da minha pálpebra. Os dedos dele eram suaves e ágeis, mas, tendo em conta a dor, estava a arrancar metade da minha pálpebra. Depois a substância desapareceu e eu pude ver. Espreitei por um olho, enquanto Jenks esfregava as palmas das mãos, entre elas uma pequena bola. Pó de pixy flutuava à sua volta, fazendo-o brilhar.

— Melhor? — disse ele, olhando para mim de relance.

— Pode crê — disse. O som foi ainda mais estranho do que de costume, já que a minha boca ainda estava colada.

Jenks jogou fora a bola. Tratava-se de uma substância pegajosa, coberta de pó. — Fica quieta e eu tiro o resto, mais depressa do que a Ivy consegue usar a sua aura. — Ele puxou pelo meu pêlo, transformando a substância pegajosa em pequenas bolas. — Desculpa — disse ele, quando eu grunhi depois de ele me puxar uma orelha. — Eu te avisei.

— O quê? — berrei, e por uma vez ele pareceu compreender.

— Em relação à seda pegajosa. — Sorrindo, deu um puxão forte que me arrancou um tufo de pêlo. — Foi assim que me apanharam ontem — disse furioso. — O Trent tem seda pegajosa cobrindo o teto da sala, logo acima da altura humana. É uma substância cara. Surpreende-me que ele a use em qualquer lugar. — Jenks esvoaçou para o meu outro lado. — É um dissuasor de fadas e pixies. Podemos nos livrar dele, mas demora algum tempo. Aposto que toda a estrutura está coberta com este material. É por isso que não há nada por aqui nada voe.

Abanei a cauda para mostrar que compreendia. Já tinha ouvido falar de seda pegajosa, mas a ideia de que podia ficar presa nela nunca me passou pela cabeça. Para alguém maior do que uma criança parecia apenas uma teia de aranha. Por fim, ele terminou e eu senti o meu focinho, perguntando-me se teria a mesma forma. Jenks tirou o chapéu e escondeu-o debaixo de uma pedra.

— Quem me dera ter trazido a minha espada — disse ele. Tal era a disputa territorial entre pixies e fadas que, se Jenks tinha deitado fora o chapéu vistoso, eu podia apostar a minha vida em como não havia nem pixies nem fadas naquele jardim.

O ar ligeiramente submisso que mantivera durante toda a tarde desapareceu. Do seu ponto de vista, agora, o mais certo era que o jardim lhe pertencesse, já que não havia ali ninguém que pudesse dizer o contrário. Manteve-se ao meu lado, as mãos nos quadris, olhando para o deck, com um ar sério.

— Olha para isso — disse Jenks, ao abanar de si uma nuvem de pó de pixy. As asas esfumaram-se, empurrando o pó na direção do deck. A tênue neblina pareceu ficar presa no ar. Como que por magia, o pó de pixy

ficou preso na seda, desenhando um pedaço de rede. Jenks dirigiu-me um sorriso de esguelha, satisfeito.

— Ainda bem que trouxe as tesouras da Matalina — disse ele, retirando do bolso as tesouras de cabo de madeira. Com uma pose confiante avançou para a rede e abriu nela um buraco do tamanho de um visom. — Depois de você. — Fez um gesto nobre e eu deslizei para o deck.

O meu coração acelerou, excitado, antes de retomar a um ritmo mais lento e deliberado. Era apenas mais uma missão, disse a mim mesma. A emoção era um preço que eu não podia pagar. Tinha de ignorar o fato de que a minha vida estava envolvida. O meu focinho estremeceu, procurando o cheiro de um humano ou de um Inderlander. Nada.

— Acho que é um gabinete nos fundos — disse Jenks. — Vê? Está ali. Uma escrivaninha.

Gabinete? Pensei, sentindo que as minhas sobrancelhas felpudas se erguiam. Era um deck. Ou não seria? Jenks dançava, excitado, de um lado para o outro, como um morcego raivoso. Eu o segui a um passo mais controlado. Passados cerca de quatro metros e meio, as tábuas cobertas de musgo deram lugar a um carpete manchado rodeado por três paredes. Havia plantas em vasos cuidadosamente mantidas por todo o lado. A pequena escrivaninha, junto à parede mais afastada, não parecia ser usada para grandes trabalhos. Junto a um bar com lava-louças encontrava-se um sofá comprido e algumas cadeiras, tornando-o num local muito confortável para relaxar ou realizar algum trabalho mais leve. A sala era um pedaço do exterior, sensação aumentada pela sua abertura para o deck coberto e, depois, para o jardim.

— Hei! — disse Jenks, excitado. — Olha o que eu descobri.

Afastei os olhos das orquídeas que estivera a observar com inveja e vi Jenks que pairava sobre um conjunto de equipamentos eletrônicos.

— Estava escondido na parede — explicou. — Olha para isto. — Ele voou de pernas estendidas para um botão na parede. O leitor e os CDs que o acompanhavam deslizaram de volta para o seu esconderijo. Deliciado, Jenks voltou a tocar no botão e o equipamento reapareceu. — O que será que faz

aquele botão? — perguntou ele e, distraído pela promessa de novos brinquedos, voou para o outro lado da divisão.

Trent, considere, tinha mais CD de música do que uma associação de estudantes: música pop, clássica, jazz, new age, até algum metal mais pesado, mas nada de disco e o meu respeito por ele aumentou um pouco.

Sonhadora, percorri com a pata um exemplar de Takata's Sea. O CD afundou-se, desaparecendo da vista e entrando no leitor, eu recuei com um salto. Assustada, saltei, tocando no botão com um arranhar de unhas e enviando tudo para dentro da parede.

— Não há aqui nada, Rache. Vamos. — Jenks olhou fixamente para a porta e pousou na maçaneta, mas só quando eu saltei e acrescentei o meu peso ao dele é que esta cedeu, abrindo a porta. Caí ao chão, num baque desajeitado. Jenks e eu escutamos durante um momento, sem respirar.

Com o pulso acelerado, empurrei a porta com o nariz, para que Jenks pudesse sair. Pouco depois, regressou com um zumbido.

— É um corredor — disse ele. — Pode sair. Já cuidei das câmeras.

Ele voltou a desaparecer pela porta e eu o segui, tendo de recorrer a todo o meu peso para voltar a fechar a porta. O clique da porta foi audível e encolhi-me, rezando para que ninguém o tivesse ouvido. Podia ouvir o som de água corrente e o som de criaturas noturnas sendo transmitido por alto-falantes invisíveis. Reconheci de imediato o corredor como sendo aquele em que estivera no dia anterior. Os sons deviam estar lá antes, mas tão suaves que se tornavam subliminares para todos os não roedores. A minha cabeça abanou, compreendendo. Jenks e eu tínhamos encontrado o gabinete dos fundos onde ele recebia os convidados "especiais".

— Para que lado? — sussurrou Jenks, pairando ao meu lado. Ou a sua asa já estava plenamente funcional ou ele não se queria arriscar a ser visto às costas de um visom. Avancei pelo corredor, confiante. A cada novo cruzamento tomava o caminho menos apelativo e mais estéril. Jenks seguia na frente, colocando todas as câmeras num salto de quinze minutos para que não fôssemos vistos. Felizmente, Trent seguia os horários humanos, pelo menos publicamente, e o edifício estava deserto. Ao menos era o que eu pensava.

— Droga — sussurrou Jenks no preciso momento em que estanquei.

Ouviam-se vozes vindas do corredor. A minha pulsação correu mais rápida. — Vai! — disse Jenks, num tom urgente. — Não! Para a direita, para a cadeira e o vaso.

Saltei para frente. Senti o cheiro de limão e de terracota e agachei-me atrás do pote de terra, enquanto passos suaves percorriam o corredor. Jenks voou para cima, escondendo-se por entre os ramos da planta.

— Tanto assim? — A voz de Trent soava aguda aos meus ouvidos sensíveis enquanto ele e outro homem dobravam uma esquina. — Descubra o que Hodgkin está fazendo para conseguir tal aumento de produtividade. Se for algo que acredite que pode ser aplicado a outros locais, quero um relatório.

Segurei a respiração enquanto Trent e Jonathan passavam por nós.

— Sim, Sa'han. — Jonathan anotava num bloco de notas eletrônico. — Já acabei de analisar as potenciais candidatas para sua nova secretária. Seria relativamente simples libertar a sua agenda amanhã de manhã. Quantas o Sr. quer ver?

— Oh, escolha três que acredite ser as mais adequadas e apenas uma que pareça não ser. Alguém que eu conheça?

— Não. Desta vez tive de procurar fora do estado.

— Hoje não era o teu dia de folga, Jon?

Houve uma pausa.

— Optei por trabalhar, já que se encontra sem secretária.

— Ah! — disse Trent com uma gargalhada confortável, enquanto dobravam mais uma esquina. — Daí o teu zelo em concluir as entrevistas.

A suave negação de Jonathan não passou de um sussurro, quando deixaram o nosso campo de visão.

— Jenks — murmurei. Não houve resposta — Jenks! — Voltei a murmurar, perguntando-me se ele tinha feito algo idiota como segui-los.

— Ainda aqui estou — resmungou ele e eu senti uma onda de alívio. A árvore tremeu enquanto ele deslizava pelo seu tronco. Sentou-se na beira do vaso e abanou os pés. — Dei-lhe uma boa cheirada — disse e eu sentei-me nas patas traseiras, na expectativa.

— Não sei o que ele é. — As asas de Jenks assumiram um tom azul pálido enquanto a circulação abrandava e o seu humor se tornava mais soturno. — Cheira a prado, mas não como um bruxo. Não há sinal de ferro, por isso não é um vampiro. — Os olhos de Jenks estavam enrugados em confusão. — Pude sentir o cheiro dos ritmos do corpo dele abrandar, o que significa que dorme de noite. Isso o exclui de ser animalomem ou qualquer outro Inderlander noturno. Que loucura, Rachel! Ele não cheira a nada que eu reconheça. E sabe o que é ainda mais estranho? Aquele tipo com ele. Tem o mesmo cheiro do Trent. Tem de ser um feitiço.

Os meus bigodes agitaram-se. Estranho não era a palavra certa.

— *Squeak* — disse eu, querendo dizer "Lamento".

— Sim, tens razão. — Ele ergueu-se nas suas asas de libélula que se moviam lentamente, deslizando para o meio do corredor. — Devemos terminar a missão e sair daqui para fora.

Fui agitada por uma espécie de choque elétrico. Sair daqui para fora, pensei enquanto deixava a segurança da árvore. Estava disposta a apostar que não seríamos capazes de sair por onde tínhamos entrado, mas me preocuparia com isso depois de ter entrado no gabinete de Trent. Já tínhamos feito o impossível. Sair seria brincadeira de criança.

— Por aqui — murmurei, voltando para um corredor familiar, mesmo antes do lobby. Conseguia cheirar o sal do aquário no gabinete de Trent. As portas de vidro fosco pelas quais passávamos estavam escuras e vazias. Ninguém trabalhava até tarde. A porta de madeira do gabinete de Trent estava, como seria de esperar, fechada. Rápido e silencioso, Jenks pôs-se ao trabalho. A fechadura era eletrônica e, depois de alguns segundos a remexer por trás do painel preso à moldura da porta, a tranca estalou e a porta abriu-se.

— Básico — disse Jenks. — Até o Jax o podia fazer.

O suave ruído da fonte de mesa banhou o corredor. Jenks entrou primeiro, tratando da câmara antes de eu o seguir.

— Não, espera — gritei, enquanto ele voava para o interruptor. A sala foi banhada por uma luz dolorosa. — Hei! — falei, escondendo o rosto atrás das patas.

— Desculpa. — A luz foi apagada.

— Acende a luz atrás do aquário — disse, tentando ver com os olhos turvos pelo clarão. — O aquário — repeti, inutilmente, sentando-me sobre as patas traseiras e apontando.

— Rache. Não sejas idiota. Não tens tempo para comer. — Depois hesitou, descendo um pouco. — Oh! A luz. Eh, eh! Boa ideia.

A luz tremeluziu e acendeu-se, banhando o gabinete de Trent num suave brilho verde. Subi para a cadeira giratória, depois para a escrivaninha, folheando apressadamente a agenda, recuando alguns meses e arrancando uma página. A minha pulsação acelerou, quando a atirei ao chão e a segui.

Agitando os bigodes, abri a gaveta da escrivaninha e descobri os CDs. Não tinha excluído a hipótese de que Trent os tivesse mudado de sítio. Se calhar, pensei com uma pontada de orgulho, não pensou que eu representasse grande ameaça. Retirando do seu interior o CD rotulado ALZHEIMER, desci suavemente para o chão e usei todo o meu peso para fechar a gaveta. A escrivaninha era de uma lindíssima madeira de cerejeira e pensei, tristemente, na vergonha que sentiria ao ver o meu mobiliário de madeira prensada ao lado do de Ivy.

Sentando-me nas patas traseiras, gesticulei a Jenks para que ele me passasse o barbante. Jenks já dobrara o papel num formato que seria capaz de transportar e, assim que prendêssemos o CD a mim, estaríamos de saída. — Barbante, certo? — Jenks vasculhou num dos bolsos.

A luz por cima das nossas cabeças acendeu-se subitamente e estanquei, aterrorizada. Segurando a respiração, agachei-me para espreitar por baixo da escrivaninha, na direção a porta. Havia dois pares de sapatos

— um par de chinelos suaves e um par de desconfortáveis sapatos de cabedal — rodeados pela luz que jorrava para o corredor.

— Trent — pronunciaram os lábios de Jenks, quando afundou ao meu lado com o papel dobrado.

A voz de Jonathan soava irada.

— Partiram, Sa'han, vou alertar os guardas. — Ouvi um suspiro tenso.

— Vai. Vou ver o que levaram.

Senti o coração bater violentamente e agachei-me sob a escrivaninha.

Os sapatos de cabedal giraram e afastaram-se pelo corredor. Senti a adrenalina correr através de mim, enquanto considerava a hipótese de fugir, mas não conseguia correr com o CD entre as patas da frente. E não ia deixá-lo para trás.

A porta do gabinete de Trent fechou-se e amaldiçoei a minha hesitação. Colei-me ao painel que tapava a parte de trás da escrivaninha. Jenks e eu trocamos um olhar. Fiz o sinal combinado para irmos para casa e ele acenou, enfaticamente. Agachamo-nos enquanto Trent contornava a escrivaninha e parava em frente ao aquário.

— Olá, Sófocles — sussurrou Trent. — Quem eram? Se ao menos me pudesse me dizer.

Tinha despido o blazer, o que lhe dava um ar muito mais informal. Não fiquei surpreendida com a firme definição dos seus ombros, que se retesavam sob a fina camisa ao mais pequeno movimento. Suspirando, sentou-se na sua cadeira. A mão desceu até à gaveta dos CDs e eu senti que fraquejava. Engoli em seco ao compreender que ele estava a cantarolar a primeira faixa de Takata's Sea. Dupla maldição. Eu tinha revelado a nossa presença.

— Será de admirar o choro do recém-nascido? — disse Trent, sussurrando a letra. — A escolha era real. A sorte é uma mentira...

Trent deslizou os dedos sobre os CDs. Lentamente, fechou a gaveta com um pé. O seu clique suave me fez saltar. Chegou mais para frente e ouvi o ruído da agenda escorregar sobre o tampo da mesa. Estava tão perto que eu conseguia sentir nele o cheiro do exterior.

— Oh! — disse ele, num suave tom de surpresa. — Imagine-se. Quen! — disse mais alto.

Olhei para Jenks, confusa, até uma voz masculina ecoar na sala vinda de um alto falante escondido.

— Sa’han?

— Solta os cães - disse Trent. A voz reverberava de poder e eu tremi.

— Mas ainda não...

— Solta os cães, Quen — repetiu Trent, sem levantar a voz mas colocando nela uma fúria profunda. Sob a secretária, o pé dele começou a mover-se ritmicamente.

— Sim, Sa’han.

O pé de Trent imobilizou-se.

— Espera. — Ouvi inspirar fundo, como se provasse o ar.

— Senhor? — disse a voz escondida.

Trent voltou a cheirar. Lentamente, afastou a cadeira da secretária. O meu coração acelerou e segurei a respiração. Jenks esvoaçou, indo esconder-se atrás do fundo de uma gaveta. Eu fiquei imóvel, enquanto Trent se levantava, afastava da escrivaninha e se agachava. Não tinha para onde ir. Os olhos de Trent cruzaram-se com os meus e ele sorriu. O medo paralisou-me.

— Não faças nada — disse, suavemente.

— Sim, Sa’han.

O alto falante silenciou-se com um suave estalido. Olhei fixamente para Trent, sentindo que estava prestes a rebentar.

— Menina Morgan? — disse Trent, inclinando cordialmente a cabeça, e eu tremi. — Quem me dera poder dizer que é um prazer. — Continuava a sorrir, inclinando-se para frente. Arreganhei os dentes e grunhi. Ele retirou a mão e franziu a sobrancelha. — Saia daí. Tem consigo algo que me pertence.

Senti a presença do CD atrás de mim. Tendo sido apanhada, passei de ladra de sucesso a idiota da aldeia num instante. Como é que pude pensar que conseguiria me safar? Ivy tinha razão.

— Vamos, menina Morgan — disse ele, estendendo o braço sob a mesa.

Saltei para os espaços vazios atrás das gavetas, tentando escapar. A mão de Trent seguiu-me. Eu guinchei quando a minha cauda foi violentamente agarrada. As minhas unhas arranhavam a madeira, enquanto ele puxava. Aterrorizada, contorci-me, afundando os dentes na parte mais carnuda da mão dele.

— Desgraçada! — gritou ele, puxando-me enquanto eu arranhava inutilmente. O mundo girou enquanto ele se levantava. Abanando violentamente a mão, me atirou contra a escrivaninha. Uma explosão de estrelas pareceu combinar-se com o escuro gosto de canela do sangue dele. A dor que sentia na cabeça fez-me abrir o maxilar e fiquei pendurada pela cauda que ele continuava a segurar.

— Solte-a! — ouvi Jenks gritar. O mundo girava veloz.

— Trouxe consigo o seu inseto — disse Trent calmamente, batendo com a palma da mão contra um painel da escrivaninha. Um suave cheiro a éter me fez cócegas no nariz.

— Sai daqui, Jenks! — gritei, reconhecendo o cheiro da teia pegajosa.

Jonathan abriu a porta repentinamente. Erguia-se sob a ombreira, os olhos muito abertos.

— Sa'han!

— Fecha a porta! — gritou Trent.

Eu contorci-me frenética, tentando fugir. Jenks saiu disparado no preciso momento em que os meus dentes se fechavam de novo sobre o polegar de Trent.

— Maldita seja, bruxa! — gritou Trent, atirando-me contra a parede.

As estrelas voltaram a explodir, apagando-se em brasas negras. As brasas cresceram e eu assisti, entorpecida, enquanto elas tomavam lentamente conta da minha visão até não restar mais nada. Eu estava quente e não conseguia me mover.

Estava morrendo.

Tinha de estar.

Capítulo 19

— Então, menina Jane, o horário não representa um problema para você?

— Não, senhor. Não me importo de trabalhar até às sete, se tiver a tarde livre para tratar de outras coisas.

— Agradeço a sua flexibilidade. As tardes são de contemplação. O meu melhor trabalho é feito de manhã e ao fim do dia. Mantenho apenas um staff reduzido durante a tarde e a ausência de distrações ajuda-me a manter a concentração.

O som suave da pessoa pública de Trent embrenhou-se na minha consciência, acordando-me. Abri os olhos, não compreendendo porque tudo brilhava em tons de branco e cinzento. Depois me lembrei... Era um visom, mas ainda estava viva. Por pouco.

As vozes alternantes — uma alta e outra baixa — de Trent e Sara Jane prosseguiram, enquanto a entrevista se desenrolava e eu me erguia, hesitante, e me descobria no interior de uma gaiola. Senti o estômago apertado por uma onda de náusea. Deixei-me cair, lutando para não vomitar.

— Estou tão fodida — sussurrei, enquanto Trent espreitava para mim, sobre os óculos de armação fina, sem deixar de falar com a jovem mulher, de boa aparência, num traje de tons claros próprio para uma entrevista.

Doía-me a cabeça. Se não tinha um traumatismo, estava perto. O ombro direito, sobre o qual tinha caído em cima da escrivaninha, estava doído e era doloroso respirar. Puxei a pata da frente para mais perto do meu corpo e tentei não me mexer. Fitando Trent, tentei compreender o que se tinha passado. Não via Jenks em lado nenhum. É verdade, recordei a mim

mesma, aliviada. Ele conseguiu fugir. Àquela hora já devia estar em casa, com Ivy. Não que eles pudessem fazer alguma coisa por mim.

Dentro da minha gaiola encontrava-se um bebedouro com água, uma tigela de comida, uma casa de furão suficientemente grande para me enfiar lá dentro e uma roda de exercício. Como se alguma vez a fosse usar, pensei amargamente. Estava sobre uma mesa no fundo do gabinete de Trent. De acordo com a falsa luz da janela, passavam apenas algumas horas do nascer do sol, muito cedo para mim. Embora isso fosse ficar atravessado, ia enfiar-me naquela casa e dormir. Não queria saber o que pensava Trent.

Inspirando fundo, levantei-me.

— Au! Au! — guinchei, encolhendo-me.

— Oh, tem um furão de estimação — exclamou suavemente Sara Jane.

Fechei os olhos, infeliz. Eu não era um furão de estimação; era um visom de estimação. Veja se acerta, madame.

Ouvi Trent levantar-se de trás da escrivaninha e senti, mais do que vi, os dois aproximarem-se. Aparentemente, a entrevista chegara ao fim. Estava na hora de olhar para o visom de estimação. A luz foi obstruída e eu abri os olhos. Estavam sobre mim, olhando-me.

Sara Jane tinha um ar profissional no seu traje de entrevista, com classe, o cabelo, comprido e louro, caía-lhe até os cotovelos num corte simples e despretensioso. A pequena mulher era bela como uma rosa e calculei que a maior parte das pessoas não a levasse a sério, devido ao nariz empinado, à voz juvenil e à baixa estatura, mas o brilho de inteligência nos olhos afastados dizia-me que estava habituada a trabalhar num mundo de homens e que sabia como resolver as coisas. Calculei que, se alguém a subestimasse, ela não teria qualquer problema em usá-lo para sua vantagem.

O perfume da mulher era forte e eu espirrei, encolhendo-me de dor. — Esta é... A Angel — disse Trent. — É um visom. — O sarcasmo na sua voz era sutil mas audível nos meus ouvidos. Massageou a mão direita com a esquerda. Estava ligada. Três vivas para o visom, pensei.

— Parece doente. — As unhas cuidadosamente envernizadas de Sara Jane estavam gastas quase até ao sabugo e as mãos pareciam estranhamente fortes, quase como as de um trabalhador braçal.

— Não tem nada contra roedores, Sara Jane?

Ela endireitou-se e eu fechei os olhos, quando a luz caiu sobre eles.

— Detesto-os, Sr. Kalamack. Fui criada numa chácara. Os animais daninhos são mortos assim que lhes colocamos a vista em cima, mas não me vou dar ao luxo de perder um possível emprego por causa de um animal. — Inspirou lentamente. — Preciso deste emprego. Toda a minha família penou para que eu pudesse estudar, sair dos campos. Tenho de lhes pagar. Tenho uma irmã mais nova. É muito esperta para passar a vida plantando e colhendo beterrabas. Quer ser bruxa, obter um diploma. Não posso ajudá-la se não conseguir um bom emprego. Eu preciso deste emprego. Por favor, Sr. Kalamack. Sei que não tenho experiência, mas sou esperta e sei trabalhar com afinco.

Abri, ligeiramente, uma pálpebra. O rosto de Trent estava sério, pensativo. O cabelo louro e a pele clara eram realçados pelo traje escuro, e ele e Sara Jane faziam um belo casal, embora ela parecesse bastante baixa, ao seu lado.

— Muito bem, Sara Jane — disse ele, com um sorriso caloroso.

— Aprecio a honestidade, acima de tudo, nos meus empregados. Quando é que pode começar?

— Imediatamente — disse ela, a voz a tremer.

Senti-me doente. Pobre mulher.

— Maravilhoso. — A sua voz cinzenta parecia genuinamente agradável. — O Jon tem alguns papéis para assinar. Ele explicará suas funções, a acompanhará durante a primeira semana. Pode abordá-lo para responder a quaisquer dúvidas. Já está comigo há vários anos e conhece-me melhor do que me conheço a mim mesmo.

— Obrigada, Sr. Kalamack — disse ela, os ombros estreitos erguidos de forma entusiasmada.

— O prazer foi meu. — Trent segurou-lhe o cotovelo e acompanhou-a até à porta. Ele tocou-lhe, pensei. Porque é que não tocou em mim? Talvez tivesse medo que eu pudesse descobrir o que ele é?

— Já tem onde ficar? — perguntava ele. — Não se esqueça de perguntar ao Jon sobre as casas que temos à disposição dos nossos empregados.

— Obrigada, Sr. Kalamack. Não, ainda não arranjei um apartamento.

— Ótimo. Demore o tempo que precisar para se instalar. Se quiser, podemos tratar de colocar parte da sua remuneração num fundo em nome da sua irmã, livre de impostos.

— Sim, por favor. — O alívio na voz de Sara Jane era óbvio, mesmo vindo do corredor. Tinha sido apanhada. Trent era um deus para ela, um príncipe que ia salvá-la, bem como à sua família. Ele não podia fazer nada de errado.

Senti que o meu estômago se contorcia. No entanto, a sala estava vazia e arrastei-me para a minha casa. Dei uma volta sobre mim mesma, para ajeitar a cauda e deixei-me cair, com o focinho de fora. A porta do gabinete de Trent fechou-se com um clique e eu saltei, acordando todas as minhas dores.

— Bom dia, menina Morgan — disse Trent, enquanto passava pela minha gaiola. Sentou-se à sua mesa e começou a percorrer uma pilha de papéis. — Só ia mantê-la por perto até conseguir uma segunda opinião em relação a si, mas não sei. É um ótimo motivo de conversa.

— Vá-se ferrar — disse eu, mostrando os dentes. Mais uma vez não se ouviu mais do que guinchos e grunhidos.

— Sério. — Ele recostou-se e fez girar o lápis. — Isso não pode ter sido um cumprimento.

Bateram à porta, o que fez com que me escondesse. Era Jonathan e Trent mostrou-se ocupado quando ele entrou.

— Sim, Jon — disse ele, a atenção presa ao calendário.

— Sa'han. — O homem inusitadamente alto manteve-se a uma distância respeitosa. — A menina Sara Jane?

— Ela tem todas as qualificações de que preciso. — Trent pousou o lápis. Inclinando-se para trás, na cadeira, tirou os óculos e mordiscou distraidamente a extremidade da haste, até ter reparado que Jonathan o olhava com uma expressão de desaprovação muda e afetada. Trent atirou-os para cima da mesa com uma expressão aborrecida. — A irmã mais nova de Sara Jane quer sair da roça para ser bruxa — disse. — Devemos ajudar a excelência a florescer conforme nos for possível.

— Ah! — os ombros estreitos de Jonathan relaxaram. — Estou vendo.

— Se não te importas, descobre qual o preço da chácara da família de Sara Jane. Talvez não fosse má ideia dedicar-me à indústria do açúcar. Ver a que sabe, por assim dizer, manter a força braçal. Manda para lá o Hodgkin como capataz, durante seis meses, para treinar o atual capataz de acordo com os seus métodos. Diga que observe a irmã de Sara Jane. Se ela tiver talento, ele que a passe para uma posição de maior responsabilidade.

Passei a minha cabeça pela abertura da casa, preocupada. Jonathan olhou para mim com o nariz fino e uma expressão de nojo.

— De novo entre nós, Morgan? — resmungou. — Se dependesse de mim, teria sido atirada na lata do lixo da sala recreativa dos empregados e esmagada.

— Canalha — grunhi, depois lhe mostrei um dedo para garantir que ele percebia.

As poucas rugas de Jonathan tornaram-se mais vincadas, quando franziu o cenho. Agitando o braço comprido, bateu na gaiola com a pasta que tinha na mão. Ignorando a minha própria dor, atirei-me a ele, agarrando-me às barras com os dentes expostos. Ele recuou, obviamente surpreso. Corando, o homem magro afastou o braço.

— Jon — disse Trent, suavemente. Embora a sua voz não fosse mais do que um sussurro, Jonathan imobilizou-se. Eu agarrei-me às grades, o coração a bater veloz. — Esqueceste do teu lugar. Deixa a menina Morgan

em paz. Se a subestimas e ela te dá luta, a culpa não é dela, mas tua. Já cometeste o mesmo erro antes. Repetidamente.

Enraivecida, deixei-me cair no chão da gaiola e rosnei para ele. Não sabia se era capaz de rosnar, mas estava a fazê-lo. Lentamente, a mão fechada de Trent foi se abrindo.

— Cabe a mim protegê-lo.

Trent ergueu as sobrancelhas. — A menina Morgan não está em posição de magoar ninguém. Para com isso.

Com os olhos arregalados, vi o homem mais velho receber a censura de Trent com uma aceitação de que não estava à espera. Os dois tinham um relacionamento muito estranho. Era óbvio que Trent mandava mas, recordando a expressão entediada no rosto de Trent quando Jonathan expressou o seu desagrado por ele estar roendo as hastes dos óculos, parecia que nem sempre tinha sido assim. Perguntei-me se Jonathan não teria estado encarregado da educação de Trent, mesmo que por pouco tempo, quando a mãe e depois o pai faleceram.

— Aceite as minhas desculpas, Sa'han — disse Jonathan, chegando mesmo a inclinar a cabeça.

Trent nada disse, dedicando a sua atenção, de novo, aos papéis. Embora estivesse, claramente, a ser dispensado, Jonathan esperou até que Trent erguesse os olhos.

— Mais alguma coisa? v perguntou Trent.

— A marcação das oito e meia chegou mais cedo — disse ele. — Devo trazer o Sr. Percy até aqui?

— Percy! — guinchei, e Trent olhou para mim de relance. Não podia ser o Francis Percy.

— Sim — disse Trent, lentamente. — Por favor.

Maravilha, pensei, enquanto Jonathan se esgueirava para o corredor e fechava a porta atrás de si, silenciosamente. A entrevista interrompida de Francis. Percorri o perímetro da minha gaiola, nervosa. Os meus músculos começavam a soltar-se e o movimento provocava uma dor agradável. Parei

ao compreender que Trent não afastara de mim o olhar. Sob o seu olhar inquisitivo, enfiei-me na minha casa, sentindo-me envergonhada.

Descobri que Trent continuava a olhar para mim, enquanto eu enrolava a cauda em volta do corpo, passando-a sobre o focinho, para mantê-lo quente.

— Não fique zangada com o Jon — disse ele suavemente. — Leva a sua função muito a sério, e assim é que deve ser. Se o provocar demais, vai matá-la. Esperemos que não tenha de aprender a mesma lição que ele.

Ergui o lábio para mostrar os dentes, não gostando que ele me estivesse a dar um sermão. Uma voz chorosa chamou a atenção de ambos para o corredor. Francis. Tinha-lhe dito que era capaz de me transformar em visom. Se ele fizesse a ligação, era como se já estivesse morta. Bem, mais morta do que já estava. Não queria que ele me visse. E, aparentemente, Trent também não.

— Hum, sim — disse ele, erguendo-se apressadamente e empurrando um dos vasos para o lado de forma a esconder a minha gaiola. Tratava-se um jarro e eu podia ver por entre as suas folhas, mantendo-me ainda assim escondida. Bateram à porta e Trent disse em voz alta — Entre.

— Não, sério... — estava Francis a dizer, enquanto Jonathan praticamente o empurrava para o interior do gabinete.

Escondida atrás da planta, vi o olhar de Francis cruzar-se com o de Trent e o primeiro engolir em seco.

— Hum, olá, Sr. Kalamack — gaguejou, imobilizando-se desajeitadamente. Tinha um aspeto mais desleixado do que era costume, o cinto espreitava sob as calças, quase desapertado, e a barba rala tinha crescido de potencialmente atraente para horrível. O cabelo preto caía sem vida e os olhos semicerrados começavam a revelar marcas do cansaço nos cantos. O mais provável era que Francis ainda não tivesse dormido, tendo aquela entrevista sido marcada na agenda de Trent e não na da I.S

Trent nada disse. Sentou-se atrás da escrivaninha com a tensão relaxada de um predador que se instala junto a um pântano. Francis fitava Jonathan de olhos muito abertos, os ombros curvados.

Ouviu-se um roçar de poliéster quando ele puxou para cima as mangas do casaco, que depois voltou a escorregar. Tirando o cabelo dos olhos, Francis aproximou-se da cadeira e sentou-se mesmo na ponta. A tensão deixava suas feições rígidas sobre o rosto triangular, em especial quando Jonathan fechou a porta e colocou-se atrás dele, os braços cruzados e as pernas afastadas. A minha atenção saltava entre eles. O que estava acontecendo?

— Importa-se de me explicar o que aconteceu ontem? — disse Trent com uma casualidade calma.

A confusão me fez piscar os olhos, depois fiquei de queixo caído ao compreender. Francis trabalhava para Trent? Isso explicaria o seu rápido avanço, para não falar do fato de um cozinheiro de meia-tigela como ele ter conseguido chegar a bruxo. Senti-me percorrer por um arrepio. Aquele encontro não tinha a bênção da I.S A I.S não sabia de nada. Francis era um espião. O biscoito era um espião!

Olhei para Trent através das folhas largas. Os ombros dele moveram-se lentamente, como se concordasse com os meus pensamentos. A minha náusea regressou. Francis não era suficientemente bom para algo assim tão vil. Ia acabar por se matar.

— Hum... Eu... — gaguejou Francis.

— O meu chefe de segurança encontrou-o num feitiço enfiado dentro do seu próprio porta-malas — disse Trent, calmamente, um levíssimo toque de ameaça na voz. — A menina Morgan e eu tivemos uma conversa interessante.

— Ela... Ela disse que me transformava num animal — interrompeu Francis.

Trent inspirou fundo.

— Por que ela faria tal coisa? — perguntou, com uma paciência fatigada.

— Ela não gosta de mim.

Trent nada disse. Francis encolheu-se, compreendendo, provavelmente, como aquilo parecia infantil.

— Fale-me da Rachel Morgan — ordenou Trent.

— Ela é uma pedra no... uh... Sapato — disse ele, dirigindo a Jonathan um olhar nervoso.

Trent pegou numa caneta e começou a fazê-la girar.

— Isso eu sei. Diga-me outra coisa.

— Algo que ainda não saiba? — disse Francis. Os olhos semicerrados estavam presos à caneta que girava. — Você a tem debaixo da sua sombra há mais tempo do que a mim. Fez-lhe um empréstimo para pagar as propinas? — perguntou, num tom de voz quase invejoso. — Sussurrou ao ouvido do entrevistador da I.S?

Fiquei rígida. Como é que ele se atrevia a sugerir tal coisa? Eu tinha trabalhado para pagar os estudos. Tinha conseguido o meu emprego sozinha. Olhei para Trent, odiando-os a todos. Eu não devia nada a ninguém.

— Não. Não fiz nada disso. — Trent pousou a caneta. — A menina Morgan foi uma surpresa, mas ofereci-lhe um emprego — disse e Francis pareceu afundar-se sobre si mesmo. A boca movia-se mas não emitia qualquer som. Podia sentir nele o odor do medo, amargo e forte.

— Não o seu trabalho — disse Trent, o seu nojo era óbvio. — Diga-me de que é que ela tem medo. O que é que a deixa furiosa? O que preza mais do que tudo no mundo?

Francis expirou, parecendo aliviado. Mudou de posição, preparando-se para cruzar as pernas, mas hesitando no fim do desajeitado movimento.

— Não sei. O centro comercial? Tento manter-me longe dela.

— Sim — disse Trent com a sua voz líquida. — Falemos disso por um momento. Depois de ter revisto as suas atividades nos últimos dias, poderei colocar em causa a sua lealdade... Sr. Percy.

Francis cruzou os braços. A velocidade da respiração aumentou e ele começou a remexer-se. Jonathan avançou, ameaçadoramente, e Francis voltou a tirar o cabelo dos olhos.

Trent tomou-se assustadoramente intenso.

— Sabe quanto é que me custou silenciar os rumores que surgiram quando fugiu do cofre dos registros da S.I?

Ele lambeu os lábios.

— A Rachel disse que eles iam pensar que eu a estava a ajudar. Disse que eu devia fugir.

— E por isso fugiu.

— Ela disse...

— E ontem? — interrompeu Trent. — Trouxe-a até mim.

A raiva tensa na sua voz fez-me sair da minha casa. Trent inclinou-se para frente e eu podia jurar que tinha ouvido o sangue de Francis a congelar. Trent deixou cair a aura de homem de negócios. O que ficou foi uma aura de domínio. Um domínio natural e inequívoco.

Olhei fixamente para a mudança. O ar de Trent não se parecia em nada com a aura de poder de um vampiro. Era como chocolate sem açúcar: forte, amargo e oleoso, deixando atrás de si um gosto desconfortável. Os vampiros usavam o medo para obter respeito. Trent limitava-se a exigí-lo. E, pelo que podia observar, nunca lhe passara pela cabeça a hipótese de que este lhe pudesse ser negado.

— Ela te para chegar até mim — sussurrou, sem piscar os olhos. — Isso é indesculpável.

Francis encolheu-se na cadeira, o rosto magro tenso e os olhos muito abertos.

— Eu... Eu lamento — gaguejou. — Não voltará a acontecer.

Trent inspirou, lenta e conscientemente enquanto eu observava com um fascínio macabro. O peixe amarelo, no seu aquário, boiou na superfície. Os pêlos das minhas costas eriçaram-se. A minha pulsação acelerou. Algo se

ergueu, tão nebuloso como uma lufada de ar. O rosto de Trent tornou-se vazio e intemporal. A sua figura parecia contornada por uma névoa e perguntei-me, num súbito estado de choque, se ele estaria a aceder à eternidade. Teria de ser bruxo ou humano para fazê-lo. E eu podia jurar que não era nenhum dos dois.

Afastei os olhos de Trent. Os lábios finos de Jonathan estavam afastados. Erguia-se atrás de Francis, observando Trent com uma mescla de surpresa e preocupação. Aquela demonstração de raiva crua não era esperada, nem mesmo por ele. Levantou uma mão, hesitante e temerosa, em sinal de protesto.

Como que em resposta, os olhos de Trent piscaram e ele expirou. O peixe escondeu-se atrás do coral. A minha pele ondulou, fazendo assentar o meu pêlo. Os dedos de Jonathan tremeram e ele fechou as mãos em punhos. Sem afastar os olhos de Francis, Trent disse, numa voz cantada: — Eu sei que não.

A voz dele era como pó sobre o ferro frio, os sons deslizavam de um significado para o seguinte com uma graça líquida que era enfeitiçante. Senti-me sem fôlego. Tremendo, agachei-me onde estava. O que raios tinha acontecido?

— O que é que planeia fazer agora? — perguntou Trent.

— Senhor? — disse Francis, a voz partida, enquanto piscava os olhos.

— Foi o que eu pensei — as pontas dos dedos de Trent tremeram com a raiva reprimida. — Nada! A I.S anda a observá-lo muito de perto. A sua utilidade começa a desvanecer-se.

A boca de Francis abriu-se.

— Sr. Kalamack! Espere! Como disse, a I.S anda a observar-me. Posso atrair a atenção deles. Mantê-los longe das docas da alfândega. Mais uma apreensão de enxofre me manterá a salvo e ira distraí-los ao mesmo tempo. — Francis mexeu-se na beira da cadeira. — Pode movimentar as suas... Coisas. — terminou, debilmente.

Coisas, pensei. Por que é que ele não se limitava a dizer biomedicamentos? Os meus bigodes tremeram. Francis ia distraíndo a I.S com as apreensões de enxofre enquanto Trent movimentava aquilo que o fazia, realmente, ganhar dinheiro. Há quanto tempo? Perguntei-me. Há quanto tempo é que Francis trabalhava para ele? Anos?

— Sr. Kalamack? — sussurrou Francis.

Trent uniu as pontas dos dedos como se estivesse a pensar. Atrás dele Jonathan franzia as sobrelanceiras, a preocupação que o enchera quase desaparecera.

— Diz-me quando? — implorou Francis, aproximando-se mais sem sair da cadeira.

Trent empurrou Francis para o fundo da sua cadeira com um olhar de três segundos.

— Não dou hipóteses, Percy. Aproveito oportunidades. — Aproximou de si a agenda, avançando alguns dias. — Gostaria de agendar um carregamento para sexta-feira. Southwest. O último voo antes da meia-noite para L.A Encontrará a apreensão de costume no principal terminal de autocarros, numa caixa. Mantenha-o anónimo. Ultimamente o meu nome tem aparecido muitas vezes nos jornais.

Francis ergueu-se num salto, aliviado. Avançou como se preparasse para apertar a mão de Trent, depois olhou de relance para Jonathan e recuou.

— Obrigado, Sr. Kalamack — disse, de forma súbita. — Não se arrependerá.

— Não posso imaginar que o faça. — Trent olhou para Jonathan, depois para a porta. — Tenha uma boa tarde — disse, mandando-o sair.

— Sim, senhor. O senhor também.

Senti que ia vomitar quando Francis bamboleou para fora da sala. Jonathan hesitou junto à porta, observando Francis que emitia sons nojentos às senhoras por quem ia passando no corredor.

— O Sr. Percy está tornando-se um risco o qual eu não esperava — sussurrou Trent, cansado.

— Sim, Sa’han — concordou Jonathan. — Aconselho-o veementemente a retirá-lo da folha de pagamentos.

Senti um aperto no estômago. Francis não merecia morrer só por ser idiota. Trent esfregou a testa com as pontas dos dedos.

— Não — acabou por dizer. — Prefiro mantê-lo até arranjarmos um substituto. E sou capaz de ter outros planos para o Sr. Percy.

— Como queira, Sa’han — disse Jonathan e fechou gentilmente a porta.

Capítulo 20

— Aqui, Angel — chamou Sara Jane, abanando uma cenoura através das grades da minha gaiola. Estiquei-me para apanhá-la antes que ela a deixasse cair. A serragem da gaiola não era um bom tempero.

— Obrigada — disse, sabendo que ela não conseguia compreender, mas, precisando ainda assim dizer qualquer coisa. A mulher sorriu e passou cautelosamente os dedos através das grades. Eu a toquei com os bigodes, de leve, porque sabia que ela ia gostar.

— Sara Jane? — chamou Trent de sua mesa e a pequena mulher voltou-se com uma rapidez culpada. — Contratei-a para tratar dos meus negócios, não de um jardim zoológico.

— Desculpe Senhor. Estava aproveitando a oportunidade para tentar me livrar deste medo irracional de animais daninhos. — Ela passou as mãos pela saia de algodão que chegava ao joelho. Não era tão impecável ou profissional como o traje que usara para a entrevista, mas ainda assim, era novo. Precisamente aquilo que eu esperava que uma garota de quinta usasse no seu primeiro dia de trabalho.

Roí esfomeada a cenoura que sobrara do almoço de Sara Jane. Estava cheia de fome, já que tinha me recusado a comer a ração fedorenta. Qual é Trent? Pensei, entre mastigadas. Com ciúmes?

Trent ajustou os óculos e voltou sua atenção para os seus papéis.

— Quando acabar de se livrar dos seus medos irracionais, gostaria que fosse à biblioteca.

— Sim, Senhor.

— O bibliotecário reuniu algumas informações para mim, mas gostaria que desse uma olhada para mim. Traga-me aquilo que achar mais pertinente.

— Senhor?

Trent pousou a caneta.

— A informação diz respeito à indústria da beterraba. — Sorriu com calor genuíno. Perguntei-me se o teria patenteado. — Estou considerando seguir nesse negócio e gostaria de aprender o suficiente para tomar uma decisão.

Sara Jane resplandeceu, prendendo o cabelo atrás da orelha numa expressão de embaraço satisfeito. Era óbvio que tinha calculado que Trent estivesse considerando comprar o local onde os pais trabalhavam. Você é uma mulher inteligente, pensei tristemente. Pensa bem. Trent será dono da tua família. Serás dele, de corpo e alma.

Ela voltou-se para a minha gaiola e deixou cair um último talo de aipo.

O sorriso desapareceu. A preocupação enrugou sua testa. Seu rosto de criança pareceu sensibilizado, só que a família daquela mulher se encontrava realmente em perigo. Ela inspirou fundo para dizer qualquer coisa, mas depois fechou a boca.

— Sim Senhor — disse, com os olhos distantes. — Trago-lhe a informação num instante.

Sara Jane fechou a porta ao sair; os passos soaram lentos no corredor. Trent dirigiu um olhar desconfiado à porta, enquanto levava a mão à caneca de chá: Earl Grey, sem açúcar ou leite. Se seguisse o padrão do dia anterior, haveria conversas telefônicas e papelada das três as sete, quando as poucas pessoas que trabalhavam até mais tarde iam para casa. Calculei que fosse mais fácil traficar drogas ilegais a partir do escritório se não houvesse ninguém por perto para ver.

Trent regressara, depois da pausa de três horas para almoço, com o fino cabelo bem penteado e respirando o ar livre. Estava, sem dúvida, mais

fresco. Se não soubesse melhor, teria assumido que ele passara o intervalo do almoço dormindo no gabinete dos fundos.

Porque não? Pensei, enquanto me estendia na cama de rede da minha cela. Era suficientemente rico para definir os seus próprios horários.

Bocejei fechando os olhos. Era o segundo dia do meu cativeiro e estava bastante certa de que não seria o último. Tinha passado a noite investigando atentamente minha gaiola, apenas para descobrir que era à prova de Rachel. Tinha sido desenhada para furões e a gaiola de arame de dois pisos era surpreendentemente segura. As horas passadas a investigar tinham-me deixado exausta. Era agradável não fazer nada. Estava por minha conta. E era capaz de demorar algum tempo até ser capaz de transmitir a Sara Jane que era uma pessoa e que precisava sair dali.

Abri uma pálpebra quando Trent se levantou da escrivaninha e avançou inquieto para os CDs de música dispostos numa prateleira enfiada na parede ao lado do aparelho de som. Tinha uma bela figura de pé à minha frente, de tal forma concentrado na escolha que nem apercebeu que eu estava a avaliar o seu traseiro: entre nove e meio e dez. Tirei o meio porque a maior parte do seu físico estava escondida atrás de um terno mais caro do que muitos carros.

Tinha conseguido mais uma agradável espreitadela na noite anterior, quando ele tirara o casaco depois de todos irem para casa. O tipo tinha costas muito fortes. Porque as mantinha escondidas atrás de um casaco era, simultaneamente, um mistério e um crime. Tinha de fazer exercício, embora eu não soubesse onde é que arranjava tempo para isso. Teria dado qualquer coisa para o ver com um traje de banho... Ou sem ele. As pernas deviam ser igualmente musculosas, tendo em conta a sua fama de cavaleiro. E se eu parecia uma ninfomaníaca esfomeada... Bem, não tinha mais nada para fazer a não ser olhar para ele.

No dia anterior, Trent trabalhara até bem depois do pôr do sol, aparentemente sozinho no edifício silencioso. A única luz era a que entrava pela janela falsa, ela tinha empalidecido lentamente, enquanto o sol se punha, espelhando a luz natural do exterior, até ter acendido o abajur de mesa. Eu me acordava por diversas vezes... Quando ele virava uma página ou a impressora zumbia de volta à vida. Não parara até Jonathan lhe

recordar que deveria comer. Suponho que trabalhasse para ganhar o seu dinheiro, tal como eu. Claro que tinha dois empregos, sendo tanto um reputado homem de negócios como um barão dos biomedicamentos. Isso era capaz de lhe deixar o dia bastante preenchido.

A minha rede oscilou enquanto via Trent escolher um CD. Este girou para cima e a suave cadência de uma bateria ganhou vida. Olhando para mim, Trent ajustou o terno de linho cinzento e alisou o cabelo fino, como se me desafiasse a dizer qualquer coisa. Sinalizei com o polegar, com sono, e ele franziu ainda mais a sobrancelha. Não era o tipo de música de que eu gostava, mas até que era bom. Era algo mais antigo, transportando consigo uma sonoridade esquecida de intensidade presa, de tristeza perdida encadeada de forma a agitar a alma. Não era nada mau.

Podia me habituar a isto, pensei enquanto esticava cuidadosamente o corpo em recuperação. Já não dormia assim tão bem desde que deixara a I.S. Era irônico que ali, numa gaiola no escritório de um barão dos biomedicamentos, estivesse em segurança da ameaça de morte da I.S.

Trent voltou a sentar-se em frente ao trabalho, a caneta acompanhando, ocasionalmente, o rufar da bateria, quando parava para pensar. Era óbvio que se tratava de um dos seus favoritos. Fui adormecendo e acordando, enquanto a tarde passava... Confortada pelo bater dos tambores e pelo sussurro da música. A ocasional chamada telefônica fazia a voz melodiosa de Trent subir e descer num som calmante e dei por mim, esperando ansiosa pela interrupção seguinte, para podê-la ouvir novamente.

Foi uma confusão no corredor que me arrancou ao meu sono.

— Eu sei onde fica o gabinete — ressoou uma voz muito confiante, que me fazia pensar num dos meus professores mais arrogantes.

Sara Jane censurou-o num tom quase inaudível e Trent cruzou o seu olhar com o meu olhar inquisitivo.

— Para o inferno com a Viragem — murmurou, enrugando os cantos dos olhos expressivos. — Disse-lhe que enviasse um dos assistentes.

Vasculhou uma gaveta com uma pressa incomum e o ruído acordou-me por completo. Pisquei os olhos para afastar o sono, enquanto ele apontava um controle remoto ao aparelho de som. As flautas e tambores pararam. Atirou o controle remoto de volta à gaveta com um ar resignado. Se não soubesse melhor, teria pensado que Trent gostava de ter alguém com quem partilhar o dia, alguém com quem não tinha de fingir ser outra coisa para além do que era... O que quer que isso fosse. A fúria em relação a Francis tinha subido na escala no que dizia respeito a coisas estranhas.

Sara Jane bateu e entrou.

— O Sr. Faris está aqui para o ver, Sr. Kalamack? Trent inspirou lentamente. Não parecia feliz.

— Diga que entre.

— Sim Senhor. — Ela deixou a porta aberta e pude ouvir o som dos saltos dos seus sapatos enquanto se afastava.

Em breve regressaram. Em sua companhia, um homem de porte pesado com um casaco de laboratório cinzento-escuro. O homem parecia enorme ao lado da pequena mulher. Sara Jane partiu, mas seus olhos ainda semicerrados numa expressão de preocupação.

— Não posso dizer que goste da sua nova secretária — resmungou Faris, enquanto a porta se fechava. — Sara, não é?

Trent levantou-se e estendeu-lhe a mão, o desagrado escondido atrás de um sorriso de aspeto sincero.

— Faris, obrigado por vir tão depressa. É apenas uma questão menor. Um de seus assistentes teria bastado. Espero não ter interrompido sua investigação.

— Nada. Fico sempre feliz por poder sair para o sol — bufou como se estivesse com dificuldade em respirar.

Faris apertou as dentadas que eu dera a Trent no dia anterior e o sorriso de Trent congelou. O homem pesado deixou-se cair na cadeira em frente à secretária como se fosse o seu dono. Empoleirou um tornozelo no joelho, fazendo com que a bata de laboratório se abrisse, revelando umas

calças de terno e sapatos brilhantes. Uma nódoa escura manchava sua lapela e o cheiro a desinfetante emanava dele, quase escondendo o cheiro de pau-brasil. O rosto e a pele das mãos grandes que conseguia ver estavam marcados pelas veias.

Trent regressou ao seu lugar, atrás da escrivaninha e recostou-se, escondendo a mão machucada sob a outra. Houve um momento de silêncio.

— Então, o que queres? — perguntou Faris, a voz retumbante. Pensei ter visto um relampejo de irritação no rosto de Trent.

— Direto, como sempre — disse ele. — Diz-me o que puderes sobre isto. Ele tinha apontado para mim e eu preendi a respiração. Ignorando a rigidez que ainda sentia, lancei-me para a minha casa. Faris ergueu-se com um rosar e o forte odor a pau-brasil caiu sobre mim quando ele se aproximou.

— Bem, bem — disse. — É mesmo imbecil!

Irritada, olhei para os seus olhos escuros, quase perdidos entre as pregas da sua pele. Trent tinha contornado a mesa, sentando-se sobre ela. — Reconhece-a? — perguntou.

— Pessoalmente? Não. — Bateu de leve nas grades da minha gaiola com um dedo espesso.

— Hei! — gritei da minha casa. — Estou realmente cansada.

— Calada! — disse ele, com desdém. — É uma bruxa — continuou. Faris, ignorando-me como se eu não fosse nada. — Mantém-na longe do aquário e ela não será capaz de voltar à sua forma original. É um feitiço poderoso. Deve ter o apoio de uma grande organização, pois só eles o poderiam pagar. E é uma imbecil.

A última parte foi-me dirigida e eu lutei contra o impulso de lhe lançar um pedaço de comida seca.

— Como assim? — Trent dirigiu-se à gaveta do fundo da sua mesa, fazendo soar o tinido do cristal antes de servir dois copos de uísque quarenta anos.

— A transformação é uma arte difícil. É usado poções em vez de amuletos, o que significa que se faz uma poção apenas para uma utilização. O resto é jogado fora. Muito desperdício. Podia pagar o ordenado da assistente do bibliotecário com o custo de tal poção e um pequeno pessoal de escritório pelo preço do seguro de responsabilidade civil necessário à sua comercialização.

— Difícil? — Trent entregou um copo a Faris. — Podes fazer um feitiço destes?

— Se tivesse a receita — disse ele, inflando o peito, o orgulho claramente posto em causa. — É antigo. Talvez pré-industrial? Não reconheço a pessoa que realizou este feitiço. — Inclinou-se mais para frente, respirando profundamente. — Felizmente para ele, ou talvez me visse obrigado a aliviar o bruxo do peso da sua biblioteca.

Esta, pensei, estava se tornando uma conversa muito interessante.

— Então não acha que tenha sido ela quem fez? — perguntou Trent. Estava de novo sentado atrás da sua mesa com um ar incrivelmente composto e em forma ao lado de Faris. O homem pesado abanou a cabeça e voltou a sentar-se. O pequeno copo estava totalmente escondido, envolto pela mão grossa.

— Aposto a minha vida. Não se pode ser suficientemente inteligente para fazer um feitiço destes de forma competente e suficientemente burro para ser apanhado. Não faz sentido.

— Talvez ela estivesse impaciente — disse Trent e Faris explodiu numa onda de riso. Eu saltei, tapando os ouvidos com as patas.

— Oh, sim — disse Faris entre gargalhadas. — Sim. Ela estava impaciente. Gostei dessa.

Achei que a postura normal de Trent começava a se esvaír quando ele regressou à mesa e pousou a bebida intocada.

— Então, quem é ela? — perguntou Faris, inclinando-se para frente, como um conspirador de faz de conta. — Uma repórter ansiosa que está tentando obter a história da sua vida?

— Há algum feitiço que me permita compreendê-la? — perguntou Trent, ignorando a questão de Faris. — Tudo o que ela faz é guinchar.

Faris rosnou, enquanto se inclinava para pousar o copo vazio sobre a mesa, num silencioso pedido de uma nova dose.

— Não. Os roedores não têm cordas vocais. Planeja mantê-la aqui por muito tempo?

Trent fez girar o copo entre os dedos. O seu silêncio era alarmante. Faris sorriu, diabolicamente.

— O que é que essa tua cabecinha malvada está planejando, Trent?

O estalo na cadeira de Trent, quando ele se inclinou para frente, pareceu demasiado sonoro.

— Faris, se eu não precisasse tanto dos teus talentos, mandava te espancar no teu próprio laboratório.

O homem grande sorriu, fazendo com que as pregas do seu rosto caíssem umas sobre as outras. — Eu sei.

Trent guardou a garrafa.

— Sou capaz de inscrevê-la no torneio de sexta-feira. Faris piscou os olhos.

— Os torneios da cidade? — disse baixinho. — Já assisti a um. Os combates não terminam até que um esteja morto.

— Foi o que ouvi dizer.

O medo levou-me até a grade de arame.

— Hei, espera aí — chilreei. — Como assim, morto? Hei! Alguém fale com o visom!

Atirei um pedaço de comida a Trent. Voou cerca de meio metro, antes de cair sobre o carpete. Voltei a tentar, dando-lhe um pontapé, em vez de atirá-lo. Dessa vez bateu na parte de trás da mesa com um clique.

— Que a Viragem o leve, Trent! — gritei. — Fala comigo.

O olhar de Trent cruzou-se com o meu, as sobrancelhas erguidas.

— As lutas de ratazanas.

Senti o coração saltar. Gelada, deixei-me cair sobre as patas traseiras.

As lutas de ratazanas. Ilegais. Salas escusas. Rumores. Até a morte. Eu ia ser lançada para um ringue... Teria de lutar até a morte com uma ratazana. Deixei-me ficar imóvel, confusa, as minhas patas de longo pêlo branco pousadas sobre a rede de arame da gaiola. Senti-me traída. Faris parecia doente.

— Não está falando sério — perguntou o homem, as bochechas gordas empalidecidas. — Não vai colocá-la mesmo para combater, vai? Você não pode!

— Porque não?

O queixo de Faris caiu enquanto ele lutava por encontrar as palavras certas.

— Ela é uma pessoa! — exclamou ele. — Não aguentará três minutos. Vão fazê-la em pedacinhos.

Trent encolheu os ombros com uma indiferença que eu sabia não ser fingida.

— Sobreviver é problema dela, não meu. — Colocou os óculos de armações finas e inclinou a cabeça sobre os seus papéis. — Boa tarde, Faris.

— Kalamack, isto é ir longe demais. Nem mesmo você está acima da lei. — Palavras erradas, tanto Faris como eu soubemos disso.

Trent ergueu o olhar. Silencioso, fitou Faris por cima das suas lentes. Inclinou-se para frente, pousando um cotovelo sobre o trabalho acumulado. Esperei incapaz de respirar, o pêlo levantado devido à tensão.

— Como é que está a sua filha mais nova, Faris? — perguntou Trent, a voz bela incapaz de esconder frieza da pergunta.

O homem enorme ficou mortalmente pálido.

— Está ótima — sussurrou. A confiança rude tinha desaparecido, deixando para trás nada mais do que um homem obeso e assustado.

— Ela tem o quê? Quinze anos? — Trent reclinou-se na cadeira, pôs os óculos sobre a caixa de correio e entrelaçou os dedos longos, à sua frente. — Uma idade maravilhosa. Ela quer ser oceanógrafo, não é? Falar com os golfinhos?

— Sim. — A voz era quase inaudível.

— Posso dizer como fiquei feliz pelo tratamento para o câncer ósseo ter funcionado.

Olhei para o fundo da gaveta de Trent onde se encontravam os CDs incrimina tórios. O meu olhar ergueu-se na direção de Faris, encarando a bata de laboratório com uma nova consciência. Fiquei gelada e olhei para Trent. Ele não estava apenas negociando biomedicamentos, estava os produzindo. Não sabia ao certo se o que mais me horrorizava era o fato de Trent estar mexendo ativamente com o tipo de tecnologia que dizimara metade da população mundial ou com o fato de estar usando-a para chantagear pessoas, ameaçando os seus entes queridos. Ele era tão agradável, tão encantador, era tão fácil gostar dele devido à sua personalidade confiante. Como é que algo tão vil podia conviver com algo tão atraente?

Trent sorriu. — Ela está em remissão há cinco anos. Bons médicos dispostos a explorar técnicas ilegais são difíceis de encontrar.

Faris engoliu em seco. — Sim... Senhor.

Trent olhou para ele, as sobrancelhas erguidas numa expressão inquisitiva.

— Boa tarde... Faris.

— Nojento — falei enojada. — Você é nojento, Trent! Não é mais do que lixo agarrado à sola das minhas botas.

Faris avançou para a porta tremendo. Fiquei tensa ao sentir o súbito cheiro de desafio. Trent o tinha deixado encurralado. O homem grande tinha muito a perder. Trent também o devia ter sentido.

— Agora vais fugir, não vais? — disse, enquanto Faris abria a porta. O som das conversas de escritório entrou no gabinete. — Sabes que não o posso permitir.

Faris voltou-se com uma expressão desesperada. Espantada. — Vi Trent abrir a caneta e enfiar uma pena no cano vazio. Com uma baforada, atirou-o a Faris.

Os olhos do homem enorme abriram-se. Deu um passo na direção de Trent, depois levou a mão à garganta. Emitiu um arquejo suave. O rosto começou a inchar. Observei extremamente chocada para sentir medo, Faris cair de joelhos. O homem pesado levou a mão ao bolso da camisa. Os dedos vasculharam o seu interior e uma seringa caiu no chão. Faris estendeu a mão para ela, caindo, tentando agarrar a seringa.

Trent levantou-se, com o rosto impávido, afastou a seringa do alcance de Faris com um pé.

— O que você fez? — guinchei, observando Trent que voltava a montar a sua caneta. Faris estava a ficando roxo. A sua respiração era um arquejo rouco e logo silenciou.

Trent enfiou a caneta num bolso, depois passou por cima de Faris para chegar à porta aberta.

— Sara Jane! — clamou. — Chame uma ambulância. Há algo de errado com o Sr. Faris.

— Ele está morrendo! — guinchei. — É isso que há de errado com ele! Você o matou!

O som de conversas preocupadas subiu de intensidade à medida que as pessoas iam saindo dos seus gabinetes. Reconheci os passos rápidos de Jonathan. Ele parou de forma repentina junto à porta, sorrindo perante o corpo de Faris no chão, depois franziu a sobrancelha a Trent em sinal de censura.

Trent estava agachado ao lado de Faris, tomando-lhe o pulso. Encolheu os ombros a Jonathan e injetou o conteúdo da seringa na coxa de Faris, através das calças. Eu podia ver que era muito tarde. Faris já não emitia qualquer ruído. Faris estava morto. Trent sabia.

— A ambulância já está a caminho — disse Sara Jane, a partir do corredor os passos a aproximar-se. — Posso... — Parou atrás de Jonathan e levou uma mão à boca, fitando Faris.

Trent levantou-se, deixando cair a seringa num gesto dramático.

— Oh Sara Jane — disse ele, suavemente, enquanto a acompanhava de volta ao corredor. — Lamento muito. Não olhe. É muito tarde. Acho que foi uma picada de abelha. O Faris é alérgico a abelhas. Tentei administrar-lhe a antitoxina, mas esta não agiu suficientemente depressa. Deve ter trazido uma abelha com ele sem se aperceber. Bateu numa perna, mesmo antes de ter caído.

— Mas ele... — gaguejou ela, voltando a olhar para trás, enquanto Trent a afastava.

Jonathan agachou-se para retirar a pena que estava presa à perna de Faris. Enfiou a pena no bolso. O olhar do homem alto cruzou-se com o meu, tinha uma expressão seca e sarcástica estampada no rosto.

— Lamento muito — disse Trent, no corredor. — Jon — chamou, e Jonathan levantou-se. — Por favor, assegura-te de que todos saiam mais cedo. Deixa o edifício vazio.

— Sim Senhor.

— Isto é terrível, simplesmente horrível — disse Trent, parecendo senti-lo de verdade. — Vá para casa, Sara Jane. Tente não pensar nisso.

Ouvi Sara Jane engolir um soluço enquanto os seus passos hesitantes se afastavam.

Tinham-se passado poucos instantes desde a última vez em que Faris estivera de pé. Em choque, vi Trent passar por cima do braço de Faris. Absolutamente frio, dirigiu-se à escrivaninha e apertou o botão do interfone.

— Quen? Desculpa lhe incomodar, mas se importa de vir até ao meu gabinete? Vem uma ambulância a caminho e, depois dela, deverá chegar alguém da I.S Houve uma ligeira hesitação e a voz de Quen estalou no interfone.

— Sr. Kalamack, vou já para aí.

Olhei para Faris, inchado e prostrado no chão.

— Você o matou — eu o acusei. — Deus me proteja. O matou, no seu escritório. Na frente de todo mundo!

— Jon — disse Trent suavemente, vasculhando uma gaveta, aparentemente despreocupado. — Assegura-te de que a família dele receberá o melhor pacote de benefícios que temos. A filha mais nova deverá frequentar uma escola à sua escolha. Mantém o anonimato. Faz com que pareça uma bolsa.

— Sim, Sa'han. — A voz dele era casual, como se cadáveres fossem uma ocorrência diária.

— Isso é muito generoso da sua parte, Trent — grunhi. — Mas ela preferia o pai.

Trent olhou para mim. Havia uma gota de suor junto à linha do cabelo.

— Quero encontrar-me com o assistente do Faris antes do fim do dia — disse, levianamente. — Como é que ele se chama... Darby?

— Darby Donnelley, Sa'han.

Trent acenou, esfregando a testa como que perturbado. Quando a mão desceu, o suor tinha desaparecido.

— Sim. É tudo. Donnelley. Não quero que isto implique atrasos.

— O que é que quer que lhe diga?

— A verdade. O Faris é alérgico às picadas de abelha. Todo o pessoal dele o sabe.

Jonathan tocou em Faris com a ponta do sapato e saiu. Os seus passos eram sonoros, agora que não havia ruído de fundo. O andar tinha ficado vazio com uma rapidez chocante. Perguntei-me se aquilo acontecia muitas vezes.

— Gostaria de reconsiderar a minha oferta anterior? — disse Trent, falando comigo. Tinha o copo de uísque intocado entre os dedos. Eu não tinha a certeza, mas pareceu-me que estava tremendo. Ele fitou a bebida durante um momento, depois bebeu num movimento fluído. O copo foi pousado lentamente.

— A ilha está fora de questão — disse ele. — Mantê-la por perto seria mais prudente. A forma como se infiltrou no meu complexo foi impressionante. Acho que podia convencer o Quen a ficar com você, ele riu até ficar sem fôlego quando te viu colocar o Sr. Percy amarrado na mala do carro dele. Depois quase a matou quando eu lhe disse que tinha conseguido entrar no meu gabinete principal.

A minha mente estava vazia devido ao choque. Não conseguia dizer nada. Faris estava morto no chão e Trent perguntava-me se eu queria trabalhar com ele?

— Mas o Faris ficou bastante admirado com a sua poção — continuou. — Decifrar as técnicas de divisão genética pré-Viragem não deve ser muito mais difícil do que criar um feitiço complexo. Se não está disposta a explorar os seus limites na arena física, poderia tentar a mental. Que mescla de capacidades a sua menina Morgan. Torna-a curiosamente valiosa.

Deixei-me cair sob as patas traseiras, atônita.

— Sabe menina Morgan — dizia ele — não sou um homem mau. Ofereço aos meus empregados uma situação justa, uma hipótese de avançarem nas suas carreiras, a oportunidade de atingirem todo o seu potencial.

— Oportunidade? Hipótese de avançarem na carreira? — cuspi, sem me importar com o fato de que ele não me conseguia me entender. — Quem pensa que é Kalamack? Deus? Vá-se ferrar.

— Acho que percebi a intenção do que disse. — Dirigiu-me um sorriso rápido. — Se não consegui mais nada, apenas consegui que fosse honesta. Deslizou a cadeira para mais perto da escrivaninha. — Vou quebrá-la, Morgan, até estar disposta a fazer qualquer coisa para sair dessa gaiola. Espero que demore algum tempo. Ao Jon foram precisos quase quinze anos. Não como rato, mas ainda assim como escravo. Imagino que ceda bem mais depressa.

— Maldito seja, Trent — disse eu, fumegando.

— Não seja vulgar — Trent pegou na cadeira. — Tenho certeza de que sua fibra moral é tão forte senão mesmo mais forte do que a do Jon, mas ele não teve ratazanas dispostas a dar cabo dele. Com o Jon tive o luxo do tempo... — Os olhos de Trent tornaram-se distantes e pensativos. — Ainda assim, ele nunca percebeu que eu o estava dominando, a maioria não percebe. Ainda hoje ele não o entende. E, se lhe sugerir, ele seria capaz de matá-la.

O olhar distante de Trent tornou-se mais claro. — Gosto muito de ter todas as cartas em cima da mesa. Aumenta o prazer, não acha? Não ter de tratar as coisas com paninhos quentes. Ambos sabemos o que você está passando, e se não sobreviver, não se perderá grande coisa. Não investi tanto assim em você. Uma gaiola de arame? Comida? Serragem?

A sensação de estar numa gaiola abateu-se sobre mim. Encurralada. — Deixe-me sair! — gritei, puxando a rede da minha cela. — Deixe-me sair, Trent!

Bateram à porta e eu voltei-me. Jonathan entrou, desviando-se de Faris. — A ambulância está a caminho. Eles podem se livrar do Faris. A I.S quer uma declaração, mais nada. — Seus olhos pousaram sobre mim, desrespeitosos. — O que há com a bruxa?

— Deixe-me sair, Trent — guinchei, rosnando histérica. — Deixe-me sair! — corri para o fundo da gaiola. Com o coração acelerado, corri para o piso superior. Atirei-me contra as grades, tentando virar a gaiola. Tinha de fugir!

Trent sorriu. Sua expressão calma e controlada.

— A menina Morgan acabou de perceber o quão persuasivo consigo ser. Bate-lhe na gaiola.

Jonathan hesitou, confuso. — Pensei que não queria que a atormentasse.

— Na verdade, disse que não devia reagir com raiva quando subestimas a capacidade de resposta de uma pessoa. Eu não estou agindo com raiva. Estou ensinando à menina Morgan o seu novo lugar na vida. Ela

está numa gaiola; eu posso fazer o que quiser com ela. — Os seus olhos frios estavam fixos nos meus. — Bata. Na. Gaiola.

Jonathan sorriu. Erguendo a pasta que tinha na mão e bateu contra a rede de arame. Eu encolhi-me quando ouvi o estrondo, embora já o esperasse. A gaiola balançou e agarrei a base de arame com as quatro patas.

— Calada, bruxa — acrescentou Jonathan, um brilho de prazer nos olhos. Enfiei-me na minha casa. Trent tinha acabado de lhe dar autorização para me atormentar tanto quando quisesse. Se as ratazanas não me matassem, Jonathan o faria.

Capítulo 21

— Vamos, Morgan. Faz qualquer coisa — murmurou Jonathan. Espetou-me um lápis, quase me empurrando. Eu tremi, tentando não reagir. — Eu sei que está zangada — disse ele, mudando de posição para me espetar o lápis novamente.

O chão da gaiola estava coberto de lápis, todos roídos ao meio. Jonathan passara toda a manhã me atormentando, indo e voltando. Depois de várias horas me esquivando e a lançando-me contra ele, percebi que o meu frenesi deixava o tarado sádico ainda mais entusiasmado. Ignorá-lo não era tão gratificante como arrancar-lhe os lápis e roê-los ao meio, mas esperava que acabasse por ficar cansado e se fosse embora.

Trent tinha saído para o seu almoço há cerca de meia hora. O edifício estava em silêncio, já que todos relaxavam assim que Trent deixava o piso. Jonathan, por outro lado, não mostrava qualquer sinal de estar de partida. Parecia contente por ficar ali e me importunar entre garfadas no seu macarrão. Nem mesmo o fato de ter me colocado no centro da gaiola ajudou. Ele tinha decidido arranjar um lápis mais comprido. A minha casinha há muito tinha desaparecido.

— Diabos, bruxa. Faz qualquer coisa. — Jonathan mudou o lápis de posição para me bater com ele na cabeça. Bateu-me, uma vez, duas, três, mesmo entre as orelhas. Os meus bigodes tremiam. Podia sentir a pulsação acelerar e a cabeça doía-me devido à luta para me manter imóvel. Na quinta pancada explodi, cheguei-me para trás e parti o pau em dois com uma dentada frustrada.

— Você é um homem morto! — guinchei, atirando-me contra a rede de arame. — Está me ouvindo? Quando eu sair daqui você estará morto!

Ele endireitou-se, passando os dedos pelo cabelo.

— Eu sabia que conseguiria te ajudar a se mexer.

O som de saltos altos no corredor tornou-se mais sonoro e agachei-me, aliviada. Reconheci a cadência. Aparentemente, Jonathan também, já que se endireitou e recuou um passo. Sara Jane entrou no gabinete sem bater como era seu hábito.

— Oh! — exclamou suavemente, levando a mão ao colarinho do terninho novo que tinha comprado no dia anterior. Trent pagava adiantado aos empregados. — Jon, desculpe. Não pensei que ainda aqui estivesse alguém. — Seguiu-se um silêncio constrangedor. — Vinha dar os restos do meu almoço a Angel antes de ir tratar de uns assuntos.

Jonathan olhou para ela por cima do nariz.

— Eu faço.

Oh, por favor, não, pensei. O mais certo é que os mergulhe primeiro em tinta. Os restos dos almoços de Sara Jane eram a única coisa que eu comia e já estava meio morta de fome.

— Obrigada, mas não — disse ela e eu agachei-me, aliviada. Eu queria dizer para Sara Jane que era uma pessoa. Tinha tentado durante todo o dia, mas a única vez em que estivera perto de conseguir, Trent estava olhando e Jonathan batera "acidentalmente" na minha gaiola com tal força que ela caiu.

— Estou à espera do Sr. Kalamack — disse Jonathan. — Tem a certeza de que não quer que eu a alimente? — Uma expressão presunçosa atravessou-lhe o rosto normalmente estoico enquanto se deslocava para trás da mesa de Trent e fingia arrumá-la. A minha esperança de que ele saísse desapareceu. Ele era mais esperto do que isso.

Sara Jane agachou-se para ficar com os olhos ao nível dos meus. Pensava que eram azuis, mas não conseguia ter a certeza.

— Não. Não vou demorar muito. O Sr. Kalamack vai trabalhar durante a hora de almoço? — perguntou ela.

— Não. Ele só queria que eu esperasse. — Avancei ao sentir o cheiro das cenouras.

— Aqui, Angel — disse a pequena mulher, a voz aguda e calma quando abriu uma dobra do guardanapo. — Hoje só trouxe cenouras. Acabou o aipo.

Olhei de relance para Jonathan, desconfiada. Ele estava a analisar os bicos dos lápis no recipiente sobre a mesa de Trent, por isso aproximei-me cuidadosamente de uma cenoura. Ouviu-se um forte estrondo e eu saltei.

Um sorriso revirava os cantos dos finos lábios de Jonathan. Ele tinha deixado cair um ficheiro sobre a mesa. O olhar de Sara Jane estava tão carregado de raiva que seria capaz de coalhar o leite.

— Pare com isso — disse ela, indignada. — Você a perturbou o dia todo. — Com os lábios apertados, empurrou as cenouras através da rede. — Toma querida — disse com a voz calma. — Toma as suas cenouras. Não gosta da ração? — Ela largou as cenouras e deixou os dedos nos buracos da gaiola.

Eu os cheirei, permitindo que as unhas me tocassem no topo da cabeça. Eu confiava em Sara Jane e não entregava a minha confiança com facilidade. Acho que era porque ambas estávamos encurraladas e ambas o sabermos. Parecia-me pouco provável que ela soubesse dos negócios de Trent em biomedicamentos, mas era muito esperta para não se sentir preocupada tendo em conta a forma como a sua predecessora falecera. Trent ia usá-la, tal como fizera com Yolin Bates, deixando-a morta num beco qualquer.

Senti o peito apertado, como se estivesse prestes a chorar. Exalava dela um tênue aroma de pau-brasil, quase escondido pelo perfume que estava usando. Infeliz, puxei as cenouras mais para dentro e comi tão depressa quanto possível. Cheiravam fortemente a vinagre e questionei-me quanto às escolhas de Sara Jane no que dizia respeito ao tempero da salada. Só me dera três... Eu podia ter comido o dobro.

— Pensei que os agricultores odiassem os assassinos de galinhas — disse Jonathan, fingindo indiferença, mas observando-me atentamente em busca de qualquer comportamento menos próprio de um visom.

As bochechas de Sara Jane ruboresceram e ela levantou-se rapidamente da posição em que se encontrava. Antes de poder dizer

qualquer coisa estendeu uma mão hesitante e apoiou-se contra a minha gaiola.

— Ooooh — disse ela, com os olhos turvos. — Levantei-me muito depressa.

— Sente-se bem? — perguntou num tom de voz que fazia com que parecesse preocupado.

Ela levou uma mão aos olhos. — Sim. Sim, estou ótima.

Parei de roer, ouvindo passos suaves no corredor e Trent entrou. Tinha tirado o casaco e só as roupas faziam com que parecesse um executivo do top vinte da Fortune e não um salva-vidas.

— Sara Jane, não está na sua hora de almoço? — perguntou amigavelmente.

— Estou de saída, Sr. Kalamack — disse ela. Dirigiu um olhar preocupado a Jonathan e a mim, antes de sair. Os seus saltos bateram suavemente no corredor e desapareceram. Senti-me invadir por uma onda de alívio. Se o Trent ali estava, o mais certo era que Jonathan me deixasse em paz e eu pudesse comer. O homem arrogante sentou-se, cuidadosamente, numa das cadeiras em frente à mesa de Trent.

— Quanto tempo? — disse, pousando um tornozelo sobre o joelho e olhando de relance para mim.

— Depende. — Trent deu ao peixe algo retirado de uma bolsa de comida seca e fria. O cirurgião-amarelo chapinhou junto à superfície provocando sons suaves.

— Deve ser forte — disse Jonathan. — Não pensei que a afetasse a ela. — Parei de roer. A ela? Sara Jane?

— Pensei que isso pudesse acontecer — disse Trent. — Ela vai ficar bem. — Seu rosto ficou enrugado e pensativo. — Talvez tenha de ser mais direto na forma como lido com ela. Toda a informação que me trouxe sobre a indústria da beterraba indicava uma péssima opção de negócio.

Jonathan pigarreou para limpar a garganta, tornando o som paternalista. Trent fechou a bolsa e guardou-a no armário sob o aquário.

Avançou para trás da mesa, a cabeça loura inclinada, enquanto organizava os papéis.

— Porque não um feitiço, Sa'han? — Jonathan estendeu as pernas compridas e levantou-se, alisando com as mãos os vincos das calças. — Suponho que seria mais seguro.

— É contra as regras enfeitiçar os animais de competição. — escreveu uma nota na agenda. Um sorriso seco atravessou o rosto de Jonathan. — Mas as drogas podem ser usadas?

Isso é uma perversão do sentido. Comecei a mastigar mais devagar. Eles estavam falando de mim. O sabor amargo do vinagre era mais forte na última cenoura e sentia um formigueiro na língua. Largando a cenoura, toquei nas gengivas. Estavam dormentes. Maldição. Era sexta-feira!

— Seu canalha! — gritei, atirando a cenoura a Trent, mas vendo-a ricochetear no arame da gaiola. — Você me drogou, drogou a Sara Jane para me atingir! — Furiosa, atirei-me contra a porta, estendendo o braço e tentando chegar à tranca. Começava a sentir náuseas e tonturas.

Os dois homens aproximaram-se espreitando, e a expressão de domínio de Trent me fez arrepiar. Aterrorizada, corri pela rampa até ao segundo nível, depois voltei a descer. A luz irritava os olhos. A minha boca estava dormente. Cambaleei, perdendo o equilíbrio. Ele me drogou!

Uma ideia abriu caminho através do meu pânico. A porta ia ser aberta. Aquela podia ser a minha única oportunidade. Estanquei no meio da minha gaiola, arquejando. Lentamente, deixei-me cair. Por favor, pensei desesperada. Por favor, abram a gaiola antes que eu desmaie de verdade. Os meus pulmões trabalhavam com dificuldade, mas o meu coração corria veloz. Se isso se devia aos meus esforços ou às drogas, não era capaz de dizer.

Os dois homens estavam em silêncio. Jonathan espetou-me com um lápis. Permiti que a minha perna tremesse, como se eu não fosse capaz de me mover.

— Acho que já está inconsciente — disse ele. A voz marcada pela excitação.

— Dê-lhe algum tempo. — A luz bateu nos meus olhos quando Trent se afastou e eu os abri ligeiramente.

Jonathan, por outro lado, estava abençoadamente impaciente. — Vou buscar a mala transportadora.

A gaiola tremeu quando ele soltou a tranca da porta. A minha pulsação acelerou quando os dedos longos de Jonathan se aproximaram do meu corpo. Estremeci, regressando à vida e ferrei os dentes no dedo dele.

— Sua desgraçada! — praguejou Jonathan, puxando a mão e a mim com ela. Soltei-lhe o dedo, caindo no chão com um baque que estremeceu meus ossos. Nada me doía. Estava dormente. Saltei para a porta, caindo quando as minhas pernas se recusaram a trabalhar.

— Jon! — exclamou Trent. — Fecha a porta!

O chão tremeu rapidamente seguido pelo bater de uma porta. Hesitei incapaz de pensar. Tinha de correr. Onde raios estava a porta?

A sombra de Jonathan aproximou-se. Expus os dentes e ele hesitou, temendo os meus pequenos incisivos. Podia sentir nele o fedor do medo, o brutamente estava com medo. Movendo-se rapidamente, agarrou-me pela pele sobre o pescoço. Contorci-me, afundando os dentes na parte mais carnuda do seu polegar. Gemeu de dor e largou-me. Caí ao chão.

— Maldita bruxa! — gritou. Eu cambaleei incapaz de correr. O sangue de Jonathan era espesso na minha língua, tinha o gosto de canela e vinho.

— Me toca novamente — arquejei — e te arranco o dedo todo. Jonathan recuou temeroso. Foi Trent quem me apanhou. Já sob o efeito da droga, não podia fazer nada. Os dedos dele eram abençoadamente frios quando me tomou nas mãos. Pousou-me delicadamente na mala transportadora e fechou a porta. Ouviu-se um clique que fez balançar toda a mala.

Tinha a boca dormente e o estômago revirando. A mala transportadora foi erguida num arco suave até ser pousada sobre a mesa. — Ainda temos alguns minutos. Vamos ver se a Sara Jane tem algum creme antibiótico na mesa dela, para pormos nessas dentadas.

A voz suave de Trent tornou-se tão indistinta como os meus pensamentos. A escuridão tornou-se esmagadora e perdi a consciência, amaldiçoando-me pela minha idiotice.

Capítulo 22

Alguém estava falando e eu ouvi. Na verdade, havia duas vozes, e agora que eu estava recuperando a capacidade de pensar, percebi que elas se alternavam com outras por algum tempo. Uma delas era de Trent, sua voz maravilhosamente fluida me atraiu de volta à consciência. Além dele, eu ouvia o estridente chiar dos ratos.

— Ah, diabos — Eu sussurrei, deixando sair um fino gemido. Meus olhos estavam abertos e forcei-os a fechar. Estavam tão secos como uma lixa. Mais algumas dolorosas piscadas e as lágrimas começaram a fluir novamente. Lentamente a parede cinza do meu veículo inundou em foco.

— Sr. Kalamack! — chamou uma voz acolhedora, e o mundo girou conforme o veículo virou. — O andar de cima me disse que você estava aqui. Estou tão contente. — A voz ficou mais perto. — E com uma entrada! Espere e veja, espere e veja — o homem quase jorrou conforme ele apertava a mão oferecida de Trent para cima e para baixo. — Ter uma entrada torna os jogos muito mais divertidos.

—Boa noite, Jim — Trent disse calorosamente. — Desculpe por somente cair em você.

A cadência suave da voz de Trent era um bálsamo, acalmando minha dor de cabeça para longe. Eu tanto amava quanto odiava. Como poderia alguém tão lindo pertencer a algo tão sujo?

— Você sempre é bem vindo aqui, Sr. Kalamack. — O homem cheirava como lascas de madeira e eu me encolhi para trás, me apertando no canto. — Você verificou, então? Você tem a sua classificação para o primeiro turno?

— Haverá mais de uma luta? — Jonathan interrompeu.

— De fato Senhor — Jim disse brilhantemente conforme ele gentilmente virava a grade do veículo para enfrentá-lo. — Você joga seu rato até que ele esteja morto ou você puxá-lo. Oh! — ele disse assim que me viu. — Um visom, quão lisonjeiro de sua parte. Isso não mudará suas chances, mas não se preocupe. Nós tivemos lutas de texugos e cobras antes. Nós prosperamos na individualidade e todo mundo ama quando um participante é comido.

Meu pulso acelerou. Eu tinha que sair de lá.

— Você tem certeza que seu animal irá lutar? — Jim perguntou. — Os ratos foram criados para agressão, embora tenhamos um rato de rua fazendo um surpreendente show nos últimos três meses.

— Tive de sedá-la para colocá-la no veículo — Trent disse, sua voz firme.

— Oooh, uma mal-humorada. Aqui! — Jim solicitou um notebook de um funcionário que passava. — Deixe-me mudar a sua primeira rodada para um dos jogos mais tarde, então ela terá oportunidade de sacudir totalmente sua sedação. Ninguém quer aquelas aberturas de qualquer maneira. Não há muito tempo para seu animal se recuperar antes da próxima luta.

Eu avancei para frente do veículo em desamparo. Jim era um homem de boa aparência com bochechas redondas e uma ampla barriga. Seria apenas pegar um pequeno feitiço para fazê-lo ir até o shopping Santa Caos. O que ele fazia no subsolo de Cincinnatti?

O homem de olhar jovial passou pelos ombros invisíveis de Trent e ele deu a alguém um aceno alegre. — Por favor, mantenha seu animal com você todo o tempo — ele disse, seus olhos sobre a nova visita. — Você tem cinco minutos para colocar seu candidato na cova depois da chamada ou então você perde.

Cova, eu pensei. Ótimo.

— Tudo que eu preciso saber agora — disse Jim —, é como você chama seu animal.

— Angel — Trent disse isso com uma zombaria sincera, mas Jim escreveu-a, sem um momento de hesitação.

— Angel — repetiu ele. — Possuído e treinado por Trent Kalamack.

— Você não me possui!. — Eu chiei, e Jonathan manobrou meu veículo.

— Volte para cima, Jon — Trent disse conforme Jim apertava sua mão esquerda. — O ruído destes ratos perturba minha cabeça.

Caí de quatro para me equilibrar quando o veículo balançou. — Eu não vou lutar Trent — eu rangi alto. — Pode simplesmente esquecer isso?

— Oh, fique quieta, Sra. Morgan — Trent disse suavemente enquanto nos levantávamos. — Não é como se você não tivesse treinado para isso. Todo corredor sabe como matar. Trabalhando para mim, trabalhando para eles... Não há diferença. É só um rato.

— Eu nunca matei ninguém em minha vida! — Eu gritei chacoalhando o portão. — E eu não vou começar por você. — Mas eu não acho que tinha uma escolha. Eu não poderia raciocinar com um rato, dizer que tinha havido um grande erro e por que não poderíamos ficar todos juntos?

O ruído dos ratos entorpecia sob as altas conversas, conforme encontramos o topo das escadas. Trent pausou. — Olhe lá — ele murmurou. — É Randolph.

— Randolph Mirick? — Jonathan disse. — Você não está tentando organizar uma reunião com ele sobre o crescimento dos direitos de sua água?

— Sim — Trent parecia respirar a palavra. — Nas últimas sete semanas. Ele é aparentemente um homem muito ocupado. E olhe lá. Aquela mulher explorando aquele pequeno cachorro torpe? Ela é a diretora executiva da fabrica de vidro que nós contratamos. Eu gostaria muito de falar com ela sobre a possibilidade de obter um desconto de volume. Eu não tinha ideia que poderia ser uma oportunidade para a rede.

Fomos levados em movimento, movendo-nos através da multidão. Trent manteve sua conversa leve e amigável, mostrando-me conforme fomos. Eu era um prêmio mula. Eu me encolhi na parte de trás da gaiola e tentei ignorar os sons que as mulheres faziam para mim. Minha boca se sentia como o interior de um secador de cabelo e eu podia sentir o cheiro de sangue velho e urina. E ratos.

Eu podia ouvi-los, também, chiando em vozes superiores que a maioria da audição das pessoas. As batalhas já estavam começando, embora qualquer pessoa com duas pernas não pudesse saber. Bares e plásticos podia separar os participantes, mas as ameaças de violência já vinham sendo prometidas.

Trent encontrou um lugar ao lado do esquisito prefeito da cidade, e depois de aconchegar-me entre seus pés, ele conversou com a mulher de forma lateral sobre os benefícios globais de divisão de zonas de suas propriedades como a indústria ao invés de comercial, visto que uma boa parte de suas terras foi utilizada para ganhos industriais, de uma forma ou de outra. Ela não estava ouvindo até Trent comentar que ele pode ter que mover suas indústrias mais sensíveis para pastagens mais amigáveis.

Foi uma hora de pesadelo. Os chiados ultrassônicos e gritos cortaram através dos baixos sons não percebidos pela multidão. Jonathan manteve um comentário colorido para meu benefício, embelezando as monstruosidades ocorrendo na cova. Nenhuma das rodadas demorou, foram dez minutos no máximo. O súbito silêncio seguido por explosões dos selvagens observadores foi bárbaro. Logo eu podia sentir o cheiro de sangue, Jonathan parecia gostar de expor em cima e eu estava pulando em cada troca de pés de Trent.

O público aplaudia educadamente os resultados oficiais do último ataque. Foi uma vitória óbvia. Graças ao Jonathan, eu sabia que o rato vitorioso tinha rasgado a barriga de seu adversário antes que o perdedor tivesse desistido e morreu com seus dentes ainda preso no pé do rato vencedor.

— Angel! — Jim chamou, sua voz mais profunda, levando mais carisma pelo alto-falante. — Possuída e treinada por Kalamack.

Minhas pernas tremiam na descarga de adrenalina. Eu posso vencer um rato, eu pensei enquanto a multidão aplaudia o meu adversário, o Barão Sangrento, no chão. Eu não seria morta por um rato.

Meu intestino apertou conforme Trent escorregava para o banco vazio ao lado da cova. O cheiro era cem vezes pior aqui. Eu sabia que mesmo Trent podia sentir o cheiro visto que seu rosto liso enrugava de desgosto. Jonathan passou avidamente pé por pé atrás dele. Para um cerimonioso e adequado esnobe que pressionou seu colarinho e suas meias, o homem tinha um gosto para esportes de sangue. Os chiados dos ratos eram quase inexistentes agora que metade foi morta e metade foi lamber suas feridas.

Houve um momento ou dois de gentilezas entre os proprietários, seguido por um dramático acúmulo de excitação orquestrado por Jim. Eu não estava escutando sua tagarelice, estava concentrada na minha primeira visão da cova.

O círculo era do tamanho de uma piscina rasa infantil, com paredes de três metros. O chão era de serragem. Manchas escuras decoravam o padrão de dispersão me dizendo que era, provavelmente, de sangue. O cheiro de urina e medo aumentou muito, fiquei surpresa que não podia vê-lo com a neblina no ar. Alguém com humor distorcido colocou brinquedos de animais na arena.

— Cavalheiros? — Jim disse dramaticamente, tirando minha atenção de volta. — Coloquem seus participantes.

Trent puxou a grade próxima ao seu rosto. — Mudei de ideia, Morgan — ele murmurou. — Não quero você como um corredor. Você é mais valiosa para mim matando ratos do que você poderia estar destruindo minha concorrência. Os contatos que posso fazer aqui são impressionantes.

— Eu me viro sozinha — eu rosnei.

No meu chiado áspero, ele destravou a árida grade deixando-me fora. Eu bati a serragem suavemente. Uma sombra de movimentos rápidos no lado mais distante da cova anunciava a chegada do Barão Sangrento. A multidão caiu sobre mim e eu fiz um salto fluido para esconder atrás de uma bola. Eu era um retrospecto mais atraente do que um rato.

De bruços nela a arena era horrível: sangue, urina, morte. Tudo o que eu queria era sair. Meus olhos caíram em cima de Trent e ele sorriu conscientemente. Ele pensou que podia me quebrar... Eu o odiava.

A plateia aplaudiu e me virei para ver o velho Sangrento galopando em minha direção. Ele não era tão longo como eu, mas era forte. Eu suponho que nós pesávamos aproximadamente o mesmo. Chiados vieram dele sem parar enquanto ele corria. Eu congelei, sem saber o que fazer. No último momento eu pulei para fora do caminho, chutando-o quando ele veio perto. Foi um ataque que eu tinha usado como um corredor centenas de vezes. Foi instintivo, embora como um visom faltasse eficácia e graça. Eu terminei o pontapé agachando-me, observando o rato derrapar em uma parada.

O Barão hesitou, encolhendo o lado onde eu o feri. Ele tinha ido silenciosamente.

Mais uma vez ele correu para mim, a multidão incitando-o. Desta vez mirei com mais precisão, marcando em seu rosto comprido assim que eu pulei ao lado. Aterrissei inclinada, minhas 'patas' dianteiras automaticamente entrando em uma quadra como se eu estivesse lutando contra uma pessoa. O rato deslizou a uma rápida parada, chiando e tecendo sua cabeça, como se estivesse tentando se concentrar. A visão de um rato é mínima. Eu poderia usar isso.

Fazendo barulho como algo louco, o Barão correu para mim pela terceira vez. Eu estiquei, planejando saltar para cima, caindo em suas costas e sufocá-lo até a inconsciência. Eu estava enjoada e doente do coração. Eu não mataria por Trent. Nem mesmo um rato. Se eu sacrificasse um princípio, uma ética, ele teria meu corpo e alma. Se eu cedesse para os ratos, amanhã seriam pessoas.

O barulho da multidão crescia enquanto o Barão corria. Eu pulei. — Merda! — Eu rangi enquanto ele deslizava para parar embaixo de mim, retorcendo-se em suas costas. Eu ia cair bem em cima dele!

Eu bati com um baque suave, gritando enquanto seus dentes trancavam em meu nariz. Em pânico, tentei me afastar, mas ele segurou exercendo apenas pressão suficiente para que eu não pudesse me libertar. Retorcendo-me para fora dele, eu escavava em seu aperto, esmurrando sua

barriga com meus pés. Chiando com meus golpes, ele tomou o abuso, perdendo lentamente o seu agarre. Ele finalmente soltou o suficiente para que eu pudesse me mexer para longe.

Eu me inclinei para trás, esfregando meu nariz e me perguntando por que ele não tinha simplesmente dado o fora.

O Barão virou em seus pés. Ele tocou o lado onde eu tinha empurrado primeiro, então seu rosto, e depois em seu meio onde meus pés tinham batido, classificando a lista de machucados que eu tinha dado a ele. Sua pata alcançou seu nariz e o esfregou e eu comecei a perceber que ele estava me imitando. O Barão era uma pessoa!

— Santa merda! — Eu gritei, e o Barão sacudiu a cabeça uma vez. Minha respiração veio rápida e meu olhar disparou para as paredes ao redor e as pessoas pressionadas nela. Junto poderíamos sair, mas sozinhos não. O Barão fez ruídos macios para mim e a multidão ficou em silêncio.

Não havia nenhuma maneira de eu perder essa chance. Ele retorceu seus bigodes e eu ataquei. Rolamos pelo chão uma luta inofensiva. Tudo o que eu tinha que fazer era descobrir um jeito de sair de lá e comunicar o Barão sem Trent perceber.

Batemos em uma roda de treino que se partiu em pedaços. Encontrei meus pés e me virei, olhando para ele. Nada. — Barão — eu gritei, mas ele se foi. Eu girei, me perguntando se a mão abaixada tinha sido arrancada dele. Um rítmico arranhão veio de uma torre próxima dos blocos. Eu lutei contra o impulso de me virar. Alívio me inundou. Ele ainda estava aqui. E agora eu tive uma ideia.

A única vez que as mãos desceram foi quando o jogo acabou. Um de nós ia ter que fingir morrer.

— Hey! — eu gritei quando o Barão caiu sobre mim. Dentes afiados trancados em minha orelha, rasgando-a. O sangue correndo em meus olhos, quase me cegando. Furiosa, arremessei-o sobre meu ombro. — O que diabos há de errado com você? — Eu gritei quando ele tombou. A multidão aplaudiu freneticamente, rejeitando claramente nosso comportamento inquieto anterior.

O Barão começou uma longa série de chiados, sem dúvida tentando explicar o seu pensamento. Eu ataquei, apertando sua traquéia e fechando-a. Suas patas traseiras me socando enquanto eu cortava seu suprimento de ar. Retorcendo-se, ele alcançou meu nariz, cortando-o com suas unhas. Eu aliviei meu aperto sob as agulhas de suas garras, permitindo ar para ele.

Ele relaxou compreendendo. — Você não deveria estar morto ainda — Eu disse, meus gritos deformados por sua pele em minha boca. Eu segurei até que ele gritou e começou a se debater ineficiente. A multidão aumentou seus ruídos, provavelmente pensando que a Angel estava indo ganhar sua primeira vitória. Olhei para Trent. Meu coração deu um baque com seu olhar desconfiado. Isso não iria funcionar. O Barão poderia escapar, mas não eu. Eu teria que morrer, não o Barão.

— Lute comigo — eu rangi, sabendo que ele não entenderia. Eu afrouxei minha força até que meu queixo foi deslizando. Não entendendo, o Barão ficou mole. Eu bati meu pé traseiro em sua virilha.

Ele uivou de dor, arrancando-se do meu aperto frouxo. Eu deslizei para longe. — Lute comigo, mate-me — Eu tremia. A cabeça do Barão girava enquanto ele tentava se concentrar. Eu ofereci minha cabeça lançando em direção a multidão. Ele piscou, supostamente para obtê-la e atacou. Suas mandíbulas apertando minha traquéia, cortando meu ar. Eu me agitei, nos enviando para colidir com as paredes. Eu ouvia os gritos das pessoas sobre o som do sangue pulsando em minha cabeça.

Seu aperto era firme, muito firme para respirar. A qualquer momento, pensei desesperadamente... Você pode me deixar sem respirar a qualquer momento. Eu nos enviei esmurrando em uma bola e ele ainda não afrouxava. O medo agitou-me. Ele era uma pessoa, não era? Eu não tinha acabado de deixar um rato obter o controle da minha morte, tinha?

Eu comecei a lutar sério. Seu aperto firme. Minha cabeça parecia que ia explodir. Meu sangue martelava. Eu me torci e contorci, arranhando um olho até as lágrimas correrem, mas ainda assim ele não afrouxou. Sacudindo descontroladamente, enviei-nos para bater nas paredes. Encontrei seu pescoço e apertei. Imediatamente, ele aliviou seu aperto. Tomei um generoso gole de ar.

Furiosa, morde duramente, provando seu sangue em meus dentes. Ele me mordeu de volta e eu gritei de dor. Eu aliviei meu aperto. Ele fez o mesmo. O ruído da multidão pressionando, quase tão forte quanto o calor das luzes. Ficamos deitados no chão na serragem, lutando para retardar a respiração de forma a parecer como se estivéssemos sufocando um ao outro. Eu finalmente entendi. Seu proprietário sabia que ele era uma pessoa também. Nós dois tínhamos que morrer.

A multidão estava gritando, querendo saber quem ganhou ou se ambos estavam mortos. Eu olhei através das pálpebras rachadas para encontrar Trent. Ele não parecia feliz e eu sabia que nossa estratégia estava a meio caminho de ser bem sucedido. Barão estava muito quieto. Um pequeno ruído escorregou dele e eu respondi cuidadosamente. Um pulso de entusiasmo correu através de mim e foi embora.

— Senhoras! Senhores! — A voz profissional de Jim dissonando em camadas sobre os ruídos. — Parece que temos um empate. Querem os proprietários, por favor, recuperar seus animais. — A multidão silenciou. — Teremos uma pequena pausa para determinar se um dos participantes está vivo.

Meu coração disparou enquanto as sombras das mãos aproximavam-se. O Barão fez três pequenos ruídos e explodiu em movimento. Eu tardiamente o segui, agarrando a primeira mão que encontrei.

— Cuidado! — Alguém gritou. Eu fui arremessada pelo ar conforme uma mão empurrava para longe. Eu curvei através do ar, chicoteando a parte traseira em círculos frenéticos. Vislumbrei um rosto surpreso e aterrissei no peito do homem. Ele gritou como uma menina e me varreu para fora. Bati no chão duro, atordoada. Levei três respirações rápidas, em seguida balancei debaixo de sua cadeira.

O barulho foi impressionante. Alguém poderia pensar que um leão estava solto, não dois roedores. As pessoas se espalharam. A corrida de pés passando as cadeiras era irreal. Alguém cheirando a lascas de madeira atingiu embaixo. Descobri meus dentes e ele recuou.

— Eu tenho o visom — um funcionário gritou sobre o ruído. — Arranjem-me uma rede. — Ele olhou para longe e eu corri. O batimento tão rápido que era quase um zumbido, desviei os pés e as cadeiras, quase batendo de cabeça na parede oposta. O sangue da minha orelha estava pingando em meu olho, embaçando minha visão. Como eu ia sair de lá?

— Todos mantenham a calma! — A voz de Jim soou pelo auto falante. — Por favor, retornem para a portaria enquanto uma busca é feita. Pedimos que mantenham as portas externas fechadas até que recuperemos os competidores. — Houve uma pausa. — E alguém tire esse cachorro daqui — ele finalizou em voz alta.

Portas? Pensei enquanto espiava dentro do hospício. Eu não precisava de uma porta. Precisava de Jenks.

— Rachel! — Veio uma chamada acima de mim. Eu chiei enquanto Jenks pousava sobre meus ombros com uma batida leve. — Você está uma merda — ele gritou em minha orelha rasgada. — Pensei que aquele rato tivesse despido você. Quando você pulou e agarrou a mão de Jonathan, quase urinei nas calças.

— Onde está a porta? — tentei perguntar. Como ele me encontrou teria que esperar.

— Não tem uma saída — ele disse na defensiva. — Eu saí como você me disse. Acabei de voltar. Quando Trent deixou a casa com aquela caixa de gato, eu sabia que você estava nela. Peguei uma carona embaixo dos para-choques. Aposto que você não sabia como duendes se locomovem pela cidade, não é? É melhor começar a mover essa bunda peluda antes que alguém veja você.

— Onde? — Eu rangi. — Para onde eu vou?

— Há um caminho de volta. Eu fiz uma avaliação durante a primeira luta. Cara, aqueles ratos são perversos. Se você seguir esta parede por cerca de vinte pés, depois descer três escadas, você chegará a um corredor.

Comecei a me mover. Jenks agarrou minha pele mais apertada.

— Ugh. Sua orelha está uma bagunça — ele disse enquanto eu descia as três escadas. — Tudo bem. Desça pelo corredor à direita. Há uma

abertura... Não! Não. — ele gritou quando eu fiz exatamente isso. — É a cozinha.

Eu voltei, congelando ao som de passos nas escadas. Meu coração disparou. Eu não seria capturada. Não seria.

— A pia — Jenks sussurrou. — A porta do armário não é fechada. Depressa.

Localizando, eu corri pelo chão de azulejos, minhas garras raspando suavemente. Presa em meu interior. Jenks passou rapidamente para espiar ao redor da porta e voltou para se esconder atrás de um balde. Eu escutei.

— Eles não estão não cozinha — uma voz gritou, soando abafado. Senti um nó de preocupação afrouxar. Ele havia dito “eles”. Barão continuava livre.

Jenks virou-se, suas asas um borrão invisível, enquanto ele estava no armário. — Droga, é bom ver você. Ivy nada fez, mas olhava fixo para um mapa dos complexos de Trent que ela desenterrou — ele sussurrou. — A noite toda murmurando e rabiscando no papel. Cada folha terminava amassada no canto. Meus filhos estavam tendo uma explosão brincando de esconde-esconde na pilha que ela fez. Eu não acho que ela sabe que eu estou sumido. Ela apenas senta-se naquele mapa dela, bebendo suco de laranja.

Senti o cheiro de sujeira. Enquanto Jenks balbuciava como um viciado de Brimstone precisando de correção, eu explorei o armário fedorento para descobrir que o cano da pia ia por debaixo da casa através de um assoalho de madeira. A fenda entre o ferro e o chão era larga apenas o suficiente para meus ombros. Comecei a mastigar.

— Eu disse, tirem esse cachorro daqui — gritou uma voz abafada. — Não. Espere. Você tem uma serventia para ele. Ele pode encontrá-los.

Jenks chegou perto. — Ei, o chão. Essa é uma boa ideia. Deixe-me ajudá-la. — Jenks pousou perto de mim, ficando no meu caminho.

— Procure o Barão — eu tentei ranger.

— Eu posso ajudar também — Jenks pegou uma vara no formato de um palito de madeira ao redor do buraco.

— O rato — eu rosnei. — Ele não pode ver — Frustrada, eu arremessei uma lata de limpeza da pia. O pó derramou fora e o cheiro de pinheiro tornou-se insuportável. Arrebatando o palito de Jenks, eu escrevi, “procure o rato”. Jenks balançou o ar, uma mão sobre o nariz — Por quê?

— Homem — eu rabisquei. — Não é possível ver.

Jenks sorriu ironicamente. — Você encontrou um amigo! Espere até eu contar para Ivy.

Eu descobri meus dentes, apontando para a porta com minha vara. Ainda ele hesitou. — Você vai ficar aqui? Continuar fazendo esse buraco maior?

Frustrada, eu joguei a vara nele. Jenks pairou para trás. — Tudo bem, tudo bem. Não perca suas calcinhas. Não, espere. Você não tem nenhuma, não é?

Sua risada soou para fora, soando como a própria liberdade, enquanto ele conseguia passar pela fenda da porta. Voltei a mastigar o chão. Tinha um gosto horrível, uma mistura podre de sabão, graxa e mofo. Eu só sabia que ia ficar doente. Tensão enfiada em mim. As súbitas batidas e colisões na frente sacudiram-me. Eu estava esperando o grito triunfante de captura. Felizmente parecia que o cachorro não sabia o que era esperado dele. Ele queria brincar e os ânimos foram diminuindo.

Minhas mandíbulas doíam e sufoquei um grito de frustração. O sabão tinha entrado em um corte na minha orelha e estava ardendo em chamas. Tentei enfiar minha cabeça através do buraco e rastejar no espaço. Se minha cabeça poderia fazê-lo, meu corpo provavelmente poderia também, mas não era grande o suficiente ainda.

— Olhe! — alguém gritou. — Ele está trabalhando agora. Ele tem o perfume deles.

Desesperada, arranquei minha cabeça para fora do buraco. Minha orelha raspou e começou a sangrar novamente. Houve um súbito arranhar no corredor, e redobrei meus esforços. A voz de Jenks veio fracamente sobre o barulho enquanto eu roía. — É a cozinha. Rachel está debaixo da pia. Não. O próximo armário. Depressa. Acho que eles viram você.

Houve uma súbita agitação de luz e ar, eu me sentei, cuspiendo suculentas madeiras em mim.

— Oi! Estamos de volta! Achei o seu rato, Rache.

Barão olhou para mim. Seus olhos estavam brilhando. Imediatamente ele delimitou mais. Sua cabeça mergulhou no buraco e começou a roer. Não havia espaço suficiente para seus grandes ombros. Eu continuei a alargar o buraco em cima. Os latidos do cachorro vieram do corredor. Nós congelamos por um segundo, em seguida, mastigamos. Meu estômago apertou.

— É grande o suficiente? — Jenks gritou. — Vamos, rápido!

Empurrando minha cabeça no buraco ao lado do Barão, roí furiosamente. Houve um arranhão na porta do armário. Feixes de luzes cintilaram enquanto colidiu contra a estrutura. — Aqui! — uma voz gritou. — Tem um aqui.

Esperança morrendo, puxei minha cabeça. Minhas mandíbulas doíam. O sabão de pinho tinha emaranhado minha pele e meus olhos estavam queimando. Virei-me para enfrentar o arranhar das patas. Eu não achava que a abertura era grande o suficiente ainda. Um grito agudo chamou minha atenção. Barão estava agachado ao lado dele, apontando para baixo.

— Não é grande o suficiente para você — eu disse. Barão atacou-me, empurrando-me para o buraco e metendo-me para baixo. O som do cachorro ficou subitamente mais alto e eu caí no espaço.

Braços e pernas esticados, eu tentei prender o cano. A mão dianteira atingiu uma junta soldada. Empurrei-me para uma parada. Acima de mim, o cachorro latia descontroladamente. Houve um arranhar de garras no chão de madeira, em seguida um uivo. Comecei a perder meu controle. Eu caí para a terra seca. Fiquei ali, ouvindo os gritos de morte do Barão.

Eu devia ter ficado, pensei desesperadamente. Eu nunca deveria ter deixado ele me empurrar pelo buraco. Eu sabia que não tinha sido grande suficiente para ele. Houve um arranhão rápido e um baque no chão ao meu lado.

— Você fez isso! — eu rangia, vendo Barão estatelado na poeira.

Jenks voou para baixo, brilhando sob a luz fraca. Havia um cachorro agitado em sua mão. — Você deveria tê-lo visto, Rache — ele disse animadamente. — Ele mordeu o cachorro direto em seu nariz. Ele... Yah! Pow! Slam-bam... Obrigado, minha senhora!

O duende continuou seus círculos ao nosso redor, muito agitado para sentar-se. Barão, entretanto, parecia ter tremeliques. Enrolado em uma confusa bola de pêlos, parecia que ia ficar doente. Eu avancei, querendo agradecer. Toquei-lhe no ombro, e ele pulou, olhando para mim com grandes olhos negros.

— Tire esse cachorro daqui! — veio uma voz irritada através do chão, e nós olhamos para o fraco ponto de luz. O latir começou a enfraquecer e meu batimento aliviou. — Sim — disse Jim. — Aquelas são mastigações frescas. Um saiu por este caminho.

— Como vamos chegar lá? — era Trent, e eu me encolhi, pressionando-me na sujeira.

— Há um alçapão no corredor, mas o lugar o leva para a rua através de alguma abertura de ventilação. — Suas vozes ficaram distantes a medida que se afastavam. — Sinto muito Sr. Kalamack — Jim estava dizendo. — Nós nunca tivemos um fugitivo antes. Vou arranjar alguém para descer lá imediatamente.

— Não. Ela se foi. — Sua voz mantinha um controle, uma suave frustração, e eu senti uma sensação de vitória. Jonathan não ia ter uma volta muito agradável. Endireitei-me para minha posição e dei um suspiro. Minha orelha e meus olhos estavam queimando. Queria ir para casa.

Barão rangia pela minha atenção, apontando para o chão. Eu olhei para encontrar que ele tinha escrito cuidadosas letras... “Obrigado!”.

Não pude segurar um sorriso. Agachada ao seu lado, eu escrevi “de nada”. Minhas letras pareciam desleixadas perto das dele.

— Vocês dois são tão doces — Jenks zombou. — Podemos sair daqui agora?

Barão pulou o anteparo através da abertura, trincando com os quatro pés. Escolhendo cuidadosamente, ele começou a puxar pelas costuras com seus dentes.

Capítulo 23

A minha colher raspava no fundo do recipiente de requeijão. Debruçada sobre ele, juntei o que restava num monte. Meu joelho estava frio e fechei o robe turco azul-escuro sobre ele. Estava comendo como uma maluca, enquanto Barão se transformava de novo numa pessoa e tomava banho no segundo banheiro que Ivy e eu tínhamos determinado ser a minha. Mal podia esperar para ver qual era o seu verdadeiro aspeto. Ivy e eu tínhamos concordado que, se tinha sobrevivido às lutas de ratazanas sabe-se lá durante quanto tempo, tinha de ser um gato. Deus sabia com ele era corajoso, um cavalheiro e não se assustava com vampiros, sendo esta sua última característica a mais intrigante, tendo em conta que Jenks dissera que ele era humano.

Jenks tinha ligado para Ivy para nos encontrar no caminho do primeiro telefone que encontramos. O som da sua máquina — que havia acabado de sair da oficina, depois de passar por baixo de um caminhão na semana anterior — chegou aos meus ouvidos como uma música dos anjos. Quase chorei ao ver como ela estava preocupada, quando desceu do assento, vestida de motoqueira dos pés à cabeça. Havia alguém que se importava se eu vivia ou morria. Não me interessava que fosse uma vampira cujos motivos eu ainda não conseguia compreender.

Nem Barão nem eu queríamos entrar na caixa que ela trouxera, e depois de uma discussão de cinco minutos, constituída pelos protestos dela e os nossos guinchos, acabou atirando a caixa para o fundo de um beco, e, com um grunhido de frustração, deixou-nos subir na moto.

Ivy não estava no seu melhor humor quando deixamos o beco, também pudera, ela estava com um visom e uma ratazana empoleirados em seu depósito de combustível. E as patas estavam na frente do minúsculo painel. Quando, por fim, nos libertamos do pior do trânsito de sexta-feira à

noite e conseguimos ganhar velocidade, percebi porque é que os cães gostam de enfiar a cabeça na janela.

Andar de moto era sempre uma emoção, mas, sob a forma de um roedor, era uma aventura olfativa. De olhos semicerrados e com os bigodes dobrados para trás pelo vento, viajei até em casa em grande estilo. Não queria saber se Ivy estava recebendo olhares estranhos e se as pessoas não paravam de buzinar para nós. Eu tinha a certeza de que ia ter um orgasmo cerebral devido à sobrecarga de informações. Quase lamentei quando Ivy virou para a nossa rua.

Agora, com um dedo eu empurrava o resto do queijo para a colher, ignorando a imitação de um porco de Jenks, pousado na concha de sopa que se encontrava pendurada na ilha. Eu ainda não parara de comer desde que perdera o pêlo, mas como só tinha comido cenouras durante os últimos três dias e meio, tinha direito a um pequeno abuso.

Pousando o recipiente vazio sobre o prato sujo à minha frente, perguntei-me se a transformação doeria mais ou menos para um ser humano. Pelo gemido de dor, abafado e masculino que veio do banheiro antes de se ouvir o chuveiro, calculei que doesse mais ou menos o mesmo.

Embora tivesse tomado banho duas vezes, achava que ainda conseguia sentir o cheiro de visom sob o perfume. A minha orelha rasgada latejava, o meu pescoço tinha marcas vermelhas no local onde Barão tinha me mordido e a minha perna esquerda estava roxa da queda contra a roda de exercício... Mas era bom ser uma pessoa de novo. Olhei de relance para Ivy que lavava a louça e perguntei-me se devia ter costurado a orelha.

Contei para Ivy e Jenks tudo o que tinha acontecido nos últimos dias, revelando-lhes um pouco sobre o meu cativeiro, mas nada sobre o que tinha aprendido enquanto lá estava. Ivy não dissera nada, mas sabia que ela estava com vontade de me dizer que eu tinha sido uma idiota por não ter um plano de contingência para a fuga.

Ivy levou a mão à torneira fechando-a, depois de ter passado água no último copo. Pondo-o para secar, voltou-se e secou as mãos no pano de prato. Ver uma vampira alta e esguia, toda vestida de motoqueira, lavando

louça quase valia o preço que era preciso pagar para se ter a minha vida louca.

— Muito bem, deixa ver se compreendi tudo — disse ela, encostando-se no balcão. — Trent te pegou com a mão na massa e em vez de te entregar, te inscreveu nas lutas de ratazanas da cidade, para tentar te humilhar e fazer com que você concordasse em trabalhar para ele?

— Sim. — Estiquei-me para levar a mão ao saco de biscoitos eu estava junto ao computador de Ivy.

— Sinistro. — Ela avançou para buscar meu prato vazio. Depois de lavá-lo, colocou ao lado dos copos, para secar. Além dos meus pratos, não havia travessas, talheres ou tigelas... Só cerca de vinte copos, todos com um resto de sumo de laranja no fundo.

— Da próxima vez que decidir enfrentar alguém como Trent, podemos pelo menos armar um plano antes? Caso você seja capturada de novo! — perguntou, de costas viradas para mim e ombros tensos.

A irritação levou-me a levantar a cabeça do pacote de bolachas. Inspirei fundo, preparando-me para lhe dizer que podia agarrar seus planos e usá-los como papel higiênico, mas hesitei. Ela tinha os ombros tão rígidos como o resto do corpo. Lembrei-me do quão preocupada Jenks contara que estava e do que ela dissera sobre o fato de eu perder as estribeiras lhe avivar os instintos. Lentamente, expirei.

— Claro — disse, de forma hesitante. — Podemos fazer um plano de contingência para quando eu fizer besteira, desde que façamos um para você também.

Jenks riu e Ivy lançou a ele um olhar de soslaio.

— Não precisamos de um para mim — disse.

— Escreve e cola junto ao telefone — disse eu, em tom casual. — Eu farei o mesmo. — Estava apenas brincando, mas perguntei-me se, em toda a sua glória obstinada, ela não o faria mesmo.

Sem dizer nada, Ivy, não se sentindo satisfeita por deixar os copos e pratos secando sozinhos, começou a enxugá-los. Mordi mais uma bolacha

de gengibre, vendo a tensão desaparecer de seus ombros e os movimentando mais lentamente.

— Tens razão — disse eu, pensando que lhe devia pelo menos isso. - Nunca tive ninguém com quem pudesse contar... — hesitei. — Não estou habituada.

Ivy voltou-se, surpreendendo-me com o alívio da sua postura.

— Hei, não se preocupe.

— Oh, salvem-me! — disse Jenks do corredor dos talheres. — Acho que vou vomitar.

Ivy atirou a toalha nele, os lábios retorcidos num pequeno sorriso.

Observei-a atentamente, enquanto ela recomeçava a enxugar a louça. Manter-me calma e ceder a raiva fazia toda a diferença. Agora que pensava nisso, despejamos com um pouco mais de controle, tudo que nos tínhamos aguentado durante o ano que tínhamos trabalhado juntas. No entanto, era mais difícil manter-me calma quando estávamos rodeadas por todas as coisas dela e nenhuma das minhas. Sentia-me vulnerável e irritável.

— Você devia tê-la visto, Rachel — disse Jenks, num sussurro conspiratório mas audível. — Sentada, de dia e de noite, em frente aos mapas, tentando encontrar uma forma de te libertar do Trent. Eu disse-lhe que tudo o que era preciso era mantermo-nos atentos e ajudarmos se fosse possível.

— Cala boca Jenks — a voz de Ivy parecia, de súbito, carregada de avisos.

Enfiei a última bolacha na boca e levantei-me para jogar fora a embalagem.

— Ela tinha um plano grandioso — disse Jenks. — Ela retirou do chão quando foste tomar banho. Ia pedir que lhe pagassem todos os favores que lhe deviam. Até falou com a mãe.

— Vou arranjar um gato — disse Ivy, tensa. — Um grande gato preto.

Peguei o saco de pão que estava em cima do balcão e tirei o frasco de mel do fundo do armário onde o tinha escondido de Jenks. Levando tudo aquilo para a mesa, sentei-me e coloquei as coisas.

— Ainda bem que você fugiu naquela hora — disse Jenks, abanando a concha da sopa e lançando feixes de luz pela cozinha. — Ivy estava prestes a vender o pouco que lhe resta para ir atrás de você... Outra vez.

— Vou te chamar Pó de Pixy — dizia Ivy. — Vou mantê-lo no jardim e não o vou alimentar.

O meu olhar deixou Jenks, que se silenciara de súbito, e fixou-se em Ivy. Tínhamos acabado de ter uma discussão calma e cintilante, sem dentadas, vampirismos e medos. Por que é que Jenks tinha de estragar tudo?

— Jenks — disse, com um suspiro. — Não tem nada para fazer?

— Não. — Desceu, metendo a mão no fio de mel que eu estava derramando sobre uma fatia de pão. Afundou-se cerca de dois centímetros e meio, por causa do peso, depois se ergueu. — Então, vai ficar com ele?

Olhei para Jenks, sem perceber, e ele riu.

— O teu novo na-a-a-morado — disse ele, arrastando a voz.

Cerrei os lábios ao ver a expressão divertida nos olhos de Ivy. — Ele não é meu namorado.

Jenks esvoaçou sobre o frasco de mel aberto, tirando fios brilhantes que levava à boca.

— Eu te vi com ele na moto — disse Jenks. — Hum, isso é bom. — Tirou mais uma mão cheia, agitando as asas até zumbirem. — As suas caudas estavam tocando uma na outra — gozou.

Irritada, agitei a mão na sua direção. Ele voou, desviando-se, depois regressou.

— Devia ter visto, Ivy. Rebolaram pelo chão, morderam-se um ao outro. — ele riu e o riso tornou-se uma gargalhada aguda. Inclinei len-

tamente a cabeça enquanto ele deslizava para a esquerda. —Foi amor à primeira dentada.

Ivy virou-se.

— Ele te mordeu no pescoço? — disse ela, a expressão séria traída pelos olhos. v Oh, então só pode ser amor. Ela não deixa que eu lhe morda o pescoço.

O que era aquilo? O dia de implicar com a Rachel? Não me sentindo muito confortável, peguei outra fatia de pão para completar meu sanduíche e enxotei Jenks do mel. Ele agitou-se lutando para manter um padrão de voo estável, enquanto o açúcar o deixava ébrio.

— Hei, Ivy — disse Jenks enquanto deslizava para o lado e lambia os dedos. — Sabe o que dizem sobre o tamanho da cauda de uma ratazana, não sabe? Quanto mais comprida a cauda, maior o...

— Cala boca! — gritei. O chuveiro parou e segurei a respiração. Senti um impulso de antecipação que me fez saltar da cadeira. Olhei de relance para Jenks que ria embriagado pelo mel. — Jenks — disse, sem querer sujeitar Barão a um pixy ébrio. — Sai.

— Nem pense nisso — disse ele, agarrando mais uma mão cheia de mel.

Irritada, tapei o frasco. Jenks emitiu uma série de pequenos ruídos aflitos e eu sacudi-o até ao local onde os utensílios de cozinha estavam pendurados. Com alguma sorte, ficaria por ali até passar sua bebedeira. O que seria dentro de quatro minutos, no máximo.

Ivy saiu, murmurando qualquer coisa sobre os copos que estavam na sala de estar. A gola do meu robe estava úmida por causa do cabelo e o puxei dela. Limpei o mel dos dedos, incapaz de me manter quieta no que se parecia com uma crise de nervos provocada por um encontro às cegas. Aquilo era uma tolice. Eu já o conhecia. Até tínhamos tido a versão roedor de um primeiro encontro: uma passagem gloriosa pelo ginásio, uma rápida fuga de outras pessoas e cães, até um passeio de moto pelo parque. Mas o que é que se diz a um tipo que não você conhece e que te salvou a vida?

Ouvi a porta do banheiro ranger ao ser aberta. Ivy parou de súbito no corredor, o rosto lívido, as duas canecas penduradas nos dedos. Puxei o robe para cima das canelas, perguntando-me se me deveria levantar. A voz de Barão passou por ela e entrou na cozinha.

— Você é a Ivy, certo?

— Hum... — Ivy hesitou. — Está... hum... Com o meu robe — terminou e eu me encolhi... Ótimo. Ele tinha o cheiro dela sobre o corpo. Bom começo.

— Oh! Desculpa. — Ele tinha uma voz agradável. Algo ressonante e rouca. Mal podia esperar para vê-lo. Ivy parecia francamente sem palavras. Barão inspirou ruidosamente. — Encontrei na secadora... Não havia mais nada para vestir. Talvez devesse enrolar-me numa toalha...

Ivy hesitou.

— Hum, não — disse ela, com um ligeiro toque de divertimento na voz. — Está tudo bem. Ajudaste a Rachel a fugir?

— Sim. Ela está na cozinha? — perguntou ele.

— Entra. — Ivy estava revirando os olhos quando entrou à frente dele. — É um nerd — disse, movendo os lábios e eu fiquei boquiaberta. Um nerd tinha salvado a minha vida?

— Hum, olá — disse ele, erguendo-se de forma constrangedora junto à porta.

— Olá — disse eu, extremamente desconcertada para dizer qualquer outra palavra enquanto descia sobre ele o meu olhar. chamá-lo de nerd não era justo, mas levando em conta o tipo de homem com que Ivy costumava sair, poderia sê-lo.

Barão não era tão alto quanto Ivy, mas a sua forma era tão esguia que parecia mais alto. Os braços pálidos, visíveis sob o manto preto de Ivy, tinham uma ou outra cicatriz, provavelmente resultado de combates anteriores de ratazanas. Tinha o rosto barbeado — eu tinha de arranjar outra lâmina de barbear, o mais certo era que a que pedira emprestada a Ivy estivesse estragada —, recortes nos limites das orelhas, duas marcas de

cada lado do pescoço se sobressaíam, vermelhas e de aspeto doloroso... Combinavam com as minhas e eu senti-me ruborescer de embaraço.

Apesar, ou talvez devido, à sua estrutura esguia, tinha um aspeto simpático, algo infantil. O cabelo escuro era comprido e a forma como o afastava continuamente dos olhos levou-me a pensar que costumava mantê-lo mais curto. O robe fazia com que parecesse suave e confortável, mas a forma como a seda negra se retesava sobre os seus músculos fazia com que os meus olhos se fixassem continuamente nele. Ivy estava sendo muito crítica. Ele tinha músculos demais para ser um nerd.

— Tens cabelo ruivo — disse ele, começando a andar. — Pensei que fosse castanho.

— Eu pensei que fosse... hum... Mais baixo. — Levantei-me quando se aproximou, e, depois de um momento de constrangimento, ele estendeu o braço sobre o canto da mesa. Está bem, não era o Arnold Schwarzenegger, mas tinha salvado a minha vida. Talvez estivesse entre um Jeff Goldblum mais baixo e mais jovem e um Buckaroo Banzai desleixado.

— Me chamo Nick — disse ele, ao apertar a minha mão. — Bem, Nicholas, na verdade. Obrigado por me ajudar a sair daquele fosso de ratazanas.

— Sou Rachel. — Ele tinha um bom aperto de mão. Utilizava a quantidade certa de firmeza, sem tentar provar a sua força. Apontei para uma das cadeiras da cozinha e sentamos dois. — E... Não tem de quê. Acabamos por nos ajudar um ao outro. Pode dizer que não tenho nada a ver com isso, mas como raios é que acabaste como uma ratazana nas lutas da cidade?

Nick esfregou uma mão magra atrás de uma orelha e fitou o teto.

- Eu... hum... Estava a catalogando a biblioteca privada de um vampiro. Encontrei algo interessante e cometi o erro de levá-lo para casa. -
— Os olhos dele cruzaram-se com os meus com uma expressão inocente. — Eu não ia ficar com aquilo.

Ivy e eu trocamos olhares. Só estava levando emprestado. Ce-e-e-erto. Mas se já tinha trabalhado com vampiros, isso poderia explicar o seu à vontade com Ivy.

— Transformou-me numa ratazana quando descobriu — continuou Nick — depois me deu para um dos seus sócios como presente. Foi ele quem me inscreveu nas lutas, sabendo que, como ser humano, tinha a vantagem da inteligência. Fiz muito dinheiro, ao menos. E você? — perguntou ele. — Como é que foi parar naquele lugar?

— Hum... Fiz um feitiço para me transformar em visom e fui parar nas lutas por engano. — Não era exatamente uma mentira. Eu não tinha planejado aquilo, por isso fora accidental. Realmente.

— É uma bruxa? — disse ele, com um sorriso a espalhando no rosto. — Legal. Não tinha certeza.

Um sorriso espalhou pelo meu. Já tinha cruzado com alguns humanos como ele, que achavam que os Inderlander eram apenas o outro lado da moeda da humanidade. Era sempre uma surpresa e um prazer.

— O que são aquelas lutas? — perguntou Ivy. — Uma espécie de câmara de compensação do crime onde nos podemos ver livres de pessoas sem ficar com sangue nas mãos?

Nick abanou a cabeça.

— Acho que não. Rachel foi a primeira pessoa com quem me encontrei. E estive lá durante três meses.

— Três meses... — disse eu, chocada. — Você foi uma ratazana durante três meses?

Ele remexeu-se na cadeira e apertou o nó do robe.

— Sim. Tenho certeza de que as minhas coisas já foram todas vendidas para pagar as contas em atraso, mas tenho mãos outra vez. — Ergueu-as e reparei que, embora magras, estavam repletas de calos.

Encolhi-me por simpatia. Em Hollows era prática corrente vender as coisas do devedor caso este desaparecesse. As pessoas desapareciam com

muita frequência. Também já não tinha emprego, pois tinha sido "despedido" do último.

— Mora mesmo numa igreja? — perguntou.

O meu olhar seguiu o dele, percorrendo a cozinha de aspeto claramente institucional.

— Sim. Ivy e eu mudamo-nos para cá há alguns dias. Não ligue para corpos enterrados nos fundos.

Ele sorriu um meio sorriso encantador. Deus me ajude, mas fazia com que parecesse um rapazinho perdido. Ivy, mais uma vez junto ao lava-louça, deu uma risadinha sussurrada.

— Mel — gemeu a vozinha de Jenks, vinda do teto, puxando a minha atenção para cima. Ele espreitou da concha da sopa, agitando as asas até estas se tornarem invisíveis quando reparou em Nick. Voando de forma insegura, quase caiu em cima da mesa. Eu encolhi-me, mas Nick sorriu.

— Jenks, certo? — perguntou Nick.

— Barão — disse Jenks, cambaleando enquanto tentava apresentar a sua melhor pose de Peter Pan. — Fico feliz por poder fazer além de guinchar. Você me dava dores de cabeça. Guincho, guincho, guincho. Essa coisa ultrassônica dói mesmo a cabeça.

— Meu nome é Nick. Nick Sparagmos.

— Então, Nick — disse ele — Rachel quer saber como é ter umas bolas maiores do que a cabeça e que se arrastam pelo chão.

— Jenks! — gritei. Oh, Deus me ajude! Abanando a cabeça violentamente, em negação, olhei para Nick, mas ele parecia ter entrado na brincadeira, os olhos brilhando e o rosto comprido aberto num sorriso.

Jenks inspirou fundo, fugindo do caminho quando o tentei agarrar. Estava recuperando rapidamente o equilíbrio.

— Hei, tens uma cicatriz no pulso — disse, rapidamente.

— A minha mulher... Uma garota amorosa... Cuida de mim. É uma maravilha com a agulha.

— Queres alguma coisa para pôr no pescoço? — perguntei, tentando mudar de assunto.

— Não. Está tudo bem — disse Nick. Esticou-se lentamente, como se estivesse rígido, encolhendo-se repentinamente quando tocou no meu pé enfiado num chinelo. Tentei não parecer muito óbvia ao olhar para ele. Jenks foi muito mais arrojado.

— Nick— disse Jenks, aterrando ao seu lado junto da mesa. — Alguma vez viste uma cicatriz assim? — Jenks ergueu a manga mostrando uma cicatriz irregular que lhe ia do pulso ao cotovelo. Jenks usava sempre camisas de seda, de manga comprida e calças. Eu não sabia que ele tinha cicatrizes.

Nick assobiou e Jenks resplandeceu.

— Esta foi uma fada — disse Jenks. — Andava atrás do mesmo alvo que o meu agente. Alguns segundos no teto, com a florzinha de asas de borboleta, e ele levou o seu agente para outro lado.

— Tá brincando! — Nick parecia impressionado quando se inclinou para frente. Cheirava bem: sobretudo não cheirava a animal/homem e nem qualquer toque de sangue. Os olhos dele eram castanhos. Eu gostava de olhos humanos. Podia-se olhar para eles sem nunca ver mais do que aquilo que se estava à espera.

— E essa? — Nick apontou para uma cicatriz circular na clavícula de Jenks.

— Uma picada de abelha — disse Jenks. — Fiquei de cama durante três dias com tremores e calafrios, mas mantivemos a propriedade dos vasos de flores do lado sul. Como é que arranjaste essa? — perguntou, erguendo-se no ar e apontado para a cicatriz algo viva que envolvia o pulso de Nick.

Nick olhou para mim, depois desviou os olhos.

— Uma grande ratazana chamada Hugo.

— Parece que quase te arrancava a mão.

— Ele tentou.

— Olha aqui. — Jenks puxou pela bota, arrancando-a juntamente com uma meia quase transparente, revelando um pé deformado. — Um vampiro esmagou-me o pé, quando não fui capaz de me desviar suficientemente rápido.

Nick encolheu-se e eu senti-me mal. Devia ser difícil ter dez centímetros num mundo com quase dois metros. Abrindo a parte superior do robe, mostrou o ombro e a suave curva de um músculo. Inclinei-me para frente, para ver melhor. O suave entrecruzar de cicatrizes parecia criado por pregos e tentei ver até onde iriam. Decidi que Ivy estava enganada. Ele não era um nerd. Os nerds não tinham ventres lisos.

— Foi uma ratazana chamada Pan Peril que me fez estas — disse Nick.

— Então é isso? — Jenks deixou cair a camisa até à cintura. Senti desaparecer qualquer sensação de divertimento quando o corpo repleto de cicatrizes e feridas de Jenks se tornou visível. — Vê aqui? — disse ele, apontando para uma cicatriz redonda e côncava. — Uma espada de fada. Provavelmente teria me matado, mas tinha acabado de casar com a Matalina. Ela me manteve vivo até as toxinas deixarem o meu corpo.

Nick abanou a cabeça lentamente. — Você venceu! — disse. — Não consigo competir com isso.

Jenks ergueu-se vários centímetros no ar, orgulhoso. Eu não sabia o que dizer. O meu estômago roncou e, no óbvio silêncio que se seguiu, murmurei: — Nick, você quer um sanduíche ou algo assim?

Os olhos castanhos que se cruzaram com os meus eram quentes.

— Se não der trabalho!

Levantei-me e arrastei os chinelos cor-de-rosa até a geladeira. — Não dá trabalho nenhum. De qualquer forma, ia fazer qualquer coisa para comer.

Ivy acabou de arrumar o último copo e começou a limpar a pia com detergente em pó. A pia não precisava ser limpa. Ela só estava sendo indiscreta. Ao abrir a geladeira, avalei silenciosamente as embalagens de quatro restaurantes diferentes. Aparentemente, Ivy tinha ido às compras.

Vasculhando no interior, encontrei a mortadela e uma cabeça de alface já velha. Os meus olhos pousaram no tomate sobre a porta e mordi o lábio inferior, esperando que Nick ainda não o tivesse visto. Não o queria ofender. A maior parte dos humanos não tocava num tomate nem mesmo com luvas. Desviando-me para bloquear o seu campo de visão, escondi-o atrás da torradeira.

— Ainda vai comer, hã? — murmurou Ivy baixinho.

— Tenho fome — murmurei em resposta. — Vou precisar de toda a minha força esta noite. — Voltei a enfiar a cabeça na geladeira em busca da maionese. — Agradeceria sua ajuda, se não for incomodar.

— Ajuda para quê? — perguntou Jenks. — Te aconchegar na cama?

Virei com as mãos repletas de coisas para pôr nos sanduíches e fechei a porta da geladeira com o cotovelo.

— Preciso de ajuda para apanhar Trent. E só temos até à meia-noite para fazer.

O voo de Jenks tornou-se irregular. — O quê? — perguntou, sem qualquer ponta de humor.

Ergui o olhar cansado para Ivy. Sabia que ela não ia gostar daquilo. E, verdade seja dita, esperava que com a presença de Nick como uma testemunha, ela não fizesse uma cena.

— Esta noite? — Ivy encostou a parte de trás do pulso nas calças de cintura baixa e olhou para mim fixamente. — Queres ir atrás dele, esta noite? — Os olhos dela pousaram em Nick, depois em mim. Secou as mãos numa toalha e a atirou na pia. — Rachel posso falar com você no corredor?

Franzi a sobrelanceira perante a óbvia sugestão de que não se podia confiar em Nick. No entanto, com um suspiro exasperado, larguei tudo o que tinha nos braços sobre o balcão.

— Com licença — disse, dirigindo a Nick um sorriso de desculpas. Irritada, segui para o exterior da cozinha. Parei abruptamente quando vi Ivy a meio caminho dos nossos quartos... Sua silhueta de vespa ameaçadora na

escuridão do corredor. O cheiro avassalador de incenso, naquele espaço confinado, deixou-me tensa como uma mola.

— O que é? — disse, rapidamente.

— Deixar que o Nick saiba do teu problema não é boa ideia — disse ela.

— Ele tem sido uma ratazana durante os últimos três meses — disse eu, recuando. — Como raios poderia ser um assassino da I.S? O pobre homem nem sequer tem roupas e está preocupada com a possibilidade dele me matar?

— Não — protestou ela aproximando-se mais, até eu ficar com as costas encostadas na parede. — Mas quanto menos ele souber sobre você, mais seguros estarão os dois.

— Oh! — o meu rosto estava gelado. Ela estava muito próxima.

Que tivesse perdido a noção de espaço pessoal não era um bom sinal.

— E de que é que vai acusar o Trent? — perguntou ela. — De te ter mantido como um visom de estimação? De ter inscrito você nas lutas de ratazanas da cidade? Se for se queixar para I.S, você está morta!

A sua fala tinha abrandado até se tornar num tórrido arrastar. Eu tinha de sair daquele corredor.

— Depois de três dias com ele, tenho mais do que isso.

Da cozinha chegou a voz de Nick.

— A I.S? — dizia em voz alta. — Foram eles que te puseram nas lutas de ratazanas, Rachel? Não era uma bruxa negra?

Ivy saltou. Os olhos regressaram à sua cor castanha. Parecendo atrapalhada, recuou.

— Desculpa — disse, lentamente. Sem dúvida nada contente, Ivy regressou à cozinha. Aliviada, segui atrás dela e deparei-me com Jenks empoleirado no ombro de Nick. Perguntei-me se Nick teria uma audição muitíssimo apurada ou se Jenks lhe tinha contado tudo. Apostava na última

hipótese. A pergunta de Nick sobre a magia negra tinha sido perturbadora pela sua casualidade.

— Não — disse Jenks, soando convencido. — A magia da Rachel é mais branca que o traseiro dela. Desistiu da I.S e trouxe a Ivy com ela. A Ivy era a melhor agente que eles tinham. O Denon, o chefe delas, pôs a cabeça da Rachel a prêmio por isso.

— Você era uma agente da I.S — disse Nick. — Estou entendendo... Mas como é que acabaste nas lutas de ratazanas?

Ainda nervosa, olhei para Ivy, que recomeçara a esfregar a pia novamente e ela encolheu os ombros. Lá se ia a ideia de manter o garoto-ratazana no escuro. Arrastando os pés de volta até ao balcão, retirei do saco seis fatias de pão.

— O Sr. Kalamack apanhou-me no gabinete dele à procura de provas de que negocia biomedicamentos — disse eu. — Achou que seria mais divertido inscrever-me nas lutas de ratazanas do que entregar-me.

— O Kalamack? — perguntou Nick, abrindo os olhos grandes. — Está falando de Trent Kalamack? O vereador? Ele trafica em biomedicamentos? — O robe de Nick abriu-se até aos joelhos e desejei que se abrisse só um bocadinho mais.

Presunçosa, coloquei duas fatias de mortadela sobre três fatias de pão. — Sim, mas enquanto estive presa descobri que o Trent não se limita a traficar biomedicamentos — hesitei, de forma melodramática. — Também os produz — concluí.

Nick ficou branco como a cal. Eu não o culpava. Os humanos tinham pavor da manipulação genética, por motivos óbvios. E se alguém como Trent Kalamack se envolvesse em tal coisa, era muito preocupante. Em especial tendo em vista que não era claro de que lado da fronteira entre humanos e Inderlanders se encontrava ele.

— O Sr. Kalamack não — dizia Nick, transtornado. — Eu votei nele. Nas duas vezes. Tens certeza?

Também Ivy parecia preocupada.

— Ele é um bioengenheiro?

— Bem, financia-os — disse eu. E mata-os, deixando os seus cadáveres a apodrecer no chão do gabinete. — Tem um carregamento saindo pela Southwest, esta noite. Se conseguirmos interceptar e ligar a ele, posso usá-lo para pagar o meu contrato. Jenks, ainda tem aquela página da agenda?

O pixy acenou. — Está escondida no meu tronco.

Abri a boca para protestar, mas conclui que não era um mau local. O som da faca era audível, enquanto espalhava a maionese no pão e terminava os sanduíches. Nick ergueu a cabeça das mãos. O rosto longo estava sério e ele parecia pálido.

— Engenharia genética? Trent Kalamack tem um biolaboratório? O vereador?

— Vão adorar o resto — disse eu. — Francis é responsável por manter a I.S longe.

Jenks grunhiu, voando até ao teto e voltando a descer.

— Francis? Tem certeza de que não bateste com a cabeça, Rache?

— Ele trabalha para Trent, é tão certo como o fato de eu ter passado os últimos quatro dias comendo cenouras. Eu o vi. Sabem aquelas apreensões de Enxofre que Francis tem conseguido? A promoção? Aquele carro? — Não terminei a minha linha de raciocínio, permitindo que Jenks e Ivy chegassem às suas conclusões.

— Filho de um cachorro! — exclamou Jenks. — As apreensões de Enxofre servem de distração!

— Sim. — Cortei os sanduíches ao meio. Contente comigo mesma, coloquei um num prato para mim e dois num prato para Nick, ele estava magro. — Trent mantém a I.S e o F.I.B se ocupando com o Enxofre enquanto o verdadeiro ganha-pão sai pelo outro lado da cidade.

Os movimentos de Ivy eram lentos e pensativos, enquanto lavava o detergente em pó das mãos, uma vez mais.

— Francis não é assim tão esperto — disse ela, enquanto secava os dedos e pousava a toalha.

Fiquei quieta.

— Não, não é. Vai acabar por ser apanhado e preso. — Jenks aterrou ao meu lado.

— Denon vai fazer xixi nas calças quando ficar sabendo — disse.

— Esperem. — Ivy estava mais alerta. O anel castanho dos olhos dela estava diminuindo. Era de excitação e não de fome. — Quem nos garante que Denon não está também no bolso do Trent? Precisa de provas antes de ir à I.S Eles preferem te matar a te ajudar a apanhá-lo. E para pegá-lo vai ser preciso mais do que nós duas e uma tarde de planeamento.

Franzi a sobancelha, preocupada. — Esta é a minha única oportunidade, Ivy — protestei. — Alto risco ou não.

— Hum... — A mão de Nick tremia, quando ele a levou num sanduíche. — Por que não vão ao F.I.B?

Ivy e eu ficamos num silêncio cortante. Nick deu uma dentada e engoliu.

— O F.I.B entraria nos subúrbios de Hollows à meia-noite para seguir uma pista sobre biomedicamentos, em especial se o Sr. Kalamack estivesse envolvido. Se tiver uma prova qualquer, eles vão dar uma espiada.

Voltei-me para Ivy, incrédula. O rosto dela estava tão branco como eu sentia o meu. — O F.I.B?

As rugas na minha testa suavizaram-se e senti que um sorriso regressava ao meu rosto. Nick tinha razão. Só a rivalidade entre o F.I.B e a I.S era suficiente para deixá-los interessados.

— Trent ficaria ferrado, o meu contrato seria pago e a S.I se passaria por ridícula. Gosto disso. — Dei uma dentada, limpando a maionese do canto dos lábios, quando o meu olhar se cruzou com o de Nick.

— Rachel — disse Ivy, cautelosa. — Posso falar contigo por um instante?

Olhei para Nick de relance, voltando a sentir minha raiva a crescer. O que é que ela queria agora? Mas já tinha saído.

— Desculpa — disse eu, erguendo-me e apertando, nervosa, o nó do meu robe. — A princesa da paranoia quer dar uma palavrinha. — Ivy afastou o olhar. Não devia haver problema.

Nick limpou uma migalha do peito, imperturbável.

— Se incomoda de que faça café? Estou mortinho de vontade de uma xícara há três meses.

— Claro. O que quiser — disse eu, feliz por ele não se sentir insultado pela desconfiança de Ivy. Ele tinha apresentado um grande plano e Ivy não gostava dele porque não tinha sido ela a primeira a imaginá-lo. — O café está na geladeira — acrescentei, enquanto seguia Ivy para o corredor.

— Qual é o teu problema? — perguntei, ainda antes de ter chegado perto dela. — Ele não passa de um tipo com cola nos dedos. E tem razão. Convencer o F.I.B a ir atrás de Trent é muito mais seguro do que tentar convencer a I.S a ajudar-me.

Não conseguia ver a cor dos olhos de Ivy sob a luz fraca. Começava a ficar escuro na rua e o corredor estava desconfortavelmente escuro com ela ali.

— Rachel, não se trata de um assalto ao posto local de um grupo de vampiros — disse ela. — É uma tentativa de derrubar um dos cidadãos mais poderosos da cidade. Basta que o Nick diga uma palavra errada e você morre.

Senti o estômago apertado pela ideia. Inspirei fundo, depois libertei lentamente o ar. — Continua.

— Eu sei que o Nick quer ajudar — disse ela. — Não seria humano, se não quisesse pagar-te, de alguma forma, por tê-lo ajudado a fugir, mas ele vai se magoar.

Eu não disse nada, sabendo que ela tinha razão. Nós éramos profissionais, ele não era. Eu teria de tirá-lo do caminho, de alguma forma.

— O que sugere? — perguntei e a tensão dela diminuiu.

— Por que não o leva lá em cima e vê se as roupas que estão no campanário lhe servem, enquanto eu reservo um lugar nesse avião? — perguntou ela. — Que voo você disse que era?

Prendi um caracol solto atrás da orelha. — Por quê? Basta-nos saber quando parte.

— Podemos precisar de mais tempo. Mesmo assim vai ser apertado.

A maior parte das companhias segura o avião em terra se dissermos que temos restrições em relação à luz do dia. Colocam a culpa no tempo ou numa pequena questão técnica. Não levantam voo enquanto o sol não deixar de brilhar a trinta e oito mil pés.

Restrições em relação à luz do dia? Isso explicava muita coisa.

— O último voo para L.A, antes da meia-noite.

O rosto de Ivy ganhou intensidade, enquanto ela deslizava para aquilo que eu me recordava ser o seu "modo de planejamento" — Jenks e eu vamos ao F.I.B e explicamos tudo — disse ela, num tom de voz preocupado. — Você pode ir com a gente para a apreensão em si.

— Uau, espera lá! Eu vou ao F.I.B A missão é minha.

O seu franzir de sobrancelha era óbvio na escuridão do corredor e eu recuei, sentindo-me desconfortável.

— Não deixa de ser o F.I.B — disse ela, secamente. — Mais seguro? Sim. Mas eles podem, mesmo assim, apanhar-te só pelo prestígio de capturarem um agente que a S.I não conseguiu parar. Alguns daqueles caras adorariam matar uma bruxa e você sabe.

Senti-me doente. — Está bem — concordei, lentamente, a minha boca começava a salivar devido ao som do café fervendo. — Tens razão. Eu mantenho-me à margem até revelares ao F.I.B o que estamos fazendo.

O olhar determinado de Ivy transformou-se numa expressão de choque. — Você acha que eu tenho razão?

O cheiro de café puxava-me de volta à cozinha. Ivy seguiu-me com passos silenciosos. Envolvi o corpo com os braços, quando entrei na sala

mais luminosa. A memória de me esconder das fadas assassinas no escuro esmagava qualquer excitação que pudesse ter sentido quanto à perspectiva de apanhar Trent. Precisava fazer mais alguns feitiços. Feitiços mais fortes. Diferentes. Muito diferentes. Talvez... Talvez negros. Senti-me doente.

Nick e Jenks tinham as cabeças juntas, enquanto Jenks tentava convencê-lo a abrir o frasco de mel. Pelo sorriso de Nick e pelas suas recusas, suaves e contínuas, calculei que ele soubesse algumas coisas sobre pixies, além de vampiros. Fui para perto da cafeteira, esperando que esta terminasse. Ivy abriu um armário e entregou-me três canecas. A pergunta nos seus olhos exigia que eu lhe dissesse por que me sentia, de súbito, nervosa. Ela era uma vampira, era capaz de ler a linguagem corporal melhor do que a Dra. Ruth.

— A I.S continua atrás de mim — disse, suavemente. — Sempre que o F.I.B se prepara para uma importante jogada, a I.S segue-o para se envolver também. Se vou fazer uma aparição pública, preciso de algo que me proteja deles. Algo forte. Posso fazê-lo enquanto estiverem no F.I.B, depois me junto a vocês no aeroporto — disse lentamente.

Ivy estava de pé junto a pia com os braços cruzados e desconfiada. — Isso parece uma boa ideia — arriscou. — Algum trabalho de preparação. Ótimo.

Fiquei rígida com a tensão. A magia negra de terra envolvia sempre matar algo antes de acrescentá-lo à mistura. Em especial os feitiços mais fortes. Pelo visto, estava prestes a descobrir se seria capaz de fazer. Baixando os olhos, organizei as canecas em fila.

— Jenks? — perguntei. — Como é que está o alinhamento de assassinos lá fora?

O vento das asas dele agitou-me o cabelo quando ele aterrou junto à minha mão. — Bastante leve. Há quatro dias que ninguém te vê. Agora por aqui só andam as fadas. Dá cinco minutos aos meus pequeninos e conseguiremos distraí-los o suficiente para que possas escapar, se for preciso.

— Ótimo. Vou sair em busca de novos feitiços assim que acabar de me arranjar.

— Para quê? — perguntou Ivy, o tom carregado de preocupação. - Tens bastantes livros de feitiços.

Senti o suor no pescoço. Não gostava que Ivy soubesse da sua presença. — Preciso de algo mais forte. — Voltei-me e deparei-me com o rosto de Ivy curiosamente relaxado. O receio deixou os meus ombros tensos. Inspirei fundo e baixei os olhos. — Quero algo que possa usar numa ofensiva — disse, com a voz fraca. Com uma mão segurando o cotovelo, levei a outra à clavícula.

— Uau, Rache — disse Jenks, as asas batendo quando ele se ergueu até ficar na minha linha de visão. O seu rosto pequeno estava marcado pela preocupação, o que em nada ajudava a melhorar o meu desconforto. — Isso é, tipo, ficar muito perto da magia negra, não é?

Tinha o coração a bater acelerado e ainda nem sequer fizera nada. — Perto? Diabos, sim — disse. Olhei de relance para Ivy. A postura dela era cuidadosamente neutra. Nick também não parecia perturbado quando se levantou, aproximando-se do café prometido. Mais uma vez, a ideia de praticar magia negra atingiu-me. Os humanos podiam aceder às linhas Ley, embora os feiticeiros e feiticeiras fossem vistos como pouco mais do que uma piada, na maior parte dos círculos Inderlander.

— A Lua está em quarto crescente — disse eu —, isso é algo do meu lado e eu não faria um feitiço destinado a magoar alguém em particular... — As minhas palavras foram perdendo a força. O silêncio era desconfortável.

A resposta relativamente leve de Ivy foi enervante. — Tem certeza, Rachel? — perguntou ela, com uma ligeiríssima preocupação na voz.

— Eu ficarei bem — disse, afastando o olhar dela. — Não vou fazer as coisas por malícia, mas para salvar a minha vida. Há uma diferença. — Eu espero que Deus salve a minha alma, se estiver errada.

As asas de Jenks tornaram-se um borrão de movimentos frenéticos quando aterrou na pega da caneca. — Não importa — disse, obviamente agitado. — Eles queimaram os livros de magia negra.

Nick retirou o bule debaixo do fio de café e enfiou uma caneca no seu lugar.

— A biblioteca da universidade tem alguns — disse ele, enquanto a placa quente crepitava sob os pingos de café caídos durante o segundo que ele demorara a trocar os recipientes.

Todos nos voltamos para Nick e ele encolheu os ombros. — Guardam na seção dos livros antigos.

Senti-me varrer por uma onda de medo. Eu não devia estar a fazer isto, pensei. — E tu tens a chave, certo? — disse sarcasticamente, ficando chocada quando ele acenou.

Ivy bufou, incrédula. — Tens uma chave — gozou. — Ainda há uma hora não passavas de uma ratazana e tens a chave da biblioteca da universidade.

De súbito pareceu bem mais perigoso ali, no meio da minha cozinha, com o robe preto de Ivy a envolver o corpo alto e esguio. — Foi ali que fiz o estágio — disse ele.

— Andaste na universidade? — perguntei, servindo-me uma caneca de café, depois de Nick.

Ele bebeu um gole de café, fechando os olhos para saborear melhor. — Bolsa completa — disse. — Licenciei-me em aquisição, organização e distribuição de dados.

— É um bibliotecário — disse eu, aliviada. Era por isso que sabia dos livros de magia negra.

— Costumava ser. Posso ajudar-te a entrar e sair, sem problemas. A senhora encarregada dos estagiários escondia as chaves das seções trancadas perto das portas, para que não a estivéssemos sempre a incomodar. — Deu mais um gole e os olhos ficaram vidrados, quando a cafeína começou a fazer efeito.

Só então Ivy pareceu preocupada, os olhos castanhos semicerrados. — Rachel, posso falar com você?

— Não — disse eu suavemente. Não queria voltar para o corredor. Estava escuro. Eu estava nervosa. O fato de o meu coração estar batendo mais depressa por estar com medo da magia negra e não dela, nada

significaria para os seus instintos. E ir com Nick à biblioteca era algo bem menos perigoso do que fazer um feitiço de magia negra, algo com que ela nem sequer parecia preocupada. — O que é que queres?

Ela olhou para Nick, depois para mim.

— Só ia sugerir que levasses o Nick ao campanário. Temos lá algumas roupas que talvez lhe sirvam.

Desencostei-me do balcão, com a caneca de café, intocada, apertada na mão. Mentirosa, pensei.

— Dá-me um minuto para me vestir, Nick, e já te levo lá em cima. Não se importa de vestir as antigas roupas de um sacerdote, né?

O olhar sobressaltado de Nick suavizou-se numa interrogação. — Não. Não há problema.

— Ótimo — disse eu, o coração a bater veloz. — Depois de se vestir, vamos os dois à biblioteca e poderá mostrar-me todos os livros de magia negra.

Olhei de relance para Ivy e Jenks, enquanto saía da cozinha. Jenks estava pálido, era óbvio que não concordava com o que eu ia fazer. Ivy parecia preocupada, mas o que me deixava mais inquieta era a forma relaxada como Nick lidava com todas as coisas Inderlander e com a magia negra. Ele não era um praticante, era?

Capítulo 24

Estava na calçada esperando que Nick saísse do táxi, calculando o que me restava na carteira antes de guardá-la. O meu último salário estava evaporando. Se não tivesse cuidado, teria de pedir a Ivy que fosse ao banco por mim. Estava gastando mais depressa do que o costume e não conseguia perceber com o quê. Todas as minhas despesas tinham diminuído. Deve ser o táxi, pensei, prometendo a mim mesma passar a usar um ônibus de hoje em diante.

Nick tinha encontrado no campanário um par de calças de jardineiro gastas pelo trabalho. Ficavam grandes e ele segurava a calça com um dos meus cintos mais conservadores, pelo visto o nosso sacerdote desaparecido tinha sido um homem grande. A camisola cinzenta com o logotipo da Universidade de Cincinnati também ficava grande, assim como as botas de jardinagem tinham se revelado enormes, mas Nick as tinha nos pés, arrastando de um lado para o outro como um mau filme do Frankenstein. De certa forma, a sua elevada estatura e o seu ar belo e descontraído faziam com que o desleixo parecesse atraente. Eu parecia sempre desleixada, nada mais.

O sol ainda não tinha se posto, mas a iluminação da rua já estava acesa porque havia nuvens. Tínhamos demorado mais para lavar as poucas roupas do sacerdote do que para chegar ali. Eu segurava o colarinho do meu casaco de inverno para me proteger do frio e analisava a rua iluminada pelos faróis, enquanto Nick dirigia as últimas palavras ao taxista. As noites podiam ficar frias no final da primavera, mas eu teria, de qualquer forma, usado o casaco comprido para tapar o vestido de algodão castanho que tinha vestido, para combinar com o meu disfarce de velhota. Eu só tinha usado uma vez, num banquete para mães e filhas para o qual me vira, de alguma forma, arrastada.

Nick esticou-se para fora do táxi, bateu a porta e deu umas palmadinhas no capô. O motorista acenou e partiu. Os carros avançavam à nossa volta. A rua fervilhava no crepúsculo, enquanto tanto humanos quanto Inderlander se encontravam despertos.

— Hei — disse Nick, olhando para mim, na luz fraca. — O que aconteceu com as tuas sardas?

— Hum... — gaguejei, tocando no meu anel cor-de-rosa. — Não tenho sardas.

Nick inspirou, preparando-se para dizer qualquer coisa, depois hesitou. — Onde está Jenks? — acabou perguntando.

Nervosa, apontei para os degraus da biblioteca, do outro lado da rua, com o queixo.

— Ele foi na frente para dar uma averiguar. — Olhei para as poucas pessoas que entravam e saíam da biblioteca. Estudar na sexta-feira à noite. Algumas pessoas tinham um desejo insaciável de estragar a diversão dos restantes. Nick pegou no meu cotovelo e eu empurrei-o, afastando-me.

— Posso atravessar a rua sozinha, obrigada.

— Parece uma velha — murmurou ele. — Para de abanar os braços e sossega.

Suspirei, tentando abrandar enquanto Nick atravessava a rua fora da faixa. Soaram buzinas e ele ignorou-as. Estávamos em território de estudantes, se tivéssemos atravessado na faixa, teríamos chamado atenção. Ainda assim, senti-me tentada a apontar o dedo para um ou outro, mas achei que poderia estragar a minha imagem de velhota. Por outro lado, talvez não.

— Tem certeza de que ninguém vai te reconhecer? — perguntei, quando nos aproximamos dos degraus de mármore e das portas de vidro. Caramba, não era de admirar que as pessoas idosas morressem, precisavam do dobro do tempo para fazer qualquer coisa.

— Sim. — Ele abriu a porta e entramos. — Há cinco anos que não trabalho aqui e na sexta-feira só trabalha os calouros. Agora tenta não

atacar ninguém. — Dirigi-lhe um sorriso maldoso e ele acrescentou um alegre. — Assim está melhor.

Cinco anos significavam que ele não era muito mais velho do que eu. Era mais ou menos o que tinha calculado, embora fosse difícil ter a certeza com todas aquelas mazelas provocadas por ratazanas.

Parei junto à entrada para me concentrar. Gostava de bibliotecas. Cheiravam bem e eram silenciosas. A luz fluorescente da entrada parecia bastante fraca. Normalmente era apoiada pela luz natural que entrava pelas grandes janelas que cobriam os dois andares de altura. A escuridão do pôr do sol deixava tudo mais pardo.

Meu olhar voltou-se para um borrão que caía do teto. Dirigia-se para mim! Arquejando, me abaixei. Nick me puxou pelo braço. Desequilibrada, os meus saltos deslizaram no chão de mármore. Gritando, caí. Estendida no chão de pernas abertas, senti que o rosto me ardia, quando Jenks pairou à minha frente, rindo.

— Que vá tudo para o inferno! — gritei. — Olha por onde anda!

Ouviu-se um arquejar coletivo e todos olharam para mim. Jenks escondeu-se no meio do meu cabelo, o seu riso alegre deixando-me ainda mais irritada. Nick se curvou e pegou no meu braço.

— Desculpa vovó — disse em voz alta. Dirigi aos presentes um olhar atrapalhado. — A minha avó não ouve muito bem — disse num sussurro conspiratório o velho morcego. Virou-se para mim com o rosto sério, mas os olhos castanhos brilhando — Já estamos na biblioteca! — gritou. — Tem de falar baixo!

Com o rosto suficientemente quente para fritar um ovo, resmunguei qualquer coisa e deixei que ele me ajudasse a levantar. Depois de um breve burburinho nervoso, todos regressaram ao que estavam fazendo.

Um adolescente de ar nervoso e rosto cheio de borbulhas, se aproximou de nós, sem dúvida preocupado com a possibilidade de um processo. No meio de saudações — maiores do que o necessário — nos levou para os gabinetes mais afastados sem parar de falar do chão escorregadio que havia

sido encerado há pouco tempo e dizendo que ia falar com o responsável imediatamente.

Eu me agarrei ao braço de Nick, queixando-me de dor nos quartos e desempenhando na perfeição o papel de velha. O rapaz, perturbado, nos permitiu a entrada numa zona de acesso limitado. Com o rosto corado, me circulou e ajudou-me a sentar, pousando os meus pés sobre uma cadeira giratória. A faca de prata que eu tinha presa ao tornozelo o fez hesitar. Sussurrei algo sobre água e ele correu para ir buscar. Precisou de três tentativas para conseguir abrir a porta. O silêncio desceu sobre nós quando a porta se fechou com um clique. Sorrindo, olhei para Nick. Não era bem assim que tínhamos planejado a nossa entrada, mas ali estávamos.

Jenks saiu do seu esconderijo.

— Mais escorregadio do que sabão — disse ele, voando para inspecionar as câmeras. — Ah! — exclamou. — São falsas.

Nick pegou na minha mão e ajudou-me a levantar. — Eu ia levar-te através do acesso da sala dos empregados, mas isto também serve. — Olhei para ele, inexpressivamente, e ele virou os olhos para uma porta de incêndio cinzenta. — O caminho é por ali.

Um sorriso curvou os meus lábios, quando vi a fechadura. — Jenks?

— Já estou cuidando disso — disse ele, pousando e começando a remexer no seu interior. Abriu em três segundos.

— Vamos — murmurou Nick quando virou a maçaneta. A porta se abriu e revelou uma escadaria escura. Nick acendeu as luzes e pôs-se à escuta. — Não há alarmes — disse.

Retirei da mala um amuleto de detecção e invoquei-o rapidamente. Permaneceu quente e verde na minha mão.

— Também não há alarmes silenciosos — murmurei, pendurando-o ao pescoço.

— Hei — queixou-se Jenks. — Isto são coisas básicas.

Começamos a descer. O ar era frio na escadaria estreita sem o cheiro reconfortante dos livros. A cada seis metros brilhava uma lâmpada nua, cuja

luz amarela incômoda mostrava a sujeira nos degraus. Uma faixa de crosta de quase meio metro cobria as paredes de ambos os lados na altura das mãos e fiz uma careta. Havia um corrimão, mas eu também me recusava a usá-lo.

Jenks zumbia confiante à nossa frente. Com os saltos martelando, segui Nick até uma porta de rede trancada. A seção dos livros antigos. Enquanto Jenks esvoaçava para dentro e para fora através dos buracos em forma de diamante, eu passei os dedos através deles e ergui-me nas pontas dos pés, colocando em alerta todos os meus sentidos. Uma ruga marcou-me a testa. Com certeza não passava de imaginação minha, mas parecia que conseguia cheirar a magia a fluir das prateleiras de livros, praticamente visível, pairando à altura dos meus tornozelos. A sensação de poder antigo que emanava daquela sala trancada era tão diferente do cheiro do andar de cima, assim como um chocalinho de um bombom belga da melhor qualidade. Espesso, rico e, oh, tão nocivo!

— Então onde está a chave? — perguntei, sabendo que Jenks não seria capaz de mover o pesado mecanismo da tranca mecânica. Por vezes eram as proteções mais antigas as que melhor funcionavam.

Nick passou os dedos sob uma prateleira próxima, o brilho nos olhos afastando a frustração quando a mão parou.

— Não tem autorização para entrar na seção dos livros antigos, hã? — murmurou num sussurro, enquanto retirava a chave que ali se encontrava segura com um pouco de teia de aranha. Com o olhar sério, olhou para a chave mestra antes de abrir a porta de arame.

O meu coração saltou e sossegou-se, enquanto a porta guinchava.

Nick enfiou a chave no bolso com um gesto abrupto e determinado. — Depois de você — disse ele, acendendo as luzes fluorescentes. Hesitei.

— Há mais alguma saída? — perguntei e quando ele abanou a cabeça, voltei-me para Jenks. — Fica aqui — disse. — Protege as minhas... Costas... v mordi o lábio. — Se importa de proteger minhas costas, Jenks? — disse com o estômago apertado.

O pixy deve ter apercebido a breve falha na minha voz, pois perdeu todo o entusiasmo e aterrou na minha mão com cuidado. À altura dos meus olhos, acenou. Os brilhantes na camisa de seda preta refletiam na luz, somando-se ao brilho que as asas em movimento emitiam.

— Não se preocupe, Rache — disse, solenemente. — Não vai passar nada por aqui, sem que você saiba. Prometo.

Inspirei nervosa. Os olhos de Nick estavam confusos. Todos na I.S sabiam como o meu pai tinha morrido. Estava agradecida a Jenks por não ter feito qualquer comentário e se limitar a dizer que estava ali para mim.

— Muito bem — disse eu, tirando o amuleto de detecção e pendurando-o num local onde Jenks o pudesse ver. Segui Nick, ignorando a sensação assustadora da minha pele arrepiada. Quer contivessem magia negra ou branca, não passavam de livros. O poder provinha da sua utilização.

A porta fechou-se com um rangido e Nick passou por mim, fazendo um gesto para que o seguisse. Retirei o amuleto de disfarce e coloquei na mala, depois desfiz o coque e sacudi o cabelo. Alisando-o, senti-me meio século mais nova.

Olhei de relance para os títulos à medida que passava por eles, diminuí o ritmo quando o corredor se abriu numa sala de bom tamanho, escondida do corredor pelas prateleiras de livros. Havia uma mesa de aspecto institucional e três cadeiras giratórias desemparelhadas que não eram suficientemente boas, sequer, para a secretária de um estagiário.

Nick avançou sem hesitar para o armário de portas de vidro do outro lado da sala.

— Aqui, Rachel — disse ele, enquanto o abria. — Vê se o que queres está aqui. — Voltou-se, afastando a franja negra dos olhos. Pisquei os olhos ao ver a expressão determinada e malandra que estava em o rosto comprido.

— Obrigada. Isso é ótimo. Estou mesmo agradecida — disse, enquanto largava a mala em cima da mesa e avançava para o lado dele. Senti

uma pontada de receio e me afastei. Se o feitiço fosse muito nojento, não o faria.

Com cuidado, puxei o livro de aspecto mais antigo. A lombada fora arrancada pela costura e tive de usar as duas mãos para mover as páginas de grandes dimensões. Pousei-o na ponta da mesa e arrastei uma cadeira até ele. O espaço era gelado como uma gruta e senti-me feliz por ter trazido o meu casaco. O ar seco cheirava ligeiramente a batatas fritas. Esmagando o meu nervosismo, abri o livro. A página de rosto também tinha sido arrancada. Usar um feitiço de um livro sem nome era algo perturbador. O índice, no entanto, estava intacto e senti que as minhas sobrancelhas se erguiam. Um feitiço para falar com fantasmas? Legal...

— Você não é como a maior parte dos humanos com quem já convivi — disse eu, enquanto analisava o índice.

— A minha mãe era mãe solteira — disse ele. — Não conseguia emprego na zona rica e se sentia melhor me deixando brincar com bruxas e vampiros do que com os filhos dos viciados em heroína. Hollows foi a menor de suas preocupações. — Nick tinha as mãos nos bolsos detrás das calças e balançava para trás e para frente, sobre os calcanhares e os dedos dos pés, enquanto lia os títulos de uma fila de livros. — Cresci lá. Andei na Emerson.

Olhei para ele, intrigada. Crescer em Hollows explicava o porquê de saber tanto sobre Inderlanders. Para sobreviver, tinha de saber.

— Frequentou a escola de Inderlander de Hollows? — perguntei.

Ele abanou a porta fechada de uma estante alta. A madeira parecia vermelha sob a luz das lâmpadas fluorescentes. Perguntei-me o que poderia ser tão perigoso que precisasse ser guardado num armário trancado, no interior de uma seção fechada, e que encontrava numa porta trancada, no fundo de um edifício governamental.

Tentando forçar a fechadura empenada, Nick encolheu os ombros. — Não foi muito ruim. O diretor alterou um pouco as regras depois de eu ter sofrido um traumatismo. Deixaram-me andar com um punhal de prata para afastar os animal/homens e molhar o cabelo com água benta para que

os vampiros não fossem tão irritantes. Não os dissuadiu por completo, mas o mau cheiro com que acabei por ficar funcionou quase tão bem.

— Água benta, hum? — disse eu, decidindo que preferia perfume de lilás em vez de um odor corporal que só os vampiros podiam cheirar.

— Só os magos e bruxas é que me importunavam — acrescentou, desistindo da fechadura e sentando-se numa das outras cadeiras, as pernas esticadas à sua frente. Dirigi-lhe um sorriso de esguelha. Podia bem imaginar que as bruxas lhe dessem problemas.

— Mas as piadas pararam depois de eu ter me tornado amigo do maior, pior e mais feio mago da escola. — Um leve sorriso pairou nos olhos e ele pareceu cansado. — Turk. Fiz seus trabalhos de casa durante quatro anos. Já devia ter terminado a escola há muito tempo e os professores não se importavam de olhar para o outro lado se isso significasse que ele saía do sistema. Como eu não ia correndo fazer queixinhas ao diretor como a restante mão cheia de humanos que ali andava, era bom o suficiente para andar com os Inderlander. Os meus amigos tomavam conta de mim e eu aprendi muitas coisas que, de outra forma, não teria aprendido.

— Como não ter medo de um vampiro — disse eu, pensando que era estranho que um humano soubesse mais do que eu sobre vampiros.

— Pelo menos não ao meio-dia, mas me senti melhor depois de tomar um banho e tirar o cheiro de Ivy do meu corpo. Não sabia que aquele robe era dela. — Arrastou-se para perto de mim. — O está procurando?

— Não sei ao certo — disse, nervosa, enquanto ele espreitava por cima do meu ombro. Tinha de haver alguma coisa que eu pudesse usar e que não estivesse tão mergulhada no lado errado da "Força". Fui atravessada por uma sensação de divertimento nervoso. Não é o meu pai, Darth, e eu nunca me juntarei a ti!

Os olhos de Nick começaram a lacrimejar devido à intensidade do meu perfume e ele se afastou. Tínhamos feito a viagem até ali com os vidros abertos. Agora sabia o porquê de ele não ter feito qualquer comentário. — Não mora há muito tempo com Ivy, né? — Perguntou-me. Ergui os olhos do índice, surpresa, e ele fitou atrapalhado. — Eu, hum, fiquei com a impressão de que não eram...

Eu corei e baixei os olhos.

— Não somos — disse. — Não se o pudermos evitar. Só compartilhamos a casa. Eu fico do lado direito do corredor e ela do lado esquerdo.

Ele hesitou. — Nesse caso, se importa que faça uma sugestão? Confusa, fitei-o, e ele sentou no canto da mesa. — Talvez devesse experimentar um perfume mais cítrico ao invés de floral.

Fiquei de olhos esbugalhados. Não era daquilo que estava esperando e a minha mão foi para o pescoço, onde eu tinha encharcado com aquele perfume horrível.

— Jenks me ajudou escolher — expliquei. — Disse que cobria bastante bem o cheiro de Ivy.

— Aposto que sim. — Nick encolheu-se, desculpando-se. — Mas tem que ser muito ativo para funcionar. Os cítricos neutralizam o odor dos vampiros, não se limitam a cobri-lo.

— Oh... — murmurei, recordando-me do gosto de Ivy por suco de laranja.

— O nariz de um pixy é bom, mas o de um vampiro é especializado. Da próxima vez que for às compras leva Ivy com você. Ela será capaz de escolher qualquer coisa que funcione.

— Farei isso — disse eu, pensando que podia não ter ofendido todos os outros, se me tivesse limitado a pedir a ajuda dela primeiro. Sentindo-me idiota, fechei o livro sem nome e levantei-me para procurar outro.

Retirei o livro seguinte da prateleira, ficando tensa quando ele se revelou mais pesado do que eu achava que devia ser. Caiu na mesa com um estrondo e Nick encolheu-se.

— Desculpa — disse, endireitando a capa, para esconder o fato de ter rasgado a lombada que começava a apodrecer. Sentando, abri o livro. Meu coração deu um pulo e gelei, sentindo os pelos do pescoço ficarem de pé. Não era imaginação minha. Preocupada, ergui os olhos para ver se Nick também tinha percebido. Ele olhava por cima do ombro, para um dos

corredores feitos de estantes de livros. A sensação estranha não vinha do livro. Vinha de trás de mim. Maldição.

— Rachel! — chamou uma vozinha fraca vinda do corredor. — O teu amuleto ficou vermelho, mas ninguém está aqui!

Fechei o livro e levantei. O ar tremeluzia. Meu coração deu mais um pulo quando meia dúzia de livros do corredor se afastaram sozinhos para o fundo das prateleiras.

— Hum, Nick? — perguntei. — Há algum histórico de fantasmas na biblioteca?

— Não que eu saiba.

Dupla maldição. Desloquei-me, colocando-me ao lado dele. — Então o que diabos é aquilo?

Ele olhou-me, preocupado.

— Não sei.

Jenks esvoaçou para o interior da divisão.

— Não há nada no corredor, Rache. Tem certeza de que o amuleto que me deste funciona? — perguntou e eu apontei para a perturbação no corredor.

— Porra! — exclamou Jenks, pairando entre Nick e eu, enquanto o ar começava a assumir uma forma mais sólida. Como se fossem um só, os livros voltaram a deslizar para a beira das prateleiras. Aquilo era ainda mais estranho.

A névoa tornou-se amarela, depois ganhou firmeza. Inspirei, o ar silvando ao passar por entre os dentes. Era um cão. Isto é, se os cães puderem ser tão grandes como pôneis e ter caninos mais compridos do que a minha mão e pequenos chifres saindo da cabeça, então era um cão. Recuei um passo com Nick, e ele fitou-nos.

— Diz que é o sistema de segurança da biblioteca — sussurrei.

— Não sei o que é isso. — Nick estava pálido como cera, a sua confiança calma completamente desfeita. O cão encontrava-se entre nós e a

porta. Pingava saliva da boca entreaberta e podia jurar que assobiava ao bater no chão. Da poça erguia-se fumaça amarela. Podia sentir o cheiro de enxofre. O que diabos era aquela coisa?

— Tem alguma coisa para isto na tua mala? — sussurrou Nick, ficando alerta quando as orelhas do cão se ergueram.

— Alguma coisa que pare um cão amarelo saído do inferno? — perguntei. — Não. Se não mostrarmos medo talvez ele não ataque.

O cão abriu a boca e disse:

— Qual de vocês é a Rachel Mariana Morgan?



Capítulo 25

Arquejei com o coração batendo rapidamente. O cão bocejou, emitindo um ligeiro gemido no final.

— Deve ser você — disse ele. A pele ondulou como um fogo âmbar, depois saltou na nossa direção.

— Cuidado! — gritou Nick, empurrando-me para o lado, enquanto o cão babado aterrissava sobre a mesa.

Caí ao chão, rebolando até ficar agachada. Nick gritou de dor. Ouviu-se um estrondo quando a mesa deslizou contra as estantes. Esta voltou a recuar quando o cão saltou para o chão. O plástico pesado estilhaçou-se.

— Nick! — gritei, vendo-o caído e enrolado sobre si mesmo. O mostro erguia-se sobre ele, acertando-o com o focinho. Sangue manchava o chão. — Sai de cima dele! — gritei. Jenks estava no teto, sem poder fazer nada.

O cão virou-se para mim. Segurei a respiração. As íris dele eram vermelhas, rodeadas por um laranja doentio e as pupilas eram verticais como as de uma cobra. Sem afastar os olhos dele, recuei. Usando os dedos, agarrei o punhal de prata que tinha preso ao tornozelo. Podia jurar que um sorriso canino repuxou os lábios ao redor dos dentes selvagens, enquanto eu tirava o casaco com um movimento dos ombros e os sapatos de velha com um pontapé.

Nick gemeu e se mexeu. Estava vivo. Fui varrida por uma onda de alívio. Jenks pousou no ombro dele e gritava ao seu ouvido que se levantasse.

— Rachel Mariana Morgan — disse o cão, a voz negra e doce como mel. Tremi no ar frio da sala, esperando. — Um de vocês tem medo de cães — disse ele, parecendo divertido. — Não me parece que seja você.

— Tenta descobrir — disse, arrojada. Tinha o coração batendo veloz e agarrei melhor o punhal, quando comecei a tremer. Os cães não deviam falar. Não deviam.

Ele avançou um passo. Eu o olhava, a boca entreaberta, enquanto as patas da frente se estendiam, fazendo-o erguer-se como se fosse andar. Tornou-se mais fino, mais humano. Surgiram roupas: calças de gangue rasgadas, um casaco de couro preto e uma corrente que lhe prendia a carteira ao cinto. Tinha cabelo espetado, pintado de vermelho para combinar com a aparência corada. Os olhos estavam escondidos atrás de óculos de sol de plástico preto. Em choque, não me conseguia mexer, enquanto ele começava a avançar, movendo-se como um malandro.

— Fui enviado para te matar — disse, com um sotaque londrino, aproximando-se enquanto terminava a sua transformação num membro de uma gangue das ruas de Londres. — Disseram-me que devia garantir que morresse com medo, docinho. Não me deram um grande ponto de partida. Pode demorar algum tempo.

Recuei, só então compreendendo que ele estava quase em cima de mim. Com um movimento rápido para ser visto, a mão dele lançou-se para frente como um foguete. Acertou-me antes que eu pudesse perceber que ele havia se movido. Minha face explodiu em agonia, depois ficou dormente. Um segundo golpe, no ombro, me fez levantar os pés do chão. Senti que o estômago caía e bati de costas contra uma estante.

Deslizei para o chão, levando comigo os livros que iam caindo das prateleiras. Abanando a cabeça para afastar as estrelas, levantei. Nick tinha se arrastado para o meio de duas estantes de livros. O sangue escorria do couro cabeludo pelo pescoço. O rosto tinha estampada uma expressão de espanto e temor. Tocou na cabeça, olhando para o sangue como se isso tivesse algum significado. Meu olhar cruzou com o dele do outro lado da sala. A coisa estava entre nós.

Arquejei quando ele saltou com as mãos estendidas para me agarrar. Apoiei-me sobre um joelho. Usei a faca, cambaleando quando ela o atravessou. Horrorizada, desviei-me dele como pude. Ele continuava atrás de mim. Todo o seu rosto se transformara numa névoa, retomando a sua forma, depois da faca o ter atravessado. O que diabos era aquilo?

— Rachel Mariana Morgan — disse ele, zombadoramente. — Estou aqui para te pegar.

Estendeu um braço e voltei a correr. Uma mão pesada me agarrou pelo ombro, me fez girar de novo. A coisa me segurava e eu estanquei quando a outra mão de pele avermelhada se fechou num punho de ar assassino. Sorrindo e revelando uns dentes espantosamente brancos, puxou o braço atrás. Ia me acertar no estômago.

Quase não tive tempo de baixar o braço, para bloquear o golpe. O punho bateu no antebraço. O súbito choque de dor me deixou sem fôlego. Caí de joelhos, um grito rasgou através de mim enquanto agarrava o braço. Seguiu-me até ao chão. Mantendo o braço perto do corpo, rolei para longe dele.

Deixou-se cair, com força e pesado, para me esmagar sob ele. A sua respiração era vapor contra o meu rosto. Os dedos compridos agarraram-me pelo ombro até eu gritar. A sua mão livre deslizou sob o meu vestido e subiu até ao interior da minha coxa, procurando rudemente. Os meus olhos abriram-se de espanto. Que diabo?

O seu rosto estava a centímetros do meu. Podia ver o meu próprio choque refletido nas lentes dos óculos de sol dele. Deslizou a língua por entre os dentes. Quente e nojenta, a língua subiu do meu queixo à minha orelha. Unhas roçaram a minha roupa íntima. Ele puxava por ela selvagem, arranhando-me com as unhas.

Saltando para a ação, bati-lhe nos óculos, entortando-os. Enterrei as unhas na íris cor de laranja. O grito de surpresa dele permitiu-me respirar um pouco. Aproveitando aquele instante de confusão, empurrei-o de cima de mim e rolei para longe. Uma bota pesada, cheirando a cinza, cortou o ar acertando-me nos rins. Arquejando, enrolei-me em posição fetal, curvada

sobre a minha faca. Tinha o acertado. Estava muito distraído para se transformar em névoa. Se podia sentir dor, podia morrer.

— Não tem medo de ser violada, docinho? — disse ele, parecendo satisfeito. — É uma putazinha difícil.

Agarrou-me pelo ombro e eu lutei indefesa contra os dedos compridos e vermelhos que me puxavam para cima. Os meus olhos desviaram-se para Nick e para o som de golpes fortes. Ele estava batendo no armário de madeira trancado com uma das pernas da mesa. O seu sangue estava por todo o lado. Jenks estava pousado no ombro dele, as asas vermelhas de medo.

O ar tornou-se turvo à minha frente e cambaleei quando percebi que a coisa tinha voltado a mudar. A mão que agora me segurava pelo ombro tinha suavizado. Arfando, ergui os olhos e vi que tinha se transformado num jovem alto e sofisticado, com um sobretudo e uma camisa. Tinha um par de óculos escuros empoleirados no nariz estreito. Eu tinha a certeza de o ter acertado, mas seus óculos parecia ileso. Seria um vampiro? Um vampiro mesmo muito antigo?

— Talvez tenha medo da dor — disse a imagem de um homem elegante, um sotaque suficientemente correto até mesmo para o Professor Henry Higgins.

Empurrei-o e afastei-me, tropeçando numa estante. Sorrindo, avançou na minha direção. Levantou-me e atirou-me para o outro lado da sala, na direção de Nick, que continuava batendo no armário.

As minhas costas bateram com força suficiente para me deixar sem fôlego. A minha faca caiu no chão, ruidosa, quando os meus dedos relaxaram sobre o cabo. Lutando para respirar, deslizei pelo armário partido, acabando meio sentada nas prateleiras atrás das portas estilhaçadas. Estava indefesa enquanto a coisa me levantava, agarrando-me pela frente do vestido.

— O que você é? — disse, com a voz rouca.

— Qualquer coisa que te assuste. — O sorriso dele mostrou dentes direitos. — O que é que te assusta, Rachel Mariana Morgan? — perguntou. — Não é a dor. Não é a violação. Não parecem ser os monstros.

— Nada — arfei, cuspiando nele.

A minha saliva crepitou quando tocou no rosto. Recordando a saliva de Ivy no meu pescoço, tremi. Os olhos dele abriram-se de prazer.

— Tem medo das sombras sem alma — sussurrou, encantado. — Tem medo de morrer no abraço amoroso de uma sombra sem alma. A tua morte vai ser um prazer para ambos, Rachel Mariana Morgan. Que forma tão retorcida de morrer... De prazer. Talvez tivesse sido melhor para a tua alma se tivesse medo de cães.

Explodi, acertando seu rosto e deixando quatro arranhões. Ele não se mexeu. O sangue escorria, grosso e vermelho. Ele torceu os meus dois braços atrás de mim, agarrando-me os pulsos só com uma mão. Senti que a náusea me dobrava ao meio, quando ele me puxou pelo braço e pelo ombro. Empurrou-me contra a parede, esmagando-me. Libertei a minha mão boa e o golpeei.

Ele agarrou-me o pulso, antes que pudesse acertá-lo. Cruzei o meu olhar com o dele e senti os joelhos ficarem fracos. O sobretudo de cavaleiro tinha encolhido e dera lugar a uma jaqueta de motoqueiro e calças pretas. A aparência avermelhada tinha sido substituída por um rosto de barba de dois dias e cabelo louro. Brincos iguais refletiam a luz. Kisten sorriu-me, a língua vermelha chamando por mim.

— Gosta de vampiros, bruxinha? — sussurrou. Contorci-me, tentando escapar.

— Não é bem isso — murmurou ele e eu lutei, enquanto as suas feições mudavam de novo. Tornou-se mais baixo, pouco mais alto do que eu. O cabelo ficou mais comprido, liso e negro. Os pêlos louros que cobriam o rosto desapareceram e a compleição tornou-se pálida como a de um fantasma. O rosto quadrado de Kisten deu lugar a um oval.

— Ivy — sussurrei, ficando mole de terror.

— Dá-me um nome — disse ele, a voz a tornar-se lenta e feminina.
— É isso que queres?

Tentei engolir a saliva. Não me conseguia mexer. — Não me assusta
— sussurrei.

Os olhos dele tornaram-se negros. — Ivy, sim.

Fiquei rígida, tentando empurrá-lo, enquanto ele levava o meu pulso
para perto de si.

— Não! — gritei quando ele abriu a boca, mostrando as suas presas.

Mordeu-me com força e eu gritei de novo. Senti um fogo correr pelo
meu braço e entrar na minha corrente sanguínea. Ele roía o pulso como um
cão e eu me contorcia tentando me afastar.

Senti a pele rasgar, enquanto me contorcia. Ergui um joelho e o
empurrei. Ele me largou. Caí para trás, arfando em choque. Era como se Ivy
se erguesse à minha frente, o meu sangue pingando do seu sorriso.
Levantou uma mão para afastar o cabelo dos olhos, deixando uma mancha
vermelha na testa.

Não era capaz... Não era capaz de lidar com aquilo. Inalando uma
golfada de ar corri para a porta.

A coisa esticou um braço, com a rapidez de um vampiro, e empur-
rou-me para trás. A dor aumentou quando me atirou contra a parede de
concreto. A mão pálida de Ivy mantinha-me presa.

— Deixa que eu te mostre o que fazem os vampiros à portas
fechadas, Rachel Mariana Morgan — sussurrou.

Compreendi que ia morrer na sala da biblioteca da universidade. A
coisa que era Ivy inclinou-se sobre mim. Podia sentir a minha pulsação
empurrando a pele. O meu pulso latejava quente. O rosto de Ivy estava a
centímetros do meu. Estavam clareando as imagens na minha cabeça. Ao
redor do pescoço tinha um crucifixo e eu podia sentir o cheiro a sumo de
laranja. Os olhos estavam turvos, com a expressão que eu recordava de
fome tórrida.

— Não — sussurrei. — Por favor, não.

— Posso ter-te quando quiser bruxinha — sussurrou ele, a seda cinzenta da sua voz igual à de Ivy.

Entrei em pânico, lutando impotente. A coisa que se parecia com Ivy sorriu, mostrando os dentes. — Estás com tanto medo — sussurrou carinhosamente, inclinando a cabeça, de tal forma que o cabelo preto caiu sobre o meu ombro. — Não tenha tanto medo. Vais gostar. Eu não te disse que ia gostar?

Saltei quando algo me tocou o pescoço. Soltei um guincho débil ao compreender que se tratava de uma língua que se movia rápida.

— Vais adorar — disse, num sussurro rouco com a voz de Ivy. — palavra de escoteiro.

Fui invadida pela recordação de estar presa à cadeira de Ivy. A coisa que me prendia contra a parede rosnou de prazer e afastou-me a cabeça com a sua. Aterrorizada, gritei.

— Oh, por favor — gemeu a coisa, enquanto eu sentia os dentes, frios, gelados e afiados rasparem sobre o meu pescoço. — Oh, por favor. Agora...

— Não! — gritei, quando ele enterrou os dentes em mim. Mergulhou três vezes, em movimentos rápidos e esfomeados. Cedi ao seu abraço. Sem que me soltasse, caímos ao chão. Ele esmagou-me sob si, contra o cimento frio. Um fogo ardia no meu pescoço. Uma sensação semelhante erguia-se do meu pulso, unindo-se na minha cabeça. Fui agitada por tremores. Podia ouvi-lo me sugando, senti os puxões ritmados enquanto ele tentava tirar mais do que o meu corpo podia dar. Arquejei quando uma sensação forte tomou conta de mim. Fiquei bêbada, incapaz de separar a dor do prazer. Era... Era...

— Sai de cima dela! — gritou Nick.

Ouvi um baque e senti uma sacudida. A coisa saiu de cima de mim. Não conseguia me mexer. Não me queria mexer. Estava deitada no chão, de pernas e braços abertos, em choque e dormente, sob um torpor induzido por um vampiro. Jenks pairava sobre mim, a brisa no meu pescoço, lançada pela suas asas, lançou arrepios através de todo o meu corpo.

Nick estava de pé, o sangue escorrendo para os olhos. Tinha um livro nas mãos. Era tão grande, que se debatia com ele. Estava murmurando qualquer coisa num sussurro, parecia pálido e assustado. Os seus olhos saltavam do livro para a coisa ao meu lado.

Esta regressou à forma de um cão. Rosnando, lançou-se a Nick.

— Nick — sussurrei, enquanto Jenks lançava pó de pixy para o meu pescoço. — Cuidado...

— Laqueus! — gritou Nick, equilibrando o livro sobre um joelho erguido, enquanto estendia um das mãos.

O cão bateu contra qualquer coisa e caiu ao chão. Eu observei, ainda no chão, enquanto ele se levantava e abanava a cabeça como se estivesse tonto. Rosnando, voltou a saltar na direção dele, caindo para trás pela segunda vez.

— Prendeu-me! — disse enraivecido, derretendo de uma aparência para outra num caleidoscópio de formas grotesco. Olhou para o chão e para o círculo que Nick tinha desenhado com o seu próprio sangue. — Não tens o conhecimento para me chamar da eternidade!

Curvado sobre o livro, Nick lambeu os lábios.

— Não, mas posso prender-te num círculo já que estás aqui.

Parecia hesitante, como se não tivesse a certeza.

Enquanto Jenks se erguia na palma da minha mão aberta e lançava pó de pixy para o meu pulso estraçalhado, a coisa martelava contra a barreira invisível. Erguia-se fumaça do chão, no local onde os seus pés tocavam o cimento.

— Outra vez, não! — disse enraivecido. — Deixe-me sair!

Nick engoliu em seco e avançou, para lá do sangue e dos livros caídos, na minha direção.

— Meu Deus, Rachel — disse, enquanto o livro caía ao chão, acompanhado pelo som de folhas rasgando. Jenks limpava o sangue do meu

rosto, cantando uma música de embalar rápida, sobre orvalho e raios de luar.

Os meus olhos viajaram entre o livro rasgado caído no chão e Nick. — Nick? — disse, com a voz trêmula, presa à forma da sua silhueta contra as feias luzes fluorescentes. — Não consigo me mexer. — O pânico inundou-me. — Não consigo me mexer, Nick! Acho que ele me paralisou!

— Não. Não - disse ele, olhando de relance para o cão. Instalando-se atrás de mim, puxou-me de forma a sentar-me encostada a ele. — É a saliva de vampiro. Vai passar.

Envolta pelos seus braços, meio sentada no seu colo, senti o meu corpo ficar frio. Dormente, ergui o olhar para ele. Os seus olhos castanhos estavam semicerrados. O maxilar cerrado de preocupação. O sangue corria da testa, traçando um pequeno riacho ao longo do rosto e ensopando a camisa. As mãos estavam vermelhas e grudentas, mas os braços à minha volta era quentes. Comecei a tremer.

— Nick? — disse com a voz fraca. A minha atenção seguiu a dele até à coisa. Era de novo um cão. Erguia-se ali, fitando-nos. A saliva pingando. Os músculos tremendo. — É um vampiro?

— Não — disse ele. — É um demônio, mas se for suficientemente forte, tem a capacidade de assumir qualquer forma. Será capaz de mexer com você dentro de um minuto. — O rosto contorceu-se numa expressão preocupada quando olhou para o sangue espalhado pela sala. — Vais ficar bem. — Mantendo-me enroscada no seu colo, usou a minha faca de prata para rasgar a parte inferior da camisa. — Vais ficar bem — sussurrou, enquanto atava o pano ao redor do meu pulso e o pousava suavemente sobre o meu colo. Gemi com o prazer inesperado que se ergueu do meu pulso devido ao movimento brusco.

— Nick? — Havia centelhas negras entre mim e as luzes. Era fascinante. — Já não há mais demônios... Não há um ataque de demônios desde a Viragem.

— Tive três anos de demonologia, como segunda língua, para me ajudar com o latim — disse ele, estendendo uma mão para agarrar na minha mala, enquanto Jenks a empurrava da mesa partida. — Aquela coisa é

um demônio. — Mantendo a minha cabeça no seu colo, vasculhou as minhas coisas. — Tens aqui alguma coisa para a dor?

— Não — disse eu, sonhadoramente. — Eu gosto da dor. — De queixo caído, o olhar de Nick voou para o meu e depois para o de Jenks. — Ninguém tira demonologia — protestei, debilmente, desejando rir. — É como a coisa mais inútil do mundo. — O meu olhar dirigiu-se ao armário. As portas ainda estavam fechadas, mas os painéis tinham-se partido sob os golpes de Nick e o impacto do meu corpo contra ele. Na madeira estilhaçada, estava um espaço vazio do tamanho do livro ao meu lado. Então é isso que escondem num armário trancado, numa sala trancada, atrás de uma porta trancada, no porão de um edifício governamental. Olhei para Nick com os olhos semicerrados. — Sabe como invocar demônios? — perguntei. Deus me ajudasse, mas eu sentia-me bem. Leve e aérea. — É um praticante de magia negra. Eu prendo pessoas como tu — disse eu, tentando passar um dedo pela linha do maxilar dele.

— Não exatamente. — Nick pegou a minha mão e pousou-a. Arrancando outro pedaço da camisa com a mão, usou-o para limpar o sangue do meu rosto. — Não tente falar, Rachel. Perdeste muito sangue. — Voltou-se para Jenks, os olhos assustados. — Não a posso levá-la assim num ônibus!

O rosto de Jenks parecia mostrar sofrimento.

— Vou buscar Ivy. — Pousou sobre o meu ombro e sussurrou. — Aguenta, Rache. Volto já. — Esvoaçou até Nick, a brisa das suas asas lançando ainda mais ondas de euforia através do meu corpo. Fechei os olhos e cavalguei sobre elas, esperando que nunca terminassem.

— Se a deixar morrer aqui, eu mesmo te matarei — ameaçou Jenks e Nick acenou. Jenks partiu com o som de mil abelhas. O som ecoou na minha mente, mesmo depois de ele ter partido.

— Ele não consegue sair? — perguntei, abrindo os olhos enquanto as minhas emoções iam de um extremo ao outro e as lágrimas se acumulavam.

Nick enfiou o grande livro sobre demônios na minha mala. As marcas das mãos ensanguentadas dele cobriam ambos os objetos. — Não. E,

quando o sol se erguer... Puf, desaparece. Está segura. Sossega. — Enfiou a faca na minha mala e levou a mão ao meu casaco.

— Estamos num porão — protestei. — Não há Sol aqui.

Nick arrancou o forro do meu casaco e pressionou-o contra o meu pescoço. Gritei quando um pulsar de êxtase dos efeitos que ainda restavam da saliva de vampiro me atravessou. A hemorragia diminuía e perguntei-me se seria por causa do pó de pixy de Jenks. Aparentemente podia fazer mais do que cócegas.

— Não é a luz do sol que manda os demônios de volta para a eternidade — disse Nick, achando, sem dúvida, que me tinha magoado. — É algo nos raios gama ou nos prótons... Raios, Rachel, pára de me fazer tantas perguntas. Era ensinado como um auxílio para o desenvolvimento de uma língua, não para aprender a controlar demônios.

O demônio era mais uma vez Ivy e eu tremi quando lambeu os lábios vermelhos com a língua manchada de sangue, provocando-me.

— Qual foi sua média, Nick? — perguntei. — Por favor, diz que foi um A.

— Hum... — gaguejou ele, enquanto me cobria com o meu casaco. Com um ar histérico, tomou-me nos braços, quase me embalando. A minha respiração silvou, enquanto o meu pulso latejava ao ritmo das pulsações do meu pescoço. — Calma — sussurrou ele. — Vais ficar bem.

— Tem certeza? — disse uma voz oculta, vinda do canto.

Nick levantou a cabeça. Enroscada nos braços de Nick, fitei o demônio. Tinha voltado ao seu sobretudo de cavalheiro.

— Liberta-me. Posso ajudar — disse o demônio, todo simpático. Nick hesitou.

— Nick? — disse eu, subitamente assustada. — Não lhe dê ouvidos. Não dê!

O demônio sorriu sobre os óculos escuros, revelando os dentes lisos, certinhos.

— Quebra o círculo e eu a levo para Ivy. De outra forma... — O demônio franziu a sobrancelha como se estivesse preocupado. — Parece que há mais sangue fora dela do que dentro.

O olhar de Nick percorreu o sangue espalhado pelas paredes e pelos livros. Agarrou-me com mais força.

— Está tentando matá-la — disse ele, a voz quebrada. Ele encolheu os ombros.

— Fui obrigado a isso. Quando me prendeste no teu círculo, apagaste aquele que foi usado para me invocar. Com ele, desapareceu qualquer obrigatoriedade de fazer o que me fora pedido. Sou todo teu, pequeno feiticeiro. — Sorriu e a minha respiração tornou-se um ofegar rápido e carregado de medo.

— Nick... — sussurrei, enquanto o meu torpor provocado pela perda de sangue desaparecia. Aquilo era mau. Eu sabia que aquilo era mau. O terror trazido pela recordação de ser atacada por ele apoderou-se de mim. A minha pulsação tornou-se irregular quando o meu coração tentou bater mais depressa.

— Pode levar-nos de volta à igreja dela? — perguntou Nick.

— Aquela junto da pequena linha Ley? — O contorno do demônio tremeluziu quando a sua expressão se sobressaltou. — Alguém fechou com ela um círculo há seis noites. As ondas que enviou através da eternidade fizeram chocalhar as xícaras nos meus pires, por assim dizer. — Inclinou a cabeça, especulativamente. — Foi você?

— Não — disse Nick, a voz fraca.

Senti-me doente. Tinha usado sal a mais. Deus me ajudasse. Não sabia que os demônios podiam sentir quando uma linha Ley era usada. Se sobrevivesse àquilo, nunca mais as utilizaria.

O demônio olhou para mim.

— Posso levar-te lá — disse ele. — Mas, em troca, não quero ser obrigado a regressar à eternidade.

Nick agarrou-me com mais força.

— Quer que eu te deixe à solta em Cincinnati durante toda a noite?

Um sorriso repleto de poder pairou sobre o demônio. Ele expirou lentamente e ouvi as articulações do seu ombro a estalar.

— Quero matar aquele que me invocou. Depois disso partirei. Lá cheira mal. — Olhou por cima dos óculos escuros, chocando-me com os seus olhos alienígenas. — Nunca me invocarás, não é, pequena feiticeira? Podia ensinar-te tantas coisas que não sabe.

O medo lutou com a dor do meu ombro, enquanto Nick hesitava antes de abanar a cabeça.

— Não nos magoará — disse Nick. — Mental, física ou emocionalmente. Nos levará através do caminho mais direto e nada fará para nos pôr em perigo, depois que entregar.

— Nick Nicky — o demônio fez beicinho. — Até poderia pensar que não confia em mim. Consigo chegar antes que a Ivy saia, se levá-los através de uma linha Ley, mas é melhor que se apressem. Rachel Mariana Morgan parece estar ficando fraca muito depressa.

Através da eternidade? Pensei em pânico. Não! Foi isso que matou o meu pai.

Nick engoliu em seco, o pomo de Adão movimentou-se.

— Não! — tentei gritar, contorcendo-me para me libertar dos seus braços. O torpor da saliva quase tinha desaparecido e com o regresso do movimento veio a dor. Acolhi a dor, sabendo que o prazer tinha sido uma mentira. Nick estava pálido, tentava manter-me imóvel e segurar o forro do casaco contra o meu pescoço.

— Rachel — sussurrou ele. — Perdeste muito sangue. Não sei o que fazer!

Tinha a garganta seca demais para engolir.

— Não... Não o deixe sair — insisti. — Por favor — supliquei, enquanto afastava de mim as mãos dele. — Estou ótima. A hemorragia parou. Ficarei bem. Deixa-me aqui. Vai chamar a Ivy. Ela vem-nos buscar. Eu não quero atravessar a eternidade.

O demônio franziu a sobancelha, como se estivesse preocupado.

— Hum... — começou calmamente, tocando o laço que tinha ao pescoço. — Parece que ela está ficando incoerente. Não é bom. Tique-taque, Nick Nicky. É melhor que decida depressa.

Nick inspirou ruidosamente e de ficou tenso. O olhar percorreu a poça de sangue no chão e depois voltou-se para mim.

— Tenho de fazer qualquer coisa — sussurrou. — Está tão fria, Rachel.

— Nick, não! — gritei, quando ele me pousou no chão e se levantou cambaleando. Estendendo um pé, esfregou a linha de sangue.

Ouvi um uivo assustado. Tapei a boca, ao compreender que viera de mim. O terror pulsou através de mim quando o demônio tremeu. Atravessei a linha lentamente. Passou uma mão pela parede manchada de sangue e lambeu um dedo, sem nunca tirar os olhos de mim.

— Não deixe que ele me toque! — A minha voz estava aguda. Podia ouvir a histeria nela.

— Rachel v disse Nick, para me acalmar, ajoelhando-se ao meu lado.

— Ele disse que não te magoaria. Os demônios não mentem. Estava em todos os textos que copiei.

— Também não dizem a verdade! - exclamei.

A ira tremeluziu atrás dos olhos do demônio, suavizando-se numa onda de falsa preocupação antes que Nick pudesse vê-la. Avançou e eu lutei para me afastar.

— Não deixe que ele me toque! — gritei. — Não me obrigue a fazer isto!

O medo nos olhos de Nick era provocado pela minha reação e não pelo demônio. Ele não compreendia. Pensava que sabia o que estava fazendo. Pensava que os seus livros tinham todas as respostas. Não sabia o que estava fazendo. Eu sabia.

Nick agarrou-me pelo ombro e virou -se para o demônio. — Pode ajudá-la? — perguntou. — Ela vai-se matar.

— Nick, não! — guinchei, enquanto o demônio se ajoelhava e aproximava o rosto sorridente do meu.

— Dorme, Rachel Mariana Morgan — sussurrou e eu perdi a consciência.



Capítulo 26

— O que aconteceu? Onde está Jenks? — A voz de Ivy, próxima e preocupada, penetrou a névoa que me embaçava a mente. Sentia-me avançar, num movimento balanceado. Tinha estado quente e agora estava outra vez fria. O cheiro de sangue era forte. A memória de algo mais fétido pairava sobre mim: carne podre, sal e âmbar queimado. Não conseguia abrir os olhos.

— Foi atacada por um demônio. — Era uma voz firme e suave. Nick.

É verdade, pensei, começando a unir os pontos. Eu estava nos seus braços. Era esse o único cheiro agradável que sentia, masculino e suado. E era a sua camisa ensanguentada que fazia pressão contra o meu olho inchado, esfregando-o até ficar ainda mais dolorido. Comecei a tremer. Por que estava fria?

— Podemos sair da rua? — perguntou Nick. — Ela perdeu muito sangue.

Senti um toque quente na minha testa.

— Foi um demônio que fez isto? — disse Ivy. — Desde a Viragem que não há ataques de demônios. Maldição, eu sabia que não devia tê-la deixado sair daqui.

Os braços ao meu redor tornaram-se tensos. O meu peso oscilou, para trás e para frente, quando ele parou.

— Rachel sabe o que faz — disse Nick, a voz séria. — Ela não é nenhuma criança.

— Não? — disse Ivy. — Comporta-se como uma. Como é que permitiu que fosse maltratada desta forma?

— Eu? Sua vampira de sangue frio! — gritou Nick. — Você acha que eu deixei que isso acontecesse?

Senti o estômago apertar-se numa onda de náusea e tentei puxar o casaco sobre mim com a mão boa. Abri ligeiramente os olhos, semicerrando-os no brilho da luz da rua. Não podiam terminar aquela discussão depois de me meterem na cama?

— Ivy — disse Nick, lentamente. — Não tenho medo de ti, por isso poupa-me essa treta da aura e afasta-te. Sei o que anda tramando e não vou permitir que o faça.

— Do que está falando? — gaguejou Ivy.

Nick inclinou-se para ela e eu afundei-me, imóvel, entre eles.

— Rachel parece acreditar que você mudou ao mesmo tempo em que ela — disse ele. — Mas talvez goste de saber que todas as tuas revistas estão endereçadas à igreja, em teu nome. — Ivy inspirou rápida e audível e ele acrescentou num tom de voz determinado — Há quanto tempo está morando aqui enquanto esperava que Rachel se demitisse? Um mês? Um ano? Você a está caçando lentamente, Tamwood? Esperas torná-la o teu delfim quando morreres? Anda fazendo planos a longo prazo, é? É disso que se trata?

Lutei para tirar a cabeça do peito de Nick, para poder ouvir melhor.

Tentei pensar, mas estava tão confusa. Ivy tinha se mudado no mesmo dia que eu, não tinha? O computador ainda não estava ligado à net e ela tinha todas aquelas caixas no quarto. Como é que as revistas dela estavam endereçadas à igreja? Os meus pensamentos foram para o jardim perfeito para uma bruxa, nos fundos e para os livros de feitiço no sótão, acompanhados por um álibi. Deus me ajudasse, eu era uma tola.

— Não — disse Ivy suavemente. — Isto não é o que parece. Por favor, não conte a ela. Eu posso explicar.

Nick começou a andar com um movimento brusco, sacudindo-me enquanto subia os degraus de pedra. A minha memória começava a voltar. Nick tinha feito um negócio com o demônio. Nick tinha o libertado. Ele tinha

me adormecido. Ele tinha me feito atravessar as linhas Ley. Maldição. O bater da porta do santuário me fez saltar e gemi com a dor.

— Ela está acordando — disse Ivy, tensa, a voz a ecoando. — Leva-a para a sala de estar.

O sofá não, pensei, enquanto a sensação de paz do santuário me inundava. Eu não queria sujar o sofá de Ivy com o meu sangue, mas, depois, calculei que ele já tivesse visto sangue antes.

Senti como se o meu estômago caísse quando Nick se agachou. Senti as almofadas cederem suavemente sob a minha cabeça. A minha respiração silvou, enquanto Nick puxava os braços de debaixo de mim. Ouvi o clique da luz da mesinha de apoio e fiz uma careta perante o calor súbito e o brilho que me atravessou as pálpebras fechadas.

— Rachel?

Estava perto e alguém me tocou de leve no rosto.

— Rachel. — A sala ficou silenciosa. Foi o silêncio o que me acordou de verdade. Abri os olhos, semicerrando-os e vendo Nick ajoelhado ao meu lado. O sangue continuava a escorrer de sua testa e um riacho de sangue seco traçava uma linha irregular ao longo da linha do maxilar e do pescoço. O cabelo estava empapado e despenteado e os olhos castanhos estavam meio fechados. Ele estava uma desgraça. Ivy estava atrás dele, preocupada.

— É você — sussurrei, sentindo a cabeça leve e surreal. Nick inclinou-se para trás, expelindo o ar em sinal de alívio. v Posso beber um pouco de água? — perguntei, com a voz rouca. — Não me sinto muito bem.

Ivy inclinou-se para frente, tapando a luz. Os seus olhos percorreram-me com um ar de desapego profissional que se desfez quando ergueu as bordas da compressa improvisada que Nick aplicara no meu pescoço. Os olhos dela tornaram-se inquisitivos.

— Quase parou de sangrar.

— Amor, confiança e pó de pixy — disse ele com a voz arrastada e Ivy acenou.

Nick levantou -se. — Vou chamar uma ambulância.

— Não! — exclamei. Tentei sentar, mas fui impedida pela fadiga e pelas mãos de Nick. — Serei apanhada. A I.S sabe que estou viva. — Caí para trás, ofegante. A ferida no meu rosto, onde o demônio me tinha batido, pulsava em sintonia com o meu coração. Do meu braço erguia-se um latejar semelhante. Estava tonta. O ombro doía-me quando inspirava e a sala escurecia quando expirava.

— Jenks usou nela o seu pó — disse Ivy, como se isso explicasse tudo. — Desde que não recomece a sangrar, provavelmente não ficará pior. Vou buscar um cobertor. — Levantou-se com aquela sua graça fantasmagórica e rápida. Ia entrar em modo vampiro e eu não estava em condições de fazer o que quer que fosse em relação a isso.

Olhei para Nick quando ela saiu da sala. Ele parecia doente. O demônio o tinha enganado. Tínhamos ido para casa, como prometido, mas agora havia um demônio à solta em Cincinnati, quando tudo o que Nick tinha de fazer era esperar por Jenks e Ivy.

— Nick? — sussurrei.

— O que é? O que posso fazer? — A voz dele era preocupada e suave, com um toque de culpa.

— É um babaca. Ajuda-me a sentar.

Ele encolheu-se. Com mãos hesitantes e cautelosas, ajudou-me a levantar até as minhas costas estarem apoiadas no braço do sofá. Sentei-me e fitei o teto, enquanto manchas negras dançavam e tremiam até desaparecerem. Inspirando lentamente, olhei para mim mesma.

Sangue ensopava o meu vestido nos pontos onde este era visível sob o casaco que me cobria como um cobertor. Talvez agora tirá-lo. Uma camada castanha de sangue colava as meias aos pés. O meu braço mordido parecia cinzento nos locais que não estavam cobertos de sangue pegajoso. A bainha da camisa de Nick ainda estava atada ao redor do meu pulso e o sangue escorria dele à velocidade de uma torneira a pingar: ping, ping, ping. Talvez Jenks tivesse ficado sem pó antes de chegar até ele. O meu outro braço estava inchado, o ombro parecia partido. A sala ficou fria, depois quente. Fitei Nick, sentindo-me ficar distante, surreal.

— Oh, merda — murmurou ele, olhando de relance para o corredor. — Vais desmaiar outra vez. — Agarrou-me pelos tornozelos e puxou-me lentamente para baixo até a minha cabeça ficar apoiada no braço do sofá. — Ivy! — gritou. — Onde está esse cobertor?

Fitei o teto até ele parar de girar. Nick estava num canto, dobrado sobre si mesmo, de costas para mim, uma mão fechada sobre o ventre, a outra a segurar a cabeça.

— Obrigada — murmurei e ele voltou-se.

— Pelo quê? — A voz dele era amarga e parecia irado com o sangue seco sobre o rosto; as mãos estavam cobertas de sangue enegrecido e as linhas das suas palmas destacavam-se, brancas como cal.

— Por ter feito o que achava melhor. — Tremi sob o meu casaco. Ele sorriu, indisposto, tornando o rosto pálido ainda mais longo.

— Havia tanto sangue. Acho que entrei em pânico. Desculpa. — Seu olhar regressou ao corredor e não fiquei surpreendida quando Ivy entrou com um cobertor num dos braços, uma pilha de toalhas sob o outro e um recipiente com água nas mãos.

A inquietação sobrepôs-se à dor. Eu ainda sangrava.

— Ivy? — perguntei, com a voz trêmula.

— O que é? — respondeu ela, ríspidamente, enquanto pousava as toalhas e a água na mesa de centro e me envolvia com o cobertor, como se eu fosse uma criança.

Engoli em seco, tentando ver os seus olhos. — Nada — disse, debilmente, enquanto ela se endireitava e recuava.

Mesmo estando mais pálida do que de costume, parecia bem. Não me achava capaz de aguentar caso ela voltasse a entrar em modo vampiro. Eu estava indefesa.

O cobertor era quente perto do meu queixo e a luz do candeeiro penetrante. Tremi enquanto ela se sentava sobre a mesinha de centro e puxava a água para mais perto de si. Perguntei-me sobre a cor das toalhas

até ter compreendido que o rosa não mostrava as manchas de sangue antigo.

— Ivy? — A minha voz roçava o pânico quando ela levou a mão ao pano sobre o meu pescoço.

A mão dela desceu, o rosto perfeito assumindo uma expressão irada e insultada. — Não seja idiota, Rachel. Deixa-me olhar para o teu pescoço. Voltou a estender o braço e eu encolhi-me, recuando.

— Não! — gritei, enquanto me afastava. O rosto do demônio surgiu à minha frente, idêntico ao dela. Eu não fora capaz de lutar contra ele. Ele quase me matara. A recordação do terror apoderou-se de mim e encontrei forças para me sentar. A dor do meu pescoço parecia gritar por libertação, pelo regresso àquela extraordinária mistura de dor e desejo que a saliva do vampiro me tinha oferecido. Era algo que me chocava e assustava. As pupilas de Ivy aumentaram até os seus olhos ficarem negros.

Nick avançou, colocando-se entre nós duas, coberto de sangue seco e cheirando a medo cansado.

— Afasta-te, Tamwood — ameaçou ele. — Não mais tocá-la, se usar a aura...

— Tenha calma, garoto-ratazana — exclamou Ivy. — Não vou usar a aura, estou é completamente passada. Além disso, neste momento não morderia Rachel nem que ela me implorasse. Ela está com infecção.

Era mais do que eu queria saber, mas os seus olhos tinham regressado ao seu normal tom castanho, enquanto ela oscilava entre a raiva e a necessidade de ser compreendida. Senti uma sombra de culpa. Ivy não tinha me encostado à parede e mordido. Ivy não tinha me atormentado, ferrando em mim os seus dentes. Ivy não tinha sugado o meu pescoço, gemendo de prazer, enquanto me prendia e eu me debatia. Maldição. Não tinha sido ela.

Ainda assim, Nick ergueu-se entre nós.

— Está tudo bem, Nick — disse eu, a voz trêmula. Ele sabia porque eu tinha medo. — Está tudo bem. — Olhei para lá ele e para Ivy. — Desculpa. Por favor... pode dar uma olhada?

Ivy pareceu libertar-se, de imediato, de sua tensão. Aproximou-se mais, com um movimento rápido, enquanto Nick se desviava do caminho. Libertei o ar que prendi enquanto ela mexia no tecido ensopado.

— Muito bem — avisou Ivy. — Isto é capaz de doer um bocadinho.

— Au! — gritei ao sentir repuxar a pele quando Ivy a levantou. Pousou o feio pano sobre a mesa ao seu lado. Senti o estômago às voltas. Estava negro de sangue úmido e podia jurar que havia pedacinhos de carne presos à parte interior. Tremi ao sentir o ar frio sobre o meu pescoço. Sentia um formigueiro que parecia indicar um lento fluxo de sangue.

Ivy viu a minha expressão.

— Tira isso daqui, sim? — murmurou e Nick saiu com o pano ensopado. De rosto impávido, Ivy pousou uma toalha das mãos sobre o meu ombro para absorver o fluxo renovado. Fitei a tela negra da televisão enquanto ela molhava uma toalha e a espremia sobre a panela de água. O seu toque era gentil quando começou a limpar os limites da zona danificada, avançando para o interior. Ainda assim, não conseguia evitar um estremecimento ocasional. O ameaçador anel negro que me envolvia o campo de visão começou a crescer.

— Rachel? — A voz dela era suave e a minha atenção prendeu-se nela, preocupada com aquilo que iria descobrir. Mas o rosto dela estava cuidadosamente neutro, enquanto os olhos e os dedos avaliavam as marcas de dentadas no meu pescoço. — O que aconteceu? — perguntou ela. — Nick disse qualquer coisa sobre um demônio, mas isto parece...

— Parece uma dentada de vampiro — terminei, com suavidade. — Assumi a forma de um vampiro e fez-me isto. — Inspirei de forma entrecortada. — Assumi a tua forma, Ivy. Desculpa se parecer um pouco estranha durante algum tempo. Eu sei que não era você. Dá-me apenas algum desconto até eu conseguir convencer o meu subconsciente de que não foi você tentando me matar, está bem?

Os meus olhos cruzaram-se com os dela, sentindo um pulsar de medo partilhado quando ela compreendeu. No que interessava, eu tinha sido atacada por um vampiro. Tinha sido iniciada num clube em relação ao qual Ivy se queria manter longe. Agora queríamos as duas. Pensei sobre o

que Nick dissera em relação ao fato de ela querer me tornar no seu delfim. Não sabia no que acreditar.

— Rachel, eu...

— Depois — disse eu, quando Nick voltou a entrar. Sentia-me doente e a sala começava outra vez a ficar cinzenta. Matalina estava com ele, bem como duas das suas filhas, que carregavam a mala tamanho pixy. Nick ajoelhou-se junto à minha cabeça. Pairando no centro da sala, Matalina avaliou silenciosamente a situação, depois tirou a mala das mãos das filhas e empurrou-as até à janela.

— Vamos, vamos — ouvi-a sussurrar. — Para casa. Eu sei o que disse, mas mudei de ideia. — Os seus protestos estavam carregados de um fascínio horrorizado e perguntei-me quão mau seria o meu aspeto.

— Rachel? — Matalina pairava mesmo à minha frente, avançando e recuando até encontrar o ponto que os meus olhos estavam a focar. A sala tinha ficado assustadoramente silenciosa e eu tremi. Matalina era uma coisinha tão bela. Não era de admirar que Jenks fizesse qualquer coisa por ela. —Tente não se mexer, querida — disse ela.

Um zumbido suave vindo da janela fez com que ela se erguesse para longe do meu campo de visão.

— Jenks — disse a pequena mulher pixy, num tom aliviado. — Por onde andou?

— Eu? — Ele desceu para a minha linha de visão. — Como é que aqui chegaste antes de mim?

— Apanhamos um autocarro direto — disse Nick, sarcasticamente. O rosto de Jenks estava cansado e os ombros caídos. Senti um sorriso curvar os meus lábios.

— O pequeno senhor pixy está muito cansado para se divertir? — murmurei e ele aproximou-se tanto que tive de semicerrar os olhos.

— Ivy, tem de fazer alguma coisa — disse ele, os olhos muito abertos e preocupados. — Eu cobri as mordidas de pó para abrandar a hemorragia, mas nunca vi ninguém assim tão branco e ainda vivo.

— Eu estou fazendo alguma coisa — rosnou ela. — Sai do meu caminho.

Senti o ar agitar-se enquanto Matalina e Ivy se inclinavam sobre mim.

Achava a ideia de uma pixy e uma vampira inspecionarem a confusão sangrenta que era o meu pescoço reconfortante. Como a infecção era desagradável, eu devia estar segura. Ivy devia saber se as feridas colocavam, ou não, a minha vida em risco. E Nick, pensei sentindo uma tênue necessidade de rir. Nick irá me salvar se Ivy perder o controle.

Os dedos de Ivy tocaram-me no pescoço e eu grunhi. Ela afastou-se e Matalina levantou voo.

— Rachel — disse Ivy, num tom preocupado. — Eu não posso arranjar isto. O pó de pixy só te pode ajudar durante algum tempo. Precisa levar pontos. Temos que te levar para a urgência.

— Hospitais não — disse eu com um suspiro. Tinha parado de tremer e o meu estômago parecia estranho. — Os agentes entram, mas não voltam a sair. — Cedi ao meu desejo de rir.

— Prefere morrer no meu sofá? — perguntou Ivy e Nick começou a andar de um lado para o outro atrás dela.

— O que se passa com ela? — sussurrou Jenks. Ivy levantou-se e cruzou os braços, com uma expressão séria e chateada. Uma vampira chateada. Sim, aquilo era suficientemente engraçado para eu rir e então o fiz.

— É a perda de sangue — disse Ivy, impaciente. — Ela vai andar entre a lucidez e a irracionalidade até estabilizar ou desmaiar. Odeio esta parte.

A minha mão boa ergueu-se até ao pescoço e Nick obrigou-a a regressar para debaixo do cobertor.

— Não consigo tratar isto, Rachel! — exclamou Ivy, frustrada. — Os danos são grande.

— Eu faço qualquer coisa — disse eu, com firmeza. — Sou uma bruxa. — Inclinei-me para rolar para fora do sofá e me levantar. Tinha de ir para a cozinha. Tinha de fazer o jantar. Tinha de fazer o jantar para Ivy.

— Rachel! — gritou Nick, tentando agarrar-me. Ivy saltou para frente, voltando a colocar-me sobre as almofadas. Senti ficar pálida. A sala girava. De olhos muito abertos fitei o teto, usando toda a minha força de vontade para não desmaiar. Se o fizesse, Ivy me levaria para o hospital.

Matalina esvoaçou para o meu campo visual.

— Anjo — sussurrei. — Lindo anjo.

— Ivy! — gritou Jenks, com medo na voz. — Ela está delirando.

O anjo pixy sorriu, uma bênção sobre mim.

— Alguém devia ir buscar o Keasley — disse ela.

— O velho gigantão... hum... Bruxo do outro lado da estrada? — disse Jenks.

Matalina acenou.

— Dizer que Rachel precisa de assistência médica. — Ivy parecia espantada.

— Acha que ele pode fazer alguma coisa? — perguntou ela, com um toque de medo na voz. Ivy temia por mim. Talvez eu também devesse temer por mim.

Matalina corou.

— Ele perguntou... Outro dia... Se poderia tirar alguns rebentos do jardim. Não há mal nisso. — A bela pixy remexeu o vestido, os olhos baixos. — Todas as plantas tinham propriedades fortes. Milefólio, verbena, esse tipo de coisas. Pensei que se ele as queria, talvez as soubesse usar.

— Mulher... — disse Jenks em tom de aviso.

— Fiquei com ele o tempo todo — disse ela, os olhos desafiantes. — Ele não tocou senão naquilo em que disse que podia tocar. Foi muito educado. Perguntou pela saúde de todos.

— Matalina, o jardim não é nosso — disse Jenks e o anjo ficou zangado.

— Se não o fores chamar, vou eu — disse ela, prontamente, e saiu pela janela. Eu pisquei os olhos fitando o ponto onde ela estivera.

— Matalina! — gritou Jenks. — Não voes de mim. O jardim não é nosso. Não o pode agir como se fosse. — Desceu para a minha linha de visão. — Desculpa — disse ele, claramente atrapalhado e zangado. — Ela não o voltará a fazer. — O rosto assumiu uma expressão séria quando se afastou, veloz, atrás dela. — Matalina!

— Não faz mal — sussurrei, embora já não estivesse ali nenhum dos dois. — Eu digo que não faz mal. O anjo pode convidar quem quiser para o jardim. — Fechei os olhos. Nick pousou uma mão na minha cabeça e eu sorri.

— Olá, Nick — disse suavemente, abrindo os olhos. — Ainda está aqui?

— Sim, ainda estou.

— Ainda bem — disse eu. — Porque quando conseguir levantar, vou ter dar um gra-a-a-ande beijo.

Nick tirou a mão da minha cabeça e recuou. Ivy fez uma careta.

— Odeio esta parte — murmurou. — Odeio. Odeio.

A minha mão ergueu-se até ao pescoço e Nick obrigou-me a baixá-la de novo. Podia ouvir a torneira a pingar mais uma vez sobre o tapete: ping, ping, ping. A sala começou a andar às voltas, majestosa, e eu a vi girar, fascinada. Era divertido e tentei rir.

Ivy emitiu um som frustrado.

— Se ela se está rindo, vai ficar bem — disse. — Por que não vai tomar um banho?

— Eu estou bem — disse ele. — Vou esperar até ter certeza.

Ivy ficou em silêncio durante alguns instantes.

— Nick — acabou por dizer, a voz espessa de aviso. — Rachel fede a infecção. Você fede a sangue e medo. Vai tomar um banho.

— Oh! — Houve uma longa hesitação. — Desculpa.

Sorri para Nick enquanto ele se dirigia para a porta.

— Vai se lavar, Nick Nicky — disse eu. — Não faça Ivy ficar escura e assustadora. Demora o tempo que quiser. Há sabonete na saboneteira e... — hesitei, tentando recordar o que estava a dizer — E toalhas na máquina de secar roupa — terminei, orgulhosa de mim mesma.

Ele tocou-me no ombro, os olhos saltando entre mim e Ivy.

— Deve ficar bem.

Ivy cruzou os braços à frente do corpo esperando, impaciente, que ele saísse. Ouvi o chuveiro começar a correr. Deixou-me cem vezes mais ansiosa. Podia sentir o braço pulsando e as costelas latejar. O meu pescoço e o meu ombro eram uma única dor. Voltei-me para ver o cortinado mover-se sob a brisa, fascinada.

Um estrondo sonoro vindo da frente da igreja chamou-me a atenção par o corredor das traseiras.

— Olá? — dizia a voz distante de Keasley. — Menina Morgan? A Matalina disse que eu podia entrar.

Os lábios de Ivy apertaram-se.

— Fica aqui — disse ela, dobrando-se sobre mim até eu não ter outra escolha senão olhar para ela. — Não levante até eu voltar, está bem? Rachel? Está ouvindo? Não levante.

— Claro. — O meu olhar deslizou para ela, depois para os cortinados. Se eu os semicerrasse de uma ce-e-erta forma, o cinzento tornava-se preto. Ficar aqui.

Dirigindo-me um último olhar, ela reuniu todas as suas revistas e saiu.

O som do chuveiro atraiu-me. Lambi os lábios. Perguntei-me se, se tentasse com muita força, seria capaz de chegar a pia da cozinha.

Capítulo 27

Houve um barulho de um saco de papel no corredor e inclinei minha cabeça por cima do braço do sofá. A sala manteve-se firme neste momento, e uma nevoa parecia levantar de mim. A figura encurvada de Keasley entrou e Ivy veio logo atrás. — Ah, que bom — eu sussurrei sem fôlego. — Companhia.

Ivy empurrou Keasley e sentou-se no fim da cadeira mais próxima de mim. — Você parece melhor — ela disse. — Você está de volta mesmo ou ainda fora da terra?

— O que?

Ela balançou sua cabeça e eu dei a Keasley um pálido sorriso. — Desculpe, não poder lhe oferecer chocolate.

— Senhorita Morgan — seu olhar demorou em meu pescoço exposto. — Teve uma discussão com sua companheira de quarto? — ele disse secamente enquanto passava a mão sobre seu hermeticamente cacheado cabelo preto.

— Não — eu disse apressadamente quando Ivy enrijeceu.

Ele arqueou as sobrancelhas em sinal de descrença e pôs seu saco de papel na mesa de café. V Matalina não disse o que eu iria precisar, então eu trouxe um pouco de tudo — ele olhou de soslaio para a lâmpada da mesa. — Tem alguma coisa mais brilhante que isso?

— Eu tenho um clipe fluorescente. — Ivy deslizou pela sala e hesitou. — Não deixe ela se mover ou ela estará incoerente novamente.

Eu abri minha boca para dizer alguma coisa, mas ela desapareceu sendo substituída por Matalina e Jenks. Jenks parecia nitidamente furioso, mas Matalina não o perdoou. Eles pairavam no canto, suas conversas tão

rápidas e de alta frequência que eu não poderia acompanhar. Finalmente Jenks saiu, parecia que ia matar uma vagem de ervilha. Matalina ajeitou o esvoaçante vestido branco e voou para o braço do sofá ao lado da minha cabeça.

Keasley sentou-se na mesa de café com um cansado suspiro. A barba de três dias atrás estava ficando branca. Isso o fez parecer como um mendigo. Os joelhos de seu macacão foram manchados com terra molhada, e eu podia sentir o cheiro da rua nele. Suas mãos de pele escura, no entanto, estavam em carne viva de um esfregar obvio. Ele puxou um jornal de sua bolsa e espalhou aberto como uma toalha de mesa. — Então quem estava no chuveiro? Sua mãe?

Eu bufei, sentindo o aperto do meu olho inchado. — Seu nome é Nick — eu disse assim que Ivy apareceu. — Ele é um amigo.

Ivy fez um som rude enquanto ela anexava uma pequena luz para fazer sombra na lâmpada da mesa e ligando-a. Eu estremeci, olhando de soslaio conforme o calor e a luz se derramavam.

— Nick, hein? — Keasley disse enquanto ele escavava em sua bolsa, lançando amuletos, papéis de presente e frascos para o jornal. — Um vampiro, não é?

— Não, ele é um humano — eu disse e Keasley olhou desconfiado para Ivy.

Não percebendo seu olhar, Ivy se aproximou. — Seu pescoço é o pior. Ela perdeu uma quantidade perigosa de sangue...

— Posso imaginar — o velho homem olhou agressivamente para Ivy até que ela deu marcha ré. — Eu preciso de mais toalhas, e por que você não consegue algo para Rachel beber? Ela precisa repor seus fluidos.

— Eu sei disso — Ivy disse, dando um passo vacilante para trás antes de voltar para a cozinha. Houve um barulho de vidro e o acolhedor som de líquido. Matalina abriu seu kit de primeiros socorros e silenciosamente comparou suas agulhas com as de Keasley.

— Algo quente? — Keasley repetiu alto, e Ivy bateu a porta do congelador. — Vamos dar uma olhada — ele disse enquanto apontava a luz

para mim. Ele e Matalina ficaram em silêncio por um longo tempo. Suavemente, Keasley deixou sua respiração deslizar dele. — Talvez alguma coisa para aliviar a dor primeiro — ele disse suavemente, alcançando um amuleto.

Ivy apareceu na sala. — Onde você conseguiu esses feitiços? — ela disse desconfiada.

— Relaxe — ele disse com uma voz distante enquanto examinava cuidadosamente cada disco. — Eu comprei meses atrás. Seja útil e coloque uma panela com água para ferver.

Ela fungou e girou em volta, esbravejando para a cozinha. Eu ouvi uma série de cliques seguidos pelo ‘woosh’ da ignição do gás. As torneiras correram a toda força enquanto ela enchia uma panela. Um grito fraco de surpresa veio do meu banheiro.

Keasley tinha o dedo ensanguentado e invocou o feitiço antes que eu percebesse. O amuleto firme em torno do meu pescoço, e depois de olhar direto nos olhos para avaliar sua eficácia, ele voltou sua atenção para meu pescoço.

— Eu realmente aprecio isso — eu disse assim que os primeiros dedos de alívio invadiram meu corpo e meus ombros caíram. Salvação.

— Eu adiarei os agradecimentos até que você pague minhas contas — Keasley murmurou. Fiz uma carranca para a velha piada, ele sorriu, enrugando as pregas em torno dos olhos. Restabelecendo a si mesmo, ele cutucou minha pele. A dor rompeu através da magia, e tomei uma respiração afiada. — Ainda dói? perguntou.

— Por que você apenas não a leva? — Ivy perguntou.

Eu iniciei. Droga, eu não tinha a ouvido chegar. — Não — eu disse agudamente. Eu não queria que ela convencesse-o a me levar para o hospital.

— Não faria mal nenhum — Ivy disse, permanecendo agressiva em seu couro e seda. — Por que você tem que fazer as coisas da maneira mais difícil?

— Eu não estou fazendo da maneira mais difícil, só não quero ser levada a um médico — argumentei. Minha visão escureceu, e me concentrei em respirar antes que eu me colocasse para fora.

— Senhoras — Keasley murmurou em tensão. — Eu concordo que sedando Rachel seria mais fácil, especialmente para ela, mas não vou forçar nada.

— Obrigada — eu disse indiferente.

— Um pouco mais de panelas de água, talvez, Ivy? — Keasley perguntou. — E aquelas toalhas?

O microondas soou e Ivy girou afastando-se. Que bicho a mordeu? Eu me perguntava.

Keasley invocou um segundo amuleto e estabeleceu ao lado do primeiro. Era outro encanto de dor, e eu afundei dentro de um duplo alívio e fechei meus olhos. Eles reluziram claramente enquanto Ivy colocava uma caneca de chocolate quente na mesa de café, intimamente seguido por uma pilha de mais toalhas rosa. Com uma frustração inapropriada, ela voltou para a cozinha para lançar-se quase debaixo do balcão.

Debaixo do cobertor, eu lentamente tirei o braço que o demônio havia golpeado. O inchaço tinha diminuído, e um pequeno nó de preocupação afrouxou. Não estava quebrado. Eu mexia meus dedos, e Keasley colocou o chocolate quente em minhas mãos. A caneca estava confortavelmente morna e o chocolate quente deslizou em minha garganta com um sentimento de proteção.

Enquanto tragava minha bebida, Keasley colocou as toalhas em volta do meu ombro direito. Tirando uma garrafa de sua bolsa, ele lavou o último sangue do meu pescoço, encharcando as toalhas. Com seus olhos castanhos atentos, ele começou a examinar o tecido. — Ai — eu gemi quase derramando meu chocolate quente, enquanto me afastava. — Você realmente precisa fazer isso?

Keasley resmungou e colocou um terceiro amuleto em volta do meu pescoço. — Melhor? ele perguntou. Minha visão tinha ofuscado com a força da magia. Gostaria de saber onde ele conseguia esses amuletos fortes, então

me lembrei que ele tinha artrite. Demorou até que o feitiço abrandasse uma dor como essa, e eu me sentia culpada que eles estava usando seus encantos medicinais em mim. Desta vez eu só senti uma fraca pressão enquanto ele cutucava e empurrava, eu assentia. — Quanto tempo desde que você foi mordida? — ele perguntou.

— Hum... — murmurei, lutando contra o estado sonolento que o amuleto estava criando. — Pôr do sol?

— O quê? Nove horas? — ele disse olhando fixo para o relógio do aparelho de som. — Ótimo. Nós podemos costurá-la todo o caminho acima. — Acomodando-se, ele assumiu um ar de instrutor acenando para Matalina se aproximar. — Olhe aqui — ele disse para a mulher duende. — Vê como o tecido foi cortado ao invés de rasgado? Eu prefiro costurar uma mordida de vampiro que uma mordida de Were.

Matalina flutuou mais perto. — Espinhos lançados deixam cortes como este, mas nunca fui capaz de encontrar nada para manter os músculos no lugar enquanto as extremidades desatavam.

Empalidecendo, eu engoli meu chocolate quente, desejando que parassem de falar como se eu fosse um experimento científico ou um pedaço de carne de churrasco.

— Eu uso uma classe veterinária de suturas dissolúveis, em mim mesmo — Keasley disse.

— Classe veterinária? — eu disse assustada.

— Ninguém mantém vestígios de clínicas veterinárias — ele disse distraidamente. — Mas eu ouvi que as veias que correm nas hastes das folhas de louros são fortes o suficiente para fadas e duendes. Eu não usaria nada além de fios de sutura feitos com intestino animal para os músculos das asas. Quer um pouco? — ele escavou em sua bolsa e colocou vários pequenos envelopes de papel sobre a mesa. — Considere isso pagamento por aqueles pedaços de plantas.

As asas de Matalina pintadas de um delicado rosa. — Aquelas não eram minhas plantas para dar.

— Sim, elas eram — eu interrompi. — Estou ficando com cinquenta por cento, tirando a minha renda por manter o jardim. Acho que isso o torna meu. Mas vocês são os únicos cuidando dele. Eu digo que isso o faz seus.

Keasley olhou por cima do meu pescoço. Um olhar chocado veio de Matalina.

— Considere isso o salário de Jenks — eu adicionei. — Isso é, se você achar que ele pode querer o jardim como seu salário.

Por um momento houve silêncio. — Acho que ele poderia gostar disso — Matalina sussurrou. Ela transferiu os pequenos envelopes para sua bolsa. Deixando-os, ela se lançou para a janela e voltou, claramente dividida. Sua agitação junto a minha oferta era óbvia. Querendo saber se eu tinha feito algo errado, eu olhei para a parafernália de Keasley estabelecida sobre o jornal.

— Você é médico? — eu perguntei, colocando minha caneca vazia para baixo com um baque. Eu tinha que lembrar de pegar a receita para este feitiço. Não podia sentir nada... Em nenhum lugar.

— Não — ele enchumaçou para cima a água e as toalhas encharcadas de sangue, atirando-os ao chão.

— Então de onde você tirou tudo isso? — eu incitei.

— Eu não gosto de hospitais — ele disse bruscamente. — Matalina. Por que eu não faço as costuras e você fecha a pele? Tenho certeza que seu trabalho é mais uniforme que o meu — ele sorriu lamentosamente. — Eu aposto que Rachel apreciaria uma cicatriz menor.

— A cicatriz ficará com uma polegada — Matalina disse satisfeita por ter sido convidada.

Keasley esfregou meu pescoço com um gel frio. Estudei o teto enquanto ele pegava um par de tesouras e cortou — o que eu assumi eram bordas irregulares. Fazendo um barulho satisfeito ele escolheu uma agulha e uma linha. Houve uma pressão em meu pescoço seguido por um puxão, e eu respirei fundo. Meus olhos agitaram para Ivy assim que ela veio e se inclinou sobre mim, quase bloqueando a luz de Keasley.

— Que tal aquele? — ela disse apontando. — Você não deveria costurar aquele primeiro? — ela disse. — É onde o sangramento é maior.

— Não — ele disse fazendo outro ponto. — Você pode pegar outra panela de água fervendo?

— Quatro panelas de água? — ela questionou.

— Se você puder — ele falou devagar.

Keasley continuou costurando e eu contava os puxões, meu olhar no relógio. O chocolate não estava sentando tão bem quanto eu gostaria. Eu não havia sido costurada desde que a minha ex-melhor amiga tinha se escondido no meu armário da escola fingindo ser raposa transformada. O dia terminou com ambas sendo expulsas.

Ivy hesitou, depois pegou as toalhas molhadas e as levou para a cozinha. A água corria e outro grito seguido por um baque abafado veio do meu chuveiro.

— Você vai parar de fazer isso? — veio em um grito aborrecido, e eu não pude conter meu sorriso. Cedo demais Ivy estava de volta espiando por cima do ombro de Keasley.

— Esse ponto não parece apertado — ela disse.

Eu me mexi desconfortavelmente enquanto a testa enrugada de Keasley franzia. Eu gostava dele e Ivy estava sendo um incômodo sangrento.

— Ivy... — ele murmurou — por que você não faz uma verificação do perímetro?

— Jenks está fora. Nós estamos bem.

A mandíbula de Keasley cerrou, as dobras da pele de sua mandíbula agrupando-se. Lentamente ele puxou o fio verde apertado, seus olhos no trabalho. — Ele pode precisar de ajuda — ele disse.

Ivy endireitou com seus braços cruzados e obscurecendo seus olhos pretos. — Duvido disso.

As asas de Matalina focaram para o nada enquanto Ivy se inclinava, bloqueando a luz de Keasley.

— Vá embora — Keasley disse suavemente, sem se mover. — Você está incomodado.

Ivy moveu-se para trás, sua boca abrindo no que parecia ser de choque. Seus olhos foram para os meus, e eu sorri em acordo. Enrijecendo, ela girou. Suas botas estalaram no chão de madeira do corredor e dentro do templo. Estremeci quando o grande estrondo da porta da frente ecoou através da igreja.

— Desculpe — eu disse, sentindo que alguém deveria se desculpar.

Keasley esticou suas costas dolorosamente. — Ela está preocupada com você e não sabe como demonstrar sem morder você. Ou isso, ou ela não gosta de estar fora do controle.

— Ela não é a única — eu disse. — Estou começando a me sentir um fracasso.

— Fracasso? — ele respirou. — Como você pode achar isso?

— Olhe para mim — eu disse bruscamente. — Estou um caco. Eu perdi tanto sangue que não consigo me levantar. Eu não fiz nada por mim desde que deixei a I.S, exceto ser capturada por Trent e transformada em ração. Eu não me sinto mais como uma corredora. — Papai estaria desapontado, eu pensei. Eu deveria ter ficado onde estava, segura, protegida, com minha mente entediada.

— Você está viva — Keasley disse. — Este não é um truque fácil enquanto se está sob ameaça de morte da I.S — Ele ajustou a lâmpada até que ela brilhou bem no meu rosto. Fechei meus olhos enquanto ele limpava um bloco frio na minha pálpebra inchada. Matalina assumiu costurando meu pescoço, seus minúsculos puxões quase despercebidos. Ela nos ignorou com a limitação praticada de uma mãe profissional.

— Eu estaria morta duas vezes, se não fosse por Nick — eu disse olhando em direção ao chuveiro invisível.

Keasley apontou a lâmpada para meu ouvido. Eu empurrei quando ele tocou-o com um quadrado macio de algodão úmido. Ele saiu com sangue preto e velho. — Você teria escapado de Kalamack eventualmente — ele

disse. — Em vez disso, você teve uma chance e tirou Nick para fora também. Não vejo fracasso nisso.

Eu olhei para ele com meu olho desinchado. — Como você sabe sobre a luta do rato?

— Jenks me contou sobre durante o caminho.

Satisfeita, estremeci enquanto Keasley passou um líquido de cheiro desagradável em minha orelha rasgada. Ele pulsava devidamente sobre a dor dos três amuletos. — Eu não posso fazer mais nada por isso — ele disse. — Desculpe.

Eu tinha esquecido minha orelha. Matalina voou até o nível dos meus olhos, seu olhar passando de Keasley para mim. — Tudo pronto — ela disse em sua voz de boneca de porcelana. — Se você puder terminar tudo bem, eu gostaria de, Hum... — Seus olhos estavam encantadoramente ansiosos. Um anjo com notícias felizes. — Eu quero dizer a Jenks sobre sua oferta sobre o jardim.

Keasley assentiu. — Vá em frente — ele disse. — Não há muito que fazer, apenas o pulso.

— Obrigada Matalina — eu ofereci. — Eu não sinto nada.

— De nada. — A pequena mulher duende lançou-se para a janela, depois voltou. — Obrigada — ela sussurrou antes de desaparecer pela janela e dentro do jardim escuro.

A sala de estar estava vazia novamente, apenas eu e Keasley. Estava tão quieto, que eu podia ouvir os estalos das tampas das panelas de água na cozinha. Keasley pegou a tesoura e cortou o algodão ensopado do meu pulso. Ele caiu e meu estômago se agitou. Meu pulso ainda estava lá, mas nada estava no lugar certo. Não me admira que a poeira de duende de Jenks não podia impedi-lo de sangrar. Pedacos de carne branca foram amontoados aos montes, e pequenas crateras estavam cheias de sangue. Se meu pulso se parecia com aquilo, como se pareceria meu pescoço? Fechando meus olhos, me concentrei em respirar. Eu ia desmaiar. Eu sabia disso.

— Você fez um forte aliado — ele disse suavemente.

— Matalina? — eu segurei minha respiração, tentando não hiperventilar. — Não posso imaginar o porquê — eu disse enquanto exalava. — Eu sempre coloco seu marido e sua família em risco.

— Hum... — ele colocou a panela de água de Ivy em seus joelhos e baixou suavemente em meu pulso nela. Eu assobieei com o local da mordida na água, então relaxou com os amuletos que entorpeciam a dor. Ele cutucou meu pulso e eu gemi, tentando empurrá-lo para longe. — Você quer um conselho? — ele perguntou.

— Não.

— Ótimo. Ouça de qualquer maneira. Parece-me que você se tornou líder aqui. Aceite isso. Sei que vem com um preço. As pessoas vão fazer coisas por você. Não seja egoísta. Deixe-os.

— Eu devo a Nick e Jenks minha vida — eu disse odiando-o. — O que é tão grandioso sobre isso?

— Não, você não deve. Por causa de você Nick não tem que matar mais ratos para sobreviver e a expectativa de Jenks quase dobrou.

Eu me afastei e dessa vez ele me deixou. — Como você vê isso? — eu disse suspeita.

O ressoante barulho da panela atingindo a mesa de café era agudo enquanto Keasley colocava ao lado. Ele colocou uma toalha rosa em meu pulso, e eu me forcei a olhar para ele. O tecido parecia mais normal. Um lento jorrar de sangue subiu para esconder os estragos, derramando sobre minha pele molhada para fluir confusamente sobre a toalha.

— Você fez de Jenks um parceiro — ele disse enquanto rasgava uma compressa de gaze e me limpava. — Ele tem mais do que um emprego, ele tem um jardim. Hoje à noite você o fez feliz durante o tempo que ele quiser. Eu nunca ouvi falar sobre locação de imóvel para duendes, mas eu seria capaz de apostar que irá mostrar-se humano ou em uma corte Inderland se outro clã desafiá-lo. Você garantiu que todos os seus filhos tenham um lugar para sobreviver até idade adulta, não apenas os poucos primogênitos. Eu acho que vale uma tarde de esconde-esconde em uma sala cheia de “lunkers” para ele.

Eu o observei enfiar uma agulha e forcei meus olhos para o teto. Os puxões e as beliscadas começaram com um ritmo lento. Todo mundo sabia que fadas e duendes competiam um com o outro por um bom pedaço de terra, mas eu não tinha ideia que as razões eram tão profundas. Pensei no que Jenks tinha dito sobre arriscar morrer por uma picada de abelha por uma miserável caixa de flores. Agora ele tinha um jardim. Não é de admirar que Matalina tinha sido tão prática sobre o ataque das fadas.

Keasley caiu em um padrão de dois pontos, uma ninharia. A coisa não parava de sangrar. Eu me recusei a olhar, meus olhos perambulando sobre a sala de estar cinza até que caíram no fim da mesa vazia onde as revistas de Ivy tinham estado uma vez. Engoli em seco, sentindo náuseas. — Keasley, você viveu aqui por um tempo, certo? — eu questionei. — Quando Ivy mudou-se?

Ele olhou por cima da sua costura, seu escuro, enrugado rosto sem expressão. — No mesmo dia em que você. Vocês ficaram livres no mesmo dia, não ficaram?

Eu agarrei a mim mesma antes que eu pudesse acenar meu consentimento. — Eu poso ver porque Jenks está arriscando sua vida por mim, mas... — Olhei para o corredor. — E Ivy? Eu sussurrei.

Keasley olhou para meu pescoço em desgosto. — Não é óbvio? Você a deixou alimentar-se de você e ela não vai deixar I.S matar você.

Minha boca abriu em ultraje. — Eu já lhe disse que Ivy não fez isso! — eu exclamei, meu coração batendo forte em esforço por levantar minha voz. — Foi um demônio!

Ele não parecia tão surpreso quanto eu esperei. Ele olhou para mim, esperando por mais. — Eu deixei a igreja para obter uma receita de um feitiço — eu disse suavemente. — A I.S enviou um demônio atrás de mim. Transformou-se em um vampiro para me matar. Nick envolveu-o em um círculo, senão eu estaria morta. — Eu caí, exausta. Meu pulso martelou. Eu estava fraca demais mesmo para estar com raiva.

— A I.S? — Keasley cortou sua agulha livre e olhou para mim sob a testa enrugada. — Você tem certeza que era um demônio? A I.S não usa demônio.

— Usa agora — eu disse amargamente. Olhei para meu pulso, em seguida rapidamente para longe. Ele ainda estava sangrando, o sangue escorrendo por entre os pontos verdes. Passei a mão em meu pescoço, pelo menos tinha parado. — Ele sabia todos os meus três nomes, Keasley. Meu nome do meio não está sequer em minha certidão de nascimento. Como a I.S descobriu qual era?

Os olhos de Keasley ficaram preocupados enquanto ele tirava o excesso no meu pulso. — Bem, se era um demônio você não precisa se preocupar nenhum vínculo vampiro por causa de suas mordidas... Eu imagino.

— Pequenos favores — eu disse amargamente.

Ele tomou meu pulso novamente, puxando a lâmpada mais próxima. Ele colocou uma toalha sobre ele para capturar o sangue ainda escorrendo. — Rachel? — ele murmurou.

Sirenes de alarme tocaram no fundo da minha mente. Eu sempre fui Senhorita Morgan para ele. — O que?

— Sobre o demônio. Você fez um trato com ele?

Segui o seu olhar para meu pulso e fiquei assustada. — Nick fez — eu disse rapidamente. — Ele concordou em deixá-lo fora do círculo se ele me trouxesse aqui viva. Trouxe-nos através da linha Ley.

— Oh — ele disse, e me senti ficar fria com seu tom plano. Ele sabia algo que eu não.

— Oh o que? — exigi. — Qual o problema?

Ele tomou uma lenta respiração. — Isto não vai curar por si próprio — ele disse suavemente, colocando meu pulso em meu colo.

— O que? — eu exclamei, segurando meu pulso enquanto meu estômago revirava e o chocolate ameaçava voltar. O chuveiro foi desligado e eu senti um lampejo de pânico. O que Nick tinha feito por mim?

Keasley abriu um adesivo curativo e aplicou-o sobre meu olho. — Os demônios não fazem nada de graça — ele disse. — Você a ele um favor.

— Eu não concordei com nada! — eu disse. — Foi Nick! Eu disse ao Nick para não deixá-lo fora!

— Não é nada do que Nick fez — Keasley disse enquanto ele segurou meu braço machucado e suavemente espetou-o até minha respiração sibilar. — O demônio quer uma pagamento adicional por levá-los através da linha Ley. Você tem um escolha, no entanto. Você pode pagar por sua passagem tendo seu pulso gotejando sangue o resto de sua vida, ou você pode concordar dever ao demônio um favor e ele irá sarar. Eu sugiro o primeiro.

Deixei-me cair nas almofadas. — Merda — eu disse a Nick que era uma má ideia.

Keasley puxou meu pulso para ele e começou a enrolar um rolo de atadura de gaze em torno dele. Encharcavam de sangue quase tão rapidamente quanto foi sobre meu pulso. — Não deixe ele lhe dizer que você não tem o que dizer sobre o assunto — ele disse enquanto ele usava o rolo inteiro, fixando o final com um pouco de esparadrapo branco. — Você pode negociar sobre como pagar por sua passagem até que ambos concordem em alguma coisa. Anos, até. Demônios sempre dão escolhas. E eles são pacientes.

— Alguma escolha! — eu ladrei. — Concordar que devemos um favor a ele ou andar por aí como se eu tivesse estigmas o resto da minha vida?

Ele deu de ombros enquanto ele reunia suas agulhas, linhas e a tesoura em seu jornal e dobrou-o. — Eu acho que você fez muito bem para seu primeiro encontro com um demônio.

— Primeiro encontro! — eu exclamei, em seguida deitei-me ofegando. Primeiro? Como se houvesse um segundo. — Como você sabe tudo isso? — sussurrei.

Ele meteu o jornal na bolsa e enrolou de cima para baixo. — Se você vive tempo suficiente, então você ouve coisas.

— Ótimo — olhei para cima enquanto Keasley puxou o pesado amuleto da dor de volta do meu pescoço. — Ei — contestei conforme todas

as minhas dores começaram a voltar com um latejar maçante. — Eu preciso disso.

— Você ficará bem com apenas dois — Ele se levantou e deixou cair minha salvação em um bolso. — Dessa forma, não vai se machucar tentando fazer alguma coisa. Deixe os pontos por cerca de uma semana. Matalina pode dizer a você quando tirá-los. Nenhuma mudança, entretanto. — Ele tirou uma tipóia e colocou-a em cima da mesa de café. — Use-a — ele disse simplesmente. — Seu braço está machucado, não quebrado — ele arqueou suas sobrancelhas brancas. —Boa sorte.

— Keasley, espere — tomei uma rápida respiração, tentando reunir meus pensamentos. — O que eu posso fazer por você? Uma hora atrás, pensei que estava morrendo.

— Uma hora atrás, você estava morrendo — ele riu. — É importante que você não deva nada a ninguém, não é? — Ele hesitou. — Eu invejo você por seus amigos. Tenho idade suficiente para não ter medo de dizer isso. Amigos são um luxo que eu não tenho permitido há muito tempo. Se me deixar confiar em você, considere-nos quites.

— Mas isso não é nada — protestei. — Você quer mais plantas para o jardim? Ou uma poção visom? Eles estão bons por mais alguns dias, e eu não vou usá-los novamente.

— Eu não contaria com isso — ele disse olhando para o salão ao som da minha porta do banheiro ranger aberta. — E ser alguém confiável pode ser caro. Eu poderia chamar marcadores algum dia. Você está disposta a arriscar?

— É claro — eu disse, perguntando por que um velho homem como Keasley corria para longe. Não poderia ser pior do que o que eu estava enfrentando.

A porta do santuário explodiu fechada, e eu me endireitei. Ivy estava mal humorada e Nick estava fora do chuveiro. Eles estavam quase se bicando novamente em um segundo e eu estava muito cansada para brincar de árbitro. Jenks pairou através da janela, e fechei meus olhos para reunir minhas forças. Todos os três de uma vez podem me matar.

Bolsa na mão, Keasley deslocou-se como se para ir embora. — Por favor, não vá ainda — eu implorei. — Nick pode precisar de alguma coisa. Ele tem um corte desagradável na cabeça.

— Rache — Jenks disse enquanto voava em círculos em volta de Keasley em saudação. — Que diabos você disse para Matalina? Ela está voando sobre o jardim como se estivesse em Brimstone, rindo e chorando ao mesmo tempo. Não é possível tirar uma palavra direito da mulher. Ele sacudiu pairando no ar, ouvindo.

— Oh, ótimo — ele murmurou. — Eles já estão lá outra vez.

Troquei um olhar cansado com Keasley quando o murmúrio da conversa no corredor terminou com um tranquilo fim. Ivy entrou com um olhar satisfeito. Nick foi rápido atrás dela. Sua carranca derreteu-se em um sorriso quando me viu em pé e claramente me sentindo melhor. Ele tinha mudado para uma camiseta de algodão enorme demais e um limpo par de jeans folgado. Seu encantador meio sorriso não funcionou em mim. O pensamento de o porquê meu pulso está sangrando era muito real.

— Você deve ser Keasley — Nick perguntou, estendendo sua mão sobre a mesa como se nada estivesse errado. — Sou Nick.

Keasley limpou a garganta e tomou sua mão. — Prazer em conhecê-lo — ele disse, suas palavras em desacordo com o olhar de desaprovação em seu velho rosto. — Rachel quer que eu olhe sua testa.

— Estou bem. Parou o sangramento no chuveiro.

— Verdade? — os olhos do velho homem se estreitaram. — O pulso de Rachel não vai parar.

O rosto de Nick era negligente. Seu olhar se lançou para mim. Sua boca se abriu, depois fechou. Eu olhei fixo para ele. Dane-se tudo para o inferno. Ele sabia exatamente o que isso significava. — É... hum... ele sussurrou.

— O que? — Ivy provocou. Jenks caiu sobre seu ombro, e ela limpou-o fora.

Nick correu uma mão em seu queixo e não disse nada. Nick e eu estávamos indo conversar... Íamos conversar em breve. Keasley agressivamente empurrou o saco de papel no peito de Nick. — Segure isto enquanto eu consigo preparar o banho de Rachel.

Nick humildemente voltou para cima. Ivy olhou desconfiadamente entre nós três. — Um banho — eu disse brilhantemente, não querendo que ela soubesse que alguma coisa estava errada. Ela provavelmente mataria Nick, se ela soubesse o que tinha acontecido. — Isso soa muito bem — empurrei meu cobertor e casaco de mim e balancei meus pés para o chão. A sala escureceu e senti meu rosto ficar frio.

— Devagar — Keasley disse enquanto ele colocava um mão escura em meu ombro. — Espere até estar pronto.

Respirei fundo, recusando a colocar minha cabeça entre os joelhos. Era tão indigno.

Nick parecia doente enquanto ele descansava no canto. — Uh... — ele gaguejou. — Você pode ter que esperar por aquele banho. Acho que usei toda a água quente.

— Bom — eu respirei. — Isso é o que eu disse para você fazer — mas por dentro eu estava murchando.

Keasley pigarreou. — Para quê as panelas de água são?

Ivy franziu as sobrancelhas. — Porque você não disse então? — resmungou enquanto ela saía. — Vou fazer isso.

— Lembre-se que o banho dela não é muito quente — Keasley falou atrás dela.

— Eu sei como tratar a perda grave de sangue — ela gritou agressivamente.

— O que você provavelmente deve, senhorita. — Endireitando-se ele sustentou um assustado Nick na parede. — Você diz a senhora Morgan o que ela pode esperar sobre seu pulso — ele disse tomando sua bolsa de volta.

Nick concordou com a cabeça uma vez, olhando surpreso para uma pequena e aparentemente inofensiva bruxa.

— Rache v Jenks disse, zunindo próximo. — O que está acontecendo com seu pulso?

— Nada.

— O que está acontecendo com seu pulso, Coisa Boa?

— Nada — acenei-o para longe, quase ofegando com o esforço.

— Jenks! — Ivy chamou aos gritos sobre o som distante da água corrente. — Você pode pegar aquela bolsa preta no meu armário? Quero colocá-la no banho de Rache.

— Aquela que fede? — ele perguntou, levantando-se para pairar diante de mim.

— Você tem mexido nas minhas coisas? — ela o acusou, e ele sorriu timidamente. — E se apresse nisso — acrescentou. — Quanto mais cedo Rachel estiver na banheira, mais cedo nós podemos sair daqui. Enquanto ela está bem, nós precisamos ver sobre acabar sua corrida.

A lembrança da transferência de Trent veio à tona. Olhei para o relógio e suspirei. Ainda havia tempo para o FBI e prendê-lo, mas eu não estava indo tomar parte dela de qualquer maneira, forma, ou função.

Merda.

Capítulo 28

Bolinhas, pensei, deviam ser vendidas como forma medicinal de induzir o bem-estar. Suspirei, erguendo-me antes que o pescoço deslizesse para debaixo da água. Dormente graças aos amuletos e à água quente, as minhas dores tinham-se transformado num latejar distante. Até o meu pulso, que eu mantinha erguido e seco fora da banheira, parecia estar razoável. Vagamente, através das paredes, ouvia Nick a falar com a mãe, ao telefone, dizendo-lhe que o trabalho tinha sido uma loucura nos últimos três meses e que lamentava muito não ter telefonado. Fora isso, igreja estava em silêncio. Jenks e Ivy tinham saído.

— Andam por aí a fazendo o meu trabalho — sussurrei, sentindo o meu humor complacente enegrecer.

— O que disse, menina Rachel? — perguntou Matalina. A pequena mulher pixy estava empoleirada num toalheiro, parecendo-se com um anjo, no seu esvoaçante vestido de seda branca, enquanto bordava botões de num belíssimo xale para a filha mais velha. Estava comigo desde que eu entrara na banheira, assegurando-se que eu não desmaiava ou me afogava.

— Nada — ergui laboriosamente o braço machucado e puxei um monte de espuma para mais perto de mim. A água estava ficando fria e o meu estômago roncava. O banheiro de Ivy era assustadoramente parecido com a da minha mãe, com pequenos sabonetes com a forma de conchas e cortinas de renda sobre a janela de vitral. Sobre a cômoda estava pousado um vaso de violetas e fiquei surpreendida por uma vampira gostar de tais coisas. A banheira era preta, num agradável contraste com as paredes de tons pastéis e o papel de parede com botões de rosa.

Matalina pousou o bordado e esvoaçou até pairar sobre a porcelana preta. — Os seus amuletos deviam ficar assim molhados?

Olhei de relance para os amuletos contra as dores que tinha ao redor do pescoço, pensando que eu devia parecer com uma prostituta embriagada, no carnaval.

— Não faz mal — murmurei. — A água com espuma não os estraga como a água salgada.

— A menina Tamwood não quis dizer o que pôs na banheira - disse Matalina com uma expressão séria. — Pode ter sal.

Ivy também não me revelara e, para dizer a verdade, eu não queria saber.

— Não tem sal — eu disse.

Tossindo de leve para limpar a garganta, Matalina aterrou sobre o meu dedo grande, que espreitava fora de água. As asas agitaram-se até se tornarem invisíveis e a espuma derreteu-se até deixar um espaço límpido. Segurando nas saias, ela dobrou-se cuidadosamente para mergulhar uma mão e levar uma gota até ao nariz. Formaram-se pequenas ondas no local onde ela tocara a água.

— Verbena — disse ela, na sua voz aguda. — O meu Jenks tinha razão. Sanguinária. — Os olhos dela cruzaram-se com os meus. — São plantas medicinais usadas para cobrir algo potente. O que é que ela está tentando esconder?

Olhei para o teto. Se afastasse a dor, não queria realmente saber. Ouvi ranger das tábuas do chão do corredor e fiquei imóvel.

— Nick? — chamei, olhando para a toalha que se encontrava fora do meu alcance. — Estou na banheira. Não entre!

Ele parou, deixando entre nós a fina porta de madeira envernizada. — Hum, olá, Rachel. Eu só estava, hum, a vendo como está. — houve certa hesitação. — Eu... hum... Preciso de falar contigo.

Senti o estômago apertado e a minha atenção caiu sobre o meu pulso. Este ainda sangrava através de um monte de gaze com dois centímetros e meio de espessura. O riacho de sangue sobre a porcelana

preta parecia um fio de couro. Talvez fosse por isso que a banheira de Ivy era preta. O sangue não se via tão bem no preto como no branco.

— Rachel? — chamou ele, no meio do silêncio.

— Estou bem — disse em voz alta, a minha voz ecoando nas paredes cor-de-rosa. — Dá-me um minuto para sair da banheira, está bem? Também quero falar contigo... Pequeno feiticeiro. — Disse as últimas palavras com um tom malicioso e ouvi os pés dele moverem-se.

— Não sou feiticeiro — disse ele, com voz fraca, hesitante. — Tens fome? Posso fazer qualquer coisa para comer? — Soava culpado.

— Sim. Obrigada — respondi, desejando que ele se afastasse da porta.

Estava esfomeada. O meu apetite tinha, provavelmente, tudo a ver com o bolinho que Ivy me obrigara a comer antes de sair. Era tão apetitoso como uma panqueca de arroz e só depois de o ter engolido é que Ivy se deu ao trabalho de me dizer que ia acelerar o meu metabolismo, em especial a produção de sangue. Ainda conseguia sentir o seu sabor no fundo da garganta. Uma espécie de mistura entre amêndoas e bananas.

Nick afastou-se, arrastando os pés, e eu estendi um pé na direção da torneira para aquecer a água. A caldeira já devia estar quente.

— Não a aqueça, querida — avisou Matalina. — Ivy disse para sair quando ficasse fria.

Fui varrida por uma onda de irritação. Eu sabia o que Ivy tinha dito, mas refreei-me de tecer qualquer comentário. Sentei-me lentamente e icei-me para me sentar na beira da banheira.

A divisão pareceu escurecer e eu envolvi-me, repentinamente, numa fofa toalha cor-de-rosa, para o caso de desmaiar. Quando a visão parou de ficar escura, puxei a tampa da banheira e levantei-me com cuidado. A água desapareceu ruidosamente e limpei o vapor do espelho, encostando-me na pia para olhar para o meu reflexo.

Um suspiro fez abanar os meus ombros. Matalina veio pousar-se no meu ombro, fitando-me com olhos tristes. Parecia que tinha caído das tra-

seiras de um caminhão. Um dos lados do meu rosto estava coberto por um hematoma negro e roxo que se estendia até ao olho. O penso que o curativo que Keasley colocara tinha caído, revelando um golpe vermelho ao longo do arco da minha sobrancelha, fazendo com que eu parecesse estar de pernas para o ar. Nem sequer me lembrava de ter recebido aquele corte. Inclinei-me mais e a vítima no espelho imitou-me. Reunindo a minha determinação, afastei do pescoço uma madeixa de cabelo molhado.

Um suspiro de resignação escapou-se de mim. O demônio não tinha aberto buracos limpos, tinha antes aberto três pares de rasgões que se fundiam uns nos outros como rios e afluentes. Os minúsculos pontos de Matalina pareciam um pequeno caminho de ferro que corria ao longo da minha clavícula.

A recordação do demônio arrancou-me um arrepio, eu quase morrera sob ele. Só esse pensamento era suficiente para me assustar mortalmente, mas o que ia me manter acordada durante a noite era a irritante noção de que, apesar de todo o terror e de toda a dor, a saliva de vampiro que ele introduzira no meu corpo era ótima. Mentira ou não, fora uma sensação... Espantosamente maravilhosa.

Apertei melhor a toalha à minha volta. — Obrigada, Matalina — sussurrei. — Acho que a cicatriz não será muito notada.

— Não tem de quê, querida. Era o mínimo que podia fazer. Quer que fique e garanta que consegue se vestir sem problemas?

— Não. — O som de uma batedeira erguia-se, vindo da cozinha.

Abri a porta e espreitei para o corredor. O ar estava carregado com o cheiro a ovos. — Acho que consigo dar conta do recado, obrigada.

A pequena pixy acenou e esvoaçou levando consigo o seu bordado, as asas emitindo um suave zumbido. Fiquei à escuta durante um longo momento e decidindo que Nick estava ocupado e era seguro para mim, manquei até meu quarto, suspirando de alívio quando cheguei lá sem ser vista.

O meu cabelo estava pingando quando me sentei na beira da minha cama para recuperar o fôlego. A ideia de vestir calças me fez tremer, mas

também não ia andar de saia e meias de nylon. Por fim optei pelas minhas "calças de gangue de gorda" e uma blusa de pinças azul que era fácil de vestir sem provocar tantas dores no ombro e no braço. Não me apanhariam nem morta com tal vestimenta na rua, mas eu não estava propriamente tentando impressionar Nick.

O chão não parava de se mover sob os meus pés, enquanto me vestia, e as paredes inclinavam-se quando me mexia depressa, mas acabei por sair do quarto, com os amuletos úmidos balançando ao redor do meu pescoço. Arrastei os chinelos ao longo do corredor, perguntando-me se deveria tentar esconder a mancha negra com um feitiço de compleição. A maquiagem normal não seria suficiente.

Nick saiu rompendo da cozinha, quase me atropelando. Tinha um sanduíche na mão.

— Aí está você — disse ele, os olhos muito abertos enquanto descia o olhar até aos meus chinelos cor-de-rosa e voltava a subi-lo. — Quer pão com ovo?

— Não, obrigada — disse eu, o estômago roncando mais uma vez. — Muito enxofre! — Recordei a imagem dele, o livro negro numa mão, enquanto estendia a outra e imobilizava o demônio assustado, temeroso... E poderoso. Eu nunca vira um humano parecer poderoso. Tinha sido surpreendente. — Mas agradeceria uma ajuda com o pulso — concluí cortante.

Ele encolheu-se, destruindo por completo a imagem na minha mente. — Rachel, lamento...

Passei por ele, afastando-o, e entrei na cozinha. Os passos dele eram leves atrás de mim e apoiei-me na pia enquanto dava de comer ao Sr. Peixe. Estava completamente escuro no exterior e podia ver pequenos focos de luz, enquanto a família de Jenks patrulhava o jardim. Estanquei ao ver o tomate de volta ao parapeito da janela. Fui varrida por uma onda de preocupação, ao mesmo tempo em que maldizia Ivy, mentalmente, depois franzi a sobancelha. Por que me importava com o que Nick pudesse pensar? A casa era minha. Eu era Inderlander. Se ele não gostava, problema dele.

Podia sentir Nick atrás de mim, na mesa.

— Rachel, eu lamento muito — disse ele e virei-me, concentrando-me.

O meu ultraje perderia todo o seu efeito se eu desmaiasse. — Eu não sabia que ele exigiria um pagamento de você. É sério.

Irritada, afastei o cabelo molhado dos olhos e deixei-me ficar onde estava, de braços cruzados. — É uma marca de demônio, Nick. Uma droga de uma marca de demônio.

Nick deixou cair o corpo alto e magro sobre uma das cadeiras de costas duras. Com os cotovelos sobre a mesa, pousou a cabeça no encosto feito pelas mãos. Olhando para a mesa disse, num tom monótono.

— A demonologia é uma arte morta. Não estava à espera de pôr em prática o conhecimento que tinha. Era suposto não ser mais do que uma forma indolor de preencher os requisitos de línguas antigas.

Ele ergueu os olhos, cruzando-os com os meus. A sua preocupação, a necessidade de que eu o ouvisse e compreendesse, evitaram uma tirada mais sarcástica da minha parte.

— Lamento mesmo, muito — disse ele. — Se pudesse passar para mim a tua marca de demônio, faria, mas pensei que estava morrendo. Não podia permitir que você se esvaísse em sangue no banco de trás de um táxi qualquer.

A minha raiva se foi. Ele tinha estado disposto a receber uma marca de demônio para me salvar. Ninguém o obrigara a fazê-lo. Eu era uma idiota.

Nick ergueu o cabelo que lhe cobria a têmpora esquerda. — Olha. Vê? —disse ele, esperançoso. — Vai parar.

Eu espreitei para o seu ferimento. Precisamente no local onde o demônio lhe batera estava uma ferida recém-fechada, de limites vermelhos e aspeto dolo rido. O semicírculo era atravessado por uma linha. Senti o estômago apertado. Uma marca de demônio. Para o inferno com tudo aquilo... Eu ia ter de usar uma marca de demônio. As bruxas negras das linhas Ley usavam marcas de demônios, não as bruxas da terra branca. Não eu.

Nick deixou cair a onda de cabelo negro. — Vai desaparecer depois de eu lhe pagar o meu favor. Não é para sempre.

— Um favor? — perguntei.

Os olhos castanhos estavam enrugados, implorando compreensão. — O mais certo é que seja informação ou algo assim. Pelo menos, é o que dizem os textos.

Com uma mão sobre a cintura, pressionei os dedos contra a testa. Eu não tinha escolha. Não era como se fosse feito curativo para este tipo de coisa.

— Como é que faço para dizer a este demônio que concordo em ficar lhe devendo um favor?

— Concorda?

— Sim.

— Então acabaste de fazer.

Senti-me mal, não gostando do fato de um demônio ter uma ligação comigo que lhe permitisse saber, mal eu concordasse com os seus termos. — Sem papelada? — disse eu. — Sem contratos? Não gosto de acordos verbais.

— Quer que ele venha aqui e preencha um monte de papéis? — perguntou. — Pensa nisso com força suficiente e ele virá.

— Não. — O meu olhar desceu para o meu pulso. Senti um ligeiro formigamento. Fiquei de queixo caído, quando este aumentou tornando-se, primeiro um comichão e, depois, um ligeiro ardor. — Onde está a tesoura? — disse, com a voz tensa. Ele olhou à sua volta, de rosto impassível, e o meu pulso parecia em chamas. — Está ardendo! — gritei.

A dor no meu pulso continuou a crescer e puxei pela gaze, frenética, tentando arrancá-la.

— Tira isso! Tira isso! — gritava. Girando sobre mim mesma, abri completamente a torneira e enfiei o pulso debaixo d'água. A água fria

atravessou a atadura, diminuindo a sensação de ardor. Inclinei-me sobre a pia, o pulso a latejando, enquanto a água corria afastando a dor.

O ar frio e úmido da noite atravessava as cortinas e eu fitei o jardim escuro, observando o cemitério, esperando que as manchas pretas desaparecessem. Sentia os joelhos fracos e só a adrenalina que corria através de mim me mantinha direita. Ouvi um suave arrastar, quando Nick fez deslizar um par de tesouras sobre o balcão.

Fechei a torneira.

— Obrigada pelo aviso — disse eu, amargamente.

— A minha não doeu — disse ele. Parecia perturbado e confuso e, oh, tão espantado!

Agarrando um pano de preto e a tesoura, fui para o meu lugar na mesa. Enfiando a lâmina através da gaze, cortei. Olhei para ele de relance. Alto e desajeitado, erguia-se junto a pia, enquanto a culpa parecia jorrar da sua posição encurvada. Eu cedi.

— Desculpa por ser tão chata, Nick — disse, enquanto desistia de cortar a gaze e a começava a desenrolar. — Teria morrido se não fosse você. Foi uma sorte você estar lá para o parar. Devo a minha vida a você e estou realmente grata pelo que fizeste. — hesitei. — Aquela coisa assustou-me como o diabo. Tudo o que eu queria era esquecer e agora não posso. Não sei como reagir e gritar contigo é muito conveniente.

Um sorriso repuxou-lhe o canto da boca e ele virou uma cadeira para se poder sentar à minha frente. — Me deixa tirar isso — disse, estendendo uma mão na direção da minha.

Hesitei, depois deixei que ele puxasse o meu pulso para o seu colo. Ele curvou a cabeça sobre o meu pulso e os joelhos quase tocaram os meus. Devia-lhe mesmo mais do que um simples agradecimento.

— Nick? Estou falando a sério. Obrigada. Já foram duas vezes que você me salvou a vida. Esta coisa do demônio vai se resolver. Lamento que tenha ficado com uma marca de demônio ao me ajudar.

Nick ergueu a cabeça, os seus olhos castanhos em busca dos meus. Senti-me de súbito muito consciente da sua proximidade. A minha memória regressou à sensação dos seus braços em volta de mim, transportando-me para a igreja. Perguntei-me se ele teria me carregado durante a travessia pela eternidade.

— Fico feliz por estar lá e ajudar — disse ele, suavemente. — Foi um bocado culpa minha.

— Não, ele teria encontrado onde quer que eu estivesse — disse eu. Por fim, o que restava da atadura desapareceu. Engolindo em seco, fitei o pulso. Senti um aperto no estômago. Estava totalmente curado. Até os pontos verdes tinham desaparecido. A cicatriz branca parecia antiga. A minha tinha a forma de um círculo completo com a mesma linha a atravessá-lo.

— Oh! — murmurou Nick, recostando-se. - O demônio deve gostar de ti. Ele não curou a minha, só a fez parar de sangrar.

— Maravilha. — Esfreguei a marca no pulso. Era melhor do que uma ferida, eu suponho. Ninguém ficaria sabendo o que provocara a cicatriz; ninguém lidava com demônios desde a Viragem. — Então agora me limito a esperar que ele queira alguma coisa?

— Sim. — A cadeira de Nick raspou o chão, quando se levantou para ir até ao fogão.

Pousei os cotovelos na mesa e senti o ar fugir dos meus pulmões.

Nick erguia-se junto ao fogão, de costas voltadas para mim, mexendo uma panela. Cresceu entre nós um silêncio desconfortável.

— Gosta de comida de estudante? — perguntou Nick, de súbito. Eu endireitei-me.

— Desculpa?

— Comida de estudante. — os olhos dele dirigiram-se ao tomate sobre o parapeito da janela. — O que quer que haja na geladeira junto com macarrão.

Compreensivelmente preocupada, levantei-me e cambaleei para ver o que estava no fogão. Um espaguete girava e enrolava-se, dentro da panela. Ao seu lado estava uma colher de madeira e ergui as sobrancelhas.

— Tem usado essa colher? — Nick acenou.

— Sim. Por quê?

Levei a mão ao sal e despejei o recipiente todo.

— Uau! — gritou Nick. — Eu já pus sal na água. Não precisa de tanto.

Ignorando-o, atirei a colher de madeira para a minha tigela de dissolução e tirei uma de metal. — Enquanto eu não recuperar as minhas colheres de cerâmica, o metal é para cozinhar e a madeira para feitiços. Lava bem o espaguete. Não deve haver problema.

Nick ergueu as sobrancelhas. — Pensei que usasse as colheres de metal para os feitiços e as de madeira para cozinhar, já que os feitiços não se colam ao metal.

Avancei lentamente até a geladeira, sentindo o coração batendo mais rápido, mesmo com um esforço tão pequeno.

— E porque é que acha que os feitiços não se colam ao metal? A menos que seja cobre, o metal estraga tudo. Se não se importa, eu trato dos feitiços e você do jantar.

Para minha grande surpresa, Nick não ficou todo ofendido por causa da testosterona, tendo-se limitado a dirigir-me o seu sorriso de esguelha.

Uma pontada de dor atravessou os amuletos quando puxei a porta da geladeira. — Nem acredito na fome que tenho — disse eu, enquanto procurava algo que não estivesse envolto em embalagem. — Acho que Ivy me deu qualquer coisa estranha.

Ouvi o som de água a correr quando Nick pôs o espaguete para escorrer. — Aquela coisa que parecia um bolo?

Eu tirei a cabeça da geladeira e fitei-o, piscando os olhos. A Ivy também lhe teria dado um?

— Sim.

— Eu o vi. — os olhos dele estavam fixos no tomate, o vapor erguia-se à sua volta, enquanto ele passava o espaguete por água. — Quando estava fazendo a tese de mestrado, tive acesso ao cofre dos livros raros. — franziu a sobrancelha. — Fica mesmo ao lado do armário dos livros antigos. De qualquer forma, o conceito arquitetônico das catedrais pré-industriais é entediante e, certa noite, encontrei o diário de um sacerdote britânico do século XVII. Ele tinha sido julgado e condenado pelo assassinato de três das suas mais belas paroquianas.

Nick voltou a meter o espaguete na tigela e abriu um frasco de molho branco. — Ele se referia algo assim. Disse que tornava possíveis as orgias vampíricas de sangue e luxúria todas as noites. De um ponto de vista científico acho que você pode se considerar sortuda. Suponho que só raramente seja oferecido a alguém que não se encontre sob o seu domínio ou que esteja obrigada a ficar de boca fechada.

Eu franzi a sobrancelha, desconfortável. O que raio é que Ivy me dera? Sem tirar os olhos do tomate, Nick despejou o molho sobre o espaguete. Um cheiro rico encheu a cozinha e o meu estômago roncou. Ele mexeu-o e eu observei Nick observando o tomate. Começava a parecer algo indisposto. Exasperada com a repulsa infundada da humanidade em relação aos tomates, fechei a porta da geladeira e manquei em direção à janela.

— Como é que isso veio parar aqui? — murmurei, empurrando-o para a noite através do buraco para pixies. Caiu com um baque suave.

— Obrigado — disse ele, inspirando de alívio.

Regressei à minha cadeira com um suspiro profundo. Até parecia que Ivy e eu tínhamos uma cabeça de cordeiro podre sobre o balcão... Mas era bom saber que ele tinha, pelo menos, uma das paranóias humanas.

Nick andou de um lado para o outro, acrescentando à mistura de cogumelos, molho inglês e pepperoni. Sorri, ao compreender que era o que restava dos meus ingredientes para pizza. Cheirava maravilhosamente e, quando ele tirou uma concha da ilha, perguntei:

— Dá para dois?

— Dá para um dormitório inteiro. — Nick empurrou uma tigela para minha frente e sentou-se, envolvendo a sua, protetoramente, com o braço. — Comida de estudante — disse, com a boca cheia. — Experimenta.

Olhei de relance para o relógio sobre a pia enquanto mergulhava a colher. Ivy e Jenks deviam estar no F.I.B àquela hora, tentando convencer o tipo da recepção que não eram malucos e ali estava eu, comendo espaguete com molho Alfredo com um humano. Não parecia bem, a comida, quero dizer. Teria ficado melhor com polpa de tomate. Desconfiada, provei.

— Hei — disse, agradada. — Isso é bom.

— Eu te disse.

Durante alguns instantes não se ouviu mais nada a não ser o raspar de colheres e o som dos grilos no jardim. O ritmo de Nick diminuiu e ele olhou de relance para o relógio sobre a pia.

— Hei, hum, eu tenho um grande favor a pedir — disse ele, de forma hesitante.

Engoli em seco, erguendo os olhos, sabendo o que estava para vir. — Pode dormir aqui esta noite, se quiser — disse eu. — Embora não haja qualquer garantia de que acorde com os fluidos intactos, ou mesmo com eles. A I.S ainda anda atrás de mim. Agora são apenas aquelas fadas tenazes, mas quando se espalhar a notícia de que estou viva, podemos ficar enterrados até ao pescoço em assassinos. Ficaria mais seguro num banco de jardim — terminei, com um toque de ironia.

O sorriso dele mostrava alívio. — Obrigado, mas vou arriscar. Deixote em paz, amanhã. Vou ver se o meu senhorio ainda tem algo que me pertença. Vou visitar a minha mãe. — O rosto comprido ficou sério, parecendo tão preocupado como quando pensou que eu me ia esvaír em sangue. — Vou lhe dizer que perdi tudo num incêndio. Vai ser duro.

Senti uma ponta de simpatia. Eu sabia como era descobrirmo-nos na rua, com tudo o que restava na nossa vida dentro de uma caixa. — Tem certeza de que não queres ficar com ela esta noite? — perguntei. — Seria mais seguro.

Ele voltou a comer.

— Eu sei tomar conta de mim.

Aposto que sim, pensei, deixando que a minha mente regressasse ao livro sobre demônios que ele roubara da biblioteca. Já não estava na minha mala, sendo uma pequena mancha de sangue a única coisa que revelava a sua anterior presença. Queria perguntar-lhe, diretamente, se ele praticava magia negra, mas ele podia responder que sim e eu teria de decidir o que ia fazer em relação a isso. Ainda não queria fazê-lo. Gostava da confiança relaxada de Nick e a novidade de ver tal atitude num humano era, sem dúvida... Intrigante.

Uma parte de mim reconhecia e desprezava o fato de a atração ter a sua origem na "síndrome de donzela em apuros salva por um herói" mas, naquele momento, precisava de algo que me transmitisse segurança e um humano que fazia magia capaz de impedir demônios de me rasgar a garganta cumpria todos os requisitos. Em especial quando tinha um aspeto tão inofensivo como ele.

— Além disso, — disse Nick, estragando tudo — Jenks pixava-me se eu te deixasse sozinha antes de ele voltar.

Expirei, irritada. Ele era a babá, mas que bom.

O som do telefone tocando ecoou através das paredes. Ergui os olhos para Nick e não me mexi. Eu estava dolorida, raios.

Ele dirigiu-me aquele seu meio sorriso e levantou-se.

— Eu atendo.

Comi mais uma colherada, enquanto observava o seu traseiro se afastando, pensando que era capaz de me oferecer para ir com ele às compras quando fosse à procura de roupas novas. Aquele jeans era muito largo.

— Estou sim — disse Nick, com a voz mais grave, assumindo um tom surpreendentemente profissional. — Ligou para Morgan, Tamwood e Jenks. Agentes Privados e Encantamentos Vampíricos.

Agentes Privados e Encantamentos Vampíricos? Pensei. Um pouco de Ivy, um pouco de mim. Era tão bom como qualquer outra coisa, calculei.

Soprei para uma colher cheia, pensando que ele também não cozinhava nada mal.

— Jenks? — disse Nick e hesitei, erguendo os olhos, quando Nick surgiu no corredor com o telefone. — Ela está comendo. Já estão no aeroporto?

Houve uma longa pausa e eu suspirei. O F.I.B tinha uma mente mais aberta e estava mais ansioso para apanhar Trent do que eu imaginava.

— O F.I.B? — o tom de Nick tinha se tornado preocupado e fiquei tensa quando ele acrescentou — Ela fez o quê? Morreu alguém?

Pisquei os olhos demoradamente e pousei a colher. A comida que Nick fizera pesou-me no estômago e engoli com dificuldade.

— Hum, claro — disse Nick, a pele ao redor dos olhos expressivos enrugada quando o seu olhar se cruzou com o meu. — Dá-nos meia hora. O apito do telefone foi audível quando ele o desligou. Voltou-se para mim e inspirou longamente. — Temos um problema.

Capítulo 29

Eu caí contra o lado do taxi uma vez que ele fez uma curva fechada. A dor quebrou sem meus amuletos, e eu agarrei uma mão na minha bolsa em angústia. O motorista era humano, e ele tinha tornado dolorosamente claro que não gostava de dirigir até o Hollows depois do anoitecer. Seu constante murmúrio não tinha diminuído até ele cruzar o rio Ohio e ele estava de volta onde “as pessoas decentes se mantêm”. Aos seus olhos, o único favor de proteção meu e de Nick era que ele tinha nos pego em uma igreja e que estávamos indo para o FIB, “um excelente e decente estabelecimento defendendo o lado certo da lei”.

— Tudo bem — eu disse enquanto Nick ajudou a me acalmar em pé.
— Então aquelas pessoas boas e decentes no FIB estavam atormentando Ivy, brincando de bom policial, mal policial. Alguém a tocou e...

— Ela explodiu — Nick terminou. — Precisou oito oficiais para derrubá-la. Jenks disse que três estão no hospital para observação. Mais quatro foram tratados e liberados.

— Idiotas — eu murmurei. — E Jenks?

Nick colocou um braço para fora, apoiando-se enquanto nós desviamos de uma pedra alta e uma construção de vidro. — Eles vão liberá-lo para uma pessoa responsável. — Seu sorriso parecia um pouco nervoso. — E na ausência de um, eles disseram que seria você.

— Rá, rá — eu disse secamente.

Espreitando-se através do vidro sujo do táxi, eu li Escritório Federal Inderlander gravado profundamente ao longo de dois conjuntos de portas. Nick esgueirou para a calçada primeiro e estendeu a mão para me ajudar. Eu lentamente trabalhei minha saída e tentei encontrar meu rumo enquanto ele pagou o taxista com o dinheiro que eu deslizei para ele. Era

brilhante sob as luzes da rua, e as ruas tinham notavelmente um tráfego leve para àquela hora. Claramente estávamos dentro do distrito humano de Cincinnati.

Olhando acima para encontrar o topo do imponente edifício, me senti muitíssimo pequena e na borda. Examinei as janelas pretas em volta de mim para qualquer sinal de ataque. Jax tinha dito que o assassino de fadas saiu logo após meu telefonema. Para obter reforços ou para montar uma emboscada aqui. Eu não gostava da ideia que catapultas de fadas poderiam ser guinchadas de volta enquanto eu esperava. Mesmo uma fada não seria tão ousada a ponto de me marcar no interior do edifício do FIB, mas na calçada eu era um jogo justo.

Então novamente, eles poderiam ter sido tirados da corrida, já que a I.S estava enviando demônios agora. Senti um lampejo de satisfação, sabendo que o demônio tinha rasgado seu invocador. Eles não enviariam outro em nenhum momento breve. A magia negra sempre oscilava de volta para você. Sempre.

— Você realmente deveria cuidar melhor da sua irmã — o motorista disse enquanto pegava o dinheiro, e Nick e eu olhamos sem expressão um para o outro. — Mas eu acho que vocês Inderlanders não cuidam um dos outros tanto quanto nós, pessoas decentes. Eu tiraria a vida de qualquer um que ousasse tocar minha irmã com as costas das mãos — ele acrescentou antes de ir embora.

Olhei para sua lanterna em confusão até que Nick disse: — Ele acha que qualquer um bate em você e eu estou te trazendo para solicitar uma reclamação.

Eu estava muito nervosa para rir, além disso, isso teria me feito desmaiar, mas eu dirigi uma risadinha asfixiante, pegando em seu braço antes de eu cair. Testa apertada, Nick galantemente puxou a porta de vidro aberta e segurou-a para mim. Um flash de angustia passou por mim enquanto eu pisei sobre a entrada. Eu tinha me colocado em posição questionável tendo de confiar em um estabelecimento de gerência humano. Era um terreno incerto. Eu não gostava disso.

O som das conversas altas e o cheiro de café queimado eram familiares e calmantes. Instituição estava escrito em todos os lugares, desde o chão de azulejos cinza, na tagarelice das conversas altas, até as cadeiras laranja onde estavam pais ansiosos e criminosos não arrependidos sentados. Eu me senti como voltando para casa, e meus ombros aliviaram.

— Hum, lá! Nick disse apontando para o balcão da frente. Meu braço estava latejando na tipóia, em meu ombro ferido. Também meu suor estava diluindo meus amuletos ou meus esforços estavam começando a vencê-los. Nick caminhou quase atrás de mim, e isso era incômodo.

A recepcionista olhou para cima enquanto nos aproximávamos, seus olhos expandindo. — Oh querida! — ela exclamou suavemente. — O que aconteceu com você?

— Eu, uh... — eu estremeci enquanto eu colocava meus cotovelos sobre o balcão para me equilibrar. Minha encantadora pele não foi suficiente para embaçar meu olho preto ou pontos. Então o que eu deveria contar a ela? Que os demônios estavam soltos em Cincinnati novamente? Eu olhei para trás, mas Nick não ajudou, virando-se para as portas. — Um... — eu gaguejei. — Estou aqui para buscar alguém.

Ela chegou a arranhar seu pescoço. — Não é quem fez isso em você.

— Não.

A mulher prendeu um fio grisalho atrás de sua orelha. — Eu odeio dizer isso a você, mas precisa ir ao escritório da Rua Hillman. E terá que esperar até amanhã. Eles não vão liberar ninguém após o horário comercial normal.

Eu suspirei. Eu odiava o labirinto da burocracia com uma paixão, mas eu decidi que a melhor maneira de lidar com isso é sorrir e agir como estúpido. Dessa forma, ninguém ficava confuso. — Mas eu falei com alguém há menos de 20 minutos — eu discordei. — Disseram-me para vir aqui.

Sua boca fez um círculo de entendimento. Uma expressão cuidadosa estabelecida em seus olhos. — Ah — ela disse, olhando para mim de lado. — Você está aqui para... — ela hesitou. — Pixy — ela esfregou o início de uma pequena bolha em seu pescoço. Ela tinha sido uma fada.

Nick clareou sua garganta. — Ele se chama Jenks — ele disse fortemente, sua cabeça baixa. Claramente ele tinha ouvido a hesitação, pensando que ela quase tinha dito ‘bicho’.

— Sim — ela disse lentamente, inclinando-se para arranhar seu tornozelo. — Sr. Jenks... Se você quiser tomar um assento ali — ela apontou — alguém estará com você logo que o Capitão Edden esteja disponível.

— Capitão Edden... — tomei o braço de Nick. — Obrigada — Sentindo-me velha e obsoleta, eu andei para as monstruosidades laranja alinhadas contras as paredes da entrada. A mudança de atitude da mulher não foi inesperada. Em uma respiração eu tinha ido da querida para a prostituta.

Apesar de ter vivido abertamente com os humanos durante quarenta anos, a tensão corria alta às vezes. Eles estavam com medo, e provavelmente por uma boa razão. Não é fácil acordar e descobrir que seus vizinhos são vampiros e sua professora da quarta série era realmente uma bruxa.

Os olhos de Nick vaguearam sobre a entrada enquanto ele me ajudava a sentar. As cadeiras eram tão desagradáveis quanto eu tinha esperado: duras e desconfortáveis. Nick sentou ao meu lado, empoleirado sobre a borda com suas longas pernas dobradas em seus joelhos. — O que você está fazendo? — ele perguntou enquanto eu gemia tentando encontrar uma posição confortável até certo ponto.

— Tudo bem — eu disse bruscamente. — Apenas elegante — Eu estremeci, seguindo dois homens uniformizados passando através da entrada. Um deles estava de bengala. O outro olho negro estava apenas começando a ficar roxo em cima, e ele estava coçando vigorosamente. Graças a multidão, Jenks e Ivy. Meu desconforto filtrou de volta. Como eu ia convencer o Capitão do FIB a me ajudar agora?

— Você quer alguma coisa para comer? — Nick disse, arrancando minha atenção de volta. — Eu, hum, poderia atravessar a rua e comprar sorvetes. Você gosta de sorvete de manteiga de nozes?

— Não — saiu mais brusco do que eu tinha intenção, e eu sorri para amenizar minhas palavras. — Não, obrigada — Eu corrigi, minha preocupação estabelecendo-se em minha barriga.

— Que tal alguma coisa da máquina de doces, então? Sal e carboidratos? ele sugeriu esperançosamente. — A comida dos campeões.

Eu balancei a cabeça e coloquei minha bolsa entre meus pés. Tentando manter minha respiração baixa, eu olhei para o chão de ladrilhos gasto. Se eu comer mais alguma coisa, eu acho que iria vomitar. Eu tinha comido outra tigela de macarrão do Nick antes do taxi nos pegar, mas isto não era o problema.

— Os amuletos estão desaparecendo gradualmente? — Nick adivinhou e eu assenti.

Um par de sapatos marrom arranhados veio para uma parada lenta dentro do meu alcance. Nick deslizou de volta em sua cadeira com os braços cruzados, e eu lentamente puxei minha cabeça para cima. Era um homem reforçado vestido em uma camisa branca e cáqui, em boa forma e carregando o brilho de um ex-militar. Ele usava óculos com armação de plástico, as lentes parecendo pequenas demais contra seu rosto redondo. Havia o cheiro de sabão sobre ele, e seus cabelos raspados estavam úmidos e presos como um filhote de orangotango. Meu palpite era que ele tinha sido Pixy e sabia o suficiente para lavar-se antes que as bolhas comesçassem. Seu pulso direito enfaixado estava numa tipóia idêntica a minha. Cabelo preto curto, bigode grisalho curto. Eu esperava que ele tivesse uma calma extensa.

— Srta. Morgan? — ele disse, e eu endireitei com um suspiro. — Eu sou o Capitão Edden.

Ótimo, eu pensei, lutando para levantar. Nick ajudou. Eu pensei que poderia olhar Edden direto no olho, tornando-o bastante pequeno para toda sua presença oficial. Eu quase diria que ele tinha algum sangue sobrenatural nele se tal coisa fosse biologicamente possível. Meus olhos pousaram sobre a arma no coldre de sua cintura e poupei um desejo para as algemas em questão. Olhos trituraram o meu perfume muito forte, ele

estendeu sua mão esquerda em vez da direita como de costume, visto que ambos éramos incapazes de usá-la.

Meu pulso acelerou quando apertamos as mãos esquerdas; parecia errado e eu prefiro usar meu braço direito machucado a fazê-lo novamente. — Boa noite, Capitão — eu disse tentando esconder meu nervosismo. — Este é Nick Sparagmos. Ele está ajudando a me manter de pé hoje.

Edden deu a Nick um curto aceno então hesitou. — Sr. Sparagmos? Já nos encontramos antes?

— Não. Eu acho que não.

As palavras de Nick foram num tom muito rápido, e eu corri meu olhar para baixo em sua postura cuidadosamente casual. Nick tinha estado aqui antes, e eu não acho que tenha sido para pegar os ingressos do jantar anual do FIB de captação de recursos.

— Você tem certeza? — o homem questionou, passando uma mão rápida em seu cabelo ouriçado.

— Sim.

O velho homem olhou para ele. — Sim — ele disse abruptamente. — Estou o confundindo com outra pessoa.

A postura de Nick suavizou quase imperceptivelmente, despertando mais o meu interesse. O olhar do Capitão Edden virou-se para meu pescoço, e eu me perguntei se deveria tentar cobrir meus pontos com um cachecol ou algo assim.

— Se você puder me seguir — o sólido homem disse. — Eu gostaria de falar com você antes de liberar o pixy para sua custódia.

Nick enrijeceu. — Seu nome é Jenks — ele murmurou, apenas audível por cima do barulho da entrada.

— Sim. Sr. Jenks — Edden pausou. — Você poderia ir ao meu escritório?

— E sobre Ivy? — eu perguntei, relutante em deixar para trás a entrada geral. Meu pulso estava acelerando com apenas o esforço de estar em pé aqui. Se eu tivesse que me mover rápido, eu ia desmaiar.

— Srta. Tamwood permanecerá onde está. Ela será entregue para I.S para a acusação na parte da manhã.

Raiva dominou minha cautela. — Você sabe o que acontece se deixar um vampiro com raiva — eu disse. A mão de Nick apertou em meu braço, e foi tudo que eu poderia fazer para tentar não me empurrar longe dele.

Uma insinuação de um sorriso espalhou-se sobre Edden. — Continua sendo ela que agrediu o pessoal do FIB — ele disse. — Minhas mãos estão atadas com relação a Srta. Tamwood. Não estamos equipados para lidar com Inderlanders. — Ele hesitou. — Você poderia vir comigo em meu escritório? Podemos discutir suas opções.

Minha preocupação se aprofundou. Denon adoraria ter Ivy encarcerada ou morta para atribuições. Nick entregou-me minha bolsa, e eu acenei. Isso não era bom. Era quase como se Edden tivesse instigado Ivy para perder sua paciência para me fazer vir até aqui com meu chapéu na mão. Mas eu segui Edden para um escritório de esquina com paredes de vidro fora da entrada. No início parecia dobrado fora do caminho, mas com as cortinas para cima, ele teria uma visão de tudo. Agora mesmo, eles estavam fechados para criar seu canto menor do que um aquário era. Ele deixou a porta aberta, e o barulho entrou.

— Sente-se — ele disse, apontando para as duas cadeiras estofadas verdes em frente a sua mesa. Agradecidamente me sentei, encontrando a planície acolchoada ligeiramente mais confortável do que as cadeiras de plástico no saguão. Enquanto Nick abaixou-se rigidamente, eu corri meus olhos sobre o escritório de Edden, notando os troféus de boliche cobertos de poeira e pilhas de pastas. Armários de arquivos forravam uma parede, álbuns de fotografias empilhadas em cima deles quase até o teto. Um relógio pendurado atrás da mesa de Edden, fazendo tique-taque ruidosamente. Havia uma foto sua com meu antigo chefe, Denon, apertando as mãos fora da Prefeitura. Edden parecia baixo e comum ao lado da elegância de vampiro de Denon. Ambos estavam sorrindo.

Eu trouxe minha atenção de volta a Edden. Ele estava largado em sua cadeira, claramente me esperando terminar minha avaliação do seu escritório. Se ele tratasse de perguntar, eu teria dito que ele era um pateta, mas seu escritório tinha uma eficiência desordenada que dizia que o trabalho real foi feito aqui. Eu gostei. Se eu tivesse que confiar em alguém, eu prefiro que seja alguém tão desorganizado quanto eu.

Edden puxou-se verticalmente. — Eu admito que minha conversa com a Srta. Tamwood foi intrigante, Srta. Morgan — ele disse. — Como ex agente da I.S, tenho certeza que você sabe que trazendo Trent Kalamack sob suspeita de nada menos que fabricação e distribuição ilegal de subprodutos, poderia fazer para a imagem do FIB.

Direto ao ponto. Edden colocou seu braço sob a mesa, escondendo sua tipóia em seu colo. — Mas você entende que eu não posso pedir ao meu pessoal para prender o vereador Kalamack sob o conselho de um ex-corredor da I.S Você está sob ameaça de morte, ilegal ou não.

Minha respiração acelerou para combinar com meus pensamentos rodopiando. Eu tinha estado certa. Ele tinha jogado Ivy em custódia para me pagar aqui em baixo. Por um instante de pânico eu me perguntei se ele estava me protelando, e ele tinha a I.S em seu caminho para me pegar. O pensamento desapareceu em uma dolorosa fúria de adrenalina. O FIB e a I.S estavam em uma amarga rivalidade. Se Edden estava indo reivindicar a recompensa na minha cabeça, ele faria ele mesmo, não convidaria a I.S em seu edifício. Edden me trouxe até aqui para me avaliar. Para quê? Eu me perguntava, minha preocupação aumentando.

Decidindo assumir o controle desta conversa, eu sorri, estremecendo como o inchaço em meu olho puxado. Abandonando minha abordagem ‘deslumbrá-los para distraí-los’, encarei-o diretamente, empurrando a tensão dos meus ombros para meu estômago, onde ele não poderia ver. — Eu gostaria de pedir desculpas pelo comportamento do meu sócio, Capitão Edden. — Olhei para seu pulso enfaixado. — Ela o quebrou?

Uma simples nuvem de surpresa passou-lhe. — Pior. Foi fraturada em quatro lugares. Eles irão me dizer amanhã se eu tenho que colocar gesso ou simplesmente esperar curar. Maldita enfermaria não me deixar tomar nada mais forte que uma aspirina. É lua cheia na próxima semana, Srta.

Morgan. Você percebe o quão longe eu vou estar se eu tiver que tomar sequer um dia de folga?

Este bate papo estava indo a lugar nenhum. Minha dor estava começando a fluir novamente, e eu tinha que descobrir o que Edden queria antes que fosse tarde demais para mover-se para Kalamack. Tinha que ter mais de Trent; ele poderia lidar com Ivy sozinho se isso era tudo o que ele queria.

Firmando-me, peguei um dos meus amuletos e empurrei-o sobre a mesa. Minha bolsa estava cheia de magias, mas nenhuma delas era para dor. — Eu entendo Capitão Edden. Tenho certeza que podemos chegar a um acordo que seja mutuamente benéfico — meus dedos deixaram o pequeno disco, e lutei para manter meus olhos de ampliar-se junto ao avanço da dor. Náuseas torciam meu estômago, e me senti três vezes mais fraca. Eu esperava que não tivesse oferecido um erro para ele. Como testemunhado pela recepcionista, poucos humanos aprovaram Inderlanders, muito menos sua magia. Eu achei que valeria a pena o risco. Edden parecia extraordinariamente mente aberta. Manteve-se para ser visto a distância.

Seus olhos mostraram apenas curiosidade enquanto ele alcançava o amuleto. — Você sabe que não posso aceitar isso — ele disse. — Como um oficial do FIB, seria considerado... — seu rosto ficou sem energia enquanto seus dedos fecharam sobre o amuleto e a dor em seu pulso foi amortecida. — ...um suborno — ele completou baixinho.

Seus olhos escuros encontraram os meus, e eu sorri apesar da minha dor. — Uma troca — eu arqueie minhas sobrancelhas, ignorando o puxão da fita. — Uma aspirina por uma aspirina? — Se ele fosse inteligente, entenderia que eu estava testando as águas. Se ele fosse estúpido, não se importaria, e eu estaria morta até o fim da semana. Mas se não houvesse maneira de convencê-lo em agir sob minha ‘dica’, eu não estaria sentada em seu escritório.

Por um momento Edden sentou-se como se tivesse medo de se mover e quebrar o encanto. Finalmente um honesto sorriso apoderou-se dele. Inclinou-se para abrir sua porta e gritou para o corredor. — Rose, traga-me um par de aspirinas. Estou morrendo aqui! Ele inclinou-se para

trás, sorrindo enquanto ele pendurava o amuleto em seu pescoço e escondeu atrás de sua camisa. Seu alívio era óbvio. Foi um começo.

Minha preocupação cresceu enquanto a mulher de aparência atormentada entrou, seus saltos clicando sobre os azulejos cinza. Ela visivelmente estremeceu ao nos encontrar no escritório de Edden. Puxando seus olhos de mim, ela estendeu dois copos de papel, e ele apontou para a mesa. A testa da mulher enrugou, e ela os colocou próximos a mão dele, e silenciosamente saiu. Edden avançou atrás dela e bateu a porta fechada. Ele esperou, movendo seus óculos mais perto do nariz antes de cruzar seu braço bom sobre o mal.

Engoli em seco enquanto eu avançava para os dois copos. Agora era minha vez de confiar. Podia haver qualquer coisa nessas pequenas pílulas brancas, mas a descoberta do alívio para minha dor foi além das expectativas. As pílulas sacudiram enquanto eu trouxe o copo próximo e bebi.

Eu tinha ouvido sobre as pílulas. Eu tinha uma companheira de quarto que praguejava por elas, mantendo uma garrafa de comprimidos brancos ao lado de sua escova de dente. Ela dizia que funcionavam melhor que amuletos, e você não tinha que colocar o dedo. Eu a tinha visto tomar uma vez. Você devia engolir elas inteiras.

Nick inclinou-se próximo. — Você pode enganá-lo se quiser — ele sussurrou e eu balancei a cabeça. Eu rapidamente levantei a xícara com a aspirina, degustando a mordida amarga da casca da árvore do salgueiro enquanto eu tomava um gole de água morna. Eu lutei para não tossir quando as pílulas eram engolidas, cerrando a dor ocasionando um movimento repentino. Era suposto que isso faria me sentir melhor?

Nick me deu um hesitante tapinha nas costas. Através dos meus olhos cerrados eu poderia ver Edden apenas rindo da minha tolice. Acenei para Nick se afastar e me forcei a sentar em linha reta. Um momento passou, depois outro. Ainda assim a aspirina não tinha produzido efeito. Eu suspirei. Nada. Nenhum encanto humano era tão suspeito. A medicina deles não funcionava.

— Eu posso lhe dar Kalamack, Capitão Edden — Olhei pra o relógio atrás dele. Dez e quarenta e cinco. — Posso provar que ele está lidando com drogas ilegais. Ambos, fabricando e distribuindo.

Os olhos de Edden ficaram em chamas. — Dê-me uma prova, e iremos para o aeroporto.

Senti minha expressão congelar. Ivy tinha lhe contado quase tudo, e ele ainda queria falar comigo? Por que não pegava as informações e trazia a glória para si mesmo? Deus sabia que seria mais barato. O que ele estava fazendo?

— Eu não tenho tudo isso. — eu admiti. — Mas eu o ouvi discutindo os preparativos. Se encontrarmos as drogas, isso é prova suficiente.

Edden apertou seus lábios juntos para fazer seu bigode mover. — Eu não vou sair em evidências circunstanciais. Tenho sido um tolo para o I.S antes.

Olhei para o relógio novamente. Dez e quarenta e seis. Seus olhos encontraram os meus enquanto eu olhava longe, e eu reprimi um flash back de aborrecimento. Agora ele sabia que eu estava com pressa. — Capitão — eu disse, tentando manter a súplica em minha voz. — Eu invadi o escritório de Trent Kalamack para conseguir a prova mas fui pega. Passei os últimos três dias como uma relutante convidada. Ouvi várias reuniões que fundamentam minhas opiniões. Ele é um fabricante e distribuidor de drogas ilegais.

Calmo e recolhido, Edden encostou-se e girou em sua cadeira. — Você passou três dias com Kalamack e espera que eu acredite que ele estava falando a verdade em sua frente?

— Eu era um visom — eu disse secamente. — Era para eu morrer no combate de ratos da cidade. Não era para supostamente escapar.

Nick moveu-se inquietamente ao meu lado, mas Edden assentiu como se eu tivesse confirmado suas suspeitas.

— Trent está executando um arco-íris de biodrogas para fora quase toda semana — eu disse, forçando minha mão abaixo para brincar com meu cabelo. — Chantageando qualquer um que pode pagar e quem se encontra

na infeliz situação de precisar deles. Você poderia mapear seus lucros escondido conspirando a I.S Brimstone. Ele está usando-os como uma...

— Distração — Edden terminou por mim. Ele bateu no armário próximo, deixando um pequeno amassado. Nick e eu pulamos. — Droga! Não me admira que nunca pegamos um carregamento.

Eu acenei. Era agora ou nunca. Se eu confiava nele ou não era irrelevante. Se ele não me ajudasse, eu estava morta. — Fica cada vez melhor — eu disse, rezando para que estivesse fazendo a coisa certa. — Trent tem um corredor da I.S em sua folha de pagamento que tem tido posição melhor que a I.S Brimstone leva.

O rosto redondo de Edden foi duro por trás dos óculos. — Fred Perry.

— Francis Perry — corrija-o, um súbito clarão de raiva me aqueceu.

Seus olhos estreitaram, Edden mexeu-se na cadeira. Claramente ele não gostava do policial ruim tanto quanto eu. Eu tomei uma fraca respiração. — Um carregamento de drogas está saindo esta noite. Comigo, você pode apanhar ambos. O FIB recebe o crédito pela captura, a I.S parecerá como um tolo, e seu departamento silenciosamente saldará o meu contrato — minha cabeça doía, e eu rezava que eu não tivesse apenas liberado minha única chance pelo ralo. — Você poderia fazer isso uma taxa de consulta. Uma aspirina por uma aspirina.

Lábios apertando firme, Edden olhou para o teto. Lentamente seu rosto acalmou, eu esperei, acalmando-me enquanto eu percebia que estava estalando minhas unhas com o tique-taque do relógio.

— Eu estou tentando dobrar as regras para você, Srta. Morgan — ele disse, e meu coração deu um soco. — Mas eu preciso de mais. Algo que os superiores podem mapear em seus lucros e perder extratos que mostrarão o valor para mais de um quarto.

— Mais? — Nick exclamou, soando irritado.

Minha cabeça latejava. Ele queira mais? — Eu não tenho nada mais, Capitão — eu disse vigorosamente, frustração cavalgando forte em mim.

Ele sorriu maliciosamente. — Mas você tem.

Minhas sobrancelhas tentaram subir, interrompidas pelo curativo.

Edden olhou para sua porta fechada. — Se isso resolver, pegando Kalamack, eu quero dizer... — uma mão grossa alcançou para esfregar sua testa. Quando seus dedos caíram, a fácil, autoconfiança de um capitão do FIB foi embora, substituído por um ávido, brilho inteligente que me fez recuar um passo. — Venho trabalhando para o FIB desde que deixei o serviço militar — ele disse suavemente. — Eu trabalhei meu caminho acima vendo o que estava faltando, e encontrando-o.

— Eu não sou uma mercadoria, Capitão — eu disse ardentemente.

— Todos são mercadoria — ele disse. — Meus serviços no FIB estão em grande desvantagem, Srta. Morgan. Inderlanders têm evoluído conhecendo as fraquezas humanas. Inferno, você é provavelmente responsável por metade das nossas rejeições mentais. A verdade é frustrante, não podemos competir.

Ele me queria para caçar ratos segundo meu companheiro Inderlanders. Ele deveria ter pensado melhor. — Eu não sei nada que você não pode encontrar em uma biblioteca — eu disse, segurando minha bolsa firmemente. Eu queria me levantar e bramar fora, mas ele me tinha bem onde ele queria, e eu não podia fazer nada além de vê-lo sorrir. Seus planos dentes eram surpreendentemente humanos comparados com o brilho predatório em seus olhos.

— Tenho certeza que não é inteiramente verdade — ele disse. — Mas estou pedindo por informações, não por uma traição — Edden se encostou na cadeira, parecendo juntar seus pensamentos. — Ocasionalmente — ele disse — hoje a noite com a Srta. Tamwood, por exemplo, um Inderlander veio a nós procurando ajuda ou com informações que eles não consideram discretas, atraindo a I.S Para ser honesto não sabemos como lidar com eles. Meu povo é tão suspeito que não podem ganhar qualquer informação útil. Em raras ocasiões quando entendemos, não sabemos como tirar proveito sobre isso. A única razão pela qual fomos capazes de conter a Srta. Tamwood é porque ela concordou em ser presa uma vez que fosse explicado que estaríamos mais dispostos a ouvir você se

ela fizesse. Até hoje temos relutantemente virado situações como esta sobre a I.S — seus olhos encontraram os meus. — Eles nos fazer parecerem tolos, Srta. Morgan.

Ele estava me oferecendo um emprego, mas minha tensão cresceu em vez de aliviar. — Se eu quisesse um chefe, eu teria ficado com I.S, Capitão.

— Não — ele protestou rapidamente, sua cadeira rangendo enquanto ele sentava-se direito. — Tendo você aqui seria um erro. Não apenas meus oficiais iriam querer minha cabeça em um poste, mas é contra o acordo I.S/FIB ter você na folha de pagamento — eu sorriso ficou perverso, e eu esperei por isso. — Eu quero você como uma consultora, ocasionalmente, quando exigir necessidade.

Deixei minha respiração sair lentamente, vendo pela primeira vez o que ele estava procurando.

— Como você disse que sua empresa se chamava? — Edden perguntou

— Encantos Vampíricos — Nick respondeu.

Edden sorriu. — Soa como um serviço de encontros.

Eu recuei, mas era tarde demais para mudar isso agora. — E eu sou paga por esses serviços ocasionais? — eu perguntei, mastigando meu lábio inferior. Isso poderia funcionar.

— É claro.

Agora foi minha vez de encarar o teto, meu pulso acelerando frente a chance que eu tinha encontrado de sair disto. — Sou parte de uma equipe, Capitão — eu disse, me perguntando se Ivy estava tendo dúvidas sobre nossa parceria. — Não posso falar por eles.

— A Srta. Tamwood já concordou, acredito que ela disse, ‘Se a bruxinha diz que sim, eu vou junto com ela’. O Sr. Jenks expressou um sentimento semelhante, mas as suas exatas palavras foram substancialmente mais coloridas.

Eu olhei para Nick e ele encolheu os ombros desconfortavelmente. Não havia garantia nenhuma, quando tudo estivesse dito e feito, Edden convenientemente esqueceria de pagar meu contrato, mas algo em seu seco humor e reações honestas tinham me convencido que ele não esqueceria. Além disso, eu já tinha feito um pacto com um demônio esta noite. Isso não poderia ser pior.

— Capitão Edden, temos um acordo — eu disse de repente. — É o voo sudoeste de 11:45 para Los Angeles.

— Ótimo — sua mão boa bateu na mesa com um baque, e eu pulei novamente. — Eu sabia que você aceitaria. Rose! — ele gritou para a porta fechada. Sorrindo ele inclinou-se para abri-la. — Rose! Consiga um grupo de cachorros Brimstone para... — Ele olhou para mim. — Onde Brimstone leva — ele perguntou

— Ivy não contou a você? — eu disse em surpresa.

— Ela pode ter contado. Quero saber se ela estava mentindo.

— Terminal principal de ônibus — eu disse, meu coração martelando totalmente. Nós íamos fazer isso. Eu ia pegar Trent e considerar minha ameaça de morte paga.

— Rose! — ele gritou novamente. — O velho terminal principal de ônibus. Quem está empurrando papel esta noite que não foi para o hospital?

Uma feminina, mas robusta voz cortou sobre o barulho acumulado. —Kaman está aqui, mas está no banho colocando aqueles restos de insetos fora. Dillon, Ray...

— Chega — Edden disse. Ele se levantou, e, acenando para Nick e eu nos juntar a ele, disparando para fora de seu escritório. Respirei fundo e balancei meus pés. Para minha surpresa, minhas dores tinham recuado para lentas palpitações. Seguimos Edden pelo corredor, excitação fazendo meu ritmo acelerar.

— Acho que a aspirina está finalmente trabalhando — eu suspirei para Nick enquanto alcançávamos Edden. Ele estava debruçado sobre uma mesa impecável, conversando com a mesma mulher que tinha me trazido as pílulas.

— Chame Ruben e Simon — ele disse. — Preciso de alguém com a cabeça fria. Envie-os para o aeroporto. Diga a eles para me esperar.

— Você, Senhor? — Rose olhou por cima de seus óculos para mim e Nick.

Sua carranca disse tudo. Ela não estava feliz tendo dois Inderlanders em seu edifício, muito menos de pé atrás de seu chefe.

— Sim, eu. Obtenha uma van sem marca ao redor e na frente. Vou sair esta noite — ele ergueu seu cinto por cima do seu quadril. — Sem erros. Isto tem que ser feto direito.

Capítulo 30

O chão da viatura do F.I.B estava surpreendentemente limpo. Havia um ligeiro odor de fumo de cachimbo que me fazia recordar o meu pai. O capitão Edden e o motorista, que nos foi apresentado, Clayton, iam à frente. Nick, Jenks e eu seguíamos no banco do meio. As janelas estavam ligeiramente abertas para diluir o meu perfume. Se soubesse que eles não iam libertar Ivy senão depois de concluído o negócio, não o teria posto. Assim, fedia.

Jenks estava em pleno acesso de fúria, a sua voz aguda arranhava o interior do meu crânio enquanto ele falava sem parar, fazendo com que a minha ansiedade subisse a novas alturas.

— Fecha a boca, Jenks — sussurrei, enquanto passava um dedo pelo fundo do meu minúsculo saquinho de amendoins em busca dos últimos vestígios de sal. Quando a aspirina adormeceu a dor, a fome fez-se sentir. Quase teria preferido passar sem a aspirina se isso significasse não estar esfomeada.

— Vai se ferrar! — rosnou Jenks. — Enfiaram-me num garrafão. Como se eu estivesse em exibição! Partiram-me a porcaria da asa. Olha para ela! Partida pela veia principal. Tenho manchas de água mineral na camisa. Está estragada! E já viste as minhas botas? Nunca vou conseguir limpar o café.

— Eles pediram desculpa — disse eu, mas sabia que se tratava de uma causa perdida. Ele estava lançado.

— Vai ser preciso uma semana inteira para me crescer uma porcaria de uma asa. A Matalina vai me matar. Todos se escondem de mim, quando não consigo voar. Sabia disso? Até os meus filhos.

Desliguei. O monólogo começara mal, o tinham libertado e ainda não tinha parado. Jenks não tinha sido acusado de nenhum crime, embora tivesse subido ao teto para incitar Ivy, enquanto esta espancava os agentes do F.I.B, mas insistira em meter o nariz onde não devia, até o terem apanhado e enfiado num garrafão de água vazio.

Eu começava a perceber o que Edden tinha dito. Ele e os seus agentes não faziam idéia de como lidar com Inderlanders. Podiam tê-lo encurralado num armário ou numa gaveta enquanto bisbilhotava. As asas nunca se teriam molhado e tornado frágeis como lenços de papel. A perseguição de dez minutos com uma rede nunca teria acontecido. E metade dos agentes daquele piso não teriam sido pixados... Ivy e Jenks tinham entrado no F.I.B por sua própria vontade e, ainda assim, tinham acabado por deixar atrás de si um rastro de caos. O que um Inderlander violento e hostil poderia fazer era assustador.

— Não faz sentido — disse Nick, suficientemente alto para ser ouvido por Edden. — Por que o Sr. Kalamack está a encher o bolso com ganhos ilegais? Ele já é rico o suficiente.

Edden voltou-se no banco, deslizando o casaco de nylon cáqui. Tinha um chapéu amarelo do F.I.B na cabeça, único sinal da sua autoridade.

— Deve estar financiando um projeto que não quer que seja descoberto. É difícil seguir o dinheiro quando este é obtido de forma ilegal e gasto da mesma forma.

Perguntei-me o que seria. Talvez se estivesse acontecendo mais alguma coisa no laboratório de Faris?

O capitão levou a mão grossa ao queixo, o rosto redondo iluminado pelos carros que nos seguiam. — Sr. Sparagmos — perguntou — alguma vez realizou um passeio de barco pela margem?

O rosto de Nick ficou gelado. — Senhor?

Edden abanou a cabeça. — É a coisa mais estranha. Tenho a certeza de já o ter visto antes.

— Não — disse Nick, deslizando para o canto do banco. — Não gosto de barcos.

Emitindo um pequeno ruído, Edden voltou-se de novo para frente.

Troquei um olhar com Jenks. O pequeno pixy fez um ar desconfiado, percebendo mais depressa do que eu. Amassei ruidosamente o meu saco de amendoins vazio e enfiei-o na mala, não querendo atirá-lo para o chão limpo. Nick estava nas sombras, fechado sobre si mesmo, a luz fraca dos carros que, ocasionalmente, passavam em direção contrária, revelava o nariz afiado e o rosto magro. Inclinando-me mais, sussurrei: — O que você fez?

Os olhos dele permaneceram fixos no exterior da janela, o peito subindo e descendo numa respiração lenta. — Nada.

Voltei a olhar de relance para a nuca de Edden. Sim, então eu era uma relíquia da S.I

— Olha, desculpa ter te envolvido nisso. Se quiser partir assim que chegarmos ao aeroporto, eu compreendo — pensando melhor, não queria saber o que ele tinha feito.

Ele abanou a cabeça, dirigindo-me um sorriso rápido. — Não faz mal — disse. — Vou te ajudar esta noite. Te devo uma por ter me tirado daquele fosso de ratazanas. Mais uma semana e ficaria em louco.

Imaginá-lo foi suficiente para me dar um arrepio. Havia destinos piores do que estar na lista negra da S.I Toquei de leve no ombro e recostei-me no assento, observando-o enquanto ele se libertava da tensão e começava a respirar com mais facilidade. Quanto mais sabia sobre ele, maior se tornava o seu contraste com a humanidade. Mas, em vez de me deixar preocupada, isso deixava-me mais segura. Estava de volta ao meu 'síndrome de donzela em apuros salva pelo herói'. Tinha lido vários contos de fadas quando era criança e era muito realista para não gostar de ser salva de vez em quando.

Tinha-se instalado um silêncio desconfortável e a minha ansiedade aumentou. E se chegássemos muito tarde? E se tudo não tivesse passado de uma armadilha elaborada? Deus me ajude, pensei. Tinha apostado tudo nas próximas horas. Se aquilo não funcionasse eu não tinha nada.

— Bruxa! — gritou Jenks, atraindo a minha atenção para ele. Compreendi que estava tentando chamar a minha atenção já há algum tempo. — Pega em mim — exigiu. — Não consigo ver nada daqui.

Ofereci-lhe uma mão e ele subiu nela.

— Não consigo imaginar porque é que todos te evitam quando não consegue voar — disse, com ironia.

— Isso nunca teria acontecido — disse Jenks em voz alta — se alguém não me tivesse rasgado a porcaria da asa.

Pousei-o no meu ombro para que ambos pudéssemos continuar a observar o trânsito que passava em sentido contrário, enquanto seguíamos para o aeroporto internacional de Cincinnati - Northern Kentucky. A maior parte das pessoas limitava-se a chamar-lhe Hollows International ou, ainda mais simples, o "Grande HI". Os carros que passavam em sentido contrário eram iluminados, por breves instantes, pelas luzes espalhadas ao longo da rua. Luzes essas que se tornavam cada vez mais numerosas à medida que nos aproximávamos dos terminais. Senti-me atravessar por uma onda de entusiasmo e endireitei-me no assento. Nada ia correr mal. Eu ia apanhá-lo. Fosse Trent o que fosse, eu ia apanhá-lo.

— Que horas são? — perguntei.

— Onze e quinze — murmurou Jenks.

— Onze e vinte — corrigiu Edden, apontando para o relógio do carro.

— Onze e quinze — rosnou o pixy em resposta. — Eu sei onde está o Sol melhor do que você sabe onde é buraco de mijar.

— Jenks! — exclamei, chocada. Nick descruzou os braços e a sua confiança regressou ligeiramente.

Edden ergueu uma mão conciliatória.

— Não faz mal, menina Morgan.

Clayton, um policial nervoso que parecia não confiar em mim, cruzou o seu olhar com o meu pelo espelho retrovisor.

— Na verdade, senhor — disse, com relutância — esse relógio está cinco minutos adiantado.

— Vêem? — exclamou Jenks.

Edden levou a mão ao telefone do carro e ligou o som para que todos pudessemos ouvir.

— Vamos confirmar que este plano está bem feito e que todos estão nos seus lugares — disse ele.

Ansiosa, ajustei a tipóia que me segurava o braço enquanto Edden marcava três números no telefone.

— Ruben — ladrou para o aparelho, segurando-o como se fosse um microfone. — Fala comigo.

Houve uma breve hesitação, depois uma voz masculina crepitou através dos alto-falantes.

— Capitão. Estamos à espera, no portão, mas o avião não está aqui.

— Não está aí! — gritei, encolhendo-me depois de ter saltado para a beira do assento. — Já deviam estar a subir a bordo.

— Nunca chegou ao túnel, senhor — continuou Ruben. — Estão todos à espera no terminal. Dizem que é uma ligeira reparação e que deve demorar cerca de uma hora. Não é obra sua?

Olhei, de relance, do alto-falante para Edden. Quase podia ver as idéias circulando atrás da expressão pensativa.

— Não — acabou por dizer. — Fica onde está — desligou a chamada e o ligeiro silvo desapareceu.

—O que é que se está acontecendo? — gritei-lhe ao ouvido e ele dirigiu-me um olhar de poucos amigos.

— Pouse o traseiro no banco, Morgan — disse. — Isso deve ter a ver com as restrições dos seus amigos em relação à luz do dia. A companhia não vai obrigar todos os passageiros a esperarem na pista, se o podem fazer no terminal.

Olhei de relance para Nick, cujos dedos batiam nervosos ao som de um ritmo que ninguém ouvia. Ainda inquieta, recostei-me no assento. O feixe de luz que orientava a aterragem dos aviões desenhava um arco sob o lado debaixo das nuvens. Estávamos quase chegando.

Edden marcou um número de memória, e sorriu quando retirou o telefone celular.

— Estou, Chris? — perguntou, ao mesmo tempo em que eu ouvia a voz de uma mulher responder. — Tenho uma pergunta para você. Parece que há um vôo da Southwest preso na pista. O das onze e quarenta e cinco para L.A, o que está acontecendo? — Hesitou, escutando, e eu dei por mim a roer uma unha. — Obrigado, Chris — ele riu. — E que tal o bife mais grosso da cidade? — voltou a rir e podia jurar que as orelhas dele ficaram vermelhas.

Jenks riu de algo que eu não conseguia ouvir. Olhei de relance para Nick, mas este estava a ignorar-me.

— Chrissy — disse Edden com uma voz arrastada. — A minha esposa é capaz de ter problemas com isso. — Jenks riu com Edden e eu mexi num caracol, nervosa. — Falamos mais tarde — disse ele e desligou o telefone.

— Então? — perguntei da beira do assento.

Os resquícios do sorriso de Edden recusavam-se a abandonar-lhe o rosto.

— O avião está preso. Parece que a I.S recebeu uma dica da presença de uma embalagem de Enxofre.

— Que babacas! — praguejei. A distração era o terminal, não o aeroporto. O que é que Trent estava fazendo?

Os olhos de Edden brilharam.

— A I.S está a quinze minutos de distância. Podemos tirar-lhes a apreensão de debaixo do nariz.

Sobre o meu ombro, Jenks começou a praguejar.

— Não estamos aqui pelo Enxofre — protestei, enquanto tudo começava a desmoronar. — Estamos aqui pelos biomedicamentos! — espumando, caí em silêncio ao ouvir um carro que se aproximava, ruidoso, dirigindo-se de volta à cidade.

— Aquele está em violação das regras — disse Edden. — Clayton, vê se apanha o registro.

Com a mente em turbilhão, esperei que ele passasse antes de tentar falar de novo. O motor acelerava como se o condutor estivesse acima do limite de velocidade. Francis, pensei, sustendo a respiração.

— É o Francis! — gritei ao mesmo tempo em que Jenks, voltando-me para ver o farol traseiro partido. A minha visão turvou-se devido à dor provocada pelo rápido movimento, mas quase engatinhava para o banco atrás do meu, com Jenks ainda sobre o meu ombro. — É o Francis — voltei a gritar, com o coração a bater veloz. — Dêem a volta. Parem! É o Francis.

Edden bateu com o punho no painel.

— Maldição — praguejou. — Chegamos tarde demais.

— Não! — gritei eu. — Não compreendem? O Trent está fazendo a troca. Os biomedicamentos pelo Enxofre. A I.S ainda não chegou. O Francis está trocando!

Edden fitou-me, o rosto alternando entre a sombra e a luz, enquanto prosseguíamos viagem para o aeroporto.

— Francis tem os medicamentos! Dê a volta! — gritei.

O carro parou num semáforo.

— Capitão? — perguntou o motorista.

— Morgan — disse Edden — é louca se acha que eu vou desperdiçar a oportunidade de roubar uma apreensão de droga da I.S Mas nem sequer sabe se era ele ou não.

Jenks riu. — Era Francis. A Rachel destruiu seu farol traseiro.

Eu sorri. — Francis tem os medicamentos. Vão sair de ônibus. Aposto a minha vida.

Os olhos de Edden semicerraram-se e ele cerrou o maxilar. — É o que acaba de fazer — limitou-se a dizer. — Clayton, dê a volta.

Deixei-me cair no banco, libertando o ar que não me apercebera que estivera a reter.

— Capitão?

— Ouviu bem! — disse ele, obviamente pouco contente. — Dê a volta. Faça o que diz a bruxa. — Voltou-se para mim, o rosto tenso. — É melhor que esteja certa, Morgan — rosnou.

— Estou — com o estômago às voltas recostei-me, preparando-me para a inversão de marcha apertada. É melhor que esteja certa, pensei, olhando de relance para Nick.

Um carro da I.S passou por nós a caminho do aeroporto, as luzes rotativas a brilhar silenciosas. Edden bateu no painel com tanta força que foi uma sorte o airbag não ter saltado. Agarrou no rádio.

— Rose! — berrou. — A equipe com o cão encontrou alguma coisa no terminal de ônibus?

— Não, capitão. Estão a caminho.

— Chame-os de volta — disse ele. — Quem é que temos em Hollows como civis?

— Senhor? — ela parecia confusa.

— Quem é que temos em Hollows que eu não tenha deslocado para o aeroporto? — gritou ele.

— Briston está no centro comercial de Newport, como civil — disse ela.

O toque tênue de um telefone a tocar interrompeu o diálogo e ela gritou. - Alguém que atenda isso! — Houve uma hesitação. — O Gerry está dando apoio, mas está de uniforme.

— O Gerry - murmurou Edden, muito pouco agradado. — Manda-os para o terminal.

- Briston e Gerry para o terminal — repetiu ela, lentamente.
- Diga que usem o EAF — acrescentou Edden, olhando para mim de relance.
- EAF? - perguntou Nick
- Equipamento anti feitiço — respondi, e ele acenou.
- Estamos à procura de um homem branco, trinta e poucos. Bruxo. O nome é Francis Percy. Agente da I.S
- Não é melhor do que um mago — interrompi, segurando-me quando paramos abruptamente num semáforo vermelho.
- É provável que o suspeito tenha feitiços consigo — continuou Edden.
- Ele é inofensivo — murmurei.
- Não o abordem a menos que tente sair — disse Edden, sério.
- Sim. — funguei, quando voltamos a arrancar. — Pode aborrecer-vos até à morte.
- Edden voltou-se para mim. — Importa-se de fechar a boca?
- Encolhi os ombros, depois desejei não o ter feito quando senti o ombro começar a latejar.
- Entendeu Rose? — disse ele para o aparelho.
- Armado, perigoso, não abordar a menos que tente sair. Entendi.
- Edden resmungou. — Obrigado, Rose. — desligou o rádio com um dedo grosso.
- Jenks puxou-me a orelha e eu emiti um ganido. — Lá está ele — guinchou o pixy. — Vejam. Mesmo à nossa frente. Nick e eu inclinamo-nos para frente para ver. A luz traseira partida era como um farol. Observamos enquanto Francis fazia pisca e os pneus do carro guinchavam, quando ele se lançou para o terminal. Ouviu-se uma buzina e sorri. Francis quase tinha sido batido por um ônibus.

— Muito bem — disse Edden suavemente, enquanto entrávamos para o parque, pelo lado mais distante. — A equipe com o cão não chega senão daqui a cinco minutos, e Briston e Gerry daqui a quinze. Ele vai ter de registrar a encomenda na recepção. Será uma boa prova de posse. — Edden soltou o cinto de segurança e girou no assento quando a viatura parou. Parecia tão ansioso como um vampiro, devido ao sorriso cheio de dentes. — Não quero que ninguém olhe sequer para ele até chegarem todos. Entenderam?

— Sim, entendi — disse eu, nervosa. Não gostava de estar sob as ordens de outros, mas o que ele dizia fazia sentido. Nervosa, deslizei sobre o banco para espreitar pela janela do lado de Nick e ver Francis que se debatia com três caixas planas.

— É ele? — perguntou Edden, a voz fria.

Acenei. Jenks percorreu o meu braço e subiu para o parapeito da janela. As asas agitavam-se enquanto ele as usava para manter o equilíbrio. — Sim — rosnou o pixy. — É a panqueca.

Erguendo os olhos, compreendi que estava quase no colo de Nick. Envergonhada, regressei ao meu lugar. O efeito da aspirina começava a passar e, embora o amuleto que me restava ainda fosse bom durante mais alguns dias, a dor começava a passar por ele com mais frequência, mas o que me preocupava de verdade era a fadiga. Sentia o coração bater de muito rápido, como se tivesse acabado de correr a maratona. Não me parecia que se devesse apenas à excitação.

Francis fechou a porta do carro com um pontapé e cambaleou. Era a imagem da altivez enquanto avançava para o terminal, a camisa berrante com o colarinho erguido. Sorri, quando ele sorriu para a uma mulher que saía do terminal e roçava de leve nela, mas, ao recordar o medo que ele sentira no gabinete de Trent, o meu olhar de superioridade assumiu certa pena pelo tipo inseguro.

— Muito bem, meninos e meninas — disse Edden, voltando a atrair a minha atenção. — Clayton, fique aqui. Mande a Briston para dentro assim que ela chegar. Não quero nenhum uniforme visível pelas janelas — observou Francis que atravessava as portas duplas. — Peça a Rose que mande

todos os agentes do aeroporto para cá. Parece que a bruxa, hum, a menina Morgan tinha razão.

— Sim, senhor. — Clayton levou a mão ao telefone do carro, com alguma relutância.

As portas começaram a ser abertas. Era óbvio que não éramos os típicos clientes, mas Francis era, provavelmente, muito idiota para perceber. Edden enfiou o chapéu amarelo no bolso de trás das calças. Nick era um Zé ninguém magrelo; adequava-se ao local, mas as minhas feridas e a tipóia que me mantinha o braço ao peito chamava mais a atenção do que um badalo e um cartaz que dissesse: “Trabalho por feitiços”.

— Capitão Edden? — disse, quando ele desceu e ficou à espera. — Dê-me um minuto.

Edden e Nick olharam para mim, curiosos, enquanto eu vasculhava a mala.

— Rachel — disse Jenks do ombro de Nick. — Tem que estar brincando. Feitiços de maquiagem não te farão ficar com melhor aspeto.

— Vai se ferrar! — murmurei. — Francis vai reconhecer-me. Preciso de um amuleto.

Edden observou interessado. Sentindo a pressão da adrenalina, vasculhei desajeitada a mala com a mão boa em busca do feitiço de envelhecimento. Por fim, despejei a mala sobre o banco. Agarrei o amuleto certo e invoquei-o. Quando o coloquei ao redor do pescoço, Edden fitou-me emitindo um som de descrença e admiração. A sua aceitação - não, aprovação - foi gratificante. Que ele tivesse aceitado o meu amuleto contra as dores, mais cedo, tinha muito a ver com o fato de eu ficar de acordo em lhe dever um favor ou dois. Sempre que um humano mostrava qualquer apreço pelas minhas capacidades ficava toda derretida. Babaca.

Enfiando tudo dentro da mala, saí do carro com cuidado.

— Pronta? — perguntou Jenks, sarcasticamente. — Tens certeza de que não queres escovar o cabelo?

— Cala a boca, Jenks — disse, enquanto Nick me oferecia uma mão.
— Consigo descer sozinha — acrescentei.

Jenks saltou de Nick para mim, instalando-se no meu ombro. — Parece uma velha — disse o pixy. — Age como tal.

— E é — disse Edden agarrando-me pelo ombro, para me impedir de cair quando as minhas botas de vampiro bateram no pavimento. — Faz-me lembrar a minha mãe — os olhos encheram-se de rugas quando ele fez uma careta e agitou a mão em frente ao nariz. — Até cheira como ela.

— Calem-se, todos vocês — disse eu, hesitando devido à tontura gerada pela respiração fraca. A dor que me atravessara, quando descera do carro, tinha viajado através da minha coluna até ao crânio, onde se instalou para uma estada prolongada. Recusando-me a permitir que a fadiga levasse a melhor sobre mim, afastei-me de Edden e avancei, coxeando, até às portas. Os dois homens seguiram-me, três passos atrás. Sentia-me horrorosa com as calças de gangue de gorda e a camisa plissada. Transportar a ilusão de ser velha também não ajudava. Empurrei a porta, incapaz de abrir.

— Alguém me abra a porta! — exclamei, e Jenks riu.

Nick pegou-me no braço enquanto Edden abria a porta e uma lufada de ar super aquecido nos atingia.

— Toma — disse Nick. — Apóia em mim. Assim parece mais com uma velhota.

Com a dor podia lidar. Era a fadiga que esmagava o meu orgulho e me forçava a aceitar o braço que Nick oferecia. Era isso ou engatinhar para o interior do terminal. Entrei arrastando os pés, a pulsação apressada por um tremor de excitação enquanto percorria com o olhar o longo balcão da recepção em busca de Francis. — Ali está ele — sussurrei.

Quase escondido atrás de uma árvore falsa, Francis estava falando com uma mulher de uniforme da cidade. O encanto Percy estava a ter o seu efeito costumeiro e ela parecia aborrecida. Sobre o balcão, ao lado dele, encontravam-se três caixas. A minha existência estava naquelas caixas.

Nick puxou-me suavemente pelo cotovelo bom. — Vamos nos sentar ali, mãe — disse ele.

— Volta a me chamar assim e cuidarei do teu atestado de óbito.

— Mãe — disse Jenks, agitando as asas em movimentos repentinos que faziam vento para o meu pescoço.

— Basta — disse Edden suavemente, com uma nova dureza na voz. Os seus olhos nunca largaram Francis. — Vocês três vão se sentar ali e esperar. Ninguém se mexe a menos que Percy tente sair. Vou me assegurar de que aquelas caixas não subam a bordo de nenhum ônibus — sem tirar os olhos de Francis, tocou na arma escondida sob o casaco e, em passo casual, avançou para o balcão. Edden sorriu a uma segunda funcionária ainda antes de se encontrar próximo.

Sentar-me e esperar? Sim, podia fazer isso. Puxei Nick de leve e avancei na direção das cadeiras corridas.

Era cor de laranja, tal como as do F.I.B e pareciam igualmente desconfortáveis. Nick ajudou-me a sentar numa, ocupando a cadeira ao meu lado. Estendeu-se e fingiu dormir, os olhos ligeiramente abertos para poder observar Francis. Sentei-me, rígida, com a mala no colo, agarrando-me a ela como já vira outras velhotas fazerem. Agora sabia o porquê. Todo o meu corpo doía e eu sentia-me como se fosse desmoronar se relaxasse.

Um choro estrondou e inspirei de forma súbita. Os meus olhos afastaram-se de Francis, ocupado se fazendo de lerdo, e deslizaram sobre os outros clientes. Havia uma mãe cansada com três filhos — um ainda de fraldas — discutindo com um funcionário sobre a interpretação de um cupom. Havia muitos de homens de negócios, absorvidos nos seus afazeres, com passos altivos, como se aquilo fosse apenas um sonho e não a realidade da sua existência. Jovens amantes perigosamente juntos, provavelmente a fugir dos pais. Vagabundos. Um velho cruzou o seu olhar com o meu e pisquei os olhos.

Fitei-o. Aquilo não era seguro. A I.S podia estar em qualquer lado, pronta para me apanhar.

— Relaxa, Rache — sussurrou Jenks, como se tivesse lido a minha mente. — A I.S não te vai atacar com o capitão do F.I.B na mesma sala.

— Como é que podes ter certeza? — perguntei.

Senti o vento no pescoço, quando ele agitou as asas inúteis. – Não posso.

Nick abriu os olhos e sentou-se. — Como está? — perguntou baixinho.

— Estou ótimo — respondeu Jenks. — Obrigado por perguntar. Sabia que um gigantão do F.I.B me arrancou a porra da asa? A minha mulher vai me matar.

Consegui sorrir. — Com fome — respondi a Nick. — Exausta.

Nick olhou de relance para mim antes de voltar a olhar para Francis. — Queres alguma coisa para comer? — chacoalhou as moedas no bolso, o troco da viagem de táxi até ao F.I.B — Tem o suficiente para algo ali da máquina.

Deixei que um ligeiro sorriso descesse sobre mim. Era bom ter alguém que se preocupasse comigo. — Claro. Obrigada. Algo com chocolate?

— Chocolate — afirmou Nick, levantando-se. O seu olhar deslizou das máquinas de venda automática para Francis do outro lado da sala. O idiota estava meio deitado sobre o balcão, provavelmente tentando arrancar o número de telefone dela. Observei Nick que se afastava. Para alguém tão magro, movia-se realmente com graça. Perguntei-me o que teria ele feito para ser levado para o F.I.B

— Algo com chocolate — disse Jenks, arrastando a voz num tom de desdém. — Ohhh, Nick. É o meu herói!

— Vai dar uma volta — disse eu, mais por hábito do que outra coisa.

— Sabe de uma coisa, Rache — disse Jenks enquanto se instalava melhor sobre o meu ombro. — Vai ser uma avó esquisita.

Estava muito cansada para tentar arranjar uma resposta. Inspirei fundo, fazendo-o lentamente para que nada me doesse. Os meus olhos sal-

taram de Francis para Nick, sentindo o estômago apertado de antecipação. — Jenks — disse, observando a forma alta de Nick que se erguia em frente à máquina de doces, a cabeça curvada sobre os trocos na mão. — O que acha do Nick?

O pixy fungou. Depois, vendo que estava a falando sério, aquietou-se. — É legal — disse. — Não fará nada para te magoar. Tem este complexo de herói e você parece precisar ser salva. Devia ter visto a cara dele quando estava deitada no sofá da Ivy. Pensei que ele ia cair para o lado, mas não espere que partilhe das idéias correntes de certo e errado.

Franzi as sobrancelhas, o que me fez doer o rosto. — Magia negra? — sussurrei. — Oh, Deus, Jenks! Não me diga que ele é praticante?

Jenks riu, soando como um espanta-espíritos. — Não. Quero dizer que ele não tem problemas em roubar livros da biblioteca.

— Oh! — recordei o seu desconforto no edifício do F.I.B e no carro. Seria apenas isso? De alguma forma, não achava que fosse, mas os pixies são conhecidos pela sua capacidade de avaliar caráter, por muito esvoaçantes, bizarros ou desbocados que sejam. Perguntei-me se a opinião de Jenks mudaria caso lhe falasse da marca de demônio. Tive medo de perguntar. Raios, até tinha medo de mostrar.

Ergui os olhos quando Francis riu, escrevendo qualquer coisa num papel e empurrando-o na direção da vendedora de bilhetes. Passou uma mão sobre o nariz fino e dirigiu-lhe um sorriso impertinente.

— Linda menina — murmurei quando ela amarrotou o bilhete e o atirou por cima do ombro, mal Francis se dirigiu para a porta.

O meu coração pareceu saltar. Ele estava indo para a porta. Maldição. Ergui os olhos em busca de ajuda. Nick estava lutando com a máquina, de costas para mim. Edden estava embrenhado num diálogo com um homem de aspecto oficial num uniforme da motorista. O rosto do capitão estava vermelho e os olhos fixos nas caixas atrás do balcão.

— Jenks — disse, determinada. — Vai buscar o Edden.

— O quê? Queres que me arraste até ali?

Francis ia a meio caminho da porta. Eu não acreditava que Clayton, que se encontrava no exterior, fosse capaz de impedir um cão de fazer xixi. Ergui-me, rezando para que Edden se voltasse. Ele não o fez.

— Chama-o — murmurei, ignorando o ultraje de Jenks quando o retirei do meu ombro e pousei no chão.

— Rache! — gritou Jenks, enquanto eu coxeava tão depressa quanto possível, tentando enfiar-me entre Francis e a porta. Eu era muito lenta e Francis ia atravessar na minha frente.

— Desculpe, jovem? — falei, a pulsação acelerada quando cheguei perto dele. — Importa-se de me dizer onde fica a zona de bagagem?

Francis girou, veloz, sobre os tornozelos. Lutei para esconder o medo de que ele me reconhecesse e o meu ódio pelo que ele fizera.

— Isso é o terminal de ônibus, minha senhora — disse ele, os lábios finos retorcidos de irritação. — Não há zona de bagagem. As suas coisas estão lá fora, no passeio.

— O que disse? v perguntei, mais alto, amaldiçoando mentalmente Edden. Onde raio estava ele? Agarrei com força o braço de Francis e ele baixou os olhos para a minha mão enrugada pelo feitiço.

— É lá fora! — gritou, tentando afastar-se, cambaleando quando o meu perfume o atingiu.

Mas eu não podia largar. Pelo canto do olho vi Nick ao lado da máquina de doces, a fitar o meu assento vazio sem compreender. O seu olhar percorreu as outras pessoas, cruzando-se por fim com o meu. Os seus olhos abriram-se mais e ele correu para Edden. Francis tinha enfiado os papéis debaixo do braço e estava a usar a outra mão para tentar arrancar os meus dedos do seu braço.

— Largue-me, minha senhora — dizia ele. — Não há zona de bagagem.

Tive uma câibra nos dedos e ele soltou-se. Em pânico, vi-o puxar pela camisa, endireitando-a.

— Morcego maluco — disse ele, bufando. — O que é que vocês velhas fazem, nadam em perfume? — Depois ficou de queixo caído. — Morgan... — gaguejou reconhecendo-me. — Disseram-me que estavas morta.

— E estou — disse eu, os joelhos ameaçando ceder. Só a adrenalina me mantinha de pé.

O seu sorriso idiota dizia-me que ele não fazia idéia do que se estava a passar. — Você vem comigo. O Denon vai me oferecer uma promoção quando te ver. Abanei a cabeça. Tinha de fazer aquilo como deve ser ou Edden ficaria irritado.

— Francis Percy, sob autoridade do F.I.B, acuso-te de conspiração para traficar biomedicamentos de livre vontade.

O sorriso desapareceu quando o rosto ficou pálido sob os feios pelos da barba que despontava. — Merda - praguejou, voltando-se para correr.

— Pare! — gritou Edden, muito longe para ter algum efeito.

Atirei-me a Francis, agarrando-o pela parte de trás dos joelhos. Caímos num baque doloroso. Francis contorceu-se, chutando meu peito, enquanto tentava fugir. Arfei, com dores.

Um silvo de ar passou sobre nós, no local onde estivera a minha cabeça. Ergui o olhar. Estrelas passavam em frente aos meus olhos, enquanto Francis lutava por fugir.

Não, pensei enquanto uma bola de chamas azuis embatia contra a parede mais distante e explodia. Estas estrelas eram reais. O chão tremeu com a força da explosão. As mulheres e as crianças gritaram, afastando-se para se encostarem à parede.

— O que foi isto? — gaguejou Francis. Torceu-se debaixo de mim e, durante um segundo, observamos, maravilhados, enquanto a chama azul tremeluzente se abria numa explosão de luz na feia parede amarela, até se voltar a fechar sobre si mesma e desaparecer com um estalido.

Assustada pela primeira vez, olhei para trás de mim. De pé, no corredor que dava acesso aos gabinetes interiores, estava um homem baixo e

bem posto, vestido de preto, com uma bola vermelha de eternidade numa das mãos. Uma mulher pequena, vestida da mesma cor, bloqueava a saída principal, uma mão na cintura e os dentes brancos abertos num sorriso. O terceiro era um homem musculoso do tamanho de um gorila junto à bilheteira. Aparentemente, a convenção de bruxos na costa tinha terminado. Maravilha.

Capítulo 31

A respiração de Francis foi acompanhada por um choque de entendimento.

— Me larga! — guinchou, o medo tomando a voz aguda e feia. — Rachel, larga! Eles vão te matar!

Enterrei os dedos nele, enquanto lutávamos. De maxilar apertado, rosnei de dor quando os seus esforços para se libertar me rasgaram os pontos. O sangue fluiu e eu vasculhei o pescoço em busca de um amuleto, observando pelo canto do olho o homem baixo, cujos lábios se moviam, e a bola que ele tinha na mão passava de vermelho eternidade para azul. Maldição. Ele estava a invocar o seu feitiço.

— Não tenho tempo para isto! — sussurrei, zangada, meio deitada em cima de Francis, tentando imobilizá-lo.

Agora as pessoas corriam. Espalhavam-se pelos corredores e passavam pela mulher, saindo para o parque de estacionamento. Quando os bruxos se enfrentavam em duelo só os velozes escapavam. A minha respiração silvou através do nariz, quando os lábios do homem pararam de se mexer. Puxando o braço para trás, lançou o feitiço. Arquejando, puxei Francis para cima, à minha frente.

— Não! — guinchou ele, a boca e os olhos numa horrível expressão de medo perante o feitiço que se aproximava.

O impacto atirou-nos para longe, sobre as cadeiras. O cotovelo de Francis bateu-me no braço machucado e rosnei de dor. O grito dele cessou, num gorgolejo assustador. O meu ombro doeu em agonia, enquanto o afastava de cima de mim, com movimentos frenéticos. Caiu no chão, inconsciente. Afastando-me, fitei-o. Estava coberto por uma película, azul e pulsante. Na minha manga estava uma pequena mancha dessa substância.

Fiquei arrepiada quando a névoa azul de eternidade deslizou da minha manga para se juntar à que cobria Francis. Ele estava com convulsões, coberto por aquela substância. Depois se imobilizou.

Com a respiração acelerada, ergui os olhos. Os três assassinos estavam a falar em uníssono, as mãos a desenhar figuras invisíveis no ar. Os seus movimentos eram graciosos e deliberados, parecendo obscenos.

— Rache! — guinchou Jenks a três cadeiras de distância. — Eles estão fazendo uma rede. Sai! Tem que sair!

Sair? Pensei, olhando para Francis. O azul tinha desaparecido, deixando-o de braços e pernas abertos em ângulos não naturais sobre o chão. O horror atravessou-me. Eu fizera Francis receber o ataque que me era dirigido. Tinha sido um acidente. Eu não o queria matar.

Senti o estômago apertado e pensei que ia vomitar. Afastei o medo, usando a raiva para me erguer sobre os joelhos. Agarrei uma cadeira laranja, usando-a para me levantar. Eles tinham feito com que eu obrigasse Francis a receber o ataque que me era destinado. Oh, Deus! Ele estava morto por causa de mim.

— Por que é que me obrigaram a fazer aquilo? — perguntei, baixinho, voltando-me para o homem baixo. Dei um passo em frente enquanto o ar começava a crepitar. Não podia dizer que o que tinha feito fosse errado, eu estava viva, mas não quisera fazer aquilo. — Porque é que me obrigaram a fazer aquilo? — perguntei mais alto, a raiva aumentando enquanto a sensação de agulhas a espetar através do meu corpo me invadia como uma onda. Era o início de uma rede. Não queria saber. Agarrei na minha mala quando passei por ela, chutando para longe o amuleto.

Os olhos do bruxo da linha Ley abriram-se de surpresa quando me aproximei dele. De expressão determinada, começou a cantar mais alto. Podia ouvir os outros dois a sussurrar como um vento carregado de cinza. Era fácil mover-me no centro da rede, mas, quanto mais me aproximava dos seus limites, mais difícil se tornava. Erguíamo-nos numa bola de ar tingida de azul. Edden e Nick debatiam-se, tentando entrar.

— Vocês me obrigaram a fazer aquilo! — gritei.

O meu cabelo ergueu-se e caiu, sob uma lufada de eternidade, enquanto a rede deles se tornava sólida. De maxilar cerrado, dirigi o meu olhar para além névoa azul, vendo o homem enorme e musculoso, no seu exterior, mantendo o mesmo ritmo enquanto atirava feitiços de linha Ley aos agentes do F.I.D irremediavelmente ultrapassados que tinham entrado correndo. Não queria saber. Dois deles estavam ali comigo. Esses não iam a lado nenhum.

Estava furiosa e frustrada. Cansada de me esconder numa igreja, cansada de me desviar de bolas explosivas, cansada de mergulhar em água com sal e cansada de me sentir assustada. E, por causa de mim, Francis jazia no chão sujo e frio de um terminal de ônibus nojento. Embora fosse um verme, não merecia aquilo.

Lancei a mala para frente, enquanto cambaleava na direção do homem mais baixo. Enfiei a mão no seu interior, sem ver, tateando os amuletos, em busca de um para dormir. Absolutamente furiosa, esfreguei-o contra o pescoço, deixando-o depois pender na ponta da corda. Os lábios dele começaram a mover-se e as mãos compridas começaram a desenhar padrões. Se fosse um feitiço mau, tinha quatro segundos. Cinco, se fosse suficientemente forte para me matar.

— Ninguém! — exclamei, cambaleando em frente usando apenas a força de vontade. De olhos abertos, vi a minha marca de demônio quando fechei a mão num punho. — Ninguém me obriga a matar ninguém! — gritei, atacando.

Ambos cambaleamos quando lhe acertei no maxilar. Abanando a mão devido à dor, dobrei-me sobre mim mesma. O homem cambaleou para trás e equilibrou-se. O fluxo de poder diminuiu de forma abrupta. Não estava à espera de um ataque físico — poucos são os bruxos das linhas Ley que o esperam — e erguera um braço para bloquear o meu golpe. Agarrando-lhe nos dedos, torci-os para trás, partindo pelo menos três.

O seu grito de dor foi respondido pelo grito de desilusão da mulher no outro lado do lobby. Ela começou a correr na minha direção. Sem largar a mão, ergui o pé, puxando o bruxo para frente para lhe bater. Ele arregalou os olhos. Agarrando-se ao estômago, caiu para trás. O olhar líquido

encontrou alguém atrás de mim. Ainda sem respirar, deixou-se cair e rolou para a direita.

Arquejando, caí ao chão e rolei para a esquerda. Ouviu-se um estrondo e o meu cabelo voou para trás. Levantei a cabeça do chão quando uma bola de eternidade verde se espalhava sobre a parede e ao longo do corredor. Virei-me. A pequena mulher continuava avançando, o rosto tenso e a boca sempre mexendo. Uma bola de eternidade vermelha inchava na sua mão, raiada com a sua própria aura verde, enquanto ela tentava forçá-la com a sua vontade.

— Quer um pedaço de mim? — gritei do chão. — Quer? — Cambaleando, ergui-me e pousei a mão na parede para me equilibrar.

O homem atrás de mim disse uma palavra. Consegui ouvi-la. Era muito estranha para que a minha mente a entendesse. Rolou dentro da minha cabeça e lutei por lhe dar um sentido. Depois os meus olhos abriram-se e o meu queixo caiu para libertar um grito silencioso que explodia dentro de mim.

Agarrando a cabeça, caí de joelhos, a gritando.

— Não! — guinchei. — Não! Sai! — vergões vermelhos de crostas negras. Vermes que se contorciam, o gosto azedo da carne podre.

A recordação abriu caminho, a ferro e fogo, a partir do meu subconsciente. Ergui os olhos, ofegante. Estava exausta. Não me restava nada. O meu coração batia com força contra os pulmões. Manchas negras dançavam nos limites do meu campo visual. Sentia um formigueiro sobre a pele, como se ela não fosse minha. O que diabo tinha sido aquilo?

O homem e a mulher estavam juntos, ela tinha a mão por baixo do cotovelo dele, apoiando-o, enquanto ele se dobrava sobre a mão partida. Os seus rostos estavam irados, confiantes... E satisfeitos. Ele não conseguia usar a mão, mas era óbvio que não precisava dela para me matar. Tudo o que tinha de fazer era voltar a repetir aquela palavra. Eu estava morta. Morta mais do que de costume, mas ia levar um deles comigo.

— Agora! — ouvi Edden gritar, um som fraco, como que atravessando o nevoeiro.

Sobressaltamos os três quando a rede caiu. A sombra azul que turvava o ar abateu-se sobre si mesma e desapareceu. O bruxo grande no exterior da rede estava no chão, os dedos entrelaçados atrás da cabeça. Seis agentes do F.I.B rodeavam-no. A esperança atravessou-me, quase dolorosa.

Uma forma chamou-me a atenção. Nick.

— Toma! — gritei, agarrando o cordão do amuleto para dormir invocado que estava no chão onde eu o tinha deixado cair, e atirando a ele.

O assassino voltou-se, mas era tarde demais. De rosto pálido, Nick largou o arco sobre a cabeça da mulher e recuou. Ela desfaleceu. O homem agarrou-a, atrapalhado, baixando-a até ao chão. De boca aberta, surpreso, percorreu o espaço com o olhar.

— F.I.B! — gritou Edden, parecendo estranho, com o braço ao peito e a arma na mão esquerda. - Ponha as mãos atrás da cabeça e pare de mexer a boca ou eu faço-a parar!

O homem piscou os olhos, em choque. Olhou de relance para a mulher aos seus pés. Inspirando, correu.

— Não! — gritei. Ainda no chão, virei a mala. Agarrei um amuleto, esfreguei contra o pescoço que sangrava e atirei-o na direção dos pés dele. Metade dos amuletos que se encontravam na minha mala estavam entrelaçados naquele. Como uma bola, voou pelo ar à altura do joelho. Acertou-lhe, envolvendo-lhe as pernas como se fosse um bezerro. Tropeçando, caiu.

Os agentes do F.I.B voaram para cima dele. Sustendo a respiração observei, esperando. Ele ficou no chão. O meu amuleto tinha-o atirado para um sonho doce e quieto.

O som dos agentes do F.I.B fez-me acordar. Com absoluta obstinação, arrastei-me até ao local onde jazia Francis, só, junto às cadeiras. Temendo o pior, virei-o. Os seus olhos fitavam o teto sem ver. Senti que o meu rosto se abatia. Deus, não. Mas, depois, o peito dele moveu-se e um sorriso idiota repuxou-lhe os lábios finos, como no sonho que estava a ter. Estava vivo e respirando bem fundo, sob um feitiço das linhas Ley. O alívio jorrou através de mim. Não o tinha matado.

— Te peguei! — gritei para o seu rosto inconsciente, estreito, como o de uma ratazana. — Está me a ouvindo, seu saco de merda de camelo idiota? Te peguei! Está feito!

Os sapatos castanhos e gastos de Edden imobilizaram-se ao meu lado. Fiquei com o rosto rígido e passei uma mão manchada de sangue por baixo do olho. Eu não tinha matado Francis. Semicerrando os olhos, ergui-os ao longo das amarrotadas calças cáqui de Edden e do braço mantido ao peito pela tipóia azul. Tinha o chapéu posto e eu parecia não ser capaz de tirar os olhos das letras azuis que diziam F.I.B e que brilhavam contra o fundo amarelo. Ele pigarreou satisfeito e o sorriso largo fez com que se parecesse ainda mais com um troll. Dormente, pisquei os olhos enquanto os meus pulmões se apertavam um contra o outro. Parecia ser preciso um esforço muitíssimo grande para os encher.

— Morgan — disse o homem, alegre, estendendo-me uma mão grossa para me ajudar a levantar. — Sente-se bem?

— Não — disse. Ergui um braço, mas o chão inclinou-se. Enquanto Nick arquejava um aviso, desmaiei.

Capítulo 32

— Ouçam! — gritava Francis, o cuspe voava dele, devido ao seu fervor. — Eu conto tudo. Quero fazer um acordo. Quero proteção. Só era suposto eu fazer as apreensões de Enxofre. Mais nada, mas alguém se assustou e o Sr. Kalamack quis trocar os carregamentos. Ele disse-me que trocasse os carregamentos. Mais nada! Não sou um traficante de biomedicamentos. Por favor. Têm de acreditar em mim!

Edden não disse nada, desempenhando o papel de policial mau e silencioso, no seu lugar à minha frente. Os papéis para envio de encomenda que Francis assinara estavam debaixo da sua mão grossa, como uma acusação silenciosa. Francis encolheu-se na cadeira, ao fundo da mesa, a duas cadeiras de distância de nós. Os seus olhos estavam muito abertos e assustados. Parecia patético na sua camisa berrante e no seu casaco de poliéster, de mangas enroladas, tentando viver o sonho que desejava que fosse a sua vida.

Estiquei cuidadosamente o meu corpo dolorido, deixando que o meu olhar caísse sobre as três caixas de papelão minuciosamente empilhadas umas sobre as outras. Um sorriso curvou-me os lábios. Escondido sob a mesa, no meu colo, estava um amuleto. Tinha-o tirado do líder da equipe de assassinos. Brilhava num horrível tom vermelho, mas, se fosse aquilo que eu pensava ser, se tornaria preto quando eu morresse ou na eventualidade de o contrato sobre a minha vida ser pago. Ia para casa dormir durante uma semana, assim que aquele problema se resolvesse.

Edden tinha nos levado, ao Francis e a mim, para a sala dos empregados, nos fundos, para impedir uma repetição do ataque dos bruxos. Graças à cobertura da equipe jornalística local, todos na cidade sabiam onde eu me encontrava e só estava à espera de que as fadas comesçassem a sair

feito loucas. Tinha mais fé no cobertor EAF enrolado à minha volta do que nos dois agentes do F.I.B que ali se encontravam, fazendo com que a sala comprida parecesse lotada.

Puxei o cobertor para mais próximo do pescoço, agradecendo tanto a sua pequena proteção como o calor. Era tecido por fios de titânio, finos como teias de aranha, que garantiam a dissolução dos feitiços mais fortes e a quebra dos mais fracos. Vários agentes do F.I.B usavam macacões amarelos feitos de um tecido semelhante e eu tinha esperança que Edden se esquecesse de pedir a devolução do cobertor.

Enquanto Francis tagarelava, os meus olhos percorriam as paredes cinzentas decoradas com frases feitas sobre locais de trabalho felizes e a melhor forma de processar o patrão. Um microondas e uma geladeira velha ocupavam uma das paredes, e havia um balcão manchado de café. Fitei a decrépita máquina de doces, novamente esfomeada. Nick e Jenks estavam junto ao balcão, tentando ambos manter-se fora do caminho.

A pesada porta da sala dos empregados abriu-se e voltei-me quando um agente do F.I.B e uma mulher jovem, num provocante vestido vermelho, entraram. Ela tinha ao pescoço um distintivo do F.I.B e o chapéu amarelo do F.I.B, empoleirado sobre o cabelo bem penteado, parecia um acessório barato. Calculei que fossem Gerry e Briston do centro comercial. O rosto da mulher franziu-se e ela sussurrou "Perfume" em tom de censura. Expeli o ar, bufando. Adoraria explicar, mas o mais certo era que causasse ainda mais danos.

Os sussurros dos agentes do F.I.B tinham diminuído consideravelmente quando tirei o disfarce de velhota e voltei a ser a mulher esmurrada, de vinte e poucos anos e cabelo frisado ruivo, com curvas no lugar certo. Sentia-me como um feijão em lata, com o braço ao peito, o olho roxo e o cobertor enrolado à minha volta. Devia me parecer com um sobrevivente de um desastre.

— Rachel! — gritou Francis com urgência, chamando para ele a minha atenção. O rosto triangular estava pálido e o cabelo preto empapado. — Preciso de proteção. Não sou como tu. O Kalamack vai me matar. Eu faço qualquer coisa! Você quer o Kalamack, eu quero proteção. Eu só devia tratar do Enxofre. A culpa não é minha. Rachel, você tem que acreditar em mim.

— Tá bom! — Mais cansada do que se possa acreditar, inspirei fundo e olhei para o relógio. Pouco passava da meia-noite, mas parecia que estávamos próximo do nascer do Sol.

Edden sorriu. A cadeira raspou no chão quando ele se levantou. — Vamos abri-las, pessoal.

Dois agentes do F.I.B avançaram, impacientes. Agarrei-me ao amuleto que tinha ao colo e inclinei-me, ansiosa, para ver melhor. A continuação da minha existência dependia daquelas caixas. O som de fita rasgando fez-se ouvir, sonoro. Francis limpou a boca, observando as embalagens com o que parecia ser uma combinação de fascínio mórbido e medo.

— Santa mãe de Deus — praguejou um dos agentes, recuando da mesa quando as caixas foram abertas. — São tomates.

Tomates? Ergui-me de um salto, gemendo de dor. Edden estava um passo à minha frente.

— Está dentro deles! — balbuciou Francis. — Os medicamentos estão lá dentro. Ele esconde os medicamentos nos tomates para que os cães das alfândegas não os consigam cheirar. — Com o rosto pálido sob a barba que despontava, voltou a enrolar as mangas. — Estão lá dentro. Vejam!

— Tomates? — disse Edden, uma expressão de nojo no rosto. — Ele transporta-os dentro de tomates?

Tomates perfeitos e vermelhos com folhinhas verdes fitavam-me da sua embalagem. Impressionada, permiti que os meus lábios se afastassem. Trent devia enfiar os frasquinhos no fruto em desenvolvimento e, quando este amadurecia, as drogas estavam guardadas, em segurança, no interior do fruto impecável em que humano algum tocara.

— Vai para lá, Nick — exigiu Jenks, mas Nick não se moveu, o rosto longo branco como cal. Na pia os dois agentes que tinham aberto as caixas esfregavam violentamente as mãos.

Parecendo prestes a vomitar, Edden estendeu uma mão para pegar num tomate e examinar o fruto vermelho. Não havia qualquer defeito ou corte na pele perfeita.

— Suponho que devêssemos abrir um — disse, com alguma relutância, pousando-o na mesa e limpando a mão às calças.

— Eu faço-o voluntariei-me quando mais ninguém o fez e alguém fez deslizar uma faca manchada sobre a mesa. Peguei na faca com a mão esquerda; depois, lembrando-me que a minha outra mão estava presa ao peito, olhei à minha volta em busca de ajuda. Nenhum dos agentes do F.I.B olhava para mim. Nenhum estava disposto a tocar no fruto. Franzindo a sobancelha, pousei a faca. — Oh, bem — murmurei, erguendo a mão e abastendo-a sobre o fruto.

O esmaguei. A polpa vermelha espalhou-se pela camisa branca de Edden. O rosto dele ficou tão branco como o bigode. Os agentes do F.I.B que assistiam gritaram enojados. Alguém se engasgou. Com o coração batendo veloz, peguei no tomate com uma mão e apertei-o. A polpa e as sementes esguicharam por entre os meus dedos. Sustive a respiração quando um cilindro do tamanho do meu dedo mindinho me tocou na palma da mão. Deixei cair a massa de polpa e abanei a mão. Fizeram-se ouvir gritos de consternação, enquanto a carne vermelha salpicava a mesa. Era como se estivesse apertando um coração podre, pelos sons que os grandes e fortes agentes do F.I.B estavam emitindo.

— Aqui está! — disse eu, triunfante, retirando do seu interior, um frasquinho de aspecto institucional envolto em polpa de tomate e segurando-o à vista de todos. Nunca tinha visto biomedicamentos antes. Pensei que contivesse mais.

— Ora, caramba — disse Edden, baixinho, pegando na ampola com um guardanapo. A satisfação pela descoberta tinha se sobreposto ao nojo.

Um assombro de medo apertou os olhos de Francis quando o seu olhar saltou de mim para as caixas. — Rachel — choramingou. — Vai me arranjar proteção do Sr. Kalamack, certo?

A raiva deixou-me rígida. Ele tinha me traído e a tudo aquilo em que eu acreditava... Por dinheiro. Voltei-me para ele, manchas cinzentas toldando-me a visão enquanto me apoiava na mesa para me colocar diretamente à sua frente.

— Eu te vi no gabinete do Kalamack — disse, e os lábios dele ficaram pálidos. Agarrando-lhe a parte da frente da camisa, deixei uma mancha vermelha sobre o tecido colorido. — É um agente corrupto e vais pagar. — Voltei a empurrá-lo para a cadeira e sentei-me, o coração acelerado devido ao esforço e... Satisfeita.

— Uau! — disse Edden baixinho. — Alguém prenda-o e leia seus direitos.

A boca de Francis abriu-se e fechou-se, com medo, enquanto Briston tirava as algemas da cintura e lhes colocava ao redor dos pulsos. Levei a mão à tipóia que me apoiava o braço e desapertei a pulseira, um desajeita. A tirei para o caso de Francis ter alguma coisa na manga, e, ao aceno de Edden, ela também a prendeu no pulso dele.

O ritmo suave e seguro dos seus direitos fluiu a uma cadência reconfortante. Os olhos de Francis estavam muito abertos e fixos no frasquinho. Não acho que tivesse ouvido, sequer, o homem junto dele.

— Rachel! — gritou, quando voltou a encontrar a sua voz. — Não deixe que ele me mate. Ele vai me matar. Eu te dei o Kalamack. Quero fazer um acordo. Quero proteção! É assim que as coisas funcionam, certo?

Os meus olhos cruzaram-se com os de Edden e limpei a mão dos últimos restos de tomate numa guardanapo. — Temos mesmo que ouvir isto, agora?

Um sorriso maldoso e não muito simpático pairou sobre o rosto de Edden. — Briston, mete este monte de lixo na viatura. Registra a confissão dele em gravação e em papel. E volta a ler seus direitos. Sem erros.

Francis levantou-se, a cadeira a raspar no chão sujo. O rosto estreito estava tenso e o cabelo tinha caído nos olhos.

— Rachel, diz a eles que o Kalamack me vai matar!

Olhei para Edden, os lábios apertados um contra o outro. — Ele tem razão.

Quando ouviu as minhas palavras, Francis choramingou. Os olhos escuros pareciam assustados, como se não tivesse a certeza se devia estar

feliz ou perturbado pelo fato de alguém estar a levar a sério as suas preocupações.

— Deem-lhe um cobertor EAF — disse Edden, num tom aborrecido.
— Mantenham-no em segurança.

Os meus ombros relaxaram. Se conseguissem esconder Francis suficientemente depressa, ele ficaria em segurança.

O olhar de Briston caiu sobre as caixas. — E os... hum... Tomates, capitão?

O sorriso dele aumentou, quando se inclinou sobre a mesa, tendo o cuidado de não tocar com os braços nos salpicos espalhados. — Deixemos isto para a equipe científica.

Claramente aliviada, Briston fez um gesto a Clayton.

— Rachel! — balbuciava Francis enquanto o puxavam para a porta. - Vai me ajudar, certo? Eu conto tudo!

Todos os quatro agentes do F.I.B o acompanharam à saída, com rudeza. Os saltos de Briston batiam ruidosamente. A porta fechou-se com um clique e eu cerrei os olhos perante o silêncio abençoado.

— Que noite! — sussurrei.

O riso de Edden fez-me abrir os olhos. — Estou lhe devendo uma, Morgan — disse ele, com três lenços de papel entre os dedos e o frasquinho branco sujo de polpa de tomate. — Depois de tê-la visto enfrentar aqueles dois bruxos, não compreendo porque é que o Denon estava tão determinado a derrubá-la. É uma agente dos diabos.

— Obrigada — sussurrei, ao mesmo tempo em que suspirava, reprimindo um estremecimento quando os meus pensamentos regressaram ao momento em que tentava combater os dois bruxos das linhas Ley ao mesmo tempo. Fora por pouco. Se Edden não tivesse importunado a concentração do terceiro bruxo e quebrado a rede, estaria morta. — Obrigada por me ter protegido, de verdade! — disse baixinho.

A ausência de agentes do F.I.B tinha arrancado Nick do seu canto e ele entregou-me um copo de plástico com algo que podia, outrora, ter sido

café. Sentou-se cuidadosamente na cadeira ao meu lado, o olhar saltou entre as três caixas e o tomate esborrachado sobre a mesa. Aparentemente, ter visto Edden tocar num deles dera-lhe alguma coragem. Dirigi-lhe um sorriso cansado e peguei no café com a mão boa, aproveitando o calor.

— Agradeço se puder informar a I.S que vai pagar o meu contrato — disse eu. — Antes que eu saia desta sala — acrescentei, apertando o cobertor EAF contra mim.

Edden pousou o frasquinho com uma lentidão reverente. — Com a confissão de Percy, o Kalamack não será capaz de fugir. — Um sorriso pairou sobre o seu rosto quadrado. — Clayton disse-me que também apanhamos o Enxofre no aeroporto. Eu devia sair mais vezes de trás da minha mesa.

Dei um gole no café. O gosto amargo encheu-me a boca e engoli relutantemente. — E essa chamada? — disse, enquanto pousava o copo e olhava para o amuleto vermelho que brilhava sobre o meu colo.

Edden sentou-se, resmungando, e pegou um celular esguio. Segurando-o com a mão esquerda, bateu numa única tecla com o polegar. Olhei para Jenks, para ver se este tinha reparado. As asas do pixy agitaram-se e, com uma expressão impaciente, deslizou do braço de Nick e avançou ao longo da mesa até chegar junto de mim. Ergui-o até ao meu ombro mesmo antes de ele o pedir. Colocando-se perto do meu ouvido, Jenks suspirou.

— Ele tem a I.S em discagem rápida.

— E essa, hã? — disse eu, sentindo o adesivo puxar-me pela sobrancelha quando a tentei levantar.

— Vou sacar cada gota de regozijo disso — disse Edden, recostando-se na cadeira, enquanto o telefone tocava. O frasquinho branco erguia-se à sua frente como um troféu minúsculo. — Denon! — gritou ele. — Lua cheia essa semana. Como vai?

Fiquei de queixo caído. Não era a I.S que ele tinha em discagem rápida. Era o meu antigo chefe. E ele estava vivo? O demônio não o tinha matado? Ele devia ter pedido a outra pessoa para fazer o trabalho sujo por ele.

Edden pigarreou, sem dúvida confundindo o motivo da minha surpresa, antes de voltar a sua atenção de novo para o telefone.

— Isso é ótimo — disse ele, interrompendo Denon. — Ouve. Quero que cancele o ataque à menina Rachel Morgan. Talvez saiba quem é? Costumava trabalhar para ti. — Houve uma ligeira pausa e eu quase conseguia ouvir o que Denon dizia, de tão alto. Em cima do meu ombro, Jenks abanava as asas, agitado. Um sorriso malandro abriu-se no rosto de Edden. — Lembreste? — disse Edden. — Ótimo. Chama os teus homens. Vamos pagar o contrato dela. — Mais uma hesitação e o sorriso cresceu. — Denon, sinto-me ofendido. Ela não pode trabalhar para o F.I.B Vou fazer a transferência de fundos quando os bancos abrirem de manhã. Oh, e não preocupa em mandar uma das tuas viaturas para o terminal de ônibus principal? Tenho três bruxos que precisam ser extraditados para custódia Inderlander. Estavam causando uma enorme confusão e, como estávamos por perto, os apanhamos por vocês.

Houve um rosar de monólogo furioso do outro lado e Jenks arquejou. — Ooooh, Rachel — gaguejou. — Ele está chateado.

— Não — disse Edden com firmeza, sentando-se mais direito. Ele estava, sem dúvida gostando daquilo. — Não — voltou a dizer, sorrindo. — Devia ter pensado nisso antes de os ter enviado atrás dela.

As borboletas no meu estômago lutavam por fugir. — Diga que dissolva o amuleto principal que está ligado a mim — disse eu, pousando ruidosamente o amuleto sobre a mesa, como se fosse um segredo culpado.

Edden pôs uma mão por cima do telefone, abafando a voz irada de Denon. — O quê?

Os meus olhos estavam fixos no amuleto. Ainda brilhava. — Diga — repeti, inspirando — que quero que ele dissolva o amuleto principal que está ligado a mim. Todas as equipes de assassinos que estão atrás de mim têm um amuleto como este. — Toquei com um dedo, perguntando-me se o formigueiro que sentia era real ou imaginário. — Enquanto estiver a brilhando eles não pararão.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Um amuleto que monitoriza os sinais vitais? — perguntou e eu acenei, dirigindo-lhe um sorriso amarelo. Era uma cortesia entre trios de assassinos para que nenhum perdesse tempo a planejar o homicídio de alguém que já estivesse morto.

— Hum — disse Edden, encostando o telefone ao ouvido. — Denon — disse ele, alegremente. — Sê um bom menino destrói o amuleto que monitoriza os sinais vitais de Morgan para que ela possa ir para casa enfiar-se na cama.

A voz irada de Denon fazia-se ouvir através do pequeno auscultador.

Saltei quando Jenks riu, içando-se para se sentar e balançar no meu brinco. Lambendo os lábios, fitei o amuleto, desejando que este se apagasse. A mão de Nick tocou no meu ombro e saltei. Os meus olhos voltaram a fixar-se no amuleto com uma intensidade esfomeada.

— Aqui! — exclamei, enquanto o disco tremeluzia e se apagava. — Olha! Apagou! — Com o pulso veloz, os meus olhos fecharam-se num longo piscar de olhos, enquanto eu os imaginava apagar-se por toda a cidade. Denon devia ter com ele o amuleto principal, para saber o momento exato em que os assassinos cumpriam a sua missão. Era um tipo mesmo doente.

Com os dedos tremendo, peguei nele. O disco parecia pesado na minha mão. O meu olhar cruzou-se com o de Nick. Parecia tão aliviado como eu, o sorriso abrindo-se até aos olhos. Expirando, deixei-me cair contra a cadeira e enfiei o disco na minha mala. A ameaça de morte sobre mim tinha desaparecido.

As perguntas iradas de Denon ecoavam através do telefone. O sorriso de Edden era cada vez maior.

— Liga a televisão, Denon, meu amigo — disse ele, segurando o telefone longe do ouvido por um momento. Aproximando-o de novo, gritou — Liga a televisão. Eu disse para ligar a televisão! — Os olhos de Edden voltaram-se para mim. — Adeusinho, Denon — disse. — Nos vemos na igreja!

O bip quando a chamada foi terminada foi audível. Edden reclinou-se na cadeira e cruzou o braço bom no peito. O sorriso estampado no rosto

era um sorriso de satisfação. — É uma bruxa livre, menina Morgan. Que tal a sensação de voltar dos mortos?

O meu cabelo deslizou para frente quando baixei a cabeça para olhar para mim, todos os arranhões e hematomas clamando por atenção. O meu braço latejava na sua tipóia de apoio e o meu rosto era uma dor só.

— Ótima — disse, conseguindo um sorriso. — A sensação é ótima. -
— Estava terminado. Podia voltar para casa e esconder-me sob os cobertores.

Nick levantou-se e pousou uma mão no meu ombro. — Vamos, Rachel — disse, gentilmente. — Vamos para casa. — Os olhos negros ergueram-se para Edden por breves instantes. — Ela pode tratar da papelada amanhã?

— Claro — Edden levantou-se, pegando cuidadosamente no frasco entre dois dedos e deixando-o cair para o bolso da camisa. — Gostaria que estivesse presente durante o interrogatório do Sr. Percy, se fosse possível. Tem um amuleto detector de mentiras, não tem? Estou curioso em ver como se porta quando comparado com os nossos aparelhos eletrônicos.

A minha cabeça oscilou e tentei encontrar forças para me levantar. Não queria contar a Edden o trabalho que dava fazer aquelas coisas, mas não ia sair para comprar feitiços durante, pelo menos, mais um mês, para permitir que encantamentos dirigidos a mim tivessem tempo de ser filtrados pelo mercado. Talvez dois meses. Olhei para o amuleto preto sobre a mesa e reprimi um tremor. Talvez nunca.

Um suave ribombar encheu o ar e todo o piso tremeu. Durante um instante o silêncio foi absoluto, depois o som tênue de pessoas a gritar atravessou as paredes grossas. Olhei para Edden.

— Foi uma explosão — murmurou ele, centenas de pensamentos a deslizar no fundo dos seus olhos. Mas só um me ocorreu: Trent.

A porta da sala dos empregados abriu-se rudemente, batendo contra a parede. Briston entrou na sala, apoiando-se na cadeira que Francis ocupara recentemente.

— Capitão Edden — arquejou ela. — O Clayton! Oh, Deus, o Clayton!

— Fique com as provas — disse ele, depois saiu disparado pela porta quase tão rápido como um vampiro. O som de pessoas gritando penetrou na sala antes da porta ser fechada com imponência. Briston erguia-se dentro da sala, no seu vestido vermelho, os nós dos dedos brancos, enquanto agarrava as costas da cadeira. Tinha a cabeça inclinada, mas podia ver os seus olhos encherem-se do que parecia ser pesar e frustração.

— Rachel — disse-me Jenks ao ouvido. — Levanta, quero ver o que aconteceu.

— O que aconteceu foi o Trent — sussurrei, sentindo o estômago apertado. Francis.

— Levanta! — gritou Jenks, puxando-me pela orelha como se me conseguisse levantar por ela. — Rachel, levanta!

Sentindo-me como uma mula num arado, levantei-me. O meu estômago deu uma volta e, com a ajuda de Nick, coxeei para o meio do barulho e da confusão. Dobrei-me sob o cobertor e mantive o braço machucado colado ao corpo. Sabia o que ia encontrar. Já vira Trent matar um homem por menos. Esperar que ele ficasse calmamente sentado, enquanto um laço legal era atado em volta do seu pescoço era ridículo. Mas como é que agira tão rápido?

O lobby era uma confusão de vidros partidos e pessoas apertadas umas contra as outras. O ar frio entrava pelo buraco na parede onde estivera o vidro. Havia agentes do F.I.B nos seus uniformes amarelos e azuis por todo o lado, não que estivessem a ajudar muito. O fedor de plástico queimado ficou preso na minha garganta e o tremeluzir preto e laranja de um incêndio saltava à vista no parque do estacionamento onde ardia a viatura do F.I.B Luzes vermelhas e azuis brilhavam contra as paredes.

— Jenks — murmurei, enquanto ele me puxava pela orelha para que continuasse a andar. — Se continuar fazendo isso, eu mesma te esborracho.

— Então leva esse teu minúsculo traseiro branco de bruxa lá para fora! — exclamou ele, frustrado. — Não consigo ver nada daqui.

Nick afastava os esforços bem-intencionados dos bons samaritanos que pensavam que eu tinha sido ferida durante a explosão, mas só quando eu apanhei um chapéu do F.I.B abandonado e o enfiei na cabeça é que nos deixaram em paz. Com o braço ao redor da minha cintura, para me apoiar, avançamos lentamente sobre o vidro partido, emergindo nas luzes amarelas do terminal para o brilho mais duro e incerto das luzes intermitentes dos veículos do F.I.B

No exterior, a equipe de reportagem estava tendo um dia perfeito, no seu cantinho com luzes fortes e gestos excitados. O meu estômago contorceu-se quando compreendi que a sua presença fora certamente responsável pela morte de Francis. Semicerrando os olhos devido ao calor que se erguia do incêndio, avancei lentamente até ao local onde se encontrava o capitão Edden a observar em silêncio, a cerca de nove metros da viatura em chamas. Não olhou para mim. O vento silvava e eu tossi devido ao gosto negro a borracha queimada. Não havia nada a dizer. Francis estava lá dentro. Francis estava morto.

— Clayton tinha uma filha de treze anos v disse Edden, os olhos na fumaça que se erguia em espirais.

Senti-me como se tivesse levado um murro no estômago e obriguei-me a permanecer direita. Treze não era uma boa idade para perder o pai. Eu sabia-o.

Edden respirou fundo e voltou-se para mim. A expressão morta do seu rosto deixou-me gelada. As sombras tremeluzentes criadas pelo fogo faziam realçar as poucas rugas do seu rosto. — Não se preocupe, Morgan — disse ele. — O acordo era que, se nos desse Kalamack, o F.I.B pagaria o seu contrato. — A emoção atravessou-lhe o rosto, mas eu não consegui perceber se tratava de raiva ou dor. — Você nos entregou. Eu o perdi. Sem a confissão de Percy, tudo o que temos é a palavra de um bruxo morto contra a dele. E quando eu conseguir, finalmente, um mandato, os campos de tomates de Kalamack já terão sido arrasados. Lamento. Ele vai ficar em liberdade. Isso... — Fez um gesto para o fogo. — Isso não foi culpa sua.

— Edden... — comecei, mas ele ergueu a mão. Afastando-se de mim, partiu.

— Sem erros — disse para si mesmo, parecendo mais abatido do que eu me sentia. Um agente do F.I.B com um dos macacões EAF correu para ele, hesitando quando Edden não pareceu reconhecer a sua presença. A multidão engoliu-os.

Voltei-me para os súbitos relampejos de dourado e negro, sentindo-me doente. Francis estava ali. Juntamente com os meus amuletos. Suponho que, afinal, não trouxessem assim tanta sorte.

— Isso não foi culpa sua — disse Nick, envolvendo-me com um braço, enquanto os meus joelhos ameaçavam ceder. — Você o avisou. Fizeste tudo o que podia.

Apoiei-me nele para não cair. — Eu sei — disse, acreditando nas minhas palavras.

Um carro dos bombeiros avançava por entre os carros estacionados, limpando a rua e atraindo uma multidão ainda maior com o som ocasional da sua sirene.

— Rachel. — Jenks voltara a puxar-me pelo brinco.

— Jenks — disse, em amarga frustração. — Deixa-me em paz.

— Atira isso da vassoura — rosnou o pixy. — O Jonathan está do outro lado da rua.

— Jonathan! — a adrenalina correu dolorosamente através de mim e eu afastei-me de Nick. — Onde?

— Não olhe! — disseram Nick e Jenks ao mesmo tempo. Nick envolveu-me com um braço e começou a virar-me para o outro lado.

— Para! — gritei, ignorando a dor, enquanto tentava olhar para trás de mim. — Onde é que ele está?

— Continua a andar, Rachel — disse Nick, a voz tensa. — Kalamack também te pode querer ver você morta.

— Vão se ferrar todos vocês! — gritei. — Eu quero ver! — Fiquei mole do esforço para fazer Nick parar. O que acabou por resultar, já que escapei ao seu braço e caí ao chão num monte confuso.

Contorcendo-me, olhei para a rua do lado oposto. Um andar familiar e apressado chamou-me a atenção. Abrindo caminho entre o pessoal das urgências e bombeiros estava Jonathan. O homem alto e refinado era fácil de distinguir, erguendo-se acima da cabeça e dos ombros de quase todos os presentes. Estava francamente apressado, dirigindo-se para um automóvel estacionado em frente ao carro dos bombeiros. Com o estômago apertado de preocupação, fitei o comprido carro preto, sabendo quem se encontrava no seu interior.

Enxotei Nick do caminho quando ele tentou me levantar, amaldiçoando os carros e as pessoas que não paravam de atravessar na minha frente. O vidro fumê desceu. O olhar de Trent cruzou-se com o meu e senti a minha respiração falhar. Sob a luz dos veículos de emergência percebi que o rosto dele era uma massa de feridas e que tinha a cabeça costurada. A raiva nos seus olhos apertou-me o coração.

— Trent — disse, enquanto Nick se baixava para me agarrar pelos sovacos e ajudar a levantar.

Nick estancou e ambos o olhamos a partir do chão, quando Jonathan parou ao lado do vidro. Inclinou-se para ouvir Trent. A minha pulsação apressou-se quando o homem alto se endireitou abruptamente, seguindo o olhar de Trent para o outro lado da rua, na minha direção. Tremi perante o ódio que jorrava de Jonathan.

Os lábios de Trent moveram-se e Jonathan saltou. Dirigindo-me um último olhar, Jonathan avançou, altivo, para a porta do condutor. Ouvi o bater da porta sobre o ruído de fundo. Não conseguia afastar os olhos de Trent. A sua expressão permaneceu irada, mas ele sorria, e a minha preocupação aumentou com a promessa contida naquele sorriso. O vidro subiu e o carro afastou-se lentamente.

Durante um instante não fui capaz de fazer nada. O chão estava quente e, se me levantasse, teria de me mexer. Denon não tinha enviado o demônio atrás de mim. Tinha sido Trent.

Capítulo 33

Inclinei-me para apanhar o jornal do degrau superior da entrada da igreja. O cheiro da relva acabara de exalar e a chão úmido era quase um bálsamo, enchendo-me os sentidos. Ouvi um ruído súbito vindo da calçada. Com a pulsação acelerada, lancei-me ao chão, em posição defensiva. O risinho juvenil, seguido pela bicicleta cor-de-rosa e pelo repicar da sua campainha ao longo da calçada foi embaraçoso. Os seus calcanhares brilhavam, enquanto ela pedalava como se o diabo a perseguisse. Com uma careta, bati com o jornal na palma da mão enquanto ela desaparecia na esquina. Podia jurar que esperava por mim todas as tardes.

Já se passara uma semana desde que a ameaça de morte que a I.S lançara sobre mim fora oficialmente anulada e ainda via assassinos, mas, por outro lado, não era apenas a I.S que me queria morta.

Expelindo ruidosamente o ar, forcei de mim a adrenalina, enquanto fechava a porta da igreja atrás de mim. O estalar reconfortante do papel impresso ecoou nas vigas grossas e nas paredes nuas do santuário, enquanto avançava até aos anúncios pessoais. Enfiei o resto do jornal debaixo do braço e encaminhei-me para a cozinha, passando os olhos por eles, enquanto andava.

— Já estava na hora de sair da cama, Rache — disse Jenks, as asas a bater enquanto desenhava círculos irritantes à minha volta, nos limites apertados do corredor. Podia sentir nele o cheiro do jardim. Estava vestido com as "roupas de terra": parecendo um Peter Pan em miniatura, com asas. — Você vai buscar aquele CD ou não?

— Olá, Jenks - disse eu, sendo atravessada por uma pontada de ansiedade e antecipação. — Sim. Ontem chamaram um exterminador. — Pousei o jornal sobre a mesa da cozinha, afastando os marcadores coloridos

e os mapas de Ivy para arranjar espaço. — Olha — disse, apontando. — Tenho outro.

— Deixa ver — exigiu o pixy. Aterrou sobre o jornal, com as mãos nos quadris. Percorrendo as letras com o dedo, li em voz alta:

— "TK procura retomar conversações com RM com vista a um possível negócio." — Não havia qualquer número de telefone, mas era óbvio quem o tinha escrito. Trent Kalamack.

Uma inquietude fatigante levou-me a sentar à mesa, e a olhar através do Sr. Peixe, no seu novo aquário, para o jardim. Embora tivesse conseguido pagar o meu contrato e estivesse razoavelmente segura da I.S, ainda tinha de lidar com Trent. Eu sabia que ele estava fabricando biomedicamentos, e eu era uma ameaça. Até agora ele tinha sido paciente, mas se eu não concordasse em fazer parte da sua folha de pagamentos, ele ia acabar comigo.

Naquela altura não queria a cabeça de Trent, queria que ele me deixasse em paz. A chantagem era inteiramente aceitável e, sem dúvida, mais segura do que tentar ver-me livre de Trent através dos tribunais. Afinal de contas ele era um homem de negócios e o trabalho de se ver livre de um julgamento talvez fosse maior do que o desejo de me ver trabalhando para ele ou morta, mas eu precisava de mais do que uma página da sua agenda. Naquele dia, ia consegui-lo.

— Belos collants, Jenks — grasnou suavemente Ivy do outro lado do corredor.

Assustada, saltei, depois mudei o meu movimento fingindo ajustar um caracol do meu cabelo. Ivy estava encostada à moldura da porta, como uma morte apática no seu robe preto. Arrastando os pés até à janela, fechou as cortinas e encostou-se ao balcão na nova obscuridade.

A minha cadeira rangeu e eu recostei-me nela.

— Você acordou cedo.

Ivy serviu-se de uma caneca de café frio do dia anterior, afundando-se numa cadeira à minha frente. Tinha os olhos vermelhos e o robe estava

atado de forma atrapalhada ao redor da cintura. Passou o dedo sobre o jornal, apática, no local onde Jenks deixara pegadas de terra.

— Hoje é Lua cheia. Vamos fazê-lo?

Eu inspirei, o coração martelando. Levantando-me, fui jogar fora o café e fazer mais antes que Ivy pudesse beber o resto. Até eu tinha padrões mais elevados do que isso.

— Sim — disse, sentindo a pele arrepiar.

— Tem certeza de que se sente capaz? — perguntou, pousando os olhos no meu pescoço.

Foi imaginação minha, mas pensei ter sentido um arrepio no local onde o seu olhar se pousou. — Estou ótima — disse eu, esforçando-me por impedir que a minha mão se erguesse para tapar a cicatriz. — Melhor do que bem. Maravilhosa. — os bolinhos sem gosto de Ivy tinham me deixado alternadamente com fome e com náuseas, mas a minha energia regressou nuns espantosos três dias, em vez de três meses. Matalina já me tinha tirado os pontos do pescoço, não deixando quase marca alguma. Ter sarado assim tão depressa era preocupante. Perguntei-me se iria pagar por isso mais tarde. E como.

— Ivy? — perguntei, quando tirei os grãos do frigorífico. — O que é que tinham os bolinhos?

— Enxofre.

Eu fiquei, chocada. — O quê?! — exclamei.

Jenks gargalhou e Ivy não largou o meu olhar até se ter levantado. — Estou brincando — disse, num tom divertido. Ainda assim, eu fitava-a, com o rosto gelado. — Não consegue aceitar uma piada? — acrescentou, arrastando-se para o corredor. — Dê-me uma hora. Vou ligar para Carmen.

Jenks rodopiou no ar.

— Ótimo — disse ele, as asas a zumbir. — Vou me despedir de Matalina. — Ele pareceu brilhar quando um raio de luz atravessou as cortinas, enquanto ele as atravessava.

— Jenks! — chamei. — Não vamos sair senão daqui a uma hora! Não é preciso tanto tempo para se despedir.

— Ah, sim? — disse a sua voz fraca. — Acha que os meus filhos foram entregues pela cegonha?

Sentindo o rosto a ficar quente, pus o café a fazer.

Os meus movimentos estavam mais rápidos devido à excitação e quase parecia brilhar. Tinha passado a última semana a planejar a excursão que Jenks e eu íamos fazer à propriedade do Trent, com um pormenor doloroso. Eu tinha um plano. Eu tinha um plano de recurso. Eu tinha tantos planos que era de espantar que não me saíssem pelos ouvidos quando assuava.

Entre a minha ansiedade e a adesão estrita de Ivy aos planos, foi exatamente uma hora depois que nos encontramos na calçada. Tanto Ivy como eu estávamos vestidas em couro, o que somava três metros e meio de atitude confiante, pertencendo a maior parte a Ivy. Ao redor dos nossos pescoços, escondidos, estava uma versão dos amuletos dos assassinos que monitoravam os sinais vitais. Era o meu plano de contingência. Se eu me visse em perigo desativaria o feitiço e o amuleto de Ivy brilharia vermelho. Ela tinha insistido neles, bem como num monte de outras coisas que eu achava desnecessárias.

Saltei para a moto, atrás de Ivy, sem mais nada além de um frasco de água salgada para o desativar, uma poção de visom e Jenks. Nick tinha o resto. Com o cabelo preso sob o capacete e a viseira fumê no lugar, aceleramos através de Hollows, sobre a ponte, e através de Cincinnati. O sol da tarde estava quente sobre os meus ombros e eu desejei que fôssemos apenas duas motoqueiras que se dirigiam para a cidade, numa tarde de sexta-feira indo às compras.

Na verdade, íamos a caminho de uma garagem onde nos esperavam Nick e a amiga de Ivy, Carmen. Esta ia tomar o meu lugar durante o dia, fingindo ser eu, enquanto elas passeavam pelo campo. Eu achei que era um exagero, mas se isso deixava Ivy descansada, estava disposta a aceitá-lo.

Da garagem, seguiria para o jardim de Trent onde entraria com a ajuda de Nick que desempenhava o papel de funcionário de uma empresa

de jardinagem, que ia matar os insetos que Jenks lançara sobre os roseirais premiados de Trent no sábado anterior. Depois de termos penetrado os muros de Trent seria fácil. Pelo menos, era o que eu dizia constantemente a mim mesma.

Eu tinha deixado a igreja, calma e controlada, mas a cada quarteirão que passávamos, embrenhando-nos mais na cidade, eu ficava mais nervosa. A minha mente não cessava de rever o plano, descobrindo neles falhas e "ses". Tudo aquilo que tínhamos criado parecia infalível, a partir da segurança da mesa da cozinha, mas eu dependia muito de Nick e Ivy. Confiava neles, mas ainda assim isso deixava-me inquieta.

— Relaxa — disse Ivy em voz alta, quando deixamos a rua movimentada e entramos na garagem junto da praça da fonte. — Isso vai resultar. Um passo de cada vez. É uma boa agente, Rache.

Senti o coração saltar e acenei. Ela não tinha sido capaz de esconder a preocupação na sua voz.

A garagem estava fria e ela contornou o portão. Ela ia sair pelo outro lado como se tivesse usado a garagem como atalho. Eu tirei o capacete, assim que vi o carro branco com desenhos de relva verde e cachorrinhos. Eu não tinha perguntado a Ivy onde é que ela tinha arranjado um carrinho da empresa de jardinagem. E também não ia fazê-lo.

A porta de trás abriu-se enquanto a moto de Ivy acelerava mais perto e uma vampira magra, vestida tal como eu, estendeu a mão para agarrar o capacete. Eu entreguei e deslizei da moto, no mesmo instante em que a perna dela tomava o meu lugar. Ivy nunca abrandou a velocidade da moto. Cambaleando, vi Carmen enfiar o cabelo louro sob o capacete e agarrar a cintura de Ivy. Perguntei-me se teria realmente aquele aspeto. Não. Não era tão magra.

— Nos vemos logo à noite, está bem? — disse Ivy por cima do ombro, enquanto se afastava.

— Entra — disse Nick, baixinho, a voz abafada pelo interior do carro. Dirigindo um último olhar a Ivy e Carmen, saltei para a parte de trás, fechando a porta enquanto Jenks esvoaçava para o interior.

— Caramba! — exclamou Jenks, esvoaçando para frente. — O que te aconteceu?

Nick voltou-se no assento do motorista, os dentes saltavam à vista sobre a pele escurecida com maquiagem. — Marisco v disse ele, batendo nas faces inchadas. Ele tinha-se dado ao grande trabalho de conseguir um disfarce sem feitiços, pintando o cabelo de um preto metálico. Com a pele escurecida e o rosto inchado, não se parecia nada consigo mesmo. Era um ótimo disfarce que não faria disparar nenhum verificador de feitiços.

— Olá, Ray-ray — disse ele, com os olhos brilhantes. — Como vai?

— Ótima — menti, nervosa. Não o devia ter envolvido, mas os homens de Trent conheciam Ivy e ele tinha insistido. — Tem certeza de que quer fazer isto?

Ele engatou a marcha. — Tenho um álibi. O meu cartão de ponto diz que estou a trabalhar.

Olhei de relance para ele enquanto descalçava as botas. — Está afazendo isso no horário da empresa?

— Ninguém repara no que estou ou não fazendo. Desde que o trabalho seja feito, não querem saber.

O meu rosto ficou sério. Sentada sobre uma lata de inseticida, escondi as botas. Nick tinha arranjado um emprego para limpar artefatos no museu de Éden Park. A sua capacidade de adaptação era uma constante surpresa. Numa semana tinha conseguido um apartamento, o mobilhou, comprou um carro, arranjou emprego e levou-me para sair: uma saída surpreendentemente agradável que incluía um inesperado passeio de helicóptero pela cidade durante dez minutos. Ele dizia que a sua conta bancária pré-existente tinha muito a ver com a rapidez com que recompusera a vida. Deviam pagar aos bibliotecários mais do que eu pensava.

— É melhor se trocar — disse ele, quase sem mover os lábios, enquanto efetuava o pagamento no portão automático e saíamos para o sol. — Estaremos lá em menos de uma hora.

A antecipação deixou-me tensa e levei a mão ao saco de ginástica branco, com o logotipo da empresa de jardinagem. No seu interior estavam as minhas sapatilhas, o amuleto de contingência fechado num saquinho e um body de seda e nylon enrolado até caber na palma da mão. Arrumei tudo para deixar espaço para um visom e um pixy irritante, escondidos sob o macacão protetor descartável de Nick, eu ia entrar como visom, mas o diabo é que me ia manter assim.

Notórios pela sua ausência estavam os meus amuletos costumeiros.

Sentia-me nua sem eles, mas, se fosse apanhada, a I.S não me podia acusar de mais do que entrada ilegal, se eu tivesse nem que fosse um amuleto que pudesse atuar sobre uma pessoa — mesmo algo tão diminuto como um feitiço de mau hálito — me acusariam de posse com intenção de causar danos físicos. Isso era um crime grave. Eu era uma agente, conhecia a lei.

Enquanto Nick mantinha Jenks ocupado na frente, retirei rapidamente toda a minha roupa e escondi todas as provas da minha presença no carrinho numa lata com o rótulo QUÍMICOS TÓXICOS. Bebi a poção de visom com uma pressa envergonhada, cerrando os dentes perante a dor da transformação. Jenks fez Nick passar um mau bocado quando percebeu que eu estivera nua na parte de trás do carro. Não estava com vontade de voltar a me transformar e de ter de aguentar os comentários e as piadas de Jenks até conseguir me enfiar no body.

E a partir dali tudo correu na perfeição. Nick entrou na propriedade com relativa facilidade, já que era esperado. A verdadeira empresa de jardinagem recebera uma chamada minha a cancelar o serviço, naquela manhã. Os jardins estavam vazios porque era lua cheia e estavam encerrados ao público para manutenção. Sob a forma de um visom, enfiei-me no meio dos espessos roseirais que Nick devia tratar com um inseticida tóxico, mas que era, na verdade, água salgada para me voltar a transformar numa pessoa. O som de Nick a lançar os meus sapatos, o amuleto e as roupas para o meio dos arbustos foram espantosamente bem-vindos. Em especial graças aos comentários chocantes e incessantes de Jenks sobre os hectares de mulheres grandes, pálidas e nuas, enquanto se mantinha sentado num pé de rosa e se balançava para trás e para frente, deliciado. Eu tinha certeza de que a água salgada ia matar as rosas e não os insetos

agressivos com que Jenks as tinha infectado, mas também isso fazia parte do plano. Se, por algum acaso, eu fosse apanhada, Ivy poderia entrar pelo mesmo caminho com um novo carregamento de plantas.

Jenks e eu passamos a maior parte da tarde esmagando insetos, fazendo mais do que a água salgada para libertar as rosas de Trent. Os jardins permaneceram silenciosos e as restantes equipes de manutenção mantinham-se longe das bandeiras de aviso que Nick colocara ao redor dos roseirais. Quando a Lua se ergueu, eu já estava mais tensa do que uma troll virgem na noite de núpcias. Não ajudava nada o fato de estar tanto frio.

— Agora? — perguntou Jenks, as asas invisíveis com exceção de um brilho prateado na escuridão, enquanto ele pairava à minha frente.

— Agora — disse eu, batendo os dentes e escolhendo cuidadosamente o caminho por entre os espinhos.

Com Jenks a voar à frente, saltei do roseiral podado em árvore majestosa, mantendo-me escondida enquanto avançávamos em direção à porta dos fundos da cafeteria. A partir dali, fizemos uma rápida corrida em direção ao lobby, com Jenks fazendo com que todas as câmeras dessem um salto de quinze minutos.

A nova fechadura do gabinete de Trent deu-nos algum trabalho. Com a pulsação acelerada, deixei-me ficar, inquieta, junto à porta enquanto Jenks passava cinco longos e surreais minutos a arrombá-la. Praguejando como um reparador de fornalhas, acabou de pedir a minha ajuda para segurar um clipe desdobrado contra um botão. Não se deu ao trabalho de me dizer que eu estava a fechar um circuito senão depois de um choque elétrico me ter feito cair sobre o traseiro.

— Seu idiota! — silvei do chão, apertando a mão em vez de lhe apertar o pescoço, como desejava. - O que raio pensas que está fazendo?

— Não o teria feito se eu te tivesse dito — respondeu ele, a partir da segurança do teto.

De olhos semicerrados ignorei as explicações sarcásticas e meio ouvidas e abri a porta. Quase esperava encontrar Trent à minha espera e respirei com maior facilidade ao descobrir a sala vazia, ligeiramente

iluminada pelo aquário atrás da secretária. Tensa pela antecipação, avancei diretamente para a gaveta de baixo, esperando até Jenks me acenar, dizendo que não tinha armadilha. Com a respiração tensa abri para descobrir... Nada.

Nada surpreendida, ergui os olhos para Jenks e encolhi os ombros. — Plano B — dissemos ao mesmo tempo, enquanto eu retirava um lenço do bolso e limpava tudo. Ele zumbia à minha frente, à altura do meu peito. Com o coração a bater veloz, segui-o a uma distância discreta, os meus sapatos silenciosos sobre o tapete, enquanto corria através do edifício vazio. O amuleto de contingência, em volta do meu pescoço, brilhava num agradável e calmo verde.

A minha pulsação aumentou e um sorriso abriu-se no meu rosto, quando encontrei Jenks à porta do segundo gabinete de Trent. Era disto que sentia falta, fora por isto que deixara a I.S A excitação, o entusiasmo de suplantar todas as hipóteses, de provar que era mais esperta do que os mauzões. Desta vez, conseguiria aquilo que tinha vindo buscar.

— Quanto tempo temos? — sussurrei quando paramos, tirando uma madeixa de cabelo da boca.

— Três minutos. — Ele esvoaçou para cima e depois para baixo. Não há câmeras no gabinete privado. Ele não está lá. Já verifiquei.

Agradada, deslizei pela porta, fechando-a silenciosamente enquanto Jenks voava atrás de mim.

O cheiro do jardim era um bálsamo. A luz da lua banhava a divisão, tão forte como o sol no início da manhã. Avancei para a escrivaninha, o meu sorriso a tornar-se amarelo, já que esta tinha agora o aspeto desarrumado de uma escrivaninha que era usada. Bastou-me um momento para encontrar uma pasta ao lado da secretária. Jenks forçou a fechadura e eu abri-a, suspirando ao ver os CD arrumados em filas certas e perfeitas.

— Tem certeza de que são os corretos? — murmurou Jenks, de cima do meu ombro, enquanto eu escolhia um e o enfiava no bolso.

Sabia que eram, mas, quando ia abrir a boca para falar, um ramo estalou no jardim.

Com a pulsação acelerada, espetei o polegar, fazendo sinal a Jenks para que se escondesse. Com as asas silenciosas, ergueu-se para a fila de luzes no teto. Sem respirar agachei-me, lentamente, ao lado da escrivaninha.

A minha esperança de que tivesse sido apenas um animal noturno desvaneceu-se. Os passos suaves, quase inaudíveis, tornaram-se mais sonoros. Uma sombra alta avançava com uma rapidez confiante. Dava três passos e um salto, avançando com movimentos contentes, felizes. Os meus joelhos tornaram-se fracos, quando reconheci a voz de Trent. Estava a cantarolar uma música que eu não reconhecia, movendo os pés a um ritmo que me lançava arrepios pela espinha. Bolas, pensei, tentando encolher-me ainda mais atrás da mesa.

Trent virou-me as costas e procurou qualquer coisa num armário. Um silêncio desconfortável substituiu o seu canto, quando se sentou na beira de uma cadeira, calçando o que pareciam ser botas de equitação de cano alto. A luz da lua fazia com que a sua camisa brilhasse por baixo do casaco de corte justo. Era difícil dizer, sob a luz tênue, mas parecia que a roupa de equitação era verde, não vermelho. Trent cria cavalos, pensei, e passeia neles durante a noite?

O som dos calcanhares entrando nas botas foi audível. Com a respiração mais rápida, vi-o erguer-se, parecendo mais alto do que os dois centímetros extra que as botas lhe davam. A luz diminuiu quando uma nuvem escondeu a lua. Quase silvei quando ele enfiou a mão por baixo da cadeira onde tinha estado sentado.

Num movimento suave e gracioso, sacou de uma arma e apontou.

Senti a garganta apertar-se. — Estou te ouvindo — disse ele, a voz subindo e descendo como água. — Saia. Agora.

Senti os braços e as pernas serem percorridos por arrepios que me deixaram um formigueiro na ponta dos dedos. Deixei-me ficar agachada ao lado da mesa, não acreditando que ele me tivesse sentido, mas ele olhava diretamente para mim, os pés bem abertos, a sombra com um aspecto imponente.

— Baixe primeiro a arma e sussurrei.

— Menina Morgan? — A sombra endireitou-se. Ele estava realmente surpreendido. Perguntei-me de quem estaria ele à espera. — Porque haveria de o fazer? — perguntou ele, a voz suave, calmante apesar da ameaça nela contida.

— O meu sócio tem um feitiço mesmo por cima da sua cabeça — fingi. A sombra que era Trent mudou de posição para olhar para cima.

— Luzes, quarenta e oito por cento — disse ele, a voz dura. A sala iluminou-se, mas não o suficiente para estragar a minha visão noturna. Com os joelhos flácidos, ergui-me da posição agachada em que me encontrava, tentando passar a imagem de que tinha planeado tudo aquilo, enquanto me encostava à mesa dele, no meu body de seda e spandex e cruzava os tornozelos.

Com a arma apertada na mão, Trent percorreu-me com o olhar, parecendo enjoativamente refinado e elegante no seu traje de equitação verde. Obriguei-me a não olhar para a arma que me era apontada, enquanto sentia o estômago apertado.

— A sua arma? — inquiri, enviando o olhar para o teto onde Jenks esperava.

— Largue-a, Kalamack! — guinchou Jenks do candeeiro, as asas a bater num movimento agressivo.

A pose de Trent suavizou-se até se tornar semelhante à minha, repleta de tensão, mas aparentemente casual. Com movimentos determinados e abruptos, tirou as balas da arma e atirou o metal pesado para os meus pés. Não lhe toquei, sentindo que a minha respiração acalmava. As balas caíram tilintando, num bolso do casaco de equitação. Na luz mais forte podia ver as provas do ataque do demônio, que saravam. Uma nódoa negra que começava a ficar amarela decorava a maçã do rosto. A extremidade de um gesso azul espreitava sob o punho do casaco. No queixo tinha um arranhão quase curado. Dei por mim a pensar que, apesar de tudo, estava com bom aspeto. Não estava certo que pudesse parecer tão confiante quando pensava ter um feitiço letal sobre ele.

— Só preciso de dizer uma palavra e Quen estará aqui em três minutos — disse ele, suavemente.

— Quanto tempo demora para morrer? — disse, insistindo no meu blefe.

Cerrou os maxilares de raiva, o que fez com que parecesse mais novo. — Não foi para isso que veio.

— Se tivesse sido, já estaria morto.

Ele acenou, aceitando essa verdade. Erguendo-se tenso como arame, do outro lado da sala, o olhar deslizou para a pasta aberta. — Que disco levou?

Fingindo confiança, afastei dos olhos uma madeixa de cabelo.

— Huntington. Se alguma coisa me acontecer, encontrará o seu caminho para seis jornais e três canais noticiários, bem como a página desaparecida da sua agenda. — Afastei-me da mesa. — Deixe-me em paz — ameacei, terminantemente.

Ele tinha os braços imóveis, estendidos ao lado do corpo; o partido estava num ângulo estranho. Senti a pele arrepiar-se, embora ele não se tivesse mexido, e a minha capa de confiança deslizou de mim.

— Magia negra? Os demônios mataram o seu pai. É uma pena ver a filha seguir o mesmo caminho.

Inspirei ruidosamente. — O que é que sabe do meu pai? — disse, chocada.

Os olhos dele deslizaram para o meu pulso — o que tinha a marca de demônio — e fiquei gelada. Senti o estômago apertado ao recordar o demônio me matando lentamente.

— Espero que o tenha magoado — disse eu, não me importando com o fato de a minha voz ter tremido. Talvez ele pensasse que era raiva. — Não sei como sobreviveu. Eu quase não sobrevivi.

O rosto de Trent ficou vermelho e ele apontou um dedo para mim. Era bom vê-lo agir como uma pessoa real.

— Enviar um demônio para me atacar foi um engano — disse ele, as palavras fortes. — Eu não lido com magia negra, nem permito aos meus empregados que o façam.

— Seu grande mentiroso! — exclamei, sem querer saber se soava infantil. — Teve o que merecia. Não fui eu quem começou isto, mas diabos me levem se não o vou acabar!

— Não sou eu que tenho a marca de demônio, menina Morgan — disse ele, a voz gelada. — Também é mentirosa? Que decepcionante. Estou a pensar seriamente em retirar a minha oferta de emprego. Reze para que eu não o faça ou deixarei de ter um motivo para tolerar as suas ações.

Furiosa, inspirei, preparando-me para lhe dizer que não passava de um idiota, mas a minha boca imobilizou-se. Trent pensava que tinha sido eu a invocar o demônio que o tinha atacado. Os meus olhos abriram-se mais quando percebi. Alguém tinha invocado dois demônios — um para mim e um para ele — e não tinha sido ninguém da I.S, podia apostar a minha vida. Com o coração a bater mais depressa me preparei para explicar, depois me calei.

Trent ficou desconfiado.

— Menina Morgan? — perguntou baixinho. — Que pensamento acabou de atravessar essa sua cabecinha?

Abanei a cabeça, lambendo os lábios e recuando. Se ele pensasse que eu lidava com magia negra, me virava sozinha. E, enquanto eu tivesse provas da sua culpa, não se arriscaria a me matar.

— Não me encurrale — ameacei — e não voltarei a importuná-lo. A expressão inquiridora de Trent endureceu.

— Saia — disse ele, afastando-se num movimento gracioso. Movendo-nos como se fôssemos um só, trocamos de lugar. — Te darei uma vantagem generosa — disse, enquanto se inclinava sobre a mesa, fechando a pasta. A voz era sombria, rica e duradoura como o cheiro das folhas decompostas. — Deve demorar uns dez minutos para chegar o meu cavalo.

— Desculpe? — perguntei, confusa.

— Não caço uma presa de duas patas desde que o meu pai morreu.
— Trent ajustou o casaco de caça verde, com um movimento agressivo. — É Lua cheia, menina Morgan — disse, a voz carregada de promessas. — Os cães estão soltos. É uma ladra. A tradição diz que deve correr... Depressa.

O meu coração disparou e o meu rosto ficou gelado. Tinha aquilo que viera buscar, mas de nada me serviria se não conseguisse escapar. Entre mim e a ajuda mais próxima encontravam-se quarenta quilômetros de bosque. Quão depressa corria um cavalo? Durante quanto tempo conseguiria eu correr, antes de cair? Talvez lhe devesse ter dito que não fora eu a enviar o demônio.

O som distante de uma corneta ergueu-se através da escuridão. Foi respondido pelo uivo de um cão de caça. Fui atravessada pelo medo, uma sensação tão dolorosa como uma faca. Era um medo velho e antigo, tão primitivo que não podia ser suavizado com ilusões auto-induzidas. Nem sequer sabia de onde vinha.

— Jenks — sussurrei. — Vamos embora.

— Estarei atrás de você, Rache — disse ele, do teto.

Dei três passos de corrida e mergulhei do alcance de Trent. Aterrei entre os arbustos, enrolando-me. Ouvi a explosão de uma arma. A folhagem ao lado da minha mão despedaçou-se. Mergulhando no verde, saltei e comecei a correr.

Canalha! Pensei, os meus joelhos quase a ceder. O que foi feito dos meus dez minutos?

Correndo, procurei atrapalhada o meu frasquinho de água salgada. Mordi a ponta e ensopei o amuleto. Este tremeluziu e apagou-se. O de Ivy tornar-se-ia e permaneceria vermelho. A estrada estava a menos de um quilômetro e meio. O portão a cinco. A cidade quase a cinquenta. Quanto tempo demoraria Ivy a chegar?

— Quão depressa consegue voar, Jenks? — arquejei entre passadas.

— Depressa como tudo, Rache.

Mantive-me nas carreiras até ter chegado ao muro do jardim. Um cão uivou quando saltei sobre ele. Outro respondeu. Merda. Respirando ao ritmo dos meus passos, corri sobre o relvado aparado e penetrei no bosque fantasmagórico. O som dos cães diminuía atrás de mim. O muro estava a causando-lhes problemas. Teriam de contorná-lo. Talvez eu conseguisse.

— Jenks — arquejei, sentindo as minhas pernas começarem a protestar. — Há quanto tempo é que estou correndo?

— Cinco minutos.

Deus, ajuda-me, implorei silenciosamente, sentindo as pernas começarem a doer. Parecia o dobro.

Jenks voava à minha frente, libertando pó de pixy para me mostrar o caminho. Os troncos silenciosos das árvores escuras iluminavam-se e desapareciam. Os meus pés batiam rítmicos no chão. Os pulmões ardiam e doía-me o flanco. Se sobrevivesse àquilo, prometia a mim mesma correr dez quilômetros por dia.

O chamamento dos cães mudou. Embora fracas, as suas vozes soavam mais doces, mais verdadeiras, prometendo alcançar-me em breve. Atingiu-me como um estímulo. Procurei mais fundo dentro de mim, encontrando a força de vontade para manter o ritmo. Corri, erguendo e baixando as pernas pesadas. O cabelo colava ao rosto. Os espinhos e os ramos rasgavam-me as roupas e as mãos. As cornetas e os cães estavam mais próximos. Fixei o olhar em Jenks que voava à minha frente. Senti fogo nos pulmões, crescendo e consumindo-me o peito. Parar teria significado a morte.

O riacho era um oásis inesperado. Atirei-me na água e emergi, arquejante. Com os pulmões pesados, empurrei a água para longe do rosto, de forma a poder respirar. O martelar do meu coração tentava suplantar o som rouco da respiração. As árvores sussurravam, assustadoras. Eu era uma presa e toda a floresta me observava silenciosamente, feliz por não estar no meu lugar.

Sustive a respiração ao ouvir o som dos cães. Estavam mais próximos. Soou uma corneta, lançando o medo através de mim. Não sabia qual dos sons era pior.

— Levanta, Rache! — incitou-me Jenks, brilhando como um fogo. — Desce o rio.

Ergui-me, lançando-me numa corrida lenta pelos baixios. A água me abrandava, mas também abrandaria os cães. Seria apenas uma questão de tempo até que Trent dividisse a matilha pelos dois lados do riacho. Eu não ia conseguir escapar.

O ladrar dos cães abrandou. Ergui-me para a margem, em pânico. Tinham perdido o rastro. Estavam mesmo atrás de mim. Imagens de mim a ser despedaçada pelos cães fizeram-me continuar, embora as minhas pernas quase não fossem capazes de se mover. Trent pintaria a testa com o meu sangue. Jonathan guardaria uma madeixa do meu cabelo na gaveta de cima da cômoda. Devia ter dito a Trent que não enviara o demônio. Teria ele acreditado em mim? Agora não acreditaria. O ruído de uma moto arrancou-me um grito.

— Ivy — grasnei, estendendo um braço para me apoiar numa árvore. A estrada estava mesmo à minha frente. Ela já devia vir a caminho. Jenks, não a deixe passar por mim — disse entre golfadas de ar. — Estou mesmo atrás de ti.

— Entendi!

Ele partiu. Eu cambaleei, recuperando o movimento. Os cães uivavam, lenta e inquisitivamente. Podia ouvir o som de vozes e de instruções. Fiz-me correr. Um cão ladrou, o som próximo e puro. Outro respondeu-lhe. A adrenalina rasgou através de mim. Os ramos batiam-me no rosto e caí na estrada. As palmas das minhas mãos, sem pele, picavam. Muito ofegante para gritar, obriguei o corpo a erguer-se sobre os joelhos. Cambaleando, olhei para o fundo da estrada. Fui banhada por uma luz branca. O rugido de uma moto era a bênção de um anjo. Ivy. Tinha de ser. Ela já devia estar a caminho antes de eu quebrar o feitiço sobre o amuleto.

Levantei-me à escuta enquanto respirava com dificuldade. Os cães vinham a caminho. Podia ouvir o bater dos cascos dos cavalos. Comecei uma corrida sacudida e hesitante em direção à luz que se aproximava. Acelerou na minha direção com um aumento súbito do ruído, deslizando até parar ao meu lado.

— Sobe! — gritou Ivy.

Quase não consegui levantar a perna. Ivy puxou-me para trás dela. O motor rosnava debaixo de mim. Agarrei-me à cintura dela e lutei para não começar com vômitos. Jenks enterrou-se no meu cabelo, o seu forte aperto quase imperceptível. A moto saltou, girou e lançou-se em frente.

O cabelo de Ivy voou para trás, picando-me ao tocar na minha pele. — Conseguiu? — gritou ela sobre o vento.

Não consegui responder. O meu corpo tremia do esforço. Tinha gasto toda a adrenalina e ia pagá-lo caro. A estrada zumbia sob mim. O vento levava-me o calor, deixando o meu suor frio. Lutando contra as náuseas, estendi os dedos dormentes para sentir o alto reconfortante de um CD no bolso da frente. Dei-lhe uma palmadinha no ombro, incapaz de usar o meu fôlego para outra coisa além de respirar.

— Boa! — gritou ela, sobre o vento.

Exausta, pousei a cabeça nas costas de Ivy. No dia seguinte ficaria na cama, a tremer, até à chegada do jornal vespertino. No dia seguinte estaria dolorida e incapaz de me mexer. No dia seguinte colocaria curativos sobre os arranhões dos ramos e dos espinhos. No dia seguinte... Simplesmente não ia pensar sobre aquela noite. Tremi. Sentindo-o, Ivy virou a cabeça. — Estás bem? — gritou.

— Sim — disse ao ouvido dela para que me conseguisse ouvir. — Sim, estou. Obrigada por me vir me buscar. — Tirei o cabelo dela da minha boca e olhei para trás.

Olhei fixamente, incapaz de afastar os olhos. Na beira da estrada iluminada pela lua erguiam-se três cavaleiros. Os cães andavam em círculos à volta das patas dos cavalos que se empinavam, com os pescoços arqueados e nervosos. Eu tinha escapado por pouco. Gelada até ao mais fundo da minha alma, observei o cavaleiro do meio tocar a testa numa saudação casual. Senti-me atravessar por uma sensação inesperada. Tinha levado a melhor sobre ele. Ele sabia, aceitava e tinha a nobreza de reconhecer. Como é que era possível não ficar impressionado com alguém tão seguro de si mesmo?

— O que raio ele é? — sussurrei.

— Não sei — disse Jenks no meu ombro. — Realmente não sei.

Capítulo 34

A música Midnight Jazz combina muito bem com grilos, pensei enquanto deitava o tomate cortado sobre a salada. Hesitando, fitei os pedaços vermelhos entre as folhas verdes. Olhando de relance pela janela para Nick, que se encontrava em frente a churrasqueira, tirei todos e voltei a mexer a alface para esconder algum pedaço que me tivesse escapado. Nick nem perceberia. Não se tratava de algo que o pudesse matar.

O som e o cheiro da carne assando atraiu-me e inclinei-me sobre o Sr. Peixe, no parapeito da janela, para ver melhor. Nick envergava um avental que dizia "Não culpe o cozinheiro, culpe o bife", de Ivy, sem dúvida. Parecia descontraído e confortável, erguendo-se junto ao lume sob o luar. Jenks estava sobre o seu ombro, erguendo-se esvoaçante, como as folhas de outono ao vento, quando o fogo se erguia.

Ivy estava à mesa, de aparência trágica e sombria, enquanto lia a última edição do jornal local à luz de uma vela. Havia crianças pixies por todo o lado, as suas asas transparentes brilhando subitamente quando refletiam a luz da lua, três dias depois de cheia. Os seus gritos, enquanto azucrinavam os mosquitos, quebravam o rugido abafado do trânsito de Hollows, numa fusão agradável. Era o som da segurança, que me fazia recordar os jantares ao ar livre da minha família. Uma vampira, um humano e um clã de pixies eram uma estranha família, mas era bom estar vivo, na noite, com amigos.

Feliz, equilibrei a salada, um frasco de molho para a salada e outro para a carne e empurrei, recuando, a porta de rede. Esta se fechou ruidosamente atrás de mim e os filhos de Jenks guincharam, espalhando-se pelo cemitério. Ivy ergueu os olhos do jornal enquanto eu pousava a salada e os frascos ao lado dela.

— Hei, Rachel — disse ela. — Nunca me disse como tinha arranjado aquele carro de jardinagem. Teve alguma dificuldade em devolvê-la?

Ergui as sobrancelhas. — Eu não arranjei o carro. Pensei que tinha sido tu.

Em conjunto, voltamo-nos para Nick, que se erguia junto à churrasqueira, de costas voltadas para nós.

— Nick? — perguntei, e ele ficou quase imperceptivelmente rígido.

Curiosa, agarrei no molho para a carne e aproximei-me dele. Afastando Jenks, passei um braço em redor da cintura de Nick e apoiei-me nele, deliciada quando ele prendeu a respiração e me dirigiu um olhar de especulação surpresa. Que diabo. Ele era um cara legal para um humano.

— Roubaste um carro por mim? — perguntei.

— Peguei emprestado — disse ele, piscando os olhos, mas mantendo-se cuidadosamente imóvel.

— Obrigada — disse eu, sorrindo, enquanto lhe entregava o frasco de molho para a carne.

— Oh, Nick — zombou Jenks. — É o meu herói!

Expirei, irritada. Suspirando, tirei a mão da cintura de Nick e recuei. Atrás de mim, Ivy fungava, divertida. Jenks imitou o som de beijos, enquanto voava em redor de Nick e de mim e eu, farta, estendi uma mão.

Jenks recuou, pairando surpreendido, por eu quase lhe ter acertado. — Boa — disse ele, afastando-se para ir incomodar Ivy. — E como está o teu novo trabalho? — perguntou ele, com a voz arrastada, quando pousou à frente dela.

— Cala boca, Jenks! — avisou ela.

— Trabalho? Tem outra missão? — perguntei e ela abanou o jornal aberto e escondeu-se atrás das suas páginas.

— Não sabia? — perguntou Jenks, alegremente. — Edden tratou de tudo com o juiz para que Ivy tivesse de realizar trezentas horas de trabalho comunitário por ter acertado metade do departamento dele. Ela tem estado trabalhando no hospital esta semana toda.

De olhos muito abertos, dirigi-me à mesa de piquenique. O canto do jornal tremia. — Por que não me disse? — perguntei, enquanto deslizava as pernas pelo banco e me sentava à frente dela.

— Talvez porque a puseram para entreter crianças — disse Jenks, e Nick e eu trocamos um olhar de dúvida. — Eu a vi a caminho do trabalho ontem e segui. Ela tem de usar uma saia curta de riscas cor-de-rosa e brancas e uma blusa de folhos. — Jenks riu, procurando equilibrar-se quando caiu do meu ombro. — E collants brancos para cobrir o traseiro. Fica mesmo hilário em cima de uma moto.

Uma vampira entretendo crianças? Pensei, tentando imaginá-lo. Nick deixou escapar uma risada, rapidamente transformada numa tossida. Os nós dos dedos de Ivy ficaram brancos, enquanto segurava o jornal. Entre a hora tardia e a atmosfera relaxada, sabia que era difícil não usar a sua aura. Aquilo não estava ajudando.

— Ela está no Centro Médico Infantil, cantando e a bebendo chá — continuou Jenks.

— Jenks... — sussurrou Ivy. O jornal desceu lentamente e obriguei o meu rosto a manter uma passividade cuidada perante o negrume que cobria o dela.

Agitando as asas, Jenks sorriu e abriu a boca. Ivy enrolou o jornal. Mais rápida do que o som, lançou-o na direção dele. O pixy desviou-se, empoleirando-se num carvalho, a rir. Todos nos voltamos na direção do ranger do portão de madeira na frente da igreja.

— Olá-á-á. Estou atrasado? — perguntou a voz de Keasley.

— Estamos aqui atrás! — gritei, ao ver a lenta sombra de Keasley avançar através da relva molhada pelo orvalho, através das árvores e dos arbustos silenciosos.

— Trouxe vinho — disse ele, mal se aproximou. — O tinto combina com carne, certo?

— Obrigada, Keasley — disse eu, tirando-lhe a garrafa das mãos. - Não era preciso.

Ele sorriu, estendendo-me o envelope acolchoado que enfiara debaixo do braço. — Isto também é para você — disse ele. — O entregador não o quis deixar nos degraus, esta tarde, por isso recebi.

— Não! — gritou Ivy, atirando-se por cima da mesa, para interceptar o envelope. Também Jenks desceu do carvalho, as asas a bater ruidosas. Com uma expressão aborrecida, Ivy arrancou-lhe o envelope das mãos. Keasley dirigiu-lhe um olhar, depois se afastou para ver como se estava Nick a portar com os bifes.

— Já faz mais de uma semana — disse eu, irritada, enquanto limpava a mão da garrafa que Keasley trouxera. — Quando é que me vão começar deixar abrir o meu próprio correio?

Ivy não disse nada, puxando a vela para mais perto de si, para ler o remetente.

— Assim que o Trent parar de te enviar correspondência — disse ela, baixinho.

— Trent! — exclamei. Preocupada, preendi uma madeixa de cabelo atrás da orelha, pensando no ficheiro que eu entregara a Edden dois dias antes. Nick voltou as costas aos bifes, o rosto mostrando preocupação.

— O que é que ele quer? v murmurei, esperando que não conseguissem ver como eu estava agitada.

Ivy olhou de relance para Jenks e o pixy encolheu os ombros.

— Está limpo — disse ele. — Abre-o.

— Claro que está limpo — resmungou Keasley. — Acham que eu lhe daria uma carta enfeitiçada?

O envelope parecia leve em minhas mãos quando o tirei a Ivy. Nervosa, deslizei uma unha pintada há pouco, rasgando-o. Algo se mexeu no interior e abanei o envelope sobre a minha mão.

O meu anel do mindinho deslizou do seu interior e caiu-me na mão. Senti o rosto flácido de choque. — É o meu anel! — disse eu. O coração acelerado, olhei para a outra mão, assustada por não o ver ali. Erguendo os olhos, vi a surpresa de Nick e a preocupação de Ivy. — Como... — gaguejei,

sem me lembrar sequer de ter dado pela sua falta. — Quando é que ele... Jenks o perdi no gabinete dele, foi?

A minha voz estava agitada e o meu estômago apertou-se ainda mais quando ele abanou a cabeça, escurecendo as asas.

— Nessa noite não usaste quaisquer jóias — disse o pixy. — Ele deve ter tirado depois.

— Há mais alguma coisa? — perguntou Ivy o tom cuidadosamente neutro.

— Sim. — Engoli em seco e pus o anel. Senti-o estranho por um momento, depois confortável. Com os dedos gelados, retirei uma grossa folha de papel de linho que cheirava a pinheiros e maçãs. — "Menina Morgan" — li, lentamente, inquieta. — "Parabéns pela sua recém-encontrada independência. Quando a vir pela ilusão que é, lhe mostrarei a verdadeira liberdade"

Deixei cair o papel sobre a mesa. A pesada sensação de inquietação pelo fato dele ter me visto dormindo quebrou-se perante o reconhecimento de que fora apenas isso que fizera. A minha chantagem era forte. Tinha funcionado.

Relaxando, pousei os cotovelos na mesa e descansei a testa sobre as mãos, aliviada. Trent tinha levado o anel do meu dedo adormecido apenas por uma razão. Para provar que o podia fazer. Tinha-me infiltrado na sua "casa" por três vezes, cada uma delas de uma forma mais íntima e inesperada que a seguinte. O fato de que o podia fazer de novo, quando quisesse, devia ser intolerável para Trent. Ele sentira necessidade de retaliar, de mostrar que podia fazer o mesmo. Eu tinha o afetado e isso me ajudava bastante no meu esforço de me libertar da sensação de raiva e vulnerabilidade.

Jenks esvoaçou, pairando sobre o bilhete.

— Que inferno! — disse, e o pó de pixy irado libertou-se dele. — Passou por mim! Passou por mim! Como raios é que fez isso?

Mantendo o rosto impávido, peguei no envelope, reparando que o selo era do dia seguinte à minha fuga dele e dos seus cães. O homem trabalhava depressa. Tinha que lhe dar crédito por isso. Perguntava-me se

teria sido ele ou Quen a realizar o roubo em si. Apostava que tinha sido Trent.

— Rache? — Jenks aterrou no meu ombro, provavelmente preocupado com o meu silêncio. — Está bem?

Olhei de relance para a expressão preocupada de Ivy do outro lado da mesa, pensando que talvez fosse capaz de gerar uma boa gargalhada graças àquela situação. — Vou pegá-lo - menti.

Jenks levantou voo e afastou-se, as asas a bater, alarmadas. Nick voltou-se da churrasqueira e Ivy ficou rígida.

— Uau, espera um instante — disse ela, dirigindo um olhar a Jenks.

— Ninguém me faz uma coisa destas! — acrescentei, cerrando o maxilar para não me rir e estragar tudo.

Keasley franziu a sobancelha. Com os olhos semicerrados, recostou-se. Ivy ficou ainda mais pálida do que de costume, à luz da vela. — Tem calma, Rachel — avisou. — Ele não fez nada. Só queria ter a última palavra. Esquece.

— Eu vou voltar! — gritei, erguendo-me de forma a colocar alguma distância entre nós. — Eu lhe mostro — disse, agitando um braço. — Vou entrar disfarçada, roubar-lhe a porcaria dos óculos e mandá-los pelo correio com um cartão de feliz aniversário!

Ivy levantou-se, os olhos negros. — Se fizer isso, ele mata-te!

Ela acha mesmo que eu ia voltar? É doida? O meu queixo tremeu, enquanto tentava não rir. Keasley reparou e soltou uma risada, levando a mão à garrafa de vinho ainda fechada.

Ivy girou com a rapidez de uma vampira. — Do que está rindo bruxo? — disse ela, inclinando-se para frente.

— Ela vai se matar. Jenks, diz que ela se vai matar. Eu não vou te deixar fazer isto, Rachel. Juro que mais depressa amarro ao tronco de Jenks do que te deixo voltar lá!

Os dentes dela brilhavam ao luar e estava suficientemente tensa para explodir. Mais uma palavra e podia cumprir a sua ameaça.

— Está bem — disse. — Tem razão. Eu deixo-o em paz. — Ivy ficou imóvel. Nick suspirou profundamente, junto à churrasqueira.

Os dedos magros de Keasley moviam-se lentamente enquanto ele retirava o lacre da rolha da garrafa. — Oooh, que lindo, ela te pegou, Tamwood — disse, com uma gargalhada grave e rica. — Ela te pegou!

Ivy nos olhava fixamente, o rosto pálido e perfeito, uma mescla de choque e de súbita consciência de que tinha sido enganada. Um espanto dormiente, rapidamente seguido por alívio e depois irritação atravessou-lhe o olhar. Inspirou fundo. Segurando a respiração, ficou repentinamente séria. Os olhos semicerrados e furiosos, voltou a deixar-se cair no banco junto à mesa de piquenique e a abanar o jornal.

Jenks ria, desenhando círculos de pó de pixy que caíam suavemente como raios de sol que brilhavam nos ombros dela. Sorrindo, levantei-me e dirigi-me a churrasqueira. Aquilo, era quase tão bem como roubar o CD.

— Hei, Nick — disse eu, esgueirando-me para trás dele. — Esses bifés já estão prontos?

Ele dirigiu-me um sorriso de esquelha. — Estão saindo, Rachel.

Ótimo. Pensaria em todo o resto mais tarde.

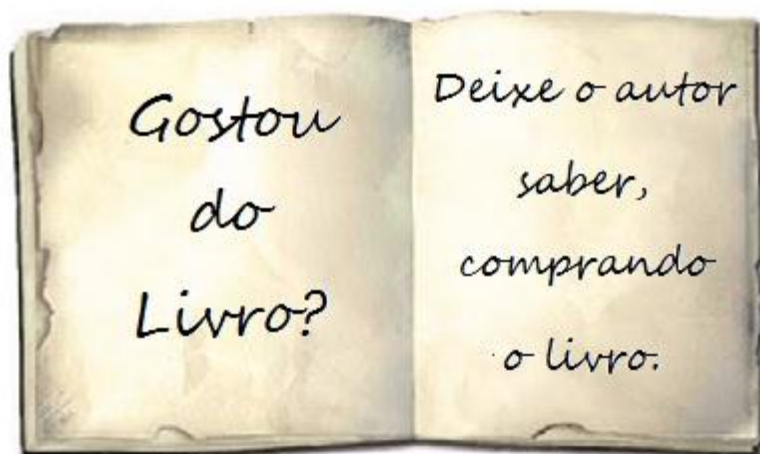


A série **The Hollows** continua em : *The Good, the Bad and the Undead*



A única menina em uma grande família de meninos, o ex-moleca Kim Harrison inventou o primeiro brigadeiro Barbie Geral em autodefesa. Ela é muito ruim em jogos de piscina e muito boa em jogos de dados. Quando não está em seu teclado, ela gosta de relaxar no sofá com uma tigela de pipoca assistindo filmes de ação com A-Guy-In-The-Leather Jacket. Ela toca o seu tambor Ashiko quando ninguém está ouvindo, e é difícil de encontrar quando é lua nova.

<http://www.kimharrison.net>





Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>



☺ All Creatures of the night get together After dark ☺